



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
ÁREA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

BRUNO DA SILVA

**INVENTÁRIOS DO HOMEM AMERICANO:
VIAGENS, TEORIAS, DEGENERAÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS RAÇAS NOS
SÉCULOS XVII E XVIII**

NITERÓI
2015

BRUNO DA SILVA

**INVENTÁRIOS DO HOMEM AMERICANO:
VIAGENS, TEORIAS, DEGENERAÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS RAÇAS NOS
SÉCULOS XVII E XVIII**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), como requisito para a obtenção do Título de Doutor.

Área de concentração: História Social

Orientador: **Prof. Dr. Ronald Raminelli**

NITERÓI

Junho de 2015.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

B586i

Silva, Bruno.

Inventários do homem americano : viagens, teorias, degeneração e composição das raças nos séculos XVII e XVIII / Bruno Silva. – 2015.

369 f.

Orientador: Ronald José Raminelli

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, 2015.

Bibliografia: p. 355-369.

1. História da América Latina - Séc. XVII-XVIII. 3. Homem Americano. 4. Teóricos e Viajantes. 5. Degeneração
6. Raça. I. Raminelli, Ronald José. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 980

BRUNO DA SILVA

**INVENTÁRIOS DO HOMEM AMERICANO:
VIAGENS, TEORIAS, DEGENERAÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS RAÇAS NOS
SÉCULOS XVII E XVIII**

Aprovada em: 06 / 07 / 2015.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Ronald Raminelli

Universidade Federal Fluminense – Orientador

Professor Doutor Ronaldo Vainfas

Universidade Federal Fluminense – Arguidor interno

Professora Doutora Larissa Moreira Viana

Universidade Federal Fluminense – Arguidor interno

Professora Doutora Lorelai Kury

Fundação Oswaldo Cruz – Arguidor externo

Professor Doutor Jean Marcel França

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Arguidor externo

Professor Doutor Roberto Guedes

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Suplente

Professor Doutor Marcelo Rocha

Universidade Federal Fluminense – Suplente

NITERÓI, junho de 2015.

*Aos meus pais, Carlos e Iris, pelo amor
incondicional. A André, pelo
companheirismo pleno.*

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos se dirigem à Capes, pelo financiamento da pesquisa em âmbito nacional e também pela bolsa que possibilitou o aprimoramento da tese no exterior, nos arquivos e bibliotecas da Universidade do Texas, nos Estados Unidos. Nessa instituição, foi possível o acesso à vasta documentação em centros de pesquisas e em acervos de livros dedicados, exclusivamente, à História das Américas.

Na Universidade Federal Fluminense, casa que me acolheu há quase quinze anos, desde a graduação até o presente momento, reduto pelo qual guardo eterno carinho e agradecimento, o destaque recai sobre o Programa de Pós-Graduação em História, ressaltando meus agradecimentos as atuais coordenadora e vice, Ana Maria Mauad e Samantha Viz Quadrat. Ainda nesse ambiente, contei com o caloroso apoio e carinho da professora Fernanda Bicalho e do professor Carlos Gabriel, coordenadora e vice-coordenador do programa, respectivamente, na época em que ingressei no doutorado. O professor Carlos Gabriel, especialmente, foi responsável por resolver a intrincada burocracia bancária que, no início do curso, quase se tornou responsável pela perda do financiamento da agência de fomento.

Contudo, minhas palavras estariam vazias se não houvesse o destaque daqueles que, sob o meu ponto de vista, funcionam como a engrenagem mais importante da Pós-Graduação em História. E quando utilizado a expressão engrenagem, não se trata de atribuir um aspecto frio aos amigos que naquela sala trabalham. Silvana e Inês, ao longo de todos esses anos, foram responsáveis por conceder total apoio aos aspectos burocráticos que envolvem o processo de se passar pelo um programa desta magnitude. Mas, acima de tudo, foram agentes das mais doces palavras de carinho e dos mais calorosos abraços, deixando transparecer o quanto eram grandes amigas com as quais sempre se poderia contar.

Ao longo do desenrolar do processo doutoral, meu caminho se entrelaçou com o de professores que foram importantes para, de alguma maneira, indicar formas de refinamentos dos meus argumentos a respeito do mundo europeu e colonial nos séculos XVII e XVIII. Entre esses mestres, meu agradecimento à colaboração dos professores Luiz Carlos Soares e Marcelo Wanderley, ambos ministraram cursos no programa em História que me ajudaram bastante no conhecimento do momento histórico aqui abordado.

Especialmente ao professor Ronaldo Vainfas, o destaque pela sua acolhida carinhosa e precisa. Sendo seu tutor em disciplina por ele ministrada para o curso de graduação, não só tive a distinção de trabalhar ao seu lado, como ampliei meus conhecimentos a respeito de História Moderna e fui privilegiado com um corpo de alunos que me acolheu com grande apreço. Ainda destaco o meu caloroso agradecimento a professora Georgina Santos pelas continuadas palavras de carinho e pelo apoio aos meus trabalhos apresentados ao longo dos últimos anos, em diferentes eventos de História, decerto, uma amiga preciosa. Da mesma forma, deixo um obrigado aos professores e a equipe da Companhia das Índias (UFF) pelo apoio de sempre, acolhendo meus trabalhos para apresentações em eventos e, da mesma forma, para publicações na Revista *7 Mares*.

Ainda em terras da UFF, tive o privilégio de participar do I Encontro de graduandos e pós-graduandos do NUPEHC, em 2013, ocasião em que os comentários das professoras Giselle M. Venancio, Larissa Viana e María Verónica Secreto foram de vital importância para aprimorar minhas hipóteses destacadas na presente tese. Foi de grande valor participar de tal evento e, acima de tudo, ter sido atendido por essas brilhantes historiadoras, no pedido que o historiador André Carlos Furtado e eu apresentamos para organizar a publicação dos textos apresentados naquela ocasião. Portanto, fica meu agradecimento ao NUPEHC, a essas professoras que tão bem o representa e ao André Carlos Furtado, pela honra de termos publicados esse trabalho juntos.

Aos meus alunos da disciplina “Ilustração, viagens filosóficas e teorias de classificação da humanidade na segunda metade do século XVIII”, aplicada no curso de graduação em História da UFF, o meu agradecimento pelo acolhimento e pela forma como se desempenharam para enriquecer as aulas. Alguns se tornaram grandes amigos e sempre estiveram na torcida para que esse trabalho ficasse impecável. Entre esses “eternos” alunos/amigos: Thainá Seriz, Gabriel Barbosa, Luiza Sarraff e Juliana Meato. Obrigado pela força no mundo acadêmico e também por me ajudarem a vencer os problemas do dia a dia.

Da minha passagem pela UNISUAM, destaco o carinho e apoio da professora Adriana Ronco, que me acolheu como professor da casa para ministrar, no curso da pós, a disciplina História da América Colonial. Meu contato com essa professora doutora, me fez alargar a ideia de que podemos nos envolver com os meandros acadêmicos sem, no entanto, perder aquilo que nos faz humano. Aos alunos daquela casa, meu eterno agradecimento por me fazerem um bem

imenso ao prestigiarem meu trabalho de forma responsável, buscando extrair o máximo dos nossos encontros.

O divisor das águas nessa fase da minha vida foi a mudança de país. O estágio doutoral nos Estados Unidos me proporcionou não só a convivência com as diferenças climáticas; me possibilitou observar a humanidade mais de perto, tema caro a essa tese. Foi na Universidade do Texas, instituição com mais de 51 mil alunos, um mundo composto de negros, brancos, amarelos e vermelhos, que pude ver o quanto a humanidade caminhou a respeito da aceitação das diferenças. Mas, por outro lado, também percebi que ainda temos longo caminho a perseguir no respeito ao próximo e aquilo que é distinto.

Nesse mundo distante, de cultura tão diversificada, de um conglomerado de línguas e modos, meu orientador em terras do Norte, o professor Jorge Cañizares-Esguerra, foi fundamental para me fazer sentir em casa. Sua presença na minha vida ultrapassou os limites institucionais e, no seio da sua família, fui recebido e tive o privilégio de conviver com sua esposa e filhos. Sem contar que o professor Jorge foi essencial para apontar novos caminhos, novas fontes e distintas bibliografias para o meu trabalho. Mas, acima de tudo, jamais esquecerei o principal conselho desse historiador, internacionalmente conhecido, que dizia ser o contato humano o aspecto mais importante desse tipo de experiência a qual me submeti. Decerto, ele estava correto. E estar ao seu lado e da sua esposa Lina Maria Del Castillo, professora do departamento de História da Universidade do Texas, e também de seu pequeno filho, Nico, me ajudou nesse aspecto.

As andanças pelo “Estado da Estrela Solitária” não foram tão desacompanhadas assim. Na UT, forma carinhosa de se referir àquela instituição, e fora dela, pude contar com a ajuda de preciosas pessoas. Os orientandos de mestrado e doutorado do departamento me acolheram e me apresentaram o mundo através da UT, estreitei laços como pessoas do México, Peru, Guatemala, Espanha, Inglaterra, Austrália, França, Israel, Rússia, Japão e diferentes Estados norte-americanos. Fica meu agradecimento mais que especial para: Chloe Ireton, Kristie Flannery, Michael Sean Hatch, Alex Mustafa, Chris Duncan, Roni Chelben, Adrian Masters e Ethan A. Darden. O último me ajudou a melhorar o inglês, em troca de aulas de português. Ao fim, se tornou um grande amigo.

Meu agradecimento especial para a secretária do Departamento de História, Courtney Meador, pela ajuda incondicional em todos os momentos. Da mesma forma, minha ressalva em

relação aos diferentes funcionários que me receberam nos distintos arquivos por onde passei, dentre eles, Lauren Dow que, carinhosamente, me ajudou na parte burocrática, indicou obras e fontes e ainda me levou para conhecer as partes mais importantes do Texas. Grande amiga, hoje frequenta minha casa e tornou-se grande admiradora da cultura e do povo brasileiros.

Ainda em terras texanas, meu agradecimento eterno àquelas que se tornaram minhas companheiras do dia a dia, Diane McCartney e Chelsea Hostetter, mãe e filha, me ensinaram muito sobre os modos e a vida nos Estados Unidos, sobre as festas, as comemorações, como sobreviver, enfim, naquele mundo tão distinto do Brasil. Ambas dizem que são minha família americana e realmente são. Diane, principalmente, teve o privilégio de estar comigo no Brasil, em 2014, e também conhecer um pouco desse povo que compõe a humanidade americana, no sentido mais amplificado do termo.

De volta ao Brasil, um revés na caminhada que parecia tranquila, de alguma maneira, quase inviabilizou a conclusão da tese. De todo modo, enfrentei o infortúnio e, deixo aqui, os meus agradecimentos as professoras Lorelai Kury e Larissa Viana que, gentilmente, aceitaram participar do meu exame de qualificação, em 2014. A primeira trouxe contribuições relevantes para o esmero do trabalho; a segunda, minha conhecida de caminhada desde o mestrado, mudou o rumo da tese e lançou luz sobre questões que, sozinho, eu não conseguiria observar. A Larissa Viana, registro meu carinho, meu agradecimento, não só por me acolher institucionalmente, mas por me estender a mão como uma grande amiga que sempre esteve ao meu lado, principalmente nos momentos mais complicados dos últimos anos.

Aos meus amigos de trabalho, professores que compartilham comigo as salas de Ensino Fundamental e Médio, meu agradecimento pelo apoio de sempre e por acreditarem no meu trabalho como historiador. Destaque para Felipe Valentim, companheiro de trabalho e, acima de tudo, um incentivador do meu sucesso. Aos amigos do magistério, Denny, Mariana, Guilherme, Sandra, Flávia, Douglas, Renan e tantos outros, meu obrigado pelo carinho e por me ajudarem com palavras de força nos momentos mais complicados da feitura da tese. Aos diretores Nino e Bianca, o meu reconhecimento pelo apoio de ambos e a compreensão pelas minhas possíveis faltas por conta da escrita e organização dessa obra. Aos meus alunos, meu muito obrigado pelo vigor que me transmitem, fazendo com que eu acredite que o magistério vale a pena, mesmo neste país, onde os professores são tão desvalorizados.

No dia a dia, na correria da vida, no apoio durante os momentos mais complicados dos

últimos anos, no abraço amigo, nas palavras que consolam, no velho e bom barzinho aonde se joga palavras ao vento e se ri da existência e das peças sem graça que ela nos prega, nessa rotina, marcada por vitórias, derrotas, felicidades e infortúnios, pude contar com os amigos da Aliança – a palavra não poderia ser mais adequada. Luciana Di Mota, Alfredo Bomfim, Victor Hugo Lemos, Lia Raposo, Carolina Alt, Milena Daumas, Iago Drumond, Vinícius Rosa, Catia Moraes, Luiz Felipe Matos, Winker Poubel, Tatiana Tolentino, Fabio Vanuzzi, Julia Nunes, Rodrigo Moraes, Mariana Barbosa, Luiza Varella, Pedro Ramos e Érica Guerreiro, sem o carinho e o companheirismo de vocês, acreditem, não existiria essa tese. Obrigado por me fazerem acreditar na vida e lutar por ela.

Para uma amiga mais que especial, um agradecimento valioso. Andrea Reis, nossa relação ultrapassou os limites mestre-aluno e você além de me ensinar a falar um francês delicioso, me lembrou o mais importante: que não se deve desistir da vida, jamais. Ao seu lado vivo o que há de melhor na existência. Você acredita no meu trabalho e na minha capacidade de vencer. Mas, acima de tudo, você acredita no valor que tenho e mostra a importância de se prosseguir, apesar dos momentos difíceis. Essa tese também é tua.

Aos amigos Rosangela Fernandes e Marcelo André, meu caloroso obrigado pelo apoio na vida acadêmica e pelo suporte com palavras amigas nos momentos mais complicados. Marcelo, sempre acreditando que sou um vencedor, me faz resgatar a vontade que tenho de seguir, mesmo em conjunturas adversas. Todos os agradecimentos, enfim, ressaltam a importância de amigos que me ajudaram a passar por momentos complicados da minha vida, durante a feitura da tese. Auxiliaram-me na tessitura da esperança e do desejo de vencer as limitações impostas pelo acaso e, dessa forma, pude terminar esse trabalho.

Aos meus familiares, o meu eterno agradecimento. Primeiro, o apoio sempre concedido pela minha prima Priscila Cunha. Na sequência, deixo meu obrigado para a minha amada irmã Karina, que é a maior incentivadora do meu sucesso, que acredita que posso ir aonde eu quiser e que torce por mim, incondicionalmente. Nosso amor é eterno e ela faz parte de mais essa vitória e representa o que de melhor a vida me trouxe. Ao meu pai, meu sincero obrigado, pelo carinho e pela compreensão. Meu reconhecimento ao apoio da irmã de coração, Barbara Cristina, como amiga na caminhada de cada dia, nunca falha e me incentiva sempre. Agradeço a pequena Giovanna, amor da minha vida, por renovar minhas forças continuamente.

Essa tese é inteiramente dedicada a Iris, minha mãe, minha amiga, meu porto seguro e

aquela que mais me quer bem. Cada linha desse trabalho nasceu do apoio da minha mãe. Com seu amor que não está suscetível às condições ou circunstâncias externas, sempre nasce meu desejo de continuar. Somos tão diferentes e nos encontramos, cada um ao seu modo, naquilo que temos de distinto. Ela me enche de orgulho por ser uma vencedora e, embora nem sempre ela demonstre, também sou um orgulho na vida dela. O meu doutorado, de alguma maneira, é a realização de um sonho dessa mulher que não se deixa abater.

Ao professor e amigo, Ronald Raminelli, meu eterno agradecimento por ter me concedido o privilégio de conhecê-lo. Ronald acredita sempre que posso oferecer o melhor. Orientador brilhante, professor exemplar e amigo dedicado, me indicou os melhores caminhos a seguir e a forma mais adequada de agir na tessitura dessa tese. Por seu esforço e colaboração, fui enviado a um dos maiores centros de estudos sobre América Colonial do mundo. Esteve ao meu lado no momento mais complicado dos últimos quatro anos e não deixou de acreditar que eu poderia vencer, na tese e na luta pela vida. Isento-o de todos os desacertos aqui presentes e me regozijo em dividir com ele todos os ajustes.

Por fim, não menos importante, dedico essa tese a André Carlos Furtado ou simplesmente ao André, dessa forma fica mais pessoal. Esse jovem e brilhante historiador chegou em minha vida na primavera de 2012, e assim como na estação da sua chegada, que sintetiza o princípio da boa vontade, aos poucos, foi renovando minha crença na cumplicidade, no companheirismo e na face boa da humanidade. Em meio as nossas discussões historiográficas, sociológicas e filosóficas, eu aprendo o melhor: a viver. Assim como André transformou a minha existência, cada parágrafo, cada linha dessa tese, foram transformados pelo olhar cuidadoso e minucioso desse jovem pesquisador. Ao lado de André, reencontrei a vida em três aspectos: a acadêmica, a vida no seu entrelace com o comprometimento e, por fim, a vida por si mesma, cuja existência evolui do nascimento até a morte.

Sou um homem: nada do que é humano me é estranho.

Publio Terêncio Afro

Reconstruir mundos é uma das tarefas essenciais do historiador, e ele não a empreende pelo estranho impulso de escarafunchar arquivos e farejar papel embolorado – mas para conversar com os mortos. Fazendo perguntas aos documentos e prestando atenção às respostas, pode-se ter o privilégio de ascultar almas mortas e avaliar as sociedades por elas habitadas. Se rompermos todo contato com mundos perdidos, estaremos condenados a um presente bidimensional e limitado pelo tempo; achataremos nosso próprio mundo.

Robert Darnton

RESUMO

As formas como o homem americano foi classificado ao longo da Idade Moderna passaram por importantes mudanças durante os séculos XVII e XVIII. Se antes, com a chegada dos europeus, o enquadramento era feito, principalmente, através das diferenças religiosas, no decorrer das centúrias em destaque, outras maneiras de criar hierarquias foram incorporadas. Assim, esta investigação analisa os elementos pelos quais os viajantes europeus e americanos que percorreram o Novo Mundo descreviam a humanidade encontrada sob o céu das Américas e, ao cotejar esses relatos de viagens com as teorias de classificação da humanidade desenvolvidas pelos filósofos europeus, busca-se, neste trabalho, demonstrar que, em especial a partir de 1650, dentre outros aspectos, a cor da pele e as características físicas eram essenciais para a promoção da inferioridade do homem americano, quando relacionados à ideia de degeneração. Sendo em solo do Novo Mundo, portanto – e nesse ponto reside, de forma sumária, a tese em apreço –, que nasceu a visão de uma humanidade degenerada e, desse modo, a noção de raça considerando os caracteres físicos dos indivíduos.

Palavras-chave: Homem Americano; Séculos XVII e XVIII; Teóricos e Viajantes; Degeneração; Raça.

ABSTRACT

The ways in which American man was classified along the Modern Age have undergone important changes over the seventeenth and eighteenth centuries. If before, with the arrival of Europeans, the framework was done mainly through religious differences in emphasis in the course of the centuries, other ways to create hierarchies were incorporated. Thus, this research analyzes the elements by which the travelers who visited the New World described the humanity found under the sky of the Americas, to collate these travel accounts with the theories developed by European philosophers, this work show that, especially from 1650, among other things, skin color and physical characteristics were essential for the promotion of the inferiority of the American man, when related to the idea of degeneration. Being in the New World soil, therefore - and this point is, in summary form, the thesis in question - which was born the vision of a degenerate humanity and thus the notion of race considering the physical characteristics of individuals.

Keywords: Native American; Seventeenth and Eighteenth Centuries; Theoretical and Travelers; Degeneration; Race.

RÉSUMÉ

Le long de l'Âge Moderne, l'homme américain a connu d'importants classements, après avoir passé par des changements vérifiés pendant les XVII^{ème} et XVIII^{ème} siècles. Mais, si auparavant, l'encadrement était fait surtout moyennant les différences religieuses, pendant les siècles sus cités, d'autres manières de créer des hiérarchies sont incorporées. Ainsi, cette investigation a pour but d'analyser les éléments par lesquels les voyageurs européens aussi que les américains qui ont parcouru le Nouveau Monde décrivaient l'humanité trouvée sous le ciel des Amériques. En confrontant ces rapports de voyages avec les théories de classement de l'humanité développées par les philosophes européens, on cherche à montrer dans ce travail que, surtout à partir de 1650, le teint de la peau et les caractéristiques physiques, parmi d'autres aspects, étaient essentiels pour la promotion de l'infériorité de l'homme américain, particulièrement si l'on considère l'idée de dégénération. Cela nous amène à conclure que c'est juste dans le sol du Nouveau Monde qu'une vision d'une humanité dégénérée est née et que, à partir de cela, la notion de race va prendre en considération le caractère physique des individus. Et de manière concise, c'est sur ce point-là qui s'appuie la thèse en question.

Mots-clés: L'homme Américain; XVII^e et XVIII^e siècles; Théories et Voyageurs; Dégénération; Race.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
-----------------	----

Primeira parte

VIAGENS, TEORIAS E A INVENÇÃO DO HOMEM AMERICANO

Capítulo 1. DOS DISCURSOS TEÓRICOS AOS RELATOS DE VIAGEM: A “CRIAÇÃO” DO HOMEM AMERICANO.....	34
1.1 Gabinetes de estudos: os nascedouros dos teóricos.....	37
1.2 Viagens e viajantes na Idade Moderna: um difícil enquadramento.....	45
1.3 Viajantes religiosos	52
1.4 Viajantes cientistas	57
1.5 Viajantes militares	73
1.6 Viajantes ou viagens particulares	81
1.7 Uma síntese	86
Capítulo 2. TERRA DESGRAÇADA PELA NATUREZA, DE HOMENS DEGENERADOS E ANIMAIS MONSTRUOSOS.....	88
2.1 Clima nocivo, terra hostil à vida	88
2.2 O papel de Buffon na classificação da natureza e homens americanos	93
2.3 O Novo Mundo e sua raça de homens desconhecidos: as hipóteses dos teóricos e viajantes do século das "Luzes".....	101
2.4 A origem do homem americano: teóricos e viajantes do século XVII e a degeneração da humanidade do Novo Mundo.....	120
2.5 Terra nociva às raças, clima degenerador das nações ou ambiente benfazejo? Dos nativos americanos aos africanos e seus descendentes	130
2.6 Povos de peles, crânios e feições distintas: poder do clima ou obra divina?	148
2.7 Novas terras, novos céus, classificando o homem americano: uma síntese.....	157
Capítulo 3. O CALOR DO SOL, O VENTO ÚMIDO, AS ESTRELAS NO CÉU E VAPOR VINDO DO MAR, NÃO PODERIAM A COR DA PELE MUDAR	163
3.1 Diferentes continentes, culturas distintas: o século XVIII e a afirmação das raças...	165

3.2 A herança do século XVII: no que era as “Trevas”, acendem-se as primeiras “Luzes”	170
3.3 Dos olhos da genitora as impressões ao fruto	195
3.4 Do rebentar branco ao escurecimento: clima, modos ou distintas raças?	215

Segunda parte

A DEGENERAÇÃO E A COMPOSIÇÃO DAS RAÇAS NOS SÉCULOS XVII E XVIII

Capítulo 4. RAÇA EM PERSPECTIVA	229
4.1 Raça: produto da modernidade.....	231
4.2 Raça: fruto do século XVIII.....	237
4.3 Idade clássica e raça.....	246
4.4 O termo raça: origens.....	268
Capítulo 5. O VOCABULÁRIO DA CLASSIFICAÇÃO NOS SÉCULOS XVII E XVIII ...	288
5.1 Os termos classificatórios	288
5.2 A humanidade e suas faces, corpos e cores	293
5.3 Espécie ou espécies?	313
5.4 As diversas raças de raça.....	320
5.5 Um mundo de nações.....	330
5.6 Das Tribos de Israel às tribos do mundo.....	338
5.7 O vocabulário dos viajantes: uma pequena amostragem.....	341
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 346
 REFERÊNCIAS	 355
1 Fontes primárias	355
1.1 Relatos de viajantes e teóricos	355
1.2 Obras de referência	358
2 Bibliografia geral.....	361

INTRODUÇÃO

Em uma obra amplamente conhecida, o historiador Antonello Gerbi, no primeiro capítulo do livro *O Novo Mundo: história de uma polêmica*, de 1955, destaca que “a tese da ‘debilidade’ ou ‘imaturidade’ das Américas – quando se dispensa qualquer imagem poética [...] nasce com Buffon por volta de meados do século XVIII”.¹ Na sequência, Gerbi aponta indícios que comprovem a abordagem original do filósofo francês, destacando que este apontara a degenerescência dos animais domésticos que foram introduzidos na América, a pequenez do homem americano por conta da natureza hostil presente naquela região, a frieza com a qual os nativos do Novo Mundo encaravam o sexo, o estado bruto da natureza e o aspecto pantanoso da paisagem.

Nesse sentido, fica evidente a luz que se recai sobre a obra de Georges-Louis Leclerc, Conde de Buffon, e a sua importância no conjunto dos letrados do século XVIII, quando o assunto é o reconhecimento e a classificação dos distintos povos existentes na face da terra. E, certamente, o valor do pensamento e da obra do naturalista não deve ser questionado. De todo modo, existem alguns pontos que precisamos observar com mais acuidade. Em primeiro lugar, o fato de que a historiografia francesa do século XX se esforçou para conceder a Buffon um lugar de honra no quadro dos pensadores do século das “Luzes”, conferindo ao naturalista um protagonismo indescritível no papel da análise e da classificação da diversidade humana. É tempo de reavaliar algumas afirmações cimentadas por estudos anteriores.

A obra de Buffon é, sem dúvida, importante para entender o lugar atribuído aos povos desta parte do globo no inventário da humanidade proposto pelo naturalista. A teoria de que a América era uma terra recentemente emersa do fundo do oceano e, portanto, sua umidade e todas as águas empossadas ao longo do continente eram responsáveis pela proliferação de ares pútridos que influenciavam no formato dos corpos e interferiam na mente dos homens originários neste território do planeta, ganha em Buffon, um valor inquestionável. De todo modo, coube muito mais aos analistas da obra *buffoniana* essa entronização dos escritos do conde francês do que, efetivamente, o papel atribuído pelos seus contemporâneos a essas obras. Numa rápida análise de

¹ GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica, 1750-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 20.

alguns viajantes que passaram pelos mais distintos cantões do Novo Mundo, se percebe que muito antes das teorias propostas por Buffon, suas temáticas eram amplamente difundidas.

Desse modo, a tese da debilidade ou imaturidade da América, quando se dispensa qualquer imagem poética, parece ter estado bem difundida em meados do século XVII, nos dois lados do Atlântico. Portanto, o papel de relevância concedido por pesquisadores como Georges Gusdorf, Roger Mercier e Tzvetan Todorov ao trabalho e a importância de Buffon para se entender a ideia de classificação da humanidade e também a ideia de raça no século das “Luzes” não pode ser desprezada. Ainda assim, entendo ser preciso retirar o peso que se concede à originalidade da obra do filósofo natural francês no que concerne ao processo de degeneração da natureza e do homem americanos.

Naturalmente, os trabalhos de Buffon podem ser considerados como uma síntese do pensamento de letrados que, anteriores à sua vasta obra, se puseram a abordar a questão do gênero humano. Mas, ainda assim, a possível síntese que se pode apreender na obra do naturalista não condiz com o papel de relevância aplicado a ela. Talvez, a explicação para esse estado de coisas se encontre na importância que nós pesquisadores atuais concedemos à cimentada tese que relaciona o século XVIII com o “despertar do sono dogmático”, frase cara ao pensamento de Immanuel Kant, e com o uso da razão científica sendo levado até as últimas consequências. A racionalidade que explicava a degeneração e o porte diminuto do homem americano, no século XVII, também possuía bases científicas contundentes. De todo modo, não apresentavam, como pano de fundo, uma centúria onde os pensadores pleiteavam para si mesmos o epíteto de representantes do *The Little Flock of Philosophes* que, iluminados pela razão, viviam sob o manto do século das “Luzes”.

Racionalidades à parte, mais recentemente o historiador Jorge Cañizares-Esguerra nos levou a matizar o papel dos pensadores do século XVIII na confecção da ideia de degeneração da humanidade americana e, por conseguinte, do nascimento da ideia de raça humana com forte relação com imutabilidade. Partindo da análise de letrados que escreveram sobre os domínios imperiais espanhóis, o autor assinala que a disputa entre os homens oriundos da América e os europeus que, teimavam em apontar a natureza degenerada do Novo Mundo, acabou por fornecer as bases do pensamento racial moderno. E isso teria ocorrido em solo americano, em meados do século XVII. Assim, argumenta Cañizares-Esguerra que homens como Salinas y Córdova e León de Pinelo foram fundamentais para defender a natureza edênica da América, muito embora se

posicionassem em defesa das diferenças imutáveis existentes entre os corpos do homem europeu e do homem americano.²

Sobre a posição do historiador acima, duas observações são imperiosamente importantes: primeiro, é preciso que se tenha cuidado quando buscamos encontrar em pensadores do século XVII, e mesmo do século XVIII, indícios para demonstrar a presença de características raciais conforme as conhecemos hoje em dia. Não estou de acordo que a percepção do nativo do Novo Mundo sobre seu corpo como radicalmente diferente do europeu tenha relação com o aparecimento de ideias que acoplavam o homem americano em patamar diferenciado e inferior, pelo menos não pela perspectiva da imutabilidade. A grande parte dos relatos que se analisará a seguir, deixava entrever a possibilidade de reversão dos traços físicos e mentais dos indivíduos, embora, quase sempre, destacassem que era algo extremamente complicado.

O segundo ponto, ao meu ver mais importante, se relaciona com a questão da degeneração. Partindo desse conceito, da forma como ele foi manejado pelos letrados dos dois lados do Atlântico, pode-se entender de forma mais clara, a problemática da posição assumida pelo homem americano no quadro classificatório da humanidade. É nesse aspecto que podemos evidenciar o posicionamento dos pensadores da Idade Moderna sobre a origem e características do nativo do Novo Mundo. É a partir do processo degenerador que nasce, na América, um novo significado para o conceito de raça. E, pela lógica da degeneração, o ponto de partida deve ser o século XVII e não o pensamento buffoniano do século das “Luzes”.

De fato, os letrados que estiveram nas Américas no século XVII apontavam a questão da degeneração do homem do Novo Mundo e aceitavam que essa condição humana era irreversível? Seria válido deslocar o foco que incide sobre as teorias de classificação da humanidade do mundo europeu do século XVIII e iluminar o Novo Mundo e os viajantes que estiveram nas Américas pelos mais variados motivos, no século XVII? A degenerescência da humanidade americana redundou no nascimento de um novo significado para raça?

O presente trabalho busca esse objetivo: analisar viagens feitas ao continente americano, durante os séculos XVII e XVIII, para perceber como esses homens que pisaram nessas terras abordavam a questão da diversidade humana aqui encontrada e, dessa forma, como dizia Bartolomeu de Las Casas, conferiam a ideia de totalidade ao mundo.

² CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. New World, new stars: patriotic astrology and the invention of Indian creole bodies in Colonial Spanish America, 1600-1650. *The American Historical Review*, v. 104, n. 1, 1999, p. 34-35.

Busca-se aqui, fazer um inventário do homem americano. E a palavra inventário me parece adequada, por tratar-se de uma lista detalhada e minuciosa que os viajantes teciam a respeito dos povos encontrados. Algumas simplesmente enumeravam os grupos humanos e suas características; outras eram acompanhadas de observações e comparações que enriquecem os registros. Mas, em todas as listas, busca-se perceber qual é o local que cada viajante escolhe para alocar o nativo do Novo Mundo. Esses inventários nos permitem perceber que foi em solo do novo continente onde se criou o homem americano, foram nessas terras longínquas que se inventou novas formas de classificar a humanidade, com destaque para a consideração da cor da pele e dos caracteres físicos dos indivíduos.

Ainda assim, esse inventário estaria incompleto se fosse considerado somente as viagens. Parte-se, então, para as teorias. Seja aquelas tecidas a partir do conhecimento religioso, que encontrava nas sagradas escrituras as explicações para todos os fenômenos naturais e humanos; ou aquelas baseadas em fontes científicas que se desenvolveram ao longo desses dois séculos aqui analisados. Duzentos anos, aos olhos da história, nos parece tão pouco. Mas um olhar apurado pode revelar rupturas fantásticas na forma como essas teorias aventadas em organismos de pesquisas e em centros religiosos, ou mesmo feitas a cargo de particulares, no Velho Mundo, nos apresentam uma trama de posições que ora se imbricam e, na medida do possível, se encaminham em direções opostas.

As teorias sobre a humanidade americana forjadas na Europa estavam densamente ligadas aos relatos de viagens feitos na América. Contudo, não se confundiam com eles. A interpretação a respeito do que estava escrito ou dos objetos enviados, quase sempre, não caminhava de acordo com a realidade encontrada no Novo Mundo. E essas teorias, filhas e também carrascas dos relatos de viagens, via de regra, eram colocadas em xeque pelo viajante que as traziam debaixo do braço ou em sua mente. A realidade encontrada era mais fascinante. O povo antes descrito como gentil e amigo, poderia não ser tão amistoso com o novo viajante, daí a teoria caía por terra. O contato sempre proporcionou o questionamento daquilo que estava escrito, de modo a se reescrever e se reinterpretar. Assim, aos poucos, foi se forjando o homem americano.

E essa construção de uma “humanidade” americana foi feita sob conflitos, bem como debaixo de relações cordiais e de respeito. Para além disso, foi tecida para justificar a exploração e a escravidão, resultando no transporte para a América dos traços marcantes da desigualdade que embalava os pressupostos no mundo do Antigo Regime. Mas é evidente a presença de relatos que

buscaram conhecer, explicar e enquadrar o nativo, sem estabelecer padrões de inferioridade ou superioridade dos povos. Por outro lado, quando a humanidade aqui presente se dá conta de que é e também não é um contínuo da Europa, as teorias ficam mais enriquecidas e os relatos de viagem se modificam. É a hora da ruptura. Lenta, gradual. Por isso, imprescindível para se perceber que o Novo Mundo forneceu os ingredientes finais para alocação do homem americano em patamar diferenciado do europeu. As raças começaram a ser compostas. E sua ideia, considerando as características físicas dos indivíduos, nasce na América, na esteira do processo de degeneração do homem americano.

Neste sentido, pode-se perguntar: essa expressão de raça explica tudo? Na verdade, eventualmente, de maneira isolada, não explica nada. Mas, então, por que ela ainda nos fascina? Talvez porque procuramos respostas para as atrocidades cometidas pelo gênero humano, no século XX, que ainda nos incomodam. Como deixamos chegar a esse ponto? Seria esse o problema. Entretanto, acredito que, para os séculos XVII e XVIII, a expressão raça foi utilizada para coroar o processo de degeneração que, segundo os relatos aqui presentes, serviu para colocar o homem em patamar de desigualdade frente ao branco europeu. Portanto, mesmo naquelas obras onde o conceito de raça não esteve presente, a consideração de que a humanidade do Novo Mundo era degenerada, ao fim, estava de forma latente e, portanto, utilizando de conjunto de explicações que, paulatinamente, foram sendo coroadas com a ideia de raça que, em solo americano, foi usada muito além da forma como era utilizada na Europa, onde estava relacionada com divisões religiosas.

Sendo assim, penso ter sido em terras americanas que a ideia de raça passou a se imbricar com a consideração dos caracteres físicos. E, embora essa palavra tenha disputado espaço com outros termos como nação, tribos, variedades para designar a mesma coisa, a partir do momento em que a humanidade do Novo Mundo começou a ser “desenhada” com os traços da degeneração, foi o conceito de raça que se sobressaiu e se tornou mais evidente, sobretudo no século XVIII. De todo modo, não se pode negar que os pressupostos que dariam ossatura ao termo raça, na América, estavam colocados a partir do século XVII e podem ser facilmente encontrados nos relatos que apontam que o homem do continente americano era degenerado.

Assim, parte-se da ideia de degeneração, relacionando-a com a ideia de raça, buscando demonstrar que a primeira forneceu o aporte necessário para que raça passasse por transformações em seus significados em solo do Novo Mundo. O homem americano nasce com

os relatos e com as teorias que deles se extraem, mas emerge também sob o signo daquilo que é degenerado. Termos como raça, nação e tribos serviram como suporte para expressar, em solo americano a degenerescência desses povos que, se torna mais intensa, a partir do maior contato entre os europeus e os homens do Novo Mundo. Portanto, aqueles que perderam suas qualidades iniciais, que se distanciaram dos seus ancestrais, seja por causa do clima, da alimentação, de uma maldição bíblica ou dos líquidos corporais como a bile não há tanta importância se observarmos que, independente do caminho teórico utilizado, a resposta buscava justificar a superioridade dos europeus brancos. Ao fim, a expressão raça serviu como suporte para a ideia de degeneração, em curso, ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Quando utilizo acima o termo “europeus brancos”, há uma grande intencionalidade. Então, baseado no que apresentarei nas próximas páginas, devo concluir que a cor da pele, o formato do cabelo, do rosto e dos membros do nativo americano e do africano trazido para a América não são importantes para a classificação da humanidade? Quanto a esse ponto, antecipo meu parecer: tanto no século XVII quanto no século XVIII, as características físicas eram fundamentais no processo de classificação do homem americano. Como veremos, há grande parte da historiografia que anda na contramão da minha proposta, sobretudo em terras *brasilis*. Ainda assim, nos relatos de viagem aqui analisados, desde a importância da cor da pele até o cheiro exalado pelos corpos americanos entram no processo de classificação. Fossem tais características fruto de mudanças consideradas como naturais ou como aquelas culturais feitas nos corpos (a exemplo de pinturas), o fato é que eram vistas como diferenças indispensáveis ao inventário do homem americano.

São essas mudanças que possibilitavam ao observador concluir que o nativo do Novo Mundo era degenerado. Afinal, somente uma pessoa degenerada mentalmente, segundo o que se observa dos relatos, poderia corromper seu próprio corpo em favor de uma diferenciação com outros povos. Sendo assim, a aparência física era o ponto de partida para começar o inventário da humanidade americana. E também para situar tais terras e gentes em um patamar de inferioridade se comparados ao Velho Continente e ao branco europeu.

E por esse aspecto, o termo raça, já conhecido e utilizado na Europa, se encaixou perfeitamente com as diferenças físicas, pois se antes era usado para designar grupos de animais com determinadas características, como cavalos, por exemplo, agora se encaixara impecavelmente na fresca realidade do Novo Mundo, que oferecia aos olhos europeus e aos de

seus próprios descendentes nascidos na América, uma forma de utilizar raça para se referir aos nativos do jovem continente. Cria-se a raça americana. Mas isso depois de apresentar esses homens como produto de degeneração.

Portanto, o estudo da expressão raça na sua imbricação com o processo de degeneração, nos ajuda a compreender o projeto classificatório dos povos encontrados na América. Assim sendo, seria incorreto indicar que, independente da maneira ou do momento em que esse termo foi utilizado, ele funcionou como forma de separar os grupos humanos em superiores ou inferiores, bons ou maus, feios ou bonitos, selvagens ou civilizados, cristão ou não cristão? Não teria sido utilizado sempre com o sentido de julgamento de valores? Daí a importância de aplicá-lo no presente de estudo.

Assim, a utilização da palavra raça, que fornece suporte necessário para se entender a política de classificação da humanidade americana, aqui, estará associada com o processo de degeneração dessa humanidade do Novo Mundo. E a cor dos nativos era uma dentre tantas outras possibilidades de respaldar essa degenerescência. Em relação à cor do africano e seus descendentes – apresentados como americanos em alguns relatos de viagem –, o processo era o mesmo. O historiador Andrew Curran destaca que, em 1739, a Academia Real de Ciências de Bordeaux anunciou um prêmio para o melhor trabalho que apresentasse as razões e a origem da negritude da pele dos africanos e a explicação para o formato dos seus cabelos. Na verdade, o artigo deveria explicar a razão da degeneração dos povos de pele preta. Quase vinte artigos foram submetidos ao concurso, muito embora, segundo Curran, não se tenha chegado a um vencedor. Campeões à parte, o que chama a atenção é o fato de que esses escritos nos levam a pensar sobre a importância do tema da cor da pele preta a nível internacional.

Por um lado, o interesse da Academia de Bordeaux pela pigmentação da pele do africano é uma evidência de que esse elemento, no início do século XVIII, aparece como aberto objeto de classificação da humanidade. Por outro lado, ao colocar a questão da razão da degeneração do homem africano, fica evidente que, para além da cor da pele, os letrados não buscavam somente respostas para as causas da coloração da cutis, mas para uma genealogia científica da negritude que se ancorasse na degeneração daqueles povos.³ Grande parte dos participantes do concurso eram letrados com formação concluída nas últimas décadas do século XVII, o que demonstra

³ CURRAN, Andrew. *The anatomy of blackness: science and slavery in an age of Enlightenment*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2011.

claramente que o processo de consideração da coloração da pele como indicativo de degeneração estava em curso ao menos desde a segunda metade daquele século.

Portanto, não seria viável pensarmos que a problemática da degeneração pode nos fornecer análises muito interessantes para entendermos a forma como o conceito raça foi reinterpretado na América? É o que busco apontar nas próximas páginas. Acredito ser mais válido partirmos da ideia de degeneração, com o fito de mapear os processos que estavam subjacentes ao desenvolvimento dessa teoria, buscando assim, demonstrar que tal processo foi fundamental no fornecimento dos indícios que levariam à reinvenção do conceito de raça no Novo Mundo.

Nesse ponto introdutório, o leitor poderia me questionar: mas o fato do europeu classificar o homem americano como degenerado significava, ao fim, que esse processo de degeneração era imutável, irreversível? Essa é uma questão que somente a análise das fontes poderá responder ao longo do trabalho. Quase sempre, as questões aqui levantadas foram dúvidas que surgiram no decorrer das minhas pesquisas, para as quais nem sempre consegui uma resposta satisfatória. De todo modo, no grupo com dezenas de viajantes aqui analisados, pode se encontrar aqueles que acreditavam na reversão do processo de degeneração e outros que trabalhavam com a imutabilidade daquilo que era inerente ao homem do Novo Mundo. De todo modo, o termo raça sempre apareceu como forma de expressão da inferioridade do nativo americano, que possuía entre os seus pilares, a ideia de que eram seres degenerados.

O historiador William Max Nelson apresenta, em um artigo interessante, o caso de dois homens ligados ao governo colonial de Santo Domingo, hoje Haiti, que escrevendo no século XVIII, apresentavam uma proposta de controle da produção de seres humanos nascidos na colônia. Assim, sugeriam que era preciso que se dominasse, de forma manufaturada, a produção de um determinado número de negros escravos para usarem como mão de obra, uma quantidade específica de pessoas de cor livres, que poderiam ser usadas no serviço militar e outra considerável de brancos que seriam fundamentais para o bom governo da região. Seria uma espécie de reprodução selecionada para resolver os problemas sociais, políticos e militares da colônia.⁴

⁴ NELSON. William Max. Making men: Enlightenment ideas of racial engineering. *The American Historical Review*, v. 115, n. 5, 2010, p. 1364-1394.

Um conjunto de questões pode ser levantado deste artigo: primeiro, eram dois homens ligados ao poder judiciário da colônia, próximos ao governador, que propunham a fabricação de seres humanos, cada grupo com sua especificidade física e mental, aptos a responderem às necessidades dos colonizadores. Portanto, coloca-se o segundo ponto: essa escolha dos grupos foi pensada com base nos caracteres físicos dos indivíduos. Dessa forma, a rapidez com que o autor faz a ligação desses acontecimentos com a ideia de raça na sua imbricação com imutabilidade é natural. Ao meu ver, um grande erro. Não se tratava de um laboratório de criação de homens de raças distintas, mas a proposição de um verdadeiro cenário de “construção” de homens menos degenerados (os mulatos para a tarefa da defesa), altamente degenerados (os negros para a escravidão) e o tronco principal, original, legítimo (os brancos para a governança).

Apesar das interessantes conclusões levantadas por William Nelson, sobretudo quando aponta que os historiadores perdem de vista que o Iluminismo criou mecanismos para a “segregação” política e também foi responsável pela criação de formas específicas de classificar povos diferentes dos europeus como inferiores, o autor observa na proposta dos dois advogados da colônia uma nascente racialização da humanidade que não corresponde à realidade. Aos meus olhos, nesse caso, a ideia de raça entrava como forma de exteriorização do processo de degeneração que buscava atentar para as características físicas dos indivíduos em questão.

Fabricação de seres humanos à parte, me parece não haver mais dúvidas de que a cor da pele e o formato dos corpos era o primeiro e mais importante, embora não o único, modo de classificação do homem americano. Forjados socialmente para fornecer os pressupostos da dominação e subjugar o outro, encontraram nos braços da ciência dos séculos XVII e XVIII o amparo que se tornou cada vez mais inquestionável. Mas a ideia de raça com base na imutabilidade, talvez, ainda estivesse longe de ser colocada. Só a leitura das próximas páginas poderá nos ajudar a ampliar a discussão.

Mas, o homem americano, com suas cores e formatos, mentes e comportamentos, foi criado na América. A historiadora Rebecca Earle apresenta, numa obra bem instigante, que a colonização na América espanhola também poderia ser explicada pela perspectiva da alimentação. Assim, ela atenta para o fato de que as diferenças entre as características físicas dos europeus e dos indígenas eram explicadas por diversos fatores, como o clima, mas também poderiam ser entendidas tendo como base no alimento ingerido pelos diferentes povos. A conclusão a que chega a autora é que não se pode falar de um corpo considerado com

características imutáveis para o século XVII. Ela entende que se a ideia de raça é definida como um sistema de diferença com base em características físicas que são requeridas para serem fixas e permanentes, então, com apoio na análise dos viajantes por ela estudados, não se podia encontrar evidências da ideia de raça no período moderno. Afinal, as características físicas não eram consideradas imutáveis.⁵

Tenho algumas discordâncias com a autora, como se verá a seguir. De todo modo, há algo colocado por Rebecca Earle que pode nos levar a pensar: apesar da aparência física ter se ligado à ideia de raça no Novo Mundo, não seria válido se assumíssemos que quando abordamos raça na Idade Moderna, os caracteres físicos eram menos importantes? Talvez não. Na verdade, a ideia de raça sempre esteve associada a categorizar entre superior e inferior, mas quem disse que sempre fora por via da cor da pele ou formato do crânio? Não fora. De todo modo, em terras americanas, se associada com a ideia de degeneração daqueles povos aqui encontrados, a ideia de raça, necessariamente, esteve relacionada com a cor da pele dos indivíduos.

Aqui, retomo o que pretendo defender: a ideia de raça, no Novo Mundo, nos séculos XVII e XVIII, indiscutivelmente, esteve associada ao processo de explicação da degeneração da humanidade americana que estava estampado, como sua maior expressão, na cor da pele diferente. O esforço de Earle foi para retirar o peso da ideia de raça, imutabilidade e o papel do corpo nas categorizações do século XVII. Mas, embora eu concorde sobre a questão da imutabilidade, penso que a autora deixa de explorar a problemática da degeneração, considerada, muitas das vezes, naquele século, como imutável. Além disso, ela perde de vista a importância do entendimento de como era utilizado o termo raça para as centúrias anteriores ao século XIX. Se retirarmos o peso da ideia de raça, deixamos de perceber que foi na América que esse conceito se associou com caracteres físicos.

Feita essa rápida apresentação das questões que se pretende abordar ao longo desta tese, penso ser válido ainda um pouco mais da atenção do leitor para colocar algumas observações de cunho metodológico. Originalmente, o projeto que deu início a este trabalho recebia o título de “Formas de classificação do homem americano (1750-1820): Ilustração, viagens e teorias”. Depois de dois anos de análises de fontes, ficou evidente que circunscrever essa temática somente à segunda metade do século XVIII era um risco. A maior parte dos viajantes e teóricos sobre a

⁵ EARLE, Rebecca. *The body of conquistador: food, race and colonial experience in Spanish America, 1492-1700*. New York: Cambridge University Press, 2012.

humanidade que escreveram após 1750, havia nascido e tido formação acadêmica em fins do século XVII ou início do XVIII, daí surgiu a minha necessidade de recuar. Por outro lado, meu interesse era perceber a ideia de classificação do homem americano na Idade Moderna e, por mais que essas barreiras cronológicas sejam meramente para fins didáticos, os vinte primeiros anos do século XIX era muito mais parecido com o século anterior do que, efetivamente, com algo novo.

O abandono da análise da Ilustração foi proposital. Penso que só esse assunto já daria uma tese se relacionado com classificação da humanidade. Quase sempre procurei valorizar mais os relatos de viagens do que as teorias de gabinete feitas na Europa. Mas já adianto que não me senti confortável em deixar passar muito rapidamente os teóricos da humanidade que, aparentemente, bem conhecidos pela comunidade acadêmica, não precisavam ser retomados. Ainda assim os retomei em detalhes. De todo modo, a lógica de uma possível abordagem original procurou recair sobre as discrepâncias entre o que se escrevia sobre o homem americano e o que se via na América. Dessa forma, a abordagem dos viajantes nos parece muito mais interessante. A expressão inventário, então, pareceu mais adequada para se falar dos relatos feitos por esses desbravadores da América.

A ideia de raça, algo que chama minha atenção há pelo menos doze anos, veio à tona como que de forma natural ao se falar da análise da maneira como o homem americano era enquadrado no projeto de classificação da humanidade proposto pelos teóricos europeus. Contudo, percebi que, ao observar a problemática da raça, nação, tribo e variedades somente no século XVIII, empobrecia a análise. Portanto, partiu-se para a centúria anterior. A partir do momento em que minha análise também se voltou para os viajantes e teóricos do século XVII, minhas hipóteses apresentadas no projeto original foram, quase que integralmente, desmontadas. Portanto, a apreciação de duzentos anos, ainda que meu recorte recaia mais no pós-1650, me possibilitou enxergar com mais clareza a composição das raças, as viagens e as teorias de classificação da humanidade na Idade Moderna.

Quanto à escolha dos viajantes, não posso dizer que houve uma intencionalidade *à priori*, ao contrário, fui apresentado com uma lista de viajantes que estiveram na América na segunda metade do século XVIII e, ao analisar suas escritas, fui percebendo que eles dialogavam com viajantes que os havia precedido, ora concordando com eles, ora discordando, às vezes, os citavam, às vezes não. O escrutínio dessas primeiras narrativas me levou a outras dezenas de

viajantes. O encontro com uma historiografia mais especializada nesse tema também foi importante para angariar novos viajantes e, dessa forma, tecer minhas próprias análises. Ao fim, cheguei a um conjunto de aproximadamente quarenta viajantes que estiveram em diferentes pontos do continente americano, entre os séculos XVII e XVIII, originários de diferentes partes da Europa ou descendentes de europeus que, vivendo na América, se embrenhavam pelos mais distintos rincões do Novo Mundo por curiosidade ou também por cobiça.

O leitor poderá me perguntar se a experiência de viajantes holandeses ou ingleses, em terras da América do Norte, seria válida para iluminar, por exemplo, a realidade presente na América portuguesa ou espanhola. Ou ao contrário, se a análise dos viajantes religiosos que estiveram em terras do império luso ou hispânico seria adequada para se aplicar aos domínios ingleses na América. Entendo que sim. Os viajantes aqui analisados, quase sempre, buscavam estabelecer relações entre os distintos nativos americanos e, mesmo usando de outras obras publicadas, apresentavam muitas das vezes, o que havia de uno e também de plural, entre os povos do Novo Mundo. As fronteiras, os domínios e as formas de governo dessas regiões eram importantes para os viajantes. Contudo, os povos americanos não eram apresentados de forma rigidamente diferente.

Por outro lado, grande parte desses viajantes percorreram extensas regiões que abrangiam mais de um ou até dois domínios imperiais. Algumas viagens começavam em Santa Catarina e terminavam na Nova Espanha. Portanto, minha análise recai mais sobre o homem americano em geral, do que nos povos que se encontravam sob as determinações geográficas estabelecidas pelos europeus, sobretudo em tempos de fronteiras tão fluídas. Essa afirmação acima está associada com a necessidade de justificar o quanto ficou rarefeita a minha análise para determinadas regiões que, aparentemente, eram importantes para as estruturas imperiais e, mesmo assim, a humanidade presente naqueles espaços não fora escrutinada pelos relatos de viagem.

O caso da área debaixo do domínio português é um bom exemplo. Os relatos sobre as particularidades do nativo americano, nessa região, são menos densos de informações. Primeiro, por conta da política imperial portuguesa de controle da entrada de navios e tripulações estrangeiras em seus domínios, isso dificulta o encontro de relatos pormenorizados sobre os povos aqui encontrados. Em segundo, não menos importante, grande parte dos viajantes que passaram pelas terras brasílicas seguiam em direção a outras partes da América e, portanto, é

perceptível que seus relatos ficavam mais interessantes a partir de outras áreas do Novo Mundo, embora nunca deixassem de comparar com o pouco que teriam visto nos domínios portugueses.

Por fim, devo advertir que o trabalho a seguir se encontra dividido em duas partes, o leitor poderá utilizá-las de forma separada, se assim preferir. O tema é o mesmo, ainda assim achei melhor subdividir em primeira e segunda partes, para desdobrar de forma mais didática os dois conjuntos de questões que almejo abordar. Na primeira parte encontram-se os capítulos que cuidam dos relatos de viagens, das causas das diferenças entre os povos americanos, dos tipos de viajantes e viagens analisados, da “fabricação” do homem americano, enfim. A segunda parte, composta por dois capítulos, faz uma análise sobre os debates em torno da ideia de raça e apresenta o vocabulário classificatório presente nos relatos de viagens, obras de referências e teóricos da diversidade humana dos séculos XVII e XVIII, buscando associar degeneração e raça, na promoção da classificação do homem do Novo Mundo.

O capítulo 1 buscou mapear as origens dos viajantes aqui abordados, suas filiações acadêmicas, suas carreiras e as formas como se estabeleceram na América. A ideia foi tentar apresentar uma tipologia das fontes e buscar um enquadramento para os viajantes e tipo de viagens que foram analisados ao longo do trabalho. Nesse momento, minhas escolhas ficam mais evidentes, já que procuro apontar os caminhos percorridos durante a pesquisa que me levaram a estruturar a tese e considerar um determinado grupo de teóricos e viajantes. Por fim, buscou-se avaliar o quanto a diversidade humana era confrontada nos textos dos viajantes e dos teóricos de gabinete.

No capítulo 2 analiso teóricos e viajantes que justificavam as diferenças humanas por conta do clima onde cada povo se estabelecia. Nesse momento, destaca-se a importância da obra de Buffon, ao mesmo tempo em que se procura demonstrar o quanto deve ser matizada a ideia da originalidade presente na obra do conde francês. Busquei discutir se realmente a terra americana era nociva às raças, até que ponto esses viajantes que acreditavam na hipótese climática abordavam a questão da degeneração e raça, ou se defendiam que o clima americano era propício para o povo daqui. Portanto, os relatos analisados nessa seção são aqueles que defendem que as diferenças humanas devem ser abordadas, exclusivamente pela ótica dos distintos climas existentes na terra. De fato, alguns podem até ressaltar, em alguns momentos, que a interferência cultural ajudava no compor dos corpos e mentes do homem da América, mas, ainda assim, a causa prima era a influência do clima onde aqueles povos se encontravam. Acreditavam que o

homem americano era de outra raça? De outra espécie? Qual teria sido o papel da degeneração no “nascimento” de novas raças?

Quanto ao capítulo 3, minha análise recaiu sobre os teóricos da diversidade humana que escreviam a partir da Europa e os viajantes que estiveram na América nos séculos XVII e XVIII e apontaram para outras formas de classificação da humanidade que se afastassem das causas climáticas. Portanto, partiu-se do estudo de teóricos e viajantes que focaram em questões religiosas, de impressões maternas passadas aos filhos, de líquidos internos para explicar a cor da pele e os caracteres físicos do homem americano e do africano e seus descendentes estabelecidos na América. Procurei introduzir a importância do século XVII para explicar a diversidade humana por uma perspectiva que se afastava do religioso, apesar da dificuldade de se manejar um linguajar que poderia abrir confrontos com os domínios da religião. Nesse capítulo, busquei analisar teóricos e viajantes que se afastaram da hipótese da influência do ambiente no esculpir dos corpos e mentes. Mas, destacando que, muitos deles, acreditavam na tese do clima como modificador dos corpos, sobretudo da coloração da pele, sem, no entanto, entenderem que esse era o fator determinante para a promoção da diversidade humana encontrada na América. Foram esses homens que, em terras do Novo Mundo, degeneraram o homem americano.

O capítulo 4 já se encontra na segunda parte do trabalho, a que se debruça sobre o vocabulário classificatório da época. Nesse momento, analisei a palavra raça em perspectivas historiográficas e também pela visão de outros cientistas sociais. Diria que busquei inventariar como os pesquisadores abordaram tal temática nas últimas décadas, preparando assim o cenário para o que se pretendia demonstrar, no último capítulo. Quando possível, cotejei a historiografia com fragmentos de fontes que abordavam a expressão raça e busquei defender que os séculos XVII e XVIII foram importantes para se definir os contornos do racismo com base na consideração dos caracteres físicos.

No capítulo 5, enfim, busca-se comparar aquilo apontado pela historiografia em geral com o que fora analisado nas fontes de época, não somente nos relatos de viajantes como em outros tipos de fontes dos séculos XVII e XVIII, como as enciclopédias e dicionários, além de outras obras de referências. Aqui, sempre que possível, procurei mapear a ideia ou as acepções de termos como espécie, raça, nação, tribos e variedades, apontando para a forma como os viajantes manejavam esse corpo linguístico e até que ponto essas palavras foram importantes para

demonstrar a inferioridade do homem americano, sobretudo quando se considerava o processo de degeneração daqueles povos. Um destaque especial recaiu sobre a expressão raça.

Primeira parte

VIAGENS, TEORIAS E A INVENÇÃO DO HOMEM AMERICANO

Capítulo 1
DOS DISCURSOS TEÓRICOS AOS RELATOS DE VIAGENS: A “CRIAÇÃO” DO
HOMEM AMERICANO

An inquisitive traveler should never be without paper, pen, and ink, in his pocket, because annotations made with lead pencils are easily obliterated, and thus he is often deprived of the benefit of his remarks.

Conde Leopold Berchtold, *Essay to direct and extend the inquiries of patriotic travelers*, 1789.

As viagens para as mais distintas e desconhecidas regiões, muito provavelmente, podem ser consideradas como uma dentre as mais antigas atividades colocadas em prática pela humanidade. Como fora salientado por Elizabeth Bohls, o homem sempre esteve disposto a deixar sua terra de origem, por variadas razões, desde a Antiguidade mais remota. Dessa forma, mesmo aqueles que viajavam somente por diversão ou pelo prazer de conhecer outras terras, se preocupavam em deixar registros de suas estadias, dos quais se pode citar as pichações encontradas nas pirâmides egípcias que datam de 1500 a.C. Portanto, Bohls nos chama a atenção para o curioso fato de que, desde muito cedo, as viagens se associaram de forma inseparável com a atividade da escrita.¹

De fato, a epígrafe que inicia esse texto, nos leva a entender como os pensadores de fins do século XVIII, percebiam como deveria se caracterizar um viajante, ou seja, aquele que deixava sua pátria em busca de novas terras, novos povos e novas riquezas. Esse indivíduo, então, deveria possuir papel e tinta, sendo inquisitivo a respeito de tudo aquilo que se observava e procurando, sempre, não traçar anotações que pudessem ser rasuradas ou deturpadas por futuros leitores. Mas essas indicações sobre como deveria agir uma pessoa para ser considerada viajante, no todo, não respondem às expectativas daqueles que desejam entender o que seria uma viagem e um viajante, especialmente nos séculos XVII e XVIII.

E, antes de enveredar pelos tipos de viagens e viajantes apresentados ao longo deste trabalho, faz-se necessário interrogar em um tema de grande importância: afinal de contas, o que pode ser caracterizado como teórico? Trata-se de um termo recorrente ao longo dessas páginas,

¹ BOHLS, Elizabeth A & DUNCAN, Ian (edit.), com introdução de Elizabeth Bohls. *Travel writing 1700-1830: an anthology*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 12-14 (Introdução).

que permite levantar muitas questões e diferentes interpretações. À luz do que se pretende observar dos escritos sobre o homem americano, nos séculos XVII e XVIII, busca-se, em fontes de época, uma explicação que auxilie na caracterização do entendimento daquilo que seria um teórico. Assim, na *Encyclopédie*, o verbete “teoria” destacava que esta correspondia à “doctrine qui se borne à la considération de son objet, sans aucune application à la pratique, soit que l'objet en soit susceptible ou non”. Ato contínuo, o texto ainda concluía que, “pour être savant dans un art, la *théorie* suffit; mais pour y être maître, il faut joindre la pratique à la *théorie*. Souvent les machines promettent d'heureux succès dans la *théorie*, & échouent dans la pratique”.²

Ou seja, quando me refiro aos teóricos da diversidade humana que apresentaram e escreveram hipóteses para justificar as diferenças presentes nos povos do Novo Mundo, estou abordando aqueles indivíduos que nunca estiveram na América pessoalmente e, mesmo assim, com as informações advindas de terceiros, resolveram estabelecer teorias que dessem conta de explicações que pudessem embasar o enquadramento do homem americano em alguma classificação da humanidade. Dessa forma, as obras dos teóricos eram importantes para os viajantes que partiam em direção aos mais distintos rincões do planeta, afinal de contas, continham, por assim dizer, as “regras” necessárias para bem observar a natureza e os povos das novas terras.

Por outro lado, tal como apontou o verbete da *Encyclopédie*, o detentor da teoria era, necessariamente, um sábio; mas, de todo modo, somente aqueles indivíduos que podiam colocar em prática e observar a validade das teorias, poderiam ser mestres em determinado assunto. Portanto, defendo a tese de que, transplantada essa linguagem para a realidade aqui estudada, o teórico era um sábio. Logo, o viajante poderia ser também um sábio e, só ele, porém, dispunha das condições para ser, igualmente, um mestre. Ou seja, foi das mãos do mestre, do viajante, daquele que confrontava as teorias com a realidade encontrada no Novo Mundo, que nasceu o homem americano.

E no que consistia a “fabricação” dessas teorias? Elas eram elaboradas em centros de pesquisas estabelecidos para estudar a natureza e a diversidade humana; mas, também, eram fundamentadas em âmbitos particulares, por homens que se propunham a observar determinado tipo de assunto. Quase sempre se percebe que os teóricos aqui abordados conseguiam tecer redes

² AUTOR DESCONHECIDO. *Théorie*. In: DIDEROT, M. & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 16, p. 253.

relacionais que os facultavam a possibilidade de exteriorizar seus pensamentos e adquirirem o respaldo de seus interlocutores. Não necessariamente um teórico era um homem que se embasava em explicações científicas para oferecer suas teses. Mas, como veremos abaixo, as relações sociais por eles travadas, sobretudo naquela sociedade do Antigo Regime, eram fundamentais para que suas obras fossem as escolhidas para permanecer na posteridade.

Ao longo da minha exposição, procuro, quase sempre, conceder papel coadjuvante aos teóricos, aqueles que analisavam o material recebido e expediam pareceres de dentro de seus gabinetes de estudo, pois, mais interessante, então, me parece ser a análise dos viajantes, uma vez que confrontavam as teorias de gabinete com a realidade encontrada. É a partir desses últimos, ao fim, que se observa, de fato, uma visão original dos inventários sobre o homem americano.

Entretanto, a despeito dessas considerações, é preciso partir de algumas teorias, cujos autores podem ser caracterizados como teóricos cientistas ou teóricos religiosos. Nem sempre há exclusão entre os dois campos de hipóteses e pela documentação aqui levantada e analisada não há como distinguir o século XVII do XVIII, quando se busca demonstrar que no século das “Luzes” se sobressaíram as teorias científicas. Quantitativamente, se atentarmos para o conjunto das fontes aqui escrutinadas, pode-se inferir que as teorias científicas para a explicação da diversidade humana na América, no século XVIII, eram, de fato, bem expressivas se comparadas com a centúria anterior. De todo modo, não menos importantes eram as hipóteses religiosas que também marcavam sua presença e, inclusive, rivalizavam, quase *pari passu*, com as explicações que se pretendiam embebidas pelo saber exclusivo da razão. Por isso, frente a tudo que aqui se analisa, chega-se à conclusão de que as teorias da diversidade humana existentes durante o Iluminismo eram tanto de teor científico quanto de natureza religiosa. Sendo um erro, portanto, alinhar a segunda metade do século XVIII com a preponderância de uma visão laica a respeito da humanidade presente na terra.

Por outro lado, é mister que se aponte, igualmente, a constatação segundo a qual, considerando as fontes aqui estudadas, a presença de teóricos cientistas se sobrepõe a dos teóricos religiosos ainda no século XVII. Nota-se, então, uma preponderância das teses que privilegiavam outros aspectos que não fossem os religiosos para explicar a diversidade humana da América. Portanto, chega-se a uma conclusão que, pelo menos a partir da segunda metade do século XVII, se observa, cada vez mais, a presença de hipóteses científicas que buscavam se afastar de explicações divinas para justificar a diversidade humana. De modo que essa prerrogativa não é

exclusiva do século XVIII. E esse fato, enfim, pode ser justificado pelo melhor conhecimento da América. O Novo Mundo, então, funcionou como desencadeador da *crise da consciência europeia*.³

Cinco teóricos cientistas são amplamente citados ao longo desse trabalho. O principal representante para o século XVII é Robert Boyle. Para a centúria seguinte, optou-se por utilizar os escritos de Lorde Kames, Cornelius de Pauw, William Robertson, Conde de Buffon e Petrus Camper. Quanto aos teóricos religiosos, Benito Feijoo e Samuel Smith, representantes do século das “Luzes”, são aqueles que ofereceram obras de maior envergadura no que diz respeito às hipóteses que explicavam a diversidade humana da América. Ambos acreditavam na unidade das raças humanas, embora não fossem adeptos de hipóteses bíblicas que apontavam os negros, por exemplo, como frutos de uma maldição.

À exceção de Samuel Smith, que dialogava com as teorias classificatórias propostas pelos europeus e era americano, de modo que já se encontrava, por assim dizer, no espaço das experimentações necessárias, todos os outros letrados acima referidos dependeram das investidas feitas pelos viajantes nas terras longínquas do Novo Mundo para dar vazão às suas teorias. Mas a escolha deles, como representantes do pequeno grupo de indivíduos que abordaram a humanidade americana e africana em geral, se deu a partir da análise de viajantes e homens que, escrevendo a partir das terras do continente recém-descoberto, em suas andanças pela América, tendiam a aceitar ou refutar as teorias que esses autores propunham, à época, para explicarem a origem e a razão do homem americano possuir características físicas diferentes. Mas, afinal, quem eram esses teóricos?

1.1 Gabinetes de estudo: os nascedouros das teorias

A hipótese da existência de diferentes raças humanas era aspecto importante na obra de Henry Homes, que nasceu em Kames, no ano de 1696. Não era de família muito rica e, portanto, teve dificuldades para frequentar a universidade. Por volta de 1712 mudou-se para Edimburgo para treinar como advogado, concentrando, assim, esforços para alcançar um lugar na academia.

³ Cf. HAZARD, Paul. *A crise da consciência europeia (1680-1715)*. Lisboa: Edições Kosmos, 1971. No texto, usei a expressão, cara ao autor Paul Hazard, para justificar minha hipótese de que a América e a sua humanidade distinta tiveram papel fundamental para modificar como os letrados europeus pensavam. E isso funcionou como uma espécie de força para o movimento de transformação na ciência do século XVII.

Como resultado, em 1723 fora admitido na Faculdade de Direito, muito embora sua carreira tenha sido construída de forma lenta e gradual. Contudo, a despeito dessas vicissitudes, soube se aproximar de pessoas que ocupavam cargos importantes, de modo que, em 1738, alcançou o posto de defensor adjunto e, em 1752, foi nomeado para o Tribunal de Sessão, a mais alta Corte civil da Escócia.

As terras herdadas de seu pai, em 1741, acabaram fazendo com que recebesse o título de Lorde. Em 1766, já era um homem rico, especialmente, por conta das terras de sua esposa que foram parar em suas mãos. Nesse período, ele já fazia parte do Tribunal Penal Supremo da Escócia. Permaneceu na atividade jurídica até sua morte, em 1782. Os historiadores o classificam como um dos representantes do Iluminismo escocês. Decerto, participou de diferentes academias literárias e filosóficas de Edimburgo, pois ficou conhecido por escrever diferentes obras na área jurídica, da filosofia, da crítica e da educação. Trabalhou, arduamente, para modernizar e melhorar a produção agrícola e industrial escocesa.

Para o presente trabalho, a obra que mais interessa de Lorde Kames é *Sketches of history of man*, publicada em 1774. O autor sempre destacou ter trabalhado por 30 anos na confecção desse livro, sendo considerado, por muitos, o ponto mais alto e importante de sua carreira literária, no qual ele discute e aponta sua posição, de forma explícita, sobre a história dos costumes humanos, a moral e as instituições. Apesar do grande investimento depreendido pelo autor, diz-se que gastou cerca de 1000 libras esterlinas para que seus editores publicassem o texto e, por isso, talvez, não se pode dizer que a obra foi bem recebida pela crítica, sobretudo por aqueles dos quais Kames esperava o reconhecimento. O ceticismo de muitos homens, como Boswell e James Beattie, em relação ao que o último declarou como obra com duas ou três teorias apontadas como extravagantes, demonstrava, assim, as limitações da aceitação de referido escrito por seus pares.

Mas o que chama minha atenção em Lorde Kames é o fato de que a gestação de sua obra se deu mesmo sem ele sequer ter pisado na América, afinal ele recebia todas as informações referentes ao Novo Mundo, a partir de viajantes e homens da administração colonial. Sendo, portanto, mais um filósofo de gabinete e, talvez, nem chegasse, tecnicamente, a ser um filósofo, pois tratava-se, em realidade, de jurista que abordava diferentes assuntos concernentes ao gênero humano. Porém, a importância da obra de Kames se alia à percepção de que seu texto foi publicado, pela primeira vez, em 1774, portanto, um ano antes da primeira edição da obra de

Bernard Romans que, vindo à América como soldado do rei inglês, acabou se tornando um naturalista na prática e sustentava uma hipótese cara sobre a diversidade humana, pois agrupava africanos e indígenas como raças distintas da europeia. Apontando assim, que os descendentes dos africanos nascidos na América não poderiam ser considerados como americanos, posição que será mais esmiuçada adiante.

Kames, em 1774, dizia que a origem do homem americano poderia ser explicada por conta de um segundo evento edênico, mas ante esse emaranhado e complexo quadro referencial desses homens para refletir sobre a humanidade – homens de difícil enquadramento – fico me perguntando se a ciência do período não era a religião. Dito de outra forma, se esses homens, nos séculos XVII e XVIII, atravessavam o oceano ou então só recebiam as informações para tecer suas teorias, as quais buscavam explicar a humanidade encontrada, não estavam, ao fim, num vai e vem de tentativas, ora para destronar ideias religiosas, ora para comprová-las? Se assim é, ciência e religião coexistiam numa relação de mútua dependência de modo que uma explicação científica não eliminava, necessariamente, uma base religiosa.

Mas, ao utilizar tal hipótese para explicar a existência da raça americana, Kames concluía que os descendentes de Adão eram os homens brancos e, sobretudo, europeus. Para o autor, não existia unicidade da espécie humana, assim como não existia com os animais, descartando então, a interferência do clima nas modificações corporais, internas ou externas, que conferiam diferenças aos seres humanos. Romans também destacava a pouca importância do ambiente, contudo, era contundente em ressaltar a existência de distintas raças humanas, tendo como base as diferenças físicas e o aspecto comportamental.

O mais interessante é que o viajante já havia chegado à América no período da guerra dos Sete Anos, mas, embora tenha se mantido atento às trocas intelectuais que então se faziam entre Europa e Novo Mundo, fica difícil afirmar se Romans leu a obra de Lorde Kames, até por conta da proximidade entre a publicação dos textos de ambos. Contudo, é perceptível que o holandês, por seu turno, atilado em tecer laços sociais a favor da sua ascensão social na América, também conseguiu, através da sua prática de observação dos povos e seus costumes, estabelecer uma matriz classificatória que alocasse grupos humanos em patamares distintos, não somente em relação aos caracteres físicos como no tocante ao entendimento vigente de desenvolvimento civilizacional. Portanto, reitero a ideia de que a empreitada colonial, de fato, foi importante para o desenrolar das matrizes classificatórias baseadas nas distintas raças humanas, pois as hipóteses

tecidas por Lorde Kames partiam da sua argúcia em analisar as remessas de informações obtidas através de confiáveis emissários que falavam a partir da América.

Diferente de Kames, o médico cirurgião Claude-Nicolas Le Cat não defendia a tese de um segundo evento edênico, mas acreditava na ideia de que o ambiente externo ao qual as progenitoras pertenciam era responsável pelos caracteres físicos das crianças, sobretudo no caso do albinismo. Le Cat nasceu em 1700, cresceu numa família voltada ao meio médico e, em particular, à área cirúrgica. Seu pai era um cirurgião que tinha sido aluno de Mareschal, médico chefe do monarca francês. Até a mãe de Le Cat era filha de um médico cirurgião. Mas, seja como for, importa assinalar que o teórico aqui descrito concluiu seus estudos na área de humanidades e parecia ter vocação para a carreira religiosa, muito embora o interesse pela geometria e pelas ciências fez com que, seguindo os passos familiares, iniciasse seus estudos na medicina.

Le Cat ampliou métodos inéditos e rápidos para o desenvolvimento de cirurgias que, logo, fizeram dele um homem conhecido. Diversos alunos o procuravam, todos os dias, após as refeições, para receber aulas sobre o assunto. O destaque que Le Cat foi tendo naquela sociedade também fez com que ele angariasse alguns desafetos, sobretudo daqueles que usavam métodos mais arcaicos nos procedimentos cirúrgicos. Contudo, ele não desistiu de colocar suas descobertas em prática e, por conta disso, o Parlamento resolveu recompensá-lo com uma pensão e também lhe nomear como demonstrador real da escola de cirurgia de Rouen, em 1752. A obra de Le Cat que nos interessa nesse texto é aquela na qual ele aborda as razões para as diferentes cores de pele da humanidade, considerando a dos negros africanos como um caso particular. O autor defendia a hipótese da impressão materna como responsável pelas características físicas dos filhos.

Mas, se esse médico cirurgião acreditava na ligação entre o olhar materno e os caracteres físicos da criança que ela colocava no mundo, Benito Jerónimo Feijoo, por sua vez, não acreditava em tal hipótese. Considerado como o mais importante filósofo espanhol do século XVIII, Feijoo nasceu em 1676 em Casdemiro e, em 1690, já havia feito provisão de fé e tomado hábito beneditino no monastério de São Julião. Seus estudos foram realizados nos colégios de Lerez e no monastério de São Vicente de Salamanca. Seus biógrafos costumam caracterizá-lo como um dos mais expressivos representantes do racionalismo ilustrado espanhol, talvez o mais destacado de todos. Sua obra que ficou rapidamente conhecida na Espanha e na América é a *Teatro critico universal*, publicada entre 1726 e 1740, em nove volumes.

Feijoo pertencia a uma família nobre e, durante seus estudos, manteve correspondência com indivíduos de suma importância da cultura europeia e hispânica de seu tempo. Como Le Cat, não esteve na América, era um filósofo de gabinete ou um filósofo religioso, que escreveu obras em virtude da sua insaciável curiosidade enciclopédica. Ao escrever sobre a América, o beneditino negava as hipóteses de que o homem americano tinha sua origem em eventos bíblicos, como, por exemplo, a maldição de Noé sobre sua prole. Contudo, ao longo dos capítulos em que se detém sobre os nativos do Novo Mundo, o filósofo acaba não se posicionando de forma contundente quanto à diversidade humana. Suas teses são mais no sentido de rechaçar aqueles homens que defendiam a existência de diferentes raças humanas ou, ao extremo, a possibilidade de que teria ocorrido diferentes eventos edênicos.

Tratava-se de um teórico que buscava explicar questões religiosas de uma forma mais racional, sem, entretanto, ferir os pressupostos da Igreja que ele seguia. Para muitos, seu espírito crítico foi um dos responsáveis pela introdução do pensamento Ilustrado na Espanha. De fato, suas hipóteses sobre a América e a diversidade humana abriram portas para que ele fosse a campo observar aquilo do qual ele havia falado e escrito. Afinal de contas, Felipe V lhe ofereceu um bispado nas terras d'além mar, convite que o filósofo recusou. No dizer de muitos dos seus biógrafos, Feijoo não era uma mente brilhante. Porém, sua obra serviu para aquecer o debate em torno da existência de diferentes raças humanas, negando, contudo, que as impressões do mundo ao entorno da progenitora fossem as responsáveis pelas características físicas da criança.

Feijoo era um filósofo de gabinete e soube tirar proveito das suas relações com a alta nobreza espanhola para que sua obra fosse publicada, especialmente a família Goyneche. O volume V de sua obra aqui retratada já havia sido dedicado a esse ramo hispânico nobre, mas, no VII volume, aquele que nos interesse mais de perto por conta das observações de Feijoo sobre a cor dos etíopes, ele volta a ressaltar a importância dessa nobre família para o desenvolvimento de sua obra, destacando na dedicatória que a mesma era direcionada ao Senhor Doutor Francisco Javier Goyneche, cavaleiro da Ordem de Santiago, Decano do Real Conselho das Índias, Marquês de Blezunce e Senhor das vilas de Olmeda, do Nuevo Bastán, de Illana, de Saceda etc.⁴

⁴ FEIJOO Y MONTENEGRO, Benito Jerónimo. *Teatro crítico universal*. Tome VII. 1726. Ao dedicar o livro, o beneditino afirmava: “Dediqué el V Tomo de mi Teatro al gran padre de V.S. el D. Juan de Goyneche; y en la Dedicatoria, por cumplir con el estilo, que ya hizo preciso en este género de escritos el elogio, definí, según mi cortedad, aquella alma incomparable, aquel espíritu, en quien se apuró lo sublime, aquel ánimo de todos modos excelso. Aquí entra mi presente embarazo. Definido el padre. ¿Qué he de decir de su hijo? En la pintura de las almas, como en la de los cuerpos, si no hay discrepancia alguna en los originales, preciso es usar los mismos colores, y tirar

A obra de Feijoo, o volume VII na verdade, ainda vem com a aprovação de dois abades e mais um professor de Teologia da Companhia de Jesus. Com tantas relações que ele fizera, até por conta da nobreza de sua família e, sobretudo, por se aproximar de casas nobres ligadas à Monarquia, não era de se estranhar a indicação do religioso para ocupar um bispado no Novo Mundo. Mesmo porque, para quem despendeu grande tempo para abordar a origem e os traços do nativo americano com desenvoltura significativa, apesar de nunca ter estado na América, um possível contato com a região, de algum modo, poderia render obras mais contundentes que serviriam ao monarca espanhol para o real conhecimento de seus domínios além mar. Àquele momento as reformas implementadas pela nova dinastia começavam a entrar em prática. Mas Feijoo preferiu o aconchego de sua terra às aventuras pelo continente americano.

Na segunda metade do século XVIII, o físico holandês Petrus Camper, diferente de François Bernier, viajante que pretendia dividir a humanidade pela cor da pele no século XVII, afirmava que se a cor original dos primeiros homens era branca ou preta, pouco importava; afinal, o que valia para destacar as diferenças era a observação anatômica dos corpos, a configuração do crânio e da face, principalmente. Nascido em 1722, em Leiden, era filho de um rico pregador, tendo, portanto, uma infância tranquila que lhe possibilitou pensar em ser arquiteto, desenhista, matemático e até *designer* de móveis. Seus estudos na Universidade de Leiden, decerto, lhe aprouveram com amplos conhecimentos na área das ciências. Sem contar suas viagens pela França e Inglaterra, por volta de 1748-49.

A pesquisadora Miriam Claude Meijer enfatiza que, após essa viagem científica a diferentes partes da Europa, Camper assumiu o cargo de professor na Universidade de Franeker, em 1749. A partir de 1756, ele ensinou em Amsterdã e, em 1763, mudou-se para Groningen, tornando-se um professor de anatomia, medicina teórica, cirurgia e botânica. Suas aulas e palestras se tornaram famosas, especialmente pelo emprego de desenhos que ele utilizava para demonstrar seus conhecimentos, muitos deles feitos a próprio punho. Nunca esteve na América ou em qualquer parte do mundo que não fosse a Europa, mas declarava possuir conhecimento suficiente a respeito dos povos dessas regiões, sendo, portanto, um filósofo de gabinete que colecionava achados vindos de distintas partes do mundo para observá-los e exteriorizar suas hipóteses. O que mais lhe aprazia eram os crânios trazidos de diferentes povos ao redor do

mundo.⁵

Martin Kemp, do Departamento de História da Arte de Oxford, destaca que o trabalho de Camper contrastava com o de Buffon em vários aspectos, em particular no tocante ao poder do clima como responsável pelas diferenças físicas. Mas também em outros detalhes. Um exemplo é o formato do nariz do homem africano: para Buffon isso se dava por conta da forma como as mães negras carregavam sua prole, desde muito cedo, pressionada contra as costas, fazendo com que o atrito entre as narinas da criança e as costas da mãe causasse o achatamento característico dos narizes de pessoas da raça etíope. Para Camper, o argumento era de que o ângulo facial havia diminuído nos africanos, forçando o nariz a se achatar, anatomicamente, e não por conta de um fator externo.⁶

Hans Bots e Rob Visser, em 2002, editaram as cartas trocadas entre Petrus Camper e seu filho, que morava em Paris, Adriaan Gilles Camper; a leitura dessas cartas nos permite observar as tentativas que Camper fez, através de seu filho, de estreitar laços com o Conde de Buffon, sobretudo buscando apresentar seus trabalhos para o filósofo natural francês. Adriaan Camper sempre buscou fazer com que Buffon publicasse as descobertas que seu pai havia feito ao dissecar macacos e baleias. Claro que Buffon, àquela altura, velho e fraco, recebeu os manuscritos de Camper e demonstrou possível interesse pela obra. Contudo, não se empenhou o suficiente, vindo o trabalho a ser publicado, somente 30 anos mais tarde. Decerto, ou Buffon estava realmente cansado ou o mundo dos *philosophes* já estava cheio demais para inserir mais um na órbita das hipóteses. Afinal, Camper contestava muitas das ideias do Conde naturalista francês.

Outro observador e analisador da diversidade humana na América, nascido no Novo Mundo no mesmo ano que Saint-Mery – o viajante que percorreu grande parte do continente recém-descoberto – em 1750, e falecido em 1819, foi Samuel Stanhope Smith. Ele era filho de uma família letrada e envolvida com o púlpito, da qual podemos destacar seu pai Robert Smith e seus tios os reverendos Samuel e John Blair, o último um dos teólogos mais notáveis de sua época. Samuel Smith nasceu na Pensilvânia e se formou na Universidade de Princeton, em 1769, sendo que, mais tarde, seria o reitor da Escola de Princeton. Aos poucos, tornou-se um pregador

⁵ MEIJER, Miriam Claude. Camper, Petrus. “On the origin and color of blacks”. *De Rhapsodist* 2 (1772): 373-394. “Petrus Camper on the origin and color of blacks”. *History of Anthropology Newsletter* 24 (December 1997): 3-9. Translated from the Dutch into English by Miriam Claude Meijer.

⁶ KEMP, Martin. Slanted evidence. *Nature*, n. 402, 1999, p. 727.

eloquente na região da Virgínia, o que lhe rendeu o posto de Professor de Filosofia Moral na Universidade de Princeton.⁷

Ao analisar a diversidade humana, Smith tentou conciliar unicidade humana e persistência da cor de pele preta na América, buscou dividir o mesmo espaço entre raça e igualdade e, por fim, tentou conciliar Deus e ciência, considerando o ambiente como degenerado e por isso influenciando nos corpos. Entretanto, ele começou a aceitar a cor diferente da pele como algo normal na natureza, entendendo que existiam “negros” e negros; assim, se por um lado existiam aquelas nações maléficas da África, inclinados ao vício e coisas ruins, existiam valorosos negros como aqueles que se mostraram na luta haitiana contra a tirania metropolitana. Pela perspectiva desse teórico, o clima americano teria humanizado os povos oriundos do continente africano. Ou seja, para ele, os descendentes dos africanos nascidos na América eram americanos, em posição distinta a do viajante Bernard Romans, seu contemporâneo, como veremos a seguir.

William H. Hudnut faz uma leitura quase romanceada da obra de Samuel Smith e destaca que a presença do autor no Colégio de Princeton foi de suma importância para modificações na forma de pensar dos mestres e dos alunos, ele sempre conciliava religião e ciência. De fato, Smith acreditava que todos deveriam ter acesso às artes e às ciências, deduzindo que se formaria cidadãos responsáveis através da educação. Por essa perspectiva, ao sabor do Iluminismo escocês, o religioso defendia que as diferenças culturais é que imprimiam maiores distinções aos povos. Hudnut destaca que “these views had important implications for the college curriculum. Ministers could not be thoroughly equipped for their work of defending the Gospel if they kept in ignorance of the physical sciences, or of the arguments between science and religion”.⁸

O desenvolvimento de ideias vistas como mais progressistas, à época, para formação dos ministros religiosos, decerto, não agradou a todos. Seria esse o ponto de discórdia que levaria Smith a travar verdadeiras batalhas com os defensores de um ensino mais ortodoxo. Chegou a ocorrer uma espécie de rebelião na Escola de Princeton contra a posição de Smith, que buscava formar indivíduos que desenvolvessem uma relação mais humana com a religião, expressando

⁷ BOW, Charles Bradford. Samuel Stanhope Smith and common sense Philosophy. *Princeton Journal of Scottish Philosophy*, v. 8, Issue 2, p. 189-209, sep. 2010, p. 191. O autor destaca que: “evidence suggests he (Smith) displayed an intellectual curiosity that often did not conform to Presbyterian and philosophic traditions. His intellectual pursuits in the subjects of morality, theology, mathematics, history, poetry, jurisprudence, metaphysics, political economy, *Belles Lettres* and natural sciences demonstrated his versatility across disciplines, not unlike his Scottish polymath contemporaries. Fredric Beasley remarked that even at a young age ‘Smith made the best of his opportunities, and was distinguished for his improvement in every branch to which he directed his attention’”.

⁸ HUFNUT, William H. Enlightened Conservative. *Journal of the History of ideas*, v. 17, n. 4, 1956, p. 541.

seu desejo de que a piedade fizesse parte da vida desses ministros. Ao fim, entendia que a perseguição aos católicos em nada resultava, senão numa querela desnecessária que acrescentava absolutamente nada ao povo cristão. O teórico americano, dessa forma, buscava colocar em prática uma reformulação na religião dentro dos quadros das ideias iluministas que se desenvolviam em diferentes margens do Atlântico.

Viu-se barrado frente a um ministério religioso mais ortodoxo. Muito embora, não se possa exagerar indevidamente sobre o peso do pensamento eventualmente progressista de Smith, era um homem conservador de fato. Isso fica evidente, sobretudo, na sua posição em relação à diversidade humana e a caracterização do homem americano. A obra mais importante do autor é exatamente aquela em que ele aborda as causas dos distintos caracteres físicos humanos. Nesse texto, sua crítica mais contundente vai para os escritos de Lorde Kames, que defendera a possibilidade de ter havido momentos criacionais distintos. Smith destacou, por toda a vida, a lógica de um único evento criacional do qual as diferenças físicas aparentes em distintos povos, nada mais eram do que a manifestação da graça divina.

Com essa defesa, Smith se aproximava de filósofos da natureza como Buffon, assim como ficava ao lado das hipóteses levantadas por homens do Iluminismo escocês, uma vez que as diferenças humanas, para o pregador, poderiam ser relacionadas com três causas mais evidentes: o ambiente, a cultura ou o Estado / modo de vida em que as sociedades se encontravam / viviam, como as modificações feitas nos corpos pelos distintos povos. Ele defendia a interação entre religião e ciência. Mas foi acusado de subordinar a primeira aos domínios da segunda. As lutas travadas entre Smith e os curadores do Colégio onde ele ensinava, ao fim, se encerraram com a saída quase que forçada do teórico religioso. Contudo, suas ideias já estavam, de alguma forma, enraizadas a ponto de ter sido seu nome e suas obras que chegaram até os dias atuais, caindo no esquecimento aquilo que fora defendido por seus algozes.

1.2 Viagens e viajantes na Idade Moderna: um difícil enquadramento

Se a chegada dos europeus à América fez com que as atividades relacionadas às viagens ao Novo Mundo se tornassem uma constante ao longo dos séculos seguintes, nem sempre o indivíduo deixava sua terra com tinta e caneta, em busca desses horizontes. Entretanto, ao chegar em novas paragens, se antes não havia em sua mente o ideal de escrever sobre os povos e as

distintas culturas, pode ser que tal posicionamento mudasse e ele se tornasse um dos mais lidos e respeitados relatores de viagem. Portanto, entendo que o simples fato de deixar sua pátria em busca de novas terras, nem sempre, pelos parâmetros da Idade Moderna, fazia do indivíduo um viajante, no sentido de ser um relator exclusivo do que via e experimentava.

Paul Fussell destaca que uma viagem deve ser caracterizada pelo movimento a um diferente lugar, que deveria ser marcado pelo prazer pessoal e, portanto, descartando qualquer intenção utilitária dessa ação. Por essa via, os homens que estiveram nas Américas entre os séculos XVII e XVIII, em busca de informações e/ou à serviço de alguma instituição privada ou do Estado, não poderiam ser enquadrados no que Fussell entende como viagem. A afirmação do autor me parece um tanto equivocada se considerarmos que muitas das obras publicadas por homens que estiveram no Novo Mundo em funções somente utilitárias, contenham em suas nomeações a presença da palavra *viagem*.⁹ Por outro lado, comungo da ideia de Elizabeth Bohls para a qual o fato de estarem em distintas regiões em missão pré-estabelecida, não impedia os indivíduos de agirem como simples observadores, gozando de deleites pessoais.¹⁰

O historiador Ronald Raminelli, especialista no estudo de viagens realizadas na América portuguesa, reconhece que definir aquilo que poderia ser considerado como viagem e viajante no período colonial é uma tarefa complicada. Por isso, aponta um caminho distinto de Paul Fussell, ao destacar que “a viagem, em princípio, era exploração e deslocamento espacial narrados de maneira cronológica”, vendo então que se tratava, quase sempre, de uma atividade com um fim útil. Dito de outra forma, pela lógica ressaltada por Raminelli, os viajantes nem sempre se moviam por interesses particulares e, portanto, deveriam cumprir algumas metas.¹¹

Quanto ao historiador James Clifford, sua perspectiva é a de que podemos considerar como viajante somente aqueles que possuíam a possibilidade de se movimentar nos espaços desejados, sem restrições. Por esse viés, homens como militares, escravos e migrantes não poderiam ser enquadrados como viajantes e, portanto, seus deslocamentos não deveriam ser apresentados como viagens.¹² Tais descrições apontadas por Clifford, de antemão, não podem ser

⁹ FUSSELL, Paul (edit.). *The Norton book of travel*. New York: Norton, WW, 1987, p. 20-22.

¹⁰ BOHLS, Elizabeth A & DUNCAN, Ian (edit), com introdução de Elizabeth Bohls. *Travel writing 1700-1830: an anthology*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 12-14 (Introdução).

¹¹ RAMINELLI, Ronald. Viagens e História Natural dos séculos XVII e XVIII. In: PEREIRA, Paulo Roberto (org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia de fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: FBN / Editora Nova Fronteira, 2001, p. 48.

¹² CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997, p. 31-34.

consideradas ao abordarmos o período moderno, afinal, como aponta Ronald Raminelli, “os viajantes guiavam-se por políticas estatais e científicas, além de receberem financiamento e, por vezes, instruções de viagem”, especialmente no século das “Luzes”.

De fato, em fins do século XVII e nos cem anos seguintes, houve grande mudança na percepção do que seria uma viagem e, na esteira disso, do que passaram a entender como viajantes, pois, embora os relatos sobre o Novo Mundo e suas particularidades começassem a ficar consideravelmente bem conhecidos, desde os primeiros momentos de reconhecimento das terras encontradas ao longo do continente americano, grande parte das incursões estrangeiras nas possessões coloniais se associavam ao desenvolvimento dos interesses mercantis dos Centros de poder imperiais, buscando a expansão de seus domínios e o reconhecimento das posses declaradas, no simultâneo sentido de explorar as riquezas e englobá-las na política fundamental de jugo e centralização das partes componentes das posses d’além mar.

Pilar Ponce, partindo da análise da América espanhola, destaca que, no século XVIII, as expedições para o continente podem ser consideradas como exemplos únicos das rupturas empreendidas pela Espanha, no século das “Luzes”, na forma de como fazer ciência, com o abandono total das pesquisas feitas em gabinetes, dando início à experimentação mais sofisticada. Para a autora, as *Relações*, desde o século XVI, funcionavam como mananciais de informações, com questionários bem preparados, que eram trazidos ao Novo Mundo para que, não só os viajantes, mas todos aqueles que desfrutavam de viagens para as novas terras, pudessem registrar suas impressões a respeito da natureza, do clima e dos povos americanos. Contudo, somente no século XVIII, com uma intencionalidade científica mais explicitada, foi que as expedições retomaram a lógica dos questionários antes preparados, uma vez que, no século XVII, muitas informações foram levantadas de forma imprecisa em virtude da falta de seguimento dos trabalhos das *Relações*.¹³

Para o historiador Jorge Cañizares-Esguerra, tais questionários utilizados pelos viajantes também eram passados para muitos homens nascidos na América que buscavam, no século XVII, responder, dentro dos contornos que, à época, eram entendidos como científicos, às proposições colocadas nas remessas de informações de que homem e natureza americanos eram degenerados. Sendo assim, ao pesquisar sobre o desenvolvimento das ciências na América colonial do século

¹³ PONCE, Pilar. Burocracia colonial y territorio americano: las relaciones de Indias. In: LAFUENTE, Antonio Lafuente; CATALÁ, J. Sala (orgs.). *Ciencia colonial en America*. Madrid: Sociedad Quinto Centenario / Alianza Editorial, 1992, p. 31.

XVII, Cañizares-Esguerra alerta para o fato que, de um modo geral, os clérigos locais escreviam com outros propósitos além do desenvolvimento do comércio, procurando estabelecer genealogias patrióticas e tentando demonstrar que eram membros da monarquia compósita espanhola. Assim, o clero se voltou para a paisagem circundante para garantir providenciais narrativas.¹⁴

Dessa maneira, o historiador reitera que, até o século XVIII, as elites Crioulas desses reinos coloniais desfrutavam de considerável autonomia e, portanto, desenvolviam uma forte identidade local com as narrativas patrióticas. Deste modo, era natural que para cada versão imperial da ciência que chegava à América, uma versão colonial em defesa do Novo Mundo, seu clima e seus povos emergisse. Assim, para o historiador, considerando os europeus eruditos que desenvolveram uma visão amplamente negativa do feito que as estrelas do hemisfério sul tinham sobre a fauna, flora e povos; Cañizares-Esguerra entende que os intelectuais da América espanhola discordaram, destacando não somente o tamanho e o número das estrelas e constelações recém-descobertas como desenvolvendo leituras astrológicas patrióticas e alternativas para o que se falava na Europa.¹⁵

Pilar Ponce, apesar de ressaltar a descontinuidade entre as *Relações* e seus questionários informativos, entre o século XVII e XVIII, destacando a forma marginal como os homens do século XVII lidaram com essa prática, também se alinha à ideia de que o fio condutor entre o século das descobertas e o setecentos foram as obras apresentadas pela Companhia de Jesus. Portanto, essa ordem religiosa teria assumido o cargo de cosmografia das Índias, desde 1625 até a saída desses religiosos dos domínios imperiais, na segunda metade do século XVIII. Logo, as expedições organizadas pela Companhia, especialmente aquelas que se referiam aos territórios de fronteiras, a despeito de seu caráter prioritariamente missionário, foram, para Pilar Ponce, eventualmente, encabeçadas por jesuítas com um alto nível de formação científica, que foram capazes de reconhecer e, posteriormente, oferecer sistematizado volume de dados das mais

¹⁴ CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. Iberian colonial science. *Chicago Journals, The History of Science Society*. Chicago: The University of Chicago Press, v. 96, n. 1, 2005, p. 66.

¹⁵ CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. Iberian colonial science. *Chicago Journals, The History of Science Society*. Chicago: The University of Chicago Press, v. 96, n. 1, 2005, p. 69.

variadas espécies, sendo suas incursões no campo da cartografia, por exemplo, amplamente reconhecidas e utilizadas.¹⁶

Para Ronald Raminelli, a adoção da classificação de Lineu para se colocar em prática as descrições da natureza perderam o caráter espetacular, sendo, portanto, mais aceitos os inventários produzidos pelas viagens, perpassados por um “evidente processo de secularização”. Contudo, tais inventários, mesmo no século XVIII, demonstram claramente diferenças entre aquilo que os teóricos evidenciavam como necessário de ser processado e, efetivamente, aquilo que os viajantes, sobretudo os naturalistas, encontravam em suas andanças pelo Novo Mundo. Afinal, muitas das perguntas eram respondidas por homens nascidos na América que, funcionando como suporte para as viagens, também exprimiam suas percepções a respeito da terra e dos povos que os circundavam.

De todo modo, ainda que não de forma definitiva, Ronald Raminelli, a partir da América portuguesa, elenca três tipos de viagens e, por consequência, seus viajantes: as de cunho exploratório, que se destinavam ao reconhecimento do território desconhecido; as viagens administrativas, planejadas e, de alguma forma, financiadas pelos governos imperiais; e as de teor científico, muito embora, para o caso português e seus domínios, tenham sido praticadas, basicamente, a partir das mudanças de perspectiva desenvolvimentista no século das “Luzes”.¹⁷

Com base nas obras analisadas ao longo desta pesquisa, entende-se que viagens são os deslocamentos feitos em direção ao Novo Mundo e a outras partes do planeta, mesmo que a intenção inicial não fosse observar e catalogar as riquezas naturais, minerais e a humanidade presentes nas terras desconhecidas. Dito de outro forma, além de registros que chegaram até nós por força de constrangimentos sociais que lhes permitiram certa seleção e salvaguarda em arquivos – dos quais as empresas editoriais, tiveram, por certo, um peso que mereceria toda uma outra tese – viagens eram tanto as missões direcionadas às quatro partes do mundo conhecido para inventariar terras e gentes, fossem fomentadas por governos ou atitudes de particulares, quanto um gesto que, enquanto relatos, encontravam sua razão de ser no momento em que essas pessoas aportavam em lugares novos, do qual a América foi exemplar. Muitos dos autores

¹⁶ PONCE, Pilar. Burocracia colonial y território americano: las Relaciones de Indias. In: LAFUENTE, Antonio; CATALÁ, J. Sala (orgs.). *Ciencia colonial en America*. Madrid: Sociedad Quinto Centenario / Alianza Editorial, 1992, p. 40.

¹⁷ RAMINELLI, Ronald. Viagens e História Natural dos séculos XVII e XVIII. In: PEREIRA, Paulo Roberto (org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia de fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: FBN / Editora Nova Fronteira, 2001, p. 49-54.

elencados nesse texto deixaram a Europa para cumprir uma determinação militar, ou seja, uma viagem a serviço de alguma casa reinante e, mesmo assim, o indivíduo deixou relatos dignos de serem considerados como de um homem em missão científica pela América.

A escolha dos viajantes que aparecem ao longo dos capítulos foi feita, quase sempre, através de citações que um viajante fazia do outro. As notas de fim de página de cada relato funcionaram como manancial para que se estabelecesse as relações entre os viajantes e, dessa forma, fosse possível chegar a novos relatos. As obras dos teóricos, de certa forma, também foram fundamentais para se chegar aos relatos de viagem aqui reunidos. Afinal de contas, os autores das teorias deixavam entrever a origem das informações que ajudara na tessitura de suas hipóteses. Algumas expedições, como aquelas comandadas por La Pérouse e Malaspina, como veremos a seguir, possibilitam um maior acervo de relatos, pois cada tripulante presente na empreitada buscava confeccionar seu próprio diário de bordo, deixando informações ricas em detalhes e, ao mesmo tempo, demonstrando o quanto os viajantes de uma mesma expedição poderiam ter visões díspares a respeito de um mesmo grupo nativo observado.

A leitura de vasta historiografia a respeito de viajantes também foi responsável por facilitar o acesso a novos relatos. Procurei organizar os relatos de acordo com os seguintes critérios: aqueles que defendiam a interferência do clima, do ambiente, dos céus, como promotores da diversidade humana e os que defendiam que o clima não possuía nenhum papel relevante no processo de transformação dos corpos dos americanos. A partir desses dois grandes grupos, buscou-se escrutinar o que cada relato apresentava como causa prima das diferenças físicas encontradas nos ameríndios e nos negros que viviam no Novo Mundo.

Ao fim, optou-se por dividir os viajantes em quatro grandes grupos que não levou em conta a profissão ou ocupação dos autores dos relatos, mas somente a razão que os fizeram se deslocar de sua região inicial em direção a outra. Não foi considerado, portanto, se houve um retorno ao ponto de origem. Afinal, o mais interessante para o tipo de trabalho aqui apresentado era considerar o produto final, ou seja, o relato deixado por esses viajantes sobre o homem americano.

Quatro categorias de viagens ou viajantes podem ser observadas ao longo desta tese que, em função de seus eventuais embricamentos, só serão aqui estabelecidas de forma, por assim dizer, didático-organizacional dos escritos, de modo, inclusive, a apresentar os pontos de contato e o livre trânsito ainda forte entre um tipo e outro de pensamento, religioso e científico, externado

nos textos. Dito isso, temos as *viagens ou viajantes religiosos* nos quais Gregório Garcia, Bernabe Cobo, Diego Andres Rocha, Michelangelo Guatinni e Dionigi Carli representam o século XVII e José de Gumilla o XVIII. Os quatro primeiros eram de origem ibérica e privilegiaram a América espanhola como local de observação, tendo como missão principal a catequese. Guatini e Carli eram de origem italiana e percorreram diferentes partes da América, inclusive o Brasil. José de Gumilla, no século XVIII, se estabeleceu em região específica do rio Orinoco, então área da América espanhola.

A outra categoria é a de *viagens ou viajantes cientistas*, que buscavam estabelecer critérios para enquadramento da humanidade americana. Do século XVII, o principal representante é François Bernier, sobretudo por conta da utilização que o autor faz do termo raça associado de forma mais contundente com cor da pele e formato dos corpos. Mas ainda temos Charles Dellon que viajou por toda a América. Para o século XVIII, os representantes da ciência seriam: Pierre Barrère, Lafitau, Pierre Maupertuis, Antonio Tova Arredondo, Alejandro Malaspina, José de Moradela, La Pérouse, M.Frezier e George Anson. Quanto ao espaço visitado, com exceção de Lafitau, que privilegiou a região do Canadá; e os três últimos, que empreenderam uma viagem sem fronteiras geográficas, na América; os demais privilegiaram o espaço do império hispânico. Sobretudo aqueles ligados à Expedição Malaspina, que fora uma organização do governo espanhol.

As *viagens ou viajantes militares* podem ser encabeçadas por indivíduos que chegaram à América com a missão de lutar em defesa de uma causa e acabaram se tornando excelentes relatores sobre a humanidade americana. Os três são do século XVIII: Bernard Romans, Gilbert Imlay e Jean Bossu. Os dois primeiros privilegiaram a América do Norte; Imlay, na verdade, era americano. De todo modo, empreendeu viagens ao longo dos domínios ingleses e também em direção à grande parte da Europa. Bossu esteve na América francesa e também em regiões do império espanhol. Suas obras privilegiaram o espaço geográfico da América central.

Por fim, temos as *viagens ou viajantes particulares*. Esses partiram em busca do conhecimento ou de glória pessoal em alguma área. Os representantes do século XVII são: François Coreal, Marc Lescarbot, que estiveram em distintas regiões da América, inclusive se aventuraram pela costa dos domínios lusos. Para o século XVIII: Saint-Mèry, Edward Long e La Barbinais. O primeiro era americano, escreveu sobre as regiões por ele percorridas, principalmente na América de colonização francesa. Long era britânico e sua vinda para a

Jamaica deu-se por conta de interesses pessoais, ainda assim, deixou vasta obra sobre o povo e as riquezas daquela região. O último percorreu grande parte da América, inclusive o Brasil, em busca do desenvolvimento do comércio.

Minhas escolhas recaíram sobre viajantes que, quase sempre, não se circunscreviam somente a uma determinada região do Novo Mundo. Os viajantes que percorrem distâncias geográficas maiores apresentam detalhes mais ricos a respeito das populações da América. Entendo que esses viajantes não estabeleciam fronteiras rigidamente demarcadas para classificar os povos do continente recém-descoberto. Por isso, defendo que a maneira como os europeus classificavam os povos americanos e africanos na Idade Moderna não pode ser vista como especificidade do viajante de cada Estado europeu, mas sim, como algo que ultrapassava as fluídas barreiras geográficas de unidades políticas e territoriais que, em grande medida, ainda estavam em construção no próprio Velho Mundo. Por essas razões, não se tratava de como o britânico, o francês, o espanhol e o próprio nativo via a humanidade americana, e sim como o olhar *europeu* percebia essa diversidade.

1.3 Viajantes religiosos

A ideia da natureza e humanidade degenerados era assunto recorrente em viajantes que estiveram em regiões da América espanhola, no século XVII. Gregório Garcia sustentava a tese da degeneração causada aos animais e ao homem americano por conta da influência dos astros e do céu sob o qual eles viviam. Quase descrente da possibilidade de mudança e também da conversão desses homens, embora a respeito desse segundo aspecto, tal posicionamento não fique bem claro, Garcia buscava explicações para justificar sua hipótese, em vasta literatura escrita ao longo dos séculos, sentenciando que os nativos teriam sua origem no homem branco, contudo se degeneraram e, portanto, tal aspecto era irreversível. Assim, o viajante fornecia os aspectos que, sob a descrição de nações degeneradas, delineavam os traços da moderna ideia de raça que nasceria na América.

Não há muitas informações a respeito da vida de Gregório Garcia, sabe-se que esteve na América por doze anos, visitou os domínios da Coroa que ficavam na Nova Espanha e também no vice-reinado do Peru, onde esteve por volta de nove anos. De todo modo, teria voltado à Europa em 1605, e terminava a obra com a qual venho dialogando nesse texto, por volta de 1607.

Portanto, Garcia era homem do século XVI, estimando-se que tenha nascido na década de 1550 ou 1560. *Origen de los indios de el Nuevo Mundo* teve expressivo sucesso, se considerarmos que a primeira edição é de 1607, e, um século depois, ainda estava sendo editada. A reedição, em 1729, se torna importante no cenário em que os teóricos e viajantes começavam a apontar de forma mais criteriosa para diferentes respostas sobre a origem do homem americano e as diferentes raças humanas. Contudo, o livro reeditado no século XVIII apresenta informações e prefácios de diferentes homens da época, o que leva o leitor a possíveis dissonâncias entre o que Garcia explicava e o que seus prefaciadores dos anos 1720 apontavam no livro. O frei morreu em 1627.

O céu e as estrelas que degeneravam o homem que migrava para a América também era tese cara ao Ouvidor da Audiência de Lima, Diego Andrés Rocha, de quem não se tem informações concretas sobre sua vida, mas parece ter sido um homem do século XVII, morto por volta de 1688. Sua obra e suas hipóteses a respeito da origem dos humanos americanos foram bastante influenciadas pelos textos de Gregório Garcia. O historiador Rubén Vargas Ugarte, em livro a respeito da história da Igreja no Peru, é uma das únicas fontes que mencionam alguma informação a respeito desse prelado que se envolvia com a administração colonial. Trata-se de uma petição que Andrés teria enviado ao rei da Espanha, onde ele descrevia a morte de um índio que havia sido fiel aos brancos e à religião católica e, assim, pedia que, por desejo da viúva do nativo, a casa deles fosse transformada num convento.¹⁸

A leitura atenta da obra de Andrés Rocha demonstra, claramente, a falta de posição do autor a respeito da origem e da razão das diferenças físicas dos nativos americanos e dos africanos, partindo de hipóteses desde as Tribos de Israel presentes no Gênesis até à possibilidade de os americanos serem oriundos de povos do mundo antigo, o cronista deixava transparecer a possibilidade dos ameríndios serem originários de antigos povos da região da Espanha que migraram para diversos lugares do orbe. Deliberadamente, encontrava traços nos nativos que o fazia associá-los com os antigos espanhóis. Tal assertiva, longe de inocente, de alguma maneira, parece-me que fazia com que se justificasse a dominação europeia no Novo Mundo. Afinal, se os nativos americanos eram descendentes dos espanhóis que, quando da passagem à América teriam atravessado um processo de degeneração por conta do clima, nada mais justo do que estarem, agora, em terras que já pertenciam aos seus ancestrais.

¹⁸ UGARTE, Rubén Vargas. *Historia de la Iglesia del Perú*, v. 5. Imp. De Aldecoa, 1953.

Vemos que, com relativa facilidade, prosperam as narrativas de homens que estiveram na América colocando em prática a atividade missionária. Muito embora não possamos deixar de perceber que esses religiosos viajantes eram imbuídos de informações específicas e contundentes em determinados campos de análises, de forma que ousou chamá-los de religiosos cientistas, apesar de tê-los incluindo na designação de viajantes religiosos. O padre José de Gumilla é um exemplo de viajante religioso que, embora se preocupasse em descrever as riquezas naturais e materiais dos locais por onde passava, de uma forma geral, estava muito inclinado à propagação da fé católica e à salvação dos gentios.

Gumilla nasceu em Valência, em fins do século XVII, seu ingresso na Companhia de Jesus foi bem cedo, em 1704, sendo que um ano mais tarde ele já se encontrava nas terras do Novo Mundo. Seus estudos sobre filosofia e teologia foram concluídos na Universidade de Bogotá, portanto, em solo americano. Em meados de 1716, enfim, o religioso começou a colocar em prática sua empreitada missionária. Num primeiro momento, foi ao trabalho de campo, percorrendo as comunidades e regiões ribeirinhas próximas ao Rio Orenoco. Empreendeu uma reestruturação do trabalho de catequese, possibilitando, assim, uma empresa rentável nas missões próximas ao grande rio, região que havia sido abandonada pelos jesuítas, desde fins do século XVII, por conta das dificuldades em estabelecer contatos com os nativos.

Devido ao bom êxito de Gumilla nas questões referentes à ocupação dos espaços abandonados pelos seus antecessores e, principalmente, a capacidade que ele teve para levar em frente a expedição que lhe foi confiada, acabou deixando a região do rio Orenoco para se envolver com a máquina administrativa do império espanhol. Assim, em 1737, ele era o reitor do Colégio de Cartagena; no ano seguinte, assumiu o posto de Vice Provincial do Novo Reino, recebendo também, nesse mesmo ano, o posto de Procurador para assuntos religiosos que fossem discutidos em Roma e Madrid. A importância de Gumilla nos quadros administrativos espanhóis se deu, sobretudo, em virtude do domínio que o religioso possuía da cultura e dos idiomas dos nativos.

Gumilla chegou à América com o intuito de cuidar da evangelização. De fato, em 1723, ele foi nomeado como Superior das missões do Orenoco, Meta e Casanare. Foram quinze anos de muita dificuldade, como narra o próprio viajante religioso. Contudo, o sucesso da sua empreitada adveio da sua transferência com a missão de restaurar os espaços de catequização da região do rio que era ocupada pelos índios caribes e, portanto, área perigosa e de difícil contato com os nativos.

Não obstante, esse momento marcou o trabalho do padre como missionário. Ali se observou a fundação de seis *Povos* e o profundo estudo das línguas e das culturas nativas. Os historiadores Carlos Del Cairo e Esteban Pabón destacam que a obra de José Gumilla, decerto, é um componente fundamental no rol dos documentos utilizados para se entender e interpretar a história missionária dos jesuítas na América espanhola do século XVIII.

O viajante missionário e, por fim, também viajante administrativo, esteve em distintas partes da América centro-sul na tentativa de estabelecer regras e limites geográficos de atuação dos distintos grupos religiosos existentes naquela região. Esteve na Guiana, firmando acordo com os capuchinos sobre os limites das missões daquela terra. Discutiu as jurisdições de ação dos grupos religiosos em Caraça e Piritu. Sua habilidade em esclarecer o importante papel das missões no processo de reestruturação da colonização, com certeza, foi observada e admirada por homens de outras instâncias administrativas. E embora não tenha ocupado cargos na alta administração espanhola, nem mesmo nos altos escalões da Igreja, seu trabalho e as funções que ocupou foram suficientes para lhe render expressiva rede de amigos. Isso fica comprovado quando o religioso retorna a Madri, em 1741, e, imediatamente, tem a primeira edição de sua obra *El Orinoco Ilustrado* publicada.

Em 1743, Gumilla voltou para suas Missões na América. Sua obra chama a atenção pela chancela que autoridades eclesiásticas e civis lhe concedem, aprovando a publicação de seus escritos. No prefácio da obra *Histoire naturelle, civile et géographique*, José Gumilla descreve o quanto era impressionante, para os homens do Velho Mundo, toda a novidade que se encontrava na América, destacando que “a la vûe de tant de nouveautés, on ne doit pas être surpris que les hommes, que la Providence a destinés à cultiver ces nouveaux Païs, paraissent aussi de nouveaux hommes, & nous frappent d’autant moins, qu’ils nous paroissent moins raisonnables”.¹⁹

Ao apresentar sua obra, José de Gumilla destacava as possíveis falhas ocorridas. Mas entendia que era uma das mais importantes para se compreender a América e a construção das ordens missionárias, bem como os povos e as riquezas naturais do Novo Mundo. Na introdução do seu livro, destacava deixar por conta de M. Freron, responsável pelo *Journal Étranger*, a

¹⁹ GUMILLA, José. *Histoire naturelle, civile et géographique de l’Orénoque et des principales rivières qui s’y jettent...* Par le P. Joseoh Gumilla, ... traduite de l’espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, v. 1, 1758, p. 14.

análise de seu trabalho. E, de fato, na edição de 1746 do periódico supracitado, encontra-se uma avaliação da obra do viajante missionário.²⁰

O padre José de Gumilla morreu na América, em 1750, numa das missões que ele organizara e que lhe trazia tanto orgulho. Não se tem notícias se o missionário tenha elaborado listas de obras pessoais em busca de glória própria. E penso nem ter sido preciso, uma vez que o reconhecimento pelos escritos do religioso não veio só de instâncias ligadas à Igreja, mas também as governamentais. Gumilla identificou os povos americanos que viviam ao longo das missões do rio Orenoco. Ele dizia que muito antes de se concentrar nas capacidades, o intelecto e os usos dos indígenas, era preciso considerar o *frontispício e a fachada* dos povos pesquisados, afinal de contas, as configurações exteriores demonstravam muito a respeito do caráter e forma de agir dos povos.²¹

Missionário sério e comprometido com a expansão da fé Católica, Gumilla hesitou em assumir que os indígenas eram de uma nação inferior. No fim das contas, ficou com a ideia de que existia apenas uma raça humana. Contudo, apresentou pesquisas mirabolantes que apontavam o processo de branqueamento dos nativos do Novo Mundo, se cada vez mais o sangue branco e europeu penetrasse naquela sociedade, através da miscigenação com os nativos. Apesar disso, relutou em destacar o poder regenerador do sangue branco quando se tratava da mistura com o sangue negro. E apresentou a possibilidade das impressões que a mãe possui a respeito do seu entorno influenciar nas características dos filhos. Mas, ao fim, se percebe que o autor, por mais que sua posição na fosse explícita, via o homem americano como inferior com base na análise dos caracteres físicos, ainda que não tenha feito uso da palavra raça para se referir àqueles povos.

²⁰ GUMILLA, José. *Histoire naturelle, civile et géographique de l'Orénoque et des principales rivières qui s'y jettent...* Par le P. Joseph Gumilla, ... traduite de l'espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, v. 1, 1758 : "Le P. Gumilla termine son Orénoque Illustré par une Dissertation sur la population des Indes, & par une longue Apostrophe aux Missionnaires de la Compagnie de Jesus. Pour nous nous finirons par donner au P. Gumilla les justes éloges qu'il mérite. Son livre est plein de recherches curieuses, présentées avec ordre, & dans un jour agréable. La pureté & le tour simple & naturel de son stile, le distinguent des Ecrivains de sa Nation, qui tombent souvent dans un excès, dont cependant on commence à revenir en Espagne, Il regne dans le cours de l'ouvrage une tendresse Apostolique, qui donne une heureuse idée du caractère de l'Auteur".

²¹ GUMILLA, Joseph. *El Orinoco ilustrado y defendido. Historia natural, civil y geográfica de este gran río y de sus caudalosas vertientes*. Escrito en 1731. Ediciones posteriores: 1745, 1791 y 1882. Versión francesa, 1758. Caracas: Academia Nacional de la Historia, Fuentes para la Historia Colonial de Venezuela, n. 68, 1963, p. 103. "El indio en general (hablo de los que habitan las selvas y de los que empiezan a domesticarse) es certamente hombre; pero su falta de cultivo le ha desfigurado tanto lo racional que en el sentido moral me atrevo a decir: que el indio bárbaro y silvestre es un monstruo nunca visto, que tiene cabeza de ignorancia, corazón de ingratitud, pecho de inconstancia, espaldas de pereza, pies de miedo, su vientre para beber y su inclinación á embriagarse: son dos abismos sin fin".

Não fosse isso, não haveria razões para Gumilla propor o embraquecimento das nações da América.

1.4 Viajantes cientistas

As observações feitas por viajantes que estiveram no Novo Mundo foram essenciais para a construção da ideia de raça. Pierre Barrère, nascido em Perpignan, em 1690, foi um médico e denominado naturalista francês que, em 1722, mudou-se para a América e estabeleceu residência em Caiena. Formado em medicina, exerceu a função em sua cidade até por volta da data em que viajou. Sua estadia no mundo colonial foi tão enriquecedora que, ao voltar a Europa, tornou-se professor de botânica e exerceu a medicina no hospital de Perpignan, na região dos Perineus.

Pouco se sabe a respeito das razões que levaram o médico a migrar para Caiena. Contudo, suas observações e trabalho de campo na América o levaram a publicar, em 1745, uma grande obra que dividia as aves conhecidas no mundo, considerando para tanto a forma do bico e dos pés. Todavia, tal publicação foi rapidamente esquecida, sobretudo por conta da obra de Buffon, que seria publicada alguns anos mais tarde, e cuja proeminência recebida eclipsou outros autores nessas temáticas. Seja como for, a partir das experiências que colheu na Guiana, o naturalista pode publicar diversos livros, dentre eles o *Nouvelle relation de la France équinoxiale, contenant la description des côtes de la Guiane, de l'île de Cayenne, lê commerce de cette colonie, les divers changements arrivés dans ce pays, et les moeurs et coutumes des différents peuples sauvages qui l'habitent...* As observações anatômicas feitas pelo médico viajante foram fundamentais para ele chegar a algumas conclusões a respeito da diversidade humana.

Sobre a razão da coloração da pele do negro e a explicação para a diferença do cabelo, ele acreditava que o ambiente não era o suficiente para modificar as características físicas do ser humano; percebendo, através das dissecações de cadáveres feitas no Novo Mundo, que a degeneração a qual os africanos haviam sido submetidos era irreversível, o que os tornavam, então, em raças diferentes. Sempre fugindo dos pressupostos religiosos para tecer suas considerações, o viajante se debruçava sobre a anatomia e a hipótese das vesículas que espalhavam a coloração escurecida pela pele. Barrère não somente observava as diferenças físicas

visíveis nos africanos, mas também se preocupava com a influência dos negros na população da Guiana.²²

Ao analisar a religião praticada pelos indígenas de Caiena, o viajante se chocava com a falta de devoção aos preceitos cristãos, de modo a nos deixar informações sobre contatos feitos com um padre catequizador que, a mais de trinta anos, buscava transformar os nativos em verdadeiros cristãos, mas era uma missão cada vez mais complicada. Chamava a atenção de Barrère o fato dos indígenas nem sequer terem o nome de um deus fixo que pudessem pronunciar. Quanto ao comportamento do indígena diante dos viajantes, o autor destacava que “Les Indiens, en general, parlant peu, sur tout en présence des étrangers, devant lesquels ils sont, pour ainsi dire, d’une modestie affectée. Il n’en est pas de même des Nègres, qui sont des jaseurs impitoyables. Ces deux nations sont d’une humeur bien différente, quoique les Nègres Créols naissent sous le même ciel que les Indiens”.²³

Uma informação importante pode ser vista nessa última citação, ou seja, apesar de negros americanos e indígenas nascerem debaixo do mesmo céu, eram nações que guardavam especificidades bem grandes. Portanto, o viajante hesitava entre considerar ou não os descendentes de africanos nascidos na América como americanos. Ao fim, existia algo de específico entre os dois povos, segundo as observações feitas por Barrère.

A viagem de Barrère pode ser considerada como uma viagem científica, pois durante os anos em que esteve na América, o viajante cuidou para que informações detalhadas a respeito da fauna, flora e dos seres humanos fossem recolhidas. A lógica da observação e da implementação das dissecações de corpos humanos fizeram com que o autor chegasse à conclusão da bile escurecida, que percorria pelos corpos dos negros, como responsável por conferir a coloração preta à pele dos africanos. Sua estada no Novo Mundo foi fundamental para que apresentasse,

²² BARRÈRE, Pierre. *Nouvelle relation de la France équinoxiale, contenant la description des côtes de la Guiane, de l’île de Cayenne, le commerce de cette colonie, les divers changements arrivés dans ce pays, et les moeurs et coutumes des différents peuples sauvages qui l’habitent*, 1743, p. 126. Sobre a população da Guiana: “Les habitans de Cayenne sont fort affables, libéraux, & reçoivent les Etrangers avec tous les agrémens possibles. Quoiqu’ils parlent tous François, à peine leurs enfans sçavent-ils deux mots de cette langue. Leur jargon tient beaucoup du Nègre, sur tout par la maniere de prononcer. Les Nègresses, à qui on est obligé de confier l’éducation des enfans, ont introduit une infinité de mots de leur pays. On peut cependant dire que le langage Creol de Cayenne est moins ridicule que celui des Isles. Les Créoles aussi sont mieux faites qu’ailleurs: elles n’ont pas le teint jaune ou pâle, comme celles de la Martinique & de St Domingo. Elles ont naturellement beaucoup d’esprit, qui se fait remarquer sur tout en celles qui ont été élevées en France”.

²³ BARRÈRE, Pierre. *Nouvelle relation de la France équinoxiale, contenant la description des côtes de la Guiane, de l’île de Cayenne, le commerce de cette colonie, les divers changements arrivés dans ce pays, et les moeurs et coutumes des différents peuples sauvages qui l’habitent*, 1743, p. 126.

anos mais tarde, sua dissertação sobre a causa física da coloração dos negros e do endurecimento do cabelo, bem como os motivos de serem um povo degenerado.

O jesuíta Joseph-François Lafitau, em 1711, enviava petição a Michelangelo Tamburini, Superior Geral da Companhia de Jesus, em Roma, solicitando autorização para se juntar às missões na Nova França, em território americano. Lafitau nasceu em Bordeaux, em 1681, e era filho de um grande mercador de vinhos e também bancário. Ele e o irmão seguiram a carreira religiosa, contudo, o mais novo tornou-se Bispo de Sisteron e mantinha relações estreitas com o papado romano, defendendo a todo tempo a atividade literária de Lafitau e trabalhando para que as suas obras fossem publicadas. As condições da família de Lafitau proporcionaram seu primeiro contato com nativos de outras terras, pois eles possuíam acesso, devido às atividades comerciais que desenvolviam, a diferentes livros e a possibilidade de contato com outras culturas e línguas.

Em Boudeaux, à época, existia um festival, tradicional, que exibia cativos trazidos do Novo Mundo para a população. Pode ser que dessa proximidade, ainda quando era bem jovem, é que tenha surgido a curiosidade de Lafitau pelos americanos. De fato, o prematuro contato com imagens e a literatura sobre outros povos, que chegava ao porto onde sua família possuía negócios comerciais, deve ser considerado como ponto forte na forma como Lafitau encararia a diversidade humana ao chegar à América. Embarcado por conta própria, apenas com a autorização de Roma, as observações feitas por ele, em Quebec, sobre os indígenas, nos levam a crer que não houve de sua parte nenhum espanto ao se deparar com a diversidade humana e os costumes na América. Ao fim, foi mais um homem das ciências no Novo Mundo do que, efetivamente, um missionário.

Na verdade, a grande observação que Lafitau fez dos indígenas na América do Norte o possibilitou escrever em defesa dos nativos e de seus costumes, buscando em fontes antigas e estudos anteriores, elementos que pudessem relacionar os povos da América com nações da Antiguidade. Certamente se observa nos relatos do viajante cientista uma sistemática tentativa de conceder dignidade ao indígena, negando que os homens nativos do Novo Mundo só possuíam aparência humana na parte externa do corpo. Foram quase seis anos nas terras da Nova França e um contato de observador minucioso com os povos e seus modos. O conhecimento adquirido ao longo da vida, especialmente por conta das leituras das obras dos primeiros homens que chegaram à América, quando da descoberta e da implantação da colonização, fez com que

Lafitau não desprezasse o que já havia sido publicado sobre as novas terras. No entanto, apresentou informações que contradiziam em muito a forma como os nativos eram detratados por diversas obras.

Os biógrafos de Lafitau o caracterizam como o pai da antropologia cultural e da etnologia. Sua obra, decerto, foi rapidamente levada ao público letrado, especialmente por conta das relações de poder que seu irmão, Bispo na França, possuía com diversas instâncias, inclusive a Cúria romana. O retorno de Lafitau à Europa, em 1717, era em nome da missão canadense que o autorizava a pedir permissão para transplantar a aldeia dos iroqueses para uma área mais fértil. Não voltou à América, a despeito do pedido missionário local, em particular devido ao grau de conhecimento que Lafitau possuía sobre a língua e os costumes dos indígenas.

E se Lafitau desconsiderava os caracteres físicos como atributos mais importantes na classificação do homem americano, seu conterrâneo Pierre Louis Moreau de Maupertuis, ao dissertar sobre a coloração da pele e a razão da existência dos negros brancos na África e na América, destacava que o ideal de raça era o composto por homens de coloração de pele branca. Maupertuis nasceu em 1698, na Bretanha, oriundo de uma família rica e com boa posição social. Sua primeira educação foi feita em casa, sendo transferido, na adolescência, para uma das mais importantes escolas de Paris. Foi militar e serviu no exército de Luís XV, chegando ao posto de Capitão. Desenvolveu grande interesse pela matemática, tanto que visitou Londres um ano antes da morte de Isaac Newton e foi eleito membro da *Royal Society*, muito embora, anteriormente, já fizesse parte da Academia de Ciências da França.

Com o aumento da curiosidade do governo francês pelo Novo Mundo ou pelas terras ainda não exploradas, em 1736, foram lançadas duas expedições ao mar, uma para o Peru e outra para a Lapônia, Maupertuis foi indicado como comandante da última. Sua experiência com a matemática o levaria, acreditava o governo, a fazer medições mais precisas de longitude. Ao retornar à França, se tornou famoso por suas pesquisas científicas e acabou sendo recomendado por François Marie Arouet – mais conhecido como Voltaire –, para ser presidente da Academia de Ciências de Frederico – O Grande –, em Berlim.

Curiosamente, tempos depois, Voltaire se voltaria furiosamente contra Maupertuis, depois de 20 anos de amizade e proteção, por conta de um episódio até o dia de hoje mal elucidado. Conta-se que Maupertuis teria apresentado uma teoria e um conceito que trazia novidades para a ciência, contudo, um ex-aluno o teria acusado de plágio, declarando possuir uma carta de Leibniz

que, anos antes, já havia trabalhado aquela teoria. Claro que o filósofo viajante solicitou que tais provas fossem apresentadas contra ele, entretanto, sua posição como diretor de uma instituição científica acabara sendo comprometida e sua imagem “arranhada”. Os constantes ataques de Voltaire contra o ex-amigo, foram suficientes para levar Maupertuis à desgraça, tendo sua obra relegada ao segundo plano. Na lógica do Antigo Regime, onde mais valia o que se falava a respeito do indivíduo do que aquilo que ele apresentava sobre si, não foi difícil que o defensor de uma raça pura com coloração de pele branca caísse em esquecimento.

A importância da obra de Maupertuis deve ser ressaltada por conta da sua rejeição da explicação vitalista e também espiritual para o mecanismo da hereditariedade, argumentando que a hereditariedade biparental contava com a contribuição tanto do material genético do pai quanto da mãe. As pesquisas que fez quando assumiu a Academia de Ciência de Berlim foram essenciais para se observar a herança dos traços físicos passados aos filhos; eles poderiam ser transmitidos tanto pelo pai quanto pela mãe, no entanto, tais heranças visíveis, ou seja, os caracteres físicos, poderiam se modificar ao longo do tempo, se fossem mantidas relações com pessoas da mesma família, sem deixar a intromissão de outros sangues chegar ao tronco inicial.

Ao fim, a defesa de Maupertuis era que, seguindo essa lógica, poderia se chegar a uma sociedade de seres humanos somente brancos. Embora não tenha estado na América, a teoria do cientista é aplicada, claramente, por viajantes que estiveram no Novo Mundo. Ao que parece, José de Gumilla colocava tal hipótese em relevo, pois em seu livro de 1731 defendia que se a união de indivíduos indígenas ou mulatos com homens brancos se perpetuasse, em algumas gerações redundaria numa família de pessoas brancas. Claro que a obra mais proeminente de Maupertuis sobre tal assunto é de 1745, portanto, inviabilizando a leitura de Gumilla sobre o assunto. Mas, Maupertuis, anteriormente, já discutira tal tema. E a proposição de Gumilla, no seu contato com os indígenas na América espanhola, pode só ter aparecido na segunda edição de sua obra, publicada, exatamente, em 1745. O ideal de raça para o viajante cientista Maupertuis era a de cor branca, trabalhando à exaustão com a possibilidade de reversão dos caracteres físicos, em fins do século XVII, em favor da raça original, a de pele clara. Ou seja, na obra do autor, os traços do racismo, ainda que não respaldados pela lógica da imutabilidade. Portanto, a importância da coloração da pele sendo indicada como fator determinante na classificação da humanidade.

De fato, em fins do século XVII, outro viajante francês que esteve em distintas partes do mundo, ressaltava a importância da cor da pele para a subdivisão da humanidade em grupos. François Bernier nasceu, em 1620, na cidade de Joué, e morreu em Paris, em setembro de 1688. Perdeu seu pai quando tinha apenas quatro anos de idade e, por isso, junto com suas irmãs, ficou sob os cuidados de um tio paterno que era um prelado responsável pela pia batismal, em Chanzeaux, região do Pays de la Loire.

Ainda jovem se aproximou de dois benfeitores, na verdade dois magistrados, sendo um deles Intendente da Provença, que o apresentou ao filósofo Gassendi, reitor da Catedral de Digne, que havia travado um embate com a doutrina aristotélica, introduzindo Epicuro nos quadros da universidade. Por volta de 1642, Gassendi ensinava filosofia e admitia vários seguidores em seus cursos, dentre eles, François Bernier. Esse seguia todos os cursos do seu mestre e, contrariando o desejo do seu tio de que ele fosse para a Igreja, acabou se entregando ao mundo da filosofia e, portanto, fazendo suas primeiras viagens pela Europa, entre 1647 e 1650. Passando pela Polônia, Alemanha, Itália e tanto outros lugares, o viajante, enfim, começou a ser conhecido nos meios letrados.

O desejo de fazer uma longa expedição para regiões mais longínquas foi adiado por conta da saúde fragilizada de seu mestre Gassendi. Assim, em 1652, François Bernier se tornou doutor pela faculdade de Montpellier e acabou por travar uma guerra filosófica com o professor da realeza, matemático e astrólogo, Jean-Baptiste Morin de Villefranche. Esse criticava os livros de Gassendi e até chegou a prever sua morte. Bernier, na defesa do seu mestre, reprovava o professor real e tais críticas levaram Morin, protegido do ministro Mazarino, a solicitar a excomunhão de Bernier e também sua prisão. Gassendi, vendo que tais querelas poderiam arruinar a vida de Bernier, o solicitou que “baixasse” as armas.

A morte de Gassendi, que, para muitos estudiosos, foi presenciada por Bernier, também foi o que faltava para que o discípulo, finalmente, colocasse em prática sua tão sonhada viagem. Era a hora de partir. Na verdade, a França, sem seu protetor, já não era tão segura. Em 1656, embarcou para o Oriente. Visitou a Palestina, passou mais de um ano no Egito, onde, desgraçadamente, ficou doente com a peste. Então, foi para a Etiópia, ou seja, para a Abissínia, no interior da África. Mas recebeu informações de que tal empreitada seria perigosa e, dessa forma, rumou em direção à costa da Índia e até às fronteiras do império Mongol. As relações

estabelecidas por Bernier naquela região o levaram a ser colocado como médico auxiliar na corte do imperador. Na Índia ficou por 8 anos, depois ainda passou pela Pérsia e pela Turquia.

Retornou à França, em 1669, doze anos após sua partida. Foi acolhido por M. de Merveilles que o protegeu por ter sido o discípulo amado de Gassendi. Enfim, seus escritos a respeito da sua viagem chegaram à Corte e, sob os auspícios de Luís XIV e seu Ministro das Memórias, teve sua obra publicada. Os relatos de viagem traziam informações importantes sobre a Índia, a administração, os costumes, a religião, a ciência e a filosofia. Sua obra teve importante divulgação, sendo traduzida para o inglês, imediatamente, rendendo ao filósofo o apelido de Bernier-Mongol. Anos mais tarde, Voltaire ainda o nomeava dessa forma.

Após 1672, Bernier se ausentou dos projetos de viagens e dedicou-se, exclusivamente, à literatura, à ciência e à filosofia. Alguns amigos de longa data morreram. Mas ele teceu outras amizades que lhe seriam primordiais para a divulgação de seu trabalho. De todo modo, acabou se dedicando mais ao mundo literário e aos salões do período, fazendo parte das reuniões semanais de vários salões liderados por senhoras conhecidas na França. Tornou-se colaborador de distintas revistas literárias e acadêmicas que, dia após dia, apareciam no país.

Depois de 1674, ele se dedicou à publicação de obras deixadas por Gassendi e, também, à análise desse conjunto escrito pelo filósofo libertino. Esteve na Inglaterra e se tornou cada vez mais conhecido. Era membro da Academia de Belas Letras de Angers, desde a sua fundação. Com vasta obra, alguns consideram que a mais questionável foi a publicada, anonimamente, no *Journal de Sçavans*, de 1684. O artigo representa a primeira tentativa de dividir a humanidade em raças, considerando, sobretudo, a cor da pele dos indivíduos. Não demorou muito para que o jornal deixasse transparecer a autoria do escrito.

O historiador Pierre H. Boulle aponta a importância desse artigo de François Bernier e se surpreende que os pesquisadores sobre as origens do moderno pensamento racial na França destaquem somente o século XVIII e seus letrados, como Buffon e Boulainvilliers, como grandes responsáveis pelo desenvolvimento das teorias raciais. Assim, Boulle acentua a importância de Bernier, sobretudo por conta da sua ocupação e suas viagens por diferentes partes do Oriente e da Europa. Mas, se o artigo publicado por Bernier no *Journal de Sçavans* sobre raças diferentes tem importância, devemos entender, o que significava raça naquele período.²⁴

²⁴ BOULLE, Pierre H. François Bernier and the origins of the modern concept of race. In: PEABODY, Sue; STOVALL, Tyler Edward (orgs.). *The color of liberty: histories of race in France*. Duke University Press, 2003, p. 16.

Para Pierre Boulle, três influências foram essenciais para o desenvolvimento das ideias de François Bernier: a primeira e decisiva foi seu contato, ainda bem jovem, com os filósofos libertinos; também foi importante o seu treinamento como médico e, além disso, suas viagens. Claro que o contexto letrado, nos anos de 1670 e 1680, dos quais ele fazia parte e que foi levado aos ciclos aristocráticos parisienses quando retornou do Oriente, tiveram papel importante para a feitura do seu trabalho, por mais que não devemos exagerar sobre a amplitude desse mundo das letras, numa sociedade composta de maioria analfabeta.

Assim, “as a young man, Bernier had obtained a privileged position within libertine circles, that group on intellectuals who, in the first half of seventeenth century, contested orthodox thinking”.²⁵ Além disso, a formação médica de Bernier se deu na universidade de Montpellier, que estava sob o comando de pensadores adeptos do movimento libertino, que recusavam sistematicamente toda autoridade baseada na teologia. Montpellier foi a primeira faculdade a modificar o tradicional currículo, incluindo o pensamento de homens não clássicos como Vesalius, Paracelsus e Ambroise Pare; também incluindo nos estudos a observação anatômica. Essa universidade era a grande rival da Escola de Paris.

De igual significado foram, obviamente, as viagens feitas por Bernier ao Egito, Península Arábica e Índia. Ele teve a oportunidade de observar em primeira mão os não europeus, mas, em pleno século XVII, visitou regiões habitadas por um verdadeiro mosaico de tipos humanos. Talvez, o mais significativo de sua estadia na Índia, sobretudo o que era familiar aos indianos, era a atenção mongol para a “pureza biológica” e a cor da pele. Esse contato o autorizou a tecer considerações importantes a respeito dos traços físicos da humanidade. Claro, ele não esteve na América e, portanto, sua dificuldade para enquadrar o homem americano na raça branca europeia ou em outra raça se torna evidente. Desse modo, as poucas informações que possuía sobre o Novo Mundo não foram o suficiente para fazê-lo apontar as características dos nativos, deixando sempre a dúvida se eles eram ou não da mesma raça que os europeus.

A pergunta que os historiadores em contato com as publicações de Bernier sempre se fazem é: por que sua obra ficou esquecida e somente o que foi escrito no século XVIII, como as obras de Lineu e Buffon surtiram algum efeito na problemática das raças humanas? É uma questão difícil de responder. Entretanto, pode-se arriscar que o próprio Bernier tenha trilhado, de

²⁵ BOULLE, Pierre H. François Bernier and the origins of the modern concept of race. In: PEABODY, Sue; STOVALL, Tyler Edward (org.). *The color of liberty: histories of race in France*. Duke University Press, 2003, p. 16.

certa forma, esse caminho do esquecimento. Anos após a volta de suas longas viagens, o médico e filósofo viajante optou por estabelecer relações com o mundo da literatura, se embrenhando pelos salões literários e, com isso, se afastando da lógica da pesquisa e das observações que a comunidade científica desenvolvia.

Bernier se encontrava na França das discussões a respeito da participação da mãe e do pai no processo de transmissão dos caracteres físicos para a prole. Naquele momento se discutia, quase abertamente, que não só o material genético do homem era importante para a fecundação, mas também era preciso levar em conta o da mulher. Ora, em momentos em que se colocava em prática o *Code noir*,²⁶ tais observações eram de suma importância para rejeitar a miscigenação com povos dito inferiores, sobretudo porque era preciso considerar que se a fêmea fosse uma negra ou indígena, por exemplo, o material concedido pela mulher teria efeito decisivo na transferência dos caracteres físicos, bem como dos modos e da personalidade.

Portanto, naquela conjuntura, a obra de Bernier seria excelente para explicar as diferenças humanas, principalmente se ele estivesse disposto a colaborar um pouco mais com informações a respeito do que vira e ouvira quando da sua estada em distintas partes do mundo. Não sei se, infelizmente ou felizmente, a escolha por uma vida menos aclimatada por discussões e debates, com a chegada da maturidade, de certa forma, lhe deu a tranquilidade da literatura e dos salões parisienses. Contudo, o relegou a ser visto como um pensador de segunda categoria quando o assunto era a diversidade humana, tendo, inclusive, o texto publicado no jornal considerado de qualidade duvidosa. Três décadas mais tarde, Conde de Buffon retomava a questão das raças humanas, sua diversidade e as causas das diferenças físicas. Buffon escreveria seu nome na história, deixando Bernier esquecido entre as velhas e empoeiradas páginas do *Journal de Sçavans*.

Mas uma coisa havia de comum entre os indivíduos até aqui abordados e François Bernier, fossem viajantes em missões religiosas, científicas ou simplesmente exploratórias: todos estavam de acordo que o clima não influenciava em nada nos caracteres físicos, sobretudo a cor da pele. E se alguns, como Lafitau, admitiam a possível, ainda que pequena, interferência do clima, ele não desqualificava a humanidade americana por conta disso. O século XVIII seria por excelência o da discussão a respeito da relação entre clima e degeneração da natureza e do

²⁶ Decreto de 1685, do Reinado de Luís XIV, que estabelecia uma série de regras em relação à escravidão e à forma como os descendentes de negros e ex-escravos deveriam se portar nos domínios imperiais franceses.

homem. Tais questões que se iniciaram em fins do século XVII, tomariam proporções distintas no século das “Luzes”.

Seja como for, a suposição de que os homens do Novo Mundo eram de outra raça, principalmente porque degenerados, não foi uma constante entre inúmeros viajantes, que titubeavam nos seus posicionamentos. Jean-François de La Pérouse é um exemplo de explorador que oscilava quando abordava tais hipóteses. Nascido em Albi, na França, em 1741, o viajante se alistou na Marinha francesa ainda bem jovem, quando se encontrava com quinze anos de idade. Em novembro de 1759, foi aprisionado por soldados ingleses, quando das escaramuças que levaram Inglaterra e França ao combate por conta do controle comercial no Atlântico, a chamada Guerra dos Sete Anos. Mandado de volta ao seu país, não cessou em se envolver com as questões militares e com o desenvolvimento de técnicas que seriam preciosas para o aprimoramento da navegação e oceanografia.

La Pérouse foi uma espécie de militar que, ao se envolver em batalhas políticas entre sua nação contra, sobretudo, a Inglaterra, acabou por acumular conhecimentos sobre os mares e, principalmente, sobre diferentes lugares e povos. Seu envolvimento na guerra de separação das Treze Colônias, ao lado da França, foi fundamental para que o militar angariasse o respeito de seus compatriotas e de seu governo. O reconhecimento pelos seus serviços veio na indicação do seu nome para conduzir uma viagem ao redor do mundo em busca de novas terras, riquezas e povos para o alargamento do império francês. Deixou a Europa em 1782. Contudo, sua expedição teve um fim trágico e o militar, condecorado e considerado herói por conta de seus serviços no *front*, não voltaria à pátria-mãe. P. Andrew Karam destaca que “Jean-François de Galaup, comte de La Pérouse, was a military hero and one of the greatest French explorers of the Pacific Ocean. While he made a number of significant discoveries, he is best known for his exploration of Sakhalin and the Kuril Islands and his discovery of the Tatar and La Pérouse straits, on either side of the Island of Sakhalin”.²⁷

A publicação da obra que chegou aos nossos dias ficou por conta de editores que explicam, no começo do texto, que buscaram ser os mais fiéis ao proposto pelo militar combatente que, após mostrar serviços contundentes em guerras nas quais a França havia se envolvido, se tornou um viajante ao redor do mundo, em nome da ciência e do comércio. Em carta enviada à França durante sua viagem, talvez numa sombria previsão do seu fim, La Pérouse

²⁷ KARAM, P. Andrew. Jean-François de Galaup, Comte de La Pérouse. *Science and Its Times*, v. 4, 2000.

pedia que, caso ele não retornasse ao seu país, sua obra fosse organizada e publicada não por homens que pudessem conceder tom de romance a mesma. Entendia que ela precisava passar pelas mãos de indivíduos cientes de medidas, de cálculos precisos e, dessa forma, pudessem confrontar com as informações trazidas pelos viajantes anteriores que, muito provavelmente, poderiam conter erros.

Foi numa expedição científica que La Pérouse buscou precisar as informações e escrever seu nome nas pesquisas de história natural, o decreto da Assembleia Constituinte, de 1791, que dava a conhecer sobre a expedição, era evidente que o monarca autorizava tal empreitada em nome do progresso e do conhecimento da humanidade, das artes e das ciências. O rei foi bem explícito ao declarar que contava com apoio de todos os embaixadores, residentes, cônsules e agentes franceses das regiões por onde a expedição fosse trilhar, convidando esses leais súditos do rei a mover qualquer obstáculo aos trabalhos de La Pérouse. O medo de perda do material angariado também era questão presente no governo francês, as instruções reais eram de que todos aquelas embarcações ou pessoas que tivessem contato com o militar viajante e se responsabilizassem em trazer o material e informações angariados durante a expedição, seriam premiados pelo Estado.²⁸

De fato, as observações que La Pérouse fez a respeito dos povos encontrados na América foram inúmeras e sua experiência no contato com os nativos lhe concedeu a possibilidade de defender, quase sempre, que a hipótese da degeneração do homem americano não se sustentava. Ao abordar as espécies animais que se encontravam no Novo Mundo, visivelmente, sua posição se confrontava com a de Conde de Buffon. Portanto, debatia a existência de uma natureza hostil produtora de animais de pequeno porte e degenerados se comparados aos animais dos outros continentes. Não aceitava a lógica da inferioridade corporal do nativo nem tampouco de seu aparelho reprodutor, demonstrando, claramente, sua posição contrária à tese de terra degenerada.

Contudo, sua maior crítica parece ser à obra do abade Corneille De Pawn que alongava a degeneração da natureza e dos animais, defendida por Buffon, também ao homem americano. Aos olhos do teórico prussiano que nunca estivera no Novo Mundo e ainda assim defendia que o

²⁸ PÉROUSE, Jean-François de La. *Voyage de La Pérouse autour du monde*. Paris: De l'imprimerie de la République, v. 1, 1797, p. 1. Dentre as várias exigências feitas pela Coroa e que o militar deveria seguir de perto estava a de que "La Pérouse s'attachera principalement à étudier le climat et les productions em tout genre de différentes îles de cet océan où il aura aborde, à connaître les moeurs et les usages des naturels du pays, leur culte, la forme de leur gouvernement, leur manière de faire la guerre, leurs armes, leurs bâtimens de mer, le caractère distinctif de chaque peuplade, ce qu'elles peuvent avoir de commun avec d'autres nations sauvages et avec les peuples civilisés, et principalement ce que chacune offre de particulier".

nativo da América era um pouco mais que um animal, avesso às leis e a vida em sociedade, vivendo cada um por si, sem se ajudarem uns aos outros, em total estado de selvageria, a degeneração se dava por conta do clima; outras vezes, dizia que era por conta de inundações que ocorreram no continente. Se mostrava, enfim, indeciso em sua posição. Mas contundente em afirmar que o homem americano era degenerado.

Ao combater essas ideias do abade De Pawn, La Pérouse negava a degeneração com a certeza de um homem que, ao longo das suas viagens, longe do mundo fechado do gabinete teórico, havia conseguido informações e achados suficientes para expor sua tese, muito embora a leitura que trazia em sua bagagem da Europa, ora ou outra, fizesse com que ele aceitasse a hipótese de que alguns povos eram realmente degenerados do tronco principal. Não obstante, é perceptível a dificuldade que La Pérouse tem em conciliar a teoria que trouxe do Velho Mundo com a realidade muito mais condensada com a qual ele se deparou. De todo modo, a obra que chegou ao público foi produto, em grande medida, da interpretação de dados por parte dos indivíduos responsáveis pela edição. Os inúmeros prefácios que se encontram ao longo dos volumes nos chamam a atenção que nada foi mudado além de pequenos consertos na linguagem escrita. De todo modo, La Pérouse se incomodava com a tese da degeneração implementada por Buffon e, de forma mais ácida e incisiva, por De Pawn.

Em fins do século XVIII, os viajantes que estiveram na América espanhola não rogavam pelo reconhecimento por parte dos Estados europeus de que os americanos eram descendentes de espanhóis de períodos remotos na história da humanidade. Ao contrário, se tomarmos como exemplo a Expedição Malaspina, vislumbraremos que o intento era conhecer melhor aquela parte do Império espanhol para, dessa forma, alinhar cada peça dos domínios aos desígnios de onde emanava o poder. Virginia Claverán entende que a Expedição Malaspina é filha da Ilustração e, portanto, se relaciona com o despertar da curiosidade e do interesse pelas ciências.²⁹ Evidente que, “filha” do seu tempo, a empreitada estava atenta com as discussões a respeito das classificações dos vegetais, animais e minerais existentes no Novo Mundo. Entretanto, não acredito que tenha sido a lógica do conhecimento defendido pelos filósofos da natureza que norteou a viagem. Pelo menos, não fora a única lógica. Havia interesses de Estado imbuídos e também o desejo de seus autores de serem premiados pelos seus serviços.

²⁹ CLAVERÁN, Virginia González. *La expedición científica de Malaspina en Nueva España*. México: El Colegio de México, 1988, p. 21-43.

Um dos grandes pontos abordados na Expedição Malaspina era àquele relacionado com a demarcação do espaço geográfico, principalmente aqueles fronteiriços com outros domínios na América. O rápido desenvolvimento das técnicas cartográficas, desde o século XVII, acirrou essa busca por espaços mais corretamente demarcados, em particular quando se tratava da inserção do Novo Mundo nos mapas que representavam as diferentes partes da terra. Claverán nos lembra que a Espanha, do século XVIII, abraçou com grande entusiasmo a lógica das grandes viagens, assim como fizera em fins do século XV e no século seguinte, só que desta vez estava animada por outro espírito. O Reino apostou em expedições para além do Atlântico, mas a América foi um dos principais centros da atenção, já que a Espanha era a maior possuidora de grande parte do continente.

Entre 1781 e 1802 foi o período de maior intensidade nas viagens programadas e amparadas pelo Estado espanhol. Especialmente sob o reinado de Carlos III e Carlos IV, podemos citar as expedições para delimitar as fronteiras entre o Império português e o espanhol na América, mas também as viagens com o propósito de conhecer a flora da América, como a Expedição Botânica para Nova Granada, outra para o Peru e o Chile e outra para a Nova Espanha. As expedições mineralógicas, dentre elas a que foi para o Chile e Peru, além das viagens para Cuba e Filipinas, com o mesmo sentido. Por fim, não menos importante, àquelas organizadas por Humboldt e Bonpland e que se tornaram notórias pelo seu trabalho e amplitude.

A proposição de uma grande expedição ao Novo Mundo, feita por Malaspina, se insere no bojo dessas viagens subsidiadas pelo Reino e que se tornaram famosas e importantes para que seus organizadores alcançassem alguma notoriedade nos domínios reais ao redor do mundo. Mas, principalmente, no meio cortesão. Alejandro de Malaspina apresentou seu projeto de viagem, exatamente nesse período. Ao lado do amigo José de Bustamante, em 1788, solicitaram ao rei a aprovação da concepção de uma viagem, o que foi atendido rapidamente, iniciando, assim, com ordens de Carlos III, todo o apoio dado pelo monarca e os seus súditos participantes da burocracia governamental para que tudo ocorresse da melhor maneira possível e em pouco tempo.³⁰

³⁰ BAEZA, Rafael Sagredo y LEIVA, Jose Ignacio Gonzalez. *La expedición Malaspina en la frontera Austral del Imperio Español*. Santiago: Editorial Universitaria-Centro de Investigaciones Diego Barros Arana de la DIBAN, 2004, p. 37: “La evolución de las monarquías absolutas, siempre necesitadas de recursos, explica que financiaran expediciones destinadas a descubrirlos o a evaluar las posibilidades de explotación de los ya conocido. Lo anterior se complementa con el afán utilitarista de las ciencias que dirige sus actividades hacia problemas concretos y de orden económico, fin último de prácticamente todas las expediciones. El desenvolvimiento de la economía mundial, la

Desse modo, a empreitada recebeu o nome de *Viagem Política-Científica ao redor do Mundo*, embora, na verdade, não tenha sido uma circum-navegação. Seguindo os passos dos viajantes anteriores, e propondo corrigir erros anteriormente cometidos pelos observadores, Malaspina enfatizava a necessidade de se conhecer o estado político dos domínios espanhóis na América.

A rapidez com que Carlos III aprovou o projeto de Malaspina impressiona. Curiosamente, foi uma das últimas iniciativas do monarca, pois morreu pouco tempo depois, de modo que o comando e a organização da viagem acabaram ficando por conta de seu filho, Carlos IV. A posição social do viajante, decerto, facilitou sua proximidade com a Casa reinante. Malaspina nascera em 1754, num pequeno povoado que pertencia ao Ducado de Parma. Seu pai era um Marquês e sua mãe pertencia a uma família principesca. Sendo assim, sua qualidade de aristocrata o concedeu uma educação esmerada, vivendo por toda infância e adolescência em um ambiente refinado. Aos vinte anos de idade, ele abandonou sua pátria e ingressou na prestigiada Escola de Guardas da Marinha de Cádiz, onde iniciou sua carreira militar.³¹

A ascensão de Malaspina foi meteórica. Em dois meses já era Alferes de fragata, principalmente devido à sua atuação contra os mouros em Mililla. Em 1775, estreou no ramo das grandes viagens e rodou pelo Atlântico, chegando ao remoto Oceano Índico e ao mar da China. Por tal empreitada, recebeu o título de Alferes de navio, chegando ao posto de Tenente, em 1778. Das escaramuças com a Inglaterra, no início da década seguinte, veio o título de Capitão de fragata. E logo após o estabelecimento da paz com os ingleses, tornou-se o Comandante de uma fragata, a *Ascención*, com a qual efetuou sua segunda viagem pela Ásia e Oceania. Em 1784, de volta à Espanha, começou a programar sua longa viagem pelos domínios espanhóis na América.

Baeza e Gonzalez destacam que a expedição comandada por Malaspina pode ser considerada como o maior esforço feito pela Espanha imperial na tentativa de reconhecimento das suas possessões coloniais. Com duzentos e quatro tripulantes, entre eles homens voltados para o campo científico, distribuídos em duas corvetas, as *Descubierta* e *Atrevida*, permitiu a Malaspina e aos seus homens um acúmulo de informações da mais distinta natureza, o que causou surpresa nos reinóis, em particular pela fonte imprescindível de informações para se

apertura comercial que España llevó adelante a lo largo del siglo XVIII y las nuevas rutas comerciales, provocaran cambios de perspectiva política y a aparición de nuevos intereses, que también harían necesaria la organización de estas empresas”.

³¹ CLAVERÁN, Virginia González. *La expedición científica de Malaspina en Nueva España*. México: El Colegio de México, 1988, p. 21-43.

conhecer a história das colônias.³² A Expedição Malaspina foi um grande sucesso e o viajante retornou à Espanha ciente do bom trabalho que havia feito e pronto para receber os lauréis pelos infortúnios que havia passado durante tantos anos a serviço da casa reinante, no árduo conhecimento e reconhecimento das possessões reais na América. Contudo, apesar de recebido e estimado pelo monarca espanhol, seu destino seria trágico e surpreendente.³³

O viajante retornou à Europa em período efervescente da Revolução Francesa, em que Espanha e França estavam em guerra. As informações que trouxera sobre a América eram importantes para se entender a situação política do Novo Mundo e isso fez com que ele se sentisse autorizado a tratar desse assunto junto ao Reino. Assim, preparou um documento em que apontava os pontos para a assinatura da paz entre os dois países beligerantes. Ou seja, à revelia do Ministério Real, empunhava uma carta que seria usada para assinar a paz com a França. Tal posicionamento foi fatal para angariar o desafeto, principalmente, do ministro protegido do monarca, Manuel Godoy, que ansiava resolver o problema com os franceses, usando seus próprios métodos.

Godoy sabia da importância de Malaspina para o Reino naquele momento. A forma como o viajante fora recebido pelo monarca e os serviços por ele prestados para explicar a situação política da América o fazia homem apto a deliberar sobre os problemas do país. Sendo assim, foi questão de semanas até que ele fosse envolvido em uma rede de intrigas que lhe custariam a glória e o reconhecimento pelos seus serviços. A cobrança de Malaspina para que sua proposta fosse colocada em prática irritou profundamente o ministro. Godoy entendia que não era uma saída honrosa e positiva para a Espanha. Além disso, outros setores do meio cortesão apontavam Malaspina como chegado aos ingleses e, acima de tudo, aos seus ideais de desenvolvimento econômico e político.

Mas o que precisaria ser feito para aplacar os desejos do viajante que, publicamente, ecoava seus pedidos e esperava, ansioso, um cargo na governança espanhola? Existiram rumores

³² Carta a Valdés em dezembro de 1788, compilada em BAEZA, Rafael Sagredo y LEIVA, Jose Ignacio Gonzalez. *La expedición Malaspina en la frontera Austral del Imperio Español*. Santiago: Editorial Universitaria-Centro de Investigaciones Diego Barros Arana de la DIBAN, 2004: Em carta de 1788, ao ministro de Carlos IV, Malaspina indicava “Con los auxilios de los diferentes pueblos (a quienes la comisión no será del menor gravamen, como tampoco a las cajas reales) lograremos así en coso tres meses un cabal reconocimiento así por mar como por tierra de toda la costa desde Chiloé hasta Lima; y finalmente reunidos en esta capital todos los trozos, coordinados todos los planos, memorias, derroteros, etc., después de una cabal confrontación con cuantas noticias útiles podamos rastrear, se remitirá por duplicado a Madrid el total de la obra hecha hasta entonces para que no se exponga a los riesgos de una pérdida en los viajes sucesivos de las corbetas”.

³³ KENDRICK, John. *Alejandro Malaspina: portrait of a visionary*. Canada: McGill-Queen’s University Press, 1999.

de que ele ocuparia o Ministério da Marinha, no lugar de Valdés. Contudo, tal boato nunca se confirmou. Não obstante, suas tentativas incansáveis de chegar ao poder, para piorar, em 1794, havia ocorrido uma tentativa de golpe contra Godoy, no qual aproximadamente sessenta importantes homens tentaram retirá-lo dos postos da governança e implementar um conselho independente. Além disso, parte desse grupo era inclinado aos princípios de governo que se estabelecera na França, no período revolucionário. Apesar de terem sido punidos, inclusive membros da nobreza, os resquícios dessa conjura permaneceram e foram suficientes para que Malaspina tivesse seu nome relacionado com o referido tumulto.

A chamada “conspiração Malaspina”, segundo Virginia González Claverán, é um dos enredos menos esclarecidos do reinado de Carlos IV. Segundo alguns historiadores, ele estava envolvido num plano da rainha para derrubar Godoy; para outros, havia o envolvimento direto do viajante e seu protetor, o Ministro da Marinha, com o governo do Diretório, na França. Em outras visões, vê-lo como vítima de uma intriga palaciana é observar o contexto em que tais questões se apresentaram de forma muito simplista.³⁴ Seja como for, fica óbvio que a posição de Malaspina e sua forma contundente de reclamar de Godoy o levaram à desgraça. Apesar da monarquia tentar, ao máximo, abafar o caso, evitando expor conflitos internos. O viajante acabou, junto com outros, condenado a dez anos de prisão, de onde só saiu em 1802, quando um amigo seu chegou aos quadros governamentais e clamou pela sua libertação. Mas não voltaria ao mundo da política, nem das viagens.

De todo modo, importa assinalar que a Expedição Malaspina foi de suma importância para os desígnios de desenvolvimento do Império espanhol. Isso porque seu idealizador estabeleceu contatos na América que foram fundamentais para o conhecimento do Novo Mundo e suas nações, mas que também foram essenciais para que os americanos os reconhecessem como diferentes dos europeus.³⁵

³⁴ CLAVERÁN, Virginia González. *La expedición científica de Malaspina en Nueva España*. México: El Colegio de México, 1988, p. 21-43.

³⁵ BAEZA, Rafael Sagredo y LEIVA, Jose Ignacio Gonzalez. *La expedición Malaspina en la frontera Austral del Imperio Español*. Santiago: Editorial Universitaria-Centro de Investigaciones Diego Barros Arana de la DIBAN, 2004, p. 35. Nas palavras de Rafael Sagredo Baeza y Jose Ignacio Gonzalez “el conocimiento científico no sólo tuvo efectos económicos, también es posible establecer una relación entre las expediciones ilustradas, que tanto Francia, Inglaterra y Rusia, pero sobre todo España, organizaran, financiaran o patrocinaran durante el siglo XVIII, y el proceso de independencia de las colonias españolas en América. / En efecto, así como la historiografía ha destacado el significado que los viajes a Europa tuvieron para muchos de los criollos americanos, en cuanto le permitió conocer la ideología liberal que llevarían a la práctica a partir de 1810, nosotros atendemos a la influencia que los científicos europeos en viaje por América tuvieron en los criollos, contribuyendo también a la difusión de las nuevas ideas entre ellos”.

Decerto, a presença desse tipo de expedição científica na América, possibilitou aos viajantes não só colocar em prática as teorias desenvolvidas na Europa sobre a diversidade da natureza e da humanidade no Novo Mundo, como também para que esses homens contestassem aquilo que era escrito e imposto como verdade no Velho Mundo. O contato com a realidade demonstrava que a observação apontava para um espaço muito mais complexo do que aquele entabulado pelos filósofos de gabinete. Por outro lado, descontando o exagero dos historiadores citados sobre a influência dessas viagens na formação de movimentos de contestação da ordem estabelecida, não se pode perder de vista que ajudou os nativos a se reconhecerem como diferentes e, portanto, a estabelecerem formas de explicitar aquilo que o Novo Mundo possuía de melhor e, conseqüentemente, também auxiliando na consumação de teorias que enrijeceriam a ideia de que o homem americano era de uma raça distinta da europeia, porque, via de regra, descrita como degenerada.

1.5 Viajantes militares

Por volta de 1775, a obra de Bernard Romans estava concluída e ele declarava, pretensiosamente, que era o mais completo compêndio informativo sobre áreas importantes da América inglesa que, naquele momento, já ensaiava os primeiros passos de insubordinação às decisões tomadas pela pátria-mãe. Vindo da Europa, não existem informações claras a respeito da vida de Romans, sobretudo nos períodos em que ele esteve na Holanda e na Inglaterra. Contudo, alguns dados do autor nos levam a inferir que ele deve ter nascido por volta de 1720, nos Países Baixos, ao considerarmos informações contidas em uma petição feita por sua esposa a respeito de uma pensão por conta de serviços militares por ele prestados, pode-se concluir que Romans se casou por volta de 1779, portanto, aos 59 anos de idade. A ligação mais profícua com o exército americano foi por volta de 1775, morrendo aos 64 anos de idade, em 1784.

Convencido de que o homem americano assim como os africanos eram de espécies ou raças distintas do europeu, Romans cria poder discutir as teses do Conde de Buffon sobre a unicidade humana. Sobretudo em função da experiência acumulada em suas viagens e, além disso, devido a sua longa permanência em terras americanas, bem como por conta das observações que fizera sobre os nativos e os africanos. As primeiras informações seguras a respeito desse viajante, que tomou a América como pátria, aparecem numa *Lista de habitantes da*

Flórida, com dados sobre empregos, negócios e qualificações dos moradores, entre os anos de 1763 e 1771. Um relatório encontrado nos arquivos da Universidade de Harvard também apontava que, entre 1769 e 1770, Romans teria sido deputado topógrafo dos distritos do Sul, cargo que já ocupara pelo Estado da Geórgia.

O mesmo se passa nos arquivos da *The colonial records of the State of Georgia*, compilados por A. D Candler, no qual é citado em dois momentos, entre 1767 e 1768. No primeiro, ele solicitava ao governador que lhe concedesse terras da região onde se encontrava, totalizando 100 hectares: dois lotes de número 10 e 11, na Paróquia da Igreja de Cristo. Conforme o documento, tal pedido foi deferido pelo governador. No ano seguinte, mais uma vez, Romans apresentava petição para obter 500 acres, alegando o cultivo como justificativa. Também nesse momento a resposta foi positiva desde que o comprador observasse as regras estabelecidas pelo Conselho local sobre a compra e venda de terra.³⁶

As redes de sociabilidade tecidas por Bernard Romans na América demonstram que foi um homem que soube transitar em diferentes instâncias de poder. A divisão de manuscritos da Biblioteca do Congresso aponta, na sessão Cartas da Secretaria de Estado, livro “A”, referente à Flórida, que Romans recebia uma pensão de 50 libras, logo após sua chegada ao Novo Mundo. As cartas comprovando o recebimento dessa pensão foram enviadas pelo governador do Estado da Flórida, Peter Chester, com destino aos Condes de Hillsborough e Dartmouth, entre os anos de 1770 e 1774. Portanto, observa-se que Romans estabeleceu contatos diretos com homens a serviço da Coroa inglesa, em terras que se levantariam contra o soberano durante o processo revolucionário. Seu contato com o governador da Flórida foi primordial para que ele fosse premiado pelos funcionários régios.³⁷

³⁶ Os documentos usados nessa seção estão compilados em: PHILLIPS, P. Lee. *Notes of the life and works of Bernard Romans*. Florida: University of Florida, 1975, p. 352 e 258. O autor utiliza cópias dos documentos originais.

³⁷ PHILLIPS, P. Lee. *Notes of the life and works of Bernard Romans*. Florida: University of Florida, 1975, p. 176-177. De acordo com os documentos compilados por Phillips, em agosto de 1772, o governador enviou a seguinte carta ao Conselho de Estado: “To the Earl of Hillsborough, Pensacola 14th August 1772: My Lord, I herewith transmit to your Lordship a Map of the Eastern parts of this Province which had not hitherto been explored – this Map was executed by Mr. Bernardus Romans a Surveyor – in consequence of my directions who I think very capable of performing business of this kind, and as many other of the Eastern parts of the Province are still entirely unknown to us – I shall continue to Employ this man in services of the like Nature which I think will prove of any public Utility. / I also herewith transmit to Your Lordship some of Mr. Romans’s draughts of Flowers &c – and a specimen of the Jalap of this country which has been lately discovered within the Province by Mr. Romans – But I cannot take upon me to say whether it may prove to be the real Jalap or not. As this Mr. Romans appears to me to be an ingenious man & both a Naturalist & Botanist – I think him worthy of some Encouragement, and submit to your Lordship whether it would be improper to give him a small (sum) of \$50- or \$60 p. Ann. Added to the Estimate or otherwise in order to induce him to continue in this colony to make discoveries & observations in Botany, some of

O que chama a atenção é o fato do governador destacar as qualidades de Romans, indicando que ele era um topógrafo responsável por confeccionar mapas que foram de suma importância para se conhecer as terras orientais da província em destaque. Na verdade, um mapa foi enviado ao Conselho de Estado, para que os funcionários reais apreciassem e levassem em conta o fato de Romans ser um homem a serviço da natureza e muito bom naturalista e botânico que deveria ser utilizado para o benefício e utilidade pública do governo.

De fato, Bernard Romans se autodeclarava um observador naturalista que acumulara, com suas viagens, uma longa experiência a respeito das distintas espécies naturais existentes na terra. Leitor de filósofos naturais europeus, buscava se dedicar à natureza americana e seus nativos, na tentativa de dissipar as falsas informações tecidas a respeito do Novo Mundo. Em 1774, a *Gazeta da Pennsylvannia* foi responsável por anunciar a eleição de Romans para integrar o corpo da *Sociedade Americana de Filosofia*.³⁸ Ezra Stiles, um dos membros, em 1775, publicava em seu diário filosófico que havia recebido a visita de Bernard Romans, oportunidade que tiveram para conversar sobre a origem dos indígenas e seus costumes. Naquela ocasião, o viajante teria afirmado que “he has traveled among all the Indians from Labradore to Panama. The Indians tribes in New Spain are most numerous; but he saw none that the estimated to have above ten or twenty thousand men. He estimated the total of souls Indians between Mississippi & the Atlantic, and from Florida to the Poles to be fewer than one thousand souls”.³⁹

Além da preocupação de Bernard Romans com a quantidade dos indígenas no Novo Mundo, ele também destacava ao seu interlocutor as diferenças bastante perceptíveis entre os índios Esquimós e os demais, evidenciando que a pele era mais branca do que a dos outros, com cabelo bem preto, mas um pouco enrolado; eram homens com barbas bem grandes. Portanto, era através da aparência física que ele classificava os seres humanos, muito embora defendesse, abertamente, que existiam diferentes raças humanas, tendo, cada uma, suas características imutáveis, indo de encontro às proposições colocadas por grande parte dos filósofos da natureza do Velho Mundo.

Durante a Revolução, ele foi indicado como participante em diversas batalhas e tomadas de regiões importantes para o exército continental. Quando residia em Hartford Conn foi

which may probably hereafter be of use to the public. / I have the honor to be with the greatest respect & C.P. Chester”.

³⁸ PHILLIPS, P. Lee. *Notes of the life and works of Bernard Romans*. Florida: University of Florida, 1975, p. 49, nota 7.

³⁹ PHILLIPS, P. Lee. *Notes of the life and works of Bernard Romans*. Florida: University of Florida, 1975, p. 51.

apontado, em abril de 1775, como membro do *Connecticut Committee* para a tomada de Ticonderoga. No jornal escrito pelo capitão Edward Mott, relacionado a essa expedição e publicado no *Connecticut Historical Society Collections, volume I*, se encontram diferentes referências ao capitão Bernard Romans. Diz-se que por recomendação de George Washington, Roman foi escolhido, em 1775, para a construção de uma fortificação em Fort Constitution.⁴⁰

A vida de Romans foi ligada aos escalões mais altos da política colonial, desde sua chegada à América. Prestou serviços como topógrafo, mas soube se destacar em diversas áreas de conhecimento, se dedicando à botânica e à história natural. Tipicamente marcado pela lógica de premiação do Antigo Regime, soube transitar em diferentes redes daquela sociedade, de forma que adquirisse os meios necessários para cobrar, em momento oportuno, por mercês. Estabeleceu alianças com governantes do império britânico, sem perder a astúcia de avaliar com acuidade o momento revolucionário e se posicionar de forma que, ao fim, recebesse algo em troca. De fato, em 1846, sua esposa Elizabeth escrevia ao governo americano solicitando uma pensão, com base nos serviços prestados por Romans durante a revolução que cortara os laços com a pátria-mãe.

O historiador P. Lee Phillips destaca, com certo exagero, que Bernard Romans pode ser caracterizado como um gênio universal, afinal de contas ele era: botânico, engenheiro, matemático, topógrafo, escritor, cartógrafo, gravador, linguista, soldado, marinheiro, dentre outros talentos. Seus escritos e mapas foram consultados pelos mais distintos escritores, sendo incluído na coleção de estudos raros chamada *Americana*. O célebre Volney, na obra *Tableau du climat et du soil des Etats-Unis*, de 1803, cita Romans em diferentes momentos e o qualifica como “distinto cientista”. Para Daniel G. Brinton, historiador que, em 1859, deixou suas notas sobre o Estado da Flórida, Romans foi um grande historiador que conhecia, como ninguém, os modos e as marcas físicas das tribos americanas.⁴¹

⁴⁰ PHILLIPS, P. Lee. *Notes of the life and works of Bernard Romans*. Florida: University of Florida, 1975, p. 55. Carta compilada: “On the 18th of August, a committee was appointed to superintend the erection of forts and batteries in the vicinity of West Point. They employed Bernard Romans, an English engineer (who, at the time, held the same office in the British army), to construct the works; and Martelaers’s Rock (now Constitution Island), opposite West Point, was the chosen spot for the principal fortification. Romans commenced operations on the 29th of August, and on 12th of October he applied to Congress for a commission, with the rank and pay of colonel. It was this application which caused the action of Congress on the 18th of November. In the mean while, Romans and his employers quarreled, and the commission was never granted; the work was soon afterward completed by others. The fort was named Constitution, and the island has since borne that title”.

⁴¹ BRINTON, Daniel. *Notes on the Floridian Peninsula: its literary history, Indian tribes and antiquities*. Philadelphia: Joseph Sabin, 1859. Brinton, p. 57: “A very interesting natural history of the country is that written by Bernard Romans. This author, in his capacity of engineer in the British service, lived a number of years in the territory, traversing it in various directions, observing and noting with care both its natural features and the manners

Ao fim, não caracterizaria Bernard Romans como um gênio. Contudo, bem entendido está que foi um homem atento para bem usar suas habilidades, fazendo com que as mesmas se despertassem em determinadas conjunturas para que pudesse tirar algum proveito em seu benefício ou para sua família. Contudo, apesar de a história de Romans ser pouco conhecida, sua obra teve importância fundamental ao tecer considerações sobre a população americana, se esquivando das proposições apresentadas por homens como Conde Buffon e Lineu. Isso porque, ao fim, Romans defendia que sua experiência na América o demonstrara que indígenas e africanos não faziam parte da mesma raça que os homens brancos de origem europeia. Sustentar essa hipótese num período em que se iniciava o processo de formação de um Estado com contornos de nação, em pleno solo colonial e escravista, era no mínimo algo a ser considerado pelos pais fundadores dos Estados Unidos.

Jean Bernard Bossu, um viajante francês da segunda metade do século XVIII, era representante do grupo que defendia a interferência do clima no comportamento e físico humano. Nascido em 1720, embora fosse de uma família ligada à área médica, tendo vários cirurgiões por perto, optou pela carreira militar que, rapidamente, o levou ao posto de Tenente e na sequência ao de Capitão. Essa última patente o possibilitou viajar por três vezes ao continente americano. Esteve no Novo Mundo em 1751, 1757 e 1770. Na verdade, sua primeira estadia na América francesa foi cumprindo a missão estratégica de defesa e de apoio aos militares que se encontravam em Nova Orleans. Portanto, era um viajante militar em nome de interesses administrativos e militares franceses.

A curiosidade do Capitão viajante fez com que saísse dos domínios da guarnição em direção a outras paragens da América do Norte, especialmente para exploração das terras e observação dos povos ao longo do rio Mississipi, partindo de Nova Orleans e conseguindo chegar até a terra dos Illinois, passando, obviamente, por Arkansas e ficando por bastante tempo nas terras dos índios *Quapaw*; também se congraçou com os nativos *Natchez*, diz-se que com os primeiros chegou a fumar o cachimbo da paz. No período em que esteve entre os *Quapaw*, explorou as regiões do rio Arkansas e destacou em suas observações a ideia do “bom selvagem”, ressaltando a boa amizade dos nativos da região com os franceses.

and costumes of the natives tribes. On the latter he is quite copious and is one of our standard authors. His style is discursive and original though occasionally bombastic, and many of his opinion are peculiar and bold. Extensive quotations from him are inserted by the American translator in the Appendix to Volney's view of the United States. He wrote various other works, bearing principally on the war of independence. A point of interest to the bookworm in his History is that the personal pronoun I, is printed throughout as a small letter”.

Ao voltar para a França em 1757, Bossu levou informações precisas a respeito da região francesa na América. O viajante militar sabia da importância de suas observações a respeito da colônia francesa. Buscava glória e recompensa por seus serviços, inclusive, aqueles que fizera por conta própria, ao explorar a região ao longo dos principais rios da América do Norte. A obra de Bossu é bem composta por muitos detalhes, ainda que pobre de argumentos; era um militar que se aventurava no conhecimento da natureza, dos povos e seus costumes. Mas não sabia como organizar essas informações e objetos angariados da forma como os teóricos da diversidade europeus esperavam que fosse feito. Entretanto, suas remessas argutas de dados o levaram de volta à América para prosseguir seu trabalho.

Quando, em 1757, o ministro da Marinha francesa ordenou que Bossu retornasse ao Novo Mundo, também concedeu ao militar poderes para agir em nome da Coroa francesa, em particular no âmbito do reconhecimento e exploração das áreas pertencentes a França e, porque não, das áreas ligadas a outros impérios também? Contudo, sendo militar, teve que baixar a cabeça e receber ordens do governador da região; nesse caso, a “autonomia” concedida pelo ministro no Centro foi retirada de sua mão pelo governador na Periferia. Sem o apoio local, preferiu aceitar, ainda que contrariado, a ordem colonial de que ele assumisse uma missão não desejada. Na verdade, sua irritação era pelo fato de o governador ter concedido o comando de um forte que ele almejava para um oficial, segundo Bossu, menos experiente.

Após cumprir a missão determinada pelo governador, em 1763 ele retornou à França. Em 1768, suas cartas sobre as Índias Ocidentais, enfim, foram publicadas. Apesar disso, àquela altura da história, o governo central na sua esfera militar já havia recebido informações que desabonavam o comportamento de Bossu na sua segunda estadia na América, principalmente por conta da sua crítica à decisão do governador de não o designar para o posto que desejava. Embora tenha saído da França acreditando estar respaldado pela decisão ministerial, não contava bater de frente com o governador colonial. Poderes conflitantes, típico do Antigo Regime, que renderia seis meses de prisão ao militar explorador, quando retornou à Europa. Em 1770, pela última vez, voltou para o Novo Mundo.

Samuel Dickinson enfatiza que o viajante deixou a França em 1770 e esteve no Caribe, descrevendo como havia ocorrido, em pormenores, a revolta dos habitantes da Louisiana contra o domínio espanhol, em 1768. Voltou à região dos Quapaw e se despediu dos mesmos com tristeza, ressaltando, mais uma vez, o mito do “nobre selvagem” tão defendido por Jean-Jacques

Rousseau.⁴² As informações sobre a revolta do povo da Louisiana, decerto, foram contadas para Bossu, afinal ele chegara ao local dois anos após o conflito. A importância de sua obra para a Coroa francesa se deu, especialmente, em função das escaramuças entre França e Inglaterra que nos anos de 1750 e 1760 já havia levado esses dois impérios a entrar em guerra por conta das terras ao norte. Bossu morreu na França, em 1792, portanto, em pleno processo revolucionário.

Sua ideia do nobre selvagem era diametralmente oposta à posição que ele versava sobre os negros africanos e também os descendentes nascidos na América. Os últimos, para Bossu, eram de raça distinta e degenerada. Quanto aos índios, acreditava que eram oriundos de outros continentes, passando à América através da região ocidental do México e da Louisiana. Era um militar que soube tirar proveito da sua viagem ao Novo Mundo para angariar postos e recompensas. Contudo, não conseguiu estratégias que o fizesse cair tanto nas graças do poder central quanto dos mandatários locais. Ao fim, teve sua euforia pelo poder devidamente controlada. No seu caso foi fácil, afinal era militar a serviço da Coroa e, por mais que essa o autorizasse no reconhecimento e exploração das áreas americanas, ele deveria reconhecer a hierarquia militar. Ao esquecer isso, pagou o preço de empacar na patente de Capitão e ainda amargar preso.

Outro militar que, assim como o francês Bossu, fez observações de campo e teceu comentários a respeito das populações que viu no Novo Mundo, foi Gilbert Imlay, nascido na América, muito provavelmente, por volta de 1754. Era descendente de imigrantes escoceses que teriam chegado às novas terras no século XVII e havia se dirigido à região de New Jersey, que apresentava grande influência da cultura holandesa e também a presença dos *Quakers* ingleses. Wil Verhoeven destaca que o pai de Imlay era envolvido com venda de terras e, em 1772, casou-se com a nora viúva de um dos proeminentes participantes do Conselho provincial. O novo *status* social não trouxe muitos benefícios para o militar, pois a região de sua moradia foi arrastada para a Guerra dos Sete Anos e, na sequência, para a Revolução Americana, na qual Imlay pôde servir ao lado dos “rebeldes”.

Verhoeven enfatiza que “Gilbert was drawn into the maelstrom of wartime racketeering and rogue trading”.⁴³ De fato, a guerra eminente foi uma das formas que Imlay conseguiu para tentar colocar seu nome na história. O militar não se debruçou em pesquisas contundentes para

⁴² DICKINSON, Samuel. *New Travels in North America by Jean-Bernard Bossu, 1770-1771 by Jean-Bernard Bossu. The Arkansas Historical Quarterly*, v. 41, n. 4 (Winter, 1982), p. 346-348.

⁴³ VERHOEVEN, Wil. *Gilbert Imlay: citizen of the world*. London: Pickering & Chatto, 2008, p. 30.

abordar a diversidade humana, mas apostava nas leituras que teria feito e nas observações deixadas por Lord Kames, ainda no século XVII, e que em muito agradavam Imlay. Para ele, de fato era o clima o único responsável pelas diferenças físicas entre os indivíduos. Apresentou diversas obras em que abordava tal questão. A originalidade do militar? Nenhuma. A não ser pelo fato de que sua visão era de um homem nascido na América que não acolhia a hipótese da inferioridade dos nativos com base em suas diferenças físicas, destacando serem tais distinções por conta de artefatos culturais.

Em relação aos negros, era praticamente um “aboliconista” quando pregava que as diferenças na cor da pele não eram nada se comparadas à escravidão de milhões de seres humanos que foram sujeitados somente por conta de seus caracteres físicos. Mas de onde vinha esse veio humanista de Imlay? Era defensor da influência do clima nos corpos humanos e na mente, mas não compartilhava da lógica da inferioridade dos nativos americanos. Difícil explicar os posicionamentos do aventureiro que, em suas páginas de livro, condenava a escravidão; mas era um especulador na venda de escravos e também de terras. Portanto, tratava-se de um homem cuja teoria e prática, em sua vida, não andavam de mãos dadas.

Os biógrafos de Imlay são unânimes em apontá-lo como um homem de caráter meio duvidoso que era levado ao sabor das circunstâncias. De fato, o historiador Wil Verhoeven enfatiza que a vida do viajante aventureiro pode ser dividida em três partes: quando serviu no exército continental em virtude da guerra revolucionária, período em que soube como tirar proveito das mazelas dos conflitos para angariar posses e melhorar suas finanças, se envolvendo no comércio de escravos e na especulação de terras. O segundo momento seria aquele em que o americano foi para Londres e se envolveu com um filósofo jacobino e reformador, sendo, portanto, nesse período, que ele começava a “mudar” suas visões, demonstrando um virtuosismo erudito que redundaria na publicação do seu livro. O terceiro momento foi sua estada na França revolucionária, onde se envolveu com os girondinos.

A publicação do livro desse personagem, de certa forma, estaria ligada com a maneira como ele conseguiu para dar um passo à frente na sua carreira literária. Além de se envolver com grupos de letrados, ainda se enamorou de Mary Wollstonecraft, famosa escritora inglesa que lutava pelos direitos das mulheres na Inglaterra e era extremamente conhecida. A segunda obra publicada por Imlay foi totalmente sob os auspícios de sua esposa. Ao passar à França no período da revolução, deixou esposa e uma filha na Inglaterra e se envolveu com uma atriz francesa.

Tornou-se embaixador dos Estados Unidos na França em período conturbado. Soube transitar em diversos segmentos da sociedade para alcançar recompensas, mudando de comerciante de escravos para defensor das liberdades individuais.

O viajante aventureiro que discordava de Thomas Jefferson sobre a perfeição do corpo dos brancos se comparados como os homens e mulheres negros, ressaltando que os etíopes e seus descendentes possuíam robustez e proporções corporais excelentes para atividades esportivas, teve sua ascensão social barrada por aquela a quem jurou amor e fidelidade. Após se tornar público o seu romance extraconjugal com uma francesa, Mary Wollstonecraft soube trabalhar de forma a apagar o nome, obra e qualquer possibilidade de Gilbert Imlay continuar transitando no mundo da literatura. Voltou ao ponto inicial, New Jersey, e por lá terminou seus dias envolvido nas vendas de terras e, porque não, de escravos.

A obra de Imlay é importante, pois aborda a questão da diversidade humana pela perspectiva de um americano que descendente de uma família migrada pra América em fins do século XVII, com sua trajetória, consegue demonstrar as vicissitudes do mundo do Antigo Regime, onde a participação na política e a defesa de determinadas posições sociais nem sempre estavam separadas das estratégias de acumulação de riquezas, sendo, portanto, um indivíduo que parece chegar ao extremo do cinismo, sendo concebido como o perfeito vigarista, quando, na verdade, soube usar os mecanismos para transitar nas camadas sociais que poderiam projetá-lo, nem que para isso fosse preciso trair suas convicções políticas. Contudo, sua visão do homem americano nos mostra a tentativa dos nascidos no Novo Mundo de contestar a teoria de degeneração e inferioridade que a Europa e seus corifeus da diversidade humana conferiam à América. Ao mesmo tempo, o olhar negativo que os pesquisadores lançam sobre esse personagem, deve ser matizado se considerarmos que, efetivamente, o comportamento humano não se engessa eternamente em apenas um aspecto ou forma de agir.

1.6 Viajantes ou viagens particulares

Outro viajante que percorreu através das diferentes partes da América nasceu no Novo Mundo. Dessa vez a história se passa, pelo menos em seus anos iniciais, nos domínios franceses. Nascido em 1750 e, portanto, quando as teorias de Buffon sobre a degeneração americana já ocupavam espaço considerável nos meios letrados, Louis Moreau de Saint-Mery era de Forte

Real, na Martinica. Sua família havia chegado nessa região no século XVII e, rapidamente, se tornara muito conhecida. A importância de seu nome fica claramente demonstrada quando, aos 19 anos de idade, se muda para Paris para estudar Direito. Na Corte, com certeza, teve envolvimento com importantes figuras do exército real, pois passou a fazer parte da guarda responsável pela segurança do rei.

Após três anos de estudos, retornou à América para se dedicar à carreira de advogado, tornando-se muito conhecido em Santo Domingo, região que escolhera para viver. Seu interesse pela história das colônias francesas cresceu quando ocupou, em 1780, cargo no Conselho Superior Francês de Santo Domingo. Foi o momento oportuno para fazer pesquisas sobre as leis, a geografia e os povos das regiões em que a França dominava. Sua ascensão social se deu a partir do envolvimento com as elites brancas e europeias estabelecidas na América. Assim, tornou-se representante de Santo Domingo no Parlamento Francês. Mais tarde, foi deputado pela Martinica, demonstrando sua capacidade de tecer laços com a burocracia francesa em distintos espaços coloniais.

Suas ideias, a partir do momento em que começou a se debruçar sobre a história das colônias francesas, de alguma forma incomodaram a elite administrativa, uma vez que pareciam ser radicais estando a França no *debut* de seu processo revolucionário, Saint-Mery, que àquela altura já estava em Paris à frente da Administração das Colônias, não ficou impune por conta de seus ideais e foi preso, tendo sua cabeça bem próxima da guilhotina. Entretanto, conseguiu fugir a tempo e se refugiou na Filadélfia, nos Estados Unidos. Seu envolvimento com a leitura e a bagagem que trouxera com informações a respeito das possessões francesas na América, fizeram com que ele se envolvesse com o mundo dos livros. Foi nesse momento, que começou a escrever sua vasta obra sobre o Novo Mundo, sendo fundamental, para isso, a livraria que ele abria na região que o acolheu.

Esteve na América do Norte onde recebeu diferentes companheiros franceses durante os anos mais radicais da Revolução Francesa. Seu retorno à Paris foi num momento estratégico. Em 1799, usando das distantes relações que possuía com a esposa de Bonaparte, viu que era o momento adequado para abandonar a empoeirada livraria da Filadélfia. Era hora de voltar ao poder. Decerto, Napoleão o acolheu e creditou a ele a preparação de um Código Civil para a Martinica. Suas experiências como advogado e seu conhecimento das regiões americanas foram primordiais para a ocupação daquele cargo. Em 1800, o prêmio pelo trabalho: Napoleão o

apontou para o Conselho de Estado, sendo enviado como administrador ao Ducado de Parma, no ano seguinte.

Os resquícios do Antigo Regime, ainda presentes naquela sociedade, fizeram com que sua posição fosse questionada pelos seus pares, chegando aos ouvidos do imperador que sua falta de firmeza como administrador poderia comprometer o domínio do Ducado. Isso causou certo desconforto entre Napoleão e o jurista viajante que perdeu seu cargo para Junot. Saint-Mery era um homem das leis embevecido de honestidade e, portanto, diante das manobras da governança não soube se sair adequadamente. Era, na verdade, um homem das letras, que possuía capacidade de transitar em diferentes instâncias de poder, desde que de alguma forma envolvessem sua formação. Contudo, a pedido da esposa, mais uma vez, Napoleão concedeu ao advogado o posto de historiógrafo do Departamento da Marinha, cargo com o qual ele soube lidar de forma mais confortável, porque um tanto distante das decisões de governança.⁴⁴

Ao longo de sua vida, Saint-Mery fez grandes amigos, sobretudo aqueles que foram recebidos por ele quando do exílio por conta da fase mais radical da Revolução Francesa. Integrante da sociedade filosófica americana, da qual Bernard Romans também fazia parte, foi lido e citado por muitos letrados, desde o presidente dos Estados Unidos até viajantes de expressiva importância na época, como Volney. O jurista viajante, ao longo de sua carreira como homem da lei na Colônia, como livreiro na América do Norte e como historiador em Paris, decerto, fez dele um conhecedor e colecionador de informações que são de suma importância para se conhecer a história colonial. Esse trânsito entre o mundo da administração e o da literatura foi o ponto de partida para torná-lo conhecido em sua época, embora as vicissitudes pelas quais aquela sociedade da qual era tributário, às vezes, quase tenham o levado à desgraça ou até mesmo à morte. Morreu em Paris, em 1819.

A obra de Saint-Mery sobre as populações encontradas na América, em especial quando ele aborda os africanos e seus descendentes, aponta para a degeneração da raça de negros. Processo que teria se implementado ao longo dos séculos e, portanto, para o viajante, ficava a dúvida se realmente a mudança de clima ou a educação seriam capazes de transformar o

⁴⁴ ROSENGARTEN, Joseph G. Moreau de Saint Mery and his friends in the American Philosophical Society. *American Philosophical Society*, v. 50, n. 199, 1911, p. 169. Joseph G. Rosengarten destaca que Saint-Mery “sold to French government, for a pension from Louis XVIII., his large collection of historical papers, documents, maps, etc., often mentioned by recent historians. One unkind critic, who worked at making a calendar of his papers, says he sold to the government not only the copies he had made, but many originals which he had taken from the files in his care”.

comportamento e físico daquelas nações. Na verdade, Saint-Mery entendia que a fisionomia africana era adequada ao ambiente do qual eles se originaram. Portanto, não suscetível a mudanças. Nota-se que teve contato com obras de homens como Buffon e De Pawn, com o primeiro concordava sobre a degeneração dos animais e certas espécies por conta do clima, em relação à degeneração do homem americano, ressaltada por De Pawn, Saint-Mery não incluía os nativos de ascendência indígena. Isso, com certeza, poderia comprometê-lo já que era americano. Não obstante, aplicava a degeneração humana incontrolável aos indivíduos com ancestrais africanos, caracterizando os indivíduos de cor preta como pertencentes a uma outra raça.

Mudando de geografia, passemos às possessões inglesas na Jamaica, com o viajante Edward Long que, apesar de sua família possuir posses naquela região e seus pais viverem ali, nasceu na Inglaterra, em 1734, onde obteve uma educação particular nos primeiros anos de vida e depois foi para a St. Edmunds School por volta de 1746. Em 1753 já era membro do *Gray's Inn*, uma honorável instituição especialista no ensino das leis. Para ascender no mundo jurídico, necessariamente, o indivíduo deveria passar por alguma dessas instâncias.

Em 1760, Long estava na Jamaica, logo após a morte de seu pai. A família do jurista viajante havia feito carreira na região supracitada, sobretudo porque seu avô tinha participado, como presidente, da Assembleia jamaicana; e seu pai, que era um americano, foi membro do Conselho de Proprietários de Plantação de cana-de-açúcar. Tais posições ocupadas pelos seus ancestrais na região produtora, com base na mão de obra escrava africana, ajudam a explicar, em parte, a posição de Long sobre a inferioridade dos negros africanos e, acima de tudo, a ideia de que eram aptos à escravidão.

O mundo de ascensão que demorou a ser aberto para o jovem Edward na pátria-mãe, rapidamente, ficaria em visível contraste com as posições que ocuparia no solo colonial. Sua irmã mais velha era casada com o vice-governador da Jamaica e, portanto, ele ocupou, imediatamente, o posto de Supervisor de Plantação da cana de açúcar. Ao se tornar Secretário particular do vice-governador Sir Henry Moore, seu caminho estava aberto para que, enfim, assumisse um posto que fosse condizente com a formação que estava obtendo em Londres, antes da morte de seu pai. Curiosamente, tal formação fora abandonada de forma abrupta por Long, quando ele decidiu migrar para o Novo Mundo. No entanto, as relações familiares que existiam entre os Long e a administração colonial na América foram suficientes para apagar sua formação incompleta, alçando o viajante ao posto de Juiz do Tribunal e Vice Almirantado da Jamaica.

Em solo colonial, Edward Long impetrou todas as glórias possíveis para colocar seu nome na história. Porém, após sua ascensão social e o reconhecimento do seu esforço por parte da administração colonial, voltou à Inglaterra. Defendia que sua família deveria ser educada e mantida em ambiente social civilizado. Mas sua família fora constituída no Novo Mundo. Sua esposa era filha de uma das mais ricas casas da Jamaica, os “Beckford”, herdeira de grandes posses e viúva de casamento anterior, presenteou o jurista com seis filhos. E em meio à construção de sua própria prole, Long que naquele momento contava com generosa herança que sua consorte lhe trouxera, também começou a acumular postos de prestígios como o de membro da Assembleia da Jamaica, em distintas legislaturas. Chegou à presidência da Assembleia, posto ocupado até se dissolver aquela casa.

Mesmo ao partir para sua terra natal, manteve o posto de Juizado da Jamaica. Entretanto, sua saúde não o permitiu voltar ao Novo Mundo, embora só tenha morrido em 1813. Ao retornar a Londres, sua fama como administrador e conhecedor dos meandros coloniais já havia sido delineada pelos governadores da ilha caribenha. Sobretudo aquele que era cunhado de Long. Na Metrópole, ele contribuiu com diversos jornais e se tornou importante para as informações sobre o comércio de açúcar no império inglês. De fato, a obra mais famosa de Long foi *The history of Jamaica*, na qual a escravidão africana é claramente defendida, uma vez que o homem africano, por conta de suas qualidades e características físicas, é depreciado nestes escritos e também onde se encontra a defesa do autor de que o tráfico de escravos era um benefício para os homens da África, pois eram retirados de seu ambiente visto como inóspito.

A originalidade da obra de Long é questionável, pois, grande parte do que foi escrito por ele simplesmente são cópias de outros textos a respeito da Jamaica, sobretudo relatórios aos quais ele teve acesso e que abordavam vastamente a situação econômica e social da região. No livro, Long aponta aos mais distintos temas como botânica, zoologia e medicina. Informava sobre a necessidade de novas formas de proteção militar para a região e defendia o incentivo da imigração branca para o local, propiciando assim melhores famílias, com educação e um forte senso cristão. Long entendia que o negócio do açúcar só não se desenvolvia a contento porque grande parte dos proprietários de terras e plantações não morava na Jamaica e sim na Europa.

Paradoxalmente, em momento oportuno, ele mesmo voltou para Londres, onde morreu. Mas pode-se vislumbrar que, àquela altura, quando de sua mudança, as relações com os governadores tenham passado por alguns desgastes, pois o jurista viajante condenava a excessiva

intromissão dos administradores enviados pela Metrópole nos assuntos coloniais, destacando o poder do governador de demitir juízes. Kenneth Morgan destaca que Long “considered the slave trade a profitable business for British interests and portrayed Jamaican slavery as a benevolent institution. He supported the rights on the plantocracy against the power of the imperial government and defended their cause when faced with humanitarian objections to slavery”.⁴⁵

O homem que se fez na América, voltou à Inglaterra e foi enterrado em Londres, com placa honrosa em seu túmulo por conta dos serviços prestados ao Império, decerto, teve importância fundamental em defender sua tese: homens brancos e negros não eram da mesma espécie, seu debate se dava com Buffon que defendia a unicidade da espécie humana com base na possibilidade de geração de descendentes férteis. Mas Long afirmava nunca ter visto vingar o filho de dois mulatos, o que comprovava sua hipótese de que esses indivíduos eram frutos de uma união de raças distintas e, portanto, incapazes de gerar descendência fértil.

1.7 Uma síntese

Enfim, buscou-se estabelecer uma tipologia das fontes que justificassem a escolha dos teóricos e viajantes que serão utilizados ao longo dessa obra. Em primeiro lugar, focou-se num grupo de letrados que, apresentando suas teorias sobre a diversidade humana presente na América, eram, em grande parte, europeus que não estiveram no Novo Mundo. A escolha recaiu sobre os nomes acima apresentados, principalmente por conta da interação entre esses filósofos de gabinete e os viajantes que estiveram em diferentes espaços do mundo.

Como se observou, os teóricos ficaram subdivididos em cientistas e religiosos e a formação profissional de cada um, por vezes, foi levada em consideração. De todo modo, é perceptível que somente alguns deles tiveram suas vidas esmiuçadas com maiores informações a respeito da carreira de cada um. A escolha por apresentar de forma mais pormenorizada a vida de alguns deles foi levando em conta a importância das teorias por eles apresentadas que, de alguma forma, estiveram em consonância com relatos escritos por algum viajante.

Os tipos de viagens ou viajantes foram caracterizados em quatro distintos grupos: religiosos, cientistas, militares e aqueles que empreenderam deslocamentos por motivos particulares. Quanto aos viajantes, também se optou por não considerar, no enquadramento, as

⁴⁵ MORGAN, Kenneth. *Oxford dictionary of national biography*, 2004.

profissões e formações de cada um deles, embora em algumas situações, principalmente quando se tratava de relatos que tocavam mais de perto o que se vem defendendo nesse trabalho, buscou-se explicitar detalhes da vida do viajante, desde sua formação até a sua morte. Por essa razão, é evidente que detalhes pormenorizados são apresentados para alguns viajantes e para outros não. Ao fim, foi uma forma não de desvalorizar alguns relatos, mas de conceder espaço mais amplo àqueles que abordaram de forma mais contundente o homem americano e suas características.

A tipologia não visa engessar os relatos e sim facilitar, de alguma forma, o entendimento dos caminhos a que fui levado para a escolha dos teóricos e dos viajantes. A explicitação da vida de alguns homens que estiveram na América ou falaram sobre ela, de alguma forma, buscou demonstrar quais foram os caminhos que levaram esses letrados a desenvolverem hipóteses que justificassem a classificação do homem americano.

A acusação de que negligenciei dezenas de outros viajantes que estiveram nas Américas entre os séculos XVII e XVIII, pode ser acolhida. De todo modo, procurei fazer escolhas que recaíram sobre os relatos que apontavam as diferenças dos homens americanos, como cor da pele e estatura por exemplo, mas, na esteira dessas descrições, teciam comentários ou entabulavam teses que poderiam justificar aquelas diferenças. Portanto, foquei principalmente nos viajantes que se aprofundavam de forma mais contundente na exposição do homem americano, sua origem e razão das suas características físicas. Não pude, por questão de tempo e espaço, focar em obras que – isso acontece com a maioria – só tomavam como apreciação os caracteres físicos dos nativos e africanos, sem, contudo, se aprofundar nas razões deles existirem.

Não se trata de um trabalho sobre viajantes e sim sobre os inventários propostos pelos europeus e pelos próprios americanos, nos séculos XVII e XVIII, a respeito da origem e do local em que o nativo da América deveria ser alocado no quadro de classificação da humanidade. Poucos são os viajantes que fazem isso. Poucos os teóricos também. As limitações na forma como procurei estabelecer os tipos de viajantes que utilizei podem ser perceptíveis, ainda assim, nenhuma tipologia que pretende alocar seres humanos e seus pensamentos em compartimentos delimitados é extremamente funcional. De todo modo, se consegui estabelecer, minimamente, os critérios que me levaram a escolher os viajantes e teóricos abordados nesse trabalho, a razão de uns terem sido mais privilegiados que outros na exposição de suas ideias, me dou por satisfeito. Afinal de contas, procurei imbricar as ideias dos teóricos e dos viajantes que, dentro daquilo que apresentavam de uno e de plural, foram fundamentais para a “fabricação” do homem americano.

Capítulo 2

TERRA DESGRAÇADA PELA NATUREZA, DE HOMENS DEGENERADOS E ANIMAIS MONSTRUOSOS

El color de los indios es algo moreno, el cual suelen explicar nuestros escritores con muchos nombres, como son: loro, aceitunado, leonado, bazo y con el color de membrillo cocido, castaño claro, y el que mejor que todos lo explica es el color amulatado; sólo es de advertir, que como el color de un español, siendo siempre de un mismo grado de blancura en sí, se varía en las Indias con más o menos de colorado, según la calidad de la tierra.

Bernabé Cobo – *Historia del Nuevo Mundo*, 1653

2.1 Clima nocivo, terra hostil à vida animal...

Os viajantes e filósofos do século XVII degeneraram o homem americano; os letrados da centúria seguinte se encarregaram de teorizar sobre a degeneração. Qualquer artista que fosse convidado a representar em imagens algum relato sobre a natureza e a humanidade da América, na segunda metade do século XVIII, de alguma forma, poderia se surpreender com as descrições colocados à sua frente. Afinal, seria preciso exteriorizar uma parte do mundo em que a região do Panamá seria afligida por serpentes venenosas, Cartagena das Índias por nuvens de enormes morcegos, Portobelo por estranhos sapos, Suriname por baratas albinas, Guadalupe e outras colônias tomadas por besouros roedores, Quito por pulgas, Lima por piolhos e cupim e o Brasil por muitas formigas.¹ Visão de um mundo: o mais desconhecido da humanidade. Não obstante, o mais cruelmente assolado pelo devastador poder do clima que, não só ofereceu ao europeu a possibilidade de contato com uma natureza degenerada, mas também com um homem que se desenvolveu sob os auspícios de um ambiente adverso à vida civilizada.

E essa vaga de estranhos animais acima mencionados desfilava nas páginas da obra de Cornelius de Pauw que, apesar de não ter conhecido a América pessoalmente, desafiou ao escrever suas *Recherches philosophiques*, e se surpreendia do quanto os americanos formavam o capítulo mais curioso e o menos conhecido da História do homem, destacando que sua proposta era fazer com que o ser humano do Novo Mundo se tornasse o principal objeto de sua extensa

¹ PAUW, Cornelius de. *Recherches philosophiques sur les américains ou Mémoires intéressants pour servir à l'histoire de l'espèce humaine*. Tome 1. Berlim: Chez George Jacques Decker, Impr. Du Roi, 1768, p. 8.

pesquisa. Assim, ele propunha entender a constituição física e, por vezes, a singularidade das ideias morais dos indígenas. Para ele não havia evento mais memorável entre os homens do que a descoberta da América e se os seus contemporâneos se remontassem do tempo deles ao mais recuado, não haveria nenhum acontecimento que se podia comparar àquele; sendo, sem dúvida, um espetáculo grande e terrível de ver uma parte do globo, tão desgraçada pela natureza, em que tudo se degenerava ou era monstruoso.

Surpreendia-se De Pauw que nenhum físico da Antiguidade jamais tivesse imaginado que o planeta era composto de dois hemisférios diferentes, donde um subjugaria e dominaria o outro logo assim que se tornara conhecido o último, depois de ficar durante séculos escondido. Para o teórico, nas observações sobre as viagens feitas até o período em que ele escrevia, os viajantes que passaram pela América sempre estiveram eivados de preconceitos, não distinguindo com clareza a realidade dos relatos fantasiosos que se escreveu sobre aquela parte do mundo, sobretudo, pelos missionários viajantes. Assim, a América, mais que todos os países, oferecia fenômenos singulares e numerosos, mas que foram fortemente mal observados ao longo do tempo, mal descritos e confusamente montados, formando assim uma imagem de caos a respeito daquela parte do mundo.

William Robertson, em 1777, ao publicar sua obra, também chegava à conclusão de que no período em que ele escrevia, os viajantes já não podiam mais navegar nas ondas dos seres mágicos e fabulosos que povoariam a América. Assim, seres gigantes, pigmeus e homens monstruosos não poderiam mais fazer parte do imaginário do povo que entabulava contato com os nativos. A própria razão da cor da pele dos habitantes do Novo Mundo, já não devia ser objeto de investigações tomadas pela religião e suas manifestações. Uma vez que as explicações para a diversidade humana no Novo Mundo deveriam partir do entedimento dos fatores climáticos.

Para De Pauw, o clima da América, no momento da descoberta, foi contrário ao desenvolvimento da maioria dos quadrúpedes, que assumiam uma configuração corpórea bem distinta dos animais encontrados na Europa e em outras partes do mundo. E se o clima afetava o desenvolvimento dos animais, também fora especialmente pernicioso para os homens embrutecidos, fazendo com que se tornassem defeituosos em todas as partes de seus corpos. Tratava-se de uma terra eriçada de montanhas e picos, ou coberta de florestas e pântanos, às vezes oferecendo desertos com aparência de esterilidade. Tanto que os primeiros aventureiros que aqui se estabeleceram, teriam sofrido sob a penúria da fome e do clima.

Em De Pauw, as partes do sul e na maioria das ilhas da América, a terra estava coberta de águas corruptas, prejudiciais e até mesmo mortais, e quando o calor do sol ocasionava uma espécie de fermentação que também estava associada com uma névoa que vinha do mar e trazia um ar impregnado de sal grosso, essa substância se depositava nos manguezais e em todos os tipos de vegetação, uma qualidade de salmoura voltava à forma de vapor o tempo todo e constantemente se cristalizava nas folhas, causando no terreno um ar fétido e um aspecto pantanoso que fazia com que as árvores produzissem partes mais venenosas do que em qualquer lugar do mundo. Dessa vegetação é que se retirava o produto responsável por fazer os venenos que embebedavam as flechas culpadas pela morte dos inimigos dos indígenas. Material pernicioso ao organismo humano, uma vez que no rápido contato com a pele já levava à morte.

William Robertson também defendia que o estado da humanidade era rude e os aspectos da natureza extremamente diferentes. Nas regiões mais ao sul onde o calor do sol, a umidade do clima e fertilidade do solo combinavam invocando os poderes mais rigorosos da vegetação, as florestas ficavam sufocadas, sendo quase impermeáveis, tornando a superfície do solo escondida e sob o domínio de uma espessa camada de arbustos e ervas daninhas. Nesse estado de natureza selvagem, sem melhoras, uma grande parte das províncias da América do Sul permaneciam se estendendo desde a base dos Andes até o mar. As colônias européias tentavam limpar e cultivar alguns pontos ao longo da Costa, mas a raça original de habitantes, rudes e indolentes como sempre, não fazia absolutamente nada para melhorar o país, destacava Robertson.²

Assim, o autor entendia que o trabalho e as operações humanas não só serviam para embelezar a terra, mas torná-la mais saudável e amigável à vida. Dessa forma, quando qualquer região se encontrava negligenciada, destituída de cultivo, o ar ficava estagnado nas florestas e exalações pútridas surgiam das águas e tomavam a superfície da terra, influenciando na vegetação, corrompendo a ação purificadora do sol ou do vento e contribuindo para o aumento da temperatura, bem como dissipando novas doenças num ambiente já nocivo. E, segundo ele, era assim que se encontravam as províncias da América quando do período da chegada dos europeus,

² ROBERTSON, William. *The history of America*. London: Printed for A. Strahan; T. Cadell, in the Strand; and J. Balfour, at Edimburgh, 1792, livro 4, p. 15: “Throughout all its vast regions, there were only monarchies remarkable for extent of territory, or distinguished by any progress in improvement. The rest of this continent was possessed by small independent tribes, destitute of arts and industry, and neither capable to correct the defects, nor desirous to meliorate the condition of that part of the earth allotted to them for their habitation. Countries, occupied by such people, were almost in the same state as if they had been without inhabitants. Immense forests covered a great part of the uncultivated earth; and as the hand of industry had not taught the rivers to run in a proper channel, or drained off the stagnating water, many of the most fertile plains were overflowed with inundations, or converted into marshes”.

região tomada pela insalubridade. Os espanhóis que primeiro se estabeleceram nessa terra inóspita, sofreram com a influência do clima cruel daquela região. Muitos voltaram à Europa magros, fracos, com olhares lânguidos e com cor amarelada como se doentes fossem, obra do clima insalubre das regiões em que teriam residido.³

Robertson, que também se preocupava com o ambiente, ainda destacava, que embora nunca tenha estado no Novo Mundo, o que mais distinguia a América das outras partes da terra era o seu clima peculiar e, portanto, as diferentes leis a que estavam sujeitos a distribuição do calor e do frio. Mas, para o autor, não se podia determinar com precisão a quantidade de calor sentida em qualquer parte do mundo somente com a medição da distância em relação ao Equador. O clima dos países eram afetados, de alguma forma, pela elevação em relação ao mar, pela extensão dos continentes, pela natureza do solo, altura das montanhas adjacentes e muitas outras circunstâncias. No entanto, no Velho Continente, essas causas eram menos abrangentes e, portanto, possível prever com mais acuidade os climas locais.

Para De Pauw, a natureza no Novo Mundo era hostil e contrária à vida. E se o autor apontava, como indicamos acima, que a América era povoada de insetos devastadores, outros animais como as onças, os tigres e os leões eram completamente degenerados, de pequeno porte, com aspectos de covardia que os diferenciavam dos animais da África e da Ásia. Assim, o clima seria o responsável pelo não desenvolvimento de todas as forças dos animais, donde no Canadá encontrava-se uma espécie de tigre tão pouco valente, ao qual foi dado o nome de puma. Os lobos e os ursos do continente também eram apontados por De Pauw como de tamanhos diminutos e menos corajosos do que as espécies do Velho Continente. Os crocodilos igualmente eram vistos como menos vorazes daqueles encontrados na África.

Assim, não existia na América, entre os trópicos, nenhum grande animal quadrúpede. Para o autor, com base nas informações que possuía através dos naturalistas viajantes, o ambiente americano era permeado por germes desfavoráveis à produção do reino animal, sendo propício somente ao desenvolvimento de insetos e cobras. Dessa forma, parecia que a convulsão dos elementos teria destruído na América, todos os animais da zona tórrida, uma vez que ao se fazer escavações, era possível encontrar ossos grandes de bichos de épocas anteriores, demonstrando assim que o clima foi propício e, em algum momento, ocorreram mudanças que levaram a afetar

³ ROBERTSON, William. *The history of America*. London: Printed for A. Strahan; T. Cadell, in the Strand; and J. Balfour, at Edimburgh, 1792, livro 4, p. 18.

a estrutura do ambiente e dos seres vivos da região. Os animais europeus ou de origem asiática que foram levados à América quando de sua descoberta, para o autor, possuíam baixa estatura, eram atrofiados; o tamanho se deteriorou e perderam alguns de seus instintos mais básicos e sua inteligência. As cartilagens e fibras dos corpos tornaram-se mais rígidas e a carne, quando possível de ser comida, era difícil de se mastigar e ingerir, sobretudo na região de São Domingo.⁴

William Robertson comungava das mesmas ideias de De Pauw, pois entendia ter sido a natureza menos prolífica naquela região, sendo os animais menos vigorosos em suas produções. Deste modo, os animais originalmente pertencentes àquela parte do globo pareciam ser de uma raça inferior, nem fortes, nem ferozes, como eram os animais do Velho Continente. Logo, as mesmas qualidades no clima da América que interferiam no crescimento e no desenvolvimento dos animais nativos, também teriam se revelado perniciosas para aqueles que foram migrados do Velho Mundo. Os bichos ali levados, degeneraram.⁵

Conforme De Pauw, a grande umidade da atmosfera na América e a incrível quantidade de água estagnada derramada na superfície poderiam ser interpretados como o resultado de uma possível inundação. E tal umidade seria a responsável pelo comportamento depravado dos habitantes. Dessa forma, era possível adotar essa explicação da enchente com menos dificuldade que o Conde de Buffon, uma vez que ele não se engendraria pelo caminho da metafísica para explicar o que teria deixado vestígios responsáveis pelo clima decadente da América. Mas, a despeito da degeneração pela qual passaram os animais no início da chegada dos europeus no Novo Mundo, De Pauw concluía que no período em que ele escrevia o processo de alteração de animais levados à América era bem menor, demonstrando que o clima havia passado por modificações ao longo dos séculos.

De Pauw e William Robertson eram herdeiros do pensamento filosófico que se desenvolveu a partir da segunda metade do século XVII, tendo sua expressão maior após os anos de 1750, no qual as classificações que pareciam dar conta, como as que dividiam a humanidade em dois grupos: civilizados ou selvagens e cristãos ou pagãos, aos poucos, foram perdendo espaço e rivalizando com outras que buscavam através da ciência natural mudar as perspectivas classificatórias. O advento da medicina, da ciência natural e da ciência política conduziu o ser

⁴ PAUW, Cornelius de. *Recherches philosophiques sur les américains ou Mémoires intéressants pour servir à l'histoire de l'espèce humaine*. Tome 1. Berlim: Chez George Jacques Decker, Impr. Du Roi, 1768, p. 12.

⁵ ROBERTSON, William. *The history of America*. London: Printed for A. Strahan; T. Cadell, in the Strand; and J. Balfour, at Edimburgh, 1792, livro 4, p. 19-20.

humano a se tornar objeto de estudo. Aos naturalistas coube a missão de estabelecer sistemas naturais que dessem conta da diversidade humana, procurando, assim, formas de classificação para os diferentes tipos humanos existentes na terra. E, quase sempre, essas posições poderiam ser ambíguas, como bem afirmou o historiador Antonello Gerbi, ao analisar a posição de De Pauw a respeito da natureza americana.⁶

2.2 O papel de Buffon na classificação da natureza e homens americanos

As obras dos teóricos da segunda metade do século XVIII, quase sempre, dialogavam com as publicações daquele que seria entronizado pela historiografia como o grande nome da história natural, no século das “Luzes”: Conde de Buffon. Em suas pesquisas abordava um discurso sobre a natureza do homem e apontava para uma parte anatômica, considerando o homem em diferentes estágios da vida – infância, puberdade, idade viril, velhice e morte. E a parte que mais se aproximava do que aqui apresentamos, ou seja, as variedades da espécie humana.

Os estudos ao longo do tempo apontam para o fato de que, basicamente, o que distinguia Buffon de seu antecessor Lineu foi o posicionamento que cada filósofo conferia ao homem em suas teorias de classificação da humanidade. Se a ênfase do segundo recaía sobre uma categorização que, sem querer minimizar sua obra, equivalia homem e macacos; o segundo, definitivamente, negava tal posicionamento e ressaltava o homem como objeto da história natural e, portanto, único em seu grupo, se diferenciando de todos os animais. Por isso, a relevância conferida ao ser humano se baseava na ideia de que o mais estúpido deles era superior aos animais.

Nesse sentido, Michelle Duchet lembra que, para Buffon, os animais nunca haviam inventado ou aperfeiçoado nada, diferentemente dos homens, cuja característica transformadora se estendia a toda espécie humana, sendo a reflexão, a linguagem e a perfectibilidade as marcas

⁶ GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 61 destaca que: “às vezes do clima, ou seja, de fatores naturais constantes, mas com prudente reserva, e com muito maior frequência recorre às catástrofes, a inundações e outros flagelos insólitos. A hipótese de um dilúvio parece-lhe explicar “a maior parte das causas que na [na América] viciaram e depravaram o temperamento dos habitantes”, melhor que “a hipótese de mr. Buffon, o qual supõe que a natureza, ainda adolescente na América, mal acaba de organizar e dar vida aos seres. Por outro lado, acena obscuramente com ‘catástrofes físicas’, com ‘medonhos tremores de terra’, ‘inundações consideráveis’, com ‘combustão generalizada e de assombrosas vicissitudes’, que constituem ‘as maiores dificuldades e, ao mesmo tempo, os pontos mais interessantes da física do globo e da história dos seres”.

indelévels dos grupos humanos.⁷ Assim, a obra de Buffon se baseava na diferença entre o homem e os animais, na qual o primeiro, em qualquer circunstância, era superior. E a base de Buffon era a defesa da unicidade das espécies, uma vez que acreditava, não por motivos meramente religiosos, numa única matriz criacional da humanidade. E seu trabalho, com argumentos científicos que o diferiam de tantos outros, considerava que homens de distintas características físicas não estavam impossibilitados de gerarem descendentes férteis e, portanto, entendia Buffon que comungavam da mesma espécie. Logo, compreendia que a mais expressiva diferença entre animais e homens estava ancorada na utilização da razão pelos últimos.

Tzvetan Todorov, por seu turno, acredita que Buffon criou uma matriz classificatória baseada em dois pontos importantes quando se buscava apreender as diferenças entre homens e animais. Além da razão, a capacidade de reconhecimento hierárquico também era responsável por conceder ao ser humano um lugar de superioridade. Assim, o filósofo natural ao compreender que não se podia ver entre os animais um servindo o outro, um sendo comandado pelo outro ou se sentindo superior aos demais, entendia existir aí um grau de inferioridade. Dessa forma, se esse mesmo tipo de estrutura poderia ser lançada aos grupos humanos, hierarquizando os homens em maior ou menor grau, ao fim, tal entendimento também reduziria determinadas comunidades a um patamar inferior frente aos povos vistos como mais organizados e hierarquizados.⁸

Em relação ao homem americano e sua posição no quadro classificatório de Buffon, Robert E. Bieder destaca que o filósofo percebia as Américas literalmente como um novo mundo dentro de uma escala geológica e, portanto, a terra teria emergido recentemente do mar, estando ainda coberta de lagos, pântanos e selvas que produziam um ar úmido e tóxico.⁹ Bieder ressalta ainda que muitos pensadores, no século XIX, através dos estudos sobre o homem americano, tentaram, de alguma forma, minimizar os efeitos da visão pejorativa, que havia se desenvolvido na Europa das “Luzes”, sobre a origem, as diferenças físicas e de costumes dos americanos. E,

⁷ DUCHET, Michèle. *Buffon. De l'homme*. Paris: F. Maspero, 1971, p. 11, aponta que “aucun argument métaphysique; Buffon part de l'homme et de l'homme seul, coupé du Créateur et de la Création. Or, se refus de l'anthropocentrisme, cette coupure radicale, est précisément ce qui lui permet de fonder une anthropologie, science de l'homme et de ses activités spécifiques, de ses ‘opérations naturelles’ – dit Buffon – qui le constituent comme faisant seul « une classe à part”.

⁸ TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 115.

⁹ BIEDER, Robert E. *Science encounters the Indian, 1820-1880: the early years of American ethnology*. The University Of Oklahoma Press, 1986, p. 6-8: “these conditions stunted animal life and caused the American Indians to be, in Buffon’s view, miserable specimens of humanity. As physical type, the Indian approximated the European in stature and was more agile and swift of foot, but he was not as strong, nor were his senses as acute. His ‘organs of reproduction’ were ‘small and feeble’, tending to make him impotent”.

para o autor, assim como Buffon, tantos outros compartilhavam da tese segundo a qual os indígenas eram “children of nature mirrored a certain innocence, but basically their physiques and cultures were the products of degeneration caused by an adverse environment”.¹⁰

Para Gusdorf a base científica de Buffon tinha a espécie humana como única, embora com a preservação de sua diversidade; disparidade que era procedente da primeira, da singular. Ao fim, Buffon acreditava que as heterogeneidades se explicavam por conta da influência do clima, pela diferença na alimentação, pela maneira de viver, pelas doenças, epidemias e pela mistura de indivíduos mais ou menos parecidos. E essas variações eram transmitidas hereditariamente, de modo que, para o filósofo, os seres passariam por transformações se fossem novamente submetidos a diferentes ambientes. Muito embora Gusdorf não destaque que Buffon era cético em relação a possibilidade efetiva dessas possíveis modificações.

Por tudo isso, pode-se inferir que, em Buffon, a história natural do homem se apresentava, desde logo, segundo um esquema análogo ao que se aplicava aos diversos animais: unicamente a espécie humana assumia preeminência no seu estudo se considerada de forma mais minuciosa. Ao juntar as informações fornecidas pelos viajantes e pelos exploradores, Buffon buscava uma espécie de síntese etnográfica dos diversos povos existentes na terra. O homem real, concreto, aparecendo verdadeiramente como objeto de um conhecimento positivo, sem julgamento moral ou religioso, desejoso apenas de ser descrito e entendido.¹¹

Defendia ainda que a Europa, ao possuir um clima temperado, era o lugar ideal para a espécie humana alcançar sua perfeição em termos de sociabilidade. Assim, o naturalista entendia que havia três estágios da humanidade nos quais os homens poderiam se encontrar: o selvagem, o polido e o civilizado. Dessa forma, a Europa representava um “país” polido onde o homem se encontrava num nível acima dos demais da face da terra. Portanto, o que fazia dos indivíduos do Velho Mundo superiores era a influência do clima e suas maneiras fixadas que caminhavam em benefício de um grupo, de uma raça e, finalmente, de uma espécie inteira. Não por outros motivos a Europa era um modelo rumo à civilização.

Partindo desses parâmetros, ao analisar algumas características de povos americanos, Buffon concluía que muitas dessas gentes viviam como se tivessem degenerado da espécie humana. E toda sua feiura, bizarria e deformações levavam a crer que era uma variedade inferior,

¹⁰ BIEDER, Robert E. *Science encounters the Indian, 1820-1880: the early years of American ethnology*. The University Of Oklahoma Press, 1986, p. 6-9.

¹¹ GUSDORF, Georges. *Introduction aux sciences humaines*. Paris : Ed. Ophrys, 1974, p. 155-157.

física e moralmente, e que “vivant à l’écart, à la limite du monde habité, ils forment une humanité presque marginale, que la rigueur du climat voue à la ‘dégénération’ dans les espaces où ils se sont aventurés”.¹² Então, podemos rematar que, para Buffon, o clima tinha importância fundamental na degeneração da espécie humana, redundando em raças diferentes. Ou seja, na natureza havia um protótipo geral para cada espécie e este foi se alterando ou se aperfeiçoando devido às circunstâncias nas quais o ser vivia.

Tzvetan Todorov também apreende a ideia de que “qualquer diferença social (de costumes, de técnica), bem como qualquer diferença no uso da razão, logo levam Buffon a formular julgamentos de valor sobre os povos”.¹³ Um exemplo citado por Todorov é que a população da América era considerada por Buffon como pequena, somente por conta de seu insuficiente desenvolvimento social. Na verdade, o naturalista entendia que os povos americanos teriam chegado bem recentemente naquelas terras, em duas vagas migratórias, uma via a região da Califórnia e outra, tempos mais tarde, pela Groelândia, de modo a se espalharem pelo continente.

O que a historiografia reteve, de uma forma geral, da obra de Buffon, foi a capacidade de propor, subsidiado pelo viés científico, que o grau de civilização dos grupos humanos era influenciado não somente por conta de seus costumes, mas também por causa dos caracteres físicos. Ou seja: ao se checar as observações que o naturalista fazia a respeito de povos catalogados pelos viajantes, podia-se encontrar passagens nas quais aludia aos homens como feios, deformados, como pessoas não tão bem-feitas e mulheres menos feias, considerando, claramente, o conteúdo físico dos indivíduos. Para ele, não só o clima influenciava nessas aparências, mas, de alguma forma, também a alimentação e os costumes dos grupos. Deste modo, partia do pressuposto de que a matriz da humanidade estava ancorada no mundo europeu, branco e civilizado de tal forma que, partindo desse ponto, estabelecia o maior ou o menor grau de civilização dos outros povos.

Para Michèlle Duchet a antropologia de Buffon considerava a ideia de degeneração de forma muito contundente, uma vez que, para o naturalista francês, a partir da influência do clima, a raça ou espécie primitiva teria passado por transformações que, ao longo dos tempos, teriam

¹² DUCHET, Michèlle. Présentation et notes... In: BUFFON. *De l’homme*. Paris: Librairie François Maspero, 1971, p. 19.

¹³ TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 115.

redundado em diversidades da matriz original, mas, com transformações na aparência. Assim, falava-se dos povos americanos, sobretudo, como aqueles que, vivendo praticamente à margem do mundo habitado, teriam se formado numa humanidade quase ripícola cujo o rigor do clima deteve um papel fundamental nas mudanças.¹⁴

Dessa forma, as influências climáticas se relacionavam diretamente com as diferenças físicas e Buffon entendia que todas as espécies possuíam uma matriz original, muito embora por conta do clima, da geografia enfim, caminhavam em direção à civilização ou se degeneravam. O caso do homem americano, nesse aspecto, se tornava ponto principal de pesquisa para Buffon. E ele entendia que, apesar da degeneração pela qual passara o homem das Américas, eles poderiam mudar caso fossem submetidos a climas mais propícios à civilização humana. Muito embora, no fundo, fosse descrente de que tal processo poderia ocorrer.

Todorov acredita ser “verdade que Buffon se caracterizava, ademais, por um ceticismo quanto aos efeitos da educação: os seres humanos, sem dúvida, são suscetíveis de modificação, mas esse processo tomaria muitos anos”.¹⁵ Em síntese, por mais que Todorov nos chame a atenção para o cuidado em não relacionar a obra de Buffon com o racialismo posteriormente dominante no mundo do século XIX, o naturalista considerava que a geografia e os costumes eram os responsáveis pela cor da pele e do formato dos corpos dos indivíduos, bem como de suas mentes e acreditava ser difícil reverter, completamente, os aspectos que levava os povos a se degenerarem.

Decerto, compreendo que a obra de Buffon não conduzia os germes do racismo que dominaria centúrias seguintes. Contudo, fica óbvio que o naturalista classificava a espécie humana e sua diversidade partindo da análise das características físicas, considerando de forma explícita a cor da pele. A ideia de uma natureza degenerada, aspecto bem assimilado por homens como De Pauw e Robertson, me parece ser algo que caracterizava de forma contundente a obra de Buffon e, portanto, pode-se encontrar, neste aspecto, um diferencial em relação aos teóricos da diversidade humana que escreveram antes do francês. Afinal de contas, os relatos de viagens do

¹⁴ DUCHET, Michèle. Présentation et notes... In: BUFFON. *De l'homme*. Paris : Librairie François Maspero, 1971, p. 21-22. O texto aponta que “Un nouveau pas est franchi dans la recherche des ‘causes naturelles’. Elles sont à la fois géographiques et historiques. L’influence du climat et le mélange des sangs sculptent les corps, modèlent les visages, mais sous la diversité des apparences se perpétuent les caractères essentiels d’une race. La ‘couleur’ et le ‘naturel’ commencent à apparaître comme les caractères secondaires, liés au milieu géographique et au mode de vie, non à la race elle-même”.

¹⁵ TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 117-118.

século XVII, quase sempre, abordavam a América e sua natureza como o paraíso, o que parecia algo contraditório se a humanidade componente daquelas regiões era tida, na maior parte das vezes, como oriunda de algum evento com desfecho ruim e degenerada.

Tal diferença na relação do europeu com a terra do Novo Mundo, levava homens do século XVII, como Antonio León Pinelo, a declarar que a América era o paraíso, a partir do momento em que se deveria avaliar somente os aspectos da natureza local, para se considerar a região como representante do Éden. No século XVIII, letrados como Robertson e De Pauw, não se preocuparam em salvaguardar nem mesmo as terras, invertendo a lógica e concluindo que era exatamente a geografia, o clima enfim, que seriam os responsáveis pela degeneração do homem americano, transformando o Novo Mundo num rincão infernal. Muito embora ambos fossem céticos no tocante à possibilidade de se reverter o processo de degradação pela qual havia passado o nativo do Novo Mundo e também a natureza local.

Por essas razões, insisto que o século das “Luzes” teve papel fundamental no processo de conceituação da degeneração da natureza e homem americanos, apesar de não ter focado na invenção de um novo vocabulário que pudesse ter dado conta das novas teses, surgindo daí a dificuldade de se compreender a visão europeia da humanidade americana. De todo modo, a essa altura, a expressão raça já estava amplamente relacionada com os caracteres físicos dos indivíduos, embora ainda pudesse rivalizar com outros termos como nação e tribo; mas, independente do termo que fora utilizado, havia a consideração da cor da pele e, quase sempre, a manifestação de que o homem do Novo Mundo era degenerado. E se os filósofos do século XVIII, quase sempre, entendiam a influência do clima como uma das explicações possíveis para ilustrar a diversidade humana, considerando ou não a possibilidade de reversão da deterioração, pode-se perceber que, por volta de 1650, a tese de uma América composta por homens adulterados, com impossibilidade de reversão da degeneração, estava bem discutida.

Os letrados espanhóis, sobretudo, abordavam as constelações e os céus americanos como responsáveis por corromper os nativos fisicamente e influenciar em seus costumes. Portanto, quando o século XVII se encerrou, os viajantes em suas andanças pelo Novo Mundo se ocuparam de apresentar hipóteses que degeneravam o homem americano. Anos mais tardes, os naturalistas do século das “Luzes” se encarregaram de teorizar sobre a humanidade degenerada da América.

Portanto, apesar da importância da obra de Buffon em promover uma síntese das teses que abordavam as diferenças humanas, não se pode perder de vista que há um certo peso concedido

pelos pesquisadores à sua obra que deve ser matizado. A despeito da posição inovadora de Buffon e daqueles que caminharam pelo mesmo rumo em apontar a degeneração da natureza americana, tal posição não pode ser aplicada para o fato da degenerescência do nativo americano, hipótese destacada, reiteradamente, durante o século XVII, principalmente, pelos viajantes que estiveram nos domínios espanhóis no Novo Mundo.

Na verdade, no próprio século XVIII, tal posição era recorrente nos escritos de letrados europeus, bem antes de Buffon. Em 1719, em obra denominada *Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*, o autor Jean-Baptiste Dubos, homem de influência no governo francês e membro da Academia Francesa, destacava que o ambiente era o responsável direto pelas qualidades que os seres humanos possuíam. Assim, o ar seria o principal elemento causador das diferenças nos seres, os efeitos do ar eram levados via respiração até o sangue e, portanto, impregnava o indivíduo com qualidades inerentes àquele ambiente onde ele vivia. Deste modo, se o ar fosse de uma qualidade boa, logo o sangue também seria e, por conseguinte, os órgãos do corpo e o próprio cérebro humano, chegando-se à conclusão de que determinadas regiões, como a América, não possuíam ares bons. Logo, os seres humanos que habitavam nestas partes eram degenerados.¹⁶

Consequentemente, pela lógica do membro da Academia Francesa, o ar era o responsável pela configuração dos ambientes geográficos e por influenciar diretamente nos caracteres físicos e nas mentes das pessoas. Portanto, o ambiente europeu era mais saudável e mais propício a produzir corpos sadios e cérebros mais aptos a desenvolver a arte. Ao passo que continentes como a África apresentavam uma humanidade degenerada que, mesmo sendo removida da sua região, se levaria muitas gerações para reverter o processo degenerativo. Quanto à América e sua humanidade, o autor destacava a preocupação que o governo espanhol possuía ao ter que lidar

¹⁶ DUBOS, Jean-Baptiste. *Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*. Par J.B.Dubos, 1719, p. 226-228. Sobre a influência do ar nos seres humanos, o filósofo destacava que “Mais les qualités de l’air dépendent elles mêmes des qualités des émanations de la terre qu’il enveloppe. Suivant que la terre este composée, l’air qui l’enferme est different. Or, les émanations de la terre qui est un corps mixte dans lequel il se fait des fermentations continuelles, ne sçauroient etre toujours precisement de la même nature dans une certaine contrée. Ces émanations cependant ne peuvent varier sans changer la temperature de l’air & sans alterer quelque chose de ses qualités. Il doit donc en vertu de cette vissitude, survenir quelquefois des changements dans l’esprit & dans le humeur des hommes d’un certain pays. Il semble qu’il doive y avoir des siecles plus favorables que d’autres à l’éducation Physique des enfans. Ainsi certaines generations seront plus spirituelles en France que d’autres generations, comme il arrive que les hommes ont plus d’esprit en certaines pays qu’en d’autres pays. Cette difference entre deux generations des habitans du même pays arrivera par l’action de la même cause qui fait que les années n’y sont pas également temperées & que les fruits d’une recolte valetn mieux que les fruits d’une autre recolte”.

com os nativos do Novo Mundo, mesmo aqueles que eram filhos de espanhóis nascidos na América, afinal eram todos oriundos de uma humanidade degenerada pelo ambiente.¹⁷

Sendo assim, fica evidente que a proposição do autor, no ano de 1719, era de que a humanidade americana era degenerada por conta do sangue corrompido que carregava em suas veias e, dessa forma, pessoas inaptas a exercerem o bom governo. Ou seja: as mesmas características encontradas nos escritos de Buffon que, segundo Antonello Gerbi e outros pesquisadores, representam a originalidade da obra do naturalista, estavam presentes em textos anteriores. O filósofo Dubos, como temos visto, explicava o quanto o ambiente onde os seres humanos se encontravam era responsável por influenciar em cada parte do corpo, interna e externamente, demonstrando assim, as características de cada raça.¹⁸

Dessa forma, a debilidade dos seres humanos e dos animais estava diretamente relacionada com o ar e sua influência no sangue dos indivíduos. Isso era um dos motivos para pequenez dos seres nascidos na América. Para Antonello Gerbi a tese da estatura dos animais como elemento classificatório, original em Buffon, carregava um componente psicológico que se relacionava com o próprio porte físico do naturalista francês. Buffon era forte e gostava de avaliar as coisas pelo tamanho.¹⁹ Mas obras anteriores às publicadas por Buffon apontam que a tese do porte diminuto dos seres nascidos em regiões distintas da europeia era acentuada como resultante do ambiente nos quais os povos viviam. Tanto que Dubos considerara os americanos

¹⁷ DUBOS, Jean-Baptiste. *Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*. Par J.B.Dubos, 1719, p. 260. Ao abordar o homem americano, o autor destaca que: “La Cour de Madrid qui fit toujours une attention serieuse sur le caractere & sur le genie particulier des diverses Nations qu’elle gouvernoit, [...]. Cette Cour circonspecte a toujours euë pour maxime de ne point confier en Amerique aucun emploi d’importance aux Espagnols Crioles ou nez en Amerique. Cependant ces Crioles sont les habitants qui sont nez d’une mere & d’une pere Espagnols, sans aucun mélange de sang Americain ou Afriquain. Ceux qui sont nez d’un Espagnol & d’une Americaine s’appellent Mestisses & ils se nomment Mulatres quand la mere est Nègresse. L’incapacité des sujets a eu autant de part à cette politique que la crainte qu’ils ne se soulevassent contre l’Espagne. Veritablement on a peine à concevoir à quel point le sang Espagnol, si brave & si courageux en Europe, a dégénééré dans plusieurs contrées de l’Amerique. On ne le croiroit pas si douze ou quinze Relations differentes des expeditions des Flibustiers dans le nouveau monde, ne s’accordoient pas toutes à le dire & à en rapporter des circonstances convaincantes”.

¹⁸ DUBOS, Jean-Baptiste. *Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*. Par J.B.Dubos, 1719, p. 242. Sobre o ambiente e os corpos, o autor apontava que “Or, si la diversité des climats peut mettre tant de varieté & tant de difference dans le teint, dans la stature, dans le corsage des hommes & même dans le son de le voix, elle doit mettre une difference encore plus grande entre le genie, les inclinations & les moeurs des nations. Les organnes du cerveau ou les parties du corps humain qui decident en parlant physiquement de l’esprit & des inclinations des hommes, sont sans comparaison plus composées & plus delicates que les os & les autres parties qui decident de leur stature & de leur force. Elles sont plus composées que celles qui decident du son de la voix & de l’agilité du corps. Ainsi deux hommes qui auront le sang d’une qualité assez differente pour être dissemblables à l’exterieur, seront encore plus dissemblables par l’esprit. Ils seront encore plus differentes d’inclination que de teint & de corsage”.

¹⁹ GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 29.

como diminutos não somente em estatura, mas também na utilização do cérebro. Eram inaptos ao desenvolvimento de qualquer arte.

De fato, tais aspectos utilizados por Dubos para explicar as diferenças humanas e justificar a alocação do homem americano em posição inferior se comparado com o homem europeu, também não são originais, pois a historiadora Lorelai Kury nos lembra que “ce genre d’approche rejoint le modèle medical neo-hippocartique, très influent en Europe depuis le XVII siècle. Les conceptions humorales et climatiques d’Hippocrate ont toujours été présentes dans le médecine occidentale, mais, allies aux methods empiristes et à la philosophe sensualiste, elles connaissent un renouveau à partir de la deuxième moitié du XVIII siècle”.²⁰

Mas, ainda assim, entende-se que a proeminência conferida ao conde de Buffon foi, em grande parte, produto de pesquisas posteriores que o elegeram como o guardião do pensamento francês do século XVIII, quando o assunto abordado era a classificação da humanidade. Um aprofundamento nos estudos de quais foram os caminhos que o naturalista percorreu e aqueles que foram percorridos em benefício de seu nome, na busca da construção de um lugar apropriado para que sua autoria ficasse na história, melhor ainda, para que seu nome continuasse sendo invocado ao longo dos tempos, poderia apontar os limites daquilo que procuramos destacar como obra-prima da história natural do século das “Luzes”. De todo modo, por hora, limitemos nossas análises aos viajantes e suas posições a respeito do clima e homem americanos.

2.3 O Novo Mundo e sua raça de homens desconhecidos: as hipóteses dos teóricos e viajantes do século das “Luzes”

Em relação à origem do homem americano, De Pauw, no século XVIII, era criterioso e dizia não acreditar na hipótese segundo a qual o homem do Novo Mundo teria mais de seiscentos anos. Sendo assim, ele entendia que o estabelecimento dessa barreira cronológica era um grande erro que se sucedeu e se manteve ao longo dos trabalhos sobre a origem dos nativos americanos. Mas se a vida selvagem, a falta de agricultura e de alfabeto podiam ser destacados como marcas da recente origem de um povo, os lapões e os negros, decerto, seriam os mais atuais homens da terra. Todavia, o teórico alertava para se ter cuidado com tal tese, uma vez que nenhum professor de cronologia teria, até então, conseguido estabelecer a antiguidade daqueles povos.

²⁰ KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L’Harmattan, 2001, p. 195.

Mas, seja como for, De Pauw entendia que o homem americano, embora fosse bom corredor, leve e ágil, era destituído da força física resultante da tensão e da resistência dos músculos e nervos. O menos vigoroso dos europeus venceria uma luta com os americanos, o que demonstrava que a diferença entre os selvagens da América e os das regiões da Alemanha era de fato o poder dos membros fortes e dos corpos maciços e infatigáveis dos últimos. Os americanos se exauriam facilmente debaixo de qualquer carga, sobretudo quando estavam a trabalho para os espanhóis, que teriam perdido milhares de vidas indígenas por conta dos árduos afazeres aos quais submeteram os nativos.

De uma forma geral, o tamanho do americano não era semelhante ao dos castelhanos, mas a diferença não era demasiadamente grande. De Pauw destacava que os autores antigos percebiam que a estatura do nativo era menor ao passo em que ele estivesse mais perto do Equador. Contudo, tal observação não se sustentava tanto, pois os habitantes da zona tórrida não eram tão menores quanto aqueles que residiam nas zonas temperadas. Porém, lembrava o autor que tais erros de informações eram comuns quando da chegada dos europeus à América, uma vez que os próprios espanhóis não consideravam os americanos como seres humanos, antes, como descendentes de macacos, precisando uma bula papal para que o homem nativo passasse a ser considerado como pertencente à espécie humana.

E apesar da sentença de Roma, ainda se discutiu abertamente no Concílio de Lima se os americanos possuíam alma para que, de fato, fossem admitidos aos sacramentos da Igreja, donde muitos se recusaram a aceitar tal possibilidade. Todavia, os jesuítas foram mais tolerantes e passaram a administrar os sacramentos, no desejo de que os americanos se acostumassem com as coisas de Deus, se disciplinassem e abandonassem o costume de se alimentarem com a carne humana.

Jean Bernard Bossu, em 1778, também lembrava que, na chegada dos europeus, os índios estavam sob estado de natureza, mergulhados em inocência de maneiras que causava vergonha aos espanhóis. Foram tratados não como inimigos, mas como bestas; e os pensadores disputavam se poderiam considerá-los como homens. O autor lembrava que os escritos de Sepúlveda, contra quem Deus levantou Bartolomeu de las Casas, eram de toda forma abomináveis. A máxima, por muito tempo, era que os índios lembravam cães, indignos ao Cristianismo.²¹

²¹ BOSSU, Jean Bernard. *Nouveaux voyages dans L'Amérique Septentrionale*: contenant une collection de lettres écrites sur les lieux par l'auteur, à son ami M. Douin, Chavelier, Capitaine dans les Troupes du Roi, ci-devant son

Mas, enfim, qual era a origem do homem nativo? William Robertson negava a possibilidade de que povos europeus teriam ocupado a América formando essas nações no novo continente, pois, nos seus dizeres, os nativos americanos encontrados pelos europeus estavam em estado de barbárie que já havia sido vencida pelas nações mais avançadas, há muito tempo. E, portanto, era impossível que o homem americano fosse de origem europeia, circunstância que o levou a acreditar que eram oriundos de tribos bem atrasadas em seu desenvolvimento. Acreditava ainda que os americanos poderiam ser originários dos Tártaros.

Contudo, todos possuíam a mesma ascendência, uma vez que, com menos ou mais características de semelhança, inclusive com variedades nos tons da pele, cada tribo possuía, num só tempo, algo de peculiar que a distinguisse e caracteres comuns a todos daquela raça de americanos. No fim, Robertson destacava que se aventurava a perguntar e, mesmo sem ter uma resposta pronta, ficava satisfeito por passear no terrenos das conjeturas. O autor entendia que alguns animais não sobreviviam às mudanças climáticas, sendo o homem o único a passar por esse processo sem muitos problemas. Mas, pela lei geral da natureza, o corpo humano não era totalmente isento da influência do clima e, quando expostos aos extremos de calor ou frio, seu tamanho e força diminuía.

Robertson lembrava que, em um primeiro momento, o encontro com os habitantes do Novo Mundo encheu os descobridores de espanto, imaginando que se tratava de uma raça de homens diferentes. A pele era como marrom avermelhado, quase lembrando o cobre; o cabelo das cabeças, quase sempre longos, pretos e lisos. Não possuíam barbas e cada parte do corpo era perfeitamente lisa, de boas proporções, embora muitas vezes distorcidos para aparentar mais belos ou para tornar seus aspectos mais terríveis aos olhos inimigos. Nas ilhas, no entanto, os seres humanos apresentavam formação débil. No limite, o rosto sem barba e a pele lisa do americano parecia indicar um defeito em seu vigor, ocasionando vícios em seus quadros constitutivos. Assim, era destituído de forte sinal de virilidade e força e isso não poderia se atribuído à má alimentação com pouco uso do sal nas comidas, como diziam alguns viajantes. Outra das características destacada por Robertson era a falta de apetite sexual dos americanos,

demonstrando total desinteresse pelas coisas do amor e da paixão, essa era mais uma explicação para a degeneração da espécie.²²

Para De Pauw, uma das características que mais marcava os americanos era, sobretudo, a falta de pelos nas sobrancelhas e de barba. Desse modo, concluía que o organismo daqueles homens era inferior. A discussão era para justificar a ideia segundo a qual os tártaros e os chineses também possuíam poucos pelos nessas partes do corpo, mas eram povos fecundos e dados ao amor. Ademais, não eram completamente sem barba, uma vez que, por volta dos trinta anos, se poderia encontrá-los com pelos no rosto e em outras partes do corpo. Portanto, questionava se realmente os americanos teriam sua origem em povos vindos do Oriente.

Hipótese cara a Jean Bernard Bossu quando defendia que o homem teria passado à América pela parte ocidental do México e da Louisiana. Afinal, os elefantes encontrados naquela região eram uma prova de suas observações. Ao tentar apontar algumas semelhanças entre os indígenas americanos e outros povos da terra, lembrava que os índios mexicanos, assim como os Natchez, possuíam templos de adoração e se notava em seus idiomas alguns termos supostamente de origem chinesa. Eles também nunca cortavam as unhas, o que era uma marca dos nobres chineses, que mantinha as unhas da mão direita grandes por longo tempo.

Mas Bossu afirmava que, ao questionar aos índios chamados de Sioux, então povos vagantes, sobre sua origem, teriam dito que ouvira falar de outros indígenas da região Oeste do país, que navegavam em grandes lagos com grandes canoas e moravam em grandes aldeias construídas de pedras esbranquiçadas, vivendo sob o governo de um líder despótico possuidor de exércitos formidáveis. Ao fim, Bossu ficava em dúvida se realmente o homem americano teria vindo de outro continente, uma vez que, nesse caso, a raça de homens brancos seria perpetuada, pois após dois séculos e meio em que Cristóvão Colombo havia colocado os pés no Novo Mundo, os europeus que nessas terras se instalaram conservaram, de uma geração a outra, a brancura de seus antepassados. Além disso, os animais encontrados na Europa eram completamente diferentes daqueles encontrados na América. Logo, cabia ao homem, apenas se

²² ROBERTSON, William. *The history of America*. London: Printed for A. Strahan; T. Cadell, in the Strand; and J. Balfour, at Edimburgh, 1792, livro 4, p. 66: “The negro glows with all the warmth of desire natural to his climate; and the most uncultivated Asiatics discover that sensibility, which, from their situation on the globe, we should expect them to have felt. But the Americans are, in an amazing degree, strangers to the force of the first instinct of nature. In every part of the New World the natives treat their women with coldness and indifference”.

contentar com respeito e admirar a obra do criador e a diversidade no globo.²³ Desse modo, para Bossu, era preciso muitos séculos de influência climática para que os povos pudessem se degenerar no tronco principal, o branco e europeu.

Petrus Camper, em obra publicada no ano de 1792, lembrava que as comunicações humanas foram responsáveis pelo aparecimento de diferentes raças. Assim, os americanos, ao que lhe parecia, eram oriundos do Norte da Ásia, sobretudo quando se observava a semelhança entre os ângulos faciais desses dois povos, sem contar os usos, costumes e princípios religiosos dos mesmos. E, nesse aspecto, ele se servia das viagens feitas às diferentes partes do mundo por homens semelhantes ao Capitão Cook, lembrando que as remessas enviadas à Europa por viajantes em partes da Sibéria, Rússia, Kamchatka e da América, definitivamente, comprovavam as similitudes desses povos. E para Camper o “magnífico” mapa desenhado por Cook, que representava a parte Nordeste da Ásia e Noroeste da América, “nous fait voir clairement la possibilite de cette analogie; de même que celle des courses qu’on faites en Amérique, par ce chemin, les Lapons, les Samoëdes, les Sibériens, les Kamaschatkales et les Sauvages de l’Asie”.²⁴

Logo, Camper descartava as ideias religiosas que interpretadas através da bíblia, justificavam a diversidade humana dispersa pelo globo terrestre. Entendia que qualquer pessoa sem preconceito, ao considerar a espécie humana como se encontrava espalhada pela terra, duvidaria que tal humanidade teve sua origem em apenas um homem e uma mulher. Além disso, a consideração da tonalidade na classificação dos seres humanos não deveria ter papel principal, uma vez que a cor da cútis, ao longo dos tempos, poderia se deteriorar, muito embora os homens mantivessem a mesma textura da pele. Partindo desse pressuposto, Camper destacava que era irrelevante se a coloração original dos primeiros homens era preta ou branca.²⁵ O mais

²³ BOSSU, Jean Bernard. *Nouveaux voyages dans L’Amérique Septentrionale*: contenant une collection de lettres écrites sur les lieux par l’auteur, à son ami M. Douin, Chavelier, Capitaine dans les Troupes du Roi, ci-devant son camarade dans le Nouveau-Monde. Nouvelle Édition. A Amsterdam et a Paris, chez la veune DUCHESNE, Libraire, Rue St-Jacques, au Temple du Goût, 1772.

²⁴ CAMPER, Petrus. *Dissertation sur les variétés naturelles qui caractérisent la physionomie des hommes des divers climats et des différens ages*: suivie de réflexions sur la beauté, particulièrement sur celle de la tête... on y a joint une dissertation, du même auteur, sur la meilleure forme des souliers. Paris: Francart, 1792, p. 17.

²⁵ CAMPER, Petrus. *Dissertation sur les variétés naturelles qui caractérisent la physionomie des hommes des divers climats et des différens ages*: suivie de réflexions sur la beauté, particulièrement sur celle de la tête... on y a joint une dissertation, du même auteur, sur la meilleure forme des souliers. Paris: Francart, 1792, p. 16. Sobre a origem dos povos: “Le peuple de chaque pays offre par conséquent quelque chose de particulier, qui se trasmet de génération en génération ce que, par le mélange de plusieurs nations, ce traits caracteristiques se trouvent altérés ou entièrement détruits. Les guerres, les migrations, le commerce, la navigation e les naufrages ont tellement mêlé les habitans de la

importante, para esse teórico, eram as observações feitas a respeito da parte anatômica dos grupos humanos. Logo, ele entendia a importância do ambiente nas mudanças externas, mas atentava para o fato de que as diferenças internas é que mapeavam as raças humanas.

Isso demonstra mais um exemplo de um paulatino desapego das interpretações religiosas para explicar o mundo. Bem evidente parece que tais teóricos e viajantes se aproximavam de uma visão mais racional – ao menos assim tentavam – para explicar as coisas terrenas e, por isso, tal situação bem poderia, talvez, ser chamada de iluminismo difuso que aportou nas terras do novo mundo num movimento de trocas mútuas: dito de outra forma, isso tudo mostra como a América também deu energia e vasão para o Iluminismo ir se constituindo como uma filosofia/pensamento necessário às sociedades setecentistas.

De Pawn, ao tentar entender a humanidade do Novo Mundo, destacava a dificuldade de se explicar a razão da falta de pelos nos corpos dos nativos americanos, apontando que alguns naturalistas entendiam que poderia ser atribuído ao contínuo uso de tabaco por ambos os sexos, dos quais os antigos peruanos usavam em sua forma em pó para consumi-lo através das narinas. Alguns viajantes entendiam que o sangue dos indígenas era menos impregnado de sal e mais límpido que o dos europeus, ocasionando assim a falta de pelos nos corpos. Mas o que se devia considerar era o efeito da umidade, pois seria o responsável por tal fenômeno, e que os homens eram imberbes pela mesma ordem de razões dos casos das mulheres na Europa e em outras partes do mundo. Assim, a pele seria quente, calorosa, porque o temperamento daqueles homens era de extrema frieza, algo comum ao sexo feminino, concordando com tal assertiva com a tese de Gárcia, que escrevera no início do século XVII, como se verá a seguir.

Mas, se os americanos não possuíam cabelos nem nas partes naturais e nem na pele – o que os distinguiam de todas as outras nações –, tal fato não demonstrava nada de anormal, segundo De Pauw. Assim como o escroto com tamanho alterado em alguns homens e a pequenez do aparelho reprodutor também não acarretavam em influências negativas. Outra característica que chamava a atenção era o inchaço do membro genital de alguns, o que não deveria, segundo o autor, ser considerado como algo natural, mas como efeito de arte, pois, com algumas atitudes, os

terre, que ce n'est plus que dans l'intérieur de quelques contrées inaccessibles aux étrangers qu'on trouve des hommes qui possèdent encore leur figure originale et primitive, qui les distingue d'une manière visible des nations limitrophes. Or, comme les différentes contrées du globe tiennent les unes aux autres, on n'apperçoit, en général, entre les divers peuples qu'une différence graduelle, et qui ne devient remarquable qu'à des très-grandes distances".

indígenas faziam com que seus pênis tivessem aquela configuração monstruosa, num ato muito perigoso para se alcançar aquele objetivo.

Ao observar os órgãos genitais dos nativos, La Pérouse, na sua viagem pelo mundo, afirmava não existir nenhuma comprovação de que algo estava errado com tais partes do corpo. E se considerasse a perfeição com que, aparente e externamente, se apresentavam aquelas partes, ele podia concluir que nada havia de estranho. Logo, escrevia que não vira em nenhuma das regiões por onde esteve, nem o prolongamento dos sacos escrotais, nem qualquer inchaço prodigioso nos pênis, assim como qualquer diferença substancial nos seios daquelas que ofereciam o leite. Assumindo mesmo que se tratava de ilusões de viajantes ávidos por deturpar a natureza americana. E com seu posicionamento, o viajante duvidava das teorias apresentadas por De Pauw e Buffon.

De Pauw apontava que homens como o religioso Charlevoix estavam enganados sem medida, quando imaginavam que os alimentos eram responsáveis pela falta de pelo nos corpos, uma vez que os antigos selvagens da Europa, como os batavos, os alemães e os gauleses, também se nutriam de forma simples como os americanos, mas possuíam barba e o corpo muito peludo. Assim, a deficiência no uso do sal não poderia ser responsável pela falta de penugem nos corpos, já que muitos povos que não usavam tal produto, na América, ainda assim possuíam pelos nos rostos.

Para o letrado, era fácil observar que as crianças selvagens, principalmente da América Setentrional, ao nascerem, possuíam os membros dos corpos carregados de uma penugem rara, que se desenraizava e caía por volta do oitavo ou nono dia após o nascimento, sem jamais voltar a crescer. Visão de um mundo com humanidade degenerada levada ao extremo, no qual, até o nascimento das crianças era relatado como algo estranho, uma vez que os descendentes nasciam com pelos. Diferentes, portanto, das crianças do clima europeu que nasciam com a pele limpa e lisa e, na puberdade, cresciam os pelos que em momento algum da vida caíam, nem mesmo quando os cabelos da cabeça estavam em processo de queda por conta da decrepitude da idade. As doenças também podiam mudar esse quadro, mas, de uma forma geral, os pelos dos corpos eram constantes e uniformes em todos os indivíduos com constituição física saudável.

De Pauw entendia que a falta de pelo nos corpos não deveria ser explicada considerando o hábito dos nativos se depilarem, o que depois de muitas gerações acabara se tornando algo hereditário. Desse modo, se questionava a respeito das mutilações que os homens americanos

faziam em seus corpos e, nem assim, tais marcações se tornavam algo inerente à raça que habitava o Novo Mundo. Encerrava com o exemplo da circuncisão, encontrada em muitos povos da América e que não se tornara um hábito transmitido de geração em geração, de forma espontânea, através dos corpos.

Gilbert Imlay, capitão que serviu no exército americano durante a Revolução, considerava que os índios americanos não nasciam brancos e, ao longo da vida, existia um grande esforço por parte dos nativos no sentido de escurecer a pele, não só usando produtos que colocados na cútis os levavam a se exporem ao sol, mas também usando pinturas em seus rostos, seios e ombros, de várias cores, sobretudo o vermelho. E seus corpos eram proporcionalmente bem formados, sendo os das mulheres perfeitos. Não se admitia entre aqueles povos os pelos nos corpos, sendo sempre retirados. Em muitas nações até o cabelo era raspado, de forma que ficava um pouco no alto da cabeça. Para o autor, os índios não eram ignorantes, como se suponha, mas um povo muito compreensivo, rápidos na apreensão do que se ensinava, sutis nos negócios, requintados em invenções e diligentes em ação.²⁶

Segundo Imlay, o clima americano era o responsável pela coloração avermelhada dos nativos, assim como o ambiente africano era culpado pela cor preta dos homens oriundos daquela região. No entanto, as mudanças de regiões poderiam ocasionar transformações substanciais nas peles humanas, depois de algumas gerações vividas na nova terra. O militar diplomata utilizava a obra do escocês Lorde Kames para conceder suporte à sua tese. Curiosamente, não citava Buffon, muito embora a obra do conde já fosse conhecida em terras americanas. Pode-se pensar que o naturalista francês e o filósofo escocês defendiam a tese da influência climática. Não obstante, Buffon abordasse a degeneração do homem americano e tecia comentários desabonadores sobre

²⁶ IMLAY, Gilbert. *Topographical description of the Western territory of North America: a succinct account of its soil, climate, Natural History, population, agriculture, manners and customs, with an ample description of the several divisions into which that Country is partitioned.* London: Printed for J. Debrett, Third Edition, 1797, p. 226. Sobre a razão da coloração da pele dos nativos: “A judicious author of this country, who has written on the complexion and figure of the human species, has said ‘a nation which migrates to a different climate will, in time, be impressed with the characters of its new state. The dark colour of the natives of the West India Islands is well known to approach very near to a dark copper. The descendents of the spaniards in South America are already become copper-coloured.’ The Portuguese of Mitombo, in Sierra Leone, on the coast of Africa, have, by intermarriages with natives and by adpting their manners, become, in a few generations, perfectly assimilated in aspect, figure, and complexion. And Lord Kames, who can not be suspected of partiality on this subject, says of another portuguese settlement on the coast of Congo: ‘that the descendants of those polished Europeans have become, both in their persons and in their manners, more like beasts than like men. These examples tend to strengthen the inference from the changes that have happened in the Anglo-Americans; and they shew how easily climate would assimilate foreigners to natives, in the course of time, if they would adopt the same manners, and equally expose themselves to its influence’”.

os corpos e costumes dos nativos do Novo Mundo. Isso, de alguma maneira, incomodava Gilbert Imlay que era americano.

Conforme De Pauw, o sangue dos índios ocidentais, em sua época, já estava bem misturado com o de europeus, negros e mulatos, formando seres híbridos de toda a espécie. Por isso, alguns nativos nasciam com penugens na região da virilha, o que era totalmente descartado por eles, por vários motivos, dentre os quais, as questões religiosas. Alguns povos fugitivos e errantes, segundo o autor, que mantiveram sua raça “sem a cruz”, estavam em sua época, como se encontravam quando da descoberta do Novo Mundo, ou seja, absolutamente sem pelos em todo o corpo.

E tal formato físico, longe de ser uma prova de força e valentia, segundo De Pauw, era uma demonstração de fraqueza, devida mais ao clima e temperamento dessas nações em geral do que as boas maneiras e a forma como se alimentava cada um desses grupos em particular. Afinal, os peruanos e mexicanos, que sabiam algumas civilidades e eram organizados em uma sociedade também recente, impregnavam sua carne com sal e nem por isso possuíam mais barba se comparados com aqueles infelizes que suportavam o peso da vida rural nas florestas escuras, assemelhando-se mais com as plantas. Por fim, não se podia afirmar estritamente que o não uso do sal poderia causar danos à constituição física, uma vez que ao fazerem suas carnes, cozidas sobre recipientes expostos à fumaça da madeira, partículas de sal acabavam se desprendendo e se acumulando sobre o alimento, provocando o gosto no nutrimento.

Assustava ao teórico os relatos de viajantes de que, em algumas partes mais quentes da América, os homens nasciam com leite em suas mamas, sendo responsáveis, inclusive, pelo aleitamento das crianças, notícia estranha, mas que, se realmente fosse verdade, poderia ser explicada por algum problema no sangue e pela disposição do feto no útero materno no momento das trocas de alimentos. De fato, a umidade da região e o calor seriam responsáveis por essa assombrosa inversão de papéis, na qual o macho vinha provido de leite em suas mamas e ajudava na alimentação dos filhos. Somente numa terra de clima degenerado, segundo De Pauw, tal fato poderia ocorrer.²⁷ Assim, o leite provocava nos homens da América, por consequência, o aumento do calor. Geração de pessoas pouco abertas para o amor, com gênio terminal, sem ousadia, com caráter questionável, naturalmente propensos à apatia e à inatividade. A fraqueza

²⁷ PAUW, Cornelius de. *Recherches philosophiques sur les américains ou Mémoires intéressants pour servir à l'histoire de l'espèce humaine*. Tome 1. Berlim: Chez George Jacques Decker, Impr. Du Roi, 1768, p. 45.

dos nativos também fazia deles seres vingativos, como as mulheres que possuíam menos força para repelir um ataque; eram faltosos no ato de perdoar, seres covardes com instinto que nunca os levavam a acreditar no outro, conforme asseverava De Pauw.

Le Gentil de la Barbinais, em relatos de viagem da primeira metade do século XVIII, assustado, destacava que era impossível definir os povos oriundos do Brasil, especialmente os portugueses da terra, sendo, em primeiro lugar, enganoso considerá-los pela fisionomia e, principalmente, pela aparência de pessoas boas que demonstravam ser, a princípio. Ele entendia que os luso-brasileiros era dissimulados assim como os chineses e disfarçavam muito bem o ódio que nutriam pelos franceses, sobretudo por conta das guerras entre os “locais” e os oriundos de França que estiveram na costa do Brasil no início daquele século. Dessa forma, as entidades governamentais existentes na Colônia sempre fingiam receber bem os estrangeiros, apresentando costumes civilizados à moda francesa, mas, simplesmente por desejarem auferir algum lucro ou algum benefício.

Ou seja, para o autor, os nativos recebiam bem as embarcações e levavam do melhor para uma recepção de boas-vindas; mas, se dentro de alguns dias não ganhassem nada em troca, o comportamento mudava e assim, enfim, aparecia a verdadeira face daquele povo, dignos de serem chamados parasitas. E o comportamento característico dos americanos, daqueles aqui nascidos, contaminava os europeus que ficavam por algum tempo já que, segundo o viajante, “néanmoins parmi ce grand nombre d’Escrocs, j’ai vû à la suite du Viceroi plusieurs Officiers de Portugal qui remarquoient aussi bien que nous les vices de ces Americains, et qui pratiquoient avec plaisir les devoirs d’une honnête société”.²⁸ Portanto, existiam aqueles que conseguiam se manter longe dos vícios americanos, desde que não ficassem por muito tempo.

Para Barbinais os modos e a moral eram corrompidos no ambiente americano, os homens ostentavam uma postura indigna. As mulheres do Brasil eram, segundo o autor, desonradas, debochadas e viviam em evidente desordem pública. Os homens que cuidavam da fé também não escapavam de sua escrita e eram caracterizados como ignorantes em matéria de sacerdócio, além

²⁸ BARBINAI, Le Gentil de la. *Nouveau voyage autour du Monde. Par monsieur Le Gentil. Enrichi de plusieurs plans, vûës et perspectives des principales villes et ports du Pérou, chily, Brésil et de la Chine, avec une description de l’Empire de la Chine*, 1727, p. 201-202.

de fazer pesar sobre eles a acusação de que mantinham relações com as ditas mulheres desonestas da terra.²⁹

O viajante continuava suas observações a respeito dos indivíduos nascidos na América e atentava para o fato de que as mulheres que eram mais virtuosas, no Brasil, ou seja, aquelas cujas as desordens comportamentais não iam ao público, viviam trancafiadas em casa, rodeadas de um séquito de escravas que eram ornamentadas como se damas fossem enfeitadas com pulseiras, anéis e braceletes de ouro, como se fossem, enfim, de uma camada social importante. Assim, aquelas escravas e os seus amantes brancos, bem como as suas senhoras, viviam em um ambiente onde se compartilhavam não somente os benefícios de comércios ilegais, mas, também, a mesma cama.

Barbinais chocava-se em perceber que os naturais do Brasil preferiam relacionar-se com uma mulher preta ou mulata do que com a mais bela mulher branca. E ao perguntar aos homens da terra de onde vinha tal gosto, nem eles mesmos sabiam explicar tal situação entendida, pelo viajante, como bizarra. Então, o letrado encontrava uma explicação para esse comportamento desviante característico do homem americano e concluía que só podia estar no leite que as mulheres de cor passavam para as crianças quando da alimentação infantil. Ou seja, os escritos desse relato apontavam a amamentação feita pelas mulheres de ascendência africana aos filhos das famílias brancas como a grande responsável por transformar aquela sociedade em um lugar de homens desregrados e adeptos dos mais bizarros desvios sexuais e morais.

Assim, Barbinais completava sua exposição apontando os malefícios do leite daquelas escravas que corrompia o bom sangue e transferia para o amamentado os mesmos vícios trazidos pelos negros em sua essência, ou seja, especialmente, a vida sem moral e dissoluta. Ao fim, apontava que teve a oportunidade de conhecer uma amável senhora de Lisboa que havia se casado com um homem do Brasil e a discórdia causada por uma negra naquela relação, fez com que o homem branco trocasse a vida com sua mulher pelo amor de uma preta que não merecia a atenção nem mesmo do mais feio homem de toda a Guiné. Portanto, o grau de libertinagem que reinava naquela colônia portuguesa, segundo o viajante, era tão extremado que ele preferia parar

²⁹ BARBINAIS, Le Gentil de la. *Nouveau voyage autour du Monde. Par monsieur Le Gentil. Enrichi de plusieurs plans, vûës et perspectives des principales villes et ports du Pérou, chily, Brésil et de la Chine, avec une description de l'Empire de la Chine*, 1727, p. 203-204: “les Couvens mêmes, ces Maisons consacrées à Dieu, servent de retraite aux femmes publiques. Je ne sçais, Monsieur, si je dois m'étendre sur leur libertinage, il me semble qu'il vaut mieux passer leurs crimes sous silence, et puisqu'il n'y a en eux aucune vertu que je puisse louer, du moins je dois cacher leurs vices et ne pas scandaliser l'Eglise en révélant les iniquitez de ses Ministres”.

naquele ponto a sua exposição, contudo, não sem antes, ressaltar que os portugueses nascidos no Brasil lembravam, em tudo, os espanhóis nascidos no Peru, ou seja, o mesmo espírito de falta de religião, ignorância e de presunção, características, no seu dizer, comuns a todos os povos oriundos da América.³⁰

Em relação à importância do leite no processo de degeneração dos rebentos, Jean Bernard Bossu, cinquenta anos após o relato de Barbinais, enfatizava que as damas brancas que eram conhecidas como Crioulas, seguiram na América o uso das europeias, de desdenhar o amamentar de seus filhos. Assim, entregavam sua prole a uma escrava negra, morena ou vermelha, sem pensar que o leite poderia corromper o sangue. Afinal, vários médicos competentes teriam demonstrado fisicamente que tal líquido afetava as inclinações latentes nos jovens. Com isso, o viajante declarava ter visto muitas vezes na América, vítimas inocentes da vida dissoluta de suas amas de leite, o que era algo fatal para a propagação do mal na espécie humana.³¹ Ou seja, o leite trazido pelas negras em suas mamas era transmissor dos modos dos africanos. Mais um indício de que a divisão não era somente pelo aspecto religioso ou cultural. Nada mais “biológico” do que se entender os nutrientes do leite usado na amamentação que, segundo o viajante, transmitia as coisas ruins da raça negra para os filhos das mulheres Crioulas.

Mas se, para Bossu, o leite das pretas corrompia o caráter humano, demonstrando falta de apreço para com as nações negras, buscava provar em toda sua obra que os ameríndios eram descendentes de antigos povos do Velho Mundo, destacando que a obra de Joseph-François Lafitau não deixara dúvida a respeito da origem dos nativos americanos.³² Porém, existia uma

³⁰ BARBINAIS, Le Gentil de la. *Nouveau voyage autour du Monde. Par monsieur Le Gentil. Enrichi de plusieurs plans, vûës et perspectives des principales villes et ports du Pérou, chily, Brésil et de la Chine, avec une description de l'Empire de la Chine*, 1727, p. 204.

³¹ BOSSU, Jean Bernard. *Nouveaux voyages dans L'Amérique Septentrionale: contenant une collection de lettres écrites sur les lieux par l'auteur, à son ami M. Douin, Chavelier, Capitaine dans les Troupes du Roi, ci-devant son camarade dans le Nouveau-Monde. Nouvelle Édition. A Amsterdam et a Paris, chez la veuve DUCHESNE, Libraire, Rue St-Jacques, au Temple du Goût*, 1772, p. 202. O autor cita Lafitau: “La reflexion du Pere Laffiteau vous paroîtra juste. ‘La description de ces Insulaires, dit-il, convient parfaitement aux Caraïbes, qui étoient maitres des Antilles, de la plus grande partie desquelles ils ont été chassés par les Européens, en ces derniers tems. La chair de ces Peuples est fort rougeatre: elle l’est naturellement; & c’est moins un effet du climat, qui de l’imagination des meres, qui trouvent de la beauté dans cette couleur, la transmettent à leur fruit; elle l’est aussi par artifice; car les Barbares se sont peindre tous les jours avec le rocou qui leur tient lieu de vermillon, & les fait paroître rouges comme du sang. Pour ce qui est de l’imagination de ces Matelots, qui croyoient voir des Satyres, elle ne venoit que de la peur qui leur faisoit prendre des queues postiches, pour des queues réelles. Presque toutes les Nations barbares de l’Amérique se donnent cet ornement, sur-tout quand elles vont en guerre”.

³² BOSSU, Jean Bernard. *Nouveaux voyages aux Indes Occidentales: contenant une relation des différens peuples quei habitent les environs du grand fleuve Saint-Louis appelé vulgairement le Mississipi*. 2.ed. Paris: Le Jay Libraire, 1768, p. 188-189.

diferença entre Lafitau e Bossu: este último acreditava que o poder do clima era importante para a coloração da pele, embora não fosse o único fator que se deveria considerar.³³

George Anson, na sua passagem ao sul da América portuguesa, Santa Catarina, em meados do século XVIII, lembrava que havia muitos benefícios em se viver naquela região. No entanto, o clima poderia ser considerado como algo ruim que trazia malefícios para o corpo humano. Para o viajante “with regard to the climate, it must be remembered, that the woods and hills which surround the harbour, prevent a free circulation of the air”.³⁴ O autor seguia explicando que a vegetação vigorosa existente naquela região era responsável pela formação de uma quantidade de vapor prodigiosa que, sobretudo, à noite e na parte da manhã, causava um nevoeiro espesso que fazia com que o local se tornasse mais úmido e, portanto, ocasionando mais doenças e interferindo nos humores humanos.

Assim, Anson entendia que o clima era responsável pela alteração nos humores, causando danos, inclusive, à forma de governação daquela região que era tomada por quantidade incrível de animais peçonhentos, onde os mosquitos incomodavam o tempo todo e causavam com suas picadas feridas que demoravam a se curar. O viajante buscava aspectos da viagem de M.Frezier, que veremos no próximo capítulo, para explicar como era o povo da região de Santa Catarina, destacando que se tratava de um retiro de vagabundos e bandidos que fugiram para lá e não se sujeitavam aos desejos da Coroa portuguesa. Assim, entendia que o clima da região influenciava no comportamento dos seres humanos que ali viviam.

As anotações de viagem de Anson apontam indícios de que ele havia tido contato com a obra de Buffon, atenuado com as teorias lançadas pelo filósofo natural francês, ele indicava que a vegetação e a umidade eram responsáveis por causar o vapor responsável por influenciar no comportamento humano. Nada falou sobre as características dos nativos americanos, se preocupou apenas em abordar, rapidamente, seus modos, apontando o ambiente como fator responsável pelos desvios morais.

³³ BOSSU, Jean Bernard. *Nouveaux voyages aux Indes Occidentales*: contenant une relation des différens peuples quei habitent les environs du grand fleuve Saint-Louis appelé vulgairement le Mississipi. 2.ed. Paris: Le Jay Libraire, 1768, p. 189: “Les rapports qu’on trouve entre les usages de plusieurs Peuples de l’Amérique avec ceux de quelques Nations fort anciennes de notre continent, semblent démontrer que cette contrée n’a point été ignorée de l’antiquité; ils prouvent sur-tout que l’ancien Monde a fourni des hommes au nouveau; comment expliqueroient ils ces rapports si cela étoit arrivé autrement? Combien de ressemblance n’y a-t-il pas entre la religion, les moeurs, les coutumes des Sauvages & celles de quelques Peuples anciens”.

³⁴ ANSON, George. *A voyage round the world in the years MDCC, XL, I, II, III, IV*. Compiled from his papers and materials, by Richard Walter, M.A. Edinburgh: Printed by Campbell Denovan. Sold by the Booksellers, 1781, p. 49.

Mas o que deixou foi o suficiente para percebermos que o viajante entendia que a humanidade presente nas terras portuguesas na América era degenerada do tronco principal. A obra não aponta para a utilização de termos como raça ou nação. Porém, indica que o povo presente no Novo Mundo havia passado por um processo degenerativo, principalmente por conta do clima da região. Não há no viajante indícios de que tal processo fosse reversível. E nem vejo importância em buscar esse tipo de evidência, afinal de contas, o que está subjacente ao processo apresentado pelo autor é a posição inferior na qual ele alocava os nativos do Brasil, destacando, acima de tudo, o comportamento resultante do viver sob o ambiente avesso à vida, como ele entendia ser o caso da América.

A Expedição Malaspina, pelos domínios da América espanhola, na segunda metade do século XVIII, confeccionou inúmeros diários que nos permitem entender um pouco sobre a forma como os participantes daquela empreitada classificavam a diversidade humana. Antonio Tova Arredondo nos lembrava da dificuldade que teve para entabular contatos com os homens da região da Patagônia. Mas ressaltando que, após algumas conversas, foram bem recebidos por aqueles indígenas, sobretudo devido à presença do capitão da expedição, que já era conhecido dos nativos por ocasião de viagens anteriores. O viajante classificava os povos que encontrara somente pela perspectiva da análise dos caracteres físicos.³⁵

Tova Arredondo questionava a tese do tamanho insignificante do homem americano. Portanto, se percebe que o autor conhecia as teorias buffonianas de que o nativo do Novo Mundo era mirrado e com proporções corporais débeis. O contato com os ameríndios fazia com que o viajante notasse que os homens eram tão grandes e corpulentos quanto os europeus. Porém, também negava a tese de que eram gigantes, contradizendo assim, muitos viajantes e a própria *Encyclopédie*, na qual o verbete sobre a Espécie Humana, escrito por Diderot, afirmava a

³⁵ ARREDONDO, Antonio Tova Arredondo. Diário. In: *La expedicion Malaspina (1789-1794)*. Madrid, Barcelona: Ministerio da Defesa, 1993, p. 77-82. Sobre algumas nações por le analisadas, Arredondo destacava que: “Se midió la talla al cacique, resultando de seis pies dez pulgadas de Burgos, correspondiendo a la robustez de sus miembros y abultadas facciones, pero todos muy semejantes en lo fornidos, pudiendo asegurarse que aunque no deben pasar por gigantes, como quisieron suponer algunos viajeros, son generalmente de una talla y corpulencia muy superior a los europeos. Su color es semejante al cobre, la cabeza muy grande, igualmente que la cara y está algo achatada, frente llana y pequeña, ojos chicos y hundidos, nariz chata, boca grande, dientes pequeños, unidos y muy limpios, pelo negro, fuerte, y éste untado de una especie de aceite o grasa de lobo de malísimo odor; los hombres lo dejan suelto y lo contienen tan sólo con una cinta o correa que les ciñe la cabeza por la frente, y las mujeres, dividiéndole por mitad, formando coleta, que caen a uno y otro lado, por delante de los hombros, las cuevas adornan con cuentecitas de vidrio, cuando pueden adquirir las, lo mismo que el cuello y la muñeca, siendo este adorno más general en sus pequeños hijuelos. Entre éstos y las mujeres jóvenes se ven algunas caras no feas y de un color bastante claro, al paso que el de los adultos es oscurísimo, lo que prueba se éste efecto de la intemperie a que continuamente están expuestos”.

existência de gigantes na Patagônia. Em relação à coloração da pele, embora o autor não classificasse aquele povo como pertencente a outra espécie ou raça, não deixava de destacar que a claridade presente na tez das mulheres jovens o agradava, ao mesmo tempo que a exposição dos corpos ao sol fazia com que as pessoas ficassem mais feias, porque mais escurecidas.

Para o viajante a bondade era um traço marcante daqueles povos da região da Patagônia, assim como amor recíproco de pais e filhos, irmãos e todos os membros familiares, sendo as mulheres honestas, podendo servir de modelo para povos que se diziam civilizados. Pelo menos era preciso considerar que aquelas nações eram tomadas de bondade e confiança no que dizia respeito ao trato com os estrangeiros, manifestando a boa-fé dos mesmos, muitas vezes traída pelos viajantes e visitantes.³⁶

Chefe da expedição, Alejandro Malaspina também via atributos positivos nos nativos da região em apreço, embora considerasse que os índios Chonos fossem uns dos poucos infelizes que habitavam aquela território e que eram errantes, precisando se deslocar para conseguir alimentos, subsistindo contra todos os ditames da natureza, parecendo ao viajante que eram estranhos naquele solo e que haviam “realmente degenerado de los caracteres indicativos de la clase del hombre, pasando a una estupidez que no les es natural”.³⁷ Portanto, para Malaspina, os modos e costumes de determinadas tribos eram oriundos do processo de degeneração pelo qual passaram aqueles povos. Muito embora o autor não abordasse que tal processo fosse irreversível.³⁸ Portanto, Malaspina falava dos homens da região do Chile como se fossem

³⁶ ARREDONDO, Antonio Tova. Diário. In: *La expedicion Malaspina (1789-1794)*. Madrid, Barcelona: Ministerio da Defesa, 1993, p. 77-82: “En medio de todas estas recomendables circunstancias no ha faltado quien insulte a estos infelices y los haya tratado peor que animales; los ingleses, que tanto se precian de humanos e generosos, y que en sus escritos, suponiendo mil hechos fabulosos, no cesan de desacreditar la conducta de todas las naciones, particularmente de los españoles, son los que han cometido en esta costa el hecho más abominable que puede imaginarse y que vamos a referir tal como los patagones lo cuetan, repitiendo constantemente expresiones – hermano guanaco malo –, llaman, como ya hemos dicho, a todos hermano, lo mismo que en castellano, y con el nombre de guanaco quieren significar los cabellos rubios de los ingleses, tanto que se acercaban recelosos a los que de nosotros los tenían de aquel color; el hecho es el siguiente. Un capitán inglés de uno de los muchos buques que se emplean en la pesca de la ballena, después de haberlos traído con promesas a la playa, tuvo la bárbara complacencia de darles una descarga de artillería a metralla, matando a muchos, que nombran todavía con sentimiento, mezclado de la mayor indignación y asegurando que para ello no dieron el menor motivo [...]”.

³⁷ MALASPINA, Alejandro. In: *La expedicion Malaspina (1789-1794)*. Madrid, Barcelona: Ministerio da Defesa, 1993, p. 236.

³⁸ MALASPINA, Alejandro. In: *La expedicion Malaspina (1789-1794)*. Madrid, Barcelona: Ministerio da Defesa, 1993, p. 238. Sobre os nativos do Chile, ele destacava que “La población de Chiloé se compone en el día de 27,000 almas, los 15,300 españoles, los 11,700 indios, depende esencialmente esta diferencia de los fueros que se han conocido a los unos y negado a los otros; [y] entrando por consiguiente en la clase de los primeros cualesquiera nuevos colonos que la suerte deparase a estas regiones. Los indios son conocidamente huilliches y dotados por consiguiente de las dos características de aquella nación: desconfianza y superstición, degenerando ésta en una excesiva crueldad en los prestigios y encantos que transcende no sólo a las enfermedades, partos, etc., si también al

degenerados por conta dos atos colocados em prática por eles. A equipe do viajante era de acordo que o clima seria o responsável pelas diferenças físicas. De todo modo, o que chamava a atenção era o caráter dos indivíduos que, debaixo do céu do Novo Mundo, teria se adulterado. Necessário se faz destacar que a palavra degenerado ou degeneração, nem sempre dão conta de todo o processo classificatório, de todo modo, salta aos olhos.

José de Moraleda, em seu diário da Expedição Malaspina, ressaltava sobre os índios do Chile que “los indios parecen menos malos que los chilenos, pero de estatura más corta; el carácter de éstos es el general de todos los de su casta, así de esta America como de la septentrional; esto es algo inclinados a la idolatría, muy supersticiosos, disimulados, vengativos, ebrios y ociosos. Sin embargo a expensas del incesante penoso trabajo de los reverendos padres misioneros franciscos, relatan la doctrina cristiana también mejor que los españoles, pero en unos y en otros no es ella obstáculo para dejar de estar imbuidos en la multitud de necias groseras supersticiones en que están”.³⁹

Os diários pessoais que compõem os relatos da Expedição Malaspina nos fazem perceber que aquela equipe acreditava na influência do clima como promotora da diversidade humana. No entanto, não ressaltava que as características físicas, como a cor da pele, eram imutáveis. Contudo, subsidiados por academias de ciência e cientes das produções europeias feitas pelos naturalistas de gabinete que abordavam a natureza americana, esses viajantes da expedição, quase sempre, se deparavam com uma realidade diferente daquela que se encontrava nos compêndios filosóficos do Velho Mundo e, dessa forma, no contato e nas descrições dos nativos, apresentavam teses que contradiziam os corifeus das teorias sobre a diversidade humana na América.

Os historiadores Rafael Baeza e José Leiva, ao analisarem a importância da Expedição Malaspina, destacam que as sociedades americanas tiveram papel fundamental na produção do material e das observações feitas pelos viajantes e, dessa maneira, acabaram por se reconhecerem como diferentes da sociedade europeia e dos europeus. Assim, os cientistas europeus do século XVIII, segundo os historiadores, ao transmitirem os avanços das ciências e promoverem as

uso del veneno, como sea autorizado de las señales augurales y la necesidad de liberarse de un enemigo, de una mujer, de un marido. No difieren de ellos en esta parte de los mismos criollos o españoles, en los cuales la ninguna educación, ni roce con las demás colonias, y el natural apego y promiscuación con las mujeres, depositarias por lo común de esta especie de costumbres, ha hecho que muy luego más bien se asemejan a los [españoles] habitadores antiguos de la isla, más bien que introducir las que debían heredar de sus padres”.

³⁹ MORADELA, José. In: *La expedición Malaspina (1789-1794)*. Madrid, Barcelona: Ministerio da Defesa, 1993, p. 285-286.

investigações na América, fizeram possível não só um novo descobrimento do continente – desta vez de caráter botânico, zoológico, mineralógico e etnográfico – como também foram responsáveis por fazer com que os americanos se reconhecessem como diferentes e, dessa forma, contribuindo decisivamente para a formação de um sentimento protonacional.⁴⁰

A posição dos autores apresenta pelo menos dois problemas: primeiro, a valorização excessiva da ciência e dos homens do Iluminismo como promotores de mudanças fundamentais no conhecimento, de sorte que a presença deles na América, de alguma forma, “iluminou” a mente dos nativos a ponto de fazê-los despertar para a realidade distinta em que estavam inseridos no quadro da criação humana. Embora os autores avancem ao incluir os americanos no bojo da produção científica, acabam por sobrevalorizar o homem e a ciência do século XVIII, deixando escapar nuances que demonstram a importância dos viajantes do século XVII para a construção dessa percepção de que o Novo Mundo possuía uma humanidade diferente. E isso com base nos estudos científicos amplamente colocados em prática naquela centúria. Por outro lado, acho perigoso falar de desenvolvimento de ideologia nacional a partir do momento em que os americanos se vêem como diferentes. Esse processo é mais complexo e ligado a outro contexto histórico, o do início do século XIX, no bojo dos acontecimentos europeus do pós Revolução Francesa e incursões napoleônicas no Velho Mundo.

La Pérouse, também no século XVIII, em sua longa viagem ao redor do mundo, ao contemplar diversos povos da América, observando as características físicas e os modos, assim como faziam todos os viajantes em suas jornadas, afirmava que os escritores que defendiam a ideia de degeneração do homem americano estavam faltando com a verdade. Destacando ainda mais, que aqueles que estendiam tal degeneração ao europeu que se naturalizava na América, estavam mais errados. Da mesma forma, entendia que falhavam aqueles observadores que destacavam a hipótese dos animais trazidos à América terem assumido posição de inferioridade em relação aos seus ancestrais na Europa. Portanto, a posição do autor era de crítica aos escritos de De Pauw e Buffon.

Para La Pérouse não existia diferença substancial, como diziam os viajantes, entre a velocidade dos indígenas e dos europeus, nem tampouco qualquer distinção entre os órgãos do sentido desses dois povos. E se realmente pudesse marcar uma grande diferença, seria a

⁴⁰ BAEZA, Rafael Sagredo; LEIVA, José Ignacio Gonzáles. *La expedición Malaspina en la frontera austral del imperio español*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2004, p. 65-66.

vantagem dos europeus serem civilizados. Assim, o curso da vida dos americanos parecia ter os mesmos períodos em relação ao aumento ou diminuição dos anos, em relação aos europeus. Claro, para ele era preciso considerar que o clima, o estilo de vida e os hábitos conferiam algumas pequenas diferenças.

Assim, para o autor, em regiões do Chile e da Califórnia, a barba e as modificações na voz dos garotos ocorria a partir dos doze anos; o inchaço na mama da garotas bem como o fluxo menstrual também era desse mesmo período da idade e incorria normalmente. Evidente que a abundância periódica da menstruação variava de acordo com a constituição e modo de vida das pessoas. A idade fértil das mulheres ia até mais ou menos os quarenta anos e o fluxo menstrual durava entre três e oito dias.

A velhice e a decrepitude, segundo La Pérouse, ocorria entre os nativos americanos, assim como ocorria nas nações civilizadas, sendo marcada pela secura dos indivíduos, perda ou diminuição da visão e outros sentidos, mudança da cor do cabelo e da barba. Mulheres que possuíam muitos filhos, tal qual as europeias, terminavam com os seios flácidos e pendentes, com a pele da barriga enrugada, mas sem nenhuma diferença notável entre americanos e europeus. Eram pessoas propensas às mesmas paixões, podendo usar da raiva e da alegria, assim como qualquer nação. Vivendo comumente da caça e da pesca, via-os como preguiçosos e dados a comer até alimentos podres para não precisar ter muito trabalho.⁴¹ Mas, a defesa de que a América não era uma terra degenerada com seres humanos degradados não foi uma constante na obra de La Pérouse e seus colaboradores, mesmo o comandante da expedição, diferentemente do que ele afirmava no volume quarto de sua vasta obra, no segundo volume ele apontava para povos do Novo Mundo que eram degenerados.⁴²

Um dos médicos da sua viagem destacava que muito embora considerasse que o tamanho dos índios era bem parecido com o dos europeus, eles possuíam características faciais bem variadas, oferecendo expressões no rosto que nunca demonstravam uma sensação suave. A cor da pele era muito escura, porque estavam constantemente expostos ao sol, o que demonstrava que o

⁴¹ LA PÉROUSE, Jean-François de. *Voyage de La Pérouse autour du Monde* (v. 4). Paris: De l'imprimerie de la République, 1797, p. 52-55.

⁴² LA PÉROUSE, Jean-François de. *Voyage de La Pérouse autour du Monde* (v. 2). Paris: De l'imprimerie de la République, 1797, p. 64, sobre determinadas nações: "Le peuple de la Conception est très-voleur, et les femmes y sont extrêmement complaisantes: c'est une race dégénérée, mêlée d'Indiens; mais les habitant du premier état, les vrais Espagnols, sont extrêmement polis et obligeans. Je manquerais à toute reconnaissance, si je les peignais avec les vraies couleurs qui conviennent à leur caractère; je tâcherai de le faire connaître en racontant notre propre histoire".

autor compartilhava da ideia da influência climática na determinação das diferenças humanas, tanto que defendia que os filhos dos nativos nasciam brancos, como a prole do europeu, muitos possuíam barbas e seria um erro acreditar nessa ideia muito propagada pelos viajantes de que todos os nativos eram lisos. Assim, ele teria visto homens americanos com barba na Nova Inglaterra, Canadá, Baía de Hudson e diferentes nações, o que o levava a acreditar que muitos nativos raspavam suas barbas. A estrutura dos corpos era fraca e o mais falível dos marinheiros europeus colocaria o mais robusto indígena aos seus pés.⁴³

Na viagem de La Pérouse, os nativos do Chile não foram abordados como pertencentes a uma casta de degenerados como bem aparece em um dos diários apresentados por José de Moraleda na Expedição Malaspina. Portanto, era comum que viajantes distintos que passavam por locais e povos diferentes, possuíssem opiniões contraditórias a respeito de uma mesma nação. M. Rollin, doutor em medicina, ao tecer suas memórias sobre fisiologia e patologia, durante a estadia de La Pérouse no Chile, destacava os aspectos que particularizavam os índios daquela região.⁴⁴ E ao comparar as duas anotações a respeito dos nativos do Chile, se percebe que os autores franceses, como o médico da viagem de La Pérouse, mantinham a regularidade de considerar a estatura e a robustez dos ameríndios, como fator de inferioridade se comparados com os europeus, especialmente o homem francês. Tais apreciações inexistem nos relatos dos espanhóis da Expedição Malaspina. De todo modo, é possível encontrar tais apreciações em relatos do século XVII, em autores da América espanhola. Ou seja: o tamanho diminuto dos homens e dos animais do Novo Mundo, como uma das marcas da degeneração, quase sempre, causada pelo clima do continente recém-descoberto e então explorado.

⁴³ LA PÉROUSE, Jean-François de. *Voyage de La Pérouse autour du Monde* (v. 4). Paris: De l'imprimerie de la République, 1797, p. 332.

⁴⁴ LA PÉROUSE, Jean-François de *Voyage de La Pérouse autour du Monde* (v. 4). Paris: De l'imprimerie de la République, 1797, p. 36-37: "La structure du corps, chez ces Américains, n'offre rien de particulier: leur stature est en général moins grande que celle des Français, et ils paraissent aussi beaucoup moins robustes; cependant ils supportent avec beaucoup de courage les fatigues de la guerre, et toutes les privations qu'elle traîne à sa suite. [...] Le même caractère de physionomie se fait remarquer chez presque tous les individus de cette nation: leur visage est large et plus arrondi que celui des Européens; ils ont les traits grossiers, les yeux petits, ternes, noirs et enfoncés, le front bas, les pommettes saillantes, les lèvres épaisses, la bouche grande, le menton peu prononcé, et les oreilles de forme ordinaire. [...] La couleur de leur peau est d'un brun rougeâtre, et celle des ongles, un peu moins foncée. Ils ont également les cheveux noirs, très-forts et très-épais. Les hommes ont peu de barbe, mais leurs aisselles et leurs parties naturelles sont assez bien garnies de poils: presque toutes les femmes en sont dépourvues à ces parties".

2.4 A origem do homem americano: teóricos e viajantes do século XVII e a degeneração da humanidade do Novo Mundo

Gregório Grcia apontava, no século XVII, em meio aos debates sobre a origem do homem americano, que os primeiros povoadores da América, para muitos, teriam sido os cartaginenses: homens com barba, mas que, pouco a pouco, perderam esse atributo ao longo das gerações. Assim, as penugens foram se decompondo, sobretudo por conta da influência e constelação daquele ar e céu, do temperamento daquela terra de que gozavam e participavam, ocasionando mudanças em seus corpos de forma natural, de modo a corresponder a uma causa externa, assim como acontecia com os negros etíopes e da Guiné, cujos primeiros povoadores daquela terra eram brancos, pois procederam dos filhos, ou netos de Noé, e o calor da Zona Tórrida, como era na África, acabou sendo a causa extrínseca da coloração negra “i ia aquel negro color esta en ellos connaturanado, pues lo heredan hijos, Nietos, i Viznietos, &c. que no es cosa nueva mudar los hombres el color del cuerpo, i de los pelos, conforme al temperamento de la Tierra adonde viven, i según la Region del aire, i constelacion del Cielo de que goan”.⁴⁵

Para Grcia, a falta de pelos nos corpos estava relacionada, diretamente, com a região habitada pelos grupos humanos, assim como ensinara Ptolomeu, Galeno e muitos outros filósofos. E como as ndias Ocidentais se situavam debaixo da dita Zona Tórrida, região quente em excesso, a perda dos pelos nos corpos era inevitável, deixando aos observadores algumas dúvidas sobre a questão, já que também era complicado explicar a razão do excesso de calor naquela parte do globo.

Ao fim, para o autor, o calor que reinava na parte tórrida da América devia-se ao ar daquela região, tomado de sol perturbador que cercava os corpos dos indígenas, consumindo de tal forma o humor daqueles povos, fazendo com que o vapor excrementcio, ao qual os médicos chamavam fuligens, no permitissem que nascessem pelos nas barbas ou, quando nasciam, eram bem poucos. Assim, se servindo de um aparato científico de explicação, posto que fundamentado no conhecimento legítimo  época, afirmava que esta era a posição mais bem acertada, defendida tanto por filósofos quanto por médicos. Portanto, a questão do ar que corrompe o original, uma

⁴⁵ GRCIA, Gregorio. *Origin de los indios de el Nuevo Mundo, e Indias Occidentales*. Valencia: casa de Pedro Patricio Mey, junto a San Martin, 1607, p. 68-9.

ideia defendida por Dubos, como vimos, em 1719, aparece de forma reiterada na obra de Gárcia, no início do século XVII.

Mas também existia a hipótese, segundo Gárcia, de que os índios eram de complexão e temperamento frio e úmido e, por isso, não lhes nasciam barbas. Afinal, Aristóteles dizia que se o homem tivesse abundância de umidade e humor, e se essa umidade não fosse vencida pelo calor, não nasceria pelos em seu corpo, de maneira que, segundo esse postulado, não so era preciso que o homem possuísse umidade no corpo, mas também o calor que vencesse aquela umidade. Desse modo, como os índios eram úmidos de natureza e não tinham tanto calor natural como era necessário, não possuíam barbas, processo bem semelhante ao que ocorria com o corpo feminino.⁴⁶ Tal posiçao, que seria tão discutida no século das “Luzes”, apontava as características que destacavam os nativos americanos como seres efeminados.

O historiador Max Hering Torres nos ajuda a desvendar o mundo dos “humores”, ao destacar que a medicina greco-latina, amparada pela filosofia natural, postulava que tudo que existia no cosmos, incluindo a alimentacao e todos os líquidos, eram tributários de quatro importantes elementos: fogo, ar, terra e gua. A essas qualidades também se juntavam o calor, o frio, a secura e a umidade. Assim, entendiam que a alimentacao e os líquidos eram responsáveis, durante o processo de digestão, por se transformarem em substâncias corporais, que eram chamadas de “humores”; ou seja, sangue, fleuma, as biles dos corpos e “después de dicho proceso de transformación, los humores no solamente nutran el cuerpo sino que también conformaban su constitución (complexio). El concepto de ‘complexión del cuerpo’ expresaba diferentes cualidades y mezclas de humores. El equilibrio entre los humores aseguraba la salud mientras que su desequilibrio causaba la enfermedad. Así mismo, la constitución de los humores determinaba la fisionomía y el color de cuerpo.”⁴⁷

Sendo assim, esses humores eram responsáveis pela fisionomía dos indivíduos, mas também determinava a cor do corpo e os princípios morais. Note que Max Torres nos chama a

⁴⁶ GARCIA, Gregorio. *Origin de los indios de el Nuevo Mundo, e Indias Occidentales*. Valencia: casa de Pedro Patricio Mey, junto a San Martin, 1607, p. 77. Sobre o homem americano: “Supuestos estos principios, respondo  la duda, que siendo tanta la humedad de la Torrida, con diferencia de mas,  menos, por las causas que havemos dado, i que la Tierra es fria en sumo grado, con la qual está abraada el Agua, que tambien es fria en grado remiso: de aquí les viene á los Indios, que como el Elemento en que viven es la Tierra, la qual les es mas inmediato que los demás Elementos, participando de aquella frialdad, i humedad, mas,  menos, conforme se llegan,  acercan á la Equinocial, tean de temperamento,  complexion mas,  menos frio, i humido”.

⁴⁷ TORRES, Max S. Colores de Piel. Una revisión histórica de larga duración. In: MOSQUERA, Claudia; LAO-MONTES, Agustín; GARAVITO, César (ed.). *Debates sobre ciudadanía y políticas raciales en las Américas negras*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia / Universidad del Valle, 2010, p. 117-118.

atenção para o fato de que, até pelo menos fins da Idade Média, o que estava em voga era a consideração da cor do corpo e não da pele dos seres humanos, quando se aplicavam as pesquisas para se conhecer o caráter dos povos. E para os filósofos da Antiguidade e do Medievo, a cor do corpo e a constituição “humoral” eram diretamente afetadas pelo clima e pela alimentação, não sendo, portanto, categorias fixas, antes passíveis de modificações de acordo com o ambiente em que o indivíduo se encontrava. Torres conclui que a mudança de clima poderia conferir características distintas aos grupos humanos e que a valorização da cores das peles não fora constante na História, se tornando importante entre os séculos XVI e XVIII quando, na última centúria, se tornaram “categorias clasificadoras que implicaban origen, cultura y estado de civilización”.⁴⁸

Gregorio García, conforme apontamos acima, entendia que o clima do Novo Mundo ocasionava a degeneração dos corpos e causava modificações nos seres humanos, como a perda da barba nos homens e o escurecimento da pele. Claro, o frei não estabelecia categorizações que demonstrassem que as diferenças eram inatas em cada grupo e, portanto, não se pode caracterizá-lo como defensor de diferentes raças ou espécies humanas, até porque o autor não usava o termo raça, assim como não defendia a possibilidade de existência de diferentes matrizes criacionais. Contudo, apontava que o ar e o céu da América degenerava os seres humanos, incluindo nesse processo, a modificação da cútis do indivíduo. De todo modo, ainda que o viajante não utilizasse o termo raça, recorrendo quase sempre a palavra nação, ele considerava os caracteres físicos no seu processo classificador e atentava para o fato de que os americanos eram inferiores. Logo, ainda que ele não estabelecesse uma rigidez na composição daquelas nações, sua posição em relação aqueles povos era expressada de forma bem parecida com o racismo, não fosse isso, como explicar a defesa que o autor faz de que os americanos eram inferiores porque degenerados?

E se García abordava que o homem americano havia sido submetido ao processo de degradação por conta do clima, logo, entendia que a cor da pele era uma forma de classificar e, no caso do nativo, tal classificação o alocava em patamar distinto do europeu, já que possuía a tez diferente do branco como também era selvagem e rude no comportamento. Portanto, penso que a cor da pele funcionava como elemento classificador desde os primeiros contatos dos europeus

⁴⁸ TORRES, Max S. Colores de Piel. Una revisión histórica de larga duración. In: MOSQUERA, Claudia; LAÓ-MONTES, Agustín; GARAVITO, César (ed.). *Debates sobre ciudadanía y políticas raciales en las Américas negras*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia / Universidad del Valle, 2010, p. 121.

com os habitantes do Novo Mundo. De todo modo, a partir do século XVII, os caracteres físicos passaram a compor um novo quadro classificatório que apresentava o homem americano como um ser degenerado. Conseqüentemente, Max Torres, ao minimizar a importância da cor da pele no processo de inventário dos povos do Novo Mundo, talvez buscando fugir da questão racial, acaba por perder de vista o processo da degeneração do ser humano e os aspectos do racismo que estavam subjacentes ao processo degenerador.

O historiador Jorge Cañizares-Esguerra aponta, de forma bem curiosa, que homens como Salinas y Cordova e Leon Piñelo, no dealbar do século XVII, entendiam que o clima possuía adequado poder nas transformações dos corpos. No entanto, o ambiente afetava até certo ponto o caráter dos povos, uma vez que existia algo de inato entre as nações, que fazia dos europeus e indígenas seres completamente diferentes. Assim, eles destacavam que, apesar da importância do clima no esculpir dos corpos, as estrelas e o ar do Novo Mundo não teriam poder para transformar europeus em índios, tampouco nativos em europeus.⁴⁹ Ao concordar com essas assertivas, parece haver uma contradição. No entanto, não se trata de desistir do clima, mas de concordar com a ideia de Cañizares-Esguerra segundo a qual os letrados acima citados caracterizavam europeus e nativos por uma perspectiva de diferenças fixas, ainda que não adentrassem no tema das distintas origens raciais, o que os levariam, frontalmente, a conflitos com a Igreja.⁵⁰

Cañizares-Esguerra utiliza o termo raça, embora esse não apareça nos escritos que ele analisa. Penso ser ideal observar que tais viajantes, na América espanhola, quase sempre, faziam uso do termo nação e, ao longo do século XVIII, permanecerão utilizando essa expressão. De todo modo, descontando a problemática das terminologias que, nem sempre, correspondiam à realidade expressa nas explicações, não se pode perder de vista que a ideia de degeneração era

⁴⁹ CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. New World, new stars: patriotic astrology and the invention of Indian creole bodies in Colonial Spanish America, 1600-1650. *The American Historical Review*, v. 104, n. 1, 1999, p. 33-35.

⁵⁰ CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. New World, new stars: patriotic astrology and the invention of Indian creole bodies in Colonial Spanish America, 1600-1650. *The American Historical Review*, v. 104, n. 1, 1999, p. 35, ao abordar a ideia de racismo destaca que “Salinas y Córdoba and León Piñelo belong in a larger movement of seventeenth-century learned colonists who, as they sought to defend Spanish America from negative characterizations, invented modern forms of racism that scholars have wrongly attributed to the rise of modern science in Europe in the eighteenth and nineteenth centuries. I contend that the science of race, with its emphasis on biological determinism, its focus on the body as the site of behavioral-cultural variations, and its obsession with creating homogenizing and essentializing categories, was first articulated in colonial Spanish America in the seventeenth century, not in nineteenth-century Europe. Using the European sciences of the day, astrology and Hippocratic-Galenic physiology, learned colonists articulated a form of scientific racism that claimed there were innate bodily and mental differences separating peoples from one another”.

suficiente para expressar, fosse utilizando a palavra nação ou em outros contextos raça, que os povos da América eram diferentes fisicamente porque degenerados e, portanto, inferiores. Se tais viajantes não usam o termo raça isso não significa que suas análises não carregassem o germe do que mais tarde seria chamado de racismo.

Além disso, o que se deve considerar no processo classificatório do homem americano é a forma como os observadores daquelas sociedades manejavam o processo de degeneração dos povos do Novo Mundo, independente do termo que usavam para denominar os povos. Partindo dessa análise, pode se considerar que, ao defender a natureza americana como próxima do que se entendia por paraíso, embora o nativo americano fosse descrito como degenerado, letrados como Salinas y Cordova e Leon Pinelo criaram uma tese moderna para explicar o homem americano. Usando uma síntese do conhecimento científico do passado, coerente com o momento em que escreviam, acabaram enquadrando os povos da América em patamar diferenciado dos europeus, com base em características físicas e mentais que eram imutáveis porque latentes sob o céu do Novo Mundo. E se imutáveis, logo, transmissíveis e diferenciadoras. Quando tais posições se associavam a apreciações negativas sobre o homem da América, conseqüentemente, pode-se concluir que ele era de outra raça.

Em 1653, Bernabé Cobo, missionário espanhol cuja parte da obra aparece na epígrafe que inicia esse capítulo, embora fosse defensor de que a humanidade era oriunda de única matriz criacional, apontando para o fato de que o clima possuía importância nas modificações do corpo na América, entendia que a cor da pele era um das variáveis ligadas ao ambiente. Contudo, também deveria ser observada como uma característica inerente a determinado grupo, sendo produto da natureza. Dessa forma, apesar de não abordar as diferenças natas com a defesa da existência de distintos grupos humanos, o autor entendia que havia especificidades em cada nação e, com isso, negava que um espanhol trazido para a América fosse submetido à degeneração. Recusava, desse modo, ainda que com certo tato, o determinismo ambiental na modificação dos corpos e dos “humores”.⁵¹

Portanto, aqui, retomo a ideia de que os teóricos do século XVII, em ambiente colonial, degeneraram o homem americano. Contudo, reitero que, quando me refiro ao século em questão, discuto as ideias nele desenvolvidas, mas não pretendendo dar ao número, em si, um papel de ator histórico. Então, com cautela, digamos que falo com certa licença dessa centúria que teria

⁵¹ COBO, Bernabé. *Historia del Nuevo Mundo* (v. 2). Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1964, p. 10-12.

transformado o homem americano num humano degenerado. Deixara de ser o “não humano” ou o “sem alma” do século das descobertas, para ser humano, ainda que degenerado do tronco principal e, por isso, inferior ao original, o europeu, no limite. E essa degeneração afetara diversas partes dos corpos, sendo motivo de compêndios explicativos que se arrastaram por todo o período moderno.

O viajante Bernabé Couto destacava que a América não era terra adequada para se desenvolver a vida humana, por isso a completa despovoação de determinadas áreas. A primeira causa de tal fato era “la falta de aguas de arriba y de abajo que grandes y extendidos pedazos de este Nuevo Mundo padecen; porque en unas partes no llueve jamás, en otras no lo bastante para ser cultivadas, y en las unas y en las otras, ó no hay rios, ó nó los que bastan para poderlas regar”. Para o autor, a segunda causa da impossibilidade de se povoar a América estava atrelada à primeira e era “la demasía de aguas que otras tierras tienen, con que se hacen inhabitables. Repártense estas aguas en lagunas, ríos, esteros, ciénegas y pantanos; ocupan grandes sitios las lagunas, porque, allende de las que por su extraña grandeza tienen fama”.⁵²

Portanto, a hipótese do excesso de águas paradas em determinadas regiões como uma das causas da dificuldade de desenvolvimento da vida humana estava presente na obra do viajante religioso. Apesar de apresentar a América como uma terra de riquezas naturais e minerais, apontava as dificuldades das nações humanas se estabelecerem naquela região. Portanto, uma terra contrária ao gênero humano.⁵³ A proposição de Bernabé Cobo de que a América não era ideal para o desenvolvimento da vida humana estava atrelada à ideia de um clima desfavorável ao homem, seu corpo e sua mente. Para o missionário viajante, que esteve no Novo Mundo por cinquenta anos, o céu e as estrelas americanos conferiam aos seus nativos características e comportamentos que eram imutáveis. A formosa e prodigiosa natureza tão cara aos olhos e aos cofres europeus, não fora bondosa com o gênero humano. No século XVIII, o famoso conde de

⁵² COBO, Bernabé. *Historia del Nuevo Mundo* (v. 3). Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1964, p. 7.

⁵³ COBO, Bernabé. *Historia del Nuevo Mundo* (v. 3). Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1964, p. 7. Sobre o ambiente e o homem americanos, o autor apontava que: “desta abundancia de aguas nace otro menor estorbo para la vivienda humana, que son los muchos bosques y arcabucos que crían las tierras muy lluviosas y calientes, como las de temple yunca. Son estas montañas tan altas y cerradas, con árboles tan gruesos, con tanta espesura y maleza, de suelo tan empantanado, por no banarlas jamás el Sol, que nunca fueron habitadas de hombres, pues, no se ve rastro de haber habido población en ellas”.

Buffon apresentava hipótese muito parecida com o viajante do século XVII, até a configuração da escrita se assemelhava.⁵⁴

Assim, independentemente de Cobo e Buffon terem feito sínteses coerentes com suas épocas, de hipóteses levantadas por filósofos da Antiguidade, não se pode perder de vista que tais teses foram ambientadas em terras coloniais, diante da realidade que era descortinada com a existência do Novo Mundo, bem antes das obras de Buffon. Pensadores como Gusdorf e Todorov, anteriormente apresentados, nos chamam a atenção para a originalidade da obra de Buffon, sobretudo por conta do aporte científico em que suas pesquisas se desenvolviam. Contudo, esse tipo de olhar acaba por priorizar a visão europeia do século das “Luzes” como a mais importante, porque baseada no princípio do uso da razão, sobre o homem americano e suas características. Ainda assim, chama minha atenção, os viajantes que estiveram na América espanhola e que utilizaram base científica peculiar àquele momento, como a astrologia, para tecerem considerações que enquadravam a humanidade americana num patamar de degenerada.

E se muitos autores encontravam no Oriente a origem dos povos americanos, em 1681 Diego Andrés Rocha, procurava semelhanças entre os americanos e os espanhóis, buscando provar que os primeiros teriam descendido dos povos da Península. Assim, apontava que os espanhóis eram gente bem treinada e apta para a guerra, o que contrastava com os americanos, povos tímidos e sem valentia. Muito embora o autor considerasse que havia nações que, apartadas da Zona Tórrida, eram bravas e valentes, como as do Chile, Arauco e do Novo Reino. Para ele, o clima da parte meridional produzia temor, já que naquelas regiões a parte fria se encontrava no coração enquanto as partes exteriores do corpo estavam ocupadas com o calor.⁵⁵

A preocupação de Rocha era discutir a hipótese de que os americanos poderiam ser de origem espanhola. Para muitos filósofos isso era impossível. Assim como também existiam aqueles que negavam que os nativos da América eram descendentes das Tribos de Israel, uma vez que ambos povos eram brancos e não haveria de perder sua cor original e degenerar em cor escura, parda, de terra incendiada, comum a todos os americanos. No fim, o autor entendia que,

⁵⁴ BUFFON, Comte de. *Oeuvres complètes de Buffon*. Augmentées par M. F. Cuvier. Paris: D. Pillot Editeur, 1830, v. 15, p. 382: “voyons donc pourquoi il se trouve de si grands reptiles, de si gros insectes, de si petit quadrupèdes, et des hommes si froids dans ce nouveau monde. Cela tient à la qualité de la terre, à la condition du ciel, au degré de chaleur, à celui de l’humidité, à la situation, à l’élévation des montagnes, à la quantité des eaux courantes ou stagnantes, à l’étendue des forêts, et surtout à l’état brut dans lequel on y voit la nature. La chaleur est en général beaucoup moindre dans cette partie du monde, l’humidité beaucoup plus grande”.

⁵⁵ ROCHA, Diego Andrés. *Tratado unico, y singular del origen de los indios*. Lima: en la Imprenta de Manuel de los Olives, 1681, p. 8.

na verdade, a variação de regiões, climas, ares e mantimentos foram o que ocasionaram a mudança nas cores, cumprimentos, gestos e rostos entre os americanos, sem conservar, então, aquela cor dos primeiros espanhóis que teriam vindo às Índias, nem das Tribos que, bem antes, teriam migrado para essa região.

Afinal de contas, os primeiros progenitores dos indígenas teriam gozado de um céu diferente daquele da Europa e da Ásia, diferente ar, diferente tipo de terra, diferente água; as maneiras, no início, não eram tão díspares, mas tudo mudou com o tempo. Porém, os distintos frutos e comidas, causaram variedades nas pessoas, sobretudo nas cores, conforme explicava a doutrina de Platão. E Rocha notava que, na América, homens muito brancos vindos da Espanha, se retirados da serra, “i comié do mote, islas demas chucherias, de que usan los Indios, vulven tostados, que parece en Indios”.⁵⁶

Em relação à fraqueza e a covardia de alguns povos da América, o que os colocariam em patamar de desigualdade com os espanhóis, impossibilitando, portanto, que os nativos fossem descendentes dos povos ibéricos, Diego Andrés Rocha destacava que essa parte do Novo Mundo estava degenerada por conta de alguns fatores e ressaltava que “Y aunque reconosco, que los que estan a la parte meridional, i mas adustos de la Torrida, no son tan valientes, esto les viene por accidente: porque el Clima de la parte meridional produce temor, respecto de que la parte fria se reconcentra en el corazón, i las exteriores estan ocupadas del calor, como com gran fundamento, y filosofia lo prueva”.⁵⁷ Para o padre Gregório Garcia, o clima degenerara a humanidade americana.⁵⁸

E Andrés Rocha destacava que essas variações nos corpos dos americanos eram observadas com mais frequência, sobretudo, nas nações mais próximas da linha equinocial que estavam mais contíguas à Zona Tórrida, onde quase todos eram morenos e tostados, como lera na obra de Pablo Galucio que, ao analisar os nomes e lugares da Ásia, dizia que em todo o mundo a parte Equinocial era composta por homens negros ou por gente de cor. Logo, não havia povo

⁵⁶ ROCHA, Diego Andrés. *Tratado unico, y singular del origen de los indios*. Lima: en la Imprenta de Manuel de los Olives, 1681, p. 75-6.

⁵⁷ ROCHA, Diego Andrés. *Tratado unico, y singular del origen de los indios*. Lima: en la Imprenta de Manuel de los Olives, 1681, p. 11.

⁵⁸ GARCIA, Gregorio. *Origin de los indios de el Nuevo Mundo, e Indias Occidentales*. Valencia: casa de Pedro Patricio Mey, junto a San Martin, 1607, p. 69. Sobre os humanos da América o autor enfatizava que “fue ordenacion divina, que los hombres fuesen repartidos por todas las tierras, diferentes entre si, en la disposicion y tēple, para que por su variedad los hombres adquiriesen vario y diverso ingenio, vario color de rostro y diversa forma de cuerpo, como tambien son varios los animales, y varias las cosas, que la tierra produce, varios los arboles, varias las plantas y las ervas, varias las aves y pezes”.

mais propício a se tornar escuro como os daquela região americana. Portanto, encontrávamos nesse aspecto a resposta para que os primeiros povoadores tivessem se tornado pardos ou tostados.⁵⁹ Dessa forma, a hipótese de Andrès Rocha era de que assim como uma parte das dez Tribos de Israel que vieram a América teria se degenerado por conta do clima, o mesmo teria se sucedido a outros povos brancos, como os primitivos espanhóis que teriam chegado à parte meridional do continente e, submetidos a rigoroso clima e alimentação deficitária, passaram pelo mesmo processo.

Assim, o autor aceitava a hipótese de que a América poderia ter sido povoada por uma das dez Tribos de Israel, mas sua posição a respeito das tribos era de que as gentes desses povos eram muito inclinadas à idolatria e, ao percorrerem o mundo, passando por regiões cheias de nações gentílicas e idólatras, com quem precisavam comercializar e tratar, sendo muitas das vezes hospedados por esses povos, é certo de que pegariam seus costumes, como se pegou no Delta do Nilo, onde os viventes teriam muita inclinação às coisas ruins, “pues que harian pasando por tantas naciones, tan idolatras, I que con tanta licencia pecaban; I assi es cierto fueron, relaxando la ley, I tomando aquellas costumbres, I imitando en gran parte aquel idioma, lo qual tambien a socedido en otras naciones que en menos tiempo an perdido el idioma natural, i la ley [...]”.⁶⁰

Rocha não se valia da expressão raça para representar os americanos, mas usava a palavra nação, se referindo às distintas nações existentes na América. O autor falava da degeneração pela qual os primeiros homens que aqui chegaram, isso por conta do clima, passaram. Contudo, considerando que os primeiros habitantes eram oriundos de uma das dez Tribos de Israel, já explicava que se tratava de um grupo degenerado em suas convicções religiosas, devido à idolatria que acumularam ao longo dos anos e, portanto, tal degradação se completaria ao se estabelecerem em regiões americanas, onde o céu era propício à deteriorar a espécie humana. Algo que também, segundo o relato, acontecera com os animais, nesse caso, no tocante a influência climática somente.⁶¹ O autor encerrou o assunto sobre a diversidade humana

⁵⁹ ROCHA, Diego Andrés. *Tratado unico, y singular del origen de los índios*. Lima: en la Imprenta de Manuel de los Olives, 1681, p. 76.

⁶⁰ ROCHA, Diego Andrés. *Tratado unico, y singular del origen de los índios*. Lima: en la Imprenta de Manuel de los Olives, 1681, p. 78.

⁶¹ ROCHA, Diego Andrés. *Tratado unico, y singular del origen de los índios*. Lima: en la Imprenta de Manuel de los Olives, 1681, p. 78. Sobre os animais americanos, Rocha apontava: “Tambien se puede decir, que estos animales del Peru son de la especie de otros, que si en Asia, Europa, i Africa pero, variaron en algo por la mixtura, que abria de unos animales con outros, i esta mescla constituyo una como especie distinta, de modo que los partos de estas mesclas de animales, paracem degenarar de la especie, asi del macho, como de la hembra, que los engrendro y pario”.

destacando que todos eram oriundos de Adão e, depois do dilúvio, homens e animais se espalharam pelo mundo. Mas tal posição não o isentou de destacar que os homens americanos eram degenerados e em momento algum ele abordou tal processo com a possibilidade de reversão.

As atitudes de Rocha chamam minha atenção para o fato de que, àquela altura, a posição do sangue impuro dos judeus estava bem estabelecida no mundo europeu. Assim, se atentarmos para a lógica de que a América fora povoada pelas tribos de Israel, pode-se perceber que se tratava ao fim, de sangue judeu e, portanto, impuro, logo, inato àqueles povos já que, transmitido de geração em geração não poderia ter fim. Por outro lado, além da corrupção do sangue, foram povos que, no contato com distintas nações não cristãs, se empregaram, segundo o autor, de comportamentos delitosos perante o cristianismo; não bastasse tais aspectos, ainda se submeteram ao clima rigoroso da América que era degenerador dos costumes. Resultado, pele do corpo e características físicas distintas que apontavam para nações diferentes e inferiores se comparadas com os europeus. Portanto, uma mistura de diferenças religiosas e físicas, no final de tudo, caracterizava o homem do Novo Mundo como secundário.

Conforme assevera Cañizares-Esguerra, não somente os europeus na América colonial como os letrados crioulos, procuravam as raízes das diferenças das nações americanas não na doutrina do poligenismo, mas nos eventos que ocorreram após o grande dilúvio narrado no Gênese. Quase sempre, entendiam que os traços físicos e mentais dos nativos eram resultantes da maldição de Noé sobre seu filho e descendência. Mas, no início do século XVII, o Novo Mundo era visto como uma terra degenerada, sobretudo por conta do excesso da umidade. E as constelações encontradas no céu da América eram fundamentais para esse processo. O céu americano possuía poder degenerador e, com isso, as características dos corpos demonstravam tal processo.⁶²

O viajante Andrès Rocha defendia a hipótese de que a América poderia ter sido povoada por uma das Tribos de Israel e, mesmo não explicitando, lamentava que povo tão tomado pela degeneração cultural ainda tenha se submetido ao processo nocivo do clima americano. Povo propício a se tornar escuro com aquele firmamento que o cobria. Portanto, a cor da pele era só um

⁶² CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. New World, new stars: patriotic astrology and the invention of Indian creole bodies in Colonial Spanish America, 1600-1650. *The American Historical Review*, v. 104, n. 1, 1999, p. 35.

entre tantos detalhes para se perceber o processo de classificação da humanidade degenerada da América. Logo, inferior nos modos e também na coloração da cútis.

2.5 Terra nociva às raças, clima degenerador das nações ou ambiente benfazejo? Dos nativos americanos aos africanos e seus descendentes...

Michelangelo Guattini & Dionigi Carli consideravam que o clima do Brasil era bom. Eles se posicionavam contra obras que destacavam serem o céu e o ar do Novo Mundo prejudiciais ao corpo humano, assim, entendiam que “le temperament de ce climat quoi que fort chaud n’est pourtant pas fort mauvais, ni la grande humidité de la Lune dangereuse, et l’on peut voyager assez commodement aussi bien de nuit que de jour”.⁶³ Dessa forma, discordavam, em meados do século XVII, que as estrelas e o ar das terras brasileiras pudessem ter alguma influência no processo de degeneração do ser humano que aqui nascera. No momento em que grandes obras escritas por viajantes espanhóis que passavam pela América espanhola apostavam na explicação de que o céu e o ar do Novo Mundo eram responsáveis pela degradação do corpo e do caráter humano, os viajantes italianos discordavam de tal hipótese. Mas, entendiam que o ambiente americano degenerava o europeu que aqui chegava.

Para eles, os povos originários do Brasil e da América Meridional eram bárbaros e os portugueses foram incapazes de subjugar-los. Eram nações bárbaras com hábitos ferozes. No caso do Brasil, sobretudo, os Tapuias eram vistos como os mais cruéis. Para os autores, a característica mais marcante daqueles povos era a coloração escurecida da pele e a maneira como andavam nus. Também chamava a atenção a rusticidade das armas utilizados em batalhas e a forma como as guerras eram colocadas em prática. Mas alertavam para o fato de que “ces Tapuges mangent quand ils peuvent de la chair humaine, et n’en ayant pas de celle des ennemis de leurs”.⁶⁴ Logo, destacavam o hábito tido como bárbaro da alimentação com a carne humana, mas buscavam justificar que tal situação só ocorria em caso de guerras e não conforme quisera difundir obras anteriores.

⁶³ GUATTINI, Michelangelo & CARLI, Dionigi. *Relation curieuse et nouvelle d’un voyage de Congo: fait és années 1666 et 1667*. Par les RR.PP. Michel Ange de Gattine et Denys de Carli de Plaisance, Traduit de l’Italien, 1680, p. 13.

⁶⁴ GUATTINI, Michelangelo & CARLI, Dionigi. *Relation curieuse et nouvelle d’un voyage de Congo: fait és années 1666 et 1667*. Par les RR.PP. Michel Ange de Gattine et Denys de Carli de Plaisance, Traduit de l’Italien, 1680, p. 26.

Os viajantes italianos não se detiveram na apreciação do Brasil, seus povos e suas características, contudo, reafirmaram a face positiva do clima brasílico e se afastaram da hipótese de que as constelações americanas degeneraram os nativos. No fim do século XVI, Fernão Cardim destacava que “o clima do Brasil geralmente é temperado de bons, delicados, e salutíferos ares, donde os homens vivem muito até noventa, cento e mais anos, e a terra é cheia de velhos; geralmente não tem frios, nem calmas, ainda que do Rio de Janeiro até São Vicente há frios, e calmas, mas não muito grandes”.⁶⁵ Mas, a despeito de entender que o céu era puro e claro, sobretudo na parte da noite, ressaltava que a lua e as constelações eram prejudiciais para a saúde e corrompiam muitas coisas. Cardim, imerso num ambiente com resquícios de visão paradisíaca, não se aventurou nas discussões de que o nativo brasileiro era degenerado, embora não tenha deixado de destacar que as estrelas que brilhavam no céu da América traziam prejuízos para diversos setores. Ele ficava dividido entre o clima que trazia benefícios para a saúde e ao mesmo tempo era propício para o desenvolvimento de tantas peçonhas.

Se comparados com os outros habitantes do Novo Mundo, Guattini e Carli entendiam que os Tapuias eram os piores seres existentes na face da terra, uma raça de indígenas feios na aparência e rudes nos modos.⁶⁶ Na verdade, os autores se assustavam com o fato de que no Brasil as maneiras e os modos contra o bom senso se multiplicassem o tempo todo. Eram modos e costumes extravagantes que eram comuns a um “país” composto por tantos bárbaros. Mas, se o clima não era danoso para os nativos, era implacável na degeneração do homem branco que por aqui ficava, assim como era cruel para os brancos que aqui se estabeleciam por muito tempo.⁶⁷

⁶⁵ CARDIN, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, MEC, 1978, p. 32.

⁶⁶ GUATTINI, Michelangelo & CARLI, Dionigi. *Relation curieuse et nouvelle d'un voyage de Congo: fait és années 1666 et 1667*. Repr. Par les Michel Ange de Gatinne et Denys de Carli de Plaisance, traduit d'Italien, 1680, p. 26-27: “Ils portent enchassez dans le visage de petites pieces de bois et de pierre de differente couleur; je ne sçay si c'est pour paroître plus beaux ou plus terribles. Ils ont aux oreilles non pas des pendants de plomb, comme nos chiens; mais des pieces massives des bois susdits. Ils vivent de la chasse des bêtes et des hommes; car quand un des leurs s'allite, on lui assigne un temps fixe pour avoir le loisir de guerir; mais si dans ce temps là ils ne guerissent pas, pour le tirer charitablement de ses tourmens, ils le tuent sans pitié et le mangent. Ils font la mesme grace ou la mesme barbarie à leurs parens et à leurs viellards devenus inutiles à la chasse, que les propres enfans tuent et mangent avec leurs plus proches qu'ils invitent à ce cruel festin, donnant ainsi la mort à ceux de qui ils tiennent la vie, et ensevelissant dans leurs entrailles ceux des entrailles de qui ils sont sortis. Enfin ce sont des miserables Payens abîmez dans leur Idolatrie”.

⁶⁷ GUATTINI, Michelangelo & CARLI, Dionigi. *Relation curieuse et nouvelle d'un voyage de Congo: fait és années 1666 et 1667*. Repr. Par les Michel Ange de Gatinne et Denys de Carli de Plaisance, traduit d'Italien, 1680, p. 26-27: “a voir les blancs qui habitent dans ce pays-là, on peut assez connoitre combien cet air leur est contraire. Ils ont une couleur de morts deterrez, ne parlent qu'à demi voix et retiennent pous ainsi dire leur soufflé entre leurs dents, ce qui me fit refuser avec civilité la priere du Gouverneur, qui manquent de Pretres vouloit me retenir pour quelque temps chez lui pour y administrer les saints mysteres”.

Portanto, embora os viajantes italianos não percebessem algo que desabonasse o ambiente da América, não puderam deixar de entrever que o clima daquela região era contrário aos indivíduos europeus brancos. Logo, os homens do Velho Mundo submetidos aos céus do Brasil, em pouco tempo, segundo eles, apresentavam aspectos de palidez e doença. Portanto, os letrados demonstravam que as terras americanas eram adversas ao homem de tez clara e civilizado. A viagem feita por esses dois italianos ocorreu na segunda metade do século XVII, demonstrando o diálogo que os dois fazem com as hipóteses que buscavam conceder ao espaço americano um matiz degenerador.

No século XVIII, Saint-Méry, nascido em terras americanas, destacava que as três classes de humanos que compunham a população de Santo Domingo eram distintas fisicamente, levando aquela população a ser bem diferente das que constituíam a Europa. Na verdade, segundo o autor, seria um grande erro conceder a cada uma dessas três classes um caráter próprio. Muito embora, cada uma dessas categorias tivesse suas particularidades, que parecia formar subdivisões.⁶⁸ Assim, existiam diversas causas que justificavam as diferenças entre os nativos americanos e os europeus, mas, “particulièrement l’action d’un soleil constamment brûlant, produisent dans les habitants de la zone torride des modifications qui les diffèrent des habitants de zones tempérées”.⁶⁹

Desse modo, os americanos nascidos em Santo Domingo eram chamados de crioulos e, geralmente, eram homens bem-feitos e com bom tamanho, possuíam uma figura corporal bastante regular, muito embora fossem privados da cor branca, que a natureza realçava na pele dos indivíduos dos países frios; os olhos dos crioulos eram expressivos e como estavam livres do aperto das roupas, os membros dos corpos raramente ofereciam alguma deformidade. Além disso, para o autor, a temperatura do clima conferia aos nativos uma agilidade adequada aos exercícios físicos, pelos quais eles teriam um carinho especial.

Mas chamava a atenção de Saint-Méry o fato de que os filhos dos crioulos, por conta de determinados comportamentos, quase sempre, estavam destinados a serem tiranos. Afinal, situados entre os jovens escravos, que eram condenados a satisfazer seus desejos, não podiam

⁶⁸ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l’île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son administration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 7.

⁶⁹ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l’île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son administration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 13.

sofrer nenhuma contrariedade. Caso um dos escravos não correspondesse aos anseios desses pequenos jovens, eles ficavam irritados e muitas das vezes aqueles seres, por sua coloração de pele e condição, eram punidos. Mas havia o contrário e, nos mesmos atos desse despotismo vergonhoso, alguns escravos poderiam ganhar sua felicidade, porque se a criança crioula mostrasse predileção por eles, decerto, lhe assegurariam melhor destino. Nesse caso, poderiam se tornar companheiros para o mestre ou um objeto para o prazer.⁷⁰

Em relação às mulheres crioulas, o autor destacava que a delicadeza de traços era algo marcante nas mesmas, dotadas de elegância, apesar de estarem em países quentes. Não obstante a dureza do clima, que não oferecia frescura à sua tez, elas possuíam ternura no olhar e uma espécie de alegria. Vestidas com a leveza que requeria o clima, pareciam livres em seus movimentos, despertando a ideia de serem muito mais atraentes que as mulheres de outras partes do mundo.⁷¹

No tocante às nações negras, o autor entendia que esses povos estavam menos sujeitos à influência do clima quando de seu traslado para a América, era como se sentissem em casa. Cuidavam somente para que tivessem itens de primeira necessidade, infinitamente limitados, sem preocupações, sobretudo, com o futuro. E dessa disposição de alma, para o autor, era de onde vinha a indolência, estado de espírito favorito dos negros. Eram homens privados de qualquer educação, entregues a todos os preconceitos, a todos os terrores da ignorância, fracos e medrosos em relação aos desafios que poderiam encontrar pela frente.

Quanto às características dos corpos, Saint-Méry afirmava que entre os negros variava muito, pois eram oriundos de diversas partes da África. Assim, para perceber o que era de uno ou plural entre aqueles homens, era melhor observá-los de acordo com suas origens. Mas, de uma forma geral, ao se tornarem moradores de Santo Domingo, esses africanos também se transformavam em seres indolentes, preguiçosos, briguentos, mentirosos e viciados em roubo, independente da região de origem. Permeados de superstições, nas quais se entregavam ao mais absurdo possível. Se iam à igreja, repetiam orações que mal sabiam ou dormiam durante os

⁷⁰ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son administration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 14.

⁷¹ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son administration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 21.

encontros. Outro traço marcante desses povos africanos era a poligamia e o excesso de ciúme. “L’influence de leurs moeurs primitives et la disproportion même du nombre des femmes, comparé à celui des hommes, dont les premières ne forment guères qu’une moitié, sont des causes très-naturalles de cette pluralité que le climat favorise encore”.⁷²

Em Saint-Méry, o contato do africano com as terras americanas, proporcionava o aumento e a dissiminação de traços negativos que eram inerentes aos povos oriundos da África. Dessa forma, os descendentes dos negros nascidos na América eram americanos que, não bastasse a cor da pele preta, ainda estavam contaminados com os desvios morais e mentais característicos do clima do Novo Mundo que influenciava nos hábitos dos seres humanos. Assim, o autor entendia que eram homens de raças distintas, oriundos de regiões onde o clima já era causador das mais diversas características ruins, submetidos ao solo e aos céus da América, terra de clima e nativos degenerados, os descendentes dos africanos apresentavam comportamentos piores que os de seus ancestrais na África.

Para Saint-Méry o nariz era o traço mais marcante dos rostos dos negros, na verdade, era o traço que servia para caracterizar a fisionomia daquelas nações. Assim, o alongamento e o achatamento das narinas seriam as duas diferenças da natureza. No entanto, para o autor, o comprimento da venta deveria contribuir para a perfeição do corpo, para facilitar o fluxo das secreções, uma vez que os narizes arrebitados poderiam ter um olfato menos perfeito, menos extenso e mais sujeito às doenças do aparelho respiratório. Dessa forma, a anatomia daquela parte do rosto, nos negros, estava relacionada com o ambiente em que eles viviam. Contudo, ele pode perceber que muitos filhos de negros nascidos na América, onde o clima parecia mais ameno para os trazidos da África, muitos descendentes nasciam com narinas mais afinadas, demonstrando o quanto o clima era responsável pelas modificações nas características físicas.⁷³ E deixando entrever, assim, que o negro e seus descendentes passaram a fazer parte da humanidade do Novo Mundo.

⁷² SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l’île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son adminitration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 41-44.

⁷³ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l’île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son adminitration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 64-65.

Para o autor americano, ao nascer, as crianças filhas de pais negros possuíam uma cor indecisa, de onde se podia observar um tom avermelhado que mudaria com os dias, muito embora se pudesse perceber de antemão, algumas manchas escuras nas unhas, que demonstravam que aquele rebento seria negro. Por outro lado, ao longo da vida, alguma moléstia poderia modificar a cor da pele dos indivíduos negros, dentre elas, a varíola, que conferia pontos mais escuros na pele, ou qualquer outra doença que causasse a palidez.

Além disso, ele entendia que o tom preto da pele dos negros era a causa pela qual não se notava com clareza a idade das pessoas, sobretudo dos mais velhos, ainda mais que nos homens quase não se percebia barbas e a brancura só aparecia nos cabelos com aspecto de lã, depois de muitos anos. Contudo, segundo Saint-Méry, todos os negros possuíam total veneração pelas pessoas mais velhas e inculcavam tal sentimento em suas crianças, desde muito cedo. De fato, em relação a pouca quantidade de pelo nos corpos, os negros amavam se depilar fazendo uso de objetos que tirassem todo excesso da pele, de forma a ficar bem lisa, e tal gosto não era exclusivo de um único sexo, homens e mulheres se depilavam.

Saint-Méry também via com curiosidade os homens de cor preta que se descoloriam ao longo da vida ou nasciam com formatos da raça negra, mas com pele branca. Eram os Albinos ou Negros Brancos, como eram chamados nas colônias. Dessa forma, ele apresentava alguns exemplos como uma negra mãe de sete ou oito crianças que, no município de Maribaroux, teve o primeiro e o último filho albinos, todos originários do mesmo pai, enquanto os filhos intermediários eram negros. Também teve contato com um prisioneiro chamado John White, em 1783, em St. Louis, preso por não se reapresentar à milícia, um negro livre, que era albino, apesar de seus oitos irmãos serem escravos e negros, e esse soldado era casado com uma mulher negra que lhe dera cinco filhos, todos de cor preta. Além de uma negra, na Martinica, que teve gêmeos e um filho nascera preto e o outro albino.

A despeito do albinismo, também avocava a atenção do autor, uma espécie do que ele denominava como gradação e que aparecia na pele de alguns negros, que consistia em manchas ou marcas brancas, com tons que variavam de avermelhado a branco leitoso e do qual Conde de Buffon havia publicado um estudo que analisara a simetria em torno daqueles pontos brancos,

arrematando que era um fenômeno bem raro, muitas vezes marcando os negros em todo o corpo, ou em algumas partes, por vezes, somente em um membro daqueles indivíduos.⁷⁴

Mas o que realmente chamava a atenção do autor eram os casos de albinismo, que ele não qualificava as pessoas como monstruosas, antes, buscava entender aquele fenômeno que causava a diferença. Um dos casos mais impressionantes para o autor foi o de Marguerite Rebecca, filha legítima e única de Guillaume Rebecca, negro responsável pelo transporte de barco de passageiros no Port-de-Paix, e de Ursule Cornave, também negra e, portanto, pais de uma menina nascida negra branca. Para ele, a menina albina apresentava boa proporção corporal e era bem-feita.⁷⁵ Saint-Méry dizia que o rosto da jovem apresentava o formato dos rostos dos negros, especialmente por conta do nariz achatado e dos lábios grossos e descoloridos. Possuía mamas bem proporcionais com a idade de uma garota chegando à puberdade. O cabelo, embora encaracolado e felpudo, era possível de se pentear e fazer alguns arranjos, como tranças. Era boa de saúde, sem descrição de varíola ou sarampo, com bons atributos como a leitura, a costura e outros e, portanto, em nada diferindo de outras moças e não se sentindo menor por conta da falta de coloração em sua pele, embora tivesse traços negros.⁷⁶

William Robertson, também no século XVIII, apesar de aceitar a unicidade da espécie humana, se surpreendia com os negros brancos, ainda que no limite, ele decretasse que se tratava de uma espécie de degeneração causada por alguma doença que os progenitores levavam e que era transmitida para alguns filhos e pra outros não. Portanto, algumas características físicas que fugiam à possibilidade de explicação pelos teóricos e viajantes, de alguma forma, causavam problemas na montagem dos quadros classificatórios, tanto que ao considerar a aparência dos

⁷⁴ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son adminitration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 68-69.

⁷⁵ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son adminitration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875. Sobre a joven albina: “Elle a, le 26 mai 1783, quatre pieds, onze pouces et six lignes, pieds nus; elle est bien fait, et d’un embonpoint proportionné. Sa tête est un per longue, et ses oreilles sont disposées de manière que le haut du cartilage surmonte les yeux, tandis que le bas du lobe ne descend qu’à la moitié du nez, ce qui fait paraître les mâchoires très-longues, et principalement la mâchoire inférieure. La peau de Marguerite, qui est très-fine et qui laisse apercevoir les ramifications des plus petits vaisseaux qui s’y distribuent, est d’une blancheur fade, et devient sèche vers les extrémités du corps. Ses cheveux sont une espèce de laine d’un blond roux, assez agréable au toucher. Ses sourcils sont de la même nuance, et rares, ainsi que les cils”.

⁷⁶ Um excelente estudo sobre a forma como o Albinismo foi abordado na Idade Moderna é o de: CURRAN, Andrew. *The Anatomy of blackness: science and slavery in an age of Enlightenment*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2011.

Esquimós, Robertson concluía que não eram da mesma raça dos americanos, em especial devido ao excesso de barba.

Pierre-Louis Moreau de Maupertuis, em 1745, abordava o Albinismo, buscando explicar a razão de filhos de pretos nascerem com a pele branca, mas, acima de tudo, tencionava explicar outros muitos fenômenos mais difíceis e mais importantes, em relação às diferentes espécies de homens que se encontravam sobre a terra. Ele concluía que o clima era responsável pela cor preta dos indivíduos da Zona Tórrida, que o ambiente temperado era responsável pela beleza dos povos que habitavam naquelas terras, ao passo que as regiões glaciais eram responsáveis por produzir seres disformes. Com isso, arrematava que essa pluralidade de espécies poderia ser explicada por algo que se encontrava nos corpos dos seres humanos, desde sua concepção. Portanto, entendia que todas as raças eram oriundas de um único tronco. Assim, ao se espalharem pelo mundo, a exposição aos climas diferentes teria, de certo modo, feito com que germes intrínsecos ao sêmen, desencadeassem um tipo de modificação que começou a passar de geração em geração. E para o autor, esse processo era irreversível e daí surgiram as diferentes raças.

De todo modo, Saint-Méry também destacava que entre os negros, a pele preta era exaltada como permeada de beleza. Sobretudo por conta dos olhos brilhantes e dos dentes brancos que eles possuíam e que, portanto, ficavam mais evidentes quando estavam sobre esse pano de fundo escuro que era a pele daqueles homens. Saint-Méry estava certo de que ao chegar em colônias, os negros demonstravam muito mais apreço à resignação do que efetivamente à coragem. No entanto, diante de circunstâncias onde seria preciso usar da bravura, sempre foi possível contar com tal sentimento, em particular se os negros estivessem sendo comandados por brancos que ajudavam no desenvolvimento da confiança. Mas eles eram seres que se resignavam diante da dor física. Quando seus crimes os levavam à morte, iam com tal firmeza que deixavam transparecer um quadro de insensibilidade ímpar. Ao fim, o corpo era diferente e a mente também, afinal, não eram seres capazes de lutar por eles mesmos. Numa batalha, se saíam bem se estivessem sob o domínio dos brancos.

O clima de alguma forma oferecia ao negro um comportamento de altivez que surpreendia a todos. Num ambiente quente, a imaginação era mais ativa e para o autor era possível ver negros que viviam uma vida monótona, em pouco tempo, mudar tal situação. Assim, ele apresentava alguns exemplos dessa mudança de comportamento repentino, como o caso de um negro que habitava em Dubuisson, fazendo parte de uma milícia, e que acometido por uma doença causada

por conta de sua libertinagem, se viu diante da possibilidade de ter que deixar o ofício das armas, não pensando duas vezes, afiou sua faca e cortou o pênis fora tornando-se eunuco e amputando aquilo que ele pensava ser o causador de sua moléstia.

De fato, para o autor, muitos defendiam que era possível encontrar nos negros algo de bom, inteligência o suficiente para fazerem coisas boas. Muito embora, outras pessoas, ao contrário, com bases em argumentos reais, afirmavam que os negros eram ignorantes, com forte propensão aos vícios, uma espécie de humanos degenerados, seres injustos e bizarros. Saint-Méry se perguntava quem se atreveria a mostrar que a influência da educação poderia modificar aqueles seres? Ou melhor, será que as causas físicas, ambientais, de algum modo, não interfeririam na educação? Quem estaria capacitado a montar um sistema de educação que seria adequado àquelas nações de origem africana? Concluía afirmando que “cet état est tel qu’il autorize à soutenir que cette dégénération qui est, peut-être, l’ouvrage des siècles, voudrait d’autres siècles pour que ses offets généraux disparussent tout à fait et un concours de causes et de volontés dont il est difficile de supposer la réunion subite, quelque séduisant que cet espoir puisse être”.⁷⁷

Lembrava o autor que os negros eram povos degenerados que não sabiam contar, não conseguiam diferenciar tamanhos e pesos, indicar diferentes moedas. Não sabiam a própria idade, nem se lembravam quando eram perguntados a respeito de tempos passados. Gentes que surpreendiam os brancos com suas escritas e comunicações de ideias, com palavras em suas línguas que lembravam a invocação de demônios, inclusive sendo o Diabo uma das explicações para a origem daquelas nações.

O autor lembrava que muitos negros diziam que Deus teria feito o homem e o teria feito branco; o Diabo, com ciúmes, fez um ser parecido com a criatura feita pelo Criador; mas Deus acabou escurecendo o homem feito pelo demônio para que sua obra perfeita não fosse confundida com a arranjada pelo espírito maligno. Satã, tão irritado com a tintura dada por Deus à cópia, teria ficado nervoso e desferindo um tapa na cara da sua obra, assim, achatou o nariz e fez inchar os lábios. Tal explicação para a origem dos homens africanos, decerto, deveria ser vista como uma anedota ou, no limite, causava demasiada estranheza aos olhos do homem branco europeu.

⁷⁷ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l’île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son adminitration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 73.

De todo modo, se realmente era um tipo de elucidação possível, também deve ter sido a forma como os africanos usaram para lidar com aquela sociedade onde ocupavam uma posição de inferioridade. Tanto que, para o autor, também existiam aqueles negros que diziam ter sido o primeiro homem preto e, portanto, os brancos sendo produto da degeneração da espécie.⁷⁸

Gilbert Imlay, a partir da América do Norte, entendia que o clima interferia nas particularidades dos corpos, sobretudo na coloração da pele, mas descartava a hipótese de que degenerava os seres, considerando, inclusive, que apontar para a baixa intelectualidade dos negros, os colocando em patamar de bárbaros, era uma irresponsabilidade quando se estava comparando nações reduzidas à escravidão, sem instruções, sem a liberdade, com povos como os europeus, livres na sua razão e aptos para o desenvolvimento, exatamente por exercerem sua liberdade.

Edward Long, ao abordar os negros, destacava ser preciso dividi-los em duas classes, os nativos ou crioulos pretos e os importados ou africanos, lembrando que era necessário explicar a origem desses indivíduos, considerando a região de onde eles procediam, ou seja, Guiné ou Terra Negra. Para o autor, a primeira e mais importante indicação de que os africanos diferiam dos brancos era a cor preta da pele, uma vez que existia naqueles corpos uma membrana escura que se comunicava com a pele dos seres oriundos daquela região. E tal membrana, assim como a cor da pele dos africanos, não mudava. Mesmo que os negros fossem transportados a um clima diferente. Assim, eles nunca perdiam aquela gradação preta, exceto em caso de doenças como a lepra ou acidentes que os levavam a ter queimaduras. Long afirmava que os invernos, especialmente em Nova Iorque e Nova Inglaterra, eram bem rigorosos e, nem por isso, os negros nascidos na América, mesmo depois de três ou quatro gerações, eram diferentes da cor daqueles trazidos da África, o que o levava a concluir que os negros ou sua posteridade não mudavam de cor, mesmo quando eram submetidos a climas frios, porque eram de outra raça de homens.

Para Long, uma das características marcantes era o cabelo dos africanos, que lembrava uma lã bestial, uma espécie de pelo que mais parecia de animais. O arredondamento dos olhos, com narizes achatados, lábios grossos invariáveis e também a grande dimensão dos mamilos femininos, como se tivessem sido adaptados pela natureza para o tamanho das bocas das crianças,

⁷⁸ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son administrastion, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 75.

também eram marcas que se sobressaiam. Outro detalhe que chamava a atenção de Long era a cor preta dos piolhos que infestavam os corpos dos negros. Uma circunstância tão peculiar aos olhos do autor, que ele lamentava que nenhum naturalista tivesse percebido isso antes. Ao fim, conforme Long, os piolhos dos negros se assemelhavam aos dos homens brancos na forma, mas eram maiores e mais escuros. Ao dissertar sobre o formato dos piolhos nos homens de origem africana, o autor buscava demonstrar a inferioridade daquela raça que era acometida por aquele tipo de praga, assim como os animais. Mas, também buscava demonstrar que o negro carregava no sangue aquilo que era inerente aquela raça, ou seja, a escuridão da pele. Não fosse isso, como explicar que até o piolho que se alimentava do sangue do negro ficava preto? Não há como negar a presença de aspectos racistas na fala do autor.

Em Long, outro enfoque concedido ao homem de origem africana era o seu cheiro fétido e bestial, o que todos possuíam em maior ou menor grau, especialmente os de Angola, que eram, segundo o autor, os mais estúpidos da raça dos negros, os mais ofensivos; os de Senegal, que se distinguiam por serem de um rebanho com mais compreensão e mais brandura, também eram os que possuíam menor potencial para aquele odor nocivo. Esse cheiro forte, nos dizeres de Long, exalado especialmente quando os corpos eram aquecidos pelo exercício da raiva, continuava nos lugares por mais de um quarto de hora, mesmo quando os negros já não estavam mais presentes.

Em relação ao cheiro desagradável do suor dos negros, Imlay, a partir da América do Norte, entendia que se eles secretavam mais pelas glândulas da pele e menos pelos rins, isso também ocorria com os homens brancos que iam habitar climas do Sul, o que não acontecia com eles nas latitudes Norte; afinal, ocorria uma evaporação em toda superfície do corpo, produzindo o resfriamento necessário para neutralizar o calor do ambiente. Como sempre havia um fluxo de bile proporcional ao grau de calor, ele seria mais ou menos saturado e causaria o odor em todos os seres humanos. Naturalmente, o autor também entendia que o cheiro podia ser explicado pela maneira de viver dos negros e que se os mestres dessem a esses homens a possibilidade de melhor higiene, certamente seriam menos fedidos.⁷⁹

⁷⁹ IMLAY, Gilbert. *Topographical description of the Western territory of North America: a succinct account of its soil, climate, Natural History, population, agriculture, manners and customs, with an ample description of the several divisions into which that country is partitioned*. London: Printed for J. Debrett, Third Edition, 1797, p. 227: “However, there can be no doubt but that the animal system may be so materially affected by climate, as to require a length of time to restore it to its pristine state; and whether man was aboriginal to Asia, or whether every continent has had its Adam, is of no consequence to the argument: - it is certain we are essentially the same in shape and intellect”.

A questão do odor era tão discutida que, para Bossu, os crocodilos americanos encontrados à beira do Mississipi eram animais sedentos por carne humana, lembrando que eles atacavam, sobretudo, os negros, por conta de um forte cheiro que exalava da pele daquela raça, quando eles transpiravam. O autor defendia a degeneração daquela raça de homens, em particular por conta da exposição ao inóspito clima africano e seus descendentes, ao ambiente americano, demonstrando assim, com base na consideração dos atributos externos e também internos dos africanos e seus filhos nascidos na América, que eram gente de uma raça distinta do europeu.⁸⁰

Os negros e seus descendentes que se tornaram americanos, em termos de faculdades mentais, para Long, permaneciam no mesmo modo grosseiro e estúpido, situação em que se encontravam há mais de dois mil anos antes da sua escrita ser publicada. Em geral, o autor os descrevia como mulas e quase incapazes de qualquer progresso na civilidade ou na ciência. Nos seus dizeres, não existia nenhum plano ou sistema de moralidade entre aquela raça: eram descritos como tão bárbaros com seus filhos, desde muito cedo. Sem sensações morais, sem gosto para mulheres, dados aos vícios e a bebedeira em geral, sendo seus filhos criaturas sofridas, desde os mais tenros anos, se entregando a tudo que a natureza lhes oferecia. Não nutriam nenhum prazer pelas partes mais bonitas do seu país; ao contrário, preferindo as partes estéreis. Sendo, enfim, “represented by all authors as the vilest of the human kind, to which they have little more pretension of resemblance than what arises from their exterior form”.⁸¹

Para Long, vindos de um continente tão vasto como a África, com tais variedades de climas e províncias, não era de se espantar que se encontrasse entre eles uma diversidade proporcional tanto nas qualificações do corpo quanto da mente, da força, agilidade, indústria e destreza; além da ingenuidade, dificuldade de aprendizagem nas artes e nas ciências. Ao fim, Long exclamava que havia uma uniformidade geral nas regiões de onde vinham os africanos, de modo que se houvesse diferenças, era somente nos graus de algumas características intrínsecas aos mesmos e o que chocava o autor era que só variava o grau no tocante às coisas ruins.

⁸⁰ BOSSU, Jean Bernard. *Nouveaux voyages aux Indes Occidentales*: contenant une relation des différens peuples quei habitent les environs du grand fleuve Saint-Louis appelé vulgairement le Mississipi. 2.ed. Paris: Le Jay Libraire, 1768, p. 87.

⁸¹ LONG, Edward. *The history of Jamaica*: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government. London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 352.

Concluía que “it being a common known proverb, that all the people on the globe have some good as well as ill qualities, except the Africans”.⁸²

E se em algum momento da história humana os africanos produziram algo de bom, nas palavras de Long isso não chegou ao conhecimento de ninguém, antes, se tratava de uma raça de homens degenerados que se resumia a brutais, ignorantes, pessoas ociosas, espertas, traiçoeiras, sangrentas, gatunas, desconfiadas e supersticiosas. E era improvável que se encontrasse na Antiguidade qualidades superiores nos negros, pois dizia que os gregos e os romanos também representaram aquela raça como desprezível e odiosa, de homens orgulhosos, preguiçosos, enganadores, desonestos, viciados em todo tipo de luxúria e prontos para promover incestos, selvageria, crueldade e vingança e devorar carne humana; em suma, possuidores de todos os tipos de vícios então conhecidos.⁸³

Long indicava que poderiam achar que suas conclusões carregavam um certo tipo de exagero em relação ao que ele apontava sobre a natureza dos negros. No entanto, afiançava que suas afirmações poderiam ser comprovadas pelos testemunhos consistentes de homens de diversas nações que, naquele momento, visitavam a Costa da África, sendo, portanto, impossível crer que todos eles teriam deturpado o que presenciavam. Afinal, segundo Long, o comportamento dos negros, descrito pelos viajantes, coincidiam exatamente com o dos negros trazidos para as plantações na América. Claro que tal brutalidade, de acordo com o autor, diminuía quando os negros eram trazidos para o Novo Mundo ainda bem jovens, sobretudo quando habituados a se vestirem e a se submeterem a uma disciplina regular de vida. Mas, de uma forma geral, eram encontrados com a mesma forma bestial, estúpidos, dados aos vícios e, mais ainda, dados a humilhar seus irmãos de continente. Possuíam, “in abstract, every species of inherent turpitude that is to be found dispersed at large among the rest of the human creation, with scarce a single virtue to extenuate this shade of character, differing in this particular from all other men”.⁸⁴

⁸² LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government.* London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 353.

⁸³ LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government.* London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 353-354.

⁸⁴ LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government.* London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 353-354.

Duvidava Long se seria prudente colocar os negros oriundos da África e mesmo os nascidos na América junto com o mesmo patamar de espécie humana em que se encontrava os brancos; o autor entendia que a influência do clima teria sua importância, sobretudo nos humores dos indivíduos, mas concluía que a mudança de clima não era suficiente para transformar as características dos seres humanos. E apontava que, assim como existiam diferentes classes de animais, também era plausível que se encontrasse distintas raças humanas. O jurista percebia muitas semelhanças entre a composição dos corpos de animais como o cavalo e os seres humanos.⁸⁵

Saint-Méry abraçava a ideia de que era impossível reverter a degeneração ocorrida entre os grupos humanos. Defendia que, no final das contas, era preciso considerar as duas cores principais como constituintes de todos os outros seres, ou seja, o branco e o preto. E, para o autor, o preconceito colonial teria ajudado a disseminar a ideia de que da união entre um homem branco e mulher de cor só resultaria em um ser de cor; da mesma forma que da união entre um negro e uma mulata sempre resultaria um indivíduo que não era um preto original. Em outras palavras, somente no encontro sexual entre brancos é que teríamos criaturas brancas, se dando o mesmo com os negros. Com isso, o autor negava a possibilidade de retorno à cor original, caso indivíduos mantivessem relações com outros distintos de suas cores de pele.

Mas, considerando as misturas, de todas as combinações de branco e preto, o mulato era o que reunia as maiores vantagens físicas; ou seja, “de tous ces croisements de races”,⁸⁶ dizia o autor, era o povo que possuía a mais forte constituição, a mais adequada ao clima da América, sobretudo no ambiente de Santo Domingo. Assim, “a la sobriété et à la force du nègre, il unit la grâce dans les formes et l’intelligence du blanc”.⁸⁷ Chegavam até a idade avançada sem ter

⁸⁵ LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government*. London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 353-354. Sua ligação com as teorias de classificação da humanidade desenvolvidas na Europa fica explícita quando destaca que “Mr. Noel speaks of apes, which he saw in Guiney, and calls Barris (which Mr. Buffon takes to be a synonym of the oran-outang), who walked erect, and had more gravity, and appearance of understanding, than any other of the ape kind, and were passionately fond of women. Lineu, upon the authority of some voyage-writers, affirms, that they converse together in a kind of hissing dialect; that they possess thought and reflexion, and believe the world was made for them, but Mr. Buffon, with good reason, suspects that Lineu has confounded the albinos with the oran-outang”.

⁸⁶ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l’île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les mœurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son administration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 87.

⁸⁷ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l’île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les*

cabelos ou peles deformadas. Sempre sem pelos nos corpos, assim como os negros, com os cabelos também lembrando os pelos de animais, no entanto, mais longos do que os de seus ancestrais africanos. Homens amantes dos exercícios físicos e da equitação, eram extremamente coerentes com o clima de onde haviam nascido.

Além disso, para Saint-Méry, contando um século e meio desde que as duas cores começaram a se misturar nas colônias francesas, já teria ocorrido oportunidades de se ficar em dúvida sobre a origem de uns certos indivíduos, uma vez que, no futuro, já seria complicado dizer quem era ou não de origem misturada, sobretudo num clima onde a pele do europeu já tomava um tom amarelado por conta do calor. De outro modo, acreditando na influência do clima, o autor também destacava que já vira indivíduos de pele mais escura serem transplantados para países de clima frio e, com isso, modificarem a cor da tez. De tal forma que “l’on sait que le nègre qui habite la France y est moins noir qu’aux Antilles, et j’ai constate sur plusieurs individus nègres ou colorés qu’ils étaient d’une nuance bien moins sombre l’hiver que l’été”.⁸⁸

Edward Long, por sua vez, destacava que os habitantes de São Domingo poderiam ser distinguidos entre as classes de crioulos ou nativos; brancos, pretos, índios e suas variações; europeus e outros brancos e importados ou africanos pretos. E, para ele, a mistura entre brancos, negros e indígenas teria gerado diferentes castas que possuíam denominação própria, cuja invenção foi fomentada, em especial pelos espanhóis, que teriam feito uma espécie de ciência entre eles para classificar os povos que habitavam a América. E para Long, tal ciência classificatória se baseava tão somente na cor da pele e no caráter daqueles povos.

Em Long, os nativos brancos, também chamados de crioulos, na Jamaica, eram de boa aparência corporal, com formatos bem-feitos, com alguns apresentando grande corpulência. Com bochechas mais altas e salientes e olhos bem mais fundos se comparados com os olhos dos ingleses; a visão era aguda e penetrante, o que fazia dos mesmos excelentes atiradores, olhos com pupilas que lembravam avelãs escuras. O efeito do clima era notável na estrutura de seus olhos, mas também na forma como expressavam sua liberdade e seus movimentos rápidos, dando a eles uma agilidade impressionante, assim como graciosidade em suas danças. Embora descendentes

moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son administrastion, etc... Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 87.

⁸⁸ SAINT-MÉRY. Médéric Louis Élie. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l’île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son administrastion, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 100.

de britânicos, foram marcados com características que desviavam do tronco original. O clima, para o autor, talvez tenha sido o principal responsável por produzir a variedade de feições com que viam as distintas sociedades humanas.⁸⁹

Entendia ainda que o clima produzia as diferenças humanas. No entanto, Long se recusava a aceitar que a mudança de ambiente poderia modificar as características físicas dos indivíduos. Assim, se um casal de ingleses se mudasse para a China e lá permanecesse por longos anos, segundo o autor, de forma alguma reteria os caracteres dos chineses, da mesma forma que se movessem em direção a Guiné, não teriam seus cabelos transformados em algo que lembrava pelo de animais, fato tão marcante nos negros de origem africana. Ao fim, segundo tais escritos, até era possível que uma criança nascida na América e levada à Inglaterra, ainda bem nova, sobretudo para o processo educacional, acabasse por captar algumas mudanças que lembraria um indivíduo de origem britânica, mas, de todo modo, essas alterações não poderiam ocorrer em pessoas que passavam grande parte de sua vida em determinado clima. Desse modo, a educação poderia funcionar como remediadora dos males culturais e daquilo que era inerente a raça americana, caso o indivíduo fosse retirado daquele ambiente ainda bem novo. Contudo, as características físicas, pertencentes a cada nação, não poderiam ser mudadas jamais.

Assim, ele destacava que pretendia limitar sua análise aos nativos permanentes ou aos homens crioulos que, em geral, eram sensíveis, de fácil apreensão das coisas, bravos, de boa índole, seres afáveis, generosos, mestres nas artes humanas; amigos sinceros e firmes, onde podia repousar a confiança; pessoas receptivas com mesas cobertas das melhores iguarias e com hospitalidade ilimitada; distintos pela capacidade de jogar, de cantar e fazer melodias, algo que segundo o autor também era perceptível nos negros crioulos, ou seja, os nascidos na América.

O autor ressaltava ainda que para muitos ingleses que observavam as crianças nascidas de pais brancos na América, deveria se considerar que esses descendentes possuíam a pele morena, mas que ela não deveria ser associada com a negrura dos africanos, afinal, era uma coloração muito mais parecida com a pele dos árabes. Na verdade, para o autor, as crianças nascidas na Inglaterra possuíam, em geral, pele mais bela ou mais transparente que os filhos de pais brancos na Jamaica; nas partes do Sul da Ilha, os miúdos nasciam com certa vermelhidão na pele, algo

⁸⁹ LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government.* London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 265.

que era de apreço para os ingleses; mas, nas colônias, as peles não adquiriam o bronzeado inglês, crescendo como um branco, mas pálido e diferente do branco inglês.

Long também afirmava que as mulheres americanas chegavam rápido à maturidade e se casavam muito cedo, sendo mães quase sempre por volta dos doze anos de idade; entretanto, a existência na América proporcionava mais emoções às mulheres do que para aquelas que viviam em ambientes frios. O clima, durante a vida dessas senhoras, levava-as a uma velhice bem apregoada e se podia ver mulheres de quase cem anos que se encontravam em excelente estado mental e físico. O que levava Long a concluir que “in Jamaica, the warmth and equable state of the air is friendly to age; and the nutritious quality of its foods preserves vigour and a lively flow of spirits”.⁹⁰ Contudo, deve-se observar que o clima era adequado para os nativos e seus descendentes, fossem os últimos frutos da união com brancos ou negros; de todo modo, era um ambiente adverso ao homem europeu recém-chegado.

Para o autor, em geral, os mulatos eram de proporções boas e as mulheres mulatas bem talhadas. De fato, os mulatos pareciam mais com os brancos do que com os pretos. Os cabelos daquele tipo possuíam curvatura, o que lembrava muito os negros; mas, via de regra, o encaracolado era de tamanho tolerável aos olhos de Long. As mulatas chegavam bem cedo à idade da puberdade e, dessa fase até os vinte e cinco anos, elas passavam por um processo de envelhecimento rápido que as levavam a uma terrível feiura. Nos textos do autor, elas eram descritas como dadas à lascívia, embora, quando se considerasse o nível de instrução, anotava que algumas possuíam um comportamento em público bem marcado.

As mulheres mulatas, segundo o autor, gostavam de esbanjar elegância e gastavam quase todo o dinheiro com enfeites e os tipos mais caros de linho. Eram poucas que se casavam com homens da sua própria raça e, quando isso acontecia, era um tipo de união que se demonstrava defeituosa e estéril. Para Long, com base nos estudos que ele fez sobre a obra de Buffon, nunca teria visto um casal de mulatos darem à luz a filhos que chegassem a puberdade; para ele, a união desses dois indivíduos de mesma raça não redundava em geração porque eles eram como as mulas: estéreis. Ao contrário, se uma mulata tivesse relações com homens pretos ou brancos, decerto, daria à luz à vasta prole. E se, durante suas observações, viu alguma mulher mulata que dera à luz a rebentos que sobreviveram, mesmo que fosse casada com outro mulato, certamente

⁹⁰ LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government.* London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 285.

seria um filho de alguma relação extraconjugal, pois entendia que a lascívia e a mentira estavam bem próximas desses indivíduos da raça mulata.⁹¹ Depreende-se daí, como se percebe, que o uso da obra de Buffon para se entender a humanidade da América acabou sendo levado às últimas consequências, aproveitado para justificar a existência de raças humanas diferentes.

Long entendia que o fato de mulatos não produzirem descendentes férteis deveria ser observado com acuidade, pois levava os estudiosos a crerem, com o que ele concordava, que negros e brancos poderiam ser de uma espécie diferente de humanos, ou seja, não possuíam a mesma origem. Mas, para provar isso, definitivamente, era preciso ter certeza de que a mulher mulata que dava à luz a alguma criança não teria nenhuma relação com homens diferentes dos mulatos. Para o autor, um grande filósofo de sua época asseverava que negros e brancos eram de raça distinta e só um cego poderia negar isso.

Ao fim e ao cabo, ele concluía que “for my own part, I think there are extremely potent reasons for believing, that the White and the Negroe are two distinct species”.⁹² Para ele, a ignorância propagada, sobretudo pelos preconceitos religiosos, por muito tempo, levou as descobertas de Copérnico serem consideradas como heréticas; e isso mudou, motivo pelo qual acreditava que, muito em breve, os estudos filosóficos dariam conta de confundir a ignorância e o fanatismo e se chegaria à conclusão de que existiam distintas raças, com diferentes gradações, em ordem e harmonia, dentre os seres criados e existentes no globo. A obra de Long é de 1774, ele era britânico, nascido na Inglaterra na década de 1730, com formação jurídica em fins de 1740; portanto, um homem inglês da primeira metade do século XVIII que defendia a existência de distintas raças humanas, considerando para isso a comparação dos traços físicos e do caráter dos povos. A posição do autor contraria, definitivamente, a tese da historiadora Roxann Wheeler que, como se verá mais a frente, defende que a cor da pele e os caracteres físicos dos indivíduos não era importante para os ingleses, no século XVIII, ao se compararem com as demais nações existentes na terra.

⁹¹ LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government.* London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 335-336.

⁹² LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government.* London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 336.

2.6 Povos de peles, crânios e feições distintas: poder do clima ou obra divina?

Petrus Camper, naturalista e físico holandês, numa publicação de 1792, apresentava novas hipóteses que justificassem as diferenças humanas. Na obra traduzida para o francês o autor destacava que, por ter tido oportunidade de conhecer pessoas de várias nações, pode observar uma diferença fundamental entre os povos, não só na projeção da mandíbula superior, mas também na largura das faces e na quadratura do maxilar inferior. Assim, Camper afirmava que tal observação havia se confirmado pelo exame minucioso de um grande número de cabeças (crânios) de diferentes nações que ele fora capaz de recolher e também das observações feitas de desenhos precisos que o enviaram. Dessa forma, partia da nota dos formatos dos crânios para desenvolver suas hipóteses a respeito da diversidade humana, em fins do século XVIII. Confirmando que sua pesquisa empírica era grandiosa uma vez que “Je possède dans mon cabinet, outre des têtes d’individus de ma patrie et des pays voisins, celles d’un Hottentote, d’un jeune homme de l’île de Madagascar, d’un Mogol, d’un Chinois, d’un habitant de l’île de Célèbe, et d’un Calmuque; par conséquent j’en ai de huit peuples de climats fort différens”.⁹³

Camper, apesar de ressaltar o valor de suas análises, lamentava ainda não ter tido contato com a “cabeça” de um verdadeiro americano, que ele apontava ter certeza de que oferecia algo de especial. No entanto, se debruçava a observar as pinturas de um artista da Pensilvânia que o fazia chegar à conclusão segundo a qual a cabeça do homem americano era longa e estreita, a órbita se encontrava perto do olho, de modo que eles não possuíam a pálpebra superior grande, como o homem da Europa, aspecto que daria muito charme ao rosto do último. Portanto, em Camper, o rosto europeu era mais belo que aquele do americano.

Ao longo do texto, Camper oferece uma série de conclusões que são tiradas das suas observações dos crânios dos distintos povos que ele avaliara. Embora ainda em página inicial da obra, o autor destacasse que a beleza se encontrava nos olhos daqueles que observavam, demonstrando assim, que seu livro buscava se isentar de lembretes mais contundentes em relação ao questionamento sobre quais eram as nações mais bonitas do mundo. Mas, ao longo do texto, podemos verificar que a posição do autor entra em conflito com o que ele propõe na sua

⁹³ CAMPER, Petrus. *Dissertation sur les variétés naturelles qui caractérisent la physionomie des hommes des divers climats et des différens ages: suivie de réflexions sur la beauté, particulièrement sur celle de la tête... on y a joint une dissertation, du même auteur, sur la meilleure forme des souliers*. Paris: Francart, 1792, p. 11.

introdução, uma vez que ela caracterizava as feições e os crânios europeus como os mais bem feitos da terra.

Camper colocava, lado a lado, os crânios de um negro, de um Calmuque, de um europeu e de um macaco. Com esse procedimento, pode-se inferir que, nessa pesquisa, buscou observar a presença dos ensinamentos de Lineu, pois me parece que ele alocava primatas e homens dentro do mesmo quadro de classificação; mas, seja como for, prosseguia destacando que percebia uma linha da testa até o lábio superior como indicativa de uma diferença na aparência dessas nações e fazia ver aí uma analogia marcante entre a cabeça do negro e a do macaco. Depois de desenhar algumas delas em uma linha horizontal, ele adicionava linhas faciais nos rostos, com os seus diversos ângulos, e, por fim, em meio a esses riscos, chegava à conclusão de que a fisionomia de um negro era semelhante à de um macaco ou de um cachorro.⁹⁴ Portanto, não era somente o clima que causava as mudanças. Apesar do ambiente ter tido papel fundamental nas transformações, havia algo de inerente a cada povo vivendo na face da terra. Ou seja, se os homens africanos possuíam aparências físicas tão próximas de macacos e cachorros e, no tocante a esse último animal, era comum em toda a Europa dividi-los por suas características e propriedades, usando para isso a palavra raça, conseqüentemente, o termo também poderia ser usado para caracterizar o homem da África como um indivíduo de raça distinta. Muito embora o autor na alocasse humanos e macacos na mesma raça.

No que implica a posição do ser humano dentro do quadro da criação animal, Carlos Lineu estabeleceu que o homem se encontrava no mesmo quadro classificatório dos primatas, e essa proposição, de alguma forma, incomodou muitos contemporâneos do filósofo que, vendo a humanidade como criação suprema de Deus, em hipótese alguma poderia ser alocada num mesmo quadro em que se encontravam macacos. Na verdade, Lineu entendia que o homem, dentro da esfera da criação divina, era o animal mais perfeito e, portanto, cabia a ele, não somente se conhecer, mas também avaliar e classificar todas as criaturas existentes na face da terra.

A classificação do mundo animal proposta por Lineu considerava os aspectos físicos, sobretudo. Na verdade, durante o século XVIII, a ciência natural levava em conta o que se observava do físico dos animais e, portanto, como nos lembra Hannah Franziska Augstein “until the end of the eighteenth-century, natural history was largely a static science. It did not

⁹⁴ CAMPER, Petrus. *Dissertation sur les variétés naturelles qui caractérisent la physionomie des hommes des divers climats et des différens ages: suivie de réflexions sur la beauté, particulièrement sur celle de la tête... on y a joint une dissertation, du même auteur, sur la meilleure forme des souliers*. Paris: Francart, 1792, p. 12.

investigate the history of things but their classificatory relationships. Its criteria were derived less from anatomical and physiological insights than from external observation”.⁹⁵ Sendo assim, as observações de Lineu, numa anatomia comparada, foi que o levou a estabelecer relações de aparência entre o homem e o macaco. Tudo isso em consonância com a ideia de que o homem era a criatura mais bem equipada devido ao uso da razão.

Então, Camper deu um passo a frente, afinal, suas observações foram além da parte visível e se justificavam pela análise interna dos corpos, pelos diâmetros e medidas dos crânios oriundos de cada raça existente na terra. Dessa forma, antecipava conclusivamente que “le peuple de chaque pays offre par conséquent quelque chose de particulier, qui se trasmet de génération en génération, jusqu’à ce que, par le mélange de plusieurs nations, ce traits caractéristiques se trouvent altérés ou entièrement détruits”.⁹⁶ Para ele, as guerras, a migração, o comércio, o transporte e os naufrágios seriam os grandes responsáveis pela mistura dos povos da terra, sendo apenas no interior de algumas regiões inacessíveis pelo homem estrangeiro que ainda se podia encontrar povos originais e no seu estado primitivo, o que os distinguiam visivelmente das nações vizinhas. Ao fim, o ambiente era parcialmente responsável pelas mudanças nos seres humanos, sobretudo a cor da pele. De todo modo, essas modificações causadas pelo clima não iam além da parte externa. Internamente, cada nação possuía algo que lhe era intrínseco e, no caso dos negros, era a semelhança evidente entre esses indivíduos e os macacos ou cachorros. Essa semelhança, nem mesmo o poder do clima poderia alterar.

La Pérouse, assim como Camper, entendia que a atenção daqueles que saíam em grandes viagens era sempre para analisar as diferenças existentes entre a espécie humana. Assim, a maior parte se apegava em descrever as características exteriores como a cor da pele, a estatura, a conformação e de outras diferenças do mesmo gênero, suscetíveis de serem vistas com facilidade, mesmo pelos olhos mais ordinários. Para ele, seria de importância que se fizesse também a comparação com partes interiores, através das pesquisas anatômicas, onde se devia procurar, por essa via, observar a ossatura da cabeça e o osso hióide de cadáveres com boa proporção, considerando, sobretudo, os crânios daquelas nações que aparentemente se diferiam, sensivelmente, daquelas das regiões temperadas da Europa, quer pela forma do rosto ou pela

⁹⁵ AUGSTEIN, Hannah Franziska. *Race: the origins of an idea, 1760-1850*. England: Thoemmes Press, 1996, p. 11.

⁹⁶ CAMPER, Petrus. *Dissertation sur les variétés naturelles qui caractérisent la physionomie des hommes des divers climats et des différens ages: suivie de réflexions sur la beauté, particulièrement sur celle de la tête... on y a joint une dissertation, du même auteur, sur la meilleure forme des souliers*. Paris: Francart, 1792, p. 16.

cabeça inteira. Desse modo, poderia se adquirir conhecimento sobre as verdades que se encontravam distintos tipos de homens.⁹⁷ Decerto, La Pérouse tivera contato com a obra de Camper, ou ouvira falar das suas pesquisas com os crânios humanos, afinal, o filho de Camper fazia com que seus escritos corresse toda a Europa, especialmente, a França, como se viu em capítulo anterior.

Ao minimizar a consideração da cor da pele, pelo menos a princípio, no tocante ao conhecimento da diversidade dos povos, Camper, decerto, descartava a hipótese defendida por Barrère com base nos estudos de Marcelo Malphigi, de que a membrana reticular existente nos seres humanos, nos indivíduos de cor preta possuía uma coloração escura, hipótese que será abordada mais detalhadamente no próximo capítulo. Para Camper, esse tipo de observação não se sustentava, pois ele havia notado diversos pedaços de peles dos negros, de italianos e das mais brancas mulheres holandesas, e havia percebido que a segunda pele ou membrana, em todos os indivíduos, era mais ou menos preta ou morena. Essa segunda pele em mulheres brancas grávidas era tão escura quanto em mulheres negras de Angola.

Camper, então, defendia certa influência do clima e do meio na diversidade humana, circunstância tornada evidente quando alinhava seus pensamentos com os do Conde de Buffon, destacando que concordava com o último a respeito de serem os habitantes do Norte, da Mongólia e Pérsia, bem como os armênios, turcos, georgianos, mingrelianos, circassianos e todos os povos da Europa não somente brancos, mas também os mais bonitos e com melhores proporções corporais do mundo conhecido. Com tal assertiva, Camper montava uma escala de classificação em que o homem americano – mesmo que seus estudos fossem mínimos sobre esta última espécie – e sobre os africanos que, definitivamente, os alocavam em patamar de inferioridade frente aos brancos do Norte, ainda que pela perspectiva da beleza exterior. Assim, se a beleza, segundo Camper, estava nos olhos de quem observava algo, nesse caso, a beleza humana de acordo com sua visão era branca e europeia.

E se a influência do clima aparece em Camper, entendo que o principal aspecto levado em consideração pelo autor era o formato dos crânios e menos a cor da pele, embora fique evidente sua predisposição pela defesa do homem branco e sua beleza estética. Todavia, os formatos das cabeças chamavam mais a sua atenção. Daí a afirmação de que “La tête de l’Européen pourra

⁹⁷ LA PÉROUSE, Jean-François de. *Voyage de La Pérouse autour du Monde* (v. 1). Paris: De l’imprimerie de la République, 1797, p. 165-166.

servir de modèle pour les peuples de toute l'Europe, de la Turquie, de la Perse et de la plus grande partie de l'Arabie, jusqu'à l'Indostan".⁹⁸ Ao passo que o crânio do negro de Angola poderia servir como modelo explicativo para todos os povos da África, dos Hotentotes que, claramente não se diferenciavam dos negros e mesmos os cafres e os habitantes de Madagascar. Muito embora se encontrasse nas Ilhas Molucas personagens com formatos de cabeça asiática e africana. E concluía dizendo que "J'y ai joint la tête du Cercopothèque ou Singe à que eu, et du petit Orang-Outang, pour faire mieux remarquer la valeur de la ligne faciale: c'est-à-dire, la ligne que décrit la physionomie de l'homme et des animaux".⁹⁹

Camper discordava de escritores como Heródoto, Hipócrates, Aristóteles, Plínio, assim como os modernos Cardan, Vesalius e depois Haller e Buffon, de que contando com testemunho de grande número de viajantes, garantiam quase unanimemente que as diferenças entre os distintos povos não dependiam somente da ação do clima em que viviam, mas também da arte que empregavam, de forma que os formatos artificiais acabavam por se tornar o fim natural para os indivíduos. Assim, a explicação dos negros terem grandes bochechas, narizes largos e lábios grossos não poderia ser a ação artificial, muito embora o autor passe de forma rápida por tal questão e acabe não oferecendo uma explicação convincente para sua discordância da influência das modificações artificiais nos corpos dos africanos.

Camper que, em 1758, havia dissecado, publicamente, no colégio de cirurgia de Amsterdã, um negro de aproximadamente onze anos, conservou a caixa óssea do corpo, podendo perceber através da observação, que todas as variedades ocorridas naquele cadáver eram produto da natureza, assim dito: do sol, do clima e da alimentação; não tendo as modificações feitas pelo homem nos corpos, nenhuma influência mais substancial na estrutura corpórea dos indivíduos. Muito embora, ele apontasse que não era todo impossível a probabilidade de variedades por conta da arte, já que, certa vez, se encontrando em Londres, seu amigo Mr. Cline, cirurgião-chefe do hospital de St. Thomas, o permitiu desenhar um senhor de São Vicente, de uma das ilhas do

⁹⁸ CAMPER, Petrus. *Dissertation sur les variétés naturelles qui caractérisent la physionomie des hommes des divers climats et des différens ages: suivie de réflexions sur la beauté, particulièrement sur celle de la tête... on y a joint une dissertation, du même auteur, sur la meilleure forme des souliers*. Paris: Francart, 1792, p. 23.

⁹⁹ CAMPER, Petrus. *Dissertation sur les variétés naturelles qui caractérisent la physionomie des hommes des divers climats et des différens ages: suivie de réflexions sur la beauté, particulièrement sur celle de la tête... on y a joint une dissertation, du même auteur, sur la meilleure forme des souliers*. Paris: Francart, 1792, p. 23.

Caribe, que possuía estrutura óssea frontal totalmente modificada pela compressão a que ele havia se submetido.¹⁰⁰

Camper destacava, definitivamente, que as modificações artificiais feitas nos corpos desses povos eram produto de sua perda das faculdades intelectuais e voltava ao Conde de Buffon que também atribuía a variedade no ser humano por conta da influência do clima, da alimentação, dos hábitos e costumes das diferentes nações. Camper entendia que não se poderia formar qualquer dúvida a respeito da influência do clima na formação da cor da pele, embora estranhasse o fato que em climas frios, tais como o da Groelândia e Kamschtka, se encontrasse homens quase tão negros quanto os habitantes de Madagascar.

Assim, o autor entendia que, os climas mais calorosos produziam a maioria dos homens negros, a menos que estes fossem produtos do encontro com indivíduos de outros países. Ademais, as formas particulares dos olhos, bochechas, mandíbulas e nariz também se deviam à influência do clima. Além disso, o efeito dos produtos alimentícios igualmente deveria ser levado em consideração, pois mesmo em animais, como cavalos, bovinos e ovinos, se podia observar seu poder na determinação dos caracteres físicos, uma vez que pastagens mais ou menos gordurosas alteravam toda a estrutura do corpo e dos chifres, assim como a qualidade da lã dos animais.

E, para Camper, a alimentação não deveria estar associada somente com o comer e o beber, mas também com a qualidade do ar que respiravam, mesmo que fosse complicado provar tal afirmação. O autor entendia que formações físicas como a mandíbula superior e os ossos da face dos negros que se sobressaíam para frente, assim como as pequenas órbitas dos olhos dos chineses, enfim, assim o eram em virtude da influência do ar. Logo, o clima não era capaz de produzir uma espécie diferente, mas apenas determinar algumas variedades dessa mesma espécie. Portanto, maior ou menor escuridão da pele, ou a brancura perfeita, não indicavam uma classe em particular, mas as diferenças acidentais. Deste modo, concluía que “notre peau a la même contexture que celle des hommes de couleur; nous sommes donc seulement moins noirs”.¹⁰¹ Mas, os crânios não eram iguais; logo, os cérebros também não.

¹⁰⁰ CAMPER, Petrus. *Dissertation sur les variétés naturelles qui caractérisent la physionomie des hommes des divers climats et des différens ages*: suivie de réflexions sur la beauté, particulièrement sur celle de la tête... on y a joint une dissertation, du même auteur, sur la meilleure forme des souliers. Paris: Francart, 1792, p. 25.

¹⁰¹ CAMPER, Petrus. *Dissertation sur les variétés naturelles qui caractérisent la physionomie des hommes des divers climats et des différens ages*: suivie de réflexions sur la beauté, particulièrement sur celle de la tête... on y a joint une dissertation, du même auteur, sur la meilleure forme des souliers. Paris: Francart, 1792, p. 31.

O formato do cabelo, liso, comprido, encaracolado ou crespo, para Camper, dependia dos alimentos que os indivíduos ingeriam. Assim, conforme seus escritos, moradores de Munster, por exemplo, possuíam cabelos lisos, mas, em geral, ao se mudarem para Amsterdã, depois de alguns anos, começavam a ter cabelos encaracolados. As maneiras, decerto, influenciavam sobre a figura do corpo, porém, uma boa educação podia conferir certa elegância para o homem e era fácil se convencer com o exemplo das nações civilizadas. Por isso, entendia que a educação, os exercícios físicos e a vida regular teriam o poder de transformar o rosto do homem em formato mais bonito e gracioso, o que constituía uma diferença notável entre o homem polido e o rústico. Contudo, Camper achava complicado que as disparidades pudessem ser produto só do modo de vida.

Tanto que, ao colocar, lado a lado, os crânios de macacos e negros, não deixava de perceber a analogia entre eles, sobretudo se observasse de uma maneira superficial; e isso teria levado alguns filósofos a uma hipótese que incomodava Camper, a de que poderia ter ocorrido uma mistura entre os homens brancos e os orangotangos, de onde teria redundado a raça negra, tendo esses monstros passado por uma educação que acabou fazendo com que tivessem o *status* de humano. Em desacordo com essas assertivas, o autor entendia tal tese como absurda, destacando que os macacos eram de outra espécie e parecidos muitos mais com os cães. Mas, ainda assim, as diferenças nos crânios demonstravam que os africanos e os americanos eram de raça distinta da europeia, com base em diferenças imutáveis.

Samuel Stanhope Smith, ministro presbiteriano norte-americano, em 1787, apontava que a partir de observações e dos seus estudos, poderia se chegar à conclusão de que existia uma relação geral entre a temperatura predominante em todo o mundo de acordo com o grau de latitude em relação ao Equador, responsável pelo que era conhecido como zonas climáticas. Além dos efeitos resultantes da temperatura, ou ação direta dos raios do sol, era preciso considerar vários elementos como os gases que entravam na constituição da atmosfera e as diferentes proporções daqueles princípios que existiam nas diversas regiões do globo.

Assim, a proximidade do curso do sol, os tipos de solos, as águas, os minerais, os vulcões e milhares de outras causas, afetavam da parte aérea até a parte oceânica, não sendo, portanto, surpresa que os organismos animais sofressem constantemente as influências que eram absorvidas na superfície da pele, pela respiração, pelos quais as qualidades eram transmitidas à massa de sangue através das linfas ou do estômago. Para o autor, essas variações poderiam ser

maiores e com mais diversificação em sua influência no corpo humano, de acordo com as diferentes proporções de luz, de calor, do fluído elétrico e de outros muitos princípios operativos poderosos que se misturavam com a massa de ar, sendo tais diferenças ambientais também manifestadas na cor da pele das nações que habitavam as distintas latitudes.¹⁰²

Logo, de acordo com os climas na sua relação maior ou menor com o Equador, a compleição sanguínea ou branca era perpetuada nas latitudes mais elevadas da zona temperada; caminhando a partir dessa região, era encontrado, segundo o autor, diferentes tonalidades mais escuras, aumentando gradualmente, até que se chegaria ao perfeito preto, sobretudo na linha do Equador. Dessa forma, não era válido, em seus dizeres, considerar que o Criador teria formado diferentes espécies de homens para habitar díspares regiões geladas e outras para ficar nas zonas tórridas da África. Portanto, no seu entender, a diversidade apresentada pelos grupos humanos era obra permitida por Deus.

Como se observa, a análise feita por Smith se aproxima daquela defendida pelo pesquisador das artes, Jean-Baptiste Dubos, que, em 1719, apontava a importância do ar como protagonista na promoção dos caracteres físicos dos diferentes povos da terra. Ainda assim, Dubos, europeu, alargava suas conclusões e assumia que o ar não causava somente diferenças físicas exteriores mas influenciava no cérebro do homem americano, o levando a um estágio de inferioridade que o incapacitava de desenvolver a produção artística. Smith, americano, um pastor protestante, não chegara às últimas consequências, embora tenha seguido os mesmos passos que apresentara Dubos, sobre o ar e sua influência no sangue dos indivíduos.

No fundo, Smith acreditava que o clima conferia modificações nos humanos, uma vez que um grande observador garantia que um grupo de húngaros, vistos como os mais bonitos seres da Europa, teriam migrado para a Lapônia alguns séculos atrás e, assim, teriam se tornado parecidos com os nativos desse último país, que era composto por uma raça diminuta e deformada. Além disso, teria chegado a seu conhecimento que os portugueses estabelecidos em uma determinada região do Congo, rapidamente se degeneraram, se imiscuindo com a figura dos locais e adquirindo os mesmos hábitos de vida, a ponto de não serem distinguíveis das tribos vizinhas que era as dos Hotentotes, e que estavam entre os mais imundos, os mais selvagens e mais

¹⁰² SMITH, Samuel Stanhope. *An essay on the causes of the variety of complexion and figure in the human species*. New-Brunswick: Published by J. Simpson and Co, 1787, p. 48.

deformados de toda a humanidade.¹⁰³ Curiosamente, como vimos acima, Camper demonstrava que os crânios dos africanos eram semelhantes aos dos Hotentotes, povos, quase sempre, vistos como os mais degenerados da face da terra.

Assim, Smith ressaltava que, em relação as cores de pele da espécie humana, era possível explicitar algumas conclusões, dentre as quais, de que apesar da sua geração não estar perfeitamente familiarizada com o processo interno da produção dos fenômenos das diferenças, não se podia colocar em dúvida que o clima era o agente responsável por criar a variedade de tez que distinguia a humanidade em diferentes regiões do globo. De tal modo, nenhum observador filosófico poderia questionar que os raios do sol agiam diretamente sobre a pele humana, produzindo uma coloração escura, destacando ainda que a bile presente no organismo poderia ajudar mais ou menos, de acordo com a quantidade, a compor o tom da casca tênue dos seres humanos.¹⁰⁴ Assim, o pastor protestante fazia uma síntese das principais explicações existentes desde o século XVII para justificar as diferenças físicas dos grupos humanos.

Em Gilbert Imlay, o militar que chegou à França revolucionária, a cor preta dos negros residia na membrana reticular entre a pele e a epiderme, ou na própria cutícula; procedia-se da cor do sangue, da cor da bile, ou a partir de qualquer secreção, a diferença não poderia ser encarada como fixa na natureza, mas como oriunda do simples efeito do clima, o que seria provado pelo testemunho diário dos filósofos mais esclarecidos daquela época e que, para Imlay, tinha seu total apoio. Thomas Jefferson, segundo o autor, perguntava se a distinção entre negros e brancos era fixada pela natureza e se a diferença era realmente importante.

Segundo Imlay, as diferenças na cor da pele não possuíam importância real, quando comparado com a gravidade que seria resgatar milhões de seres humanos do preconceito odioso que degradara toda uma raça de homens, os delegando ao posto de bestas de carga, somente porque tiveram a infelicidade de não serem brancos ou vermelhos. Da mesma forma, duvidava da afirmativa de Jefferson de que os brancos eram mais elegantes, dizendo que, ao contrário, muitas vezes, teria observado que em famílias que se preocupavam com a alimentação dos negros,

¹⁰³ SMITH, Samuel Stanhope. *An essay on the causes of the variety of complexion and figure in the human species*. New-Brunswick: Published by J. Simpson and Co, 1787, p. 52.

¹⁰⁴ SMITH, Samuel Stanhope. *An essay on the causes of the variety of complexion and figure in the human species*. New-Brunswick: Published by J. Simpson and Co, 1787, p. 53. Sobre a bile corporal: “On the other hand, redundancy of bile imparts a dark hue to the complexion of bile imparts a dark hue to the complexion in persons who have not, in any uncommon degree, been exposed to the direct action of the sun. Accordingly, we frequently see those who have been long affected in different degrees by an excess of this secretion, contract a hue resembling that of various dark coloured nations”.

dentre outros aspectos de humanidade, seus pretos possuíam aspectos físicos como de qualquer branco, sendo objetos de admiração pela proporção corpórea e as potencialidades esportivas.¹⁰⁵ Portanto, não me parece haver dúvidas que, o racismo com base na consideração da cor da pele, estava posto, em 1797, quando da publicação da obra de Imlay.

2.7 Novas terras, novos céus, classificando o homem americano: uma síntese

Em fins do século XVIII, diversas teses bailavam com explicações que dessem conta da diversidade humana. Em relação ao homem americano, nada parecia mais racional do que utilizar a interferência do ambiente para justificar os formatos dos corpos, a cor da pele, a cultura e a parte moral daqueles povos. Um sem número de hipóteses tomava páginas sem fim para descrever a natureza e o homem que habitavam aquela quarta parte do mundo, que se desvendara aos olhos perplexos dos europeus.

Quanto à origem dos nativos americanos, William Robertson duvidava que teriam vindo da Europa, muito embora inclinasse a acreditar que poderiam ser oriundos dos Tártaros; De Pauw discordava de Buffon de que o nativo americano teria chegado ao Novo Mundo havia pouco tempo, assim como entendia que a estrutura física dos homens não era diferente por conta do clima, como Robertson destacava, amparado pelas pesquisas que apontavam o excesso de calor ou frio como responsáveis pela diminuição da estatura dos seres humanos.

Jean Bossu lembrava o que quase todos defendiam, ou seja, o homem americano estava em estado de natureza quando da chegada dos europeus; e concluía que o clima do Novo Mundo era responsável por aquele estágio em que se encontravam. E, diferente de De Pauw e Robertson, acreditava que os americanos eram oriundos de povos chineses que teriam penetrado na América através da região da Louisiana. Motivo para se crer em tal hipótese? As unhas grandes dos indígenas, algo que remontava ao uso cultural da nobreza chinesa.

Claro que, obras de homens como William Robertson e De Pawn são de importância fundamental para introduzir a problemática da diversidade humana. Entretanto, entendo que eram homens de gabinete e escreveram seus trabalhos muito pautados pelas informações deixadas pelos relatos de viagens ou enviadas por amigos que ambos possuíam no Novo Mundo. Portanto,

¹⁰⁵ IMLAY, Gilbert. *Topographical description of the Western territory of North America: a succinct account of its soil, climate, Natural History, population, agriculture, manners and customs, with an ample description of the several divisions into which that Country is partitioned.* London: Printed for J. Debrett, Third Edition, 1797, p. 221-223.

apesar de tais obras aparecerem ao longo da minha narrativa, entendo que os escritos dos viajantes são mais fiéis, se comparados aos teóricos, ao que se encontrou na América, sobretudo por conta do contato pessoal que esses homens tiveram com os nativos e as terras daquele novo continente.

La Pérouse, ao longo de sua viagem, não percebia diferenças entre os estágios de vida dos americanos e dos europeus e reduzia, consideravelmente, a assertiva de que os homens e natureza americanos eram degenerados. Mas, não conseguiu manter tal posição no decorrer de quatro volumes de obra, deixando entrever o que grande parte dos viajantes e teóricos defendia: o homem na América se degenerou. Saint-Méry, em condição de nativo, afastou a degradação da raça oriunda de brancos que nascia na América, mas foi contundente em relação ao negro africano e o negro/mulato nascidos no Novo Mundo, esses sim considerados americanos, destacando as características daqueles povos que se assemelhavam a animais. Ao fim, uma raça diferente de homens. E se o pensador crioulo, ainda que com cuidado, alocava africanos e descendentes, por conta das feições e comportamento, numa outra classe de homens, Petrus Camper, ao estudar os formatos de crânios dos diferentes povos, embora entendesse que o clima contribuía para as díspares cores de pele, concluía, sem problema, que o homem americano e o africano eram de raças distintas da europeia.

Gilbert Imlay também acreditava no poder do clima bem como na influência do mesmo sobre os líquidos que compunham o corpo humano. E respondia a Thomas Jefferson que a natureza das diferenças não era inata, apontando que a cor da pele não deveria ter importância quando se classificava o preto africano, ressaltando que o melhor a fazer era observar a condição de escravidão a qual aquelas nações teriam sido submetidas. Isso sim, pensava ele, que conduzia a um processo de degeneração e a um preconceito racial tão presente naquela sociedade, com base na consideração da cor da pele. Samuel Stanhope Smith, de cima do púlpito, também acreditava no poder do clima e entendia que outros processos internos na formulação dos corpos seriam os responsáveis pela coloração da pele. Para Smith, o Criador teria formado diferentes espécies humanas adequadas aos distintos espaços geográficos.

Os pensadores até aqui lembrados escreveram no século XVIII, quase todos, na segunda metade daquela centúria; foram influenciados por obras de homens como Lineu e Buffon; muitos, inclusive, pensavam que era possível o processo de regressão da degeneração causada pelo clima, caso os indivíduos fossem trasladados a outro ambiente, hipótese cara ao Conde de Buffon.

Outros não explicavam da mesma forma e, embora resgatassem a possibilidade da influência do clima, entendiam que as diferenças particulares eram inerentes aos povos espalhados pela terra. No entanto, reafirmo: a cor da pele, formato do rosto e cabelos, decerto, era o ponto de partida para a organização das raças humanas em quadros classificatórios. Ainda que não fossem com critérios definitivos e racialistas conforme teríamos século XIX adentro. E se homens como Imlay minimizavam a importância da cor da pele, com certeza se enquadravam na exceção.

Ao fim do século XVIII, venceram as hipóteses que consideravam as diferenças físicas como componentes para a implementação das teorias raciais. Os teóricos se afastaram da ideia de desconstrução da degeneração pela qual havia passado os povos e estabeleceram que existia a raça de brancos, de pretos, vermelhos e amarelos. Mas as bases para as classificações da humanidade, de acordo com os caracteres físicos, estavam lançadas pelo menos nos anos iniciais do século XVII. Homens como Gregório Garcia e Andrès Rocha, já havia degenerado a natureza e o homem americanos. Claro, ambos entendiam que a origem da humanidade era uma, hipótese sustentada por grande parte dos teóricos do século das “Luzes”. Contudo, ao chegarem na América, independente do lugar de origem, o céu, o ar e água do Novo Mundo teriam corrompido aqueles povos.

Andrès Rocha foi até mais longe: considerando a possibilidade de uma das Tribos de Israel ter povoado a América, de antemão olhou com estranhamento, destacando que eram povos naturalmente inclinados à idolatria e, portanto, ao estabelecerem contatos com nações sem a doutrina cristã, ao longo do percurso até a América, já teriam chegado no Novo Mundo com leis morais e sociais corrompidas. As constelações das novas terras só piorariam a situação, degradando também os corpos. Homens como Salinas y Cordova e Leon Pinelo acreditavam no poder degenerador do clima americano; porém, foram bem mais longe, entendendo que existia algo de específico a cada nação existente na terra, algo intrínseco que ia além do poder modificador das estrelas, céus e ares do Novo Mundo. Um século e meio depois, tal hipótese cairia como uma luva ao pensamento de fins do XVIII que endureceu o que era específico de cada povo, transformando-os em distintas raças.

Mas me causa estranheza que os estudos sempre indiquem que a consideração dos caracteres físicos na montagem do quadro classificatório da humanidade seja algo de fins do século da “Luzes”, inclusive a apreciação da coloração da casca tênue dos indivíduos. Entendo que uma classificação mais endurecida, com vocabulário específico e características eugênicas só

se estabeleceu no século XIX. De todo modo, homens como Lineu e Buffon, a partir da consideração de suas obras pelos viajantes ao redor do mundo, tiveram papel fundamental no desenrolar dessas teorias. No entanto, se muitos viajantes em contato com os americanos aceitavam a hipótese ambientalista acastelada por Buffon – algo que fora defendido desde a Antiguidade e se mostrou bem preponderante um século antes da escrita do filósofo natural –, também existia muitos que negavam a possibilidade de reversão da degeneração humana e tantos outros que acreditavam que o homem americano não era da mesma raça do europeu.

Não estou defendendo que as teorias raciais ou mesmo o racismo como conhecemos seja algo recorrente nos séculos XVII e XVIII. Mas, como destacamos acima, pensadores do seiscentos eram contundentes em apontar que o ar, o céu, as águas do Novo Mundo eram nocivas à vida, ao comportamento e a estrutura física humanos. Os povos americanos eram considerados como degenerados, a despeito de toda força feita no sentido de levá-los ao rebanho cristão. E nenhum daqueles pensadores destacavam a possibilidade de mudanças nos corpos e mentes daqueles povos, ainda que levados a outros ambientes. Muito embora eles entendessem que a origem daquelas nações eram outras terras. Assim, se haviam chegado brancos, já não eram mais. E isso, ao que parece, era tido como irreversível. Portanto, embora esses viajantes não utilizassem o conceito raça, aquilo que estava subjacente à forma como os indivíduos do Novo Mundo eram classificados pode ser considerado como racismo, ainda que com as particularidades inerentes aquele momento histórico.

Logo, o que busco pensar é que não podemos valorizar sobremaneira os teóricos e viajantes de fins do século XVIII como se fossem os primeiros a teorizar sobre a diversidade humana, considerando os caracteres físicos como elementos principais. O papel desenvolvido por eles foi importante e visceral, principalmente quando consideramos que confeccionaram suas obras num momento em que as circulações de ideias, de certo modo, poderiam ser mais fáceis, sobretudo por conta de um profícuo mercado editorial de países como a França e Inglaterra.

Ademais, a historiografia dos séculos XIX e XX se encarregou de estabelecer lugar de destaque para esses homens do século XVIII, considerados como teóricos da raça humana. Contudo, seria empobrecer demais o estudo da diversidade humana se não ponderarmos sobre os europeus e nativos que escreveram sobre a América e seus povos no século XVII, e que estabeleceram que as nações do Novo Mundo poderiam ser classificadas a partir dos caracteres físicos, num claro processo de inferiorização dos nativos do Novo Mundo.

Decerto, a historiografia e outros campos de estudo privilegiaram as teorias entabuladas na Europa ao longo do século das “Luzes” como aquelas responsáveis pelo que seria lido de forma mais áspera no século XIX, transformando-se em teorias raciais. Com isso, acabou por valorizar o que se escrevia na Europa sobre a diversidade humana, minimizando o que se escrevia na América sobre a mesma diversidade. Muitos viajantes, como apontamos ao longo deste capítulo, ao chegarem na América, logo percebiam a dificuldade de incluir povos tão distintos em teorias “fabricadas” pelos teóricos da diversidade humana no Velho Mundo. Assim, não descarto a importância dos pensadores e viajantes do século XVIII, mas procuro antecipar que os homens que escreveram sobre a América, no século anterior, consideravam a cor da pele e o formato dos corpos, no processo classificatório da humanidade.

E encerro lembrando que muitos pensadores, viajantes e artistas dos setecentos foram mais influenciados pelo que leram e ouviram falar sobre a América, através de obras do século XVII, do que da sua própria centúria. Por volta de 1750, o pintor Giovanni Battista Tiepolo, nascido em 1696, ao ser convidado para fazer uma obra no teto do palácio principesco de Wurzburg, produziu a tela *Apollo e os quatro continentes*. Nessa pintura ele representava as partes conhecidas do mundo, de acordo com a noção que possuía das mesmas. A figura que representava a América era um ser coroado de penas que recebia presentes de uma multidão de nativos e se encontrava sentada em cima de um crocodilo com aparência terrível; o continente era demonstrado como selvagem, evidenciando a pintura, cabeças decepadas em primeiro plano, nativos seminus que transportavam o corpo de outro crocodilo para assar e um carne que se encontrava em espeto, com origem muito duvidosa. Quase fora das bordas do quadro vê-se um artista com vestimentas europeias que tenta apreender toda a novidade daquele mundo, desenhando as cenas que presenciava.¹⁰⁶

A América estava relacionada com um crocodilo, um animal terrível, degenerado aos olhos de Jean Bossu que, em fins do século XVIII, destacava que aqueles bichos no Novo Mundo, gostavam de se alimentar da carne de africanos, sobretudo por conta do odor que exalava da pele dos homens de raça preta. Crocodilos que eram degenerados, conforme asseverava De Pauw e William Roberston, em especial por causa do clima nocivo à vida. A pintura acima descrita, ao contrário, contemplava a Europa sentada em um trono e reinando soberana sobre os

¹⁰⁶ PAGDEN, Anthony. Europe: conceptualizing a continent. In: _____ (org.). *The idea of Europe. From antiquity to the European Union*. Woodrow Wilson Center Press / Cambridge University Press, 2002, p. 51.

demais povos, demonstrando sua opulência e poder, detentora das artes e do mais alto grau de civilização e, conforme apontaram alguns viajantes aqui apresentados, possuidora da mais bela e perfeita humanidade porque branca. E o pintor Giovanni Battista Tiepolo era muito mais tributário do alvorecer do século das “Luzes” do que do seu fim. A América se degenerou nas tintas vertidas no próprio Novo Mundo, no século XVII. E o que aconteceu depois foi importante para conceituar como características inerentes a uma raça, aquilo que estava posto havia século e meio.

Capítulo 3

O CALOR DO SOL, O VENTO ÚMIDO, AS ESTRELAS NO CÉU E VAPOR VINDO DO MAR, NÃO PODERIAM A COR DA PELE MUDAR

Whether there be different races of men, or whether all men be of one race, without any difference but what proceeds from climate or the other accident, is a profound question of natural history, which remains still undetermined after all that has been said upon it.

Henry Home – Lord Kames (1774)

Quando as cortinas do século XVII se cerraram, as narrativas de viagem tiveram aumento considerável, embora não se deva perder de vista que a leitura era para poucos. Tal enunciado pode ser confirmado pela passagem da obra *Journal du voyage d'Espagne*,¹ em que o autor, em 1669, destacava ser tal gênero de escrita o meio caminho entre o romance e a história, onde os viajantes não abordavam somente as aventuras de particulares, fornecendo informações mais próximas da verdade e com mais exatidão. Portanto, muito antes do século das “Luzes”, esse tipo de literatura carregava informações que poderiam levar ao conhecimento e às discussões de temas como comércio, liberdade, natureza, povos selvagens e povos civilizados, missões e classificação dos distintos tipos humanos que compunha o mundo conhecido. Muito embora, não se deva desconsiderar que há apreciável diferença entre os relatos de viagem do século XVII e aqueles do XVIII que, de alguma forma, primavam por uma intenção científicista.

As narrativas dos viajantes, segundo os teóricos de fins do século XVII, deixara para trás aquele período em que os relatos apenas relacionavam os bens e povos encontrados, para se deter de forma minuciosa em descrições que eram vistas como mais próximas da verdade e, portanto, meio mais afiançado de conhecer as partes do mundo das quais os povos possuíam poucas informações. Foi nesse cenário, em que “les frontières entre les lettres érudites et la culture générale commencent à s'estomper”,² que os viajantes e suas obras assumiram forma mais

¹ BERTAUT, François. *Journal du voyage d'Espagne contenant une description fort exacte de ses Royaumes & de ses principales Villes; avec l'Estat du Gouvernement, & plusieurs Traittés curieux, touchant les Regences, les assemblées des Etats, l'ordre de la Noblesse, la Dignité de Grand d'Espagne, les Commanderies, les Bénéfices et Les Conseils*. Paris: Denys Thierry, 1669, p. 4-5.

² WOLFZETTEL, Friedrich. *Les discours du voyageur, Le récit de voyage en France, du Moyen Age au XVIIIe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996, p. 129-30.

preponderante nos meios conhecidos como científicos, ocupando espaços de análises de distintas publicações voltadas às ciências.

Assim, a importância do papel da descrição dos espaços e dos povos encontrados ao redor do mundo, pode ser claramente percebida em publicações como *Dictionnaire universel géographique et historique, contenant la description des Royaumes, Empires, Etats [...] la situation, l'estenduë, les limites, les distances de chaque pays [...] la religion, les moeurs, les coutumes [...] les ceremonies particulieres des peuples*, que, publicado em 1708 por Thomas Corneille, demonstrava o papel fundamental dos relatos de viagens para se compor o retrato das riquezas e dos povos ao redor da terra.³ Logo, antecipando questões colocadas pelos teóricos da segunda metade do século XVIII em relação ao processo descritivo da diversidade humana, no século XVII se reconhecia a necessidade de informações que se afastassem da aura mítico-religiosa que circundara as obras de viajantes de centúrias anteriores, entendendo que as crônicas de viagens deveriam fornecer material o mais próximo do real para que se pudesse fazer um inventário coerente dos povos que habitavam as mais distantes paragens da terra.

No século XVIII, com base nas grandes viagens feitas, sobretudo, no Novo Mundo, as teorias que explicavam a diversidade humana cresceram consideravelmente. Mas, em especial a partir de obras como as de Lineu e do Conde de Buffon, é que os relatos de viagens começaram a acompanhar mais de perto as causas das diferenças físicas dos indivíduos. Assim, a influência do clima sobre os corpos, hipótese que fora levantada desde a Antiguidade, passou a servir como base para grande parte dos viajantes que percorriam as terras novas, sobretudo amparados pelos escritos de homens como os ressaltados acima. Porém, nem todos os viajantes e teóricos acreditavam que o ambiente⁴ era o único fator responsável pela diversidade nos caracteres humanos, de modo que muitos apresentavam outras teses para explicar as diferenças.⁵

³ CORNEILLE, Thomas. *Dictionnaire universel, géographique et historique*. Paris: J.B. Coignard, 1708.

⁴ Ao longo do texto optou-se pelas expressões ambiente, clima ou conjunção celeste, com base nos apontamentos encontrados na obra de Georges Canguilhem. *La connaissance de la vie*. Paris: Hachette, 1952, p. 160-166, onde, num breve histórico sobre a noção de lugar, o autor destaca que “Historiquement considérés la notion et le terme de milieu sont importés de la mécanique dans la biologie, dans la deuxième partie du XVIIIe siècle. La notion mécanique, mais non le terme, apparaît avec Newton, et le terme de milieu, avec sa signification mécanique, est présent dans l'*Encyclopédie* de d'Alembert et Diderot, à l'article *Milieu*. Il est introduit en biologie par Lamarck, s'inspirant de Buffon, mais n'est jamais employé par lui qu'au pluriel. De Blainville consacre cet usage. Etienne Geoffroy Saint-Hilaire en 1831, et Comte en 1838, emploient le terme au singulier, comme terme abstrait. Balzac lui donne droit de cité dans la littérature en 1842 dans la préface de la *Comédie humaine* et c'est Taine qui le consacre comme l'un des trois principes d'explication analytique de l'histoire, les deux autres étant, comme on sait, la race et le moment. C'est de Taine plutôt que de Lamarck que les biologistes néolamarckiens français d'après 1870, Giard, Le Dantec, Houssay, Costantin, Gaston Bonnier, Roule tiennent ce terme. C'est, si l'on veut, de Lamarck qu'ils

3.1 Diferentes continentes, culturas distintas: o século XVIII e a afirmação das raças

Em 1775, Bernard Romans publicava sua obra *A concise Natural History of East and West Florida*, na qual, ainda nas primeiras páginas, destacava que a razão sem a experiência não podia fazer nada, se tratava de meros sonhos, fantasmas, meteoros de homens engenhosos, que abusavam de seu tempo. Era preciso muita diligência e labor, antes do homem se tornar completamente instruído.⁶ Tal frase, tão eloquentemente destacada por Romans, pertencia a Lineu, um dos mais importantes homens europeus do século XVIII, que fora responsável por propor um quadro classificatório da humanidade gerador de debates intensos, até hoje, no âmbito dos pesquisadores que se debruçam sobre a problemática da variedade humana.

De fato, Bernard Romans, ao escrever seu livro, já se via como um homem instruído e cuja razão fora confrontada com as experiências acumuladas ao longo da vida. Nascido na Holanda, completou seus estudos na Inglaterra e, durante a guerra dos Sete Anos, atravessou o Atlântico com sua embarcação, subsidiado pela Coroa inglesa, na missão de saquear navios inimigos durante o confronto com a França. Mas aquele que veio à América como fiel soldado do rei, não hesitou ao se posicionar do lado dos colonos, durante a revolução americana. Até aí, nada demais, não fosse a inexistência de estudos mais completos que nos leve a entender o papel desse letrado nos episódios que envolveram as colônias britânicas e a pátria-mãe.⁷ Seja como for, Romans carregava, em sua folha de serviços, responsabilidades de viajante naturalista, cirurgião, geógrafo, cartógrafo e por fim, escritor do que ele destacava ser a mais completa obra sobre a costa da Flórida.

Ao analisar o clima norte americano, o autor destacava que a abertura das florestas era algo urgente a se fazer, de forma que a drenagem das lagoas e valas associada à derrubada de árvores, não só facilitaria a utilização dos espaços para o cultivo, como reduziria o efeito do ar

tiennent l'idée, mais le terme pris comme universel, comme abstrait, leur est transmis par Taine”.

⁵ PESTANA, Paola Martínez. Des hommes noir et non pas nègres: piel y raza en el siglo XVIII. *Asclepio, Revista de la Medicina y la Ciencia*, v. 63, n. 1, 2011, p. 39-64, nos oferece uma análise bem instigante de que o século XVIII foi o grande responsável pela classificação dos negros através da consideração da cor da pele. Assim, a pele se tornou o ponto de investigação como vestígio da história. E qualquer posição filosófica do período, ao fim, posicionava o homem de cor preta no patamar mais inferior da humanidade.

⁶ ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776, p. 4 (Introdução).

⁷ DIAMANT, Lincoln. *Bernard Romans: forgotten patriot of the American revolution, military engineer and cartographer of West Point and the Hudson Valley*. Harrison, N.Y.: Harbor Hill Books, 1985.

americano sobre os seres humanos, uma vez que o tal pernicioso vapor que exalava nessa região, tinha efeito danoso sobre os humores e as partes fibrosas do ser vivente, destruindo assim a harmoniosa concordância por ele vista como tão característica do europeu e conferindo ao nativo um comportamento relaxado, fraco, lascivo e dado às desordens.

A ideia de dissertar sobre a influência do clima no comportamento humano não possuía nada de original. Romans entabulava discussões sobre o ar quente e úmido e o quanto isso influenciava na diversidade humana. Mas, para ficar só no século XVIII, podemos dizer que o cientista natural francês Conde de Buffon já destacava tal hipótese, apresentando estudos sistemáticos, desde a primeira metade do dito século das “Luzes”, sobre a relação das características físicas das raças com o clima em que elas se localizavam. É a partir daqui que podemos olhar a obra de Bernard Romans com mais acuidade. O clima, para ele, tinha influência direta no comportamento humano; e algumas providências, como o desmatamento, poderiam reduzir os efeitos dos “perniciosos vapores”, mas nunca os eliminar por completo. Afinal, no seu entender, tal comportamento era inerente à raça americana, pois, mesmo que se mudasse o clima, os indivíduos não mudariam seus humores.⁸

Ora, com essa afirmação, Romans chegava à conclusão, diferentemente do conhecido e tão lido Conde de Buffon, de que a variação de indivíduos oriundos da América para climas mais amenos, como o europeu, em nada modificaria o comportamento dos nativos do Novo Mundo. O que realmente destoava, naquele momento, era o fato de Romans destacar que não havia como reverter a barbárie indígena, arrematando com a impossibilidade de se modificar aquilo que era inerente à raça americana. Assim, entendia que de um extremo ao outro da América, “as pessoas vermelhas” eram oriundas da mesma “nação” e, portanto, deveríamos desistir de encontrar a origem daqueles povos em outros distintos, fossem europeus, chineses, negros, mouros ou indianos.

Tal assertiva, de imediato, refutava a ideia de que a humanidade havia surgido em única matriz criacional, sendo as diferenças físicas, portanto, tecnicamente, indiferentes. Ao contrário, Romans voltava seus olhos para a hipótese de que Deus havia criado diferentes espécies humanas e, no caso americano, não tinha como negar que um homem e uma mulher específicos daquela região teriam sido objetos da obra divina. Com este posicionamento, o viajante holandês que

⁸ ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776, p. 39-41.

adotara a América do Norte como sua pátria, negava a ideia de unicidade tão defendida por Buffon e outros teóricos da diversidade humana, mas, acima de tudo, refutava a tese bíblica da criação da humanidade no Éden, acreditando assim na possibilidade de diversos eventos criacionais, donde o homem americano e o africano não poderiam ser enquadrados como descendentes do evento edênico que redundara na formação do homem branco e europeu, civilizado e superior.

Distante da tese de Romans, com publicação de sua obra na segunda década do século XVIII, Joseph-François Lafitau defendia que a causa mais provável era que todas as nações da América teriam sua origem na Ásia. Assim, para o autor, era admissível que em algum momento da história da humanidade, a América esteve ligada à parte oriental da Tartária, embora até aquele período não se encontrasse provas para demonstrar a referida união. Com tal dito enunciado, o jesuíta também lembrava que todos as nações da terra eram tributárias da família de Abraão e, portanto, existia uma única raça humana, oriunda de um evento criacional exclusivo, o que o diferia de Bernard Romans. Mas, ainda assim, quando os viajantes associavam os americanos como possíveis descendentes dos tártaros, não se pode perder de vista que os últimos eram considerados povos degenerados e bárbaros que viviam nas franjas da Europa branca e civilizada.

Por isso, conviria perguntar: a tese de Romans sobre diferentes eventos de criação da humanidade era original? Claro que não! Desde o século XVI, distintos pensadores, muitos inclusive obrigados a se retratarem com a Igreja, hora ou outra, levantavam a hipótese de que o homem europeu era descendente direto de Adão e Eva e as demais nações eram oriundas de outras formações humanas. Quando Romans retoma essa possibilidade, três ou quatro anos antes da obra de Johann Friedrich Blumenbach⁹ – alemão que, com base no estudo dos crânios humanos, chegara à conclusão de que existiam cinco raças humanas e a europeia era superior, não havendo possibilidade de reversão da degeneração a qual as outras espécies haviam sido submetidas – ele não considerava a cor da pele como único objeto para inferiorizar o nativo americano e o africano, mas também os aspectos concernentes à cultura em geral.

Na verdade, um ano antes da publicação da obra de Romans, o advogado escocês Henry Home, que, em 1752, havia recebido o título de Lorde Kames, apostava na tese da origem dos

⁹ BERTOLLETI, Stefano Fabri. The anthropological theory of Johann Friedrich Blumenbach. In: _____; BOSSI, Maurizio (edit.). *Romanticism in science in Europe, 1790-1840*. Boston, London, 1994.

povos americanos sendo encontrada num segundo evento edênico, no qual Deus teria criado um homem específico para a América. Assim como Romans, Lorde Kames acreditava nas maravilhas divinas e ressaltava que se as demais nações conhecidas do mundo tiveram sua origem no evento bíblico da Torre de Babel, no caso americano teria ocorrido a formação de um segundo Adão. Para o advogado, a hipótese de que a América era uma terra recente, vivendo em seu estágio de infância, só colaborava com sua ideia de que o homem americano também havia surgido recentemente.

A lógica de Lorde Kames o aproximava da tese de Buffon sobre a origem do continente americano como algo que ocorrera há pouco tempo, já que as terras estavam submersas e, por conta de eventos climáticos, teria emergido do fundo do mar, ainda carregando as mazelas referentes a um espaço que se encontrava em formação. Mas a proximidade de Kames com Buffon se encerra nesse ponto. Afinal de contas, assim como Bernard Romans faria ano mais tarde, Henry Home não acreditava na unicidade da espécie humana e destacava que da forma como existiam diferentes raças de animais, também era plausível se acreditar na existência de distintas raças de homens. E essa raça, na América, era produto de um ambiente degenerado.

Em relação aos indígenas americanos, uma das primeiras teorias sobre a possibilidade daqueles povos serem de origem distinta e, portanto, de raça diferente das demais nações do mundo, surgiu por volta de 1520, com a obra de Paracelsus, que acreditava terem os nativos americanos e o resto da humanidade aparecido de eventos criacionais distintos. Logo, ele afirmava que os europeus eram descendentes de Adão, mas não podia garantir que povos escondidos nas mais distantes ilhas possuíam a mesma origem, restando acreditar que aqueles povos diferentes dos europeus, também eram oriundos de um diferente Adão.¹⁰

Lorde Kames não aceitava que a coloração da pele fosse causada pelo clima, destacando que, embora existisse uma atmosfera ideal para cada raça de animais ou raça humana, assim como o alimento adequado a cada ambiente, a mudança de uma região para outra não conferia modificações substanciais na epiderme dos indivíduos que se movimentavam. E concluía que “I say more, there are many instances of races of peoples preserving their original colour in climate very different from their own; but not single instance of the contrary so far as I can learn. There

¹⁰ POPKIN, Richard H. *Isaac La Peyrère (1596-1676): his life, work and influence*. New York: E.J. Brill, 1987, p. 33-35.

have been four complete generations of Negroes in Pensylvania without any visible change of colour: they continue jet black as originally”.¹¹

Dessa forma, Lorde Kames chegava à conclusão de que cada raça humana distinta, também poderia ser enquadrada em um grau civilizacional diferenciado. E Romans, ao analisar esse nível de civilização do homem americano, destacava que o povo encontrado em toda América era rude e inculto, seres incapazes de alcançar qualquer nível de civilização; um povo que se achava degredado ao menor patamar da raça humana, se assemelhando a animais, capazes de imitar boas maneiras, como deixar de andarem nus, por exemplo, mas, mesmo assim, inábeis de assimilar modos civilizados, voltando sempre ao passado, assim como cães voltavam ao vômito. Portanto, partilhava da ideia de Buffon sobre o homem americano estar vivendo no momento de “infância da humanidade”, ainda que descartasse a possibilidade de reversão desse estado no qual os nativos se encontravam.

Nestes sentidos, aparentemente, as obras de Kames e Romans estavam em consonância com o que a grande parte dos pesquisadores defendem como o momento em que as diferenças físicas se tornaram mais importantes nos quadros classificatórios da humanidade. Portanto, se até a segunda metade do século XVIII a coloração da pele, bem como formatos de rostos e corpos entravam de forma incipiente nesse processo de classificação, a segunda metade do século das “Luzes” seria marcada pelo avanço das teorias que dividiam a humanidade a partir dos caracteres físicos, sobretudo a coloração da tez. Mas, se analisarmos de forma mais criteriosa, podemos constatar que a hipótese de considerar a cor da pele como ponto importante nas classificações da humanidade somente a partir da segunda metade do século XVIII, empobrece o estudo das teorias classificatórias.

Na verdade, entendo que a cor da pele foi um dos atributos de classificação do homem americano, ainda nos primeiros contatos dos europeus com a nova terra. Afinal, aquilo que primeiro chamava a atenção era o que destoava do considerado com padrão. De todo modo, quando aponto para a consideração da coloração da pele e dos caracteres físicos na promoção do enquadramento da humanidade, busco analisar que a consideração desses atributos humanos para o processo de degeneração do nativo do Novo Mundo é algo que se encontra antes das barreiras cronológicas do século XVIII e teve sua origem em solo americano.

¹¹ HOMES, Henry (Lord Kames). *Sketches of the History of man in two volumes*. Edinburgh: Printed for W. Creech, 1774, p. 14.

3.2 A herança do século XVII: no que era as “Trevas”, acendem-se as primeiras “Luzes”

Pierre Barrère, médico e naturalista francês, depois da estadia em Caiena, na América do Sul, em 1741, com base nas observações feitas ao longo de sua viagem, pretendia oferecer informações técnicas que comprovassem a causa física da cor dos negros e também o motivo da estrutura capilar dos mesmos ser diferente. A obra, ainda que com poucas laudas, possuía uma pretensão ambiciosa vista, explicitamente, no próprio título do que ele denominava como dissertação; ou seja, buscava usar suas anotações empíricas para explicar a causa da degeneração pela qual passara os indivíduos a ponto de terem a coloração da pele preta. Procurava, assim, uma classificação para esses povos que possuíam a tez escurecida e tentava, ao máximo, se afastar das hipóteses que encontravam na religião ou em reflexões filosóficas a resposta para tais diferenças.

Escrevendo anos antes do aparecimento da grandiosa obra do Conde de Buffon, que seria referência para os estudos da diversidade humana, sobretudo com ênfase na influência do clima nas características físicas, Barrère, através da sua experiência na América, negava a completa influência do clima na produção da coloração preta dos negros, embora considerasse o calor como algo de relativa importância no processo de circulação da bile que era responsável pelo escurecimento da pele dos indivíduos.¹² O médico francês, ao contrário de Bernard Romans, recusava que os negros poderiam ser de uma diferente espécie humana e também não apresentava nenhuma tese de que pares de casais distintos teriam sido formados em partes diferentes do globo. Barrère não se deteve em questões religiosas para explicar suas experiências, mas, após suas viagens pelo Novo Mundo, depois de dissecar muito negros e observar bem de perto, não mais acreditava que a mudança de clima poderia influenciar nos caracteres humanos. Para ele, a degeneração dos negros era irreversível, embora fosse necessário explicá-la em face do padrão, que era o branco e europeu.

Desse modo, a pele dos seres humanos era tão diversa quanto o número de nações existentes na terra. E, por essa perspectiva, ele utilizava a palavra nação com o sentido de

¹² BARRÈRE, Pierre. *Dissertation sur la cause physique de la couleur des negres, de la qualite de leurs cheveux, et de la degeneration de l'un et de l'autre*. Paris: Chez Pierre-Guillaume Simon, 1741, p. 9: “On peut joindre ici, pour confirmer ce que nous venons de dire, ce qu'on observe parmi nous dans la jaunisse: la bile par son abondance dans le sang, teint en jaune tout le peau: un épanchement de cette même bile devenuë noire, par telle cause qu'on voudra, donne aussi à la peau une couleur noire, ainsi que l'ont remarqué des Praticiens dans l'ictère noir. Pourquoi donc dans les Mores ne feroit-il pas probable aussi qu'une humeur semblable à la bile, qui est toujours noire chez eux, et qui semble se séparer naturellement dans l'Épiderme, à raison de son abondance, ne lui donnât cette couleur noire?”.

observância aos aspectos físicos, algo usual durante os séculos XVII e XVIII. Mas a questão, para o autor, era menos conceitual e mais empírica, buscando, assim, responder qual seria a causa da coloração preta dos negros. Decerto, o ponto de partida do viajante era a anatomia, afinal de contas, entendia que no estudo da estrutura física dos negros é que se encontrava a resposta para tal questão. Portanto, Barrère partia do seguinte ponto: a dissecação. E tal processo deveras exaltado pelo autor, com o destaque de que ele o fizera diversas vezes, o levava à conclusão de que a epiderme dos negros era de cor “preta transparente”, sobretudo ao ser colocada em uma massa líquida; a bile que percorria os corpos dos negros também era de cor preta, como uma tinta escurecida, e tal solução era mais ou menos preta, em consonância com a proporção da cor da pele do indivíduo.

O processo de dissecação, sobretudo de cadáveres de negros, mostrara ao atencioso viajante que a cor do sangue daqueles indivíduos também era vermelha, embora num tom bem escurecido. E essa bile abaçanada, presente no corpo, se misturava com o sangue, se espalhando por todas as partes através dos tecidos. Assim, o suposto líquido de cor escura chegava à epiderme através de vasos espalhados pelo corpo. Para o autor, a prova de tal fato estava na percepção de que tal fluído chegava à superfície e, num processo de evaporação, em contato com o ambiente, causava o odor desagradável que era intrínseco aos povos de cor preta. Esse estado de coisas lhe era tão perceptível que Barrère sugeria, inclusive, que se limpasse a pele de um negro com bastante água e sabão até ficar polida e brilhante, seguido do uso de um pano limpo sobre a pele, mesmo assim, deixaria esse tecido com aspecto próximo à cor marrom, comprovando, no seu entender, portanto, que se tratava de um processo físico.

Mas, numa comparação anatômica, Barrère estranhava a razão dos mouros também possuírem tal bile em seu corpo e, apesar disso, não terem a pele tão preta quanto os negros africanos, de modo a se perguntar qual seria a razão dessa diferença? O autor sentenciava que nos negros a aceleração da velocidade das pulsações cardíacas, associada à extrema luxúria e outras paixões ardentes, aumentava, de fato, o calor característico dos corpos. Ou seja: a vivacidade do sangue desses indivíduos era a grande responsável por aumentar a produção dessa bile que carregava a coloração preta.¹³

¹³ BARRÈRE, Pierre. *Dissertation sur la cause physique de la couleur des negres, de la qualite de leurs cheveux, et de la degeneration de l'un et de l'autre*. Paris: Chez Pierre-Guillaume Simon, 1741, p. 10. Sobre o sangue dos negros: “On juge que la bile est naturellement abondante dans le sang des nègres, par la force et la célérité du poulx, par l'extrême lubricité et les autres passions fougueuses, et surtout par la chaleur considérable de la peau qu'on

Barrère indicava, apesar de não destacar que a coloração da pele fosse o mais importante, ser preciso conhecer as razões das características físicas dos seres humanos para, com isso, dar-lhes uma classificação própria. O olhar do autor o levava à concluir que o modo de vida dos negros facilitava a maior circulação da bile reponsável por escurecer a pele. Portanto, alocava o apetite sexual desenfreado entre essas causas. Ta posicionamento o distinguia de outros viajantes que destacavam ser o clima da América causador de uma apatia dos povos em relação ao desejo sexual.

Fazendo referência a obra de Hipócrates, o autor ressaltava que o humor dos negros estava relacionado com a bile, bem como a coloração da pele; tal bile era proveniente do fígado e se espalhava por todo o corpo, naturalmente, chegando ao sangue e à epiderme por intermédio de vasos imperceptíveis e, até mesmo, às partes mais substanciais dessa bile que, por sua permanência no tecido da epiderme, conferia a cor nigérrima aos indivíduos, ao passo que as partes mais tênues se espalhavam pela corrente sanguínea, sendo carregadas até os poros através do movimento do sangue, acumulando na epiderme e conferindo ao processo a fabricação de um calor que exalava dos corpos negros.

Bernard Romans, escrevendo quase quarenta anos depois, não se debruçou em experiências que conferiam veracidade às suas teses; ao contrário, sua análise de que os negros, descendentes de africanos e os indígenas americanos eram de raça distinta da europeia se baseava muito mais na observação do comportamento humano e das informações que ele possuía de outros estudos do que em uma pesquisa mais detalhada das diferenças. O homem negro, para Romans, nascia branco, como os outros de diferentes espécies ou variedades, mas, em poucos dias, ficava preto. Contudo, na hora do nascimento, já se podia perceber, por aspectos exteriores dos corpos, se o indivíduo seria branco, preto ou vermelho.¹⁴ Portanto, a metáfora das cores

remarque en eux. L'expérience montre d'ailleurs, que la chaleur du sang est propre à former beaucoup de bile, puisqu'on voit jaunir le lait parmi les blanches, quand une nourrice a la fièvre. On juge que la bile est naturellement abondante dans le sang des nègres, par la force et la célérité du poulx, par l'extrême lubricité et les autres passions fougueuses, et surtout par la chaleur considérable de la peau qu'on remarque en eux. L'expérience montre d'ailleurs, que la chaleur du sang est propre à former beaucoup de bile, puisqu'on voit jaunir le lait parmi les blanches, quand une nourrice a la fièvre".

¹⁴ ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776, p. 39-41. Sobre a anatomia: "They are different species then. Anatomy has taught us, that the bone of a Negroe's skull, is always black, that besides the Tunics of which our skins are composed, they have an additional one, consisting of numerous vesicles, filled wish a black ink-like humour; see the blackness of the skin, where by this fable race is distinguished; may not experience teach us, that when the other species are more carefully examined, they will all be found to have some such peculiar character of distinction? Why then shall we involve

estava amplamente presente na obra de Romans, com o intuito de classificar os povos encontrados na terra.

Logo, bem entendido está que as incursões de Bernard Romans no mundo das classificações da humanidade demonstram o quanto a posição de autores como a da historiadora Roxann Wheeler¹⁵ segundo a qual, tecnicamente, no século XVIII, existiam formas de classificação mais importantes que os aspectos físicos, deve ser questionada. De fato, Romans encerrava seu debate sobre as diferenças físicas, destacando que tais traços não carregavam importância se considerássemos que Deus havia criado pares humanos em distintas partes da terra. Contudo, a decisão do autor de denominar os nativos americanos de selvagens era devido aos modos e caráter daqueles povos. Mas, em grande parte do texto, ele se refere aos indígenas como aqueles de pele vermelha, demonstrando que a percepção a respeito das diferenças com base na cor da pele estava mais bem estruturada. Ter a pele vermelha correspondia a ser selvagem, em sua ótica, e a ser de uma outra raça.

A hipótese das vesículas que espalhavam a coloração escurecida da bile também aparece em Romans como uma das possíveis causas da diferença na coloração da pele dos negros. Mas, diferentemente de Barrère, o holandês não acreditava ser necessário explicar tais diferenças e se aprofundar sobre as causas das mesmas, uma vez que se tratavam de raças desiguais e, por isso, buscar formas de reverter a coloração da pele lhe era visto como algo estéril. Ainda assim, a obra de Romans não deixa dúvidas de que o aparente descaso do autor com as diferenças físicas não era, efetivamente, o que ele pensava na totalidade.

Pierre Barrère, ao contrário, propunha uma experiência na qual se colocaria um pedaço da epiderme de um negro dentro de um recipiente e tamparia com um pergaminho perfurado. Logo, se observaria que a parede daquela embalagem teria um líquido com coloração preta. A observação através dos pequenos orifícios na tampa, com o tempo, demonstrava uma espécie de fumaça que se condensava através de pequenas gotículas que não possuía nem a cor e nem o odor da bile. Então, para esse viajante, as experiências que poderiam explicar o processo físico da coloração da pele eram de suma importância.

ourselves into numberless, needless, difficulties about the origin of these so singular people, so very different from all other tribes on the globe, yet so very similar to each other [...]"

¹⁵ WHEELER, Roxann. *The complexion of race: categories of difference in eighteenth-century British culture*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

Outra proposição do autor era a de abordar o cabelo dos negros e a razão da sua degeneração. Assim, começava explicando que “les cheveux des nègres, outre qu’ils sont noirs, ils sont encore très-fins, fort courts et crépés, leur figure naturelle, quand on les examine de près, paroît spirale, ils ressemblent en quelque sorte à des tire-bourres, et on pourroit les comparer aussi aux trachées des Plantes”.¹⁶ A cor dos cabelos, decerto, poderia ser explicada com base na mesma teoria que usara para explicar a cor da pele; ou seja, dependia de uma espécie de humor ou matéria medular que, filtrada, chegava até a ponta da haste dos fios.

Para Barrère, os cabelos lembravam uma espécie de lã com quase nenhuma consistência, sendo de todo modo suaves e finos, associando isso ao fato de que os tubos e fluídos levados à região capilar eram estreitos. Isso era possível de perceber ao se analisar que os diâmetros dos tubos eram extremamente apertados. Daí a falta de nutrição suficiente para dar à penugem um longo trecho. No limite, os cabelos, para o autor, deveriam passar por poros defeituosos e tortuosos, de modo a resultar na sua configuração em forma de espiral.

Apesar do autor apresentar explicações sobre a pele e os cabelos dos negros que hoje poderiam fazer um leitor rir, estamos falando de uma sociedade em que as pesquisas a respeito das causas da diversidade humana não eram recorrentes e, portanto, esse tipo de posição acabava por influenciar pelo menos um pequeno grupo letrado que vivia nos meios científicos. Além disso, o que chama a atenção nessa obra é a defesa do autor de que o negro e seus descendentes eram degenerados, ideia esta que fica comprovada ao analisarmos, inclusive, o título do texto. Portanto, chama mais a atenção a teoria da degeneração do que as pesquisas permeadas de juízo de valor que o autor apresenta. Ao fim, a degeneração era o fator primordial, desdobrada sobretudo na coloração da pele e cabelos distintos, para destacar que os negros encontrados na América eram de outra raça humana.

Barrère era contundente em destacar que não havia como mudar o corpo pela ação de uma causa externa. Neste sentido, seria necessário considerar o que acontecia na formação do animal, cujo conhecimento poderia levar o homem a entender as causas da degeneração. E destacava que, como já confessara muitos sábios, nos corpos dos animais existiam germes que carregavam os seus componentes, como a cor da pele. Assim sendo, o que deveria ser analisado era como esses

¹⁶ BARRÈRE, Pierre. *Dissertation sur la cause physique de la couleur des negres, de la qualite de leurs cheveux, et de la degeneration de l'un et de l'autre*. Paris: Chez Pierre-Guillaume Simon, 1741, p. 11.

germes eram colocados em jogo e penetravam através de fluídos, sobretudo do macho, como o líquido seminal e carregavam o caráter e as características físicas.

Essa tese de Barrère é muito interessante, embora não fosse original, uma vez que, em meados do século XVII, se discutia largamente não só na Europa como em partes da América, a hipótese de que o clima não era o suficiente para explicar as diferenças físicas. Seguindo a teoria de Marcelo Malpighi que, em 1675, publicava uma vasta obra na qual abordava os vasos responsáveis pela distribuição através do sangue, das características físicas dos seres vivos, Barrère arrematava que “il n’est pas douteux que l’air et des alimens differens ne puissent causer quelque chagementa couleur de la peau”.¹⁷ Assim, cada cor de pele representava a emergência de uma raça de homens distintos. No caso do negro, essa aparição se deu por conta da degeneração interna dos corpos, o que refletia na aparência daqueles grupos humanos oriundos da África.

Em abril de 1684, a edição do então consagrado *Journal des Sçavans*, publicação conhecida e fortemente divulgada nos meios culturais franceses, trazia, entre as dezenas de artigos que compunham o número, um texto anônimo, que tentava dar conta das diferenças humanas, propondo que a humanidade deveria ser entendida como composta por raças distintas de homens. *Nouvelle division de la terre par les differentes especes ou races d’hommes qui l’habitent, envoyée par un fameux voyageur à M. Abbé de la Chambre, à peu près en ces termes* é o título do artigo de François Bernier, um conhecido médico, físico e viajante francês que, nascido em 1625, circulou por diferentes partes do mundo, em regiões da Ásia, África e da Europa. Sendo influenciado pelas obras de grandes filósofos de sua época, se associou diretamente às ideias de Pierre Gassendi, opositor de Descartes e, portanto, desenvolveu uma visão mais empirista na produção do conhecimento.

Sua publicação no *Journal des Sçavans*, embora não possa ser entendida como *début* das ideologias racistas e do racismo virulento que dominaria o pensamento Ocidental nos séculos XIX e XX, nos oferece subsídios para pensarmos sobre a introdução de uma nova forma de apreender a divisão da humanidade que não se pautava por critérios religiosos ou culturais, somente. Assim como não deveria ser uma divisão pelas vias climáticas, que ficavam a cargo da

¹⁷ BARRÈRE, Pierre. *Dissertation sur la cause physique de la couleur des negres, de la qualite de leurs cheveux, et de la degeneration de l’un et de l’autre*. Paris: Chez Pierre-Guillaume Simon, 1741, p. 15. O autor ainda indicava que: “on le remarque tous les jours, non-seulement dans les Européens, mais encore dans les Négrillons de l’un et de l’autre sexe, dans lesquels en naissant on ne voit rien de noir que les parties naturelles, mais dont le corps peu de jours après devient tout noir, sans doute parce que le mouvement du sang étant accéléré après la naissance”.

filosofia natural. Por tudo isso, pode ser que advenha desse fato, a preocupação do autor em não relacionar seu nome com a publicação.¹⁸

Após longas viagens que proporcionaram o contato de Bernier com diferentes povos, ele propôs que, para além da divisão da terra apresentada pelos geógrafos – por países ou regiões –, a diversidade humana por ele encontrada ao longo de suas jornadas o levava a apresentar uma nova divisão, na qual o critério básico para diferenciar seria as feições físicas dos indivíduos. Afinal, através da forma exterior do corpo e, sobretudo, dos rostos, os homens eram diferentes uns dos outros de acordo com as regiões geográficas em que se encontravam. E essas diferenças, perceptíveis no contato visual com distintos povos, faziam com que se distinguisse cada nação, em particular, que se encontrava no globo terrestre.¹⁹

Devemos nos deter um pouco mais na proposição apresentada por François Bernier. Primeiro, não perdendo de vista que era um hipótese extremamente original. Talvez, tenha sido o primeiro letrado a propor a divisão dos povos encontrados no mundo através da palavra *raça*. Portanto, essa divisão apontada pelo médico francês, apesar de não carregar a carga da imutabilidade e hereditariedade tão característica da ideia de *raça*, destacava somente os caracteres físicos dos indivíduos; esse, era o aspecto mais importante no processo classificatório da humanidade. Em segundo plano, não podemos deixar de perceber que a palavra *espécie* aparece claramente associada ao termo *raça*. Eram sinônimos. Fica óbvio tal similitude pelo próprio título da obra do autor. De todo modo, ao longo do texto, o autor opta por utilizar o termo *espécie*, demonstrando a maior intimidade da sociedade com aquela palavra quando se tratava da apreciação da diversidade dos animais. Ainda assim, defendia que o mundo deveria ser partido em raças distintas.

Para François Bernier, após longas observações, existiam quatro ou cinco espécies ou raças de homens nas quais se podiam notar diferenças marcantes e que, geograficamente,

¹⁸ STUURMAN, Siep. François Bernier and the invention of racial classification. *History Workshop Journal*, n. 50, 2000, p. 2.

¹⁹ BERNIER, François. Nouvelle division de la terre par les différentes especes ou races d'hommes qui l'habitent, envoyée par un fameux voyageur à M. Abbé de la Chambre, à peu près en ces termes. *Journal des Sçavans*, Avril 1684, p. 132-133. Sobre a nova divisão do mundo, Bernier destacava que: “Les Geographes n'ont divisé jusqu'icy la Terre que par les differens Pays ou Regions qui s'y trouvent. Ce que j'ay remarqué dans les hommes en tous mes long & frequens Voyages, m'a donné la pensée de la diviser autrement. Car quoy que dans la forme extérieure du corps, & principalement du visage, les hommes soient presque tous differens les uns des autres, selon les divers Cantons de Terre qu'ils habitent, de sorte que ceux qui ont beaucoup voyagé peuvent souvent sans se tromper distinguer par la chaque nation en particulier; j'ay néanmoins remarqué qu'il y a sur tout quatre ou cinq Espèces ou Races d'hommes dont la difference est si notable, qu'elle peut servir de juste fondement à une nouvelle division de la terre”.

ficariam divididas da seguinte forma: a primeira espécie ou raça compreendia os povos que compunham a França, a Espanha, a Inglaterra, a Dinamarca, a Suécia, a Alemanha ou de uma forma geral, a Europa, salvo uma parte da região da atual Rússia que ele designa como “Moscovi”. Além dessa enorme região, também se agregava à primeira raça de homens uma pequena parte da África, como Marrocos, Argélia, Tunísia e Trípoli, as regiões próximas ao rio Nilo, da mesma forma que algumas regiões da Ásia como os estados mongóis. Entendia que, apesar dos egípcios e indianos serem um pouco mais escuros que os europeus, também deveriam ser alocados no primeiro grupo. Assim, apesar da cor da pele dos últimos, que Bernier insiste em desqualificar a exposição ao sol como a causa final – embora conceda certa importância nesse caso –, no fundo, para o físico, não eram escuros o suficiente para serem enquadrados em chave classificatória distinta da raça branca.

A explicação para se alocar os africanos em mesmo grupo, excetuando algumas partes do continente, vinha da percepção do viajante de que, para além da pele com coloração escura, esses homens possuíam lábios grossos e grandes e nariz chato. A cor da pele, definitivamente, era o ponto de partida para a classificação. E ao explicar os motivos da coloração escura da pele, Bernier fugia da então conhecida tese de que a influência do clima era fundamental no processo, uma vez que a exposição ao forte sol dos trópicos não poderia ser a causa das feições escurecidas. Assim, o autor não apresentou pesquisas mais complexas que envolvessem a hipótese climática como as que se relacionavam com as estrelas, com o aparecimento recente da região, com a problemática dos humores e com a bile corporal. Apenas apresentou alguns pontos que o levava a pensar numa nova divisão da humanidade.

Sobre os americanos, Bernier apontava que não apresentavam diferenças substanciais a ponto de alocá-los em chave classificatória diferente da espécie branca. Contudo, o autor justificava sua posição destacando que não possuía informações seguras a respeito das nações da América. Curiosamente, Bernier se referia aos homens oriundos do novo continente como americanos. No século XVIII, sobretudo na segunda metade, os escritores franceses começaram a se referir ao nativo da América com o termo selvagem. Bernard Romans foi dos viajantes que entendia que a palavra selvagem, usada pelos franceses, era a mais apropriada para se aludir aos ameríndios.²⁰

²⁰ BERNIER, François. Nouvelle division de la terre par les différentes especes ou races d’hommes qui l’habitent, envoyée par un fameux voyageur à M. Abbé de la Chambre, à peu près en ces termes. *Journal des Sçavans*, Avril 1684, p. 137, ao abordar o homem americano: “Pour ce qui est des Americains, ils sont à la verité la plûpart

De todo modo, para Bernier, a hipótese da influência climática não fazia nenhum sentido, uma vez que se trasladasse um homem e uma mulher negros para uma região de clima frio, mesmo assim, seus frutos carregariam a marca dos caracteres de seus pais. Ao contrário, se um homem negro tivesse relações com uma mulher branca, havia possibilidade de clareamento da pele das crianças que nascessem. Sendo assim, conclui que a razão da cor da pele dos negros se encontravam no sêmen e no sangue daquela raça, pois entendia que tais fluídos carregavam a marca da cor preta sobressalente na pele humana daquela região. Portanto, assim como Barrère faria no início do século XVIII, Bernier apontava que as causas da cor preta dos originários da África estavam na parte interna dos corpos.

Mas, como se pode perceber acima, Bernier entendia que mesmo entre os grupos negros que viviam na região africana, incluindo as ilhas próximas, havia diferenças substanciais para demonstrar a complexidade de considerá-los como de uma única espécie. Contudo, ao se referir a uma determinada nação de negros, ele indicava que eram feios por serem mirrados, pequenos e magros se comparados com os outros e, principalmente, com a espécie branca. Ora, fica evidente a aversão do autor aos indivíduos com corpos mirrados e minúsculos. Tal posição, meio século mais tarde, seria amplamente difundida por Buffon, que como aponta o historiador Antonello Gerbi,²¹ teria sido o arquiteto na difusão dessa ideia quando, na verdade, em Bernier pode ser visto alguns traços dessa visão de mundo que dominaria nos escritos de grande parte dos letrados do século XVIII.

Robert Boyle, filósofo natural irlandês, membro da Royal Society, ao tecer suas considerações sobre a coloração da pele dos indivíduos, em 1664, de antemão, descartava, assim como Barrère faria anos mais tarde, a influência do clima na coloração da pele dos indivíduos. Para Boyle, com base nos estudos que havia feito sobre remessas e histórias de viajantes, poderia se concluir que tal assertiva de participação ativa do clima na determinação física, de fato, não procedia.

olivastres, & ont le visage tourné d'un autre maniere que nous neamoins je n'y trouve point une assez grande difference pour en faire une espece particuliere & differente de la nostre. Au reste comme dans nostre Europe la taille, le tour du visage, la couleur & le poil sont ordinairement fort differens, ainsi que nous l'avons dit, il en est de mesme des autres parties du monde: car par ex. les Noirs du Cap de bonne Esperance semblent etre d'une autre espece que ceux du reste de l'Afrique. Ils sont petits, maigres, secs, laids de visages, vîtes à la course, ayman avec passion les charognes qu'ils mangent toutes cruës”.

²¹ GERBI, Antonello, em *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.29, aponta que “a predileção de Buffon pelos grandes animais tem talvez como origem, e certamente como componente psicológico, seu próprio físico imponente. Buffon era grande, forte, e orgulhoso de dizer-lo. Hume julgava que ele tinha o ar e a estrutura mais de um marechal da França que de um sábio”.

O irlandês destacava que a causa da escuridão daquelas muitas nações, que por nome comum se acostumaram a chamar de negros, era disputa acirrada entre os homens instruídos que tentavam dar aos seres de cor escura um lugar no conjunto da criação e, portanto, nos quadros de classificação da humanidade. Mas, para o filósofo, o problema estava no fato de que os homens instruídos haviam tomado por consideração a observação de outras raças de animais no processo de classificação, considerando somente a cor preta, esquecendo as especificidades das raças humanas.

Em Boyle, a ideia de que homens brancos migrados para ambientes de calor e que se expunham à quentura do sol e ao ar desses lugares, em pouco tempo teriam sua pele escurecida, deveria ser questionada. A lógica do autor era com base no estudo geográfico, já que muitas regiões da Ásia ficavam no mesmo paralelo da África e, nem por isso, o clima era responsável por transformar os habitantes daquelas regiões em homens com pele negra, sendo antes, morenos. Assim como a “Africa it self divers Nations in the Empire of Ethiopia are not Negroes, though situated in the Torrid Zone, and near the Equinoctial, as other Nations that are so [...]”.²² Da mesma forma, o autor entendia que, por essa perspectiva, os indivíduos mais próximos aos polos, como os dinamarqueses, deveriam ser mais brancos do que outros povos da Europa, o que não acontecia, embora ele destacasse a pele mais escura de povos como os espanhóis.

De tal modo, Boyle constrói seus argumentos considerando que uma criança de pais negros, ao nascer na África, poucos dias depois, mesmo sem ter sido exposta ao sol, ficava preta; claro, nesse aspecto, ele poderia ser questionado por outros teóricos que consideravam que o ar da região já era o suficiente para causar modificações na pele dos indivíduos, mas, seja como for, o filósofo não abordava a questão do “ar pernicioso”, demonstrando inúmeros exemplos que desconstruíam a ideia da interferência do clima na cor da pele, sobretudo no caso da tez dos negros africanos.

Ademais, Boyle refutava a tese da maldição de Noé como responsável pelas marcas deixadas na pele dos negros, indicando que os filósofos e viajantes que acreditavam em tal hipótese eram ingênuos. Assim, ao estudar as escrituras sagradas, ele havia percebido não haver relação entre tal maldição com a explícita exposição da cor da pele. Deste modo, a única coisa

²² BOYLE, Robert. *Experiments and considerations touching colours*. First occasionally written, among some other essays, to a friend; and now suffer'd come abroad as the beginning of a experimental history of colours. London: printed for Henry Herringman at the Anchor in the Lower-Walk of the New-Exchange, 1664, p. 153.

que poderia lembrar tal narrativa bíblica era a nudez dos africanos, muito embora se devesse considerar a falta de roupa em sua relação com o calor da região.

Assim, Boyle chegava à conclusão de que “great probability there is, that the principal cause (for I would not excluded all concurrent ones) of the blackness of Negroes is some peculiar and seminal impression [...]”.²³ O autor não se posiciona de forma contundente, trabalhando no terreno das probabilidades, muito embora elabore uma lista de observações feitas por viajantes que o ajuda a concluir que descendentes de negros levados para um clima frio não perderam sua coloração de pele; nem mesmo os descendentes de negros transplantados para fora da África, depois de quase cem anos, haviam perdido suas características.

José de Gumilla, viajante espanhol, ao publicar sua obra, alguns anos depois de Boyle, também descartava a possibilidade de reversão da cor da pele dos indivíduos a partir da mudança de clima. Entretanto, apresentava outra probabilidade de branqueamento do fruto de um casal composto por branco e negro, caso fossem mantidas uniões com brancos, o que redundaria em total alvura depois de quatro gerações. Assim, o jovem viajante destacava que um dos grandes obstáculos ao desenvolvimento do Cristianismo estava atrelado exatamente com a visão míope que não permitia que se considerasse a possibilidade de retroceder o processo de mestiçagem entre brancos e mulatos. Portanto o erro consistia “en ce qu’on est persuadé que les enfans des Mulâtres ne deviennent jamais blancs, comme ceux des Métifs et des Indiens”.²⁴

Assim, Gumilla apontava, com base em obras da época, que era possível o branqueamento dos frutos entre brancos e mulatos e destacava que tal processo era mais difícil de perceber por conta da dificuldade de se encontrar uniões desse tipo. No entanto, a degeneração causada pelo encontro de diferentes nações poderia ser revertida se as uniões fossem mantidas com homens brancos, nas quais: “1 – D’un Européen et d’une Nègresse, naissent les Mulâtres = Deux quarts de chaque partie. / 2 – D’un Européen et d’une Mulâtre, les quarterons = un quart de la Mulâtre. /

²³ BOYLE, Robert. *Experiments and considerations touching colours*. First occasionally written, among some other essays, to a friend; and now suffer’d come abroad as the beginning of a experimental history of colours. London: printed for Henry Herringman at the Anchor in the Lower-Walk of the New-Exchange, 1664, p. 153.

²⁴ GUMILLA, José (1686?-1750?). *Histoire naturelle, civile et géographique de l’Orénoque et des principales rivières qui s’y jettent...* Par le P. Joseph Gumilla,... traduite de l’espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1, p. 149.

3 – D’un Européen et d’une Quarterone, les Ochavons = Un huitième de la Mulâtre. / 4 – D’un Européen et d’une Ochavano, naissent les Puchuelas = Tout-à-fait blancs”.²⁵

A preocupação de Gumilla era tentar explicar que a reversão do processo de mistura ocorreria se mantivesse nas conjunções a presença do sangue europeu, ao qual ele atribuía o poder de apagar as máculas ou vestígios perpetrados pelo sangue indígena ou mestiço. No fundo, embora o autor não use exatamente tal expressão, o sangue europeu teria uma força “purificadora”, expressando, assim, a superioridade das nações do Velho Mundo. Para o viajante, que destacava ser preciso empreender mais pesquisas nessa área, o ideal era que não houvesse misturas. No entanto, em casos específicos, poderia contorná-las em favor da pureza do sangue branco. Evidente, como o mesmo enfatizava, em caso de retrocesso no processo de branqueamento, ou seja, caso o fruto do encontro entre branco e mulato “retroagisse” e se unisse a outro mulato, índio ou, sobretudo, negro, era um passo atrás no processo de limpeza.

Barrère, que também negava a influência do clima na coloração dos negros, não desprezava por completo a tese que, desde a Antiguidade, fora defendida por Aristóteles segundo a qual as impressões externas causadas na mãe, no seu contato com o mundo, influenciavam na aparência da prole. Mas destacava ser algo menos importante quando o que contava era o germe incluso no fluído seminal, mais diretamente responsável pelos caracteres físicos, corroborando assim com a tese defendida por Boyle, ainda no século XVII. Curiosamente, Barrère negava que os negros fossem de uma espécie diferente da então conhecida espécie humana, destacando que tal hipótese podia ser contestada a partir da possibilidade de geração de descendentes férteis entre os negros e homens de outra cor de pele.

A análise dos corpos dos negros e dos mouros mostrou ao viajante que em ambos a maceração corpórea era de cor escurecida, muito embora isso influenciasse de forma mais direta a cor da pele dos negros de origem africana, sobretudo por conta do seu comportamento lascivo, de luxúria e, portanto, inclinado aos prazeres mundanos. Ao fim, ele entendia que o comportamento do negro, sua cultura, sua forma de agir também colaborava para o aceleração da pulsação da corrente sanguínea e, portanto, da distribuição da bile escurecida que conferia aos corpos a cor preta. Note que, apesar de considerar a unicidade das espécies, o autor não

²⁵ GUMILLA, José (1686?-1750?). *Histoire naturelle, civile et géographique de l’Orénoque et des principales rivières qui s’y jettent...* Par le P. Joseph Gumilla,... traduite de l’espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1, p. 155.

descartava a hipótese das diferentes raças humanas que, no caso dos negros, era marcada pela coloração da pele escura, mas também pelo comportamento distinto do homem branco.

A hipótese da bile escurecida tão recorrente em Barrère pode ser entendida como uma releitura da obra de Hipócrates, que defendia a tese dos humores e dos líquidos corporais, dentre os quais, a bile preta representava a presença de doenças nos corpos humanos. A interpretação que Barrère possuía sobre essas obras da Antiguidade o direcionava a ver, durante o processo de dissecação, que havia diferenças entre os líquidos corporais dos negros e dos brancos. Sua experiência anterior o condicionava a não perceber uma nova realidade e, assim, associava a cor preta dos negros com a presença de um sangue mais escurecido. Quando faltavam argumentos científicos, o viajante recorria aos costumes dos negros para justificar a aceleração da bile escurecida no corpo e, como consequência, a maior pretura da pele. Em outros termos, a bile preta estava presente no corpo daquele povo, marca de uma doença, de uma degeneração, o que fazia com que sua influência na pele fosse tão preponderante era o excesso de devassidão e libidinagem daqueles povos.

Romans, em fins do século XVIII, desconsiderava a tese de Barrère sobre a possibilidade de descendentes férteis entre brancos e negros os alocarem na mesma espécie. Para o médico holandês, eram raças distintas também oriundas de espécies diferentes e, portanto, o clima somente contribuía com algo que era inerente aos americanos, ou seja, o homem vermelho era astuto, desconhecedor do medo, sem ideia de religião e, conseqüentemente, sem superstição, fingido, dado a conjura, vivia em perpétuo risco de vida, possuía mente vazia, mas com grande acuidade e deliberação para causar danos e crueldades.²⁶

Para Romans, a ideia de selvageria estava na própria forma como os homens vermelhos eram trazidos ao mundo, a mãe do selvagem se afastava de todos e, sozinha, dava a luz ao filho, lavando na água fria a prole e voltando rapidamente à sua vocação diária. Para ele, mulheres civilizadas carregavam seus filhos com o rosto voltado para a direção de seus olhos, ao passo que as mulheres selvagens carregavam suas crianças nas costas. Na verdade, o termo selvagem aparece no texto inteiro, uma vez que Romans se recusava a utilizar o termo indígena para designar povos aos quais reputava um tão baixo nível civilizacional, evitando assim, confundir os americanos com os indianos, povos que, segundo o viajante, eram superiores.

²⁶ ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776.

Mas, afinal de contas, como Romans destacava a aparência física dos nativos americanos? De uma forma geral, dizia que a gradação do indígena se assemelhava a cor da canela ou do cobre, muito embora esses indivíduos nascessem brancos e somente depois de alguns dias é que ocorriam modificações na coloração da pele. Os cabelos eram vistos como lisos, negros, fortes e os homens possuíam pouca barba – o que para ele também indicava sinal de inferioridade –, uma vez que o próprio Buffon já dissertara não somente sobre a falta de barba, mas sobre as genitálias mirradas e a pouca aptidão sexual dos nativos americanos. Para Romans, as mulheres eram bonitas e com corpos esculturais, os dentes, em ambos os sexos, eram fortes e nunca se deterioravam. Mas, via de regra, enxergava todos como bem inclinados ao vício de mentir, dissimular, fraudar, roubar e com noções de fé e honra que se associavam à violação das promessas e das palavras.²⁷

O viajante, passo a passo, ia contestando todas as teses que, por séculos, explicara a origem do homem americano, refutando a chegada de uma das tribos de Israel, a ideia de que os indígenas possuíam relação com os judeus, a perspectiva de que eram de origem norueguesa ou de alguma região do Norte, não aceitava terem sua origem nos Tártaros e nem tampouco de povos que atravessaram um suposto estreito que ligara América e Ásia. Definitivamente, negava qualquer relação entre os povos europeus brancos e os nativos americanos. Ressaltando, assim, que o modo de vida desses nativos, sobretudo as nações por ele observadas, definitivamente, destoavam de qualquer outra nação de regiões da Europa e da Ásia. E, nesse aspecto, se aproximava da tese de Lord Kames, a qual apontava que “as there appears no passage by land to America from the Old World, no problem has more embarrasses the learned, than to give an account from whence the Americans sprung [...]”.²⁸

Ao fim, Romans simplesmente reafirmava que a origem do homem americano era a própria América. E se a cor da pele, para o viajante, não era um sinal direto de inferioridade, pelo menos ele não afirmava tal hipótese de forma decisiva, o fato de entender que a cor original dos indivíduos era a branca, aproximando tal coloração da perfeição, ou dos europeus, de algum modo fazia com que ele colocasse indígenas e negros em estágios diferentes da humanidade, quando comparados com os homens do Velho Mundo. No mais, focava nas questões culturais,

²⁷ ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776, p. 42-49.

²⁸ HOMES, Henry (Lord Kames). *Sketches of the history of man in two volumes*. Edinburgh: Printed for W. Creech, 1774, p. 72.

nas quais observava com maus olhos a bebedeira dos nativos, sua facilidade para a sodomia; e apesar de algumas nações praticarem a agricultura, ainda assim, os enxergava como inclinados à prostituição, fornicação e a bigamia, embora o adultério fosse punido com flagelações graves, observando que não havia entre esses povos qualquer tipo de lei que regulasse o comportamento.

Quando Romans analisava o comportamento dos indígenas, ou dos “povos vermelhos” conforme ele preferia, nos faz lembrar da assertiva de Barrère, de que o comportamento dos negros era o responsável pelo aceleração da circulação do sangue e, portanto, da maior escuridão na cor da pele. Ao falar dos negros, Romans afirmava que eram de uma raça de traidores, ladrões, teimosos, indolentes, não restando dúvida de que tais comportamentos eram do modo de vida deles em sua terra natal e, por isso, não teriam se originado por conta da escravidão. Tal hipótese era cara a Edward Long, embora destacasse, como se viu em capítulo anterior, que o clima causava essa degeneração mental nos negros americanos.

Assim, Romans defendia a escravização do africano e destacava que se Montesquieu tivesse tido a oportunidade de estar na América, mudaria seu posicionamento sobre o assunto. Para ele, a opinião pueril de que a terra produzia mais quando o trabalhador era livre poderia funcionar na teoria, mas não na prática. Portanto, Romans destacava que a questão da moralidade relativa ao assunto da escravidão não podia impedir de se usar adequadamente, uma espécie da humanidade naturalmente sujeita.²⁹ Para o autor, não deveria haver hierarquia entre opção política e opção filosófica, as duas caminhavam juntas.

E aqui, mais uma vez, Romans recorria às sagradas escrituras. Se antes a usara para separar a raça indígena como única e com características próprias, indo contra a ideia de unicidade da criação; agora, se apegava às mais variadas passagens bíblicas que justificassem a escravidão, arrematando que a ideia cristã de que eram desumanos tais atos contra os africanos e seus descendentes não se justificava, uma vez que mesmo que se baseasse na premissa do “amar ao próximo como a si mesmo”, o próximo, nesse caso, como diziam os antigos judeus, deveria pertencer à mesma nação.

Com essa questão, Bernard Romans parece encerrar a controversa demanda da diversidade humana. Mas, se atentarmos para os postulados que ele elenca ao longo de sua obra, por mais que não possamos afirmar que ele possuía um pensamento racial que sopesava os

²⁹ ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776, p. 105-106.

caracteres físicos como uma das fontes de classificação da humanidade, não podemos desconsiderar que sua matriz classificatória apresentava uma base europeia e, portanto, branca. Quando ele falava de civilização, de nações com ou sem cultura, de modos estranhos e grotescos, ele partia do que entendia como o exemplo de civilização e, não por outros motivos, defendia interesses europeus. No fundo, a cor da pele entrava como ponto de classificação a partir do momento em que o viajante destacava que a coloração original de todos os povos era a branca, ao mesmo tempo em que considerava influências internas e externas responsáveis por retirarem dos povos americanos e africanos a tez original.

Contudo, se a consideração da coloração da pele nos enquadramentos dos humanos não era uma novidade do século XVIII, nem por isso a importância que Romans concedia ao comportamento dos indígenas e dos africanos deixava de se associar com os atributos físicos. Ele só não valorizava demais as feições porque entendia que eram detalhes pequenos se comparados com o quadro mais amplo de divisão da humanidade em diferentes raças, cada qual com seus atributos. Ainda assim, o autor partia daquilo que primeiro lhe saltava aos olhos: as características dos indivíduos.

Para Boyle, os africanos mantinham suas características originais, salvo quando no contato sexual com povos de origem americana, no qual redundava numa espécie distinta de homens. O autor, apesar de afirmar a importância das impressões que carregavam o líquido seminal, contestava a versão de que o sangue dos negros bem como seus órgãos internos transportavam a marca da negritude, o que de forma contundente era defendido por Barrère, em 1741, com sua hipótese da bile circulante com coloração escurecida. Para o filósofo irlandês do século XVII, a observação de um jovem negro que havia contraído varíola ou sarampo – ele não teve como precisar qual doença realmente era –, demonstrara que os pequenos tumores causados pela doença haviam determinado pequenas ulcerações na pele que, após o fim da moléstia, deixara marcas esbranquiçadas, o que provava ser a negritude algo ligado à epiderme superficial ou à pele de fora.³⁰

³⁰ BOYLE, Robert. *Experiments and considerations touching colours*. First occasionally written, among some other essays, to a friend; and now suffer'd come abroad as the beginning of a experimental history of colours. London: printed for Henry Herringman at the Anchor in the Lower-Walk of the New-Exchange, 1664, p. 162: "I have read in Pisos excelent account of Brazil, that between the Americans and Negroes are generated a distinct sort of men, which they call Cabocles, and between portugueses and Ethiopian women, he tells us, he has sometimes seen twins, whereas one had a White skin, the other a black; not to mention here some other instances, he gives, that productions of the mixtures of differing people, that is (indeed) the effects of seminal impressions which they consequently argue to have been their causes; and we shall not much scruple at this, if we consider, that even organical parts receive

Dessa forma, Boyle também apresentava considerações a respeito de pesquisas feitas no Brasil, de onde recebeu informações que negros dissecados demonstravam que a cor preta da pele não estava além da parte externa do corpo e que, sendo removido a parte cutânea, aqueles indivíduos se assemelhavam nas características e na coloração interna, aos organismos europeus. Assim, o autor decretava que, internamente, todos os homens eram iguais, considerando sobretudo, as pesquisas feitas por físico amigo seu, que vivia na Inglaterra.

Outro aspecto importante na consideração da cor da pele dos negros e a razão dessa coloração, segundo Boyle, era que as crianças oriundas de relações entre negros nasciam brancas ou avermelhadas, como qualquer criança europeia, e somente depois de alguns dias é que apresentavam os traços da negritude. Para essa hipótese, o autor destacava possuir um amigo na América que, mantendo aproximadamente 300 negros para trabalhar em suas terras, tanto homens quanto mulheres, afirmava que os filhos desses indivíduos nasciam brancos. Mas, para Boyle, o testemunho mais afiançado era de um homem chamado Andrew Battel, que sendo enviado como prisioneiro para Angola pelos portugueses, vivendo naquela região, em parte como encarcerado, em parte como piloto e também como soldado, isso por volta de 18 anos da sua vida, destacava em suas memórias a brancura dos africanos ao nascerem.³¹

Tal observação, segundo o informante de Boyle, era interessante de se notar, afinal, numa terra onde ocorriam muitos encontros entre mulheres negras e homens brancos, sobretudo os portugueses, era natural que muitos indivíduos fossem convencidos de que eram pais das crianças, mas se desapontavam após dois ou três dias do nascimento, pois a pele se tornava preta. O teórico também destacava o espanto de pais negros que no nascimento de seus filhos percebiam que eram totalmente brancos e, nem mesmo com o passar dos dias e com o calor daquelas regiões, ocorriam modificações na tez da criança. Nesse caso, e isso era considerado

great differences from such peluliar impressions, upon what account so ever they came to be settled in the first individual persons, from whom they are propagated to posterity, as we see in the Blobber-Lips and Flat-Noses of most nations of negroes”.

³¹ BOYLE, Robert. *Experiments and considerations touching colours*. First occasionally written, among some other essays, to a friend; and now suffer'd come abroad as the beginning of a experimental history of colours. London: printed for Henry Herringman at the Anchor in the Lower-Walk of the New-Exchange, 1664, p. 167. Sobre o nascimento dos africanos: “The children in this countrey are born White, and change their colour in two days to a perfect Black. As for exemples, the Portugals which dwell in the Kingdom of Longo ‘have sometimes children by the Negroes-women and many times the Fathers are deceived thinking when the child is Born, that is theirs, and within two days it proves the son or daughter of a Negroes, which Portugals greatly grieve at; and the same person has elsewhere a Relation, which, if he have made no use at all of the liberty of a traveller, is very well worth our notice, since this, together with that we have formely mention’d of seminal impressions, shews a possibility, that a race of negroes might begun, though none of the sons of Adam for may precedent generations were of that complexion”.

extremamente raro, os pais negros dedicavam essa criança ao rei e ela era chamada de *Dondo*, de modo que esse tipo de infante se tornava branco como qualquer homem branco e, no meio do seu povo, passava a ser considerado como rei ou rainha bruxos. Não havia nenhum indivíduo que ousasse atentar contra esse tipo humano.

A descrença de Boyle caminhava em três direções: primeiro, refutava a tese da bile escurecida que era bem conhecida desde a releitura dos textos clássicos. Por outro lado, não indicava o clima como fator preponderante nas causas da diversidade humana. A hipótese bíblica da dispersão também era rejeitada pelo autor. A aposta de Robert Boyle nos líquidos seminais é evidente. Tal posição se coadunava com o momento em que o autor escrevia, no qual os filósofos naturais buscavam compreender a participação dos progenitores na transmissão dos caracteres físicos para seus descendentes. De todo modo, o filósofo acabava por esbarrar numa questão difícil de ser explicada, qual seja, o nascimento de crianças completamente brancas de pais pretos.

Tratava-se de algo que desafiava há séculos as explicações dos filósofos. Claude-Nicolas Le Cat, em 1765, apresentava esse fenômeno intrigante que chamara sua atenção, mas que também já havia se tornado assunto de distintos escritores antes dele. A preocupação do autor se voltava para os seres humanos filhos de pais pretos que nasciam brancos ou, no limite, se tornavam brancos ao longo da vida. E o que chamava a atenção de Le Cat era, segundo ele, o que os portugueses denominavam como Albinismo e também uma possível doença degenerativa que causava o branqueamento da pele em certos indivíduos. Assim, destacava que “au milieu de cette race d’hommes que nourit l’Aethiopie et l’Afrique, il en naît dont la couleur contraste encore plus que la nôtre avec celle de leurs compatriotes; ce n’est plus un blanc tempere par des teintes imperceptibles de jaune, de gris et de vermillon, c’est le blanc pur du lait ou du papier, et ce blanc couvre une physionomie qui est entierement celle d’un Negre”.³²

Le Cat nos informa sobre um espetáculo ocorrido em Paris, no ano de 1744, em que um desses indivíduos singulares, de aproximadamente quatro ou cinco anos de idade, foi exposto para a sociedade filosófica. Assim, ele retirou desse encontro com o negro branco as observações de Voltaire que advertia que aquela criança negra branca possuía cabelos que lembravam pelo de animais, como lã, com as características faciais com formatos ordinários à raça dos negros, mas

³² LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en général, de celle des negrees en particulier et de la métamorphose d’une de ces couleurs en l’autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Amsterdam, 1765, p. 101.

de uma brancura deslumbrante. Os cílios e as sobrancelhas eram dispostos como a dos homens brancos, contudo recebiam a mesma coloração dos cabelos daquele *negro blanco*. As descrições feitas por Voltaire e relidas por Le Cat o levavam a concluir que o albinismo era fruto da imaginação materna, hipótese refutada por Boyle e outros teóricos e viajantes dos séculos XVII e XVIII.

Como veremos abaixo, o Albinismo fora um desafio para os letrados envolvidos com o inventário das diferenças humanas. Nota-se que, no século XVII, tal fenômeno era visto como produto de uma monstruosidade que estava atrelada ao continente africano. Os pensadores entendiam que naquela região a natureza havia escapado do normal e criado aquele tipo de criatura. No século XVIII, apesar da hipótese da anomalia não ter se desfeito, se percebe que os filósofos tentavam demonstrar como os albinos possuíam os dois grupos, branco e preto, no mesmo corpo.

Benito Jenónimo Feijoo, monge beneditino, destacava nas primeiras décadas do século XVIII que, até aquele momento, não havia encontrado uma explicação razoável para a origem do homem americano e que, apesar da monumental obra de Gregório García ter abordado o assunto de forma profunda e substancial, teria aberto para várias possibilidades sem, no entanto, se posicionar a respeito de uma mais coerente. Então, Feijoo destacava que estava “estimulado a proponer ao Orbe Literario un nuevo sistema sobre el assunto. El juzgará, si el mío es más bien fundado que todos los que aquí parecieron en su dilatadísimo Teatro”.³³

O filósofo entendia que a origem dos indígenas e sua classificação eram de importância fundamental não somente por questões históricas, mas, sobretudo, por conta da luta contra aqueles que negavam que, originalmente, todos os povos nasceram de um tronco principal representado por Adão e Eva, conforme se apresentava nas Escrituras sagradas. Para Feijoo, o mais importante era contrapor as teses dos defensores da ideia de que os primeiros povoadores da América não haviam partido do Velho Mundo, berço por excelência do nascimento da humanidade. E, nesse caso, a crítica mais ácida do beneditino se direcionava a Isaac de la Peyrère, francês que, na segunda metade do século XVII, “vomité tan pernicioso error en un libro escrito a este intento”.³⁴

³³ FEIJOO Y MONTENEGRO, Benito Jerónimo. *Teatro critico universal*. Tome VII, 1726.

³⁴ FEIJOO Y MONTENEGRO, Benito Jerónimo. *Teatro critico universal*. Tome VII, 1726.

Na verdade, quando La Peyrère levantou a hipótese de que diferentes eventos da criação humana teriam ocorrido, negando assim que todos os povos da terra eram oriundos do evento ocorrido no Éden, a tese de uma origem pré-adâmica já existia há séculos. Embora seja complicado precisar o nascimento de tais ideias, muito provavelmente podemos considerar que nasceu e cresceu entre os pagãos que se confrontavam com o que os judeus e cristãos ofereciam como resposta para a origem da raça humana. “Probably when the first Greek to meet a Jew heard what the Bible said about human origins, he retorted with a version of the pre-Adamite theory”.³⁵

Mas em que consistiam as ideias combatidas por Feijoo? Para ele, o sistema proposto por La Peyrère e todos aqueles que defendiam a existência de outros homens antes da criação adâmica, era de que, no sexto dia da criação do mundo, Deus inventou o homem, um varão e uma varoa. Entretanto, os “pré-adâmicas” entendiam que a criação não se restringira a somente um homem e uma mulher, mas a vários, repartidos pelas distintas regiões do mundo, assim com criara não somente um tipo de planta, mas muitas espécies diferentes em singulares partes do orbe. Dessa forma, tais hipóteses concluíam que Adão não era o progenitor de todos os homens, mas somente do povo judaico.

Tal tese, vista como altamente herética por Feijoo, segundo ele, não se sustentava. Para o beneditino a explicação para a origem do homem americano era simples e notória, se tratava enfim, das modificações que ao longo dos séculos havia passado a geografia do globo. Portanto, o autor destacava que o máximo que se podia fazer era ficar no terreno das possibilidades, negando, no entanto, a existência de Atlântida e destacando que o povo da América era oriundo do Velho Mundo, uma vez que, muito provavelmente, séculos antes, havia uma ligação entre os dois continentes e a ação do mar teria rompido essa união. Feijoo passa longas páginas falando das montanhas e suas formações, dos achados arqueológicos nos montes e do quanto era possível perceber que ao longo dos séculos, a geografia havia passado por transformações.

Quanto à origem e, sobretudo, a coloração dos negros, Feijoo introduziu o debate ressaltando sua preocupação com as heresias e os limites entre os domínios da fé e os da filosofia, destacando que “la libertad en discurrir es utilíssima. Sin ella no se hubiera adelantando un palmo de tierra en la Física. Pero todas las cosas tienen su medio honesto, y sus extremos viciosos”.³⁶

³⁵ POPKIN, Richard H. *Isaac La Peyrère (1596-1676): his life, work and influence*. New York: E.J. Brill, 1987, p. 27.

³⁶ FEIJOO Y MONTENEGRO, Benito Jerónimo. *Teatro critico universal*. Tome VII, 1726.

Assim, a preocupação do beneditino era a possível confusão entre liberdade sem limites e libertinagem, o que faria com que os erros filosóficos se tornassem incompatíveis com os dogmas revelados, destacando, enfim, que o tema da coloração da raça negra era um desses que levava o pensamento filosófico por um terreno infiel que o conduzia ao abismo.

A questão colocada por Feijoo, que começa destacando não serem todos os ambientes da África povoados por gente preta, seria que muitos filósofos com sua posição a respeito da imutabilidade da negrura congênita e natural da raça de homens de cor escura, de alguma forma, descambavam daquilo que era proposto pelas sagradas escrituras. A crítica de Feijoo ia diretamente ao Barão de Hontan que, em sua obra sobre as viagens pela América, não se isentava de apresentar a opinião de um médico português que lhe garantira ser a cor preta dos negros inerente aos homens de determinadas regiões e que, mesmo trasladados a qualquer outro país de clima diferente e mesmo com a variação da alimentação, não haveria mudança nem na sua cor de pele e nem tampouco em seus descendentes. E arrematava com a questão contundente de que se tais mudanças de ambientes forçavam transformações no físico dos seres humanos, então por que os indivíduos de tez branca também não ficavam pretos ao se trasladarem para os Trópicos?

Questão simples e sempre colocada, até então, nada demais. Mas o que causava espanto em Feijoo era que embora seus adversários filósofos não apresentassem provas cabais que explicassem a razão da diversidade humana, sobretudo a coloração preta da cor dos indivíduos, eles esbarravam em questões que, segundo o monge, estavam amparadas pelas escrituras e, portanto, não podiam ser questionadas. Assim, Feijoo rebatia a ideia de que Adão teria sido o pai somente dos povos brancos e se, por acaso, tivesse sido o pai dos pretos, o que defendia o Barão de Hontan com base nas conversas que tivera com o dito médico português, então não teria sido o pai dos brancos.

A hipótese, segundo esses homens que Feijoo tentava deslegitimar, era de que os nativos americanos também não eram descendentes do patriarca bíblico e, portanto, tecnicamente, seriam de uma outra raça de seres humanos. Assim, o beneditino negava tal hipótese e chamava a atenção, enfim, que as teses levantadas por ambos os homens não poderiam ter valor comprobatório, pois não apresentavam solução convincente para o problema.³⁷ Feijoo então se

³⁷ FEIJOO Y MONTENEGRO. Benito Jerônimo. *Teatro critic universal*. Tome VII, 1726. Feijoo destaca a hipótese por ele considerada como errada: “esforzaba el Médico este argumento con la diferencia de gênio, facciones, y costumbres que había notado entre los Africanos, y Americanos, y que pretendía no inmutarse, por la translación a otros climas, ni en ellos, ni en sus descendientes. Añadía al mismo fin, que la gran distancia de la America a nuestro

propunha a responder a razão da cor preta de alguns africanos. Descartava, inicialmente, a maldição citada na bíblia que Noé teria desferido contra seu filho; afinal, Feijoo entendia que tal maldição de fato foi dita, mas, em momento algum, as sagradas escrituras ressaltavam que o filho amaldiçoado levaria a marca da coloração preta. Muito embora o ato tenha sido marcado pela declaração de que descendentes do filho amaldiçoado seriam distinguidos pela servidão eterna.

Tal hipótese da maldição de Noé também fora negada pelo padre José de Gumilla, em sua *Viagem pela América*, no início do século XVIII, no tópico em que discutia a razão da cor preta dos negros e o motivo de tal coloração, bem como se havia ou não possibilidade de mudá-la, o jovem viajante destacava que era difícil realçar o real motivo da cor dos negros. Possivelmente, glândulas, forte suor, espessura da epiderme, enfim, costurava algumas hipóteses para discutir a ideia muito difundida de que os negros levavam a cor preta por conta maldição de Noé, que teve sua nudez exposta a um de seus filhos e que, portanto, o amaldiçoando e o afastando de seu espaço tribal, o mesmo teria se mudado para o continente africano. Levando assim a marca da dita maldição que transparecia na coloração da pele dos negros.

Para Gumilla tal explicação não se sustentava e, portanto, não havia como prová-la. Ou seja, segundo o viajante, as escrituras não ofereciam nenhum passo que comprovasse tal tese e, menos ainda, que justificasse a escravidão do africano somente por conta da cor da pele. E para o autor, assim como a cútis preta causava tristeza e melancolia a quem via; tal sentimento também poderia aparecer num negro que observava a cor branca de um europeu. A ideia de Gumilla era de que a dispersão após o evento conhecido como Torre de Babel, fez com que homens brancos com diferentes linguagens fossem para a África e também para a América; e, portanto, o nascimento de prole negra teria sua origem em pais brancos.

Feijoo vai mais longe e refuta também a tese de que os negros eram descendentes de Caim, que fora marcado com a pretura característica de quem havia cometido um crime terrível contra o irmão; tal hipótese, para Feijoo, também não se justificava, pois, todos os homens que viveram antes de Noé, exceto sua família que entrara na arca, pereceram durante o grande dilúvio. Logo, “por conseguinte, todos los hombres que hay en el mundo, incluyendo Etiopes, Chinos, y Americanos, descendem de los hijos de Noé: luego no hay lugar a la determinación de colores de algunas particulares Naciones, atribuyéndolos a su descendencia de razas separadas

Continente haría imposible el tránsito de los habitantes de éste para poblar aquél, en tiempo que faltaba el uso, y conocimiento de la aguja náutica. Por consiguiente los habitantes de la America no descendem de Adán”.

de la familia de Noé”.³⁸ Assim, Feijoo voltava a atacar a ideia de la Peyrère de que o dilúvio não teria sido universal. Por outro lado, o autor utilizava o conceito de raça, quando abordava as características físicas dos grupos.

Por outro lado, Feijoo também entendia que o calor do sol não era o responsável direto pela “negrura de los Etíopes”, uma ideia há tempos destacada por observadores e antigos filósofos, mas que não se sustentava, posto que em terras americanas, também sob a zona tórrida, “tierras tan ardientes como las abrasadas de la Etiopía”, havia habitantes que não eram negros e nem de “color amulatado”. Ao mesmo tempo em que no Cabo da Boa Esperança, próximo ao clima europeu, os habitantes eram negros, e na mesma distância do corte Equinocial se encontravam infinitas províncias no continente europeu, cujos habitantes eram brancos.

Quanto à possibilidade de a pele negra ser consequência direta das impressões que a mãe teria do mundo e, portanto, passaria para seu feto, o autor apresentava inúmeras passagens que defendiam e contradiziam tal ideia. Mas acabava por entender, inclusive se baseando na posição de Tomás de Aquino, que era “incomprehensible para mí, que la intencional representación de un objeto, tenga actividad para imprimir la figura, o color del objeto representado en el feto contenido en el claustro materno. Mas por otra parte hago la reflexión de que puede la Naturaleza ejecutar mucho de lo que no puedo comprender”.³⁹ Seja como for, ao autor, parecia estranha a possibilidade de que o primeiro ser humano preto nascera da percepção que uma mãe branca teve de alguma coisa preta que chamara sua atenção. Ainda lhe parece mais estranho que tal coisa tenha sido influenciada diretamente pela obra do Diabo.

Feijoo não encarava a cor da pele preta como obra de degeneração e nem entendia que tal diferença devia passar por modificações para voltar a originalidade. Ele compreendia que todos os “Etíopes” eram brancos ao nascer, com exceção de uma pequena mancha escura que possuía os meninos na extremidade da glande, estendendo-se depois, pouco a pouco, por toda o limite do corpo, essa pretura também podia ser percebida nas extremidades das unhas, que em ambos os sexos eram de coloração mais escura na hora do nascimento.

O autor concluía que a negrura só residia na pele externa dos negros. Com isso, recusava as hipóteses de que a cor preta igualmente era característica do sangue e do esperma dos indivíduos dessa pele. Suas pesquisas, portanto, se baseavam em informações colhidas da

³⁸ FEIJOO Y MONTENEGRO. Benito Jerónimo. *Teatro critico universal*. Tome VII, 1726.

³⁹ FEIJOO Y MONTENEGRO. Benito Jerónimo. *Teatro critico universal*. Tome VII, 1726.

Academia de Las Ciencias que, de acordo com ele, desmentia a hipótese de Marcelo Malpighi que “creyó que la negrura de la membrana venía de un jugo negro, espeso, y glutinoso, contenido en ella”.⁴⁰

Mas, afinal, qual era a posição de Feijoo? O autor entendia que o clima poderia produzir a negrura da pele, embora dispensando sua presença necessária para conservá-la. Assim, as causas segundas, de acordo com ele, não seriam indispensáveis para a conservação dos efeitos que produziam. Ainda que com uma posição um tanto inconsistente, se declarava a favor da influência climática, mas ignorava a possibilidade de reverter uma eventual degeneração, se afastando com isso de hipóteses aventadas de forma mais contundente, a partir da década de 1730.⁴¹

Sendo assim, o monge não se posicionava de forma crucial no que dizia respeito à reversão da cor negra da pele, entendendo que isso podia ou não ocorrer e, portanto, não se devia determinar quanto tempo levaria. Mas, com sua posição, antecipava questões que seriam abordadas largamente por Buffon, como a falta da barba sendo um indicador de inferioridade do homem americano, destacando que esse tipo de posição só buscava afirmar que a América não havia sido povoado por homens oriundos dos europeus.

Contudo, Feijoo assegurava que mudanças poderiam ocorrer de acordo com o ambiente em que se encontrava o ser humano. Para tanto, encerrava a questão das diferenças citando uma obra que narrara um episódio característico do século XIV no qual, após grande mortandade na Europa, os cristãos teriam sugerido que os judeus eram os responsáveis, pois, segundo essa versão, haviam envenenado os poços e as águas de uma determinada região da Alemanha. Assim, sofrendo grandes perseguições, muitos judeus conseguiram fugir e foram habitar em selvas nas quais cavaram cavernas no solo e por lá viveram com sua descendência por volta de cinquenta anos; amenizada a situação da peste na Europa, os judeus voltaram com características físicas diferentes que os mostravam como povos distintos, para tanto, teriam até inventado um sistema de comunicação (língua) diferente. Ao serem questionados sobre sua origem, teriam dito ser Egípcios que vagaram pelo mundo desde que havia negado ajuda para mãe de Jesus quando da

⁴⁰ FEIJOO Y MONTENEGRO. Benito Jerônimo. *Teatro crítico universal*. Tome VII, 1726, p. 87.

⁴¹ FEIJOO Y MONTENEGRO. Benito Jerônimo. *Teatro crítico universal*. Tome VII, 1726, p. 87: “el oro se produce en las entrañas de la tierra, que viene a ser como patria suya; y extraído de ella se conserva siglos, y más siglos, sin que cosa alguna elemental altere su intrínseca textura. ¿Qué repugnancia hay en que la influencia del País Etiópico induzca tal textura en el semen prolífico de sus naturales, que después en ningún País extraño pueda alterarse, o por lo menos no pueda alterarse, sino en mayor espacio de tiempo, que el que hasta ahora se pudo observar?”.

perseguição de Herodes ao menino filho de Deus. Assim, se agregaram e, com o tempo, foram desaparecendo quaisquer vestígios de judaísmo daquele povo.

Toda essa história de Feijoo foi para explicar que o tempo em que aqueles judeus fugidos ficaram na selva embaixo de cavernas cavadas, suas características físicas passaram por transformações que deram a eles distinções suficientes para serem aceitos como povos oriundos de outras paragens e ascendência. A obra na qual Feijoo se apoiava demonstrava que as nações judaicas possuíam algum caractere que as diferenciavam, embora não fosse propriamente a cor da pele. E se voltaram com a parte física modificada, sobretudo a cor da tez, foi o suficiente para serem notados e introduzidos na comunidade como outro tipo de homem, restando somente a encenação que, de acordo com Feijoo, deve ter sido feita para que parecessem cristãos.

Com sua obra publicada, pela primeira vez, em 1726, Feijoo acabava não fornecendo uma posição segura sobre a razão da coloração diferenciada na pele dos seres humanos. Seu texto primava mais pelo questionamento das hipóteses levantadas por muitos filósofos que escreveram antes dele do que, efetivamente, se posicionar a respeito da diversidade humana. Decerto, defendendo a unicidade da humanidade e, portanto, aceitando a hipótese da existência de uma única espécie humana, fez uso da palavra raça para apresentar suas propostas, mas combateu veementemente os que defendiam a ideia da existência de distintas espécies humanas. A cor da pele, ao fim, parecia ao monge como obra divina e, assim sendo, sem necessidade de maiores explicações, muito embora defendesse, ainda que timidamente, que o ambiente pudesse interferir na coloração, apesar de não ser determinante e, tampouco, capaz de conceder características que estavam condenadas a não sofrerem mutações. De todo modo, a coloração da pele, em Feijoo, poderia ser considerada para alocar os indivíduos em distintas raças, mas não em espécies diferentes.

Entendo que as obras de Feijoo e Gumilla buscaram apresentar uma síntese a respeito da diversidade. Contudo, não fugiram da lógica da unicidade humana. Portanto, os nativos americanos e os africanos possuíam origem branca. Ambos os prelados tentavam rebater obras que foram escritas no século anterior. Deste modo, não acredito que havia, nem no século XVIII e nem em grande parte do século XIX, debates em torno de correntes monogenistas e poligenistas, como querem fazer crer alguns autores.⁴² O entendimento da forma como os

⁴² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 47.

européus abordavam o homem americano no momento de alocá-lo em quadros classificatórios da humanidade não passava por conceitos rígidos como monogenismo e poligenismo, que são mais condizentes com fins do século XIX do que com períodos anteriores.

A ideia de degeneração que Lilia Schwarcz⁴³ pressupõe e que estaria ligada a uma escala evolutiva (ainda que não em um primeiro momento) da humanidade do mais perfeito ao menos perfeito, sendo, portanto, algo inerente ao pensamento monogenista, dificilmente é encontrada em relatos e dissertações sobre a diversidade humana dos séculos XVII, XVIII e parte do XIX. Ao longo desse período encontra-se pensadores que defendiam a impossibilidade de reversão da degeneração e, nem por isso, eram poligenistas. Ao passo que José de Gumilla, que poderia ser enquadrado como monogenista, ainda assim apresentava inúmeras tabelas para aplacar a miscigenação com indígenas e africanos, entendendo que o sangue branco possuía a possibilidade de regenerar aquelas nações. Ora, se tecnicamente eram todos iguais, qual a razão de se preocupar tanto com a possibilidade de modificar a cor da pele?

3.3 Dos olhos da genitora as impressões ao fruto

Claude-Nicolas Le Cat, famoso cirurgião francês, ao contrário de Feijoo, destacava que a face da terra era composta por diferentes animais, assim como distintos homens, com cores e caracteres desiguais que não podia deixar de levar a se pensar que existiam diferentes espécies humanas. Assim, se na Zona Tórrida os homens eram quase todos pretos, com cabelos crespos como pelos de animais e com nariz chato, nos climas temperados eram brancos e de altura rica com longos cabelos e nariz afinado, enquanto as terras intermediárias eram povoadas por seres morenos, com diferentes nuances do mais escuro ao mais claro, se aproximando mais dos brancos que dos pretos. E, dessa forma, colocava a questão que pretendia responder: a simples diversidade dos climas seria a causa principal dessa variedade da espécie humana?

Com sua obra publicada em 1765, Le Cat afirmava que nenhum físico encontraria no calor excessivo do sol a causa prima para se transformar um homem de pele branca num de pele preta, lembrando que o conhecimento havia demonstrado que os europeus que habitavam a África há mais de duzentos anos, guardavam “de race en race leurs couleur blanche originaire”. O

⁴³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 47.

letrado se debruçava em várias experiências que demonstravam que, internamente, não existiam diferenças substanciais entre os organismos dos brancos e dos pretos, destacando que o calor do sol não era suficiente para transformar um ser humano branco numa figura preta.⁴⁴

Por outro lado, ele também apontava que era impossível entender a coloração negra dos homens como resultado de doenças que poderiam ter afetado a composição física dos seres originais que se encaminharam à região da África, passando, assim, de geração em geração tal doença. Para ele, nem os males mais incuráveis que apresentavam modificações na textura das peles, sobretudo em seu período mais avançado, poderiam ser usados como explicação para a coloração da pele dos negros.⁴⁵

O entendimento de que as doenças teriam sido as causas para as diferentes colorações de pele era hipótese cara a M. Frezier que, registrou sua estadia no Peru, no Chile e no Brasil, entre os anos de 1712 e 1714. Na sua passagem por Santa Catarina, Frezier ressaltava a importância do clima do Brasil como desencadeador de uma vida mais saudável e, portanto, de suma importância para combater muitas doenças, lembrando que o ar era bom e, raramente, os nativos pegavam algum tipo de moléstia; até porque o ambiente oferecia os melhores remédios para a cura dos mais distintos males que afetavam os povos europeus.⁴⁶

⁴⁴ LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en général, de celle des negrees en particulier et de la métamorphose d'une de ces couleurs en l'autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Ámsterdam, 1765, p. 4: “En parcourant ainsi la surface de la Terre, outre les variétés qui paroissent propres à certaines régions, & celles où ces climats ne peuvent avoir aucune part, j'en trouve une autre que ne peut manquer d'offrir le mélange de toutes ces races d'hommes par les émigrations & le commerce. Rien de si simple que cette bigarrure; les Ménageries de nos Princes nous en offrent autant dans la classe de quadrupedes & des oiseaux... Mais voici un spectacle auquel rien ne peut être comparé. Au centre de cette Afrique, de cette partie de l'ancien monde, dont l'intérieur est pour nous si nouveau, au milieu d'un vaste Peuple maure, se découvre une race d'hommes blancs comme le lait, avec toute la forme, toute la physionomie de ses compatriotes Negres”.

⁴⁵ LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en général, de celle des negrees en particulier et de la métamorphose d'une de ces couleurs en l'autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Ámsterdam, 1765, p. 16-17. Sobre as possíveis doenças que causavam mudanças na cor da pele: “quelques Modernes, comme Vossius, ont pensé que la couleur noire avoit été d'abord une maladie de la peau, pareille à la ladrerie; que de deux malades de cette espece, mâle & femelle, est issue une race de Negre, dans laquelle cette couleur où cette maladie s'est perpétuée. On peut alléguer, en faveur de cette hypothese, quelques observations d'Européens devenus Ethiopiens par la peau. Mais ces Negres accidentels n'ont jamais eu la physionomie de cette espece d'hommes; jamais leurs cheveux ne sont devenus laineux & crêpus. / La maladie Ethiopienne, dans cette hypothese, vient toujours de l'excessive chaleur du climat; mais toutes les maladies se guérissent par leurs contraires; ainsi ces races de Negres qui sont dans le Groenland depuis si long-tems, seroient guéris & redevenus blancs dès la premiere génération, ou au moins dès seconde, & cependant ils n'ont que les cheveux blancs & longs; encore cette rectitude des cheveux leur étoit-elle originelle, car il y a des Maures qui les ont ainsi”.

⁴⁶ FREZIER, M. *Relation du voyage de la Mer du Sud aux cotes du Chili, du Perou, et du Bresil fait pendant les années 1712, 1713 & 1714*. Par M. Frezier – Ingenieur Ordinaire du Roi. Tome Premier, Ámsterdam: chez Pierre Humbert, 1717, p. 40: “au reste, ils jouissent d'un climat et d'un air fort sain, ils ont rarement d'autres maladies que celle qu'ils appellent mal de biche, qui est une douleur de tête accompagnée de tenesine ou envie d'aller à la selle

Portanto, pela percepção de M. Frezier, o clima da região era propício a uma vida saudável e não deveria se desconsiderar que o calor e a humidade seriam responsáveis pela degeneração da espécie humana naquelas paragens. Entendia que sua análise a respeito das características dos nativos americanos deveria valer tanto para a América Meridional quanto para a Setentrional, compostas de homens de cor bem próxima ao cobre e, portanto, bem diferenciados da coloração da pele dos mulatos, que provinham da mistura entre um homem branco e uma negra. Considerando que a cor de cobre dos nativos se estendia aos distintos pontos do Novo Mundo, concluía, então, que “ce n’est point un effet de la qualité de l’air qu’on y respire, ou des aliments dont les habitans se nourrissent, mais une affection particuliere du sang”.⁴⁷

Portanto, as diferenças humanas encontradas na América eram provenientes de alguma doença, possivelmente uma infecção no sangue e não do clima ou da alimentação. Em relação aos alimentos, Frezier descartava tal hipótese como responsável pela coloração da pele e adiantava, em pelo menos vinte anos, a defesa que Buffon faria da importância dos alimentos para as determinações físicas dos indivíduos. Lorde Kames, na segunda metade do século XVIII retomaria tal tese de Buffon, embora não percebesse que alimentos e climas fossem determinantes para a formação de outras espécies humanas. A posição de Frezier lembra as ideias defendidas por Robert Boyle que, entendia não haver o clima ou a alimentação participação alguma na promoção da diversidade humana.

A lógica de discordar do papel da alimentação na promoção da diversidade humana, em Frezier, é retomada pela observação de que os espanhóis que na América chegavam e mantinham relações com mulheres brancas oriundas do Velho Mundo, acabavam por ter descendentes que eram tão belos em formas corpóreas quanto os europeus e, ainda assim, passavam toda a vida se alimentando dos mesmos alimentos que existiam na América. Portanto, o que ele observara no Chile também poderia ser aproveitado para o Brasil, ou seja, o clima e o alimento não eram suficientes para degenerar o ser humano.

A observação do viajante também se estendia aos negros trazidos da África, pois considerava que “les Noirs qu’on apporte de Guinée ou d’Angole, y conservent aussi leur couleur

sans rien faire, & pour cela ils ont un remede fort simple qu’ils regardent comme un spécifique, c’est de se mettre dans le fondement un petit limon, ou un emplâtre de poudre à canon détrempée avec de l’eau”.

⁴⁷ FREZIER, M. *Relation du voyage de la Mer du Sud aux cotes du Chili, du Perou, et du Bresil fait pendant les années 1712, 1713 & 1714*. Par M. Frezier – Ingenieur Ordinaire du Roi. Tome Premier, Amsterdam: chez Pierre Humbert, 1717, p. 118.

naturelle de pere en fils, lorsqu'ils s'en tiennent à leur espece".⁴⁸ O que chama a atenção neste texto, escrito na primeira década do século XVIII, é a utilização da expressão *espece* considerando exclusivamente as características físicas. Ou seja: a espécie branca vinda da Europa, mantinha suas informações relativas ao físico, ainda que submetida ao solo, clima e alimentos americanos. Da mesma forma, os negros enviados da Guiné e Angola, ao estabelecerem relações perenes com os da mesma espécie, também conservavam as características peculiares dos povos oriundos da África. De todo modo, a utilização do termo *espece* denota a separação da humanidade em grupos distintos, tendo como base, para tanto, os caracteres físicos.

Frezier entedia que o ar não era o mesmo no Brasil e nas diferentes regiões por onde ele havia passado na América espanhola, de modo que os *Criollos*, apesar de possuírem o formato da face parecido com um europeu de sangue puro, perdiam gradativamente a cor branca dos homens do Velho Mundo, tornando-se homens mais parecidos com a cor de chumbo. Para o viajante, as colônias americanas eram celeiros de misturas de espécies onde os descendentes passavam do preto ao branco, como os mulatos; outros retornavam do branco ao preto, como os filhos de mulatos e negros; e, no seus dizeres, havia ainda aqueles que caminhavam do vermelho ao branco, como os mestiços e outros retornavam do mestiço aos índios. Ao fim, aquelas misturas levariam ao aparecimento infinito de diferentes povos.

Dessa forma, Frezier concluía que “de ce que je viens de dire, il semble qu'il est permis de penser que Dieu a formé parmi les Enfants de notre Pere commun, de trois sortes de carnations d'hommes, une blanche, une noire, et une de couleur rougeâtre qui tient du mélange de l'une et de l'autre".⁴⁹ E, para o autor, as escrituras faziam clara menção aos brancos e aos indivíduos de cor preta, sendo os últimos descendentes de um dos filhos de Noé e, portanto, pertencentes a uma nova espécie. O problema para o viajante era encontrar uma explicação razoável para justificar a coloração da pele do homem americano, sobretudo quando observava os nativos encontrados no Brasil. Assim, arrematava que a cor da pele dos povos brasileiros poderia ser explicada em

⁴⁸ FREZIER, M. *Relation du voyage de la Mer du Sud aux cotes du Chili, du Perou, et du Bresil fait pendant les années 1712, 1713 & 1714*. Par M. Frezier – Ingenieur Ordinaire du Roi. Tome Premier, Ámsterdam: chez Pierre Humbert, 1717, p. 119.

⁴⁹ FREZIER, M. *Relation du voyage de la Mer du Sud aux cotes du Chili, du Perou, et du Bresil fait pendant les années 1712, 1713 & 1714*. Par M. Frezier – Ingenieur Ordinaire du Roi. Tome Premier, Ámsterdam: chez Pierre Humbert, 1717, p. 119.

função de doenças locais que teriam interferido na tez e, conseqüentemente, causado a modificação da coloração.

Assim, as diferenças físicas dos nativos americanos deveriam ser explicadas como fruto de males que afetavam a pele. Por volta de 1760 tal hipótese seria evidenciada por Claude-Nicolas Le Cat que recusava a hipótese das diferenças internas entre os distintos grupos humanos serem as responsáveis diretas pelas distintas colorações de pele, pois entendia que tais diferenciações eram oriundas de enfermidades causadas pela região onde os primeiros povos chegados teriam se estabelecido, sofrendo, portanto, com a interferência externa. Para Frezier, as distintas gradações existentes entre os povos do Novo Mundo eram o resultado direto de doenças causadas na pele.

Chama a atenção o fato de que Frezier não atentava para a ideia de que o ambiente americano fosse responsável direto pelas diferenças humanas. Contudo, entendia que algo peculiar ao espaço do Novo Mundo teria causado doenças na pele dos brancos originais que aqui se estabeleceram e tal fenômeno se tornara constante nas gerações seguintes. Assim, entendo que se trata de uma degeneração que corrompera o original e, portanto, ao que tudo indica, aos olhos do viajante, era uma circunstância irreversível, pois ele destacava que as misturas só levariam ao aparecimento cada vez maior de diferentes povos. A utilização da expressão *espécies* para designar as variedades humanas carregava, no texto de Frezier, uma aproximação com o viés científico por considerar os aspectos do sangue, das misturas e das características físicas, negando a influência externa como promotora da diversidade humana. De todo modo, ele ainda estava atrelado aos desígnios religiosos ao compartimentar as espécies humanas com o evento bíblico de Noé, diversas vezes aqui debatido e apresentado. Sua consideração que, de uma forma geral, em toda a América, os homens eram mais ou menos parecidos, o levava a concluir, com base nas observações dos lugares onde esteve por mais tempo, que o corpo dos nativos era normal e de boa estatura, mas a cor da pele era fruto de degeneração.⁵⁰

Ora, o viajante percebia que os nativos americanos possuíam uma formação corpórea boa e, apesar de não serem feios, a aparência não era totalmente agradável. Ainda assim, chama a atenção o fato dele considerar tanto o cabelo dos nativos quanto dos homens de origem africana como parecidos a pelo de cavalos e outros animais. Não abordou a falta de barba ou penugens

⁵⁰ FREZIER, M. *Relation du voyage de la Mer du Sud aux cotes du Chili, du Perou, et du Bresil fait pendant les années 1712, 1713 & 1714*. Par M. Frezier – Ingenieur Ordinaire du Roi. Tome Premier, Amsterdam: chez Pierre Humbert, 1717, p. 150.

nos corpos como algo que depunha contra a espécie americana, pois, ao contrário, entendia que aqueles povos eram responsáveis pela total retirada dos pelos, assim que os mesmos começavam a crescer.

Quanto às maneiras dos nativos americanos, o autor destacava que os hábitos em geral não eram muito diferentes ao longo do Novo Mundo, de todo modo, entendia que se comparado com os indígenas do Chile, os indígenas do Peru e do Brasil eram menos inclinados a bebedeiras e não possuíam muita ambição por riquezas, sendo também menos inclinados à coragem e à bravura, com grande desenvoltura para a repetição de gestos e daquilo que fora ensinado, muito embora fossem vistos como bem dissimulados. Por isso, para o autor, a religião cristã para esses povos não conseguira o papel efetivo da conversão, uma vez que todos continuavam inclinados à idolatria.

Em M. Frazier é evidente a ideia ressaltada pelo historiador Charles de Miramon⁵¹ de que, ao longo da Idade Moderna, a perspectiva de relacionar o sangue com hereditariedade foi recebendo contornos cada vez mais bem estruturados. Afinal, apesar do viajante não entrar na lógica de que os nativos brasileiros eram de outra raça ou espécie, seu interesse em destacar que a cor da pele dos ameríndios era resultado de moléstias que passavam de geração em geração através do sangue se torna evidente. Ao fim, a cor da pele era usada como forma de classificação e também considerada como produto degenerativo. Ou seja: resultado de uma doença irreversível.

A hipótese de que algum tipo de doença teria a responsabilidade pela diferente coloração dos africanos e seus descendentes também sempre fora ressaltada e se tornou uma teoria cara aos estudos do historiador Winthrop Jordan, para quem os viajantes ingleses que trouxeram notícias a respeito dos africanos, no século XVI, eram contundentes em destacar que era impossível reverter a coloração da pele dos negros, conforme desejavam os autores da Antiguidade. Afinal de contas, o entendimento era que se tratava de uma doença que acometera aqueles povos quando da chegada àqueles cantões e, portanto, passando de geração em geração, era irreversível.⁵²

A falta de aprofundamento nas pesquisas e a forma apaixonada como Jordan busca entender as origens do racismo evitou que ele percebesse a problemática da degeneração

⁵¹ MIRAMON, Charles. Noble dos, noble blood: the invention of the concept of race in the Middle Age. In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin; ZIEGLER, Joseph (edit.). *The origins of racism in the West*. New York: Cambridge, 2009, p. 215-216.

⁵² JORDAN, Winthrop D. *White over black: American attitudes towards the Negro, 1550-1812*. Baltimore: Penguin Books, 1969.

subjacente ao uso de palavras como raça e nação, algo que deveria ter sido visto como mais acuidade. Por isso, foi tão fácil para a historiadora Roxann Wheeler⁵³ tecer críticas profundas aos pesquisadores que se prendem à questão da cor da pele como algo fundamental no processo de classificação da humanidade. De fato, se considerarmos somente pela perspectiva do uso de palavras como raça, espécie e pelas abordagens das características físicas, não avançamos no entendimento do processo de “fabricação” da inferioridade da humanidade do Novo Mundo. O segredo do entendimento pode estar na problemática da degeneração, afinal de contas, penso ter sido a partir do processo de degenerescência que o uso do conceito raça, na América, foi se associando cada vez mais com a consideração das características físicas das nações humanas e, por fim, foi traduzido pelo conceito de raça.

Ora, se Jordan aponta que os viajantes ingleses do século XVI encontravam em doenças a explicação para a causa da escuridão da pele dos africanos e entendiam que não havia como curá-los, logo há de se concordar com Roxann Wheeler que a coloração preta era, tecnicamente, indiferente, afinal era vista como resultado de uma moléstia e, dessa forma, não deveria funcionar como indicador de inferioridade. Mas, o que está por trás dessas doenças também não poderia ser considerado como um processo degenerativo? Portanto, a degeneração subjacente à problemática da cor da pele é o que deve trazer mais luz ao nosso entendimento. E acaba sendo o ponto que ambos os autores de matriz inglesa tendem a eclipsar.

Se Jordan se ateuve a busca de explicações para termos como raça e às origens do racismo, deixando passar a problemática da degeneração, Wheeler, que pretende se afastar da primeira missão do autor, também deixa passar a problemática degenerativa e ainda perde de vista a importância da cor da pele. Ao fim, ambos não conseguem perceber que a ideia de raça, no Novo Mundo, foi forjada, principalmente, a partir da consideração do homem americano como degenerado, a expressão maior desse processo era a cor da pele o que, fatalmente, o alocava em raça diferente do europeu, ainda que nem sempre a utilização do termo raça fosse privilegiada.

Talvez, haja certo exagero em utilizar uma fonte de origem francesa para confrontar com o pensamento de dois historiadores de origem anglo-saxônica que pretendem dar conta da questão de raça no mundo britânico. De todo modo, não consigo ver com muita clareza as diferenças que existem entre as formas como as distintas “pátrias” europeias se referiam aos

⁵³ WHEELER, Roxann. *The complexion of race: categories of difference in eighteenth-century British culture*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

nativos do Novo Mundo, pelo menos não no século XVII e até a segunda metade do século XVIII. Acho que, na verdade, estudar somente um caso, como fez Wheeler ao se debruçar sobre os britânicos, não responde satisfatoriamente a forma como o homem americano era enquadrado no inventário da humanidade proposto pelos europeus na época Moderna. Se, como defende Wheeler, a cor da pele não era importante para os britânicos, pois todos, segundo ela, eram monogenistas, ao fim, a autora perde de vista a degeneração da humanidade proposta por teóricos e viajantes, essa sim, responsável por inferiorizar o homem do Novo Mundo, recorrendo a termos como nação ou mesmo raça para enquadrá-los em grupos distintos dos europeus.

Como se viu em *Le Cat*, isso no século XVIII, a hipótese das doenças causadoras da cor da pele dos negros não era aceitável. Afinal, ele entendia que, se assim fosse, uma simples troca de ambiente seria suficiente para, em poucas gerações, ocorrer a cura daquela moléstia, o que de fato não acontecia com os povos africanos trasladados para outras regiões. Desse modo, *Le Cat* destacava a questão da imaginação materna como responsável pela tonalidade da epiderme.⁵⁴ *Le Cat*, demonstrando que, embora a hipótese acima fosse fortemente combatida em sua época, era impossível que homens sensatos, com base em suas observações, se negassem a perceber que era a posição mais acertada para se explicar a razão da coloração dos distintos grupos humanos. Como força de comprovação, narrou a história contada por José Gumilla sobre uma mulher na América que tivera uma criança com as mesmas manchas que possuía seu cachorro, numa clara alusão à ideia segundo a qual o contato com aquele animal, sobretudo em momentos em que o marido, longe de casa, não estava por perto para consolar a amada, acabou por passar as manchas existentes na pele do bicho para a tez da criança.

De fato, em sua obra, Gumilla tornava tal acontecimento público, quando foi a Cartagena das Índias, em 1730, e presenciou episódio que fortalecia seus argumentos sobre o poder da imaginação materna. Primeiro, discorre sobre um casal de negros que, tendo oito filhos, pelo

⁵⁴ LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en général, de celle des negrees en particulier et de la métamorphose d'une de ces couleurs en l'autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Ámsterdam, 1765, p. 22-23. Sobre a imaginação materna: "L'imagination n'agit pas seulement sur les couleurs de la peau, elle opere sur la figure, sur la conformation & du visages & tous les membres; de là ces mutilations, ces duplicités, ces monstruosités de toutes les especes. Il est donc possible qu'à ce même noire, elle lui ait formé un nez écrasé, épaté, de grosses levres, &c, parce que quelque singe, quelque figure, quelque portrait de cette espece aura frapé la vue de la mere. J'en dis autant de la physionomie de l'homme couleur de cuivre & de toutes les autres couleurs & figures. [...] Je le dis d'après les Auteurs qui soutiennent cette opinion; je viens à leur apui & je m'apuye moi-même de leur autorité & de leurs observations, pour regarder cette hypothese comme la plus vraisemblable de la plûpart des précédentes, mais non pas pour l'adopter comme la vraie histoire de l'origine des diverses especes d'hommes; car j'avoue que je n'en trouve aucune assez satisfaisante pour mériter ce titre".

menos quatro teriam nascido brancos. Mas o caso mais “espantoso” teria sido de uma mulher que dera a luz a uma menina que nascera com várias manchas brancas e pretas sobre o corpo, de forma que, Gumilla nos faz pensar em uma criança com manchas uniformes espalhadas pelo indivíduo, umas brancas, outras pretas, impossibilitando aos presentes de decifrarem se tratava de um ser humano branco ou de pele preta; após semanas de análise da criança, os presentes rumavam ao local de repouso da mãe e filha no intuito de observar o ocorrido; o alarde era de tal maneira que o jesuíta diz ter ficado assustado com o desfecho que tal fato poderia causar.

Ao voltarem para casa, mãe e filha bicolor, receberam inúmeras visitas; dentre elas, José Gumilla, que acompanhou de perto o caso e, ao chegar ao local de moradia daquela família, percebeu que na residência havia um cão que carregava as mesmas manchas observadas na pele da criança. Ao questionar sobre a presença do cachorro, foi informado pela mãe que o animal fora sua companhia durante toda a gravidez, sobretudo, em momentos de ausência do marido. Quão grande a estranheza de Gumilla, mas, naquele momento, assustado com o que vira, confirmava sua tese e a dos antigos, da influência do ambiente em que vive a mãe no feto que ela carrega. Ao fim, o contato contínuo com o cão, no caso espetacular de Cartagena, teria sido o responsável para que o ao mundo chegasse uma criança com aspecto – no que diz respeito a coloração da pele – tão parecida com o cachorro.⁵⁵

Com essa história longa e repleta de nomes que poderiam ser buscados em caso de dúvida a respeito do ocorrido, ou seja, testemunhas, Gumilla encerrava suas ponderações a respeito da coloração da pele dos negros. Se não fora a maldição do patriarca bíblico, também não fora diretamente a influência do clima; mas, com base em teólogos da Antiguidade e do Medievo, destacava que poderia ser a influência do local em que vivia a mãe, sua percepção, a transferência

⁵⁵ GUMILLA, José (1686?-1750?). *Histoire naturelle, civile et géographique de l'Orénoque et des principales rivières qui s'y jettent...* Par le P. Joseph Gumilla, ... traduite de l'espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1, p. 156-157: “La Négresse le découvrit, & je vis avec un étonnement que je ne puis exprimer un enfant tel qu'on n'en a jamais vû depuis que le monde est monde. Je vais le dépeindre, pour qu'on ne m'accuse point d'exagerer, mais je crains de ne pouvoir y réussir avec la plume, puisque les meilleurs Peintres du Pays n'ont pû en venir à bout avec de Pinçeau. / Cette fille, qui pouvoit alors avoir environ six mois, & qui est entrée aujourd'hui dans sa cinquième année, est tâchetée de blanc & de noir depuis le sommet de la tête jusqu'aux pieds avec tant de symétrie & de variété, qu'il semble que se soit l'ouvrage du Compas & du Pinçeau. / Sa tête, pour la plus grande partie, est couverte de cheveux noirs bouclés, d'entre lesquels d'éleve une Pyramide de poil crépu aussi blanc que la neige, dont la pointe vient aboutir sur le sommet même de la têtém d'où elle descend en élargissant ses deux lignes collatérales jusqu'au milieu de l'un & de l'autre sourcil, avec tant de régularité dans la division des couleurs, que les deux moitiés des sourcils, qui servent de bases aux deux angles de la Pyramide, sont d'un poil blanc & bouclé, au lieu que les deux autres moitiés qui sont du côté des oreilles, sont d'un poil noir & crépu. Pour mieux relever l'espace blanc que forme la Pyramide dans le milieu du front, la nature y a placé une tâche noire réguliere, qui domine considerablement, & sert à relever sa beauté”.

de imagens através da alma, de forma que isso ficava impresso no feto. Portanto, a imaginação da mãe teria forte poder na passagem de caracteres ao bebê que ela carregava. E isso, de alguma forma, poderia ser a causa das diferentes nações existentes na face da terra. No início eram poucos seres. Mas, com milhares de anos passados os casos aumentaram e, assim, se compreendia, para Gumilla, a diversidade humana.

A posição desse letrado não pode ser encarada para os historiadores de forma simples, pois não se tratava da narrativa de um expectador das diferenças e das maravilhas do Novo Mundo. No capítulo anterior, abordei a pintura de Giovanni Battista Tiepolo, na qual o autor aponta a imagem que representa a América de forma mais horrenda possível. Animais lânguidos e figuras bizarras povoavam a mente do pintor. Ao entrar em contato com a humanidade americana, em suas andanças pelo novo continente, o religioso viajante também se via às voltas com essa humanidade esquisita, vista como fora do normal, a ponto de uma criança nascer com as características de um cachorro. Segundo Gumilla, desde que o mundo era mundo, ele jamais teria ouvido falar de tal acontecimento. Só numa terra degenerada como a América tal fato poderia ocorrer. Para o autor, nem o “pincel” do melhor artista da terra conseguiria retratar aquela estranheza. Decerto, o Novo Mundo, aos olhos de Gumilla, não fazia parte do “mundo” de onde ele vinha e prezava como tal. Tal fato era uma prerrogativa da América, terra de ambiente e homens degenerados. A narração dessa história, ao fim, buscava de alguma maneira, exteriorizar a humanidade degenerada desse novo continente. Local onde seres humanos se assemelhavam a raças de cachorros.

Mas, abraçar a hipótese da imaginação materna como responsável pelos caracteres físicos dos descendentes, sobretudo a mais importante, a cor da pele, não fez com que, no enalço de Gumilla, Le Cat deixasse de empreender árdua pesquisa antes de corroborar para a difusão de sua tese. Acompanhando e fazendo inúmeras dissecações de negros mortos, de diversas idades, além de compilar informações de sábios que fizera o mesmo processo em distintos cantões da terra, na América, inclusive, ele acabou por contestar algumas hipóteses conhecidas como a da explicação de que a bile, assim como o sangue dos negros, era mais escura e, portanto, daí advinha a coloração de sua pele. Para Le Cat “ce n’est donc pas la lympe qui rend le Negre noir, car il faudroit qu’il l’eût noire; & si ce n’est pas la lympe du Negre qui le rend noir, pourquoi seroit-ce

cette liqueur qui nous colore en blanc?”.⁵⁶

Le Cat demonstrava, com base em dissecações que fazia, não haver diferenças substanciais nas partes internas dos homens e dos animais a ponto de causar influência na cor da pele. De fato, mesmo que algumas partes do organismo interno dos negros fossem mais escuras, com tom azulado, não era o suficiente para influenciar diretamente na totalidade da cor preta dos indivíduos. Outro aspecto que ele destacava era sobre a bile, lembrando que esta era amarelada tanto em negros quanto em brancos e, se porventura, em homens pretos dissecados a coloração da bile era mais escurecida, se tratava, sobretudo, das doenças que havia causado a morte daqueles corpos observados. Portanto, a hipótese da bile escurecida, tão presente na obra de Barrère, em *Le Cat* perde sua legitimidade.

Assim, a bile possuía a mesma cor em toda raça humana e o sangue dos seres também levava a mesma coloração, sendo algo diferente, consequência de uma “cause malade”. Portanto, o autor concluía que “quand nous n’aurions ici que des suffrages à compter, nous serions forces de conclure de ce qu’on vient de voir, que le sang des Negres est rouge, et la bile jaune comme la nôtre, et qu’ainsi ce n’est pas à cette liqueur qu’ils doivent leur couleur Ethiopienne”.⁵⁷ Desse modo, o cirurgião, diferentemente de Feijoo, que escreveu em fins do século XVIII, apostava na hipótese da imaginação materna para explicar as diferenças humanas, em especial no que diz respeito à coloração da pele, não só negando a hipótese da influência do clima como apontando para várias experiências científicas que o levava a crer que a imaginação das mães – tal qual Gumilla –, mesmo das do gênero animal, contribuía para as diversidades na cor da tez e concluía que “c’est donc dans le système nerveux, et dans ses appartenances qu’il faut chercher la fabrique des couleurs qui teignent la peau des animaux, et en particulier de l’oethiops, qui donne la couleur au Negre”.⁵⁸

Le Cat nos chama atenção com sua hipótese da imaginação materna porque, na segunda metade do século XVIII, ele dialogava com homens de sua época no sentido de desconstruir antigas teses sobre a razão da diversidade humana; por um lado, negava os postulados do Conde

⁵⁶ LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en general, de celle des nègres en particulier et de la métamorphose d’une de ces couleurs en l’autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Amsterdam, 1765, p. 41.

⁵⁷ LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en général, de celle des negrees en particulier et de la métamorphose d’une de ces couleurs en l’autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Amsterdam, 1765, p. 101.

⁵⁸ LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peu humaine en general, de celle des nègres en particulier et de la métamorphose d’une de ces couleurs en l’autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Amsterdam, 1765, p. 62.

Buffon de que o clima era o principal responsável pelas diferenças nas peles dos seres humanos; por outro, também negava as ideias levantadas, há tempos, de que as partes internas dos corpos eram diferentes e, no caso dos negros, por conta da bile, o sangue era escurecido e isso refletia na cor da tez. Ao fim, apresentava uma série de pesquisas empíricas feitas, típicas de um homem que ocupava o posto de cirurgião, para demonstrar que a imaginação da mãe possuía papel fundamental na diversidade do gênero humano.

Com a introdução de *Le Cat* nestas considerações, chamo o leitor a perceber que se a ideia de classificação dos distintos tipos humanos, após as obras de homens como Lineu e Buffon, passava por um viés mais científico e longe dos domínios do maravilhoso, nem por isso hipóteses como a da imaginação materna, assim como aquelas que se serviam da palavra divina para explicar o mundo e homem, deixaram de ocupar espaços na sociedade do século XVIII. Muito embora não se possa deixar de perceber que *Le Cat* apontou para diversas experiências feitas por ele, sobretudo considerando as dissecações de humanos e concluindo que a bile encontrada nos corpos de negros e brancos era igual.

Portanto, buscar balizes cronológicas para elucidar em que momento alguma explicação para a diversidade humana tenha se sobressaído sobre qualquer outra, acaba por nos fazer perder de vista as nuances que uma determinada sociedade, em período distinto, pode apresentar. *Le Cat* escreveu em fins do século XVIII, se servindo de amplo aparato científico e, ainda assim, refez uma síntese, coerente com o seu tempo, de uma vertente do pensamento da Antiguidade, que considerava o entorno em que a progenitora vivia como influenciador nas características físicas do feto que se formava em seu interior. O curioso será avançar nas análises para perceber quais foram as hipóteses que, ao fim e ao cabo, se destacaram e por quais razões seus autores foram alçados ao panteão dos grandes filósofos.

Le Cat destacava que se existia a rede de vasos e a membrana que era responsável pela passagem da coloração até a pele, conforme dissera Marcelo Malpighi no século anterior, era algo inerente à raça negra. O cirurgião, assim como Bernard Romans, acreditava na existência de diferentes espécies humanas. Contudo, sua explicação para tal fato era a importância da imaginação humana no processo de formação do físico do filho. Característica marcante do Novo Mundo, esses processos eram vistos como irreversíveis; deles teriam nascido uma nova raça de homens. Longe de Gumilla, homem fiel aos desígnios religiosos, falar de outra raça humana. Mas, ainda assim, as entrelinhas da sua obra apontam para uma América composta por nações

degeneradas, nas quais a maior e mais evidente marca do abastardamento se encontrava na pele das nações americana. Então, observa-se que apesar de não fazer uso da palavra raça, o conjunto de comportamentos de Gumilla em relação aos nativos e aos descendentes de africanos nascidos na América, aponta para um comportamento racista, ainda que não fosse com base na imutabilidade.

Contudo, quanto à ideia de pais pretos terem filhos de cor branca, Le Cat destacava que “c’est une preuve, selon M. De Maupertuis, que le blanc est la couleur primitive des hommes; que le noir n’est qu’une couleur dégénérée, et que de tems en tems la nature paroît rentrer dans ses droits”.⁵⁹ Ao término de sua explicação, a cor preta era vista pelo autor como degenerada da primordial, da primitiva que era a branca. Tal observação nos leva a concluir que, no jogo das cores, ou nas teorias de explicação das diversas colorações de pele da humanidade, valia a tese de que a cor branca era a principal e, com isso, pode-se completar que os africanos com sua coloração de pele se posicionavam num patamar de inferioridade do quadro classificatório da humanidade porque degenerados e abastardados. Portanto, a cor da pele funcionava como argumento científico e social para posicionar os pretos em escala abaixo dos brancos no enquadramento da humanidade.

A defesa que faço acima pode, dentre outros, ser comprovada pela assertiva de Le Cat de que não se podia ter dúvida de que “ces productions monstrueuses”,⁶⁰ ou seja, os albinos, não passavam de produtos da imaginação materna, sobretudo as mães negras, que viam na cor branca o mais puro brilho, bem mais inclinada a atingir a imaginação dessas mulheres do que a cor preta. Mas, com tal posição, o autor se via na encruzilhada de ter que explicar a razão de mães brancas, que também podiam usar da imaginação, não terem filhos pretos. A essa questão a resposta era eivada de discriminação aos homens de cor preta, pois o autor destacava que, sendo a cor branca a responsável por marcar a gradação da pele da raça original, era também um ponto de atração para a imaginação das mulheres pretas que viam nessa nuance, muito mais limpa e muito mais vibrante, os resquícios da raça humana original. Ao fim, a cor de pele branca era um ideal a se alcançar.

⁵⁹ LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en général, de celle des negrees en particulier et de la métamorphose d’une de ces couleurs en l’autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Ámsterdam, 1765, p. 111.

⁶⁰ LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en général, de celle des negrees en particulier et de la métamorphose d’une de ces couleurs en l’autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Ámsterdam, 1765, p. 111.

No vai e vem das hipóteses, ao fim e ao cabo, Le Cat concluía que a imaginação materna era o mais importante fator na determinação da cor dos fetos. O autor apresentava inúmeras cartas enviadas da América onde as informações apontavam para seres humanos que, embora nascidos pretos, com o passar dos anos foram se tornando brancos; nesse caso, como a tese da imaginação materna não poderia ser abraçada de forma inquestionável, o autor se resumia a abordar a questão como doenças de pele. Na verdade, a explicação que ele concede para europeus que foram ficando com a pele escurecida depois de adultos, também se prendia à questão de moléstias que teriam influenciado na modificação da epiderme.

Portanto, apesar da crença de Le Cat sobre o poder da imaginação materna, ele procurava na parte interna dos corpos dos negros algum indício que os diferenciasses dos indivíduos brancos, justificando, assim, a incorporação dos indivíduos pretos em uma raça diferente de homens. Os olhos do cirurgião estavam impregnados de informações que ele já lera a respeito da configuração corpórea dos africanos e seus descendentes, de forma que, muito provavelmente, sua mente o levava a perceber diferenças substanciais entre a coloração e a configuração interna dos cérebros dos homens brancos e dos negros. E as encontrava e ainda comprovava sua tese com a ajuda de outros observadores. Todos esses “canais” encontrados no corpo de um negro não tornavam aquele ser humano um exemplar específico? Aquelas diferenças eram mutáveis? Não estou certo de que Le Cat responderia que sim.⁶¹

⁶¹ LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en général, de celle des negrees en particulier et de la métamorphose d'une de ces couleurs en l'autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Ámsterdam, 1765, p. 53-54. Sobre as configurações internas e externas dos corpos: “François-Nicolas Melaure, Negre de dix-sept ans, mort presque subitement à notre Hôpital le 4 Mars 1757 de la luxation rare de l'apophise odontoïde, m'offrit l'occasion désirée de vérifier une découverte qui m'intéressoit plus qu'aucun Anatomiste de l'Europe, après ce que j'avois avancé dans mon Traité des Sens. / J'avoue que le cerveau de ce Maure ne me parut, au premier coup d'oeil, différer rien de celui des Blancs. Mais en y regardant de plus près, j'aperçus en effet une nuance de couleur bleuâtre, tant dans la substance corticale, que dans la substance médullaire ou blanche, & cette nuance de bleu me parut lui donner aussi une nuance plus éclatante de blanc, effet ordinaire du bleu mêlé avec le blanc ordinaire. Des particules noires noyées dans du blanc font un effet à peu près semblable. [...] Par la même raison, le dessous de la peau de notre Negre me parut d'un blanc éclatant. [...] La glande pinéale étoit encore plus bleue que le cerveau, elle étoit presque noire. La raison m'en parut simple; c'est une glande, un rende-vous de nerfs & d'artérioles; elle a deux filets considérables de ces nerfs que lui donnent les parois du troisieme ventricule, & elle est pénétrée, plus qu'aucune autre partie du cerveau, d'une multitude d'artérioles du plexus choroïde. Elle doit donc être fournie d'une plus grande quantité d'oethiops, ou de la liqueur combinée extraite de ces deux genres de vaisseaux. [...] Pour me convaincre de la réalité de la nuance bleautrê du cerveau; j'ai pris le cerveau d'un Blanc; j'en ai mis une tranche contre un pareil morceau de celui du Maure, & sans en rien dire à mon Dessinateur, je lui demandé la différence des couleurs de ces deux morceaux; il en a porté un jugement tour pareil au mien; & pour en perpétuer le parallele, je lui ai fait peindre à la gomme les deux tranches comparées.” François-Nicolas Melaure, Negre de dix-sept ans, mort presque subitement à notre Hôpital le 4 Mars 1757 de la luxation rare de l'apophise odontoïde, m'offrit l'occasion désirée de vérifier une découverte qui m'intéressoit plus qu'aucun Anatomiste de l'Europe, après ce que j'avois avancé dans mon Traité des Sens. / J'avoue que le cerveau de ce Maure ne me parut, au premier coup d'oeil, différer

Como vemos, a consideração da imaginação materna como fator de explicação para as diferentes cores de pele foi hipótese cara ao jesuíta espanhol José Gumilla que, no início do século XVIII, propunha observar as características dos diversos povos que compunham a região do rio Orenoco (América Espanhola) e destacava que sua principal missão era descrever os povos, seus costumes e seus modos. Como se observou acima, as experiências de Gumilla na América serviram de base para que Le Cat reafirmasse a hipótese do papel da mãe na coloração da pele dos seus descendentes.

Gumilla entendia que o sol, que ele apontava como uma estrela, não podia e não possuía capacidade para interferir diretamente na mudança da pele dos indivíduos. E ele lembrava que, caso fosse possível, inúmeras famílias brancas que viviam na América já teriam perdido sua coloração de pele original depois de algum tempo. Gumilla advertia que se a influência climática possuía tanto poder, sobretudo quando se tratava da presença do sol, como explicar que ursos, leões e pássaros mantivessem a coloração da pele / pena / pelo estando debaixo do mesmo céu? Portanto, para o autor, o clima não podia ser encarado como único responsável pela cor da pele; até porque em Angola e Serra Leoa inúmeras famílias brancas viviam por muitos anos e, mesmo assim, seus frutos permaneciam brancos.

Ao questionar a total influência climática nas cores da pele dos indivíduos, Gumilla acreditava na importância da mãe para a definição da coloração. Assim, retomava os argumentos bíblicos da criação do mundo e da humanidade, destacando a aparição da espécie humana e, subsequentemente, sua dispersão pela face da terra que, depois de milhares de anos, houve a multiplicação de diferentes nações. Mas, inicialmente, tais nações teriam suas diferenças apresentadas por conta das percepções que as progenitoras teriam tido a respeito do universo social que as cercavam durante a gravidez. Portanto, o jesuíta voltava ao passado e reintegrava

rien de celui des Blancs. Mais en y regardant de plus près, j'aperçus en effet une nuance de couleur bleuâtre, tant dans la substance corticale, que dans la substance médullaire ou blanche, & cette nuance de bleu me parut lui donner aussi une nuance plus éclatante de blanc, effet ordinaire du bleu mêlé avec le blanc ordinaire. Des particules noires noyées dans du blanc font un effet à peu près semblable. [...] Par la même raison, le dessous de la peau de notre Negre me parut d'un blanc éclatant. [...] La glande pinéale étoit encore plus bleue que le cerveau, elle étoit presque noire. La raison m'en parut simple; c'est une glande, un rende-vous de nerfs & d'artérioles; elle a deux filets considérables de ces nerfs que lui donnent les parois du troisieme ventricule, & elle est pénétrée, plus qu'aucune autre partie du cerveau, d'une multitude d'artérioles du plexus choroïde. Elle doit donc être fournie d'une plus grande quantité d'oethiops, ou de la liqueur combinée extraite de ces deux genres de vaisseaux. [...] Pour me convaincre de la réalité de la nuance bleutrê du cerveau; j'ai pris le cerveau d'un Blanc; j'en ai mis une tranche contre un pareil morceau de celui du Maure, & sans en rien dire à mon Dessinateur, je lui demandé la différence des couleurs de ces deux morceaux; il en a porté un jugement tout pareil au mien; & pour en perpétuer le parallele, je lui ai fait peindre à la gomme les deux tranches comparées".

argumentos de homens como Tomás de Aquino e Santo Isidoro, para explicar que a mãe era capaz de transmitir ao feto algo sobre as percepções que tinha sobre o mundo em sua volta. Mas, como vimos acima, em terras do Novo Mundo a mente materna era capaz de trazer à vida a seres esquisitos, degenerados, enfim.

Na verdade, o inventário proposto por José Gumilla no qual aglomerava informações importantes sobre povos americanos começava com os indígenas. Nele, o viajante nos lembra de que nos “países” americanos era possível encontrar diversidade de povos, no que dizia respeito às características físicas, assim como também se encontrava na Europa. Portanto, em suas anotações, Gumilla destacava que em algumas nações indígenas os povos eram altos e fortes, em outras eram baixos e pequenos, bem como alguns apresentavam traços de formosura, enquanto outros eram feios. Assim sendo, para ele, alguns mostravam muita vivacidade em seus olhos e em suas ações, enquanto outros eram extremamente preguiçosos e indolentes.⁶² Esta variedade, para Gumilla, era uma das melhores performances do universo e provava o poder admirável do Criador.

O viajante nos deixou relatos onde destacava que os Otomacos, por exemplo, eram gordos e altos; entre os Gyraras, Ayricas e Salivas (nações do Caribe), os homens eram altos e elegantes, enquanto que entre os das nações Achaguas, os homens eram de tamanhos médios e extremamente gordos e fortes. No entanto, de acordo com Gumilla, todos os ameríndios possuíam cabelos pretos, quase sempre longos e somente em idade muito avançada apareciam os fios brancos. Tal detalhe seria explicado em virtude da falta de preocupações e tristezas, sentimentos que o viajante diz não ter encontrado nos povos americanos.

E se os cabelos dos indígenas são destacados como admiráveis por Gumilla, sua preocupação com a falta de barba nos homens, embora não demonstre ser isso um sinal de inferioridade, se devia ao fato de que os nativos raspavam completamente possíveis pelos dos corpos e se a natureza, por capricho, não os presenteou com penugens, muitos deles, ao abraçarem a fé cristã, passaram a deixar os fios crescerem em seus rostos, chegando a ter bigodes e ralas barbas. Portanto, Gumilla descreve o ato de depilação como algo que não se encaixava com os parâmetros cristãos; considerando assim, obviamente, as características físicas europeias como as ideais.

⁶² GUMILLA, José (1686?-1750?). *Histoire naturelle, civile et géographique de l'Orénoque et des principales rivières qui s'y jettent...* Par le P. Joseph Gumilla, ... traduite de l'espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1.

De uma forma geral, o jesuíta reiterava as diferenças dos índios quando comparados com os europeus, chineses e africanos. No entanto, a momento algum, os descreviam como inferiores no que dizia respeito aos seus caracteres. Destacando sempre que, apesar das diferenças, a aparência dos nativos não desagradava. Seu intuito era descrever como se configurava o corpo desses homens e, portanto, a importância de ressaltar as diferenças; mas sempre lembrando que “le indiens ont une physionomie differente de celle des Européens, des affricains, des chinois et des Tartares; mais elle n’a rien de désagréable”.⁶³

José Gumilla destacava as diferenças dos olhos, ressaltando que os índios não possuíam pontos lacrimais abertos como os europeus, mas isso ficava em perfeita simetria com o formato do rosto; o nariz era bem grande e chato, em proporção com os lábios grossos; os dentes claros e mantidos firmes até a idade idosa, o que impressionava o autor, uma vez que destacava ser algo invejável e também explicável a partir do modo de vida dos indígenas, que não se entregavam às preocupações e por trabalharem suas mentes como se crianças fossem.

Em relação à coloração da pele dos índios americanos, Gumilla destacava uma pluralidade de cores e tentava compartimentá-las considerando os ambientes em que cada nação vivia. Portanto, os indígenas que permaneciam nas florestas eram quase brancos; outros, vivendo em campos abertos, eram mais morenos, avermelhados. Os que viviam navegando e em praias, geralmente apresentavam cores mais escuras, em particular devido às pinturas que faziam em seus corpos. Entretanto, ao se lavarem, apresentavam cor de pele clara. Para o viajante, filhos de índios e negros sempre nasciam brancos; mas, com o passar dos dias, a cor da pele sofria mudanças.⁶⁴ Portanto, Gumilla destacava que as crianças nascidas de casais indígenas vinham ao mundo com propensão ao escurecimento da pele. E, embora o autor não desqualificasse explicitamente o homem americano por conta da coloração da pele, o ponto seguinte abordado pelo viajante se coadunava com a ideia de que a cor da casca ténue europeia era o ideal.

⁶³ GUMILLA, José (1686?-1750?). *Histoire naturelle, civile et géographique de l’Orénoque et des principales rivières qui s’y jettent...* Par le P. Joseoh Gumilla, ... traduite de l’espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1, p. 111.

⁶⁴ GUMILLA, José (1686?-1750?). *Histoire naturelle, civile et géographique de l’Orénoque et des principales rivières qui s’y jettent...* Par le P. Joseoh Gumilla, ... traduite de l’espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1, p. 145: “Les Indiens de même que les Nègres, naissent presque blancs, et ils conservent cette couleur pendant quelques jours. Mais il est blancs et bon de voir, que comme les enfans des Nègres viennent au monde avec les extrémités des ongles noirs [a] pour signe de ce qu’ils doivent être, de même le petits Indiens naissent avec une tâche vers la partie postérieure de la ceinture, laquelle est de couleur grise, et s’évanouit, à mesure que l’enfant perd sa couleur blanche, pour prendre celle qui est naturelle. Cette tâche a la largeur d’un Ecu, je l’ai vûe plusieurs fois, ainsi l’on peut m’en croire sur ma parole”.

Afinal, Gumilla montou um quadro teórico onde tentava provar que a filha de um casal indígena que se casasse com um europeu, o fruto dessa conjugação, certamente já estaria mais próximo dos caracteres europeus e, portanto, se tal procedimento fosse mantido por até quatro gerações, estava convicto que os descendentes dessa união seriam tal como os europeus. Os cálculos apresentados pelo viajante partiam da seguinte lógica: “1 – D’un Européen & d’une Indienne viennent les Metif = Deux quarts de chaque partie. 2 – D’un Européen & d’une Metive, vient l’espece Quartetona = Un quart de l’Indienne. 3 – De l’Européen & de la Quarterona naît l’Ochavona = Une huitième partie de l’Indienne. 4 – De l’Européen & de l’Ochavona sort la Puchuela = Tout-à-fait blanche”.⁶⁵ Gumilla se surpreendia ao destacar tal fato e lembrava que: “Il est étonnant de voir avec quelle promptitude les Indiens blanchissent: qu’une Indienne se Marie avec un homme de la même Nation, l’enfant qui naît à la quatrième génération, est aussi blanc qu’un François né dans le sein de Paris”.⁶⁶

Além disso, nas primeiras décadas do século que consagraria as teses das diferenças entre os homens que habitavam a face da terra, Gumilla se debruçava em cálculos que levariam ao branqueamento da população indígena americana. Por um lado, o autor se preocupava em destacar os caracteres indígenas e seus pontos positivos; por outro, buscava fórmulas para justificar a mestiçagem racial e explicar os motivos para não preocupação no que dizia respeito à conjugação carnal entre nativos e europeus, uma vez que havia a possibilidade de reverter o processo de miscigenação. E as fórmulas para a reversão buscavam o ideal a ser alcançado que era a brancura europeia.

O jesuíta recorria a palavras como nação e espécie ao se referir a esse processo de reversão da miscigenação. Para ele, da união entre um europeu e uma índia americana nasceria uma criança mestiça que, mantendo o processo ao se casar com branco, daria à luz a uma espécie com “um quart de l’indienne”. Ao fim, na quarta geração, após casamentos feitos com brancos, o processo já teria sido revertido completamente. Essa nova espécie se manteria pura caso os casamentos, de acordo com Gumilla, continuassem sendo feitos entre nações iguais. Mas o

⁶⁵ GUMILLA, José (1686?-1750?). *Histoire naturelle, civile et géographique de l’Orénoque et des principales rivières qui s’y jettent...* Par le P. Joseoh Gumilla, ... traduite de l’espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1, p. 110.

⁶⁶ GUMILLA, José (1686?-1750?). *Histoire naturelle, civile et géographique de l’Orénoque et des principales rivières qui s’y jettent...* Par le P. Joseoh Gumilla, ... traduite de l’espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1, p. 145.

viajante também descrevia as várias gradações existentes quando se tratava do fruto de uniões entre brancos e índios; mestiços e índios.⁶⁷

Assim, se observa que termos como nação e espécie não nos fornece indícios mais contundentes a respeito da forma como o religioso viajante se posicionava a respeito dos povos americanos. Se ao longo da obra ele abordava que a grandiosidade divina estava manifesta na multiplicidade de nações existentes na América, nem por isso ele deixava de apontar para cálculos que dissipassem os traços indígenas da face da terra. O posicionamento do autor de que a população do Novo Mundo era degenerada está implícito em outras palavras da sua escrita. Na citação acima, as palavras superior e inferior não podem ser desconsideradas, pois quanto mais das aparências indígenas possuísse o indivíduo, numa posição mais inferior ele se encontrava no inventário do homem americano proposto por José de Gumilla. Portanto, tal posição era eivada de discriminação em relação às nações indígenas.

Ao atravessar o Atlântico, no alvorecer do século que seria classificatório por excelência, Gumilla encarava a diversidade de povos que despontava em sua frente, como resultado da perfeição divina e da vontade criadora de demonstrar seu poder ao constituir nações tão diferentes em seus aspectos físicos e costumes. Suas tentativas de explicações para tanta diversidade, embora não abandonasse os interstícios religiosos, passava por um viés científico que tentava conceder coerência aos fatores que causavam determinados fenômenos.

Seja como for, ainda no que diz respeito à cor da pele dos africanos, o jesuíta refutava a tese da influência climática, algo que, anos mais tarde, seria defendido pelo famoso conde de Buffon. Para o último, a humanidade teria partido de uma única espécie. Mas, ao se multiplicar pela face da terra, essa humanidade teria passado por modificações em sua estrutura física, sobretudo por conta das influências climáticas, da alimentação, do modo de vida, das epidemias e das doenças, dentre outros. Para Gumilla, a proximidade do Equador não era responsável pela cor diferente das pessoas; assim, não se podia provar que quanto mais próximo do Norte mais branca era a pele, ao passo que mais afastado a pele ficava mais escura.

⁶⁷ GUMILLA, José (1686?-1750?). *Histoire naturelle, civile et géographique de l'Orénoque et des principales rivières qui s'y jettent...* Par le P. Joseoh Gumilla, ... traduite de l'espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1, p. 149: "Je suis bien aise de faire observer ici, que si la Métive se Marie avec um Metif, l'enfant est métif, et s'appelle communement Tente en el ayre, parce qu'il n'est ni plus ni moins que ses parens, et qu'il reste dans le même degré. Si a Métive se marie avec un Indien, l'enfant s'appelle Salta Atrás, parce qu'au lieu d'avancer il récule, ou passe d'un degré supérieur à un inférieur".

François Bernier, no seu artigo de 1684, já combatia a tese da influência climática na coloração dos corpos, ele se deteve um pouco mais ao elencar os caracteres físicos dos negros, relatando que a pele era oleosa, lisa e, como se polida fosse possuindo os homens, três ou quatro fios de barba e, no geral, todos com cabelos que, segundo o viajante, não era exatamente cabelo, mas uma espécie de lã que se assemelhava ao pelo de animais. Os dentes eram brancos como o melhor marfim e tudo dentro da boca, assim como os lábios eram de uma coloração vermelha forte.⁶⁸

Pelos aspectos destacados e pela forma como o viajante concluía suas observações sobre os negros africanos, nos leva a rematar que ele desqualificava os negros por conta de seu cabelo que mais lembrava pelos de animais do que aquilo que ele entendia como cabelo padrão. Sem contar que a falta de barba também funcionava como desqualificador dos grupos, como veríamos ser destacado, incansavelmente, no século XVIII, pois a presença de farta barba era tida como sinônimo de maior potência sexual e de procriação. Portanto, assim com seu antecessor Boyle, Bernier defendia a existência de distintas raças humanas, tendo a cor da pele como base de classificação.

Bernier entendia que os habitantes da Ásia eram de ombros largos, de nariz pequeno, como os dos porcos, também com poucos pelos nos rostos. Para o viajante, os asiáticos eram verdadeiramente brancos. Em relação aos Lapões, ele foi rápido em desqualificá-los, destacando-os como hostis, de comportamento vil, vivendo fora de uma organização familiar, o que demonstrava os limites da sua ignorância. Concluía que eram animais desagradáveis. Quanto aos americanos, apesar do autor demonstrar pouco conhecimento a respeito dos povos que habitavam o continente, hesitava entre alocá-los ou não na raça I, ou seja, a dos brancos. As características que foram ressaltadas dos ameríndios, fisicamente, até os aproximavam da primeira espécie, mas, em relação ao comportamento, apesar do viajante não se aprofundar no assunto, os elevava ao patamar de selvagens, muito embora Bernier concluísse que não se tratava de uma raça diferente da primeira.

Quem lê o texto de Bernier com cuidado e, depois se depara com o vocábulo sobre espécie humana escrito por Diderot para a *Encyclopédie*, em fins do século XVIII, não há como deixar de perceber que as “Luzes” da segunda metade do século do Iluminismo estavam

⁶⁸ BERNIER, François. Nouvelle division de la terre par les différentes especes ou races d’hommes qui l’habitent, envoyée par un fameux voyageur à M. Abbé de la Chambre, à peu près en ces termes. *Journal des Sçavans*, Avril 1684, p. 148-155.

projetadas na Europa do século XVII. Os dois textos guardam semelhanças impressionantes na forma de descrever a humanidade encontrada em novas terras ao redor do mundo e, em especial, na América, como veremos no capítulo 5.

3.4 Do rebentar branco ao escurecimento: clima, modos ou distintas raças?

Joseph François Lafitau, jesuíta e naturalista, em 1724, ressaltava que os selvagens americanos, especialmente os observados na região de Quebec, nasciam brancos como os europeus. Mas, o hábito de andarem nus, os óleos utilizados nos corpos e de certa forma o ar fresco e também a presença do sol, faziam com que suas características mudassem com o passar do tempo. Entretanto, também compartilhava da tese de que o clima não era a resposta mais exata para explicar a pluralidade de cores das distintas nações que existiam na face da terra. E afirmava que se a coloração da tez dos homens americanos era diferente, o resto do corpo era bem feito, com boa proporção, sendo aqueles homens com bom temperamento, ágeis, fortes e hábeis.⁶⁹

O jesuíta entendia que se a coloração e os atributos corpóreos dos indígenas americanos não os colocavam em patamar de inferioridade frente às demais nações, o caráter e o entendimento da mente dos selvagens era uma operação mais complicada de se colocar em prática. Afinal, em um primeiro momento, o que se percebia em relação àqueles povos era uma visão de homens desprovidos de quase tudo, sem letras, sem aparente uso das ciências ou leis, sem templos e sempre lembrados como rudes, estúpidos, ignorantes, ferozes, sem religião e senso de humanidade. Entregues enfim, a todo tipo de vício característico do excesso de liberdade.

Mas Lafitau arrematava que o retrato acima pintado dos selvagens devia ser matizado, pois os mesmos possuíam um espírito bom, uma imaginação muito ativa, uma fácil concepção das coisas e uma memória admirável. Todos eram donos de ao menos os traços de uma religião antiga que passara aos descendentes e também uma forma de governo. Porém, igualmente, possuíam características ruins como: ingratidão em excesso; eram traidores, vingativos, conservadores de ressentimentos, cruéis com seus inimigos, viciosos pela ignorância e pela malícia.⁷⁰

⁶⁹ LAFITAU, Joseph-François. *Moeurs des sauvages américains, comparees aux moeurs*. Tome I. Paris: Saugran l'aîne, 1724, p. 10.

⁷⁰ LAFITAU, Joseph-François. *Moeurs des sauvages américains, comparees aux moeurs*. Tome I. Paris: Saugran l'aîne, 1724, p. 58. O autor analisa os povos americanos: “La Nation des Eskimaux qui habite depuis les 52. degrez

Embora Lafitau tenha matizado os relatos que apontavam a barbaridade e as monstrosidades indígenas como marcantes dos povos da América, suas considerações a respeito de algumas nações nos fornecem indícios para pensarmos sobre suas posições a respeito dessa natureza humana presente no Novo Mundo. Para Lafitau, homens com estaturas grandes, com corpos fortes, que mantinham as barbas e possuíam coloração de pele clara eram mais considerados. Portanto, diferentemente do que aponta o historiador Antonello Gerbi, o naturalista Buffon não teve grande importância na proposição da tese dos corpos diminutos como produtos de degeneração. Ao comparar os nativos do extremo norte com os demais, Lafitau apontava diretamente para os corpos grandes dos esquimós como ponto de superioridade se comparados com os demais povos do continente.

Charles Dellon, viajante que esteve no Brasil na segunda metade do século XVII, destacava os hábitos dos nativos como os principais responsáveis por alocá-los em chave diferenciada do homem branco e europeu; assim como Lafitau faria no século XVIII, Dellon não se deteve nas características físicas e buscou indicar o lugar do americano no quadro de classificação da humanidade como idólatras, supersticiosos e dados a festas onde invocavam o Diabo; assim, mergulhado no imaginário europeu que se assustava frente à disseminação do principal opositor de Cristo, o viajante transferiu de forma contundente para as manifestações religiosas indígenas aspectos da demonologia europeia. Portanto, os hábitos dos indígenas encontrados em regiões do Brasil é que chamavam a atenção do viajante.⁷¹

Dessa forma, Dellon demarcava as diferenças entre os povos europeus e os nativos do Novo Mundo, considerando, sobretudo, o comportamento e a forma como encaravam a religião, ressaltando sempre a idolatria tão característica, segundo ele, daqueles povos. No Peru,

de latitude-Nord jusqu'au 60. entre la Baye d'Hudson & le Détroit de Belle-Isle, par lequel la terre de Labrador est séparée de l'Isle de Terre-Nueve, a des Coûtumes si particulières, & qui paroissent se rapporter si peu à celles des autres Sauvages de l'Amérique; leur air même est si différent de celui des Nations de ce vaste Continent, qu'il semble qu'on ne peut se tromper en disant que'ils ont aussi une origine toute différente. Ils sont grands, bien-faits, plus blancs que les autres Sauvages, ils cultivent leur barbe, ils ont les cheveux crépus, & les coupent au-dessous des oreilles; presque tous les ont noirs, mais quelques-uns les ont blonds, & quelques autres roux, comme les Peuples Septentrionaux de l'Europe".

⁷¹ DELLON, Charles. *Nouvelle relation d'un voyage fait aux Indes Orientales, contenant la description des îles de Bourbon, de Madagascar, de Surate, de la côte de Malabar, de Calicut, de Tanor, de Goa...: avec l'histoire des plantes, des animaux qu'on y trouve, un traité des maladies particulières aux pays orienta*, 1699: "Ils portent les cheveux longs, leur teint est basané, vont nus, sont braves, adroits, & ennemies irreconciliables de ceux qui les ont offensés. Leurs armes sont des fleches, qui au lieu de fer ont des arrestes de poisson: & si quelques-uns se servent de fer, ce n'est que depuis qu'ils frequentent les Europeens. Ils sçavent cultiver la terre, & s'occupent ordinairement à la chasse & á la pesche: ils mangent de toute sorte de viande, supportent constamment la faim, & ne sont gueres de provision".

especialmente, apesar da destruição dos povos nativos, Frezier narra um episódio em que uma família nobre da raça dos Incas foi mantida e continuou recebendo honras por sua nobreza.⁷²

Dessa forma, embora a homenagem ao descendente da família de um imperador Inca não possa ser tão surpreendente para a nossa análise, chama a atenção o fato de que o autor se refere a tais pessoas como pertencentes à raça dos Incas, o que me parece ser bem interessante, pois ele utiliza o termo raça não considerando os aspectos físicos ou qualquer tipo de classificação que desmerecesse tais indivíduos. Ao invés disso, se serve do termo o relacionando com o sentido mais desenvolvido na França que era o de utilizar a terminologia para designar nobreza e puro sangue. Ou seja, todo o aparato de homenagem feito pelos espanhóis, incluindo o vice-rei, aos descendentes dos Incas, nada mais fora do que uma exaltação da nobreza daquela família.

Curiosamente, a palavra raça, embora não tenha sido utilizada para exteriorizar diferenças físicas e, tampouco, para alocar os nativos em patamar de inferioridade, ainda assim foi usada com sentido de segregar, acompanhando a lógica francesa de que ser da raça nobre e, portanto, de sangue puro, fazia com que o indivíduo estivesse separado da maioria da população, já que essa última carregava, naquele entendimento, os defeitos que marcavam os estratos mais baixos da sociedade do Antigo Regime. Em síntese, se na Espanha, por exemplo, a palavra raça entrou no vocabulário do Estado moderno em formação com sentido de separar a minoria, raça de judeus ou mouros, por exemplo, no caso francês, como mostra o viajante acima, o vocábulo, nos anos iniciais do século XVIII, ainda estava relativamente associado com ser da nobreza e, portanto, designando uma minoria.

Charles Dellon, em sua estadia pelo Brasil, ressaltava que não iria fazer uma exposição cansativa dos povos originários das referidas terras, por entender que já havia muitas descrições a respeito daqueles povos. Sendo assim, de uma maneira rápida ele destacava que eram idólatras e havia muitos feiticeiros entre suas gentes. Eram povos supersticiosos que construía templos para organização de festas particulares, cujo objetivo, segundo Dellon, era invocar o Diabo.

⁷² FREZIER, M. *Relation du voyage de la Mer du Sud aux cotes du Chili, du Perou, et du Bresil fait pendant les années 1712, 1713 & 1714*. Par M. Frezier – Ingenieur Ordinaire du Roi. Tome Premier, Ámsterdam: chez Pierre Humbert, 1717, p. 416. Quanto ao episódio: “malgré les guerres et la destruction des Indiens, il reste encore une famille de la race des Incas que demeure à Lima, dont le chef, appelé Ampuero, est reconnu du Roi d’Espagne pour descendant des Empereurs Du Perou. En cette qualité Sa Majesté Catholique lui donne le titre de Cousin, et ordonne au Viceroi, à son entrée à Lima, de lui rendre une espece d’hommage en public. Ampuero se met dans un balcon sous un dais avec sa femme, et le Viceroi monté sur un cheval dressé pour cette ceremonie, lui fait faire trois genuflexions, comme autant de reverences qu’il fait; ainsi à tous les changemens de Viceroi l’on honore encore, par une grimace, la memoire de la Souveraineté de cet Empereur qu’on a injustement dépouillé de ses Etats, et celle de la mort d’Atahualpa que François Pizarre fit cruellement égorger, comme l’on fait”.

Fisicamente, eles usavam cabelos compridos, com pele morena, andavam sempre nus e eram bravos, inteligentes e irreconciliáveis com aqueles que os ofendessem. O autor destacava ainda alguns detalhes dos armamentos, especialmente as flechas envenenadas, mas, assim como a maior parte dos viajantes, o que chamava sua atenção era o fato dos nativos “prennent leurs ennemis prisonniers, ils les engraisent, les tuënt publiquement, et les mangent avec une cruauté”.⁷³

Ou seja, para o viajante, os portugueses que caíam nas mãos dos nativos brasileiros não eram poupados de um trágico destino. Por outro lado, Dellon lembrava que os indígenas que se tornavam prisioneiros dos portugueses também não tinham um fim muito honroso, uma vez que eram submetidos à escravidão e colocados ao serviço da guerra para buscar e prender outros selvagens. Mas, de uma maneira geral, o letrado afirmava que os europeus se preocupavam em cristianizar aqueles povos e muitos homens brancos mantinham relações com mulheres locais, ou, em suas palavras, “qui ont épouse des femmes de ce sang barbare, qui pour être blanches et bien faites, ne pas d’avoir toujours quelque chose de sauvage, qui les fait distinguer des autres”.⁷⁴ Assim, o viajante enfatizava o fato de que as mulheres escolhidas entre os nativos para se casarem com os portugueses eram aquelas que possuíam a pele branca e, portanto, quase se podiam passar por mulheres europeias, principalmente quando os modos dessas moças eram menos bárbaros se comparados com a maior parte das mulheres indígenas.

Dessa forma, o viajante nos conduz a pensar sobre a maneira como os homens europeus escolhiam a mulheres brasílicas com as quais casariam. De acordo com Dellon, a primeira característica considerada era a cor da pele das mulheres. Portanto, quanto mais branca fosse a moça, mais parecida se encontrava do ideal de beleza em sua visão, a saber, o europeu. Assim, entendo que a despeito da cor da pele e dos traços físicos terem sido fatores marcantes no processo de reconhecimento do Novo Mundo, eles também serviram como desqualificadores das nações aqui encontradas, sobretudo quando amparados pela lógica da degeneração que era posto como intrínseco aos povos aqui radicados, fosse por causa do clima ou de alguma doença que afetara corpos e mentes.

⁷³ DELLON, Charles. *Nouvelle relation d’un voyage fait aux Indes Orientales, contenant la description des îles de Bourbon, de Madagascar, de Surate, de la côte de Malabar, de Calicut, de Tanor, de Goa...: avec l’histoire des plantes, des animaux qu’on y trouve...*, 1699, p. 257.

⁷⁴ DELLON, Charles. *Nouvelle relation d’un voyage fait aux Indes Orientales, contenant la description des îles de Bourbon, de Madagascar, de Surate, de la côte de Malabar, de Calicut, de Tanor, de Goa...: avec l’histoire des plantes, des animaux qu’on y trouve...*, 1699, p. 259-260.

A forma como os portugueses se relacionavam com os escravos trazidos da África foi o que mais chocou Dellon, espantado com a quantidade de negros que se encontravam tanto no campo quanto nas cidades, Dellon apontava para a forma cruel como eram vendidos e tratadas aquelas almas. Assim, “la plupart de ces captifs sont des Negres qu’on amene d’Angola et Guinée pour travailler au sucre et au tabac, on les vend au marché comme des bêtes, et ceux qui ont de grandes terres en achètent plusieurs centaines, qui sont gouvernez par des Commis, souvent plus cruels que les Maîtres”.⁷⁵ Mas o autor não se deteve em fornecer maiores explicações sobre a origem e razões das diferenças físicas dos africanos.

No início do século XVII, Marc Lescarbot destacava as maravilhas feitas por Deus na criação do mundo, apontando para a diversidade existente não somente no céu como na terra, assim como no mais profundo das águas e em todos os lugares, refletindo os efeitos do poder e da glória do Criador. Mas o que mais chamava a atenção do viajante, em suas andanças pelo Brasil, era o fato de que “mais c’est une merveille qui surprisse toutes les autres, qu’en une même espece de creature, je veux dire en l’Homme, se trouvent beaucoup de varietez plus qu’és autre choses créées”.⁷⁶ Por isso, arrematava que ao considerar os rostos dos grupos americanos não havia encontrado dois grupos iguais, pela forma de falar até se poderia encontrar alguma semelhança, de todo modo, a pluralidade de línguas demonstrava a obra de variedades da espécie humana. Contudo, assim como Lafitau fez no século XVIII, Lescarbot destacava que o mais importante eram os modos e a forma de vida daqueles indivíduos, uma verdadeira diversidade de maneiras, o que fazia valer a pena atravessar o oceano para encontrá-los.⁷⁷

Para Lescarbot o discurso de Jean de Léry de que os nativos do Brasil eram dotados de modos estranhos por conta da influência do Diabo estava completamente certo. Assim, as forças do mal teriam sido as responsáveis por transformar aqueles indivíduos em seres sem nenhuma forma de religião, sem verdadeiro conhecimento de Deus e totalmente endurecidos pelos hábitos da antropofagia. Ou seja, incapazes de se inclinarem para a doutrina cristã. A posição do viajante se forma mais pelo que leu sobre o Brasil do que, efetivamente, a partir de suas observações. Quando ele chegou, pelo que se percebe, estava formado em sua mente aquilo que ele queria ver,

⁷⁵ DELLON, Charles. *Nouvelle relation d’un voyage fait aux Indes Orientales, contenant la description des îles de Bourbon, de Madagascar, de Surate, de la côte de Malabar, de Calicut, de Tanor, de Goa...: avec l’histoire des plantes, des animaux qu’on y trouve...*, 1699, p. 259-260.

⁷⁶ LESCARBOT, Marc. *Histoire de la Nouvelle France: contenant les navigations, découvertes, çois és Indes Occidentales. Suivie de les Muses de la Nouvelle France*, 1617, p. 722.

⁷⁷ LESCARBOT, Marc. *Histoire de la Nouvelle France: contenant les navigations, découvertes, çois és Indes Occidentales. Suivie de les Muses de la Nouvelle France*, 1617, p. 722.

pois sempre que apontava alguma característica sobre a terra visitada, o fazia partindo de conhecimentos anteriores. Destacava então, que o comportamento dos nativos no Brasil era muito influenciado pelas perturbações demoníacas, não acontecendo esse tipo de coisa em nenhuma outra parte da América. Quanto às diferenças linguísticas, o autor foi contundente em destacar que o episódio bíblico da Torre de Babel teria sido o responsável pela pluralidade de idiomas no Novo Mundo.⁷⁸

Quanto ao formato dos corpos dos nativos brasileiros, o viajante destacava que, entre todas as formas vivas existentes na face da terra, o corpo do homem era o mais belo e mais perfeito, pois o homem foi colocado no mundo para comandar tudo aquilo que nessa terra existe. E, embora a natureza tenha sido perfeita na disposição dos membros e nas formas corpóreas, ela, às vezes, se precipitava em suas ações e formava indivíduos com configurações monstruosas e esquisitas que depunham contra a regularidade das coisas. Mas, ainda assim, mesmo quando a natureza fazia a sua parte da melhor maneira possível, o homem ajudava, por meios de artificialidades, a tornar o corpo e o rosto em coisas disformes e ridículas.⁷⁹ Mas o viajante entendia que na Flórida e na região do Trópico de Câncer os selvagens eram, geralmente, homens bonitos como os europeus. Portanto, se havia qualquer deformidade era coisa rara; assim, eram nativos de boa altura e com características semelhantes aos brancos.

Quanto à coloração da pele, o viajante repete a mesma receita deixada por quase todos os testemunhos daqueles que estiveram na América durante o período de colonização, ou seja, eram os nativos de cor oliva ou um pouco mais claros e, por isso, lembravam os espanhóis. Para Lescarbot, os “brasileiros” não nasciam assim, nenhum americano na verdade nascia com a pele escurecida, era o hábito de andarem nus e cobrirem os corpos com distintas espécies de óleos o grande responsável pela coloração da pele. Cobrir o corpo com óleo de peixe, por exemplo, era a

⁷⁸ LESCARBOT, Marc. *Histoire de la Nouvelle France: contenant les navigations, découvertes, çois és Indes Occidentales. Suivie de les Muses de la Nouvelle France*, 1617, p. 734: “les effects de la confusion de Babel sont parvenus jusques à ces peuples dequels nous parlons, aussi-bien qu’au monde deça. Car je voi que les Patagons parlent autrement que ceux du Bresil, e ceux-ci autrement que los Perouans, et les Perouans sont distinguez des Mexiquains: les iles semblablement ont leur langue à part: en la Floride on ne parle point comme en Virginia”.

⁷⁹ LESCARBOT, Marc. *Histoire de la Nouvelle France: contenant les navigations, découvertes, çois és Indes Occidentales. Suivie de les Muses de la Nouvelle France*, 1617, p. 798. Sobre o nativos do Brasil: “les Bresiliens naissent aussi beaux que le commun des hommes mais à la sortie du ventre on le rend disformes par leur ecraser le bout du nez, qui est la prince pale partie en laquelle consiste la beauté du l’homme. Vrai est que comme en certains pays ils present les longs nez, en d’autres les Aquilins, ainsi entre les Bresiliens c’est belle chose d’être camu, comme encore entre les Africains Mores, lequels nous voyons tous être de même. Et avec ces larges nazeaux les Bresiliens ont coutume de se rendre encore plus disformes par artifice, se faisans des grandes ouvertures aux joues, et au dessous de la levre d’embas, pour y mettre des pierres vertes et d’autres couleurs de la grandeur d’un teston: de maniere que cette Pierre otée c’est chose hideuse à voir que ces gens là”.

forma que os nativos, em todo o Novo Mundo, encontravam para espantar as moscas que importunavam a todos.

Porém, aos olhos do viajante, ainda era preciso esclarecer mais uma dúvida sobre a coloração da pele dos nativos americanos. Ou seja, se fosse considerar a região geográfica em que se encontrava a América, poderia se fazer um paralelo com a África e, portanto, chegar à conclusão que a incidência do sol era que causava a coloração mais escurecida na pele desses povos existentes nessa mesma faixa da terra. Mas Lescarbot entendia que a negritude dos africanos os diferenciavam dos americanos porque, no caso dos primeiros, a presença do calor e a incidência dos raios solares na África, associando isso a uma vasta faixa de desertos compostos por muitas regiões arenosas que acumulavam o forte calor do sol, eram os fatores diretos pela escuridão da pele e pelas características dos povos oriundos daquela região. Portanto, nesse caso, era realmente a presença mais constante do sol que, em suas palavras, causava a diversidade humana.

Em relação ao continente americano, apesar de parte dele se encontrar nos mesmos paralelos que o africano, o viajante asseverava que a presença de rios caudalosos e a humidade característica do Novo Mundo eram os grandes responsáveis por aplacar a quentura do sol e a forma intensa com a qual ele incidia sobre a terra. Então, essa era a razão para que os nativos americanos não tivessem a coloração da pele parecida como a dos africanos.⁸⁰

Depois de explicar a razão da coloração de pele diferente entre africanos e americanos em geral, o viajante concluiu destacando os ornamentos e as pinturas dos nativos ao longo das regiões por ele visitadas. Volta a abordar o Brasil e as modificações feitas pelos indígenas em seus corpos, destacando que essa era a única razão para que apresentassem aparência física bizarra e estranha, destoando de outros povos mais próximos ao Trópico de Câncer que possuíam aparência mais agradável aos olhos europeus. Curiosamente, ele encerrava destacando que é bom que essas raças encontradas na América se casem entre si, afim de que não se percam, transformando a região em áreas desertas. Voltava aos argumentos religiosos para destacar que a primeira ordem dada pelo criador foi a de que os povos deveriam se reproduzir e “papporter fruit,

⁸⁰ LESCARBOT, Marc. *Histoire de la Nouvelle France*: contenant les navigations, découvertes, çois és Indes Occidentales. Suivie de les Muses de la Nouvelle France, 1617, p. 826: “Car le soleil trouvant au rencontre de ces terres ces grandes humidités, il ne manque d’en attirer belle quantité, et ce d’autant plus copieusement, que sa force est là grande et merveilleuse: ce qui y fait de pluies continuelles, principalement à ceux qui l’ont pour zenit. J’ajoute une raison grande, que le soleil quittant les terres de l’Afrique donne ses raions sur un element humide par une si longue route, qu’il a bien de quoi succer des vapeurs, et en trainer quand et soi grande quantité en ces parties là: ce qui fait que la cause est fort differente de la couleur de ces deux peuples, et du temperament de leurs terres”.

une chacune creature capable de generation selon son espece”;⁸¹ portanto, era preciso encorajar àqueles povos da América a se casarem entre eles e manterem assim, suas raças de homens.

Lescarbot escreveu em 1617, não obstante, apontava que os aspectos que diferenciavam os nativos brasileiros dos homens europeus eram, em geral, o modo de vida e a forma como deformavam os corpos. Arelado à explicação religiosa, não destoou dos demais viajantes que estiveram na América, ou seja, jamais apontou para a existência de uma raça diferente, com características imutáveis, em terras portuguesas no Novo Mundo. Ao contrário, entendia que a diversidade humana era fruto da perfeição divina. Embora tenha apontado para o clima como uma das causas da coloração da pele dos nativos, assim como Lafitau, entendia que os modos dos americanos influenciavam na cor da pele e nos caracteres físicos. Usou, assim, dos argumentos geográficos para explicar a tez mais escura dos africanos e, por esse motivo, tal explicação não se associava diretamente aos homens do continente recém-descoberto. A humidade no Novo Mundo aplacava o teor da incidência solar sobre a terra e, por isso, no seu dizer os homens americanos não eram tão escuros. Ora, tal humidade era exatamente o que anos mais tarde seria apontado como causa primordial para a degeneração da humanidade existente no novo continente.

François Bernier, também do século XVII, se propunha a falar sobre os atributos físicos das mulheres que compunham as distintas nações conhecidas por ele, apesar de não possuir uma delimitação muito clara de quais povos deveriam, enfim, fazer parte de cada grupo de humanos que ela entendia como componentes dessa ou daquela raça. A base de comparação das espécies ou raças humanas do viajante era o grupo número I, ou seja, aqueles de cor branca. Assim, Bernier utilizava critérios de cotejo como religião, instituições políticas, costumes e maneiras, entre a sociedade europeia e as demais, não deixando, entretanto, de estabelecer que a “brancura” da pele também era considerada como fator de hierarquização, uma vez que ele buscava a comparação através do ato da aproximação ou afastamento das sociedades observadas, daquilo que considerava como o padrão, ou seja, a sociedade branca e, em última instância, a europeia.

Apesar de não se associar às teorias vigentes em sua época sobre a origem, descendência e dispersão da humanidade pelo globo terrestre, também não se observa, com nitidez, na obra do viajante, qualquer indício de negação da unicidade no processo de formação da espécie humana. Portanto, Bernier não se ateu à discussão tão ressaltada por alguns historiadores de nossa época,

⁸¹ LESCARBOT, Marc. *Histoire de la Nouvelle France: contenant les navigations, découvertes, çois és Indes Occidentales. Suivie de les Muses de la Nouvelle France*, 1617, p. 826.

sobre as perspectivas una ou plural na criação dos distintos tipos humanos existentes na terra. Decerto, as proposições de Bernier eram frágeis e sua classificação não apresentava aspectos completamente coerentes e, até mesmo verossímeis, para que tentemos localizar em sua obra o *gérmen* da moderna classificação que dividiria o mundo considerando os caracteres físicos somente. Mas a proposição de uma classificação da humanidade tendo com critério particular as feições físicas dos indivíduos, sobressaindo-se a cor da pele, certamente, deve ser considerada como algo importante, e que seria a pedra de toque da História Natural, no século XVIII.

Quando Bernier se debruçava sobre a difícil tarefa de dividir os espaços geográficos a partir dos caracteres físicos dos seres humanos, ou melhor, através de espécies ou raças, ou até mesmo quando o viajante tecia comentários desqualificadores em relação a determinadas nações existentes na terra, ele não inventava a ideia de preconceito contra povos diferentes dos europeus; tal sentimento, já existira há séculos na Europa. Por outro lado, também não podemos entender a classificação por ele proposta como a precursora do significado de raça que se endureceria no que concerne a aparência física, em centúria seguinte. Mas a obra de Bernier carregava aspectos modernizantes que podem ser considerados como parte da gestação das modificações do pensamento, no século XVII, de como os europeus em círculos mais letrados, estavam lidando com a “questão do outro” e, à vista disso, com as diferenças físicas das nações distintas daquela que eles entendiam como a padrão.

Assim, pode-se supor que a base para classificar a humanidade a partir da observação da coloração da pele, se tornou mais evidente a partir do século XVII. Se em centúrias anteriores a cor da cútis dos povos encontrados no Novo Mundo entrava na composição das obras dos viajantes e teóricos como fator de informação, tal aspecto deve ser questionado quando abordamos o século XVII. A obra de Bernier aqui apresentada propunha a divisão do globo terrestre considerando as características físicas, na qual a cor da pele seria o principal critério. Ainda que o autor não destacasse, inquestionavelmente, um enquadramento da humanidade em que ter cor de pele preta ou vermelha desqualificasse os homens, ele ressaltava que o ideal de beleza estava ancorado nas regiões onde os humanos eram brancos. Ao fim, isso era uma dentre tantas formas de classificar o europeu como superior.

Desse modo, o apreço de que a cor da tez não possuía importância substancial, pois seria o produto de influência do local, sobretudo a exposição ao sol e ao clima das nações existentes nos trópicos, passava por uma releitura a partir de fins do século XVII. Os relatos de viagens e as

obras dos teóricos da diversidade humana e das razões das diferentes colorações de pele tanto apontavam outras causas para tais diferenças quanto retiravam o peso recaído sobre o fator climático.

Alden T. Vaughan nos lembra que para os ingleses, desde o século XVI, a cor da pele dos indivíduos de origem africana era considerada no processo de divisão dos povos existentes na terra. E lidar com povos pretos, de alguma forma, era incômodo por conta da cor da tez. No entanto, a percepção e o destaque de que os nativos americanos poderiam ser enquadrados como seres de pele vermelha, só ocorreria no século das “Luzes”.⁸² De fato, se tal hipótese se aplica aos viajantes ingleses, não podemos estender tais explicações para o caso dos viajantes franceses, em especial, de onde o exemplo de Bernier nos fornece elementos para se pensar a dificuldade que ele teve para enquadrar os americanos no seu conjunto classificatório, isso por conta da pele. E apesar de concluir que os nativos do Novo Mundo poderiam ser encaixados na raça branca, mesmo assim sua dúvida não fora completamente sanada.

No caso de Romans, que escreveu sua obra na segunda metade do século XVIII, a percepção de que o homem americano era vermelho estava muito mais alicerçada e advinha desse fato a assertiva do viajante de que o clima poderia ter papel fundamental nos humores e comportamentos, mas a cor da pele era um dado perceptível e inerente à cada raça humana, sendo, portanto, uma perda de tempo se deter nessas considerações. Em Romans, vemos a afirmativa de que a melhor forma de se referir aos americanos era utilizando a terminologia selvagem, hipótese cara aos letrados franceses e que Lafitau usou amplamente em sua obra de 1724. Mas, não se pode apontar, assim como destaca o historiador Alden T. Vaughan, que a percepção de que os nativos da América eram vermelhos só ocorreu em fins do século XVIII, se fosse assim, como entender o desespero de Bernier ao buscar enquadrar o homem americano em alguma raça já existente ou pensar em outra exclusivamente para ele, com base na cor da pele?

Acredito que a nuance da cútis foi um dado no processo de reconhecimento do outro, em todos os períodos históricos. Decerto, aquilo que era diferente e inicialmente saltava aos olhos seria o primeiro componente no conjunto da classificação. No entanto, a formas de explicação dessas diferenças é que tomaram outras proporções, dependendo diretamente do contexto histórico. No século XVII, homens como Robert Boyle, o qual vimos acima, consideravam que a

⁸² VAUGHAN, Alden T. From White man to Redskin: changing Anglo-American perceptions of the American Indian. *The American Historical Review*. American Historical Association, v. 87, n. 4, 1982, p. 925.

exposição dos negros ao calor e ao sol não poderia ser a explicação mais afiançada como fator da tonalidade da epiderme, aceitando a tese da influência dos líquidos seminais como responsáveis pelos caracteres físicos e também a hipótese da existência de distintas raças humanas. Mas, negando que as composições internas dos corpos de brancos e pretos eram diferentes, refutando assim uma hipótese que seria largamente destacada no século XVIII, da qual Barrère pode ser apontado como um grande representante, a partir das dissecações feitas em negros e na sua percepção sobre o papel da bile hepática na configuração da coloração preta dos mesmos.

De fato, a tonalidade da epiderme e os aspectos físicos não eram as únicas formas de classificar a humanidade. Homens como José de Gumilla que também negava a influência climática no processo de configuração das tonalidades humanas, não entendia que esse era um dado importante, uma vez que, sendo o homem branco ou preto, no fim, se tratava da expressão da grandiosidade divina. Mas, curiosamente, Gumilla ofereceu inúmeras receitas nas quais, ainda muito influenciadas pelo pensamento de fins do século XVII, especialmente por conta de viajantes que também estiveram na América, poderiam reverter a coloração preta ou vermelha dos indivíduos, desde que eles mantivessem relações com homens de cor branca. Portanto, no século XVII, o homem africano era visto, em sua origem, como preto, e o americano, como vermelho.

Ao considerar os albinos como raças monstruosas e ao destacar que os casais de pele preta que teriam filhos com cor branca era por conta da imaginação da mãe que via na coloração cândida o ideal de uma pele, Le Cat demonstrava que, apesar do clima não influir na diversidade humana, a cor branca era a base da humanidade e, portanto, a imaginação materna, sobretudo das negras, buscava o melhoramento da raça negra, tentando embutir naquela espécie os atributos da raça original, a branca, não degenerada.

Claro que quando letrados como Bernard Romans e Lorde Kames, em fins do século XVIII, apostaram na ideia de que o homem americano era de uma raça diferente dos brancos europeus, muito embora o segundo defendesse que teria ocorrido um secundário evento edênico, ambos acreditavam que a hipótese de Buffon sobre a mudança da pele por conta do meio ambiente não se justificava. Com isso, associavam as diferenças físicas e o comportamento dos indígenas e dos negros como fatores fundamentais para alocá-los em patamar diferenciado na classificação da humanidade e, especialmente Romans, determinava que tais grupos eram inferiores se comparados com a raça branca.

Mas, se no fim do século XVIII, tais posicionamentos ficam evidentes, não se pode desconsiderar que em fins da centúria anterior, a consideração de que homens americanos e africanos pertenciam a raças diferentes, com base na coloração das suas peles e no seu conjunto comportamental, era uma realidade palpável. Quando, no início do século XVIII, Pierre Louis Moreau de Maupertuis, nascido na centúria anterior, destacava que o ideal de raça era o composto por homens com a coloração da casca ténue branca,⁸³ havia mais de sessenta anos que François Bernier teria apresentado sua nova divisão de mundo com base na observação dos caracteres físicos, se servindo de termos como espécie e raça para se referir àqueles grupos.

Recusar a influência do clima na disposição da coloração da humanidade, nem sempre esteve associada com a negação de que o homem americano era oriundo de raça distinta da europeia. Isso fica evidente em obras como as de Feijoo e Gumilla, particularmente em virtude da posição por eles assumida naquela sociedade do século da Ilustração. Mas alinhar que a cor preta ou vermelha da pele poderia ser revertida demonstra que esses homens, mesmo como discípulos de Deus e defensores da obra magna do Todo poderoso, acreditavam que o ideal de pele era o branco e, com isso, posicionavam as outras nações existentes na terra em patamar diferente dos europeus, por mais que seja perigoso afirmarmos que tal posição seria de inferioridade, já que nem sempre esses viajantes colocavam essas ideias nesses termos. Com exceção de Gumilla que, hora ou outra, se serve do binômio inferior-superior para se referir aos brancos europeus e aos ameríndios e os descendentes de africanos na América.

Gumilla afirmava que a cor preta causava melancolia aos olhos dos brancos. Entretanto, presumia que, talvez, isso também ocorresse aos olhos dos pretos ao se depararem com os homens de tez branca. Se atentarmos para o fato de que ele afirmava tal comportamento para o homem branco no contato com o preto, mas, apenas vislumbrava tal hipótese no caso do indivíduo de epiderme preta, significa que o viajante não se preocupou em pesquisar qual era a posição do negro em relação à pele branca dos europeus, afinal de contas, mesmo tentando negar, apostava no fato de que o homem de cor branca era o padrão.

Durante todo o século XVIII, a metáfora das cores assumiria papel mais preponderante nas sociedades do Antigo Regime, fosse em região europeia ou no Novo Mundo. No fim do século, a aceitação da influência climática também seria mais combatida, muito embora a teoria do clima não negasse a existência das raças. E mesmo aqueles que aceitavam a possível

⁸³ MAUPERTUIS, Pierre Louis Moreau de. *Dissertation physique à l'ocassion du nègre blanc*. Paris: Leyden, 1744.

influência do ambiente, começaram a destacar que a reversão da degeneração das nações era algo improvável. Porém, ideias que parecem “brotar” das tintas de homens do século XVIII haviam sido trazidas à baila em fins da centúria anterior, quando indivíduos como Bernier e Boyle descartavam a possibilidade de que homens africanos e americanos fossem da mesma raça. Como vimos, os letrados nem sempre se serviam da expressão raça para expressar suas hipóteses, de todo modo, a consideração do processo de degeneração como aquele que fora responsável por alocar a humanidade americana em patamar distinto dos homens europeus, estava posto na segunda metade do século XVII. O uso da expressão raça que, na Europa, era utilizado desde fins da Idade Média para hierarquizar grupos de animais e também grupos humanos, foi só uma questão de tempo.

Segunda parte

A DEGENERAÇÃO E A COMPOSIÇÃO DAS RAÇAS NOS SÉCULOS XVII E XVIII

Capítulo 4

RAÇA EM PERSPECTIVA

Quando utilizamos a palavra *raça* em um título, de antemão, sabemos da dificuldade que é manejar os significados deste vocábulo. Trata-se de um daqueles temas que já foi exaustivamente estudado, analisado e explorado, sobrando a sensação de que não há muito a se acrescentar. Mas, ainda assim, uma expressão difícil de ser escrutinada em sua origem e formas de utilização ao longo dos tempos. Como bem salientou certa pesquisadora, nas Ciências Sociais, definições, explanações, análises e interpretações das questões raciais, significados, problemas, interações, estratificações, dinâmicas, preconceito, discriminação e uma série de outras relações já foram estudadas quando se aborda a questão da raça. Entretanto, persiste uma grande dificuldade em se interpretar o significado dessa palavra em diferentes contextos históricos.¹

Por um lado, existem aqueles que defendem a ideia de raça, bem como o racismo, ainda que não sendo destacados com esses termos, como produto do pensamento Antigo, vindo nas relações entre diferentes povos, na Antiguidade, o germe de um comportamento racial ou racista. Para outros, a ideia de raça considerando os aspectos físicos seria um produto do fim da Idade Média, quando do acirramento dos contatos entre os europeus e outros povos de continentes e terras distantes. Alguns veem na relação entre cristãos e judeus o ponto de partida para se entender tal questão, ressaltando, inclusive, que o termo raça entra no vocabulário das línguas “nacionais”, no período da exasperação nas formas de abordar a demanda dos judeus, principalmente, em fins do século XV. Existem ainda, aqueles que entendem que raça é uma questão Moderna e deve ser compreendida na imbricação entre colonização e escravismo. Portanto, seria um fenômeno que se desenvolve, sobretudo, a partir do século XVI. Por fim, há os que defendem que somente no final do século XVIII é que raça começou a abranger os aspectos físicos e, por esse motivo, a consagração das questões raciais, tal como conhecemos, só teria ocorrido por volta da segunda metade do século XIX. Aqui, defendo que a ideia de raça considerando os aspectos físicos nasceu na América, entre os séculos XVII e XVIII, e sua nova

¹ SMEDLEY, Audrey. *Race in North America: origin evolution of a worldview*. Colorado: Westview Press, 1993, p. 13.

dimensão esteve intimamente relacionada com o acirramento das teorias e relatos que defendiam que o homem americano era produto de degeneração da espécie humana original.

Quanto à defesa de alguns autores que a palavra raça associada de forma mais perceptível com os aspectos físicos é algo que só se esboça em fins do século XVIII, tendo seu apogeu na centúria seguinte, pode-se dizer que estes acabam por minimizar a possibilidade de se estudar o referido fenômeno em tempos anteriores para buscar compreender, então, quais eram os códigos utilizados para se colocar em prática alguma classificação da humanidade. Evidentemente, as ideias de raça e racismo não são atemporais. Por isso, localiza-los em todos os períodos históricos conhecidos pela humanidade pode ser perigoso. Afinal de contas, ainda que em todas as eras humanas tenha ocorrido posições discriminatórias entre diferentes povos, entendo que as feições físicas não eram fator primordial na qualificação das distintas comunidades, em todos os tempos.

Mesmo assim, não há como negar que a inserção do Novo Mundo e seus diferentes povos na órbita das escrutinações europeias sobre a diversidade humana foi fundamental para que se desenvolvesse categorizações da humanidade que passaram a considerar cada vez mais os aspectos físicos dos indivíduos, ainda que, de início, os aspectos ligados à cultura, em geral, mormente a religiosidade, tenha sido o mais importante. Portanto, mesmo que a expressão raça, presente no vocabulário europeu desde o Medievo e assimilada com distintos significados quando do desenvolvimento da línguas vernáculas, não fosse um termo único de referência às diferenças presentes nos povos – rivalizando com *espécie*, *nação*, *tribos* e até *variedades* –, é possível que o estabelecimento da colonização na América, representada pelo encontro entre diferentes nações, além daquelas trazidas de outras margens do Atlântico, tenha sido fundamental para o desenrolar de um vocabulário racial. E, em particular, considerando de forma paulatina e crescentemente os aspectos físicos, embora nunca tenham sido abandonadas outros modos de classificação.

Mesmo porque a ideia de raça associada a uma postura científica e biologizante é algo que sofreria maiores contornos em fins do século XVIII. Contudo, pode se observar como essa expressão e outros termos concorrentes foram utilizados na centúria anterior para promover a diversidade humana, analisando a partir dos relatos dos viajantes, bem como as obras de referência do período e os escritos dos filósofos naturais, quais eram as chaves explicativas para se entender a pluralidade das gentes na América e até que ponto os caracteres físicos foram importantes no desenvolvimento dos inventários do homem americano.

4.1 Raça: produto da modernidade

Audrey Smedley, antropóloga e historiadora, assim como grande parte dos estudiosos, afirma que o conceito de raça deve ser abordado como uma ideia que se concebeu a partir do período Moderno. Logo, trata-se de uma expressão que se teceu bem recentemente na história humana. Ressalta, além disso, que a estrutura cultural que forjou uma visão de mundo com base na raça coincide com a expansão colonial de algumas nações da Europa durante os últimos cinco séculos, marcada pelo encontro de populações bem diferentes, e pelo estabelecimento de uma forma ímpar de escravidão.

Portanto, apesar da expansão, da conquista, da exploração e do ato de escravizar terem sido inerentes à história humana ao longo dos séculos anteriores ao mundo Moderno, aqueles não foram eventos marcados pelo desenvolvimento de ideologias ou de sistemas sociais baseados na ideia de raça. Depreende-se então, segundo Smedley, que o racismo é um conceito moderno, sendo assim, antes do século XV, não houve nada de expressivo na vida e no pensamento do Ocidente que possa ser descrito como racista. Por essa perspectiva, a autora leva a crer no desafio de se reivindicar classificações e ideologias raciais como universais e com profundas raízes históricas. Apesar disso, ela destaca que suas análises se circunscrevem ao mundo Ocidental.²

Desse modo, o estabelecimento dos impérios coloniais, na sua ligação com a competitividade entre as nações envolvidas na expansão e, de certa maneira, a consciência dos povos europeus de que possuíam o poder de dominar, foram os responsáveis por interferir na forma como os homens do Velho Mundo estabeleceram seus métodos no trato com os estrangeiros, muito embora a historiografia venha minimizando, nos últimos anos, esse poderio dos conquistadores. Seja como for, é notório que o aparecimento da palavra raça associada à forma de classificação dos seres humanos começou a surgir nas línguas de espanhóis, portugueses, italianos, franceses, alemães, holandeses e ingleses, ao passo que esses grupos foram estabelecendo impérios coloniais no Novo Mundo e na Ásia, começando, assim, a lidar com a heterogeneidade dos povos dessas regiões. Contudo, a ideia de raça variava de acordo com os poderes colonizadores. Neste sentido, para Smedley foram os ingleses, na América do Norte, que

² SMEDLEY, Audrey. *Race in North America: origin evolution of a worldview*. Colorado: Westview Press, 1993, p. 15-16.

desenvolveram a mais rígida e exclusiva forma de ideologia racial.³ Como se verá no próximo capítulo, não há nada no vocabulário inglês dos séculos XVII e XVIII, mormente ao uso de termos como raça, nação e espécie, que comprovem a hipótese da autora. Por isso, venho defendendo que quando se aborda a questão da raça e seus significados nos séculos XVII e XVIII, deve se fugir de visões que busquem apontar como cada povo da Europa lidava com diferentes nações existentes no Novo Mundo, deve-se privilegiar uma visão europeia, mais geral.

Joyce E. Chaplin, historiadora, doutora pela Johns Hopkins em 1986, em chave explicativa semelhante à de Smedley, considera que a ideia de raça pode ser traduzida pela percepção física diferente visando relacionar com hereditariedade e numa forte associação com a cor da pele, talhada para subjugar o outro. Portanto, partindo desse ponto de vista, ela reitera que se trata de uma ideia peculiar ao mundo Atlântico e criada pela colonização europeia. Além disso, Chaplin não questiona a existência de precedentes que nos levem a pensar em raça e racismo em teorias anteriores à chegada dos europeus à América.

Entretanto, ela entende esse mecanismo de confecção da raça no período Moderno como algo completamente estranho aos olhos dos mundos Clássico e Medieval, apesar da considerável experiência que esses povos possuíam em termos de exploração, xenofobia e imperialismo. Talvez, para a autora, mais do que qualquer conjunto de ideais, raça teve sua origem no mundo Atlântico. Sendo assim, a história da escravidão demonstraria que o racismo apresentou aguda influência na região, com fortes implicações para as populações que se misturaram na América, para as estruturas sociais das colônias e para as ideias de direitos políticos em ambos os lados do oceano.⁴ Entendo que a escravidão não é o suficiente para se explicar o novo sentido de raça no Novo Mundo. É uma das variáveis, mas não a única. Afinal, o processo degenerador, apontado pelos relatos de viagens do século XVII e XVIII, também estava associado com as raças indígenas que, em muitas regiões, não fora utilizada como cativa.

Dito isso, faz-se mister pontuar que a palavra raça teria sua procedência, de acordo com Chaplin, nas linguagens usadas em romances, durante a Idade Média, e designava grupos de pessoas que compartilhavam as mesmas características, descrevendo assim, de forma simples e neutra, a etnia, a nacionalidade, os grupos de línguas ou de parentesco, sendo que, somente no

³ SMEDLEY, Audrey. *Race in North America: origin evolution of a worldview*. Colorado: Westview Press, 1993, p. 16.

⁴ CHAPLIN, Joyce E. Race. In: ARMITAGE, David; BRADDICK, Michael (org.). *The British Atlantic World, 1500-1800*. New York: Palgrave Macmillan, 2002, p. 154-155.

século XVIII, tal termo se associaria a uma consistente conotação de julgamento, indicando diferenças, servindo para descrever superioridade e inferioridade, cujas implicações redundaram numa herança de *status* da qual nenhum indivíduo podia escapar. Portanto, a autora se filia ao mesmo campo da antropologia histórica de Audrey Smedley, apontando o século das “Luzes” como aquele em que se pode observar mais pontualmente o uso da palavra raça assumindo posições mais proeminentes no projeto classificatório da humanidade. Tal posição defendida por ambas as autoras pode ser questionada se analisarmos, por exemplo, a obra do teórico britânico Robert Boyle que, concluída após mais de vinte anos de pesquisa e, apresentada em 1664, destacava que tanto os animais como os homens poderiam ser classificados em raças, ao se considerar as características físicas. Portanto, no século XVII.⁵

Joyce Chaplin defende ainda que na Europa Medieval e em grande parte do período Moderno, o pertencimento religioso era o responsável pela categorização dos seres humanos. Portanto, era a Cristandade que designava a parte do mundo central para a cosmografia cristã. Ou seja: ser cristão ou não é o que determinava se o indivíduo era europeu. Dessa forma, a religião denotava pertencimento ou exclusão ao mundo ocidental, indicando, a partir desse dado, os termos e dispositivos para se perseguir alguém ou sua possível exploração. Apesar de concordar com a autora, penso que a problemática da degeneração do homem do Novo Mundo, tão presente nos relatos de viagens do século XVII, mesmo naqueles religiosos, apontava que era impossível reverter o processo degenerador e, portanto, os americanos eram de nações diferentes, isso considerando a cor da pele e outros traços, o que em alguns testemunhos estava expresso na palavra raça.

⁵ BOYLE, Robert. *Experiments and considerations touching colours*. First occasionally written, among some other essays, to a friend; and now suffer'd come abroad as the beginning of a experimental history of colours. London: printed for Henry Herringman at the Anchor in the Lower-Walk of the New-Exchange, 1664: “The cause of the blackness of those many Nations, which by one common Name we are wont to call Negroes, has been long since disputed of by Learned Men, who possibly had not done amiss, if they had also taken into Consideration, why some whole races of other animals besides Men, as Foxes and Hares, are distinguished by a blackness not familiar to the Generality of animals of the same Species; The General Opinion (to be mentioned a little lower) has been rejected even by some of the antient Geographers, and among the Moderns ortelius and divers other Learned Men have questioned it. But this is no place to mention what thoughts I have had to and from about these matters: only as I shall freely Acknowledge, that to me the Enquiry seems more abstruse than it does to may others, and that because Consulting with authors, and with Books of Voyages, and with travellers, to satisfie myself in matters of fact, I have met with some things among them, which seem no to agree very well with the Notions of the most Classic Authors concerning these things; for it being my presente work to deliver rather matters Historical than Theories, I shall annex some few of y collections, instead of Solemn Disputation. It is commonly presum'd that the heat of the climates wherein they live, it is the reason, why so many Inhabitants of the Scorching Regions of Africa are black”.

Seja como for, Joyce Chaplin entende que, antes do período das expansões marítimas, as características humanas eram vistas como diferenças meramente acidentais, feições fortuitas que poderiam ser mudadas, dentro de tempos específicos ou através das gerações, se novos costumes fossem introduzidos ou os indivíduos fossem migrados para outros climas. Deste modo, não existia nenhuma teoria que justificasse a exploração de povos diferentes e que fosse respaldada pela perspectiva de inferioridade dos grupos. Logo, uma ideia essencial para o desenvolvimento das teorias de raça era completamente ausente. Assim, seu incremento, conforme conhecemos, só se deu, ainda que de maneira inconclusa, a partir da colonização do lado ocidental do Atlântico, chegando à sua forma mais acabada na segunda metade dos anos mil e setecentos.⁶ O problema da tese da autora é partir do pressuposto de que a ideia de raça, na América, foi usada somente como justificativa para subjugação humana. Como se viu ao longo da tese, relatos de viagem destacavam que, no Peru, a nobreza incaica mantida nos quadros do poder, era designada como raça de nobres e não era subjugada, ainda que o termo fosse usado como forma de separação de grupos: raça de nobres de um lado e os demais, maioria sem título e com sangue impuro, de outro.

Decerto, a ideia de raça com formato mais apropriado e próximo ao que conhecemos hoje pode ter se forjado em fins do século XVIII. Mas a análise de relatos de viagens demonstra que a religião não era a única forma existente para categorizar os grupos humanos, pelo menos não no século XVII, uma vez que se abordava o aspecto da degeneração da espécie humana sem, contudo, dissertar sobre a possibilidade de reversão da mesma. E essa degeneração era amparada pela influência do clima, resultando não só em caracteres físicos distintos como em comportamentos ditos como desviantes se comparados ao homem branco e europeu.

Para Audrey Smedley, raça é um termo como algo semelhante a uma visão de mundo, daí a explicação para a expressão *worldview* no título de sua obra. Nos Estados Unidos, Austrália, África do Sul e em outras diferentes regiões do mundo, para a autora, se manteve um sistema cosmológico que ordena e divide os povos do mundo biologicamente em discretos e exclusivos grupos. E essa visão de mundo com base racial mantêm a ideia de que os grupos são diferentes por natureza e podem ser hierarquizados ao longo do binômio superior-inferior. Raça como uma

⁶ CHAPLIN, Joyce E. Race. In: ARMITAGE, David; BRADDICK, Michael (org.). *The British Atlantic World, 1500-1800*. New York: Palgrave Macmillan, 2002, p. 160-166.

visão de mundo também pode ser entendida como composta de componentes ideológicos específicos.

Não por outros motivos, por ideologias a autora entende o conjunto de crenças, valores e pressupostos realizados em fé e, geralmente, relacionados a fatos empíricos que funcionam como diretrizes para/ou prescrições relacionadas ao comportamento individual e em grupo. A substantiva crença ideológica sobre as diferenças humanas tende a variar no tempo e no espaço, dependendo dos valores, histórias e experiências dos poderes colonizadores. Logo, podemos usar os termos visão de mundo e ideologia de forma intercambiável com o reconhecimento de que há um alto nível de correspondência entre eles.

Deste modo, para Smedley, a ideia de raça, desde seus primórdios, teria sido uma classificação produto de crenças populares sobre as diferenças humanas, que foram se desenvolvendo do século XVI até o século XIX. Como visão de mundo, foi um sistema de ordenação estruturado fora das realidades política, econômica e social de povos que emergiram como expansionistas, conquistadores e nações dominadoras em busca de riquezas e poder.

Como classificação popular, Smedley se refere às ideologias, distinções e percepções seletivas que constituem as imagens e interpretações dos grupos populares a respeito do mundo. Povos em todas as sociedades compreendem o globo através de prismas culturais e vivências oferecidas a eles. Eles impõem significados nas novas descobertas e experiências que emanam de seu próprio condicionamento cultural que são circunscritos por valores existentes. De fato, a proposição da autora é bem interessante e, acredito que, a ideia de raça considerando as características físicas deve ser interpretada dessa maneira. Ou seja, uma expressão que na Europa era utilizada, desde fins da Idade Média como forma de hierarquização dos grupos humanos, assim como fora usada para enquadrar animais; no Novo Mundo, ainda se viu na encruzilhada de se associar com uma humanidade considerada por alguns como fruto de degeneração, sendo a expressão máxima desse processo, as diferentes colorações de pele.

Além disso, para a autora, como todos os elementos da cultura, a visão de mundo racial também é dinâmica, sujeita a oscilações interpretativas, de tempos em tempos intensificada ou reduzida, modificada ou reinventada para responder às mudanças circunstanciais. E também manifesta contradições e inconsistências, assim com as experiências de vida, diferentes forças sociais e os novos conhecimentos provocam sutis modificações nas atitudes em relação às

diferenças humanas.⁷ Daqui nasce a minha preocupação de observar como as fontes de época apresentam as diferenças humanas entre os séculos XVII e XVIII e qual o vocabulário usado pelos homens do período para a confecção dos inventários dos povos americanos.

Audrey Smedley indica que, como conceito popular, a ideia de raça, inicialmente, não possuía base, nenhum ponto de origem nem na ciência e nem nos estudos naturais do período. Mas, com o tempo foi acolhida, começando, na segunda metade do século XVIII, a ser legitimada pelos naturalistas e por homens da ciência, como produto de investigações. Os cientistas, por eles mesmos, começaram a correr atrás de experiências e com isso a produzir documentos que comprovassem a existência de diferenças que a visão de mundo da cultura europeia já havia criado. Nesse ponto, a referência se dá à obra de homens como Lineu e Buffon, responsáveis por apresentar teorias classificatórias que dessem conta da diversidade vegetal e animal existentes na face da terra.

Em outros termos, a ideia apresentada pela antropóloga é de que a ciência se debruça em dúvidas colocadas anteriormente pelos populares e que, raça como um conceito popular, só começa a ser investigada a partir do desenvolvimento das ciências do século XVIII. Tal posição assinala para alguns problemas. Primeiro: circunscrever o desenvolvimento da ciência ao século das “Luzes” minimiza os esforços dos homens de períodos anteriores para explicar os fenômenos da classificação humana através de uma base científica; na América espanhola, por exemplo, os viajantes foram criteriosos ao estudar a Astrologia, considerando o formato das estrelas, a disposição do céu americano, bem como o conjunto dos astros que bailavam no firmamento da região como responsáveis diretos pelas características físicas e comportamentais do homem do Novo Mundo.

Em segundo lugar, a autora parte do pressuposto de que a cultura popular europeia foi responsável pelo nascimento da ideia de raça considerando os caracteres físicos e, por essa perspectiva, perde de vista que os povos do Novo Mundo, bem como a reinterpretação das teorias do Velho Mundo, a luz da realidade americana, no contato dos viajantes com a humanidade da América, foram fundamentais para realocar e conceder novos significados ao termo raça. Se os teóricos e viajantes do século XVII degeneraram os nativos americanos e os africanos que foram

⁷ SMEDLEY, Audrey. *Race in North America: origin evolution of a worldview*. Colorado: Westview Press, 1993, p. 26.

forçados a se estabelecerem naquela região, os letrados do século XVIII, ainda no seu início, foram fundamentais para colocarem em prática uma releitura do termo raça.

Considerações à parte, Smedley concluí que se a primeira aplicação generalizada de raça na língua inglesa, para classificar as populações humanas, foi no século XVIII, o termo já era uma das palavras usadas para categorizar povos com estruturas corpóreas distintas. Até porque se todos os seres humanos fossem realmente considerados, pelo menos potencialmente iguais, pelos exploradores europeus, não teria existido a necessidade da aplicação da palavra raça para caracterizar os novos grupos. Em síntese, os povos poderiam ter continuado a serem classificados com a utilização das formas usuais que haviam sido empregadas anteriormente, tais como os termos *povos*, *sociedades* e *nações*. Dessa forma, como aponta a autora, a separação e a desigualdade eram as marcas centrais da ideia de raça, desde o início da utilização desta expressão.⁸

4.2 Raça: fruto do século XVIII

Em *The complexion of race: categories of difference in eighteenth-century british culture*,⁹ Roxann Wheeler, professora da Universidade de Ohio, destaca que a ideia de raça considerando os aspectos físicos, sobretudo a cor da pele dos indivíduos, é algo próprio do século XVIII, principalmente em seus anos finais. Dessa forma, durante toda a Era Moderna a cor da pele não era a única forma – e nem mesmo a mais importante – de registrar as diferenças humanas, não sendo também o clima, o único fator – ou o mais vultoso – responsável por esculpir as aparências externas.

Nesses termos, Wheeler entende que as características físicas no papel principal de classificar as diferenças entre os povos são bem mais próximas do século XIX do que de séculos anteriores, onde o conceito de raça na sua associação com a *cútis* ainda era muito frágil e, portanto, rivalizava com outros aspectos sociais que poderiam ser levados em consideração

⁸ SMEDLEY, Audrey. *Race in North America: origin evolution of a worldview*. Colorado: Westview Press, 1993, p. 26.

⁹ WHEELER, Roxann. *The complexion of race: categories of difference in eighteenth-century british culture*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

quando do processo de escrutinar as origens, os desenvolvimentos e as características dos povos do mundo.¹⁰

Pela perspectiva acima, através do século XVIII, as concepções mais antigas do cristianismo, civilidade e mapeamento em termos de posição social, foram mais importantes para a avaliação dos britânicos sobre eles mesmos e sobre outras pessoas do que os atributos físicos. Deste modo, a ideia de raça considerando os aspectos físicos, apesar de aparecer em textos e estudos anteriores ao século XIX, não apresentava indícios que nos levem a crer na importância desses aspectos para se conhecer as diferenças humanas. Portanto, pelo menos para os britânicos, à época Moderna, existiam aspectos mais extraordinários de consideração dos povos e suas diferenças. Dentre essas diferenciações, se pode apontar, por exemplo, a religião e a forma de se vestir dos povos, conforme assevera a autora.

Quanto à religião, Wheeler ressalta que os britânicos acreditavam na unicidade da criação humana e, portanto, tendo esses eventos ocorridos tal qual descrito no Gênese bíblico. Entendiam ainda que todos nasciam brancos e, a partir daí, com a dispersão pelo mundo e as variações de temperatura é que teriam ocorrido as diferenças físicas externas. Assim, a ideia de que todos haviam nascido iguais, compartilhando então de um ancestral comum, fazia com que a diversidade existente na humanidade, tecnicamente, fosse insignificante. De fato, pela perspectiva da autora, a religião era a mais importante categoria de diferenciação para os britânicos, o que os faziam se comparar com os demais povos, durante o século XVIII. Logo, o Cristianismo é que funcionava como uma ideologia proto-racial florescida em torno de si mesmo e operando em conjunto com outras categorias.

A autora, decerto, não ignora as características físicas. Mas estabelece relações com outras explicações em que acaba por reduzir o papel da cor da pele nas classificações e, com isso, desqualifica a utilização do termo raça, não se dedicando, inclusive, a esclarecimentos que possam dar conta da forma como essa palavra era utilizada na Era Moderna, incluindo nesses termos o próprio século XVIII com o qual ela se propõe a trabalhar. Portanto, para a autora, o desenvolvimento da História Natural teria sido o responsável pelo incremento de uma nova terminologia para a classificação humana, no século das “Luzes”. E o termo raça, nessa conjuntura, teria acumulado novas definições, demonstrando a dificuldade do ser humano de

¹⁰ WHEELER, Roxann. *The complexion of race: categories of difference in eighteenth-century british culture*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000, p. 8.

inventar outras palavras para se referir a novos contextos. Na verdade, Roxann Wheeler entende que outras expressões, como *variedades*, acumularam muito mais importância ao se elencar a diversidade humana do que raça.¹¹

Portanto, Wheeler assume uma posição que se afasta, substancialmente, daquela defendida por Smedley, em 1993 e mais tarde, em 2002, por Chaplin. A obra de Wheeler é de 2000 e indica, dessa forma, um total descrédito à utilização da palavra raça no mundo inglês do século XVIII. De fato, como se observará a seguir, tal expressão não assume um papel proeminente nas obras de referência da língua inglesa, por mais que esteja presente em diferentes fontes de época como elemento aglutinador de classificação, cujo objetivo era classificar em melhor ou pior, superior ou inferior, ainda que estivesse abordando um conjunto determinado de animais, a exemplo dos cavalos. Ignorar o uso da expressão raça como elemento classificador, antes de fins do século XVIII, é o mesmo que lançar uma visão míope sobre o problema da classificação humana.

Roxann Wheeler não nega que os caracteres físicos eram considerados nos procedimentos de análise dos povos não europeus. Mas minimiza o peso desse aspecto no processo de classificação. Ao contrário da autora, entendo que não só os britânicos, mas outros povos europeus, avaliavam com cuidado a cor da pele no processo de enquadramento dos povos do Novo Mundo. Afinal, se preocupavam em estabelecer teorias que explicassem as razões das diferenças e, quase sempre, entendiam que a cor original e ideal era a branca. Portanto, tal posição soa como argumento para classificação. Os britânicos categorizavam os negros africanos a partir da cor da pele, desde o século XVI, e se a relação com os indígenas passava pelo crivo religioso em termos de classificação, nem por isso a cor da pele deixava de ter importância. Fato este evidente em relatos de viajantes e nas obras dos teóricos de gabinete europeus.

Então, para Roxann Wheeler, convencionalmente, raça significava linhagem familiar e poderia ser um termo aplicado para se falar de humanos, sobretudo quando buscava se diferenciar dos animais. Ainda poderia ser usada para um subgrupo de pessoas – raça irlandesa, por exemplo – ou até mesmo para se referir a objetos não humanos, como raça vegetal. Durante o século XVIII, a palavra raça foi usada por alguns escritores de uma forma reconhecidamente diferente de seu sentido atual, esse que denota uma separação muito rígida entre os grupos. Portanto, para a

¹¹ WHEELER, Roxann. *The complexion of race: categories of difference in eighteenth-century british culture*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000, p. 32.

autora, a cor da pele não era fundamental na classificação. No entanto, uma análise mais minuciosa de relatos de viagens confeccionados a partir da América inglesa, demonstra que, ao longo do século XVIII, a cor da pele entrava no processo de classificação e era associada com o termo raça, como demonstra o viajante Bernard Romans.¹²

Ora, a tese de Roxann Wheeler, que diminui a importância da cor da pele nas classificações dos seres humanos antes de fins do século XVIII, assim como a flexibilização quanto aos significados que carregavam a palavra raça, contrasta com as proposições defendidas há algum tempo por autores como Winthrop D. Jordan que, em obra clássica sobre as atitudes dos ingleses em relação aos negros africanos, destaca que no período Elisabetano, a metáfora da cores possuía importante papel na sociedade inglesa. Desse modo, a cor branca e a vermelha se associavam à pureza e a perfeição humana, ao passo que a cor preta era considerada nos textos de época como algo ruim e o negro visto como um ser humano feio.

Winthrop Jordan, no livro *White over black*, desdobramento de sua tese de doutorado, defendida em 1968, ressalta que os ingleses da época Moderna, ao avaliarem as determinações climáticas, proposição tão cara aos filósofos desde a Antiguidade, questionavam a possibilidade de reverter a coloração da pele, uma vez que se tratava de uma infecção nos indivíduos que haviam chegado em terras diferentes, sendo impossível voltar atrás no processo. Seja como for, Jordan entende que, apesar de fluído, o comportamento dos ingleses em relação aos africanos

¹² ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776, p. 56: “I think therefore that (as mentioned before) we do not at all derogate from God’s greatness, nor in any ways dishonour the sacred evidence given us by his servants, when we think, that there were as many Adams and Eves (everybody knows these names to have an allegorical sense) as we find different species of the human genus; is this not a more natural way, agreeing more with the proceedings of a God of order, than the silly suppositions that the variety is an effect of chance, much less a consequence of curses? The more so, as neither has any foundation in God’s holy word; why must we think that the curses of a head of a Family, should effect each race with a peculiar set of features, and shape of body? Or one tribe with red, a second with a sallo (pálida), a third with a yellow, and a fourth with a black colour, etc? Besides we read of but one curse of this kind; they are different species then. Anatomy has taught us, that the boné of a Negroe’s skull, is always black, that besides the Tunics of which our skins are composed, they have an additional one, consisting of numerous vesicles, filled wih a black in-like humour; see here then two characteristics, besides the blackness of the skin, whereby this fable race is distinguished; may not experience teach us, that when the other species are more carefully examined, they will all be found to have some such peculiar character of distinction? Why then shall we involve ourselves into numberless, needless, difficulties about the origin of these so singular people, so very different from all other tribes on the globe, yet so very similar to each other: throughout their own continent their wild manners are universally alike; their languages only differ; why then can we not take the more easy way in saying, God has created an original pair here as well as elsewhere: is not this opinion supported by our finding numberless other kinds of the animal kingdom on this continent peculiar to itself [...]”.

negros, antes de se estabelecer a escravidão no Novo Mundo, era de desconfiança em relação aos mesmos e também de desconforto com a cor preta que eles carregavam.

Jordan aponta que os grandes teólogos da Igreja, em alguns momentos, relacionavam o curso de Cam, personagem bíblico do livro Gênese, com a escravidão por conta de uma maldição. Contudo, durante a Idade Média, não se discutia a ideia de que a cor da pele desses “amaldiçoados” era preta. Mesmo no século XVII, quando se tornou popular a história do opróbrio, justificando assim a escravidão, era pouco aceito pelas pessoas a hipótese que envolvia africanos e praga bíblica. Em longo prazo, evidentemente, a cor dos negros alcançou espetacular significado, não como um problema científico, mas como um fato social. Os ingleses encontraram na cor escura da pele dos seres humanos um ponto peculiar e importante para a diferenciação. Tal distinção na *cútis* também serviu, favoravelmente, como rótulo que identificava os nativos de distantes continentes como pertencentes ao que os homens da era cristã entendiam como povos de terra e religião imperfeitos.¹³

O autor também entende que as ideias inglesas sobre as pessoas negras, no século XVII, não foram alocadas em chave definitiva. Mas, por volta de 1620, as atitudes dos ingleses em relação aos pretos começaram a se tornar mais nítidas e um estereótipo começou a emergir. O passo mais crítico – o envilecimento dos negros e a relação dos mesmos com a escravidão – só veio com o resultado da experiência colonial na América do Norte. O conceito de *White over black* – inclusive tomado como parte integrante do título da obra de Jordan –, se tornou uma espécie de lei em Barbados, por volta de 1630, e na Nova Inglaterra, por volta de 1640.

Portanto, a ideia de o branco estar acima do negro triunfou através das paragens que falavam a língua inglesa, na segunda metade do século XVII. Todavia, a consideração da cor da pele no processo de classificação humana, no caso da relação dos ingleses com outras partes do mundo, se deu bem anteriormente ao florescer do processo colonizador e da escravidão, o que diferencia suas ideias daquelas que, nos anos 2000, propôs Roxann Wheeler.

A forma mais apaixonada como Winthrop Jordan apontava suas proposições, em parte se deve ao contexto em que o autor escreve, a saber, a década de 1960, momento marcado pelas lutas em favor dos direitos civis dos negros americanos, ao passo em que Wheeler, de outra geração, escreve fora do calor daqueles acontecimentos e analisa um grupo diversificado de

¹³ JORDAN, Winthrop D. *White over black: American attitudes towards the Negro, 1550-1812*. Baltimore: Penguin Books, 1969, p. 20.

fontes. A posição do autor se assemelha de alguma forma com as de Smedley e Chaplin, quando apresenta que a utilização do termo raça considerando os caracteres físicos na Idade Moderna é anterior ao uso desse termo pelas bases científicas. E recorre à sociologia de Émile Durkheim para concluir que a ideia de raça na sua imbricação com cor da pele, ainda muito cedo, ou seja, na Inglaterra Elisabetana, se tornara um fato social, marcada então, por aquilo que é inerente ao coercitivo, exterior e geral na sociedade. Há, dessa maneira, um certo exagero nas proposições do autor.

Alden T. Vaughan e Virginia Mason Vaughan, o primeiro doutor pela universidade de Columbia com uma tese sobre as raízes do racismo (1995), indicam que as narrativas sobre o Novo Mundo primavam por destacar as diferenças nos costumes e na cultura dos povos. No entanto, assim como Jordan, entendem que as representações a respeito dos africanos que circulavam na Inglaterra, no tempo de Elisabeth I, focavam nas diferenças físicas e na consequente inferioridade natural dos povos oriundos da África. Tais representações, quase sempre, focavam na cor da pele dos indivíduos, depreendendo-se daí que os africanos se enquadravam em uma categoria diferenciada da humanidade. Para os Vaughan, a ideia de raça aparece com os ingleses, ainda que imprecisamente.

Os autores entendem que bem antes do período de difusão da literatura e das crônicas de viagens Elisabetanas, os ingleses já haviam tido contato com informações sobre os africanos e suas características físicas. Muito antes do século XV, traduções de Heródoto e Plínio, muito embora esses textos nem sempre sejam extremamente evidentes a respeito dos povos africanos, traziam informações, sobretudo, a respeito da coloração da pele dos negros. Obras como a de Mandeville foram fundamentais para os ingleses tomarem conhecimento sobre os negros africanos, e não só o povo da ilha, mas do continente também, uma vez que homens como Cristóvão Colombo e tantos outros viajantes se norteavam por conhecimentos passados, desde o período Medieval, por obras como a supracitada.¹⁴

Ainda buscando inserir a importância da coloração da pele nos debates em torno da origem dos povos encontrados pelos europeus, os Vaughan destacam que a explicação do clima como causa da pigmentação dos africanos era lugar comum durante os séculos XV e XVI. Em *The fardle of facions*, uma tradução inglesa de 1555, para os autores, Boemus sugeria que o clima

¹⁴ VAUGHAN, Alden T.; VAUGHAN, Virginia Mason. Before Othello: Elizabethan representations of sub-saharan Africans. *The William and Mary Quarterly*, Third Series, v. LIV, n. 1, jan. 1997, p. 23.

da Etiópia explicava não somente a cor dos seus habitantes como seus estranhos costumes. André Thevet, segundo os autores, traduzido para o inglês na década de 1560, destacava que os africanos eram pretos por fora por conta do calor e da exposição ao sol, mas por dentro eram pessoas frias. Ao contrário dos ingleses que apresentavam uma coloração branca por fora, mas, interiormente, seu corpo era quente, marcando sua coragem e ousadia. Assim, nas considerações que essas obras teciam a respeito dos africanos, a cor preta de pele e a nudez, definitivamente, chamavam a atenção dos ingleses.

Portanto, naquele período, a crescimento do corpo de textos em inglês sobre a África e os africanos também trazia posições ambíguas, às vezes contraditórias, mas, independentemente da posição, a pigmentação da pele e o peso dos costumes, quase sempre, são observáveis nesses escritos. As viagens de 1554-1555 foram importantes para as primeiras descrições entre os ingleses sobre a Guiné. Mais importante ainda, por levar para a Inglaterra um número, ainda que reduzido, de escravos. Como mercadores, interessados em explorar, levados pelas histórias de marfins, metais preciosos e especiarias do continente africano, os homens ingleses tinham como principal interesse sequestrar os africanos não para usá-los como servos, mas para usar seus serviços na volta em expedições, sobretudo, como guias e intérpretes.

Além disso, se a explicação da coloração da pele passava pela tônica do clima das regiões, segundo os Vaughan, também existiram homens como George Best, responsável por elevar o nível da visão pejorativa a respeito da razão da cor da pele dos negros. Como Mandeville e outros antes dele, Best era fascinado pela cor preta dos africanos. Entretanto, diferentemente de seus contemporâneos, rejeitava a explicação climática para a coloração da pele. Insistia, dessa forma, que o clima não poderia causar a coloração, pois uma mulher negra levada à Inglaterra teria dado a luz a uma criança negra conforme ela. A melhor explicação para a cor preta de pele, segundo ele, seria uma infecção natural que os primeiros habitantes teriam contraído, continuando por longo tempo e ainda acometendo os povos daquela região. Como vimos, anteriormente, o viajante M. Frazier, ao passar pela América em 1712, destacava que a causa da cor vermelha da pele dos nativos eram doenças peculiares ao ambiente do Novo Mundo e, portanto, irreversíveis. Por isso as espécies daquela região eram degeneradas.

E a explicação para tal infecção, por certo remontava novamente ao Gêneses, no episódio da arca de Noé, onde seu filho, o desobedecendo, teria tido contato sexual com sua companheira e, assim que o dilúvio acabou, Deus teria decretado que o filho dessa relação era amaldiçoado,

com a cor preta da pele e também com o aspecto, nas palavras de Best, nojento. Logo, de acordo com a explicação que os Vaughan obtêm na análise da obra de Best, a cor preta da pele não teria sido somente um fenômeno da epiderme, mas o resultado de um espetáculo.¹⁵

De todo modo, a espetacularização em relação a variação na pigmentação humana também foi pauta de viajantes como Francisco Lopez de Gómara que, não sendo inglês, observava que uma das melhores coisas que Deus teria feito na composição humana eram as diferentes cores de pele. Ele também rejeitava a ideia do clima como causador das diferenças, entendendo que este era um mistério de Deus e com isso não tecia nenhum julgamento que privilegiasse algum grupo.

Para os Vaughns a pele preta dos africanos da região do Saara – a característica mais imediata e óbvia aos olhos europeus – era a antítese visual da cor branca de pele tão premiada por Elizabeth e suas senhoras. A cultura africana, reportada pelos escritores do século XVI, contrastava de forma não favorável com as normas inglesas e quando os caracteres africanos se tornavam pauta dos comentários, eram anotações predominantemente condenatórias. Assim, manifestações que percebiam as diferenças de cor, cultura e dos caracteres físicos rapidamente se tornaram a marca em completas e variadas publicações inglesas. A mensagem persistente sobre os africanos em *Principal Navigations* (obra do século XVI analisada pelos Vaughns) era que eles eram marcados pela cor preta, frequentemente perigosos, e radicalmente diferentes não somente dos ingleses, mas de forma implícita de todos os outros seres humanos. E havia específicas qualidades que os separavam – física, política, social e religiosamente – e que os colocavam separados, de forma invariável, com uma análise em tons pejorativos.¹⁶

O Estado inglês estava em seu processo de formação, em busca de políticas e crenças religiosas em comum, bem como à caça de símbolos que representassem, através da literatura e da arte, aquilo que eles gostariam que ficasse explícito no “ser inglês”. E, apesar das ideias a respeito sobre os homens de cor preta, à época, não serem conclusivas, as representações inglesas dos africanos, sobretudo da região subsaariana, impressas ou em performances, eram incrivelmente numerosas e focadas, acima de tudo, numa visão crítica dos corpos e crenças, costumes e feições. Ao fim, a cor da pele dos negros era vista como algo ruim ou como uma

¹⁵ VAUGHAN, Alden T.; VAUGHAM, Virginia Mason. Before Othello: Elizabethan representations of sub-saharan Africans. *The William and Mary Quarterly*, Third Series, v. LIV, n. 1, jan. 1997, p. 27.

¹⁶ VAUGHAN, Alden T.; VAUGHAM, Virginia Mason. Before Othello: Elizabethan representations of sub-saharan Africans. *The William and Mary Quarterly*, Third Series, v. LIV, n. 1, jan. 1997, p. 38.

punição divina. Nessa linha de pensamento, os Vaughan acabam por adotar, por volta dos anos de 1990, a tese que Jordan defendia nos anos sessenta.

Roxann Wheeler, na contramão dos pesquisadores acima, mas dialogando com eles, uma vez que sua obra busca relativizar a conclusão apresentada pelos Vaughan, identifica um importante problema na história da Cultura que seria: como, quando e por que preto e branco se tornaram marca crucial de identidade social? Para a autora, tão enraizada é a cor da pele em nossas suposições sobre a humanidade que essa questão tem sido mal analisada quando se aborda períodos anteriores ao do recrudescimento do racismo biologizante. De tal modo, até o século XVIII, os britânicos, assim como os outros europeus ocidentais, classificavam os seres humanos com base na cultura e não na cor da pele. Eles operavam, de acordo com Wheeler, com base na teoria da multiplicidade, definindo os diversos povos no primeiro império britânico por critérios como religião, canibalismo, roupas, comércio e civilidade, bem como o gênero. Logo, para a autora, isso se torna evidente se analisarmos, por exemplo, a primeira edição da enciclopédia britânica, de 1771, que nada se falava sobre o moderno sentido de raça. Curiosamente, uma década depois se revelou uma explosão de interesse em cor da pele como uma ideologia em construção.

E a pesquisadora observa essas mudanças através da análise de um pequeno corpo de textos literários e percebe que, no século XVIII, grande parte dos britânicos entendiam a diversidade humana com base no conhecimento que obtinham sobre a teoria do clima, cara aos pensadores da Antiguidade, e, junto com isso, a teoria humoral, bem como as perspectivas do Iluminismo escocês, que defendia os estágios de progresso pelos quais as sociedades havia ou haveria de passar, que surgia desde o primitivo até alcançar o civilizado, ou seja, atravessando por fases como caça, colheita, agricultura, até chegar ao comércio. Deste modo, se os povos caminhavam nesse sentido, a saber, em direção ao desenvolvimento do comércio, tecnicamente, as teorias de modernização difundidas pelo Iluminismo apresentavam um vértice etnográfico neutro.

Ao aumentar, ainda que numa rápida comparação, o seu campo de análise para a Europa Ocidental, Wheeler não aponta fontes suficientes que possam respaldar sua tese e, com isso, deixa de perceber a importância da palavra raça na sua junção com as características físicas dos povos. Teóricos da diversidade humana e relatos de viagens ao longo do século XVIII, apontavam para o uso do termo raça considerando os caracteres físicos como promotores da

classificação dos grupos humanos. Em 1765, Le Cat buscava entender qual era a razão da raça branca ter se degenerado e, dessa forma, aparecido os negros. O uso da palavra raça, nesse filósofo, estava intimamente ligada com cor da pele e formato dos corpos.¹⁷

4.3 Idade clássica e raça

A obra de Roxann Wheeler carrega grande influência da pesquisa de Ivan Hannaford, de formação britânica e com livro sobre o tema publicado em 1996, que também se propõe a estudar a origem da ideia de raça, numa obra que, não por acaso, recebe exatamente o título *Race: the history of na idea in the west*. Neste estudo é possível observar o desejo manifesto do autor no questionamento das perspectivas que buscam introduzir na história do Ocidente uma imagem segundo a qual seu passado sempre foi e sempre será marcado por uma história do pensamento racial, devendo os pesquisadores resistirem a um fácil caminho que encontre traços de raça em períodos históricos onde, efetivamente, essa ideia não existia. Desse modo, Hannaford alerta que cabe aos interessados pelo tema o exame do assunto sem considerar a bagagem adquirida sobre o mesmo, desde fins do século XVII.

O autor entende que, na Antiguidade Clássica, a classificação da humanidade baseada no sentido de raça não existiu. Os antigos, ao contrário, faziam uso do arcabouço político para ordenar o mundo. Além disso, nem a religião e seu conjunto de dogmas possuía uma divisão racial e sim uma categorização pela fé. No entendimento de Hannaford, já existem evidências suficientes, sobretudo por conta das análises de dicionários e etimologias, que o uso da palavra raça, em linguagens ocidentais, é algo de origem extremamente recente. Chegou à Espanha, à Itália, à Inglaterra e à Escócia durante o período que se estende de 1200 ao ano de 1500 e não tinha o sentido que lhe atribuímos atualmente. Na maior parte das linguagens, o significado mais

¹⁷ LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en général, de celle des negrees en particulier et de la métamorphose d'une de ces couleurs en l'autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Ámsterdam, 1765, p. 6-8: “Le seul partage des hommes en deux especes, en deux races, l'une blanche & l'autre noire, fait déjà un grand embarras pour ceux qui entreprennent d'en donner les causes; que sera-ce quand ils voudront trouver l'origine de toutes celles que je viens de désigner? Le Texte Sacré & la tradition de tous les Peuples engagent à regarder les hommes blancs comme la tige de toutes les autres especes. Alors la question comment cette espece a pu subir ces changemens, & nommément comment quelques descendans d'Adam ont pu dégénérer en negres. Un Physicien ne trouvera point, dans la chaleur excessive du Soleil, une cause suffisante pour transformer un Blanc en Negre, sur-tout depuis qu'on voit des Européens habitans de l'Afrique, depuis plus deux cen ans, garder de race en race leur couleur blanche originaire”.

antigo de raça se relacionava com o curso rápido ou corrente de um rio ou de uma prova de velocidade.

Para Ivan Hannaford, na Idade Média, às vezes, o termo era usado para se referir à linhagem ou continuidade de gerações em famílias, especialmente, se este fosse nobre e real. Sendo assim, só em fins do século XVII a pré-ideia de raça começou a ter uma conotação mais específica, diferente daquela de *genes*, e passou a ser usada para conjugar uma nova expressão, a saber, grupo étnico. Por fim, nos dizeres do autor, a ideia de raça só foi efetivamente conceituada e passou a se inserir em nosso entendimento e como ferramenta para a explicação do mundo, após as revoluções Francesa e Americana, seguidas de todas as reviravoltas sociais que ocorreram em fins do século XVIII e início do século XIX.¹⁸ Mas, se Hannaford enfatiza de tal forma o momento histórico em que o termo raça passou a ter efetiva importância, também não se propõe a entender com quais significados a palavra aparecia em séculos anteriores e, ao fim, não responde o que entendo ser crucial: se não era raça que explicava as diferenças humanas, então qual era o(s) conjunto(s) de pressupostos que embasavam as diferenças?

George Fredrickson, em obra de 2002, com anos de pesquisas e pertencente a uma escola historiográfica que busca se afastar das ideias totalizantes, reitera que no Mundo Antigo não existia nada que lembrasse o conceito de raça, nem no pensamento grego, nem no romano e, tampouco, nos ideais cristãos em fase inicial. Assim, a sociedade grega fazia distinções entre bárbaros e civilizados, mas tais categorias não carregavam nada de aspectos apontados como hereditários. Portanto, participar da vida política e viver em uma cidade-Estado, fazia do indivíduo alguém civilizado, ao passo que o bárbaro vivia de forma rústica e sob o comando de governos despóticos.

A escravidão romana admitia servos de diferentes cores de pele e distintas origens, encontradas nas fronteiras, e possuía diferentes cidadãos em seus quadros, oriundos de correspondente diversidade dentre aqueles que eram livres e faziam alianças com a República ou o Império. Logo, não se encontra nenhuma evidência de que a cor escura da pele servira de base de distinção entre os povos antigos, lembrando, inclusive, que os cristãos celebravam a conversão dos africanos, uma prova evidente na crença da igualdade espiritual. Entretanto, o autor não

¹⁸ HANNAFORD, Ivan. *Race: the history of an idea in the west*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press / Washington DC: The Woodrow Wilson Center Press, 1996, p. 6.

discute a possibilidade do pensamento da Europa Moderna ter sido ou não influenciado pelas máximas do mundo Antigo.¹⁹

David M. Goldenberg, especialista em estudos sobre a presença do racismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo, entende que Hannaford não confere a devida atenção à contribuição do mundo Antigo para o desenvolvimento de algumas ideias do período Moderno. Por consequência, ignora o papel que teve o conhecimento árabe, sobretudo a ciência e a filosofia, e como essa informação foi importante para a transmissão e elaboração do pensamento Clássico. Portanto, quando atribui certas ideias a determinados autores da Idade Média e inícios da Idade Moderna, Hannaford acabaria esquecendo que tais pensamentos tiveram sua origem na Antiguidade Clássica.²⁰

Trabalhando com um grupo de autores da Antiguidade, onde pouco se entende a razão de suas escolhas, Ivan Hannaford conclui que a análise das obras de filósofos como Hesíodo, Heródoto e Hipócrates, nos mostra a fraqueza de se buscar qualquer associação entre divisão da humanidade com características transmitidas biologicamente. Dessa forma, não havia qualquer ideia teórica que abordasse similaridade ou a falta da mesma, como resultado de questões biológicas, sendo a questão do humor a que mais se aproximava dessa perspectiva. Assim, assevera Hannaford ter sido Hipócrates o único que sugerira ser a natureza humana passível de análise com base na observação de diferenças no ar, na água e no lugar em que cada grupo vivia. Contudo, esse esquema bruto devia mais aos humores ao invés de, definitivamente, a uma consistente teoria biológica ou a uma hipótese do meio ambiente como aconteceria mais tarde.

O texto de Hannaford também destaca o papel decisivo que as obras de Charles-Louis de Secondat, o Barão de La Brède e de Montesquieu, tiveram na alegação da relação entre servidão doméstica, servidão política e o clima. Entretanto, textos árabes anteriores a esse período, em pelo menos 800 anos, já destacavam que certos climas produziam uma personalidade inclinada à escravidão. De fato, Montesquieu aventou sua teoria do clima com base nas leituras que fizera da

¹⁹ FREDRICKSON, George M. *Racism: a short history*. New Jersey: Princeton University Press, 2002, p. 17.

²⁰ GOLDENBERG, David M. The development of the idea of race: classical paradigms and medieval elaborations. *International Journal of the Classical Tradition*, v. 5, 1999, p. 566: “It is clear, that much of what Hannaford ascribes to later developments in western thought actually has a old pedigree. And just as a thorough diachronic development is lacking, so too is a synchronic framework missing from the scheme Hannaford constructs. This is the second problem with the book and it is evident particularly in regard to the role by Arabic science in the development of western thought”.

obra de Ibn Khaldun, através dos escritos de Jean Chardin, publicada em 1680.²¹ Ademais, muito antes desses filósofos árabes, houve Aristóteles que explicou o caráter da escravidão como dependente do clima e da geografia. Quanto à crítica feita por Goldenberg à escolha que Hannaford faz para entender o papel da obra de Montesquieu na relação entre servidão e clima, não se pode perder de vista que o autor d'*O espírito das leis* fez uma síntese adequada ao Iluminismo.

Para Benjamin Braude, doutor por Havard em 1978, professor e pesquisador da Universidade de Boston com temas sobre as diferenças sociais e físicas na Antiguidade e no Medievo, a preocupação de Wheeler e de Hannaford é com a necessidade de desafiar o anacronismo que coloca as características físicas como arraigadas nas explicações das diferenças nos séculos anteriores ao XVIII. Isso porque, pela perspectiva da autora, sobretudo, o determinismo hereditário é praticamente inexistente no século das “Luzes”, cabendo a nós não nos preocuparmos com a busca de explicações para raça, racial ou racismo como categorias importantes daquela época. Dessa forma, entende que o etnocentrismo setecentista era totalmente distinto do racismo biologizante que ocuparia o cenário da centúria posterior.

O problema é que, segundo Braude, a autora coloca essa ideia um pouco tarde demais em sua obra, quando já não se tem mais tempo para um aprofundamento no que poderia ter sido um ponto bem interessante. A ideia de raça, sendo tal expressão tão cara à obra, inclusive tão destacada no título, acaba ficando em segundo plano, não somente por conta do caminho teórico-metodológico escolhido pela autora, mas também pelo evidente abandono de fontes de época que poderiam suscitar diferentes pontos de vista sobre a consideração dos aspectos físicos como norteadores nas classificações da humanidade, antes do século XVIII, ainda que no mundo britânico.²²

Braude aponta que não podemos perder de vista que a presença da cor da pele foi importante em distintas sociedades ao longo da história humana. Portanto, ainda que numa comparação superficial da arte e da literatura do Antigo Oriente próximo ou da Grécia Clássica se possa encontrar contrastes marcantes no que diz respeito à cor da pele. Dessa forma, os gregos viam a cor como símbolo de identidade e, como sua influência se espalhou pelo Oriente Médio, a tradição da indiferença marcada pela tonalidade acabou por diminuir, embora esse patrimônio

²¹ GOLDENBERG, David M. The development of the idea of race: classical paradigms and medieval elaborations. *International Journal of the Classical Tradition*, v. 5, 1999, p. 566

²² BRAUDE, Benjamin. Primary color. *William and Mary Quarterly*, v. 59, n. 3, 2002.

cultural não tenha desaparecido completamente. Para Braude, ainda que de forma contraditória e inconsciente, sobreviveu nas religiões do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo, de modo que os historiadores não podem perder de vista esse complexo legado de consciência das diferenças considerando a cor, desde a Antiguidade até o início da Europa Moderna.²³

Um conjunto de questões colocado por Braude precisa ser assinalado. Primeiro, estou de acordo que Wheeler está correta ao minimizar a importância de termos como raça, racismo e racial para a realidade dos séculos XVII e XVIII caso esses termos estejam sendo relacionados com racismo biologizante. De todo modo, não concordo que os mesmos devam ser esquecidos, deixando passar as explicações que justificavam o uso desses termos em tempos anteriores ao século XIX. Por meio dessa perspectiva, a preocupação da autora em se afastar do tema faz com que ela nem se proponha a entendê-lo no século de seu interesse (XVIII), não justificando, assim, nem mesmo a utilização da palavra *raça* no título de sua obra.

Um segundo ponto a se abordar é a tese de Braude de que traços relativos a importância da cor da pele como ponto de classificação pode ser notada desde a Antiguidade. Acho ser um grande erro fazer tamanha digressão para se entender o assunto. De todo modo, não cabe nesse trabalho uma análise dos mundos Antigo e Medieval, e se teimo em tocar nessas temporalidades históricas é somente para buscar entender como que as teses dos autores aqui reunidos foram construídas. Objetiva-se compreender, aqui, a abordagem concedida ao termo raça e seus similares, assim como verificar se é possível fazer a consideração da cor da pele como veio para classificar a humanidade apenas nos séculos XVII e XVIII.

Mas, ainda assim, o que se percebeu ao longo deste trabalho é que, durante as duas centúrias que aqui se analisa, a coloração da pele e os caracteres físicos funcionaram como forma de classificação da humanidade. O contato com o Novo Mundo forneceu os elementos necessários para essa reorganização na forma de enquadramento que, paulatinamente, foi deixando de ser somente pela perspectiva cultural. Assim, entendo que a cor da pele e o formato do corpo do homem americano eram elementos de grande importância no processo de classificação desses indivíduos. E a apreciação de que eram seres humanos inferiores se comparados aos europeus, necessariamente, passava pelo crivo da consideração de que eram

²³ BRAUDE, Benjamin. Primary color. *William and Mary Quarterly*, v. 59, n. 3, 2002, p. 3-4.

povos degenerados do tronco original e, quase sempre, essa degeneração era tida como irreversível.²⁴

Michael Banton, sociólogo britânico e doutor pela Universidade de Edinburgh, traz algumas posições interessantes e apresenta conceitos que tentam dar conta da problemática da utilização da palavra raça. As críticas do estudioso vão na direção do que ele, incansavelmente, destaca como “presentismo”, tão preponderante nas obras daqueles que pretendem estudar a questão da raça. Dialogando com autores que veem em Immanuel Kant, por exemplo, a possibilidade de ser ler o germe de racismo, Banton destaca ser necessário fazer o estudo da expressão raça e do racismo separadamente. A preocupação do autor se prende em dois importantes, segundo ele, detalhes: primeiro, apresenta a ideia de raça tendo como base duas dimensões para seu entendimento, ou seja, a dimensão *vertical* (que seria aquela que considera a descendência ou posteridade de uma pessoa); e a dimensão *horizontal* (conjunto ou classe de pessoas com feições comuns), a última, quase sempre, carrega aspectos políticos comumente não isentos de intencionalidades.

O outro detalhe se relaciona à perspectiva da diferença entre uma palavra e um conceito. Para Banton, que analisa sobretudo a obra de Kant, os pesquisadores devem considerar que as palavras podem carregar significados diferentes em épocas e lugares distintos, ao passo que o conceito carregaria um único significado que se faria conhecido em qualquer tempo ou espaço. Com isso, o autor desconsidera a possibilidade de mudanças nos conceitos e seus significados, sobrevalorizando o papel da Sociologia na construção conceitual. Para ele, devemos avaliar os conceitos populares da linguagem comum (o que ele designa como EMIC) e os conceitos analíticos da linguagem científica (o que se conhece como ETIC). Servindo-se desses termos, que são largamente usados por grupos de antropólogos, Banton almeja escrutinar a origem da palavra

²⁴ BOUGAINVILLE, Louis Antoine de. *Voyage autour du monde par la frégate du roi 'la Boudeuse' et la flûte 'Étoile'; en 1766, 1767, 1768 & 1769*. Paris: Saillant & Nyon, 1771, p.38-9 destacava que “les Indiens, qui habitent cette partie de L'Amérique au Nord & au Sud de la riviere de la Plata, sont de la race de ceux que les Espagnols nomment *Indios Bravos*. Ils sont d'une taille médiocre, fort laids & presque tous galeux. Leus couleur est très-basannée, & la graisse dont ils se frottent continuellement, les rend encore plus noirs”. Portanto, o autor entendia que existia uma raça de indígenas encontrados na região da América espanhola que eram sarnentos como uma “raça de cães”, que eram diminutos e feios, apontando sintonia com as teses, presentes nos relatos de viagens dos espanhóis do século XVII, de que a humanidade americana era mirrada e feia porque degenerada sob o céu e as estrelas do Novo Mundo. Portanto, não havia como modificar tal situação. A palavra raça, aos poucos, foi se tornando, ainda nos seiscentos, a forma mais adequada de se referir aqueles povos, de cor diferente por conta da degeneração. Se antes eram maus cristãos, aos poucos, foram se tornando péssimos humanos, como asseverava os viajantes.

raça e a origem da palavra raça como conceito, se é que este último realmente tenha existido em algum momento, não sendo apenas uma construção *a posteriori* dos estudiosos.

Para o sociólogo, a palavra *raça* tem sua origem completamente desconhecida, sendo destaque em alguns estudos como procedente do antigo mundo Nórdico. Entretanto, sua relação com linhagem ou descendência se torna mais evidente no século XVI, sobretudo, por conta da ascensão das línguas vernáculas e o abandono paulatino do latim. Consequentemente, nesse ponto da história, possivelmente, teria começado a confusão nas traduções e na absorção da palavra nas línguas de cada país que estava se solidificando na Europa. Deste modo, para Banton, a palavra segue, séculos a fio, sendo utilizada de forma imprecisa e, assim, a partir do século XVIII, ainda teve que disputar espaços explicativos com outros termos, tais como: espécie, genes, hereditário, dentre outros.

Assim, ao entrar no vocabulário nacional, quinhentos anos atrás, a palavra raça carregava, sobretudo, seu aspecto *vertical*. Com o tempo, o sentido *horizontal* teria rivalizado como o anterior e, portanto, os estudiosos devem se desprender do sentido horizontal que é mais natural e reconhecido dos nossos olhos e distinguir os dois significados da palavra em distintos momentos. Em outros termos, sugere que não devemos procurar associar a ideia de raça na sua imbricação com o racismo, num momento em que tal sentimento não existia, ou seja, a ideia de raça no sentido horizontal. O sentido vertical identifica as origens dos diferentes grupos tendo como base a genealogia e a hereditariedade. No sentido horizontal, por sua vez, se classificava os grupos, buscando identificar a natureza das distinções.

Por fim, importa assinalar que o argumento de Banton se direciona no sentido de sugerir maior acuidade pelos sociólogos na utilização e, portanto, no estudo da palavra raça, considerando, sobretudo, que Kant não usou a palavra como conceito fechado de uma linguagem científica. Além disso, pede que se deixe aos historiadores a utilização sem acuidade da expressão. Assim, tece uma provocação aos historiadores, por ele entendidos como dotados com visões que, perplexas com o racismo resultante no genocídio dos judeus no século XX, estariam levando essa dimensão horizontal de análise para um passado distante e, em especial, para um tempo no qual se analisa as relações entres brancos, negros e índios, deixando de perceber a realidade que perpassava em cada momento, ou seja, o uso da dimensão vertical da palavra

raça.²⁵ Pontuada essas questões, cabe destacar que as obras de Banton são da década de 1970, período este no qual o pensamento sociológico estava em voga e galgava muito apoio da comunidade acadêmica.

A origem da ideia de raça é explicada com mais clareza por Michael Banton na obra *Racial theories* (1987) – apesar do autor declarar publicamente que se arrependeu de algumas proposições ali contidas – quando ele destaca, ainda que corroborando com teses de outros estudiosos, que a palavra raça começou a fazer parte da linguagem inglesa por volta de 1508, quando apareceu no poema *Dance of the Sevin Deidly Sins*, escrito por um escocês chamado William Dunbar.

Curiosamente, o sociólogo entende que a palavra foi introduzida em língua vernácula em um momento em que a bíblia era tida como a maior autoridade nos assuntos relativos aos seres humanos. Portanto, toda a humanidade teria descendido de Adão e Eva e, para entender o que teria ocorrido com a dispersão dos seres humanos através de diferentes pontos da terra, indiscutivelmente, se buscava uma genealogia bíblica que explicasse as diferenças humanas. Sendo assim, os povos eram diferentes porque teriam migrado para díspares regiões e porque Deus teria guiado o curso desses eventos. Alguns, inclusive, como Caim e os descendentes de Ham, teriam se dispersado por conta de suas falhas e, conseqüentemente, devido a uma punição divina.

Logo, tudo faz acreditar que, por séculos, as explicações bíblicas, ainda que muitas das vezes se percebesse a falta de coerência entre o que estava escrito sobre a diversidade humana e a interpretação atribuída a muitos dos teólogos cristãos que estudavam a palavra de Deus, fora a fonte incontestável de verdade. Em 1520, Paracelsus levantava a hipótese de Adão ser o ancestral somente do povo judeu, ideia retomada por Isaac de Peyrère, em 1655, que defendia diferente matriz de origem da humanidade, o que lhe causou sérios problemas com a Igreja, sobretudo considerando que o mesmo era de origem judaica. Mas, seja como for, importa assinalar que foi no período Moderno, para Michael Banton, o momento no qual a palavra raça deve ser entendida com um senso de linhagem, pelo menos até o século XVIII.²⁶

Colocadas dessa forma, as propostas de Michael Banton parecem, à primeira vista, interessantes para a análise do tema. Contudo, são embasadas por explicações que devem ser

²⁵ BANTON, Michael. The vertical and horizontal dimensions of the word race. *Ethnicities*, v. 10, n. 1, 2010, p. 127-149.

²⁶ BANTON, Michael. *Racial theories*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 1-25.

matizadas. Assim, se ele acusa os historiadores de buscarem, sem acuidade, em séculos anteriores ao XIX, relações entre a utilização do termo raça e formas de classificação dos grupos humanos em inferiores e superiores, acaba por estabelecer um conjunto de conceitos sociológicos que não dão conta de avaliar as realidades humanas. Ele parte do aporte conceitual para buscar as fontes históricas que respaldem sua posição. Dessa maneira, perde as nuances a respeito da forma como o termo raça e seus sinônimos eram abordados antes do século XIX. Além disso, ao se propor a criticar os historiadores que buscam no século XVIII, aquele do Iluminismo, as práticas racistas, perde de vista a dimensão Atlântica da discussão e ilumina a importância dos filósofos europeus. Na modernidade, qualquer análise referente à classificação da humanidade deve passar, necessariamente, pelas fontes que abrangem a América e seus povos. Não fosse isso, como entender que homens da *Real Society*, como John Mitchell Peter Collinson, em 1745, entabulassem uma discussão, defendendo que os negros não eram inferiores por conta da sua cor de pele? Se existia tal posição é porque, naquela sociedade, alguns brancos se consideravam superiores se comparados ao homens de cor, e isso com base na ciência.²⁷

Para Guillaume Aubert, os termos raça, racial e racismo, no contexto dos séculos XVII e XVIII, se apresentam como problemáticos caso sejam evocados com uma concepção rígida de hereditariedade e transmissibilidade de traços físicos e intelectuais, que só seriam sistematizados pela ciência moderna dos séculos XIX e XX. E se esses termos funcionavam com certa fluidez, eram permeados de discursos metropolitanos e coloniais, adquirindo grande parte da sua moderna concepção, nas colônias francesas, na virada do século XVIII. Assim, além de levar a origem mais sistemática do uso do termo raça também para as relações coloniais, Aubert nos leva a crer que a sopa de letras e conceitos exaustivamente apresentados por Banton, antes de explicar complicam a vida dos pesquisadores que buscam verificar o significado no uso do termo raça antes do século das “Luzes”.

²⁷ MITCHELL, John; COLLINSON, Peter. *An essay upon the causes of the different colours of people in different climates*. M.D. Communicated to the Royal Society, 1745, p. 146. Comunicação apresentada na Royal Society, fundada na década de 1660: “For the different Colours of People have been demonstrated to be only the necessary effects, and natural consequences, of their respective climes, and ways of life; as we may further learn from Experience, that they are the most suitable for the preservation of health, and ease and convenience of Mankind in these climes, and ways of living; so that black colour of the Negroes of Africa, instead of being a curse denounced on them, on account of their forefather Ham, as some have idly imagined, is rather a blessing, rendering their lives, in the intemperate region, more tolerable, and less painful: whereas, on the other hand, the white people, who look on themselves as the primitive race of men, from a certain superiority of worth, either supposed or assumed, seem to have the least pretensions to it or any, either from History or Philosophy; for they seem to have degenerated more from the primitive and original complexion of mankind, in Noah and his Sons, than even the Indians and Negroes; and that to worst extreme, the most delicate, tender, and sickly”.

Para Guillaume Aubert, os discursos metropolitanos de ordem social exacerbaram a crença numa inerente superioridade de certos grupos de indivíduos ou raças, por uma consistente ênfase na transmissão das características físicas e das virtudes morais, através do sangue, de uma geração para outra, nos séculos XVI e XVII. E as ideias metropolitanas de raça eram bem mais articuladas com a observação do assunto da miscigenação ou o casamento entre pessoas de diferentes posições, o que era considerado de forma rígida a integridade, ou pureza de sangue, das melhores raças ou famílias do reino francês.

Assim sendo, a ideia de que as qualidades naturais eram transmitidas através do sangue de uma geração à outra, que alguns historiadores chamam de ideia de raça, rapidamente se tornou um atributo essencial para o atualizado *ethos* francês. Através do período Moderno, autores famosos, repetidamente, insistiam na inerente diferença de qualidade entre os seres humanos. Eles defendiam que os homens nasciam com qualidades desiguais. Essas qualidades inatas eram consideradas como hereditárias e inalteráveis, não afetadas por forças individuais de mudanças. Uma má ou vilã qualidade, diziam parte desses autores, podiam ser apenas redimensionadas com a educação. E, embora essas ideias fossem mais frequentemente usadas na defesa dos privilégios da velha aristocracia, elas rapidamente encontraram eco além das ordens superiores da sociedade francesa, que buscavam proteger ou intensificar seus privilégios em detrimento daqueles considerados como naturalmente inferiores.²⁸

Elaborada, a princípio, para respaldar os aristocratas que se sentiam excluídos do exercício do poder, isso por conta da hegemonia do poder absolutista do monarca, a crença em uma quase natureza biológica das hierarquias sociais progressivamente se tornou aceitável por nobres. Portanto, para Aubert, a linguagem de raça emerge da construção do Absolutismo durante a Idade Moderna. Mas foi, em particular e inicialmente, uma linguagem de classe. Contudo, até o início do século XVIII, como linguagem, raça raramente foi usada na relação com populações regionais ou grupos culturais extensos.²⁹ Por essas razões, a análise de obras de referências que se fará a seguir demonstra que a segunda metade do século XVII pode ser marcada pela presença da relação entre a ideia de raça e grupos culturais extensos. De todo modo, a ideia de Aubert soa

²⁸ AUBERT, Guillaume. "The blood of France": race and purity of blood in the French Atlantic world. *The William and Mary Quartely*, Third Series, v. 61, n. 3, jul. 2004, p. 444.

²⁹ AUBERT, Guillaume. "The blood of France": race and purity of blood in the French Atlantic world. *The William and Mary Quartely*, Third Series, v. 61, n. 3, jul. 2004, p. 449.

melhor aos ouvidos, pois desloca a temática do fim do século XVIII para o seu início, circunstância esta que reforça minha hipótese e necessidade de regredirmos à centúria anterior.

Bárbara Lacey rejeita a ideia de racismo generalizante, em fins do século XVIII, minimizando, com isso, o uso do conceito de raça em sua junção com a consideração dos caracteres físicos. Ao analisar imagens de negros postadas em panfletos, jornais e outros mecanismos de difusão, a autora remonta a figuras que foram, em grande maioria, confeccionadas na Inglaterra do século XVIII, mas retomadas na América na centúria seguinte. Sua análise discute a obra de um dos principais historiadores da ideia de raça e racismo no mundo britânico (Jordan), destacando que não se pode generalizar que a coloração da pele era abordada como algo que desqualificava os indivíduos.³⁰

Para a autora, as imagens, da década final do século XVIII, demonstram, na intercessão das pinturas e gravuras com o que se diz a respeito delas, que as ideias ou atitudes relativas à raça ou racialização eram permeáveis e fluídas. Portanto, fugindo de uma perspectiva sólida e fixa. Por esse viés, um negro não era equiparado a um escravo, assim como o africano ou afro-americano não era, necessariamente, representado pela cor preta. Gilbert Imlay, militar americano que participou ativamente do processo revolucionário e viajou por distintas partes do mundo, ao publicar sua obra em fins do século XVIII, parece contrariar a tese da autora acima, uma vez que ele destacava: “Mr, Jefferson says, it is fixed in nature; and asks, ‘if the difference is of no real importance?’ I answer, that is of no real importance, when compared with the object of rescuing some millions of miserable human being from the odious prejudices which have degraded a whole race of men to the rank of beasts of burden, because they had the misfortune not to have the tinge of Red or White”.³¹

William C. Jordan, medievalista e doutor por Princeton, na introdução de uma coletânea sobre raça do *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, questiona qual seria a razão de nomearmos como raça o conjunto de descritores como a linguagem, a lei, os costumes ou a linhagem que os escritores medievais atribuíam aos grupos sociais daquela época. Assim, destaca não ver recompensa alguma em descrever as observações que os escritores medievais faziam

³⁰ LACEY, Bárbara E. Visual images of blacks in early American imprints. *The William and Mary Quarterly*, Third Series, v. 53, n. 1, jan. 1996, p. 137-180.

³¹ IMLAY, Gilbert. *Topographical description of the Western territory of North America: a succinct account of its soil, climate, Natural History, population, agriculture, manners and customs, with an ample description of the several divisions into which that Country is partitioned*. London: Printed for J. Debrett, Third Edition, 1797, p. 246.

sobre as diferentes “raças” como racista, lembrando que há de se duvidar, inclusive, da utilidade do conceito como categoria fixa e analítica, para o período Moderno.³² Dessa forma, ao abordar raça para a era Medieval e Moderna, orienta que se considere somente mudanças e marcadores não biológicos. Logo, o autor apresenta detalhes que o leva a acreditar que, antes de fins do século XVIII, o ideal seria se referir às diferenças entre os grupos humanos como Identidades Étnicas.³³

Estou de acordo com Jordan e com a maioria dos pesquisadores que considerar raça como um conceito fixo e analítico pode ser um grande problema quando abordamos a época Moderna. De todo modo, não vejo sentido em eclipsar o termo raça e seus significados, ainda que fluídos, por outro aporte conceitual que valorize as diferenças étnicas. Afinal de contas, essa terminologia classificatória ligada à etnia, embora fosse presente desde a Antiguidade, acaba ficando muito plasmada com o sentido religioso no período em questão. Percebe-se que, somente no século XIX, foi que a ideia de etnia esteve mais ligada às questões da natureza biológica humana. Foi nesse momento em que o uso mais laico do termo passou a ser implementado. Portanto, analisar as diferenças humanas pela perspectiva étnica nos séculos XVII e XVIII não redundaria em uma abordagem original.

Pontuados esses aspectos, é fora de dúvida que a discussão em torno da validade do termo raça como conceito e a consideração dos caracteres físicos na composição desse conceito tem sido objeto de intensos debates entre as diversas escolas e pesquisadores. Robert Bernasconi, filósofo inglês, conhecido pela escrita do ensaio *Who invented the concept of race?* e pela organização de coletâneas sobre o tema, destaca a importância da obra de Kant na construção do que podemos entender como o uso científico da palavra em apreço. Sua insistência na ideia de que Kant teve importância fundamental na ideia de raça considerada como categoria que abarcava as feições físicas e buscava explicações baseadas na ciência, de algum modo, é também algo discutido nas pesquisas de Michael Banton, mas que entende não haver relação entre a obra de Kant e a parte científica do que entendemos como raça, algo que só aconteceria no século XIX.

³² ROBERTSON, William. *The history of America*. London: Printed for A. Strahan; T. Cadell, in the Strand; and J. Balfour, at Edimburgh, 1792, livro 4: “The first appearance of the inhabitants of the New World, filled the discoverers with such astonishment, that they were apt to imagine them a race of men different from those of the other hemisphere. Their complexion is of a reddish brown, nearly resembling the colour of copper. The hair of their heads is always black, long, coarse, and uncurled. They have no beard, and every part of their body is perfectly smooth. Their persons are of a full size, extremely straight, and well proportioned”.

³³ JORDAN, William C. Why “race”? *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, v. 31, n. 1, Winter, 2001.

Bernasconi, por sua vez, não aceita ser acusado de “presentismo”, pois entende que Kant deu ao conceito de raça definição suficiente para que os usuários desse termo, a partir de fins do século XVIII, entendessem que estavam abordando uma expressão que mantinha relações com a ciência. Assim, monta-se um embate entre Sociologia e Filosofia, embora ambos autores não apresentem pesquisas com base em análises de fontes de época que abarquem outros campos da sociedade.

E se contemporâneos de Kant como Johann Gottfried Herder, segundo Banton, destacavam a invalidade do termo raça na sua ligação com a ciência, Bernasconi entende que o próprio Herder não compreendia a ideia de Kant a respeito do conceito. As discussões, na verdade, passavam em torno do uso de *variedades* ou do uso de raça; cabendo a Kant a utilização de raça que se relacionava, pela perspectiva de suas pesquisas, com a categoria que dava conta da História Natural; ao passo que *variedades* era uma categoria mais voltada para explicar as descrições naturais.

Claro que História Natural, a qual raça como categoria pertencia, não era uma ciência natural no sentido *stricto*. Mas, ainda assim, era um conceito científico no sentido amplo do termo. Quando hoje dizemos que raça é uma categoria científica, se trata de algo bem distinto do que se pretendia à época de Kant. Muito embora Banton insista que o estudo de divisão da humanidade e da sua origem recaído sobre Kant não se tratava nada mais do que o uso de uma linguagem ordinária na qual se incluía o termo. Ao contrário dessa perspectiva, Bernasconi entende que o uso do conceito de raça por Kant não foi aleatório e, por isso, requereu que ele desse uma explicação para o mesmo.³⁴

Seja como for, o fato é que a análise das obras de viajantes que estiveram na América entre os séculos XVII e XVIII é uma ferramenta fundamental para minimizar as polêmicas levantadas por essas correntes intelectuais que, presas ao universo do que foi escrito na Europa, em distantes períodos, acabam por descredenciar o que fora abordado na América pelos relatos de viagens. Assim, sobretudo no século XVII, nem sempre existia clareza no tocante à utilização do termo raça e seus significados, como em centúria seguinte, ainda não existiria total nitidez sobre os sentidos atribuídos ao vocábulo. Contudo, o que busco destacar é que a consideração das características físicas no processo de enquadramento da humanidade americana nem sempre

³⁴ BERNASCONI, Robert. Defining race scientifically: a response to Michael Banton. *Ethnicities*, n. 10, mar. 2010, p. 141-148.

esteve amparada por expressões como raça, o que não corresponde a dizer que deixava de acarretar em explicações que defendiam a imutabilidade dos traços físicos e dos modos de agir. Ainda assim, não se pode perder de vista que o uso da expressão raça considerando os caracteres dos indivíduos nasceu na América e, para tanto, a alegação do processo de degeneração da espécie humana teve papel intensamente relevante.

Mas se a centúria da “Luzes” marcaria a modificação nos significados do conceito de raça, conforme tenta demonstrar Audrey Smedley, em *Constructing race: a reflection*, David Brion destaca que as categorias raciais não são menos reais se desprovidas das substâncias biológicas e, portanto, entende ser um erro quando os estudiosos tentam abandonar o esboço desse tipo de categorização por conta do respaldo científico de que não existem raças. Afinal, como servidão, castas sociais ou sangue nobre e real, o conceito de raça influenciou percepções, incluindo a autopercepção, podendo inclusive representar uma experiência histórica compartilhada, como a dos ameríndios e dos americanos de origem africana, quando da formação colonial.³⁵

David Niremberg, ao pesquisar sobre o termo raça na sua ligação com o antijudaísmo ibérico medieval, destaca que é de consenso entre os pesquisadores que embora fosse possível que nas descrições dos povos medievais se usasse uma linguagem carregada de uma totalidade biológica, sobretudo por pensarem que os judeus e seus descendentes, mesmo convertidos, carregavam a marca da impureza que se passava de geração em geração, o mais certo é entendermos que as diferenças a que se referiam eram culturais, e não biológicas, o que inviabilizaria se falar de uma ideologia racial. Muito embora, não se inviabilize falar da(s) ideia(s) de raça.³⁶

O autor, ao analisar os aspectos de estudos que abordam a existência de raça e racismo na Idade Média, sobretudo aqueles que consideram raça com acepções parecidas com a que conhecemos, destaca que não deseja reivindicar que a sociedade medieval construía as diferenças humanas com base nas características físicas e, portanto, podendo ser uma sociedade racista. De fato, tais assertivas conduziriam o pesquisador ao erro. Podendo o mesmo se dizer do contrário, de que o mundo medieval era desprovido de racismo e de considerações que levavam em conta a

³⁵ DAVIS, David Brion. Constructing race: a reflection. *The William and Mary Quarterly*, Third Series, v. 54, n. 1, jan. 1997, p. 9.

³⁶ NIREMBERG, David. El concepto de raza em el estudio del antijudaísmo ibérico medieval. *Edad Media: Revista de Historia*, n. 3, 2000, p. 29-60.

cor da pele. Assim, a nossa concepção de raça e racismo, de acordo com Niremberg, uma noção pobremente determinada e suscetível de ser exorcizada com facilidade, que serve como referência de contraste para medir os fenômenos pré-modernos de discriminação, seria o grande empecilho nos caminhos dos pesquisadores, na tentativa de apreender como outras sociedades, em tempos distintos, teriam lidado com as diferenças humanas.³⁷

James H. Sweet lembra que o uso do termo raça no século XV, em contexto ibérico, pode ser problemático. Sendo assim, a conjuntura social deve ser considerada quando se examina a função das identificações raciais naquele período. Embora o conceito de raça não fosse desconhecido no século XV, as palavras *razza* em italiano, *raza* em Castelhana, *raça* em português e *race* em francês, simplesmente se referiam a grupo de plantas, animais ou humanos que compartilhavam feições através de uma genealogia comum. Mas, até o século XVIII e o século XIX, nenhum cientista usou o termo raça para legitimar a reivindicação biológica de grupos superiores ou inferiores. Através da pseudo classificação das pessoas, baseada em raça, nos séculos XVIII e XIX, ocorreu uma grande legitimação para o racismo, mas, não o criou, uma vez que a nova ciência só reforçou as noções de uma ideologia antiga. Nesse ponto, Sweet e Smedley convergem, já que entendem ter sido a ciência legitimadora de uma visão de mundo já em curso.

Sweet percebe que os “preconceitos” medievais e pré-modernos, muitas das vezes, são entendidos como tendo sua base nas ideias europeias de civilidade, religião ou cultura. Porém, a imposição para toda a humanidade de uma cultura universal e uma concepção europeia de homem desvia a questão do racismo. A Europa do período Moderno confundia ou fundia o que chamamos de cultura com o que chamamos de raça. Deste modo, para a época em destaque, raça e cultura não podem ser facilmente separadas. Um povo de cultura inferior implica em um pouco biologicamente inferior. Comportamentos e estilos de vida vistos como aberrações pelos europeus, quase sempre, eram relacionados com qualidades genéticas fixas, especialmente fenótipo e cor da pele. Mesmo quando esses “povos inferiores” adotavam as formas culturais e religiosas dos europeus, eles não podiam evitar o estigma da inferioridade cultural que a

³⁷ NIREMBERG, David. El concepto de raza em el estudio del antijudaísmo ibérico medieval. *Edad Media: Revista de Historia*, n. 3, 2000, p. 43-44.

aparência dos mesmos proclamava. A dialética entre cultura e fenótipo operava de tal forma que os africanos subsaarianos eram incapazes de escapar do *status* a eles atribuídos de inferioridade.³⁸

Portanto, o conceito de raça seria uma útil ferramenta para se entender a dinâmica das relações de poder no período Moderno. Os europeus se inventaram como brancos e inventaram os africanos como pretos. Mais tarde, o fizeram com os índios, vistos como vermelhos. O resultado da hierarquia social foi a seguinte: brancos sempre como superiores e negros ocupando o mais baixo patamar da escala. Na península Ibérica, uma vez que os traços do infiel e do escravo se tornaram associados com a escuridão, a ideia de raça se transformou na força motriz da formulação das atitudes dos portugueses e dos espanhóis em relação aos africanos.³⁹

Partindo dessa lógica, Sweet entende que o mundo Ibérico, nos contatos entre cristãos e muçulmanos; entre muçulmanos brancos e pretos e outros grupos com coloração de pele distinta, desde fins da Idade Média, foi o palco para o desenvolvimento de um racismo que ponderava sobre os caracteres físicos. Assim, embora não existisse a ideia de raça nos moldes do que a ciência dos séculos XVIII e XIX iria proclamar, não se pode ignorar a existência do racismo e da raça, considerando os aspectos físicos em centúrias anteriores às supracitadas.

Ao fim, as fontes estudadas por Sweet, referentes ao século IX, demonstravam que os muçulmanos faziam a diferenciação entre escravos de cor preta e o de cor branca. Os de cor de pele clara eram chamados de *malunk* e eram vistos como um alto investimento, raramente usados em serviços pesados, se dedicando quase sempre ao serviço doméstico. Ao passo que os escravos pretos eram denominados *adb*, usados sobretudo como produtos na troca por outros muçulmanos que haviam sido capturados, se tornando servos. Assim, nos estatutos muçulmanos, os pretos sempre eram vistos como inferiores.

Com isso, depreende-se, pela visão do autor, que a cor preta rapidamente se tornou uma metáfora para a servidão. E as passagens bíblicas, de algum modo, legitimaram a continuação da subjugação dos negros africanos, o que denota a aceitação por parte dos cristãos das acepções que há tempos eram levadas em conta pelos muçulmanos. Decerto, a cor da pele se tornou a marca usada pelo cristão para identificar e dar tons de vilania ao infiel. No século XIV as diferenças

³⁸ SWEET, James H. The Iberian roots of American racist thought. *The William and Mary Quarterly*, Third Series, v. 54, n. 1, jan. 1997, p. 144-45.

³⁹ SWEET, James H. The Iberian roots of American racist thought. *The William and Mary Quarterly*, Third Series, v. 54, n. 1, jan. 1997, p. 144-45.

culturais e religiosas eram utilizadas para a comunidade cristã fazer a diferenciação entre eles e os muçulmanos, de modo que a expressão usada para tal era a ideia de raça.⁴⁰

Ao analisar a América portuguesa setecentista, a historiadora Silvia Lara vai de encontro ao sentido apontado por James Sweet e destaca que a correspondência entre cor da pele e condição social não caminhava de forma direta e óbvia. Assim, a distinção entre livre e escravos seria a responsável por estabelecer as formas de classificação nas sociedades por ela observada, em domínios portugueses. Com isso, Lara desqualifica a problemática da coloração da pele como elemento classificador e enfatiza que “os vocábulos relativos à cor estão mais a indicar posições sociais do que a referir-se especificamente a uma natureza dos indivíduos”.⁴¹ Como se verá mais a frente, a autora se posiciona na contramão da grande parte dos estudos aqui analisados e também das fontes que foram acessadas. A cor da pele sempre fora, no período aqui estudado, um coeficiente de grande valor.

Em relação ao processo de homogeneização de religião que ocorreu a partir do século XV, sobretudo na Península Ibérica, Niremburg destaca que a conversão de expressivo número de pessoas consideradas completamente diferentes pelos cristãos, não aboliu, antes, transformou, as velhas demarcações e sistemas de discriminação. Desse modo, as categorias que anteriormente haviam parecido legais e religiosas foram substituídas pela noção genealógica de que os cristãos descendentes de judeus convertidos ao cristianismo (cristãos-novos, confessos, conversos, marranos) eram essencialmente distintos daqueles que o eram por natureza (cristãos-velhos).

Ademais, o fundamento ideológico dessas novas discriminações proclamava de forma explícita sua base em realidades naturais, como se percebe claramente na análise da doutrina da limpeza de sangue. Segundo esta última, os sangues judeu e muçulmano eram inferiores em relação ao sangue do cristão e o fato de levar qualquer quantidade daqueles sangues expunha o portador a heresia e a corrupção moral; e, por conseguinte, a qualquer descendente de judeus ou muçulmanos, deveria se proibir o acesso a cargos seculares e eclesiásticos, a grêmios e ofícios, sobretudo, ao vínculo matrimonial com cristãos velhos.⁴²

⁴⁰ SWEET, James H. The Iberian roots of American racist thought. *The William and Mary Quarterly*, Third Series, v. 54, n. 1, jan. 1997, p. 144-45.

⁴¹ LARA, Silvia. *Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 141.

⁴² NIREMBERG, David. El concepto de raza em el estudio del antijudaísmo ibérico medieval. *Edad Media: Revista de Historia*, n. 3, 2000, p. 46.

As diferentes visões historiográficas discutem sobre se considerar ou não aspectos raciais nos processos de segregação dos judeus, mulçumanos e seus descendentes, ainda que convertidos ao cristianismo. Muitos historiadores questionam, inclusive, a utilização do conceito raça para o caso da península. Assim, para Niremberg, a própria palavra raça se torna um bom exemplo dessas discussões, uma vez que os investigadores espanhóis se apressaram em destacar que o termo espanhol *Raza* possuía um espectro significativo muito mais amplo que o da palavra inglesa *Race*, e isso com certa razão. Mas, esse tipo de argumento, ao invés de ajudar a entender, só complica a situação, segundo o autor. Para Niremberg, termos como *raza*, *casta* e *linhagem*, no começo do século XV, formavam parte de um complexo intercambiável que ligava indissolavelmente comportamentos e aparências à natureza e à reprodução.

Max Torres entende que o conceito de *limpeza* desloca em parte a religião como elemento diferenciador e, pela primeira vez na história da Europa, engloba dois critérios básicos a fim de marginalizar grupos: raça e impureza – dois termos conceitualmente interligados. O termo raça, fundamentado na estrutura do pensamento de limpeza de sangue, significava ter um defeito, uma mancha, mácula na descendência, ou, em outras palavras, inicialmente correspondia a um cristão com ascendência judaica ou moura. Desloco a tese do autor para a América e defendo que, no Novo Mundo, o intuito de marginalizar os nativos, os africanos e seus descendentes, englobou raça e degeneração. Lembrando que nesse binômio, nem sempre o ato de estar degenerado se associava com a possibilidade de reversão daquele estado.

Para Torres, os ideários de raças existentes na França e na Espanha do período Moderno possuíam diferenças. Dessa maneira, destaca que, em ambos os casos, o uso do conceito funcionou como um ente diferenciador e segregacionista; muito embora não se deva perder de vista que na Espanha a ideia de *limpeza de sangue* funcionava como ferramenta para exclusão de minorias, como judeus e mouros conversos; ao passo que na França era a arma de uma minoria nobre para segregar a maioria que se encontrava na base da pirâmide social. Dito de outra forma, para Niremberg, na França o termo operava para aprofundar e conservar a desigualdade estamental⁴³; além disso, na Espanha, ao contrário, qualquer pessoa, sem importar o estamento,

⁴³ LA ROQUE DE LA LONTTIÈRE, Gilles-André de. *Traité de la noblesse, de ses différentes espeses*. Paris, 1678, p. 35-37. Nesse tratado da nobreza da segunda metade do século XVII, o autor destacava que: “Du Noble de Race: La Noblesse de Race se forme sur un certain nombre de degrez. Pour estre parfaite, il faut qu’elle remonte jusques au bis-ayeul. [...] Torquato Tasso dit que la Noblesse de Race est une vertu reconnuë par plusieurs belles actions continuées: que ceux qui se vantent de cette qualité, doivent en augmenter le lustre par leur merite, & s’appliquer singulierement à rehausser la vertu de leurs peres. [...] Barthole definissant la Noblesse naissante, assure que c’est

podia ser manchada com uma ascendência judaica ou muçulmana, perdendo assim, seu prestígio social.⁴⁴

Seja como for, Torres entende que a dinâmica histórica do conceito de raça pode ser apreciada pela metáfora do camaleão e sua capacidade de mudar a cor de acordo com o meio em que se encontra e, portanto, expresso de forma direta, os discursos de raça, independente da época histórica, encarnam significados desiguais. Ou seja, representam diferentes formas de seu próprio ser, o que pode ser entendido como uma descontinuidade, mas sempre buscando o mesmo objetivo, a saber, a exclusão, o que confere à ideia de raça, nesse aspecto, um tom de continuidade. Nesses termos, a limpeza de sangue, uma demonstração notável do antijudaísmo clássico, se torna objeto de uma metamorfose, se transformando em um antijudaísmo religioso-racial.

Ao fim, Torres entende que, através do discurso religioso ou teológico, se fabricou um determinismo biológico. Afinal, as pessoas descritas como impuras eram vistas como inferiores. Mesmo durante o Iluminismo, a ideia de raça só acentuou a exclusão em uma sociedade que reclamava por mais igualdades, direitos participativos e democracia. O autor compreende, ao estudar o conceito de raça e as vicissitudes pelas quais seu significado passou, que, mais que uma realidade biológica, pelo menos até o século XVIII, era uma construção social. Mas, ao meu ver, uma construção social que qualificava os seres humanos em superior-inferior, no caso do Novo Mundo, com base nos aspectos físicos.

George Fredrickson também enfatiza que o racismo começou a se desenvolver na relação dos cristãos com os judeus, nos séculos finais da Idade Média, por mais que homens da Igreja e uma pequena parcela da sociedade, sobretudo nos séculos XI e XII, acreditassem na possibilidade de conversão dos últimos. Entretanto, de uma forma geral, a mentalidade popular era de que os judeus haviam cometido vários crimes e, por isso, vistos como naturalmente maus, inclinados

une grace conférée par le Prince à celui qu'il eleve au dessus d'honnestes Plebeïens: mais que come l'Ironnelle ne fait pas le Printemps, de mesme cette Noblesse naissante n'est pas parfaite, & elle n'acquiert la Race, qu'au quatrième degré [...]. Elle se verifie en deux manieres, par titres & par témoins. La dernière preuve est spécialement receuë, lorsqu'il y a des troubles, des incendies & autres accidens". Portanto, o príncipe era responsável por fazer o indivíduo nobre, de todo modo, tal graça só se tornaria real se o sangue da família fosse mantido limpo até por quatro gerações, o que, enfim, redundava num ser nobre e de sangue puro. Curiosamente, no início do século XVIII, na América, José de Gumilla, como vimos, fazia cálculos parecidos para apagar os traços indígenas e negros, caso os últimos mantivessem relações com o sangue branco. Na Europa, nos tratados como o citado acima, a nobreza apagava a nódoa do sangue; na América, nos compêndios de viagem, buscava-se apagar os traços físicos dos nativos e dos africanos.

⁴⁴ TORRES, Max S. Hering. "Raza": variables historicas. *Revista de Estudios Sociales*, n. 26, 2007, p. 19.

mesmo a fazer coisas ruins, a exemplo do assassinato de crianças em sacrifícios e bruxarias, bem como tornar a vida dos cristãos mais difícil.

A assolação causada pela Peste Negra, no século XIV, também fez com que se recaísse sobre as costas dos judeus a culpa pelo ocorrido: acreditava-se que eles teriam envenenado os poços de água das populações. Conquanto, de uma forma geral, a Igreja condenasse esse tipo de comportamento, os cristãos medievais que viam os judeus como filhos do Diabo, de fato os excluía da parte dos membros da raça humana pelos quais Jesus havia morrido na cruz. Logo, sob esse aspecto, pode-se incluir na lista não somente os judeus, mas os que eram considerados bruxos e heréticos, muito embora, nesses casos, a exclusão não fosse remetida à etnicidade dos indivíduos.⁴⁵

Sendo assim, o racismo ou proracismo, em algumas visões, foi algo peculiar ao fim da Idade Média e não se referia somente aos judeus, mas a povos como os irlandeses e outros de origem eslava que, muitas das vezes, mesmo se convertendo ao cristianismo, eram considerados como falsos na profissão da fé. Inclusive se encontravam legislações, no século XIV, que obrigavam os povos de origem *alemã* a provar sua ascendência para participar das *guildas* ou manterem escritórios. Surgiram também leis que baniam o casamento entre povos de origem alemã e eslava.

Para Fredrickson, o que faltava, na verdade – e daí sua hipótese de que essas discriminações étnicas não podem ser rotuladas como racistas – era uma ideologia ou visão de mundo que persuasivamente justificasse tais práticas. Portanto, pode-se dizer que a Europa Medieval era uma sociedade onde encontrávamos perseguições contra grupos diferentes, com grande aumento de intolerância, não somente em relação aos judeus, mas também com os leprosos e quaisquer outros cujos comportamento ou crenças desviassem da conformidade moral que estava sendo difundida como jamais fora em qualquer outra época.

Ainda assim, se o antissemitismo racial teve antecedentes medievais na tendência popular em ver os judeus como agentes do Demônio e, desse modo, para além da redenção e fora do círculo de potenciais adoradores cristãos, a outra principal forma de racismo moderno – por código de cores – não teve nenhuma significativa raiz no mundo medieval e, definitivamente, é um produto principalmente do período moderno. De fato, a ideia de que na Europa do final da Idade Média existia uma repulsa causada nos indivíduos de cor de pele branca ao verem outros

⁴⁵ FREDRICKSON, George M. *Racism: a short history*. New Jersey: Princeton University Press, 2002, p. 23-24.

com pigmentação escura, se não for completamente falsa, é no mínimo claramente enganadora.⁴⁶ Tal posição de Fredrickson vai ao encontro daquilo que defendera, na década de 1960, Winthrop D. Jordan.

George M. Fredrickson enfatiza que, na Idade Média, os europeus tinham pouco ou nenhum contato direto com os africanos da região subsaariana. Representações artísticas e literárias desses povos distantes e dessas terras inexploradas variavam de monstros terríveis a santos ou heróis. Os demônios eram representados, quase sempre, com pele preta e com aquilo que poderíamos designar como feições físicas africanas além dos executores dos mártires que, de forma recorrente, eram reportados como homens pretos. A simbólica associação da negridão com o Demônio e com a morte e da brancura com a bondade e a pureza, inquestionavelmente teve algum efeito na predisposição das pessoas de pele clara em se posicionarem contra àquelas de pigmentação escura. Entretanto, o significado dessa tendência cultural tende a ser exagerado pelos autores. Afinal, se a cor preta ocupava um lugar com conotações desfavoráveis, por que tantas Ordens religiosas, padres e freiras usavam roupas pretas ao invés de cores claras?⁴⁷

Fredrickson defende a hipótese de que a visão negativa dos europeus em relação aos negros não era algo inerente à Idade Média. Inclusive, a análise da iconografia tende a demonstrar que os primeiros indivíduos não judeus que foram convertidos ao Cristianismo eram etíopes. Portanto, em meados do século XV, quando os portugueses chegaram ao Oeste da África, existia uma imagem favorável e, às vezes, até glorificada a respeito dos homens com pele escura. Sendo assim, a ascendente demonização dos judeus era acompanhada, no mesmo período, pela até possível “santificação” dos negros, ideal representado no mito de Preste João, em um primeiro momento identificado com a Índia, depois com os tártaros e, por fim, com o reino cristão da Etiópia.

A hipótese de buscar na implementação da compra e venda de escravos as raízes para a questão da raça e do racismo também é algo questionado pelo autor, uma vez que as compras iniciais de escravos africanos pelos europeus podem ser facilmente justificadas em termos de religião e *status* legal, sem recorrer à cor da pele como uma das razões. Assim sendo, próximo do que entendemos como racismo moderno, portanto, seria a forma como eram tratados os judeus convertidos ao Cristianismo, nos séculos XV e XVI, na Espanha. Os conversos eram

⁴⁶ FREDRICKSON, George M. *Racism: a short history*. New Jersey: Princeton University Press, 2002, p. 26.

⁴⁷ FREDRICKSON, George M. *Racism: a short history*. New Jersey: Princeton University Press, 2002, p. 25.

identificados e discriminados por conta da crença de alguns cristãos de que a impureza de sangue presente nos judeus os impediam de ter uma verdadeira conversão. Logo, debaixo da doutrina da pureza de sangue, em especial a partir do século XV, os judeus foram submetidos a uma discriminação que parecia carregar aparências mais raciais do que religiosas.

Com esse raciocínio, George M. Fredrickson destaca que a doutrina espanhola de pureza de sangue era racista. Representava a estigmatização de um grupo étnico inteiro com base em deficiências que supostamente não podiam ser erradicadas pela conversão ou assimilação. *Status* social herdado não era nada novo; o conceito de sangue nobre há tempos fazia parte dos descendentes de certas famílias que haviam nascido em um patamar diferenciado e considerado superior. Mas quando o *status* de grande parte das pessoas foi considerado como baixo por conta da sua origem étnica, uma linha foi cruzada e conferiu à ideia de raça um novo e mais compreensivo significado. No entanto, a despeito da defesa dessa assertiva, entendo ser preciso ter cautela numa tal afirmação, pois, afinal de contas, o sangue sífilítico, por exemplo, também era considerado impuro e transmitido de geração em geração e nem por isso esses contaminados estavam associados com o termo raça.

De acordo com Léon Poliakov, as atitudes espanholas em relação aos conversos, que se desenvolveram nos séculos XV e XVI e redundaram na implicação de que os judeus eram maus por natureza e não somente por conta de suas crenças religiosas.⁴⁸ Dessa forma, o ódio sectário se tornou racial. Para George M. Fredrickson, a Espanha dos séculos XVI e XVII foi decisiva para a história do racismo ocidental, porque suas atitudes e práticas serviram como uma espécie de transição entre a intolerância religiosa da Idade Média e o racismo naturalista da época Moderna. Assim, nesta porção do globo, identidade nacional e religião universalista concomitantemente foram feitos sinônimos.

Mas, por outro lado, Fredrickson também é favorável que, ao fim, o moderno conceito de raça, considerando os caracteres físicos dos indivíduos é produto do século XVIII, sobretudo quando se aborda a coloração da pele. De todo modo, penso que a relevância dos significados do termo raça, na Europa Ocidental, não pode ser ignorada, seja na sua associação com a pecuária ou com linhagens aristocratas. O reconhecimento de crias superiores de cavalos e cachorros, obviamente, prenunciou a classificação biológica dos seres humanos com diferentes traços

⁴⁸ POLIAKOV, Léon. *The history of anti-semitism*. London: Elek Books, 1966.

físicos. Hereditariedade era normalmente associada ao sangue e as famílias tituladas manifestavam o seu como nobre ou real através da recorrência aos caracteres somáticos.⁴⁹

4.4 O termo raça: origens

Seguindo por um caminho mais filológico, convém salientar que Charles de Miramon e Fredrickson defendem que a palavra raça não existia em grego, nem no latim clássico e medieval. Portanto, seria um neologismo que não teria suas raízes nestas línguas. Em seu dicionário de latim, de 1552, Robert Estienne, de acordo com Miramon, explicava que raça podia ser traduzida como estirpe, genes ou sanguíneo (descendência / tronco, povos / tribo ou como do sangue de...). Logo, o problema que se coloca é: quando, aonde e porque raça foi inventada? Um famoso enciclopedista do século XVI, Du Fouilloux escrevia ostensivamente sobre raça de cachorros caçadores. A mais remota ocorrência da palavra raça pode ser, de fato, encontrada em um pequeno poema de Jacques Brézé, *The hunt*, de 1481. Nesse e em mais outro escrito, todas as vezes que a palavra raça aparece está associada com caça, bons cachorros caçadores, caninos com *pedigree*, ou seja, sempre se relacionando com animais de boa qualidade.⁵⁰

De fato, na obra do século XVI, de Jacques Du Fouilloux, que fora publicada somente em 1614, o termo raça aparece estreitamente ligado com os animais, uma vez que, no primeiro capítulo, encontramos a seguinte descrição: “L’ay voulu diligemment regarder tant au dire des anciens que modernes, d’où est venuë la premiere race des chiens courans en France, & n’ay

⁴⁹ SAINT-MÉRY, Louis-Élie Moreau de. *Description topographique et politique de la partie espagnole de l’isle Saint-Domingue, avec des observations générales sur le climat, la population, les productions... de cette colonie...* par M. L.-É. Moreau de Saint-Méry,... 1796: “Il est à croire que le nombre des Mulâtres diminuerait à proportion des Quarterons qui naîtraient, et que les Blancs préféreraient les femmes qui tiendraient les moins de l’espece negre; mais dans l’état présent cette préférence existe, et la confusion du sang est à tel point que l’oeil le plus observateur n’y reconnaît plus rien. D’ailleurs, et d’après ce que je propose, on pourra s’en fier sur la distinction des ranges et le degré de nuance, à l’orgueil, qui ne perd jamais ses droits, et à l’exactitude des registres publics. Au surplus, quand le caractere naturel et organique de la race negre est absolument effacé, il n’y a plus de raison de maintenir des différences qui n’ont plus rien de réel: is est un terme au-delà duquel on ne doit point faire de recherche, où elles deviendraient même absolument inutiles”.

⁵⁰ MIRAMON, Charles de. Noble dogs, noble blood: the invention of the concept of race in the late middle ages. In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin; ZIEGLER, Joseph (edit.). *The origins of racism in the west*. New York: Cambridge, 2009, p. 208.

trouvé Chronique ou histoire qui en parle de plus long temps qu'une j'ay veuë Bretagne, faite par un nommé *ioannes monumetensis*".⁵¹

Portanto, para Charles de Miramon, a palavra raça não foi cunhada para desprezar uma minoria ou um povo estranho com uma diferente cor de pele. Foi empregada primeiramente na França e não na Espanha ou em Portugal. Não foi inventada para justificar a colonização ou a escravidão. Miramon concorda com a hipótese de Claude Lévi-Strauss de que a Antropologia foi um solo fértil para se discutir a ideia de raça. A base do antropólogo é que, antes do racismo científico, raça era como uma tribo, uma nação ou um grupo étnico definido por si só, por rejeitar os outros. A historiografia sim, que veio na sequência, se baseando numa fundação humanística, teria desviado as origens da palavra.⁵²

Miramon também destaca que algumas autoridades em dicionário ainda sustentam a teoria de uma origem italiana para o termo raça. Eles salientam, com base numa tradução medieval do texto *Faits romains*, um compêndio de história romana, onde apareceria a seguinte expressão: "l'uomo diceva che re Nicodeme di Bettinia li 'l dono, e altri affermavano ch'elli fu nato in suo raza". Observe que, nesse caso, estavam falando de raça de cavalos e a palavra já aparece no italiano. Na versão francesa, note: "Li un disoient que Nicodeme li donna, li autre afferment que'il fu nez em son haras". Assim, como se pode observar, a palavra *raza* foi traduzida como *haras*: lugar aonde se cria rebanhos de éguas e potros. E *haras* era uma velha palavra de origem normanda, usada com sentido zootécnico em regiões sob a influência desta última, como no Sul da Itália, por exemplo. Inicialmente, *arazza* e sua variante *razza* não iam além da proliferação de um jargão equestre. Apenas no início da Idade Moderna que a palavra recebeu um sentido metafórico, tendo enfim, uma fonética próxima do que reconhecemos como a palavra raça.

Miramon ainda lembra que outra expressão próxima à raça era *geração*. No latim bíblico, geração poderia significar tribo, povos. No século XV francês a palavra também carregava um sentido mais específico, relacionado com *linhagem*. Em fins dessa centúria, raça poderia substituir geração, como aparece em *Mystère du vieil testament*, por volta de 1480; mas também na linguagem tortuosa do astrólogo Simon de Phares. No seu catálogo de grandes mágicas

⁵¹ FOUILLOUX, Jacques Du. *La vénerie de Jacques Du Fouilloux*: plusieurs receptes et remèdes pour guérir les chiens de diverses maladies. Plus l'adolescente de l'auteur [et la Complainte du cerf à M. Du Fouilloux, par Guillaume Bouchet], 1614.

⁵² MIRAMON, Charles de. Noble dogs, noble blood: the invention of the concept of race in the late middle ages. In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin; ZIEGLER, Joseph (edit.). *The origins of racism in the west*. New York: Cambridge, 2009, p. 202.

(1494), Simon declara que Phines era *de la race entre lês Juifs* que possuía o dom hereditário de fazer fumigações mágicas. No mesmo livro, um pouco depois, o autor falava de raça de ingleses.

Pesquisando em dicionários e base de dados lexicográficos, Charles de Miramon encontrou nove ocorrências da palavra raça antes de 1500. Quatro (três em Jacques Brézé e uma em Commynes) estavam relacionadas com cães de caça, caçadores, nobres e guerra. Uma ocorrência, em Commynes, é uma tradução do italiano *razza* – igual à *haras*. Em quatro ocorrências (duas em o *Mystère du vieil testament* e duas em Simon de Phares), com sinônimo de geração (tribo, povos). Seja como for, no século XV, sobretudo, raça carregava relações com zoologia e também com a aristocracia (raça de aristocratas).⁵³

Miramon nos oferece, desse modo, uma série de exemplos, em particular, com base no caso francês do século XV, de que a expressão raça estava diretamente ligada à criação de animais. Pode-se observar em textos sobre caça, por exemplo, o quanto as qualidades de animais eram exaltadas. Os cães de caça eram considerados de raça nobre, sobretudo por lutarem ao lado dos caçadores, assim como os falcões eram tidos como animais nobres. Muitos compêndios de caças falavam das diferentes espécies de falcões, destacando que alguns eram mais escuros e outros mais claros e isso estava relacionado com o ambiente em que viviam. Logo, os falcões negros eram oriundos de lugares mais quentes. Mas o que importa assinalar é que, em fins do século XIV, o significado da expressão raça passava por transformações em seu uso, ainda que sutil e muito mais implementada nas periferias do mundo medieval em que se começava a associar nobreza com hereditariedade.

O ressurgimento da ideia de sangue na sua relação como hereditariedade, no século XIV, é um outro exemplo crucial da evolução política e cultural que pode explicar o nascimento de raça. Assim, Miramon insiste que durante a Idade Média, em sua grande parte, o ideal que fora tão ressaltado em relacionar hereditariedade e sangue, no sentido de destacar a nobreza na antiguidade, havia sido abandonado. Durante o medievo, a nobreza pessoal ou familiar recaía sobre os atos dos indivíduos, numa espécie de valorização das obras, da valentia e do ideal de cavalheirismo.

Dessa forma, pode-se falar de *nobreza da carne*. Mas, em fins do século XIII, e sobretudo na centúria seguinte, no bojo do desenvolvimento das teorias que relacionavam sangue e

⁵³ MIRAMON, Charles de. Noble dogs, noble blood: the invention of the concept of race in the late middle ages. In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin; ZIEGLER, Joseph (edit.). *The origins of racism in the west*. New York: Cambridge, 2009, p. 202.

hereditariedade, em especial ao se abordar as questões relacionadas às qualidades de cães de caça ou de pássaros como os falcões, tão importantes na representação do poder e da coragem, foi que a nobreza de sangue, que fora abandonada durante longo tempo, voltou a se manifestar, ainda que de forma periférica e mal arquitetada. Assim, nos dizeres do estudo de Miramon, a palavra raça é o produto de uma tendência que deve ser entendida dentro da estrutura de complexas mudanças culturais que se iniciaram em fins da Idade Média. A pré-história do uso do termo raça, oriunda do mundo medieval, modelou a matriz cultural que foi testemunha do crescimento desse uso na sua imbricação com sangue e hereditário, na segunda metade do século XVI.⁵⁴

Nas análises de Niremberg, para o castelhano, a palavra *raza* teria sido usada para descrever defeitos inerentes à linhagem, como fica claramente demonstrado em obras como a de Gutierre Díez de Games, que por volta de 1435, nos fornece um exemplo dirigido especificamente aos judeus: “desde a morte de Alexandre até agora, nunca se fez uma traição que não fosse um judeu ou sua linhagem”.⁵⁵ Assim, a palavra “raza” teria surgido precocemente como jeito de descrever tais defeitos inerentes à linhagem. O estudo de David Niremberg é bem interessante. De todo modo, a obra analisada pelo autor valoriza a questão da linhagem e não exatamente a palavra raça, sobrando uma sensação de certo exagero em suas conclusões.

Para Niremberg, a relevância dos conhecimentos de criar cavalos, até à aplicação do conceito de *raza* aos descendentes de conversos judeus e mouriscos, aparece nos eruditos, no princípio da Idade Moderna. Sebastián de Covarrubias, em seu célebre dicionário espanhol publicado em 1611, dizia que *raza* era “a casta de cavalos castiços, aos quais se marcavam com ferro para que fossem conhecidos... *raza*, em termos de linhagem se toma em má parte, como ter alguma raça de mouro ou judeu”.⁵⁶ Assim, a ciência natural que sustentava aquele conhecimento não era a do século XIX, mas foi capaz, no entanto, de gerar conclusões surpreendentes e parecidas a de uma época posterior, embora seja preciso destacar que esta lógica não fosse de modo algum exclusiva do caso espanhol. Como veremos em capítulo posterior, a análise de Niremberg sobre a obra do dicionarista Covarrubias tende a superdimensionar a posição do último a respeito do significado de raça.

⁵⁴ MIRAMON, Charles de. Noble dogs, noble blood: the invention of the concept of race in the late middle ages. In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin; ZIEGLER, Joseph (edit.). *The origins of racism in the west*. New York: Cambridge, 2009, p. 215-216.

⁵⁵ NIREMBERG, David. El concepto de raza em el estudio del antijudaísmo ibérico medieval. *Edad Media: Revista de Historia*, n. 3, 2000, p. 53 [tradução livre].

⁵⁶ NIREMBERG, David. El concepto de raza em el estudio del antijudaísmo ibérico medieval. *Edad Media: Revista de Historia*, n. 3, 2000, p. 53 [tradução livre].

A questão, para Niremberg, é que palavras como *raza* e *linage* (e os termos correspondentes afins em diversas línguas faladas na Península) carregavam significados que se enraizavam com noções biológicas identificáveis no campo da criação e reprodução, na primeira metade do século XV. Além disso, a súbita aparição deste vocabulário e sua aplicação aos judeus coincidem de um modo muito preciso no tempo (por volta de 1440) com a aparição de ideologias hostis aos conversos que buscavam naturalizar categorias e hierarquias religiosas a fim de legitimar sua reprodução.⁵⁷

A conclusão a que chega Niremberg é interrogativa: resulta proveitoso denominar “raciais” a estas definições genealógicas de coletividade? Pode ser dizer que sim, se é que raça se entende no sentido geral como um conjunto de estratégias que buscam fundamentar na natureza as hierarquias humanas e explicar e legitimar a perpetuação destas hierarquias mediante uma linguagem de reprodução. Mas, é igualmente importante se dar conta das características particulares da *limpeza* em um sistema de discriminação, uma vez que as naturalizações conseguidas por mediação suas foram muito diferentes do “antissemitismo racial” de períodos posteriores.

Portanto, a tese defendida pelo autor acima, embora se possa perceber alguns excessos em suas análises para se explicar o termo raça na Idade Moderna, é significativamente original. Ao fim, ele percebe que o estudo de raça não demonstrará a forma como os indivíduos daquela sociedade discriminavam os povos diferentes dos europeus. Pela perspectiva do autor, as respostas para as qualificações raciais, talvez sejam mais bem explicitadas no estudo da problemática inerente ao sentido de *limpeza de sangue*. Ou seja: ele retira o peso que se recai sobre a ideia de raça.

Mas, ainda assim, Niremberg entende que o valor heurístico que o conceito de raça tem para o medievalista reside em sua capacidade de catalisar comparações que evidenciem tais concomitâncias e diferenças. Por este motivo é importante que os estudiosos da Idade Medieval (ou ao menos aqueles que se interessam pelas transformações das categorias religiosas na Espanha do século XV), levem raça como um tema sério. Porque não é menos importante que não confundamos os argumentos relativos ao valor cognitivo do conceito de raça com os argumentos relativos a história do dito conceito.

⁵⁷ NIREMBERG, David. El concepto de raza em el estudio del antijudaísmo ibérico medieval. *Edad Media: Revista de Historia*, n. 3, 2000, p. 53.

A proposição descrita acima chama a atenção, pois nos leva à considerar que o estudo da ideia de raça, independente da ligação com os aspectos físicos e com a biologia, deve ser feito por aqueles que pretendem se “debruçar” sobre a problemática. Partindo dessa lógica, afirmo que circunscrever o esboço da ideia de raça considerando as aparências físicas ao século XIX, abandonando então as diferenças que tal expressão reteve em outros contextos históricos, é, no mínimo, empobrecer o estudo do tema, uma vez que, como se busca verificar em outras partes desse trabalho, há teorias e remessas de viajantes que nos deixam evidente a possibilidade de se utilizar o termo raça, na sua intercessão com a cor da pele e o formato dos corpos, em temporalidades distintas do século XVIII. O problema central é o risco de associar a ideia de raça com imutabilidade. De todo modo, a ideia de degeneração estava mais associada, em alguns contextos, com a lógica daquilo que era imutável. Daí a necessidade de atentar, simultaneamente, à importância da presença desses dois termos nas fontes aqui analisadas.

Para Audrey Smedley, a palavra raça é encontrada em todas as línguas dos colonos europeus nas Américas. E, geralmente, denotava populações de origem desigual na heterogênea mistura de povos. Seja como for, o significado do substantivo, nas diferentes linguagens europeias, variou consideravelmente. Em inglês, o termo possuía quase uma dúzia de significados distintos, desde os tempos medievais. Mas, como uma forma semântica para se referir a grupos humanos, o termo em inglês tem um curioso tipo de história. Essa etimologia aparece incompreensível, embora a maior parte dos dicionários descritivos sugere que o termo provavelmente tem suas origens do italiano, o que levaria a uma origem latina, circunstância esta já largamente contestada por estudos aqui apresentados.

E a autora faz um balanço sobre os estudiosos britânicos que debateram sobre a origem de raça, dos quais H. W. Fowler reivindicava, em 1926, que não existia uma palavra em latim da qual poderíamos dizer que raça teria se originado. Por outro lado, um notável zoologista, Cedric Dover, destacava, em 1951, que o termo descendia da palavra árabe *ras* e, portanto, significava cabeça-chefe, origem ou começo. A partir daí ele especulava que o termo teria entrado na Espanha na forma de *raza*, significando assim grupos de parentes, seguidor ou chefes. Na sequência, teria se espalhado para outras línguas latinas e, finalmente, para o inglês. Numa retomada das ideias de Dover, J.C Trevor, um antropologista de Cambridge, voltou ao argumento

de que raça derivava do latim *ratio*, lembrando da relação do termo com outros como espécie, tipo e natureza. Teria vindo para o italiano como *razza* e, a partir daí, para as outras línguas.⁵⁸

Para Smedley, o etimologista Leo Spitzer concorda com Trevor na crença da transformação de *ratio* para o italiano *razza* e, assim em diante, para as línguas modernas, mas tendo, de certa forma, inicialmente, uma ligação grande com os animais. O *Dicionário de inglês Oxford* não destaca a utilização de tal termo até, pelo menos, o poema de Dunbar. Outras raras ocasiões de uso são mostradas nesse dicionário durante fins do século XVI, de duas formas: uma, como “grupo de pessoas, animais ou plantas”, na relação com descendência ou origem; e outro, grupo ou classe de pessoas, animais ou coisas com comuns feições. Apenas, ocasionalmente, encontramos o termo sendo usado para se referir a grupos humanos, durante o resto do século XVI. Edmund Campion não empregou o termo em suas descrições do povo irlandês, em uma das suas primeiras histórias, compiladas em 1571, embora alguns escritores contemporâneos falassem frequentemente de raça Irlandesa. Nem foi usado com frequência para se referir aos estrangeiros menos familiarizados com os ingleses.

De fato, para a autora, raça não apareceu na linguagem inglesa como um termo técnico com referência a grupos humanos, até o século XVII, quando aparentemente era utilizado em vários sentidos. Um deles se referindo as características ou qualidades comuns de determinados tipos de pessoas. Assim, por exemplo, John Bunyan no seu *Pilgrim's progress* se refere a raça de “santos”. William Shakespeare, junto de tantos outros dramaturgos, buscava associar o termo com a ideia de disposição herdada ou temperamento dos indivíduos. Outros escritores transmitiam o senso de uma classe ou tipo de pessoa, como por exemplo, raça de bispos ou raça de mulheres. O segundo uso era mais técnico, se referindo a vários homens, numa tentativa de classificar diferentes grupos humanos, ocasionalmente sendo utilizado em intercâmbio, com termos como *espécie*, como uma forma geral de categorização das pessoas. Já William Petty e outros poucos escritores relacionavam raça com geração.⁵⁹

Smedley entende que, embora os dados sejam escassos, parece que a mais direta evidência da origem do mais antigo significado de raça deriva da Idade Média. Parece ter sido um conceito popular usado em linguagens de romances (Espanha, França, Itália, Portugal) que

⁵⁸ SMEDLEY, Audrey. *Race in North America: origin evolution of a worldview*. Colorado: Westview Press, 1993, p. 37.

⁵⁹ SMEDLEY, Audrey. *Race in North America: origin evolution of a worldview*. Colorado: Westview Press, 1993, p. 38.

evidentemente emergiu de termos relacionados com criação de animais domésticos. Durante os séculos XV e XVI a hegemonia espanhola na Europa era extensiva e o contato com os ingleses cresceu rapidamente. Assim, torna-se bem plausível que os ingleses adotam o termo que era utilizado pelos espanhóis, passando a utiliza-lo para se referir aos indígenas do Novo Mundo. Naquele momento, a pronúncia espanhola do termo *razza* poderia, facilmente, ter se transformado no inglês *race*, de uma forma bem consistente com outras conhecidas transformações linguísticas.

Assim, para a autora, do século XVI ao século XVIII, raça se desenvolveu como um termo classificatório, similar ou em consonância com outros termos da língua inglesa, tais como: povo, nação, tipo, variedade, dentre outros. Ao fim do século XVIII, quando estudiosos se transformaram mais ativamente engajados em investigações, classificações e definições das populações humanas, o termo raça foi elevado ao símbolo maior e ao modo para se referir a diferenciação dos grupos humanos, sobretudo quando se relacionava com os não europeus.

Para Audrey Smedley, a identificação de raça com linhagem ou *stock* de animais carrega consigo certas implicações de como os europeus passaram a ver os grupos humanos. Raça, então, não era apenas um razoável termo aplicado de forma arbitrária e esporádica para se referir a povos indígenas e outras terras. Essa análise demonstra que havia aspectos substanciais, úteis e importantes do significado referencial de raça quando os europeus começaram a usar o termo como principal mecanismo de análise das diferenças entre os grupos humanos.

Logo, era um termo eminentemente apropriado para a visão de mundo sobre todas as diferenças humanas que os ingleses e todos os europeus começaram a colocar em prática. Seja como for, os ingleses na América do Norte desenvolveram e elaboraram as implicações da utilização do termo raça, num grau bem maior se compararmos com o que aconteceu com os espanhóis, os portugueses e os franceses. Os espanhóis e portugueses que colonizaram a América desenvolveram uma diferente perspectiva sobre diferenças humanas que não resultou na construção de exclusivos e rígidos grupos raciais, como ocorreu na América do Norte e no sul da África. Portanto, a autora concede um tom mais “adocicado” ao conjunto colonizador ibérico e acaba por minimizar os traços da rigidez que caracterizaram os povos do Novo Mundo, presente nas descrições das Américas portuguesa e espanhola. Se o uso do termo raça não era constante nessas paragens, nem por isso o conjunto de práticas parecidas com o que se denominaria como raciais, não estavam presentes nessas regiões. Sobretudo quando os viajantes do século XVII,

apontavam que os povos da América eram degenerados porque vivendo debaixo de céu e estrelas que corrompiam a humanidade, sendo impossível então, retroagir esse processo tão evidente, principalmente, na coloração da pele dos indivíduos.

Para Sue Peabody e Tyler Stovall, por longo tempo, se acreditou que a posição da França em relação ao que podemos chamar de divisão racial do mundo conhecido foi bem mais amena se comparada com o que aconteceu com os territórios oriundos da colonização britânica. Dessa forma, as alianças tecidas entre franceses com nativas americanas, se comparado com o desdém dos puritanos pelos indígenas, deu a impressão que a França era menos ligada aos preconceitos raciais. Mas, ao contrário, as pesquisas históricas têm demonstrado o quanto as barreiras raciais, na França, foram importantes para preservar a noção de pureza “nacional”.

De fato, a plasticidade do conceito raça pode ser observada mais claramente se nos atentarmos para a utilização do mesmo ao longo dos tempos. Por volta dos três séculos, entre o fim do XVI e o início do XIX, a nação francesa assim como o significado do conceito de raça passaram por profundas modificações. Nos séculos que antecederam a Revolução Francesa, a França não era totalmente integrada tal qual a conhecemos hoje, nem mesmo linguística ou culturalmente. A bem da realidade, até o século XVIII, a religião servia como a mais importante marca de inclusão ou exclusão, superando as barreiras nacionais e/ou raciais, o que pode ser visto claramente com a revogação do Edito de Nantes, por Luís XIV, em 1685. Tendo em seu território um pequeno número de estrangeiros (não havia mais do que 4000 negros vivendo na França em relação com os 25 milhões de habitantes, quando do momento da revolução), a diversidade humana era geralmente imaginada mais em termos de várias “nações” do que em termos de raças. Para franceses do século XVIII, as questões de raça se centravam em torno da distinção entre Francos e Gauleses, que datavam das origens das discussões a respeito da identidade nacional.⁶⁰

Além disso, eventos de fins do século XVIII, como a revolução, a independência do Haiti, ou seja, um sem número de mudanças sociais, políticas e geográficas, sobretudo a partir dos anos iniciais do século XIX, nos faz perceber o quanto o pensamento racial passou por modificações, assim como o significado do conceito de raça em si mesmo. Assim, qualquer um que se propor a

⁶⁰ PEABODY, Sue; STOVALL, Tyller. Race, France, histories. In: _____ (ed.). *The color of liberty: histories of race in France*. Durham, NC: Duke University Press, 2003.

estudar a origem, as mudanças e as experiências práticas do conceito raça, terá descoberto que esta ideia – a princípio tão aparentemente onipresente e óbvia – era realmente muito flexível.⁶¹

De tal modo, o que vemos é que, para Sue Peabody & Tyller Stovall, raça teria aparecido como meio de subordinar um povo conquistado ou escravizado: era utilizada como uma ferramenta extraordinária para limitar o acesso ao privilégio, existia como um discurso científico com uma genealogia intelectual interna, bastante independente, embora também em interseção com as relações sociais. Um assunto completamente plástico com diferentes formas para ser analisado. Portanto, estudar o pensamento racial na França é considerar suas relações com as colônias. Não se pode verificar de forma isolada a questão. Além disso, é um erro pensar que o pensamento racial francês, que se pautou pela assimilação do outro, foi menos grave que de outras regiões imperiais. Para os povos sob o domínio francês, o processo de assimilação, às vezes, foi mais cruel do que o puro racismo que apartava, como aconteceu no caso dos territórios dominados pelos britânicos.⁶²

Mary Efrosini Gregory destaca que a ideia de raça considerando os aspectos físicos se forjou no pensamento francês do século XVIII, apesar de também conferir importância à obra de François Bernier que, em 1684, apontava para a existência de pelo menos diferentes quatro raças no mundo, sugerindo que esses grupos deveriam ser classificados através da consideração dos caracteres físicos dos seres humanos; no limite, Bernier aconselhava que, ao invés de dividir o mundo de acordo com os atributos geográficos, poderia dividi-lo considerando as distintas raças

⁶¹ SAINT-MÉRY, Louis-Élie Moreau de. *Description topographique et politique de la partie espagnole de l'isle Saint-Domingue, avec des observations générales sur le climat, la population, les productions... de cette colonie...* par M. L.-É. Moreau de Saint-Méry,.... 1796: “Le préjugé de la couleur, si puissant chez les autres nations, où il établit une barrière entre le blanc et l'affranchi ou sa descendance, n'existe presque pas dans la partie espagnole. Aussi les loix des Indes Espagnoles sur les Affranchis, y sont-elles absolument en désuétude; car il en est qui les assujettissent à un impôt particulier, qui leur défend d'être gressiers et notaires, de se faire servir par des Indiens, de porter des armes, à peine de bannissement perpétuel; d'autres qui prononcent la peine de leur retour à la servitude, s'ils favorisent la revolte, les brigandages et le vols des esclaves; il en est même une qui ne veut pas qu'une affranchie porte de l'or, des perles, ni de la soie, ni une mante qui aille plus bas que la ceinture, à peine de confiscation de ces ornements. Il répugnerait cependant à beaucoup de créols de former des alliances avec la race des affranchis; et pour en être convaincu, il suffit de voir l'indignation de Don Antonio Valverde, créol, contre M. Veuves, qui a hazardé l'assertion contraire dans son ouvrage. Cette classe est même exclue, par le fait, de presque tous les emplois civils et militaires, tant que la teinte de la peau marque encore son origine; mais encore une fois, la constitution politique de la colonie espagnole, n'admet point de différence entre l'état civil d'un blanc et celui d'un affranchi. Il est même rigoureusement vrai que la majeure partie des colonos espagnols sont des sang-mêlés, que plus d'un trait africain trahit quelquefois, mais qui ont fait taire un préjugé qu'on pourrait appeler nul. Quant au sacerdoce, les hommes de couleur y sont admis sans difficulté, d'après les principes d'égalité qui sont la base du christianisme, et qui ne sont éludés qu'à l'égard des nègres, dont les espagnols n'ont pas encore fait des prêtres et même des évêques comme les portugais”.

⁶² PEABODY, Sue; STOVALL, Tyller. Race, France, histories. In: _____ (ed.). *The color of liberty: histories of race in France*. Durham, NC: Duke University Press, 2003.

de humanos existentes na terra. A obra de François Bernier, então, seria o ponto de partida para se considerar a utilização do termo raça com um sentido mais próximo do que seria largamente utilizado, sobretudo a partir de fins do século XVIII.⁶³

A ideia da autora se interliga com a defendida por Robert Bernasconi, na qual este último, ao abordar a questão da raça para ampliar suas considerações sobre a genealogia do racismo, entende que alguns fatos como os estatutos de pureza de sangue que foram usados contra os conversos, na Espanha; os debates em torno da humanidade ou não dos nativos americanos, quando do período da conquista e colonização, sobretudo encadeado por Bartolomeu de Las Casas; além do comércio Atlântico de escravos africanos que começou no século XVI e que em inícios do século seguinte já estava bem acentuado, devam ser claramente considerados. Eu acrescentaria o processo de degeneração dos povos americanos, ocorrido, de forma mais acentuada, a partir do século XVII.

Ou seja, era possível, para o espanhol ou o inglês, explorar os judeus, os nativos americanos e africanos, sendo eles exatamente o que eles eram, e também até despreza-los exatamente pelos mesmos motivos e isso, evidentemente, deve ser considerado como racismo. Todavia, esses tipos de comportamentos não foram, à época, sustentados por um conceito de raça com significado pautado pela ciência. Por certo, não se encontram explicações científicas para justificar a utilização do conceito de raça, nem mesmo no século XVIII essa questão estava colocada de forma objetiva. Ainda assim, havia o largo uso da expressão na sua intercessão com a cor da pele e qualidades dos indivíduos. Quanto ao aporte científico para demonstrar inferioridade e até mesmo imutabilidade dos povos, ele estava presente nos relatos de viagens a partir do século XVI, embora não estivesse relacionado com raça.⁶⁴

O interessante das proposições apresentadas por Fredrickson é a conclusão de que a perspectiva do desenvolvimento de uma raça branca e europeia se desenrolou ao longo dos séculos XVI e XVII e, de forma alguma, estava cristalizada até fins do século XVIII. Decerto, o encontro direto dos europeus com africanos fez com que a problemática da cor da pele viesse à tona, mas, em outros contextos, a brancura da pele não fora uma identidade consciente e tampouco vista como fonte de características específicas e moldadas pela hereditariedade. De fato, a desigualdade social existira por toda a Idade Moderna, tendo como base o nascimento e

⁶³ GREGORY, Mary Efrosini. *Freedom in French enlightenment thought*. New York: Peter Long Publishing, 2010.

⁶⁴ BERNASCONI, Robert (ed.). *Race*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 2011, p. 10-11.

demarcando os parâmetros entre os próprios europeus. Entretanto, o código de cores não ocupava espaço suficiente para se desenvolver de forma autônoma. Em terras do Novo Mundo, onde a pigmentação europeia podia ser facilmente comparada com a negrura dos escravos e o tom cobre dos indígenas, a cor de pele, rapidamente, se tornou uma – mas não a única – das diferenças de identidades.

Nas colônias da América do Norte, os termos: cristão, livre, inglês e branco, foram por muitos anos empregados, indiscriminadamente, como metonímias.⁶⁵ Claro que, pelo começo do século XVII, era preciso ser negro para ser escravo nas colônias americanas, mas, era o *status* religioso e legal, para além da cor, que efetivamente determinava quem estava sob a servidão e quem não estava. Em toda parte das sociedades do Novo Mundo, uma proporção de descendentes da população africana era reconhecidamente livre ou semilivre.⁶⁶

Portanto, as ideias de George M. Fredrickson lembram àquelas defendidas por Silvia Lara, em seus *Fragmentos setecentistas*, para quem a cor da pele não era um dado importante no processo classificatório da humanidade. De todo modo, ambos incorrem em um empobrecimento da análise ao buscarem respostas para a questão dos caracteres físicos em um conjunto de documentação oficial e legal. Efetivamente, esse tipo de documento, embora tenha grande importância, responde às perguntas relativas à forma como os europeus dos séculos XVII e XVIII classificavam o homem americano? Se a cor de pele não determinava, ao fim e ao cabo, quem estava sob o jugo da escravidão, não se pode perder de vista que determinava quem estava o sob o jugo da degeneração. E existia um sem número de viajantes e teorias europeias de que a degeneração do homem americano e africano é o que os colocava em posição de escravos, com a ressalva de que a coloração da cútis era o primeiro e mais importante indício do processo degenerador.

Nicholas Hudson destaca que o conceito de raça na acepção que conhecemos não aparece pronto em dicionários ou estudos europeus, pelo menos até 1835, quando na sexta edição da *Encyclopédie* aparece a explicação que o termo se vinculava a uma multidão de homens originários do mesmo país, e com semelhanças nos traços dos rostos, e também na formação exterior. Mas, obviamente, para o autor é claro que tais dicionários estavam defasados quando se tratava do uso do conceito de raça na ciência e nas belas artes.

⁶⁵ JORDAN, Winthrop D. *White over black: American attitudes towards the negro, 1550-1812*. Baltimore: Penguin Books, 1969.

⁶⁶ FREDRICKSON, George M. *Racism: a short history*. New Jersey: Princeton University Press, 2002, p. 54.

Para o autor, pelo meio do século XIX, raça se tornou o termo mais usado da etnografia e da literatura. Por volta de 1850, Robert Knox destacava a importância da raça ou da hereditariedade, das quais tudo descendia. Contudo, em que momento histórico raça ganhou essa relevância no discurso científico e no uso popular? Historiadores da ciência e da antropologia tem frequentemente notado que esta ideia começou a emergir em algum momento no século XVIII, particularmente em trabalhos de homens como Lineu e outros autores que advogavam a teoria poligenista da origem humana.⁶⁷ A meu ver, a dicotomia monogenismo-poligenismo é mais invenção dos pesquisadores do século XX do que, realmente, algo com que os letrados e cientistas naturais dos séculos XVII e XVIII se preocupavam. A ideia da degeneração e mesmo a lógica da raça não estiveram ancoradas em crença de espécies humanas distintas, pois esse tipo de problema não estava posto na Idade Moderna. Mesmo quando se falava em eventos edênicos distintos, ainda assim, se percebe que tais proposições não eram encaradas como legítimas.

Hudson busca focar no desenvolvimento da história da classificação racial, percebendo as mudanças de significados do termo raça junto a sua associação com termos como nação e tribo, desde a Renascença até o Iluminismo. Lembrando que essa evolução do uso do conceito é marcada, sobretudo, pela utilização do termo raça para descrever grandes populações. A literatura do século XVII contém uma riqueza de detalhes de descrição de inumeráveis nações do mundo não europeu. Escritores do século das “Luzes”, ao contrário, estavam mais inclinados a rejeitar as diferenças “nacionais”, ficando mais voltados a descrever negros, americanos ou outro grupo continental como raças, com traços semelhantes no corpo e na mente. Significativamente, raça e nação derivaram do mesmo conceito de linhagem ou descendência. À época, também, raça se tornou a mais importante expressão etnográfica utilizada pelos estudiosos enquanto nação acabou se tornando um termo reservado para se referir às divisões políticas e sociais da Europa. Tribo, em comparação, passou a ser grandemente usado no lugar de nação no intuito de descrever os povos considerados selvagens fora da Europa.

O autor lembra que, na literatura clássica e medieval, o principal termo em descrições etnográficas era *genes* – uma palavra latina que era usualmente traduzida como *povo* ou *nação*. Curiosamente, *genes* significava ancestral ou descendência (daí sua ligação etimológica com *gênero*, procriar ou produzir), refletindo uma forma antiga de entender uma nação não como uma

⁶⁷ HUDSON, Nicholas. From “nation” to “race”: the origin of racial classification in the eighteenth-century thought. *Eighteenth-Century Studies*, v. 29, n. 3, 1996, p. 247-264.

unidade política ou social, mas um grupo de pessoas ligadas por origem. *Genes* era, no entanto, próximo do significado de raça, entendido no sentido tradicional de linhagem ou extração. Além disso, a crença de que a humanidade era dividida em quatro ou cinco raças principais, como era levantado no século XVIII, representa uma significativa retomada de posição da ideia de *genes* dos antigos. Os autores medievais e da renascença comumente encontravam tantos povos quantas cidades ou reinos. De acordo com o enciclopedista Isidoro de Sevilha, cada grupo na Europa, e em qualquer lugar, possuía seus temperamentos nacionais: os romanos eram sérios; os gregos mais leves, tranquilos; os africanos eram astutos, ardilosos. Seguindo a tradição antiga, Isidoro atribuía essas variações no caráter às diferenças nos climas e nas terras de cada região.⁶⁸

Para Hudson, os africanos representavam um caso especial porque eram duramente apreciados como uma raça única, dentro daquela ideia tradicional de linhagem. O Velho Testamento indicava que todos os africanos – às vezes incluindo os Árabes e os Egípcios – eram descendentes comuns do filho amaldiçoado de Noé. Mas os europeus eram agudamente conscientes das diferenças dos africanos. Os cronistas dividiam a África em distintas partes, com suas diferentes nações, não tendo certeza mesmo se todos os africanos eram negros. Para muitos era um continente de selvagens primitivos, para outros tantos, uma região de diversas e despóticas monarquias, cada uma com sua complexa hierarquia de nobres, sacerdotes e oficiais reais. Outros relatos sobre o continente africano destacavam ainda, em extremo, o comportamento bestial e a parcial civilização dos povos. Para o autoe, os nativos americanos, ao contrário, eram menos descritos como uma raça única, uma vez que não existia concordância sobre esses povos formarem uma mesma descendência. E embora a origem exata dos povos do Novo Mundo fosse um grande mistério, a maior parte dos estudiosos acreditava que as Américas haviam sido povoadas por um diferente número de nações.

Assim, Nicholas Hudson compreende que os exploradores europeus, por certo, se imaginavam como superiores a todos os povos que eles encontravam. Mas esse senso de superioridade era fundamentado não em uma hierarquia de raça e sim na crença de que haviam alcançado um nível de civilização desconhecido pelas outras nações. Povos africanos e americanos eram desdenhados e colocados como bestiais ou, frequentemente, como rústicos, uma vez que eles pareciam não ter alcançado o nível de sofisticação e urbanização que alcançara os

⁶⁸ HUDSON, Nicholas. From “nation” to “race”: the origin of racial classification in the eighteenth-century thought. *Eighteenth-Century Studies*, v. 29, n. 3, 1996, p. 249.

européus. As comparações desses povos como animais não eram para indicar que a raça humana era classificada numa escala fixa determinada por Deus ou pela natureza. O assunto que preocupava a literatura etnográfica era, preferencialmente, a relativa sofisticação dos sistemas políticos e sociais estabelecidos em outros países. E essa percepção das diferenças nacionais não pesava consideravelmente a mão, relacionando cor de pele ou fisionomia, com raça.⁶⁹

Porém, ao fim do século XVIII, a descrição generalizada da aparência e dos caracteres raciais, começou a se tornar um dos dominantes atributos das literaturas de viagem e das histórias sobre os não europeus. Os autores do século XVIII se tornaram grandemente insatisfeitos com o tipo de história que distinguia primorosamente entre os costumes e instituições das várias nações. Portanto, Hudson tenta explicar como houve essa mudança no século XVIII, em que se passou de uma fascinação com as diferenças nacionais para uma preocupação com a raça. Para ele, alguns estudiosos entendem a doutrina de raça como justificadora da escravidão e do imperialismo. No entanto, esse argumento ignora a extensão com que o movimento abolicionista, por si só, adotava uma visão racial sobre os não europeus. E não poucos autores, como Abbé Raynal e o cientista inglês Charles White, apresentavam os africanos e outros grupos como biologicamente inferiores em relação aos brancos, embora denunciassem a escravidão de forma veemente, não podendo esse comportamento ser descrito como hipócrita.

Para Hudson, apenas em fins do século XVII que alguns cientistas consideraram a possibilidade de dividir as espécies humanas em variedades, tribos ou raças (embora a terminologia ainda fosse incerta). Mas foi no monumental trabalho de taxonomia *Systema naturae* (1735), que o sueco Lineu dividiu a espécie humana em quatro variedades (Europeus, Americanos, Asiáticos e Africanos). Nessa publicação, Lineu somente abordou rapidamente a distinção humana da *razão*. Na décima edição da obra (1758), ele introduziu um novo termo para nossa espécie, denominando-a de *Homo sapiens*, mas omitindo completamente a razão que explicasse seu termo novo. Assim, os humanos não eram animais racionais e sim animais divididos em distintos grupos como a fauna e a flora.

Alguns naturalistas achavam que Lineu tinha ido longe demais ao incorporar a humanidade dentro do reino natural. O mais notável deles, seu famoso adversário Buffon, defendia a unicidade e dignidade da razão humana, no seu terceiro volume do *Histoire naturelle*

⁶⁹ HUDSON, Nicholas. From “nation” to “race”: the origin of racial classification in the eighteenth-century thought. *Eighteenth-Century Studies*, v. 29, n. 3, 1996, p. 250.

(1749). Mas Buffon propunha se considerar somente “o homem exterior, e fazer a história do seu corpo”. Com o lado interior ou espiritual posto à parte, Buffon acabou se dedicando muito mais ao exame da variedade da espécie humana do que Lineu. De acordo com o antropologista do século XIX, Pierre Flourens, Buffon foi o primeiro autor a examinar a humanidade como espécie do que como ser individual.

E foi também Buffon que primeiro sistematizou o uso do termo raça para denominar grupos, elevando a velha palavra para um novo sentido, com eminente *status* na nomenclatura científica. A preferência de Buffon pelo uso de *raça* ao invés de *variedades*, tão utilizada por Lineu, não foi acidental. Como é sabido, Buffon desqualificava a divisão de Lineu como estática e arbitrária. Raça, para Buffon, era mais adequada, uma vez que sugeria uma linhagem familiar de animais ou humanos que não significava permanência ou inflexibilidade, mas formada como uma verdadeira história de traços passados de geração em geração em inumeráveis formas diferentes.⁷⁰

Embora o termo variedades, habitual em Lineu, tivesse certa equivalência ao termo usado por Buffon, raça era empregada pelo último no sentido de destacar as mudanças naturais ocorridas nos humanos, particularmente no que dizia respeito ao ambiente em que viviam. Para Buffon, a diferença entre raça e espécie era de apenas um grau. Para Hudson, seguindo o botânico inglês John Ray, Buffon destacava que espécie era apenas uma grande linhagem natural na qual os membros poderiam produzir descendentes férteis. Uma raça era uma linhagem também. Mas, enquanto a similaridade entre os membros da mesma espécie era extremamente marcada e óbvia, as similaridades de raça eram menos marcadas e mais mutáveis. Quando, dessa forma, as diferenças raciais alcançavam uma marca especial, segundo Buffon, se criava uma nova espécie.

Emmanuel Chukwudi Eze enfatiza a importância dos escritos filosóficos do século XVIII para se entender a questão da raça. De fato, para o estudioso, a ausência de trabalhos que foquem nos eruditos da centúria da “Luzes” acaba por comprometer o entendimento sobre a ideia do termo. Portanto, por uma perspectiva histórica, se compararmos os europeus do Iluminismo com os gregos antigos, perceberemos, em ambos, os domínios da filosofia e da política. Assim, os maiores pensadores da Grécia antiga articulavam as diferenças sociais e geográficas com base na oposição entre o indivíduo que possuía cultura e o que era bárbaro. Aristóteles, por exemplo,

⁷⁰ HUDSON, Nicholas Hudson. From “nation” to “race”: the origin of racial classification in the eighteenth-century thought. *Eighteenth-Century Studies*, v. 29, n. 3, 1996, p. 253.

definia os seres humanos como animais racionais e destacava que os povos com cultura (como eram os homens e os aristocratas gregos) eram capazes de viver numa forma razoável, com uma sociedade organizada de forma democrática; enquanto, os bárbaros, os não gregos, fora dos círculos culturais e carecedores de uma capacidade racional vista como superior para o estilo ateniense de organização social democrática, eram apontados como aqueles que viviam brutaemente.⁷¹

Para Eze, os pensadores do Iluminismo retiveram o ideal grego de razão; assim como as categorias racionais funcionavam como ponto para discriminação entre os com cultura – que passaram a ser denominados de civilizados –, e os bárbaros – a partir de então denominados de selvagens ou primitivos. Depreende-se, então, que a declaração dos homens do século das “Luzes”, de que viviam na Idade da Razão, carregava o mote de que enfim a maturidade havia alcançado seu ponto máximo, na Europa Ocidental, enquanto que, fora dessa região, outros habitantes, considerados não europeus na origem cultural e racial, eram consistentemente descritos e teorizados como racionalmente inferiores e selvagens.⁷²

Cabe, então, aos pesquisadores, entender a razão do conceito raça ter ganhado um papel fundamental no discurso sócio-político e científico na Europa do Iluminismo. Para Eze, embora na área da filosofia da história, por exemplo, o avanço da ciência no período do Iluminismo tenha tentado desbancar a história bíblica da criação e substituir a autoridade religiosa pela razão, a natureza ainda era conceitualizada como um sistema hierárquico em que cada criatura, desde humanos até os demais seres da fauna e da flora, possuíam uma natural e reconhecida posição e *status*.⁷³ Assim, partindo da consideração das obras de Lineu e Buffon, o autor entende que as classificações dos seres humanos, decerto, se envolviam no esquema de uma hierarquia natural, onde no topo se encontravam os europeus, nessa escala supostamente humana, racional e moral, de capacidade evolutiva.

Mas, seja como for, a classificação religiosa dos seres humanos, de fato, começou a disputar espaço com uma baseada no mundo natural.⁷⁴ Dessa forma, podemos apreender que as

⁷¹ EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). *Race and the enlightenment: a reader*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997, p. 4.

⁷² EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). *Race and the enlightenment: a reader*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997, p. 4.

⁷³ EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). *Race and the enlightenment: a reader*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997, p. 5.

⁷⁴ HOMES, Henry (Lord Kames). *Sketches of the History of man in two volumes*. Edinburgh: Printed for W. Creech, 1774: “The colour of the Negroes, as above observed, affords a Strong presumption of their being a different race

viagens e as explorações ocorridas nos dois séculos anteriores ao Iluminismo foram fundamentais para a publicação de relatos sobre as terras distantes e também dos povos. No rebote, a expansão da riqueza das nações europeias. Contudo, o que devemos reter é que esses escritos sobre terras incógnitas contribuíram profundamente para a percepção da Europa como se fosse uma família, civilizada, vivendo na Idade das Luzes, enquanto os povos de outras terras eram os estranhos. Assim, o autor conclui que a selvageria podia ser tipicamente localizada fora da Europa, fora dos domínios da Luz, tanto que a África era considerada como Continente Preto ou *terra nulla*.⁷⁵

Então, chega-se à conclusão do papel desempenhado pela filosofia na codificação e institucionalização das perspectivas científica e popular das percepções europeias sobre a raça humana. Logo, razão e civilização, no século XVIII, se transformaram em sinônimo de pessoas brancas e da Europa Ocidental, ao passo que a irracionalidade e a selvageria passaram a ser convenientemente localizadas entre os povos não brancos, como os pretos, os vermelhos e os amarelos, ou seja, os não europeus. A lógica de Eze se aproxima substancialmente das proposições feitas por Smedley e que já foram apreciadas ao logo desse capítulo, cabendo reiterar a ideia de que o conceito raça e as implicações relativas à segregação de grupos, de alguma forma, já existiam na linguagem popular europeia, pelo menos desde o período de formação dos Estados nacionais. Mas a institucionalização dessa ideia, ainda que muitos historiadores considerem que tenha sido de forma incipiente, só ocorreu em meados do século XVIII.

De fato, a sugestão de Eze de se debruçar nas obras dos filósofos do Iluminismo para compreender as vicissitudes pelas quais o significado da palavra raça passava em fins do século XVIII, começam a ser seguidas pelos estudiosos. Nesse aspecto, a coadunação das propostas desse autor conflui com o que defendo, ao entendermos que os teóricos europeus do século das “Luzes”, na tentativa de escrutinar e propor formas de classificação da humanidade, acabaram por utilizar uma série de palavras. Logo, como readaptaram outros termos existentes, apresentaram novas teses que dessem conta da diversidade humana. A palavra raça, com seus

from the Whites; and I Once thought, that the presumption was supported by inferiority in their understanding. But it appears to me doubtful, upon second thoughts, whether the inferiority of their understanding may not be occasioned by their condition. A man never ripens in judgement nor in prudence but by exercising these powers. At home the negroes have little occasion to exercise either of them: they live upon fruits and roots, which grow without culture: they need little cloathing: and they erect houses without trouble or art. Abroad, they are miserable slaves, having no encouragemet either to think or to act”.

⁷⁵ EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). *Race and the enlightenment: a reader*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997, p. 5.

novos significados, faz parte dessas modificações que levavam os letrados europeus e de outras partes do mundo a se dedicarem à causa humana.

Entretanto, apesar da importância das “mentes iluminadas” do século XVIII, sobretudo, em ambiente europeu, ao se debruçaram sobre a diversidade humana considerando cada vez mais os aspectos físicos e o conceito de raça no processo de categorização, não se pode deixar escapar de vista a forma como essas classificações da humanidade e os termos inerentes a esse vocabulário classificatório como raça, nação, espécie e tribo eram utilizados em períodos históricos anteriores. Como os teóricos da diversidade humana e os viajantes, em suas obras, lidaram com as características físicas na fabricação do inventário do homem americano? Qual o papel do cenário colonial nas modificações das formas de enquadramento dos distintos povos existentes na América?

Sara Eigen & Mark Larrimore ousam um pouco mais na proposição, entendendo que dentro das quatro décadas finais do século XVIII, a palavra raça foi adotada de forma substancialmente importante em toda a Europa, como termo científico, denotando uma evolução histórica em seu significado e se transformando em uma subcategoria permanente. E a emergência de uma teoria científica de raça foi o produto dos intensos debates entre cientistas e filósofos. Mas esses debates guardam influências e pontos de vistas de diferentes áreas de estudo como medicina prática, geologia, geografia, teologia, filosofia, dentre outros. Para os autores, por conta da multiplicidade de discursos, as teorias sobre a natureza e a utilidade da categoria de raça variaram consideravelmente.⁷⁶

Com isso, compreendo que as proposições em torno da origem da palavra raça, bem como das vicissitudes pelos quais os significados desse termo passaram ao longo dos séculos, acabou se transformando numa arena privilegiada para as disputas intelectuais. Por ser um tema de relevância para os diversos campos de produção do conhecimento, sobretudo por conta dos acontecimentos do recente século XX que consagrou a ideia de raça e seus atributos biológicos, o assunto acaba sendo um campo eternamente aberto às novas considerações. Mas, como historiador, penso que a pesquisa histórica deve ser baseada em fontes de época que nos ajudem a esclarecer a relação entre características físicas e raça ao longo da história da humanidade e,

⁷⁶ EIGEN, Sara; LARRIMORE, Mark. Introduction. In: _____. *The German invention of race*. Albany: State University of New York Press, 2006, p. 1-7.

dessa forma, como cada sociedade, em determinado contexto, utilizava formas próprias para se classificar e classificar os outros.

Minha hipótese é de que, entre os séculos XVII e XVIII, mesmo quando os viajantes que estiveram na América e os teóricos da diversidade humana não utilizavam o conceito raça para se referirem àqueles povos, ainda assim, quase sempre, destacavam a tese de que o homem e ambiente americanos eram degenerados e, a partir dessa questão, em muitos casos, conferiam imutabilidade ao processo de degenerescência pelo qual a humanidade do Novo Mundo teria passado. Assim, se observa que mesmo aqueles que acreditavam na possibilidade de reversão do processo acima exposto, se mantinham reticentes em suas opiniões, muito embora existissem aqueles que declarassem tal fato sem meias palavras. Ainda assim, percebo que tal andamento, sendo subsidiado ou não pela palavra raça, acabava por alocar o homem americano em patamar de inferioridade se comparado ao europeu. Contudo, me parece que a ideia de raça na sua associação com os caracteres dos indivíduos nasceu na América, nos relatos de viagens e acabou chegando à Europa, onde foi reelaborada para dar cimento as teorias de classificação da humanidade. Dessa forma, a cor da pele e as formas corporais dos nativos e dos descendentes dos africanos que aqui nasceram, ao fim, eram de suma importância no processo de confecção dos inventários do homem americano.

Capítulo 5

O VOCABULÁRIO DA CLASSIFICAÇÃO NOS SÉCULOS XVII E XVIII

5.1 Os termos classificatórios

Em 1788, a viagem de Jean-François de La Pérouse chegava a um fim trágico. Muito do que o comandante havia recolhido se perdeu para sempre no fundo do mar. A salvação estava nas remessas anteriormente enviadas por emissários aos centros de pesquisas franceses. Nos diários do viajante, como se estivesse prevendo o desfecho de sua empreitada, o pedido de que as análises dos achados angariados e tudo aquilo que fora escrito estivessem a cargo de homens das ciências, aptos a interpretar e não acrescentar um ponto a mais além daquilo que ele havia escrito. De fato, parece que o editor dos volumes da obra publicada em 1797, teve o cuidado de ser o mais fiel possível àquilo que havia sido redigido pelo comandante da expedição.

Nas palavras iniciais da obra, o redator destacava a importância das viagens científicas em que os viajantes colocassem em prática as normas que regulavam o reconhecimento, descrição e classificação dos três reinos da natureza.¹ Portanto, o letrado chamava a atenção de que somente os sábios, os homens preparados, estariam aparelhados para colocar em prática aquele tipo de atividade, pois eram responsáveis pelo reconhecimento e catalogação correta dos achados e dos povos encontrados. Além disso, somente aqueles indivíduos bem arranjados seriam capazes de dominar o vocabulário científico apropriado para homogeneizar o conhecimento a respeito das novas terras, suas riquezas naturais e seus povos.

A posição do redator da obra de La Pérouse é carregada de exagero para a época que ele aborda. Na sua quase totalidade, os homens que comandavam viagens de reconhecimento e classificatórias pelas terras pouco exploradas ao redor do mundo, não possuíam uma formação adequada para o cargo que ocupavam. A racionalidade que permeava tais empreitadas não era somente a científica e, quase sempre, entre os séculos XVII e XVIII, esses homens ocupavam

¹ PÉROUSE, Jean-François de La. *Voyage de La Pérouse autour du monde*. Paris: De l'imprimerie de la République, v. 1, 1797: "L'Europe entière, en accueillant les relations des derniers voyages autour du monde, a paru manifester son voeu pour le progrès des sciences physiques et naturelles: mais, il faut l'avouer, parmi les nombres amateurs des ouvrages de ce genre, les uns n'ont en vue que le simple amusement; d'autres veulent établir, par une comparaison orgueilleuse entre nos usages, nos moeurs, et ceux des sauvages, la supériorité de l'homme civilisé sur les autres hommes: le savans seuls, et c'est le petit nombre, y cherchent et trouvent presque toujours des matériaux qui doivent servir à accroître leurs connaissances".

outras posições como as de natureza militar, religiosa e mesmo administrativa. Portanto, tendo a atividade estritamente científica uma posição secundária no escopo geral. Óbvio que não se pode negar que muitos desses indivíduos estiveram a serviço de academias de ciências europeias. De todo modo, contava muito mais suas experiências em outras áreas do que efetivamente a científica. Por isso, apreender o vocabulário classificatório que permeava essas obras é uma tarefa árdua para o historiador.

Para interpretar os termos e seus significados utilizados pelos viajantes aqui abordados, reitero a preocupação de Marc Bloch de que “reproduzir ou decalcar a terminologia do passado pode parecer, à primeira vista, um procedimento bastante seguro. Choca-se, porém, na aplicação, com múltiplas dificuldades”.² Esmiuçando melhor a posição de Bloch, as mudanças ocorridas nos processos históricos não são, necessariamente, acompanhadas de alterações nos nomes. Ou seja, apesar das formas de classificação do homem americano terem passado por modificações em seu desígnio ao longo do período que aqui se observa, nem sempre os nomes, ou como querem muitos autores, os conceitos que caracterizavam aqueles processos, se modificaram.

O autor de *Apologia da História* nos leva a refletir, de um lado, que a linguagem é arraigada a um caráter tradicionalista profundo que impede mudanças substanciais nos significados das palavras, ainda que os processos históricos aos quais as mesmas se referem estejam passando por grandes transformações. Por outro, lembra Bloch que as sociedades podem não estabelecer novos termos para designar diferentes situações, preferindo lançar mão, na maioria das vezes, de palavras, termos ou expressões existentes e que podem se adequar à nova realidade das coisas.

Decerto, veremos que termos como raça, nação, espécie, tribo e variedades, foram utilizados para caracterizar a diversidade humana encontrada na América entre os séculos XVII e XVIII. Claro que, em alguns períodos, um se sobressaiu em detrimento do outro. De todo modo, a dificuldade de escrutinar os relatos de viagens e as obras de referência do período para estabelecer qual era a mais apropriada designação para esses termos se torna incalculável. Qualquer tentativa de enquadrá-los ao longo desses duzentos anos acarretará, ao fim e ao cabo, em uma abordagem reducionista.

Apesar da advertência de Marc Bloch a respeito da dificuldade de se decalcar os reais significados de palavras e expressões em determinado período histórico, não é incomum que nos

² BLOCH, Marc. *Apologia da História* ou *O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 137.

deixemos levar mais pelas apologéticas instruções contidas nas fontes do que, efetivamente, pela advertência do historiador. O estudo de terminologias como raça e nação é um daqueles que carrega esse tipo de problema. Na análise do termo raça, principalmente, sempre se busca associá-lo como racismo biologizante, perdendo de vista, os outros significados com os quais essa terminologia esteve associada ao longo dos tempos.

O historiador Nicholas Hudson atenta para o fato de que o conceito de raça, conforme conhecemos nos dias de hoje, só aparece em dicionários da terceira década do século XIX, tendo ocupado, aos poucos, na segunda metade do século XVIII, o lugar do vocábulo nação que, até então, procurara dar conta das diferenças físicas e de caráter dos povos existentes na terra. Portanto, o autor procura demarcar que, em algum momento do século das “Luzes”, os letrados responsáveis por entender a diversidade humana foram substituindo a palavra nação pelo uso da palavra raça para se referirem aos seres humanos e seus caracteres diferenciais.

Duas posições do autor me levam a colocar algumas questões: primeiro, a defasagem da atualização dos significados das palavras nas obras de referência que, segundo Hudson, seria uma das responsáveis pelo não apreendimento do vocabulário classificatório do período. Entendo que esse atraso dos dicionários não pode servir de explicação para se obscurecer as manifestações inerentes ao que o conceito ou palavra iria representar mais tarde, nas páginas das obras de referência. Em segundo lugar, o autor busca mapear, ainda que evitando a rigidez, um momento histórico no qual a palavra raça começou a disputar espaço com a expressão nação no processo de classificação da humanidade. A meu ver, esse processo é impossível de esquadriñar entre os séculos XVII e XVIII, e acho até um movimento estéril, quando, na verdade, o que se deve considerar é menos o conjunto de palavras que pode conceder ossatura ao processo classificatório e mais a forma como os povos são descritos nas análises das obras que abordaram a diversidade humana.³

Parece-me que fica claro, então, a dificuldade de se explicar quais os significados dos termos que os viajantes e teóricos responsáveis pelo inventário dos povos americanos utilizavam

³ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 137: Embora se referindo a outro contexto e abordando termos diferentes dos apontados neste texto, mais uma vez destaco Marc Bloch para entender minhas próprias questões. E ele indica “Quando meu vizinho diz: “vou sair de carro”, devo compreender que está falando de um veículo a cavalo? Ou de um automóvel? Apenas a experiência que possuo, previamente, de seu estábulo ou de sua garagem me permitirá responder. Aratrum designava, em princípio, o instrumento de trabalho da terra sem rodas: carruca, o que era provido delas. Como, no entanto, o primeiro apareceu antes do segundo, estaria eu seguro, se encontrasse em um texto a velha palavra, de que ela não foi simplesmente mantida para o novo instrumento? Inversamente, Mathieu de Dombasle chamou charrue o instrumento que imaginara e que, privado de rodas, era na verdade um arado”.

ao abordar o homem das Américas no período moderno. Daí o intenso intercâmbio entre expressões como raça e nação, por exemplo, ao se referirem ao conjunto de povos que apresentavam determinadas características como a mesma cor de pele.

Uma olhada rápida pode nos levar a entender que, a partir da segunda metade do século XVIII, o termo raça cada vez mais substituiu o termo nação para se referir aos grupos humanos, considerando os caracteres físicos e o caráter dos grupos, ao passo que nação acabou se associando a uma concepção mais política, envolvendo grupos debaixo de uma mesma lei ou mesmo governo. De todo modo, tal acepção era corrente no século XVII para nação, assim como o termo raça, em determinados idiomas, continuou mantendo sua associação com animais até os dias de hoje.

Daí advêm um segundo problema: quando fixar que uma nomenclatura substituiu a outra ou começou a apresentar uma nova acepção? Fica difícil responder a esta questão ao abordarmos a terminologia utilizada para classificar os tipos humanos existentes na terra, nos séculos XVII e XVIII, pois há ainda significações distintas para a mesma palavra em línguas diferentes. Outro obstáculo para se conhecer esse vocabulário é a problemática da tradução, literal ou metaforicamente falando.⁴

Ainda é preciso destacar que a forma de se referir aos grupos humanos que apresentamos aqui é aquela, quase sempre, da norma culta. Mesmo as obras de referência consultadas, ainda que tentem apreender todos os possíveis significados das palavras, não conseguem dar conta, por exemplo, de como as camadas da sociedade com menos instrução se pronunciavam ao se referirem aos grupos de negros ou nativos do Novo Mundo. Ou como os nascidos na América se referiam a eles mesmos ao considerarem suas diferenças físicas e de caráter, se comparados com os europeus.

Portanto, não há como determinar os reais significados dos termos utilizados pelos teóricos da diversidade humana, por mais que consultemos os melhores dicionários ou enciclopédias da época, afinal, compreendo que quando a terminologia alcançava as páginas das

⁴ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 138-39. Marc Bloch destaca que: “O historiador fala unicamente com palavras; portanto, com as de seu país. Acha-se ele em presença de realidades que se exprimiram numa língua estrangeira, morta ou ainda viva? Será obrigado a traduzi-las. Quanto a isso, nenhum obstáculo sério, contanto que as palavras se relacionem a coisas ou ações banais: essa moeda corrente do vocabulário é facilmente intercambiável. Em contrapartida, logo que surgem instituições, crenças, costumes que participam mais profundamente da vida própria de uma sociedade, a transposição em uma outra língua, feita à margem de uma sociedade diferente, torna-se uma empresa cheia de riscos. Escolher o equivalente é postular uma semelhança. Pelo menos zelemos para que ela não seja só de superfície”.

obras de referência é porque já se encontrava solidificado aquele uso e, ainda assim, nada nos garante que naquele real momento, outras acepções estavam em voga para determinado termo, sem, contudo, conquistar um espaço no tipo de publicação supracitada. Assim, as expressões aqui perscrutadas fazem parte de um conjunto de fontes e, deste modo, não correspondem às reais amplitudes de como eram utilizados por toda a sociedade. Nas palavras de Bloch “não é menor a dificuldade de encontrar, para as fluídas realidades sociais que são a trama de nossa existência, nomes isentos ao mesmo tempo de ambiguidade e de falso rigor. Os termos mais usuais nunca são senão aproximações”.⁵

Os pesquisadores, quase sempre, não concordam quando tentam mapear a origem da palavra raça e quando foi que ela passou a fazer parte do vocabulário classificatório das sociedades ocidentais. Charles de Miramon, por exemplo, apresenta que tal expressão não tem raízes gregas e tampouco advém do latim clássico ou medieval. Dicionários de latim dos séculos XVII ao XVIII, segundo Miramon, traduziam raça como algo aproximado de estirpe ou genes. Para Audrey Smedley tal palavra derivava do italiano e aparece, desde muito cedo, no vocabulário dos povos coloniais para se referir às populações oriundas de misturas, heterogêneas. Portanto, percebe-se a dificuldade de encontrar as origens e os reais significados desse termo. E assim, acaba-se por eclipsar os movimentos ou comportamentos humanos que sugeriam uma representação negativa dos povos do Novo Mundo e que se encontravam expressos em outras terminologias ou expressões.

Portanto, o estudo desses termos como se fossem conceitos fechados ao longo dos séculos, tende a empobrecer a análise das classificações da humanidade. Não obstante, ignorar o uso do termo raça, antes do século XIX, na sua associação com os caracteres físicos, sobretudo quando essas características eram apontadas como produto de degeneração, é deixar de perceber que, apesar de outras formas de classificação presentes naquelas sociedades do Antigo Regime, a cor da pele e os formatos dos corpos funcionavam como elementos de inferiorização do homem da América, entre os séculos XVII e XVIII.

⁵ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 140-41.

5.2 A humanidade e suas faces, corpos e cores

No verbete sobre Espécie Humana da *Encyclopédie*, Diderot buscou apresentar um inventário da humanidade. Para tanto, iniciou sua exposição destacando que ao considerarmos o homem como um animal, podíamos enquadrá-lo em três variedades bem marcantes que são aquelas relacionadas com a cor da pele, a forma e as proporções dos corpos e aquilo que era particular em cada povo existente na face da terra, ou seja, a cultura. Dessa forma, o primeiro aspecto a ser considerado era a cor da pele. Na sequência, o autor destacava que de um polo da terra ao outro, encontrávamos diferentes povos com as mais distintas características físicas. O verbete sobre a espécie humana é recheado de nomes referentes a distintos povos da terra.⁶

Os postulados de Diderot estão de acordo com as teses defendidas por Buffon quando se aborda a questão da degeneração. Para o filósofo, os homens de pequena estatura são considerados como degenerados da espécie original. Então, se percebe que os seres diminutos eram tidos como adulterados se comparados com os de grande estatura. Antonello Gerbi nos lembra que “Buffon parte sempre do princípio de que o grande é o ‘melhor’ que o pequeno, de que os animais maiores são superiores aos menores, de que a força física é um atributo das espécies mais perfeitas”.⁷ Por essa visão, o homem da parte norte do globo terrestre, se cotejado com o homem da Europa Ocidental, era degenerado.

O historiador Nicholas Hudson se deteve ao vocábulo raça, encontrado na mesma obra de referência, para relativizar o uso da expressão relacionada com seu sentido contemporâneo. Para ele, as mesmas definições da palavra raça usadas no século XVII ainda eram encontradas no século XVIII, demonstrando que, inclusive na *Encyclopédie*, “this term is closely linked with the idea of a ‘noble race’ or Family. The first recognizably modern definition of race does not appear

⁶ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 8, p. 344: “Lapons Danois, Suédois, Moscovites & indépendans, les Zembliens, les Borandiens, les Samoïedes, les Tartares septentrionaux, & peut-être les Ostiaques dans l’ancien continent, les Groenlandois & les Sauvages au nord des Esquimaux. On croiroit que c’est une race d’hommes dégénérée, d’une petite stature & d’une figure bisarre. Ils ont tous le visage large & plat, le nez camus & épaté, l’iris de l’oeil jaune, brun & tirant sur le noir, les paupieres retirées vers les temples; les joues très-élevées, la bouche grande, le bas du visage étroit, les levres épaisses, la voix grêle, la tête grosse, les cheveux noirs & lissés, la peau basanée & couleur d’olive foncée. Ils sont petits, trapus & maigres: la plûpart n’ont que quatre piés de hauteur, les plus grands que quatre piés & demi. Les femmes sont aussi laides que les hommes; leurs mamelles sont très-considérables; elles en ont le bout noir comme du charbon: des voyageurs disent qu’elles n’ont de poil que sur la tête, & qu’elles ne sont pas sujetes à l’évacuation périodique”.

⁷ GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica: 1750-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 28.

until 1835 sixth edition of the *Dictionnaire*”.⁸ De todo modo, Hudson perde de vista os desdobramentos do termo, que se manifestam claramente no texto de Diderot. Portanto, nessa parte, o filósofo postulava a inferioridade de determinado povo, considerando, para isso, o atributo físico permeado pela estatura. E o que estava subjacente à palavra raça era o processo de degeneração pela qual havia passado determinados povos.

E a *Encyclopédie* continuava a caracterizar os povos citados como compostos de pessoas feias e rudes, destacando que os dinamarqueses eram supersticiosos e estúpidos porque consultavam um grande gato preto para as questões relacionadas à salvação. Os suecos se comunicavam com o Diabo através de tambores e corriam pela neve com velocidade tal que pareciam animais; usavam o arco como arma e com destreza tal que era impossível descrever. E arrematava que todos esses povos viviam da caça e se alimentavam de peixe seco, carne de rena e urso, do pão feito da farinha de peixe misturada com pinho macio ou casca de bétula e também utilizavam o óleo da baleia. Eram povos, segundo o verbete, com poucas noções do que seria religião e possuíam o hábito de oferecer suas mulheres e filhas aos visitantes. As senhoras se vestiam com pele de rena no inverno e no verão com peles de aves. Eram nações que raramente ficavam doentes e os mais velhos eram bem robustos, apesar de ter muitos cegos.

Quanto aos tártaros que, segundo Diderot, ocupariam um espaço considerável dessa região próxima ao polo norte, o autor não poupava o leitor de detalhes.⁹ Para ele, o sangue dos tártaros era uma mistura, de um lado com o dos chineses e de outro com o dos russos, o que fora responsável por apagar os traços da raça primitiva. Mas entre os russos se podia ver muitas linhas dos tártaros. O filósofo não poupava os adjetivos negativos para se referir a esses povos. Devo lembrar que, em grande parte dos relatos de viagens aqui abordados, o homem americano era visto como originário desses povos; as vezes, como descendentes dos cartaginenses ou dos

⁸ HUDSON, Nicholas. From “nation” to “race”: the origin of racial classification in the eighteenth-century thought. *Eighteenth-Century Studies*, v. 29, n. 3, 1996, p. 249.

⁹ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 8: “Ils ont le haut du visage large & ridé, le nez court & gros, les yeux petits & enfoncés, les joues fort élevées, le bas du visage étroit, le menton long & avancé, la mâchoire supérieure enfoncée, les dents longues & séparées, les sourcils gros & couvrant l’oeil, les paupieres épaisses, la face plate, le teint basané & olivâtre, les cheveux noirs, la stature médiocre, le corps fort & robuste, la barbe rare & par bouquets, les cuisses grosses, les jambes courtes. Ceux qu’on appelle Calmouques sont d’un aspect effroyable. Ils vivent de la chair du cheval, du chameau, & boivent le lait de jument fermenté avec de la farine de millet. Ils ne gardent de cheveux qu’un toupet, qu’ils laissent croître assez pour en faire une tresse de chaque côté du visage. Les femmes sont aussi laides que les hommes. Ils n’ont ni moeurs ni religion”.

judeus, ao fim, pela ótica dos europeus, todos povos de origem degenerada; nos modos, na religião ou simplesmente na aparência física.

Já em relação aos povos do Oriente, o verbete também não poupava expressões que demonstrassem a inferioridade daqueles povos, sobretudo por conta da cor da pele.¹⁰ E Diderot continuava com seu inventário da diversidade humana, os *Cochins*, das regiões mais montanhosas da China eram menos amarelados e menos feios que os chineses; os *Tunquinois*, que viviam em ambiente mais agradável eram melhores de corpo e menos feios que os anteriores; os *Siameses*, os *Péguans* e os habitantes de Aracan, Laos e outras regiões próximas, possuíam semelhanças físicas com os chineses, mas eram de cor diferente. Todos apreciavam ter orelhas grandes, os que não nasciam com tal característica, a fazia através da arte. Mas, apesar de lembrarem os chineses “*tiennent encore des Tartares les yeux petits, le visage plat & la couleur olivâtre; mais en descendant vers le midi, les traits commencent à changer & à se diversifier*”.¹¹

O autor ainda falava dos habitantes de Malaca e Sumatra, destacando que eram animados, corajosos e orgulhosos, com a pele preta e pequenos na estatura. O povo de Java possuía muita semelhança com os chineses, excetuando-se a cor avermelhada que os diferenciavam, uma espécie de mistura com os Malásios. Mas os homens de Chacrelas eram loiros e brancos, e por terem olhos fracos não podiam suportar a luz do dia. Na ilha de Mindoro e na ilha de Formosa, segundo informações não confirmadas – ressaltava Diderot –, os homens teriam cauda. De todo modo, o que chamava sua atenção era que as mulheres não podiam ter filhos após trinta e cinco anos de idade, pois, se isso ocorresse, eram levadas até uma sacerdotisa para abortar.

A ficha indicava que nas Ilhas Marianas ou Larrons, os homens eram muito grandes, robustos e extremamente grosseiros, se alimentavam somente de raízes, frutos e peixes,

¹⁰ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 8: “Les Chinois ont les membres bien proportionnés, sont gros & gras, ont le visage large & rond, les yeux petits, les sourcils grands, les paupières élevées, le nez petit & écrasé, la barbe éparsée & par épis. Ceux qui habitent les provinces méridionales sont bruns & d’un teint plus basané que les autres. Les habitans du milieu de l’empire sont blancs: au reste ces caracteres varient; mais en général ces peuples sont mols, pacifiques, indolens, superstitieux, soumis, esclaves & cérémonieux. Les Japonois sont assez ressemblans aux Chinois, quant à la figure; mais altiers, aguerris, adroits, vigoureux, inconstans & vains, capables de supporter la faim, la soif, le froid, le chaud & la fatigue; ils sont d’un caractere fort différent. Les Chinois & les Japonois sont dans l’usage d’empêcher le pié de croître à leurs femmes par des moyens violens, ensorte qu’elles ne peuvent marcher. Les habitans du pays froid, stérile & montueux d’Yeço, voisins des Chinois & des Japonois, sont grossiers, brutaux, sans moeurs & sans arts, ont le corps court & gros, les cheveux longs & hérissés, les cheveux noirs, le front plat, le teint jaune, le corps & même le visage velus, & sont paresseux & mal-propres”.

¹¹ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 8, p. 344.

alcançando uma idade bem avançada. Ao sul das Ilhas Marianas e ao leste das Molucas se encontravam as terras da Nova Guiné e Papua. Os habitantes eram pretos como os cafres e possuíam cabelos crespos, rosto abatido, magro e feio. Mas, ainda nos dizeres do autor, era possível encontrar entre esses indivíduos aqueles que eram brancos ou loiros. Quanto aos mongóis e outros povos da Índia, se assemelhavam aos europeus em tamanho e algumas características, embora a cor da pele fosse diferente, uma espécie de cor oliva. Os Bengaleses eram mais amarelos que os mongóis. Eram mais bonitos e mais bem feitos que os últimos; as mulheres daquele povo eram tidas como as mais lascivas da Índia.

Os habitantes da costa Coromandel eram mais pretos que os Bengaleses e descritos como menos civilizados. Os da costa de Malabar eram menos pretos. Quanto aos modos dos povos daquela região da Índia, Diderot completava “les coùtumes de ces différens peuples de l’Inde sont bisarres. Les Banianes ne mangent de rien de ce qui a vie. Ils craignent de tuer un insecte. Les Naires de Calicut sont au contraire tous chasseurs; ils ne peuvent avoir qu’une femme, mais leurs femmes peuvent prendre autant de maris qu’il leur plaît. Il y a des hommes & des femmes parmi ces derniers qui ont les jambes monstrueuses”¹².

Os habitantes do Ceilão eram semelhantes aos de Malabar, os Maldivos eram bem-feitos fisicamente e com cor oliva. Quanto ao povo de Cambaia, a cor da pele era cinza. Mas os persas, apesar de vizinhos dos mongóis, eram ligeiramente diferentes. Na Pérsia existiam mulheres lindas, normalmente trazidas de outros países. Ao fim, os persas da Turquia, da Arábia, do Egito e de toda a Tartária podiam ser vistos como pertencentes a uma mesma nação, isso considerando os caracteres físicos, pelo que vimos até aqui. Os Árabes viviam miseravelmente e, para o autor, não eram civilizados, mas dados à superstição. Os egípcios eram altos e grandes, ao contrário de suas mulheres que eram baixas.

E o quadro classificatório de Diderot continuava falando ainda dos povos que habitavam entre vinte e trinta e cinco graus de latitude norte no antigo continente, desde o Império Mongol até a Barbárie, e mesmo aqueles desde o Ganges até a costa oeste do Marrocos, que eram povos fortes e diferentes de todos os outros. Os homens, em geral, eram bem morenos e com silhuetas bem-feitas. Aqueles que viviam em climas mais temperados, como os indivíduos do norte das províncias setentrionais do Mongol e Pérsia, como os armênios, turcos, os georgianos, os

¹² DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 8, p. 344.

circassianos, os gregos e todos os povos da Europa “sont les plus blancs, les plus beaux & les mieux proportionnés de la terre; & que, quoiqu’il y ait fort loin de Cachemire en Espagne, & de la Circassie en France, il ne laisse pas d’y avoir une singuliere ressemblance entre ces peuples si éloignés les uns des autres, mais situés à peu-près à une égale distance de l’équateur”.¹³ E completava que os Kashimiris eram lindos e o sangue era de boa qualidade tanto na Geórgia quanto na Caxemira. As mulheres de Circassia eram conhecidas pela sua beleza e encanto, título de beleza muito justo. E os mingreliens não ficavam atrás em beleza, afinal de contas, “tous ces peuples sont blancs”.¹⁴

Assim, o verbete demonstra que a cor da pele não era o único atributo para se destacar a qualidade dos povos existentes na terra. Não obstante, a estatura e o porte físico dos grupos eram fundamentais para expor a posição de que se tratava de um povo degenerado da espécie principal, caso fossem pequenos e mirrados. Todavia, a cor da pele ideal era a branca; é possível notar, inclusive, que todas as vezes que o autor se refere a algum povo destacando os atributos físicos como valiosos e de grande destaque, se esse grupo fosse composto de homens com a cor da cútis diferente da clara, após usar dos adjetivos positivos em relação a estrutura do corpo, ele emprega a conjunção “*mas*” para indicar a negatividade presente naquela nação, ou seja: a pele mais escura se comparada com a branca europeia, a original e tida por ideal, era visto como algo ruim.

A historiadora Mary Efrosini entende que o pensamento francês do século XVIII foi o responsável por forjar uma ideia de classificação da humanidade que tinha como pressuposto a consideração dos caracteres físicos, embora não deixe de expressar a importância, ainda que segundo ela, pequena, da obra de François Bernier, no século XVII. O verbete sobre raça humana da *Encyclopédie*, aponta, com ênfase, para a importância da coloração do indivíduo no processo de classificação da humanidade, ainda que seja no âmbito da ordenação estética, apontando a brancura europeia como a mais próxima do ideal de beleza. Mary Efrosini e Robert Bernasconi¹⁵ ressaltam que essa lógica do ideal de beleza com base na coloração da pele, embora não fosse sustentado por uma lei científica que defendesse a imutabilidade ancorada no conceito de raça,

¹³ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 8, p. 344.

¹⁴ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 8, p. 344.

¹⁵ GREGORY, Mary Efrosini Gregory. *Freedom in French enlightenment thought*. New York: Peter Long Publishing, 2010; & BERNASCONI, Robert (ed.). *Race*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 2011, p. 10-11.

ainda assim, deve ser considerado como um comportamento racista.

A metáfora das cores está evidente no verbete de Diderot. Assim, ele indicava que os habitantes da Judéia lembravam os turcos. Eles só eram mais morenos que os homens de Constantinopla. O mesmo acontecia com os gregos que na parte norte da região eram mais brancos e ao sul mais morenos. Mas, na descrição, as mulheres gregas, em geral, eram tidas como mais bonitas que as mulheres turcas. A lista do autor vai se avolumando a respeito de informações sobre o gênero humano existente ao redor da terra.

Para o filósofo, os gregos, os napolitanos, os sicilianos, os habitantes da Córsega, Sardenha e os espanhóis, localizados quase que sob o mesmo paralelo, eram bem parecidos na cor da pele, ou seja, bem mais escura que a pele dos franceses, dos ingleses, dos poloneses, dos alemães, dos moldavos, dos circassianos e outros habitantes do norte da Europa até a Lapônia, onde se poderia encontrar uma outra espécie de homem. Os espanhóis eram magros e bastante esbeltos. Possuíam boa altura, uma cabeça bonita, feições regulares, olhos formosos, dentes razoavelmente arrumados; mas, a pele era amarelada puxando para o moreno. Os homens com cabelos pretos ou pardos eram raros na Inglaterra, em Flandres, na Holanda e nas províncias setentrionais da Alemanha. Não se encontravam cabelos escuros na Dinamarca, Suécia e Polônia.

A lista do verbete da *Encyclopédie* parecia não ter fim. Os godos surgem como altos, com cabelo fino, loiros, com a íris dos olhos bem azuladas. Os finlandeses possuíam corpos musculosos e carnudos, com cabelos loiros longos e íris com tom amarelado. As mulheres suecas eram consideradas pelo autor como férteis e o povo daquela região como um dos que mais vivia. Os homens, segundo Diderot, eram mais castos em países mais frios do que em climas do Sul. Logo, concluía haver menos amor na Suécia do que na Espanha e em Portugal; mas os suecos eram mais infantis. Os dinamarqueses eram grandes e bem fortes, com pele bem brilhante, as mulheres dinamarquesas eram brancas, com corpos bem feitos e imensamente fecundas. Os Engrenas e os Carliens, que habitavam as províncias do norte da Moscóvia, eram fortes e robustos, com grande parte dos cabelos lisos e loiros, bem parecidos com os finlandeses.

Após inúmeras qualificações, o autor interrompia sua lista para enfatizar que “Il suit de ce qui précède, que la couleur dépend beaucoup du climat, sans en dépendre entierement. Il y a différentes causes qui doivent influer sur la couleur, & même sur la forme des traits; telles sont la

nourriture & les moeurs”.¹⁶ Assim, inteiramente embasado nas pesquisas e nas teses do Conde de Buffon, o letrado apontava, enfim, as razões para tal diversidade humana que desfilava pelas páginas do verbete que cuidava do ser humano existente na terra e suas diferenças.

Assim, se observa que a influência da obra de Buffon nos escritos da *Encyclopédie* foi considerável, o que acabou por incidir também sobre os pesquisadores dos séculos seguintes, não fosse isso, como considerar a obra de Antonello Gerbi que destaca a total originalidade do naturalista francês no processo de reordenação da forma como se classificava a humanidade? De certo, como tenho apontado, a obra de Buffon é importante para se entender tal processo, de todo modo, torna-se necessário retirar o peso recaído sobre a mesma ao longo dos séculos.

Quanto aos povos que viviam além dos trópicos, ou a localização dada pelo filósofo, aqueles que se encontravam do Mar Vermelho para o oceano eram, segundo Diderot, espécies de mouros. Os negros do Senegal e Níbia eram pretos, exceto os etíopes e os abissinianos. Os etíopes eram de pele oliva escura; eram altos, os traços do rosto bem marcados, os olhos bonitos e bem feitos, narizes bem formados, lábios pequenos e dentes brancos. Os núbios eram altos, com lábios grossos, narizes achatados e cara bem preta. Ainda podia se ver na fronteira dos desertos da Etiópia um povo denominado Acridofages ou comedores de gafanhotos. Homens que viviam pouco, esse tipo de alimento fazia com que os insetos que eles comiam se entrincheirassem em suas carnes e, logo depois, os mesmos eram devorados.

Dessa forma, o autor apontava que ao “en examinant les différens peuples qui composent les races noires, on y remarque autant de variétés que dans les races blanches; mêmes nuances du brun au noir que du blanc au brun”.¹⁷ Os habitantes das Ilhas Canárias, por exemplo, para Diderot, não eram negros, o que possuíam em comum com parte dos africanos era o nariz achatado. Logo, aqueles que habitavam o continente na altura das ilhas, eram morenos como os mouros mas pertenciam à raça branca. Os habitantes do cabo Branco também tinham aparência de brancos. Esses homens com aspecto de mouro se localizavam num raio que chegava até o rio Senegal, que os separava dos negros, aqueles que ficavam mais ao sul e eram absolutamente pretos. Os indivíduos com características de mouros eram descritos como pequenos, magros e de

¹⁶ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 8, p. 344.

¹⁷ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 8, p. 344.

má aparência, com certa fineza e grande sagacidade. Os negros, por outro lado, eram vistos como grandes, gordos, com corpos bem feitos, mas bobos e sem gênio.

O parágrafo acima aponta para a complexidade de analisar o vocabulário classificatório da modernidade somente se considerarmos expressões como raça e nação. Como se percebe, Diderot utilizava o termo raça para se referir aos diferentes povos, mas também apontava que dentro de uma mesma raça poderíamos encontrar uma série de variedades que complicavam o enquadramento dos povos. Portanto, havia claro intercâmbio entre a terminologia que não nos assegura, claramente, a posição do filósofo. No entanto, se observarmos mais atentamente os termos como branco, preto e outros mais, fica menos complicado observar a posição do autor em relação aos diferentes povos existentes na terra.

Para Diderot, ao norte e ao sul do rio Senegal, encontravam-se povos chamados *Foules*, que lembravam uma mistura de mouros e negros, não eram completamente pretos como os negros e nem totalmente morenos como os mouros. As ilhas do cabo Verde eram povoadas de mulatos que vieram da junção entre portugueses e negros que lá se encontravam desde o início da povoação, chamados de negros com cor de cobre. Os primeiros negros que se encontrava eram os Jalofes, todos pretos, com corpos de boa proporção, de altura bem avantajada e com face menos pesada se comparados com os outros negros. Segundo Diderot, eles possuíam o mesmo ideal de beleza que os brancos defendiam, ou seja, possuíam olhos grandes, boca pequena, lábios e narizes finos e bem feitos, mas com cor preta bem intensa. Com exceção das mulheres, que eram bem bonitas e adoravam dar preferência aos homens brancos.

Para o autor, o cheiro dos negros do Senegal era mais fraco se comparado com o dos outros negros. Eles possuíam o cabelo preto, crespo e cacheado como a lã. Afinal, Diderot entendia que “c’est par les cheveux & la couleur qu’ils different principalement des autres hommes”. O verbete destacava que se os narizes eram engrossados de forma artificial em muitos países, mas era certo que, em muitas regiões, esse tipo de traço era legado pela natureza. Para o autor, as negras dessa terra eram muito fecundas e os negros de Gore e Cabo Verde eram muito pretos na cor e bem-feitos corporalmente. Os de Serra Leoa não eram tão pretos quanto os de Senegal; os de Guiné, apesar de saudáveis, viviam pouco, e isso por conta da corrupção dos costumes, explicava.

Os habitantes da Ilha de São Tomé eram negros, com as mesmas características daqueles do continente. Os que se encontravam na costa de Judá e Arada eram menos pretos do que

aqueles de Guiné e Senegal; os negros do Congo eram mais ou menos pretos; os de Angola, expostos ao sol, o ar dos lugares por onde eles passavam ficava infectado pelo odor desagradável por mais de um quarto de hora. O autor sentenciava “quoiqu’en général les Negres aient peu d’esprit, ils ne manquent pas de sentiment. Ils sont sensibles aux bons & aux mauvais traitemens. Nous les avons réduits, je ne dis pas à la condition d’esclaves, mais à celles de bêtes de somme; & nous sommes raisonnables! & nous sommes chrétiens!”¹⁸

Quanto aos povos que habitavam as costas e o interior da África, depois do cabo Negro até o cabo do Voltes, o autor apenas destacava que eram homens menos pretos, parecidos com os hotentotes dos quais eram vizinhos. Esses últimos não eram negros, mas se escureciam com gordura e pinturas espalhadas pelo corpo. Contudo, todos possuíam cabelos encaracolados. Dentro da raça negra, na qual esses indivíduos se encontravam, segundo o autor, eram os mais parecidos com a raça branca, assim como os mouros. As mulheres hotentotes eram pequenas, com um crescimento de carne que começava perto do osso púbico e ia até meados das coxas, como uma espécie de avental, “l’usage est de ne laisser aux hommes qu’un testicule”.¹⁹ Todo esse povo tinha nariz e lábios achatados. O autor afirmava que uma menina raptada desse povo e levada para a Holanda havia se tornado de cor branca.

Os habitantes da terra de Natal eram menos confusos e menos feios que os hotentotes. No entanto, possuíam cabelo crespo e nariz achatado. Os de Sosola e Monomontapa eram ainda mais bonitos e melhores que os de Natal; e o povo de Moçambique e Madagascar, embora escuros não eram tão negros. Parecia ao autor que os negros propriamente ditos eram muito diferentes dos Cafres, que eram pretos de outra espécie; “mais ce qui acheve de résulter de ces observations, c’est que la couleur est principalement un effet du climat, & que les traits dépendent des usages”. Chamava a atenção de Diderot a dificuldade ocorrida, desde a Antiguidade, de classificar os negros. Para ele, os antigos teriam visto os pretos como a última nuance dos povos morenos.

Por fim, Diderot se dedicava aos povos da América. Para ele, ao norte da América era possível encontrar espécies de lapões que eram semelhantes aos da Europa e aos Samojedes da Ásia. Aqueles do estreito de Davi eram pequenos, cor de oliva, com pernas curtas e grossas; eram

¹⁸ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 8, p. 344.

¹⁹ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 8, p. 344.

vizinhos, como na Europa, de uma espécie de homens grandes, bem-feitos, brancos e com rosto bem arranjado e regular. Para o filósofo, os selvagens da baía de Hudson e ao norte do Labrador não pertenciam à mesma raça dos anteriores, uma vez que eram feios, pequenos e com corpos mal-feitos, com o rosto coberto de pelos, como os habitantes do país de Yeco. Quanto aos selvagens da Terra Nova, em muito se pareciam com aqueles do estreito de Davi.

Os selvagens do Canadá e toda a profundidade das terras até Assiniboin eram grandes, fortes, robustos e formosos. Todos possuíam os cabelos e os olhos negros, dentes brancos, a pele morena, pouca barba e quase sem pelos nas partes dos corpos; lembravam em muito os tártaros orientais, afinal, entendia Diderot, estavam na mesma latitude. Os povos da Flórida e do Mississipi, assim como de outras partes da América setentrional eram mais morenos que aqueles do Canadá, contudo, não eram muito escuros. Os Apalaches, vizinhos da Flórida, eram grandes e com excelentes proporções, possuíam cabelos negros e longos, com cor de pele oliva. Os naturais das ilhas Lucaias eram menos morenos do que os de Santo Domingo e da ilha de Cuba.

Para o autor, o povo do Caribe possuía bom tamanho, eram bonitos, dispostos e saudáveis. Alguns possuíam o nariz e as laterais da cabeça amassados, mas tratava-se de um capricho e desejo de alterar a figura humana, coisa comum em todos os selvagens. E completava “leurs dents sont belles, leurs cheveux longs & lisses, leurs dents bien rangées, & leur tein olivâtre. Ils aiment la liberté au point qu’ils se laissent mourir plutôt que de servir. Leurs femmes sont petites, ont les yeux noirs, le visage rond, les dents blanches & l’air gai, au contraire des hommes qui sont tristes & mélancoliques”.²⁰ Diderot destacava ainda que os nativos do México também possuíam boa simetria, eram dispostos, com cores de pele marrom e oliva. Possuíam pouco pelo, mesmo nas sobrancelhas, embora com cabelos fortes e longos.

Os habitantes do Istmo da América eram de bom tamanho e bonitos. No entanto, possuíam a tez morena, cor de cobre ou amarelo cobre ou cor de laranja; entre eles existiam pessoas brancas, mas um branco com cor de leite, pálpebras brancas e crescentes, que os impediam de sair durante o dia. E chocava o autor o fato de que esses brancos eram nascidos de pais morenos: “ce qui feroit penser que les Chacrelas & les Bédas viennent aussi de peres & de meres basanés, surtout après les exemples qu’on a parmi les Negres, de blancs nés de peres & de meres noirs. Ce qu’il y a de bizarre, c’est que cette variété n’a lieu que du noir au blanc, & non du

²⁰ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 8, p. 344.

blanc au noir. Il n'arrive point chez les blancs qu'il naisse des individus noirs”.²¹

Diderot lembrava que esse tipo de pessoas brancas poderia ser encontrado nas Índias orientais, na África e na América, sobretudo na mesma latitude, uma singularidade dessas regiões, que o levava a concluir que “le blanc paroît donc être la couleur primitive de la nature, que le climat, la nourriture & les moeurs alterent, & font passer par le jaune & le brun, & conduisent au noir”.²²

Portanto, ao entender que a cor branca da pele era a original, Diderot se aproximava da tese de degeneração que era tão bem colocada pelo Conde Buffon. Mas, como se tem apresentado, teóricos e viajantes do século XVII apostavam nesse processo degenerativo, sem, contudo, entender que era possível revertê-lo. No início do século XVIII, Jean-Baptiste Dubos, ao analisar quais eram as nações mais propícias para desenvolver as artes como a poesia e a pintura, destacava que os europeus eram os melhores, afinal de contas, em seu entendimento, o clima do Velho Mundo não havia corrompido os corpos e as almas dos indivíduos. Para o letrado, a degeneração pela qual os povos americanos haviam passado, os impossibilitavam de serem grandes artistas.²³

As palavras de Dubos demonstram que os problemas colocados por Buffon foram amplamente discutidos anos antes da sua obra chegar ao conhecimento do público em geral. Na verdade, a teoria climática como explicação para as diferenças físicas não era nenhuma novidade no mundo Ocidental, de todo modo, autores anteriores à síntese colocada em prática por Buffon foram menos condizentes com a possibilidade de reversão do processo degenerativo de grupos humanos, como os americanos, se aproximando, dessa forma, de uma lógica imutável em relação aos caracteres físicos dos povos, ainda que não utilizassem a palavra raça. Ainda assim, na

²¹ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 8, p. 344.

²² DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 8, p. 344.

²³ DUBOS, Jean-Baptiste. *Reflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*. Par J-B Dubos, 1719, v. 2, p. 226-228: “Durant la vie de l’homme & tant que l’aime spirituelle demeure unie avec le corps, le caractere de nostre esprit & nos inclinations dépendent beaucoup des qualités de nostre sang qui nourit encore nos organes & qui leur fournit la matiere de leur accroissement durant l’enfance & durant la jeunesse. Or, les qualités de ce sang dépendent beaucoup de l’air que nous respirons. Elles dépendent encore beaucoup des qualités de l’air où nous avons ete élevés, parce qu’il a decidé des qualités de notre sang durant notre enfance. Ces qualités ont contribué alors à la conformation de nos organes, qui par un enchaînement necessaire contribuent ensuite aux qualités de notre sang dans l’âge viril. Voilà pourquoi les Nations qui habitent sous des climats differents, sont si differentes par l’esprit comme par les inclinations”.

América, todas as vezes em que a expressão raça fora utilizada, como se procurou destacar, foi no sentido de hierarquizar grupos com base nas características físicas.

Em relação aos indígenas do Peru, Diderot dizia que eram de cor oliva, semelhantes aos do Istmo, exceto aqueles que habitavam as partes mais altas das montanhas que eram brancos. Aqueles de terras ao longo do rio Amazonas e da Guiana eram morenos, avermelhados, mais ou menos brancos, com exceção dos *Arras* que eram quase pretos, assim como os negros. Para ele, os selvagens do Brasil eram de altura parecida com a dos europeus, contudo, mais fortes, mais robustos e mais dispostos. Possuíam poucas doenças, viviam por muito tempo e tinham a cabeça grande, ombros largos, cabelos longos e bem morenos. Os habitantes do Paraguai também possuíam, segundo Diderot, altura tão bela e tão elevada quanto a dos povos do Brasil, o rosto um pouco mais longo e cor de verde oliva. Eram sujeitos a uma espécie de lepra que cobria os corpos, sem incomodar muito.

Para o autor, os povos do Chile eram morenos com cor de cobre, avermelhados, mas não como na mistura de branco e preto, como os mulatos que são oriundos de um homem branco e de uma negra ou de uma mulher branca e um negro, mas eram homens vigorosos. Entretanto, nas extremidades do Chile, de acordo com Diderot, poderia se encontrar, nas terras de Magalhães, uma raça gigante de homens, os chamados patagões, com uma altura de nove a dez pés, o que causava estranheza, pois a altura comum de um homem era de cinco pés.

Diderot conclui o verbete destacando que, por todo o novo continente, existia só uma única raça de homens, em alguns casos mais morenas, em outros casos menos morena. Assim, os americanos provinham de uma mesma raiz, de um mesmo estoque. Do norte ao sul era possível perceber as variedades no mesmo hemisfério. Desse modo, “tout concourt donc à prouver que le genre *humain* n’est pas composé d’especes essentiellement différentes. La différence des blancs aux bruns vient de la nourriture, des moeurs, des usages, des climats; celle des bruns aux noirs a la même cause”.²⁴ Portanto, para o autor do verbete, havia apenas uma espécie de homens, que se multiplicou e se espalhou pela face da terra, recebendo influências que apresentavam as diferentes variedades das quais ele procurou fazer menção.

Como percebemos, o autor não afirma a existência de diferentes raças humanas. Contudo, o que chama a atenção ao longo da exaustiva exposição a respeito da diversidade humana é o fato

²⁴ DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 8, p. 344.

de que termos como espécie, raça, variedades, nações e estoque são utilizadas com o mesmo sentido em distintos momentos, intercambiando entre eles e, ao fim, buscando apontar as diferenças. Portanto, sem assinalar para um vocabulário bem estruturado, deixando aberta a possibilidade de interpretação. Uma leitura desatenciosa pode levar a crer que o filósofo defendia a existências de distintas raças humanas. De todo modo, também pode conduzir o leitor a achar que Diderot não considerava os homens ao redor do mundo como desiguais e uns superiores aos outros, o que também é uma inverdade. Ele caracterizava os povos pela perspectiva do binômio superior-inferior.

A *Encyclopédie* foi publicada ao longo de vinte anos, começando por volta de 1751, mas, de todo modo, não nos permite compreender os termos citados como conceitos fechados, antes parecem só palavras que carregavam uma expressiva carga de significados e que poderiam ser utilizadas para apregoar diferentes ou semelhantes sentidos. O mesmo se vê ao percebermos que o autor se dirige aos indivíduos das diferentes regiões como povos, habitantes, nativos, originais e índios, no último caso, especificamente para os oriundos da América, que também são os únicos a serem qualificados como selvagens.

Contudo, analisando outros verbetes da *Encyclopédie*, fica evidente a dificuldade em dar coerência ao tema da diversidade humana e sua linguagem. Na definição de *Negre*, Formey, filósofo alemão que contribuía com a obra, destacava que era o homem que se encontrava habitando em diferentes partes da terra; assim, desde o Trópico de Câncer até o de Capricórnio, só eram encontrados homens negros. E o que distinguia esses homens dos demais eram: a cor da pele e todas as outras características como o nariz largo e achatado, os lábios grossos e a lã que carregavam na cabeça ao invés de cabelos, logo, “*paroissent constituer une nouvelle espece d’hommes*”. Ao se afastarem um pouco do Equador em direção ao polo Antártico, a pretura do corpo diminuía, “*mais la laideur demeure: on trouve ce vilain peuple qui habite la pointe méridionale d’Afrique*”.²⁵

O verbe ainda apontava que em direção ao Oriente era possível encontrar povos com feições e traços que eram mais *regulares*. A própria *Encyclopédie* destacava na ficha *regulier* que

²⁵ FORMEY, Johann Heinrich. *Negre*. In: DIDEROT, M. & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 11, p. 76.

o regular é aquilo “de la même espece”;²⁶ ou seja: mais parecido com o tronco original que seria o homem branco e europeu. Porém, apesar dos traços parecidos, a cor também era preta assim como a graduação daqueles encontrados na África. Curiosamente, os dois verbetes até aqui abordados, ao destacarem povos com feições parecidas com as dos europeus, utilizavam a conjunção “*mas*” de forma recorrente nestes casos, que pode ser interpretada como uma espécie de restrição para indicar a cor da pele que, ao fim, diferenciava os povos pretos dos brancos, causando uma impressão de feiura aos primeiros por conta da tez diferenciada.

O autor também fala da região que se encontrava separada da Europa, da África e da Ásia, onde se podia achar novas variedades de homens, onde não havia homens brancos. “Cette terre peuplée de nations rougeâtres & basanées de mille nuances, se termine vers le pole antartique par un cap & des îles habitées, dit-on, par des géans. Si l’on en croit des relations de plusieurs voyageurs, on trouve à cette extrémité de l’Amérique une race d’hommes dont la hauteur est presque double de la nôtre”.²⁷ Dito de outra forma, ele apontava o homem americano do extremo sul como o mais diferente dos outros, a ponto de ser considerado como uma distinta raça. É preciso ressaltar que o autor nunca esteve no Novo Mundo e tais informações eram levadas até ele pelos viajantes, reiterando, assim, minha tese de que os viajantes foram os responsáveis pela invenção do homem americano e, no confronto dessas informações com a de homens da terra e outros teóricos europeus, nasceu uma nova ideia de raça.

Deste modo, o verbete retomava sua base principal para a classificação, destacando que o fenômeno mais notável e a lei mais consistente sobre a cor da pele dos habitantes da terra eram que toda a Zona Tórrida estava tomada por povos somente negros ou fortemente com tendências ao escurecimento da pele. Ou seja, se existia algo que classificava aqueles povos daquela região, não era, para o autor, nem a religião, nem o paganismo, nem a cultura, nem os modos em geral, mas a cor da pele, mais escura em alguns casos, menos escura em outros, mas ainda assim escuros. Logo, conforme a descrição, “malgré les interruptions que la mer y cause, qu’on la suive à-travers l’Afrique, l’Asie & l’Amérique; soit dans les îles, soit dans les continens, on n’y trouve

²⁶ AUTOR DESCONHECIDO. Regulier, ere. In: DIDEROT, M. & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 14, p. 41.

²⁷ FORMEY, Johann Heinrich. Negre. In: DIDEROT, M. & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 11, p. 76.

que des nations noires; car ces hommes nocturnes dont nous venons de parler, & quelques blancs qui naissent quelquefois, ne méritent pas qu'on fasse ici d'exception".²⁸

Ao falar dos negros e das diferenças que, quase sempre, os colocavam em patamar de inferioridade em relação ao homem branco e europeu, ainda que não fosse uma diferença biológica, mas sim com base na diferente cor de pele, o letrado também apontava as distinções existentes nas nações americanas e sintetizava dividindo o mundo entre brancos e pretos. Ele encerrou o verbete perguntando se toda essa diversidade humana teria partido de um único tronco, ao que responde que sim, dizendo que só resta busca entender como de um único indivíduo pode nascer tantas espécies diferentes de humanos, propondo algumas possíveis explicações.

Nessa parte, o autor se enveredava pelas explicações conhecidas à época, como a influência do clima, da alimentação e dos costumes na diversidade humana. Também abordava a problemática dos líquidos corporais e a tão falada bile responsável pela coloração da pele, hipóteses caras aos cientistas desde o século XVII. A questão dos humores também foi retomada. Ao fim, o autor não se posicionava sobre a razão da diversidade humana e da posição do homem americano nos inventários da humanidade feitos pelos teóricos e viajantes que abordavam o nativo do Novo Mundo.

Portanto, não há como questionar que, nesse momento do século XVIII, estava estruturada a ideia da classificação humana com base nas diferenças físicas, especialmente a cor da pele. E esse critério diferenciador, apesar de não oferecer *status* de imutabilidade aos indivíduos, classificava-os como inferiores ou superiores quanto mais longe ou mais perto estivessem da cor de pele branca. E os viajantes que estiveram na América, ficavam atordoados e indecisos entre classificar o ou não homem do Novo Mundo como de outra raça e se colocarem contra a religião. Tal indecisão se mostra, de forma evidente, na exposição de Malaspina a respeito de algumas nações indígenas da América, quando o viajante destacava que era a constituição física o que mais separava o homem americano dos europeus, ou seja, não era uma divisão religiosa ou cultural.²⁹

²⁸ FORMEY, Johann Heinrich. Negre. In: DIDEROT, M. & D'ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 11, p. 76.

²⁹ MALASPINA, Alejandro. In: *La expedición Malaspina (1789-1794)*. Madrid, Barcelona: Ministerio da Defesa, 1993: “¿ Cuánto pudiera decir?, pero esto ocuparía un tomo en folio. La nación mexicana es tan distinta de las demás que pueblan el orbe, en consideración a sus caracteres, qui si no fuese porque el sagrado texto asegura que no

A historiadora Silvia Lara, ao analisar uma documentação específica concernente à escravidão, cultura e poder na América portuguesa, contestou a tese de que a cor da pele funcionava como elemento classificador ou diferenciador no século XVIII. Para autora, “a distinção entre livres e escravos era mais importante do que aquela da cor. [...] a correspondência entre cor e condição social não caminhava de modo direto, mas transversal, passando por zonas em que os dois aspectos se confundiam ou se afastavam, e em que critérios díspares de identificação social estavam superpostos”.³⁰

De fato, a análise da autora se prende muito mais aos aspectos sociais da América portuguesa do que à base científica setecentista que buscava classificar a humanidade através dos seus caracteres físicos. De todo modo, Lara alarga sua análise ao considerar obras de referências europeias para tentar minimizar a problemática da consideração das cores e, assim, acaba deixando escapar que as definições presentes nesse tipo de obra não se ancoravam somente nos aspectos sociais, mas também no viés da ciência. Além disso, entendo que a base para se construir o pensamento científico, quase sempre, é retirada da forma com os grupos sociais em geral abordam determinada questão ou assunto. O ponto de partida de Silvia Lara é o dicionário de Rafael Bluteau, do início do século XVIII. A autora tenta demonstrar que a cor da pele não tinha importância na obra desse dicionarista no processo de classificação da humanidade.³¹

De fato, para um letrado setecentista, como bem aponta Silvia Lara, Bluteau apresentava sua obra destacando as bases científicas que conduzira, conforme advertia os pensadores daquele século, ao processo de laicização do conhecimento. Logo, explicações como maldições bíblicas não cabiam coerentemente nesses tipos de análises, embora ao longo do século XVIII elas nunca tenham deixado de ocupar espaço considerável no mundo dos letrados. De todo modo, me parece

tenemos los hombres otro origen que de Adán y Eva podría inferirse era diferente especie de los hombres que poblaron al Asia, Europa y África: pero somos cristianos y por especial beneficio de la liberal mano de la omnipotencia, católicos, por lo que debemos atribuir los caracteres físicos de los indios al influjo del clima. Por siglos vivieron sin comunicación con alguna otra nación y contrajeron aquella constitución orgánica que tanto los separa de las naciones conocidas en al antiguo mundo”.

³⁰ LARA, Silvia. *Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 131.

³¹ LARA, Silvia. *Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 133: “Tomando partido no debate, ele contesta a ideia de que a cor negra da pele pudesse ser atribuída “à força do sol”, observando que podia haver tanto brancos na “zona tórrida” quanto “homens tão pretos como na Etiópia” na Groelândia, e que podiam nascer filhos de brancos em terras de negros e vice-versa. Também descarta a ideia de que os negros não seriam filhos de Adão, ou que “esta negridão de [seus] corpos foi castigo do céu”. Discorda ainda de outros, que dizem ter essa cor vindo da maldição de Noé a seu filho [...]”.

que alguns pontos levantados até aqui, podem ser observados nessa obra de forma mais minuciosa.

Em primeiro lugar, o dicionário de Bluteau teve sua primeira publicação nas primeiras décadas do século XVIII e, portanto, estava mais ligado aos pressupostos do pensamento de fins do século XVII do que, exatamente, aos do período de sua circulação. Claro, não descarto a importância da obra para se entender o debate em questão. Entretanto, é perceptível que o monumental *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatômico, architectonico*, em muitos momentos, é mais uma cópia dos verbetes de outras obras do século anterior, como o conhecido dicionário de Covarrubias, do que uma efetiva novidade. Portanto, busco destacar que a obra de Bluteau não corresponde exatamente ao pensamento do século XVIII e o significado de termos como raça, preto, negro e branco não correspondem aos reais sentidos que circulavam em diferentes âmbitos da sociedade.

No século XVIII, Bernard Romans, viajante que havia percorrido grande parte do mundo e se instalado na América, destacava que, embora os povos originários do continente fossem denominados como Índios, o ideal para se referir a eles seria a expressão correntemente utilizada pelos franceses que era a palavra selvagem. Assim sendo, “the French name of savage is a much more proper one, as the manners of red men are in every respect such as betray that disposition, and shew the savage thro the best wrought veil of civilization”.³² Ao viajante, naquele momento já estabelecido no Novo Mundo, chamar os habitantes daquela parte da terra somente pelo nome de americanos, conforme asseverava muitos europeus, seria um erro por colocar num mesmo patamar os indígenas e também os descendentes de africanos que eram nativos, sem, contudo, pertencerem a mesma raça dos indivíduos de pele vermelha.

Dessa forma, se percebe que a classificação defendida por Romans possuía como base a cor da pele e as formas corpóreas dos povos do Novo Mundo. Como observamos, ele defendia a existência de diferentes raças humanas. Mas o vocabulário classificatório empregado pelo viajante nos coloca a questão aqui defendida da complexidade de se escrutinar o verdadeiro sentido de expressões como raça, espécie e nação nos séculos XVII e XVIII.³³ Portanto, o que

³² ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776.

³³ ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776: “Oldmixon, with all his failings is undoubtedly the only writer, who speaks with truth and pertinence

caracterizava os ameríndios em geral era a pele vermelha que se encontrava alastrada por todo o novo continente. Assim, o que demonstrava esses indivíduos como pertencentes a uma mesma nação ou raça era a cor da pele. E tal diferença não coloração da pele, pelos olhos de Romans, era factível na consideração de que o homem americano era de outra raça. De acordo estou que, na segunda metade do século XVIII, a cor da pele dos nativos americanos se sobressaía no conjunto das classificações da humanidade, deixando de lado outros aspectos como as maneiras e a religião.³⁴

Romans entendia que as diferentes nações existentes na América possuíam a mesma origem e eram marcadas pelos mesmos traços físicos e, culturalmente, pela barbárie e selvagerismo. Quanto aos negros e os descendentes de africanos que o viajante observara, eles nasciam brancos e, em pouco tempo, tornavam-se pretos. Em Romans, os negros são apresentados como uma espécie única que deveria ser alocada em uma variedade do gênero humano. Logo, o autor colocava mais uma palavra que também poderia ser utilizada para decifrar e inventariar a humanidade americana. Buffon fora o grande responsável por introduzir o termo *variedades* para se referir às diferenças marcadas na pluralidade de povos existentes na terra. Romans, no Novo Mundo, utilizava raça, nação, variedade e espécie com a mesma acepção.³⁵

on this subject; all other English, French, and Spanish authors, which have fallen in my way (and they are not a few) have made of this story a confused heap of nonsense and falsehood; I shall relate what I know and have found from real experience among four or five nations, and as I can vouch for the similarity, that will be of my opinion, that from one end of America to the other, the red people are the same nation and draw their origin from a different source, than either Europeans, Chinese, Negroes, Moors, Indians, or any other species of human genus, of which I think there are many species, as well as among most other animals, and they are not a variety occasioned by a commixture of any of the above species must also appear”.

³⁴ ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776, p. 37-39: “I believe the red men are not come from the westward out of the east of Asia; I do not believe it, I am firmly of opinion, that God created an original man and woman in this part of the globe, of different species from any in the other parts, and if per chance in the Russian dominions, there are a people of similar make were colonies from the numerous nations on the continent of America, than to imagine, that from the small comparative number of those Russian subjects, such a vast country should have been so numerously peopled, and by what we know from the geographical discoveries that have been made within this century, it was undoubtedly easier for these people to have crossed out of America into Asia, than it was for the white people we find in Labrador to come from Lapland, yet who will deny that a Laplander and Eskimaux are of the same original stock, [...]”.

³⁵ ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776, p. 111: “I have in my dissertation on the origin of the savages, which has swelled beyond my intention, made mention of a peculiar characteristic of the Negroes species, here let me be allowed to mention that they, like all others of the different species, and varieties of the human genus are born white, which colour soon changes, but on the moment of birth in both sexes the exterior parts of generation will shew, whether the person will be black, yellow, brown, red or any other colour known among mankind”.

Portanto, quando ampliamos o foco da análise, parece evidente que em outros *fragmentos setecentistas* encontrados ao longo das Américas pode-se encontrar indícios da importância da cor no processo de enquadramento da humanidade. Mesmo na América portuguesa fica evidente o relevo do jogo das cores de pele, se analisarmos as obras de cronistas luso-brasileiros como Domingos Loreto Couto e frei Jaboatão. Embora não fossem viajantes na América, usaram da escrita para tecer suas hipóteses a respeito da humanidade do Novo Mundo, ora concordando com as teses europeias, ora apresentando novas hipóteses para o surgimento das nações americanas.

Loreto Couto, em sua obra, demonstrava que a religião funcionava como elemento classificador dos povos, mas a problemática não se esgotava nesse aspecto. Portanto, a cor da pele servia para qualificar ou desqualificar os homens, sobretudo, quando ocorria o processo de miscigenação. Couto ressaltava que nas províncias do Brasil era difícil verificar quem eram os homens nobres e os homens da plebe, uma vez que os brancos na cor se sentiam como nobres, os de cor parda faziam o possível para esconder as diferenças e os pretos, quando alcançavam a liberdade, buscavam em tudo agir como brancos. O jogo das cores aparece, de forma evidente, na escrita de Loreto Couto. Para esse cronista era importante destacar o fato de que muitos, apesar de brancos, nem por isso eram puros. Logo, estavam na esfera vulgar e excluídos da premiação que gostariam de ter naquela sociedade.

Em relação à cor parda, Loreto Couto a relacionava com casta ou raça, destacando que o desejo desenfreado de receber honras fazia com que o povo desse grupo não só deixasse de perceber a diferença entre eles e os brancos, como também os impediam de entender que a substância da qual eram constituídos, indubitavelmente, diferia daquela que permeava a feitura do homem branco. Portanto, por mais rico que o homem de cor parda pudesse ser ou o mais próximo do ideal cristão, ainda assim, ele não podia exigir mais do que podia ganhar, devido à cor da sua pele.³⁶

Frei Jaboatão, também a partir da América portuguesa setecentista, abordava essas “tais substâncias” das quais eram compostos os pretos e pardos. Apontava que nas construções de igrejas e capelas das capitânicas de Pernambuco e Bahia, São Benedito de Palermo sempre fora um santo muito adorado pelos católicos; especialmente pela “gente de cor”, arrematando que, “ou seja por afeto da natureza, ou por simpatia dos acidentes”, não havia paragem na colônia onde não se encontrassem templos dedicados à Senhora do Rosário, tão venerada pela “gente de cor”.

³⁶ SILVA, Bruno. *Genealogias mazombas: castas luso-brasileiras em crônicas coloniais*. Niterói: Ed.UFF (no prelo).

Dessa forma, há que se notar a expressão “simpatia dos acidentes”, pois é a forma pela qual Jabotão destacava o amor dos pretos pelo santo.

Assim, a cor da pele aparece personificando um acidente que estaria ligado com uma degeneração do ser humano se comparada com o padrão europeu que era a pele branca. Logo, a escuridão das substâncias que formavam a cor do negro, eram responsáveis por alocá-lo em patamar de inferioridade em relação ao branco. Não obstante, a posição de Jabotão também possuía respaldo na problemática religiosa, ou seja, dentro do quadro da evolução dos povos espalhados pelo mundo após o evento edênico, no qual os negros teriam se afastado da matriz original que era a branca, por uma série de causas.

De todo modo, a defesa de que a religião poderia assimilar os povos de cor, mas nunca mudar a substância da qual foram feitos, é uma evidência de que o cronista qualificava, negativamente, a cor de pele escura. Não fosse isso, como explicar termos como: “flor preta” que se intrometeu em meio a “tantas flores cândidas de santidade”, ao se referir a um negro que almejava lugar numa ordem religiosa. E outras partes em que Jabotão tentava desqualificar os indivíduos de cor preta ao destacar que “sempre quer que a esta gente para o bem lhe sirva de sombras a sua cor”.³⁷

Portanto, independentemente da utilização de termos como raça ou nação para classificar o homem americano, o que estava por trás das obras publicadas nos dois lados do Atlântico, ao longo dos séculos XVII e XVIII, é a ideia de que a cor avermelhada dos índios ou a preta dos africanos eram consideradas como indicador de inferioridade desses povos. Portanto, embora não se usasse o termo racismo, a Idade Moderna, na confluência das escritas e dos modos de agir que interligavam as distintas partes dos grandes impérios coloniais, nos deixam relatos que indicam a complexidade de se escrutinar o real significado de termos como raça. De todo modo, não deixam dúvidas de que o homem americano, na maior parte das obras a respeito da sua origem, era alocado em patamar de inferioridade, tendo, como ponto de partida, suas características físicas. E, em muitos casos, a lógica da degeneração estava associada com a imutabilidade dos caracteres e do caráter dos homens da América, ainda que não fosse baseado nas teorias biológicas dos séculos XIX e XX, mas considerando a transmissão do processo degenerador através do sangue.

³⁷ JABOTÃO, Frei Antonio de Santa Maria. *Novo orbe sefárico brasílico* (3 vols.). 3.ed. Recife: 1979, v. 1, p. 357-358.

Ao fim, em solo do Novo Mundo, a palavra raça seria a expressão máxima das diferenças físicas, mesmo quando não estava associada com imutabilidade.

5.3 Espécie ou espécies?

Na própria *Encyclopédie*, a palavra *espécie* aparece com pelo menos três explicações, dentre elas a de montante de dinheiro, ou dinheiro em espécie, embora a que chame mais a atenção é a referente à história natural, na qual grande trecho da obra de Buffon foi copiada e destacava que espécie era todos os indivíduos semelhantes que existiam sobre a face da terra, sendo vistos como componentes das espécies desses indivíduos. No entanto, não era nem o número e nem a coleção de indivíduos semelhantes que formavam a espécie, mas a sucessão constante e a renovação não interrompida desses indivíduos que constituía a espécie. Ou seja, em palavras atuais, a capacidade de possuir descendência fértil.³⁸ Portanto, para o autor do verbete, *espécie* nada mais era do que a sucessão de indivíduos semelhantes que possuíam a capacidade de reprodução, devendo esse termo ser reservado somente para designar animais e plantas e, dessa forma, sendo exagero utilizá-lo para minerais. Assim, Buffon, no volume cinco da *Encyclopédie*, determinava que tal palavra, quando referente ao entendimento da diversidade na terra, deveria se restringir aos reinos animais e vegetais.

No *Dictionnaire universel françois et latin vulgairement appelé dictionnaire de Trévoux*, de 1771, portanto, do mesmo período da *Encyclopédie*, o termo espécie é designado como uma expressão usada em lógica, seria o nome que se encontrava abaixo de gênero e que designava a reunião de muitos indivíduos. O autor destacava que a palavra continha uma ideia muito confusa que era desenvolvida pelos estudantes. Ao ser utilizado para confrontar os seres vivos, deveria se levar em conta a comparação entre as semelhanças e as diferenças entre os seres; ou seja, segundo o autor, as qualidades comuns que os diferiam, entendendo que essas qualidades eram as

³⁸ BUFFON, M. Espece. In: DIDEROT, M. & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778, v. 5, p. 956: “L’espece est donc un mot abstrait & général, dont la chose n’existe qu’en considérant la nature dans la succession des tems, & dans la destruction constante & le renouvellement tout aussi constant des êtres: c’est en comparant la nature d’aujourd’hui à celle des autres tems, & les individus actuels aux individus passés, que nous avons pris une idée nette de ce qu’il’on appelle espece, & la comparación du nombre ou de la ressemblance des individus n’est qu’une idée accessoire, & souvent indépendante de la premiere; car l’âne ressemble au cheval plus que le barbet au levrier, & cependant le barbet & le levrier ne font qu’une même espece, puisqu’ils produisent ensemble des individus qui peuvent eux-mêmes en produire d’autres, au lieu que le cheval & l’âne sont certainement de différents especes, puisqu’ils ne produisent ensemble que des individus viciés & inféconds”.

mesmas em distintos indivíduos, separados pela abstração de quem as possuíam, formando assim a noção geral de espécies. “Ainsi l’espèce n’est autre chose que tous les individus dans lesquels se trouvent ces qualités par lesquelles ils se ressemblent. L’animal est une espèce à l’égard du corps, l’homme est une espèce à l’égard de l’animal”.³⁹ O autor do verbete destacava a história do dilúvio e de como Deus manteve as espécies ao levá-las para a arca.

Para o verbete, se podia distinguir três tipos de espécies, a superior ou suprema, a subalterna ou média e a inferior ou mais baixa. A suprema seria aquela que tinha o tipo acima dela e que não possuía outras espécies por sobre ela; como substância e acidente, que fazem uma espécie de ser que é supremo, e que não tem espécies acima deles, mas abaixo deles, porque a substância se divide em espírito e corpo. A espécie subalterna ou subordinada, era aquela que estava entre duas espécies, uma das quais é o seu tipo e outra sua espécie. Como corpos, que tem por tipo substância, e por espécie, animado e inanimado.⁴⁰ Por fim, ele destacava que espécie também poderia ser, às vezes, indivíduos de cada espécie à parte, ou seja, o *habitat* de uma espécie de um novo mundo. Também poderia se falar de uma pobre espécie.

No *Dictionnaire critique de la langue française*, de 1787, Jean François Féraud, de forma bem parecida com o Trévoux, de 1771, indicava que espécie era um termo da lógica. Contudo, seguia as orientações dos escritos de Voltaire para se chegar à definição do verbete. Era então, para o autor, um tipo de que continha debaixo de si uma quantidade considerável de indivíduos. Dizia ele, animais racionais e irracionais; no primeiro se encontrava o homem e no segundo, os demais tipos. Dessa forma, a espécie mais perfeita de todos os animais era a humana, onde se encontrava o homem. Além disso, o termo poderia ser usado para designar também uma espécie de pano, de cavalo, de pêras, maçãs. Poderia ser usado de forma jocosa, ao zombar de alguém, perguntando, por exemplo, “quelle espece d’homme nous avez vous amené là? C’est une pauvre espece d’homme, ou absolument, une pauvre espece. On pretend que c’est un homme qui n’a

³⁹ *Dictionnaire universel françois et latin vulgairement appelé dictionnaire de Trévoux. Avec des remarques d’érudition et de critique.* Nouvelle Édition, corrigée et considérablement augmentée. Paris: Par la Compagnie des Libraires Associés, 1771.

⁴⁰ *Dictionnaire universel françois et latin vulgairement appelé dictionnaire de Trévoux. Avec des remarques d’érudition et de critique.* Nouvelle Édition, corrigée et considérablement augmentée. Paris: Par la Compagnie des Libraires Associés, 1771: o verbete destacava que espécie baixa era “celle qui n’a point d’espece au dessous d’elle, qui ne peut être genre par rapport à aucune autre idée plus particulière, & qui n’a sous elle que des individus: homme, par exemple, qui n’a sous soi que des individus, Pierre, Paul, Louis, &c. dans lesquels se trouvent les attributs qui servent à caractériser l’homme”.

jamais eu de chagrin: je voudrais voit une espece si rare”.⁴¹ Esse último tipo de uso foi retirado diretamente da obra de Voltaire, como indica a nota do dicionário.

Em espanhol, o *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana*, editado por Terreros Y Pando, em 1786, o termo espécie era destacado como uma ideia comum e, particularmente, apreendido debaixo de uma lógica mais universal de gênero.⁴² Deste modo, a proposta para explicar a espécie apresentada pelo autor é quase uma cópia do dicionário francês de Trévoux, de 1771, embora esse tipo de reprodução não fosse considerado como algo ilegal. Atenta-se para a divisão entre espécies suprema, medianas e subalternas. Sem, no entanto, apresentar qualquer novidade na tradução para o espanhol.⁴³

Em língua portuguesa, o *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatômico, architectonico...* de Raphael Bluteau, publicado em 1728, destacava com palavras próprias que espécie era um termo vindo da lógica, que ficava sujeito imediatamente ao gênero. E arrematava que “lógica, he aquella noção, pella qual percebemos alguma cousa universal, da qual porem há outra, inda mais universal, ou he alguma mais perfeita, que o próprio gênero, que a contem em si.

⁴¹ FÉRAUD, Abbé Jean François. *Dictionnaire critique, de la langue française*. Auteur du Dictionnaire Gramatical, dedie a Monseigneur de Boisgelin, l’un des Quarente de l’Academie Française, &c. Marseille: chez Jean Mossy Pere et Fils, Imprimeurs du Roi, 1787.

⁴² TERREROS Y PANDO, Esteban. *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana*. Tomos 1, 2, 3. Madrid: Imprenta de la viuda de Ibarra, Hijos y Compañía, 1786: “El hombre es una especie de animal, que es su jenero. Hai especie suprema, y es la que tiene otras inferiores, y solo esta debajo del jenero. La substancia, que solo tiene al ente sobre si, y comprehende las especies de espiritu, y cuerpo: especie subalterna, y es la que tiene sobre si otra especie, tiendo jenero respecto de otras. El cuerpo, que está debajo de la substancia, y tiene por especies lo animado, é inanimado: y especie infima, que es la que no tiene debajo de si otra. El hombre, que como tal no tiene otras especies”.

⁴³ O cuidado, minimamente buscado, de tratar as personagens históricas aqui abordadas, de forma majoritária, como letradas, sábias e/ou filósofos, liga-se ao fato segundo o qual a noção de autoria foi se consolidando na Europa de maneira desigual e, portanto, bastante particular dependendo da sociedade a qual estivermos nos referindo. Os estudos de Roger Chartier apresentam que, no caso da Inglaterra, o nascimento do autor como figura individual e cujos traços passaram a ser vistos como dotados de originalidade ocorreu entre os séculos XVII e XVIII. Foi quando, aliás, o dramaturgo William Shakespeare foi recebendo contornos de cânone literário, coincidindo com um momento no qual a ilha britânica igualmente ia se forjando, pouco a pouco, enquanto nação. Tais elementos redefiniram a ideia de propriedade autoral, pois, em meio a esses processos, os direitos sobre o escrito (fosse nas modalidades manuscrita ou impressa) foram saindo das mãos de livreiros e responsáveis pelas edições para se tornarem uma prerrogativa dos escritores. Por esses motivos, as práticas da cópia não eram absolutamente ilegais e busquei evitar o termo autor, como pude – ainda que este se faça presente –, uma vez que utilizo registros de teóricos, viajantes e dicionaristas da Espanha, de Portugal, da França, da Inglaterra... e mesmo de descendentes destes nascidos nas terras do Novo Mundo. Para um aprofundamento da discussão supracitada, conferir: CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed.UnB, 1994; _____. *Cardenio entre Cervantes e Shakespeare: história de uma peça perdida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. Agradeço a André Carlos Furtado, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), por estas informações.

Homo est species animalis".⁴⁴ O autor também destacava a divisão tripartida de espécies superiores, medianas e ínfimas, assim como apareceria nas versões do verbete para os dicionários espanhol e francês. Sem perdermos de vista que essa terminologia já estava presente, na primeira edição, em Trévoux, de 1704.

No *Dictionary of the english language*, de Samuel Johnson, editado em 1768, o verbete *species* apontava que o termo significava espécie, no sentido de tipo; alegava então, ser uma subdivisão de um termo em geral, definição copilada da obra de Watts. Também poderia ser Classes da natureza, indicando, assim, que a palavra classe era sinônimo de espécie. Outra entrada seria apontando espécie como a ordem única dos seres, aparência para os sentidos, qualquer representação sensível ou visível. Ou seja, aquilo que era visível ou poderia ser exibido, explicação retirada da obra de Bacon; também poderia ser indicada para explicitar a representação do espírito. Por fim, o autor fala de espécie sendo utilizada com relação à circulação de dinheiro ou aquilo que era simples, mas que possuía lugar no que era composto.⁴⁵

De uma forma geral, as obras de referências na língua inglesa explicavam de maneira bem mais sintética os significados das palavras. Curiosamente, a edição desse mesmo dicionário, publicada em 1828, diminuiu as explicações para espécie e focou em “a subdivision of a general term; class of nature; single order of beings; appearance to the senses; any visible or sensible representation; representation to the mind; circulating money”.⁴⁶ Nessa edição, Samuel Johnson optou por retirar todo tipo de elucidação que associasse o verbete com estado de espírito e focalizou na representação biológica dos seres humanos, deixando também de lado a fonte de onde ele havia buscado tais informações, algo comum nas edições anteriores. Parece-me que o termo já estava mais bem consolidado e, portanto, o autor não precisava se respaldar. De todo modo, não desdobrou a explicação e manteve a lógica da síntese, tão peculiar nas obras de referência inglesas.

No *The new universal etymological english dictionary*, de Bailey, publicado em 1756, ano em que grande parte dos verbetes da *Encyclopédie* francesa já estava circulando, o autor poupou

⁴⁴ BLUTEAU, Raphael *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatômico, architectonico...* Coimbra: Casa de Impressora, no Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.

⁴⁵ JOHNSON, Samuel. *Dictionary of the english language: in which the words are deduced from their originals, explained in their different meanings, and authorized by the names of the writers in whose works they are found.* A. M. The Third Edition, carefully revised. Dublin: Printed by W.C Jones, for Thomas Ewing, in Dame-street, 1768.

⁴⁶ JOHNSON, Samuel. *A dictionary of the english language: LL.D. and John Walker. With The Pronunciation Greatly Simplified, and on an entirely new plan: and the addition of several thousand words.* London: William Pickering, chancery Lane; George Cowie and Co. Poultry, second edition, revised and corrected, 1828.

ainda mais na explicação do que seria espécie e se circunscreveu a destacar que se tratava de algo particular agrupado em uma ordem mais universal. Afirmando ser também a subdivisão do uno em plural. Bailey não gastou mais que duas linhas para falar de espécie e, mesmo assim, como Samuel Johnson, não se posicionou de forma explícita a respeito do que seria o significado do termo, sobrando a ideia de que a palavra oferecia uma pluralidade de significados e deixando entrever que não se tratava de um conceito, mas sim de um termo com diferentes acepções. Mesmo quando se abordava a história natural, ainda assim, em inglês, fica difícil precisar tal palavra nos dicionários.⁴⁷

O mesmo dicionário etimológico de Bailey já havia tido uma edição em 1726, na verdade teria sido uma terceira edição, onde o autor destacava espécie como “simple ingredients in the Druggifts or Apothecaries Shops, out of which compound Medicines are made”.⁴⁸ Nessa publicação, o autor não apresentava nenhuma relação do termo com a classificação dos tipos humanos ou de animais, e se manteve fiel às edições anteriores, apontando para espécie como diferentes tipos de ingredientes usados em feituas de medicamentos. O que chama a atenção é que a edição de 1756, trinta anos mais tarde, subtraiu completamente a explicação dos tipos de ervas e se circunscreveu a uma explicação mais genérica para o termo, destacando a relação entre ele e subdivisões.

Ao se observar a obra *A glossary of Tudor and Stuart words especially from the dramatists collected*, em que Walker W. Skeat, no século XIX, buscava relacionar as palavras mais utilizadas na Inglaterra dos séculos XVI e XVII, a palavra espécie não aparece na relação a nenhum momento, sobrando a sensação de que não era comum seu uso na língua inglesa daquele período, embora não se possa ser tão contundente na afirmação, uma vez que Walker buscava dar conta dessa vocabulário do passado, duzentos anos mais tarde.⁴⁹

Na língua francesa, no entanto, o termo aparece correntemente no século XVII. No *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des artes...*, apresentado pelo membro da Academia de Letras francesa, Antoine Furetière, em 1690, a palavra espécie aparece com duas entradas. Na

⁴⁷ BAILEY, N. *The new universal etymological english dictionary*. V. II, The Fourth Edition. London: Printed for T. Waller, opposite Fetter-lame, Fleet-Street, 1756.

⁴⁸ BAILEY, N. *The new universal etymological english dictionary*. V. II, The Fourth Edition. London: Printed for T. Waller, opposite Fetter-lame, Fleet-Street, 1726.

⁴⁹ SKEAT, Walker W. *A glossary of Tudor and Stuart words especially from the dramatists collected* by Walker W. Skeat (Elrington and Bosworth Professor of Anglo-Saxon in the University of Cambridge), 1878-1912. Edit with Additions by A. L. Mayhew, M.A, Wadham Collge, Oxford, 1914.

primeira, o autor dizia se tratar de uma divisão de tipo; partes componentes. E afirmava aquilo que seria recorrente no século seguinte, que o animal era uma espécie em relação ao corpo e o homem era uma espécie em relação ao animal. Assim, acoplava a explicação religiosa de que Deus fez perecer o gênero humano com o dilúvio, mas desejou manter as espécies. Indicava, como exemplo, que a fênix era a única em sua espécie e destacava que a última espécie era aquela que não podia mais ser distinguida a não ser em conjunto. Explicava, enfim, que a palavra derivava do latim *species*, vinha de um antigo verbo, *specie*, e que significava ver e nomear todas as coisas.⁵⁰ Na outra explicação, espécie era apresentada como “se dit quelquefois des individus de chaque espece à part. Voilà un homme singulier, d’une nouvelle espece. C’est une pauvre espece. Um habit d’une nouvelle espece, d’une nouvelle mode. Je ne sçay quelle espece de fruit c’est là. Il m’amena une espece de Gentilhomme qui avoit l’apparence d’un Noble. On ne sçait quelle espece d’homme c’est là, s’il est chair, ou Poisson”.⁵¹

Portanto, o termo também aparece algumas vezes, nesse verbete, com sentido bem amplo e, outras, figurado; pode-se notá-lo numa espécie de linguagem de uso corrente, comum, de modo que fica complicado, sem o conhecimento da língua daquela época, saber exatamente o que se pretendia dizer. Mesmo assim, independente da acepção que é apresentada, essa obra de fins do século XVII, oferecia uma diversidade de significados para a palavra espécie, sem, contudo, priorizar a questão da classificação humana, animal ou vegetal.

Quatro anos mais tarde, na publicação *Le dictionnaire de l’Académie Française, Dedié au Roy*, o autor foi mais específico, concentrando a explicação do termo espécie em apenas uma entrada, destacando que se tratava de um termo da lógica, explicação recorrente na maioria das obras de referência publicadas nos séculos XVII e XVIII. Apontava que o termo se relacionava diretamente com gênero, que continham em si mesmo uma gama de indivíduos. E afirmava, por exemplo, que o homem era uma espécie, assim como se encontrava diversas espécies de pássaros e de peixes. Cada um era perfeito em suas espécies, segundo o autor. Mas o homem era a mais perfeita dentre os animais. Concluindo que a natureza era responsável por assegurar a

⁵⁰ FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des artes...* Par Antoine Furetière (1619-1688), Abbé de Chalivoy, de l’Académie Française, 1690.

⁵¹ FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des artes...* Par Antoine Furetière (1619-1688), Abbé de Chalivoy, de l’Académie Française, 1690.

conservação da espécie.⁵² Diferentemente do *Dictionnaire universel*, de 1690, o dicionário da academia francesa, de 1694, indicava espécie como um termo mais ligado à história natural, apontando para sua utilização somente em casos de classificação dos diversos tipos de animais e vegetais existentes na terra.

Duas décadas antes, era publicado *Del origen y principio de la lengua castellana ò romance...* de Sebastián de Covarrubias Orozco, em Madrid. A obra de 1674, destacava no verbete espécie, o que era recorrente nas publicações dos outros países; ou seja, um termo da lógica, usado de forma vulgar para distinguir diferentes animais. Espécies de animais. Para Covarrubias, espécie eram as coisas que, particularmente, se podiam ver; em outros termos, o homem era da espécie humana, o cavalo da equina e o leão da leonina, porque, segundo o autor, em cada espécie dessa se podia ver algo de particular que estava presente. E concluía que “el genero no se puede ver, porque es cierto, que qualquier animal que yo viere, será alguno de las especies: y animal que no sea especie, u animalidad en general no se puede ver, y aun apenas imaginar”.⁵³

Assim, ele apostava no termo como sendo utilizado para caracterizar um grupo de animais que fora observado e após se perceber determinados padrões, poderiam ser alocados debaixo de uma espécie. Ou seja: as características observadas em determinado animal poderiam fazer com que ele fosse indicado para pertencer a uma determinada espécie. As obras do século XVII, sobretudo as francesas e a espanhola aqui abordadas, indicavam a possibilidade de utilização do termo espécie para a classificação dos diferentes tipos animais e também como possibilidade de usá-lo para caracterizar, inclusive, os diferentes tipos humanos existentes na terra. Entretanto, assim como as obras publicadas ao longo do século XVIII, ainda não apontavam o termo como um conceito fechado e relacionado somente com um determinado campo de explicação, indicando até a utilização do mesmo num palavreado bem coloquial, servindo ao linguajar de ditados populares.

A ideia de espécie presente nesses dicionários, quando apontando para a história natural, estava ancorada nas teses aristotélicas de que a espécie não mudava, era fixa, única. Portanto, qualquer alteração na estrutura dos animais ou homens, nesse último caso consideremos a cor da pele e as características físicas como pontos claros, poderia ser associada com a ideia de uma

⁵² *Le dictionnaire de l'Académie Française, Dedié au Roy*. Tome Premier. Paris: chez la Veuve de Jean Baptiste Coignard, Imprimeur Ordinaire du Roy, 1694.

⁵³ COVARRUBIAS, Sebastián de. *Del origen y principio de la lengua castellana ò romance...* Madrid, 1674.

nova espécie; assim como se falava de espécies de cavalos, de frutas ou de homens no sentido mais genérico, ao se considerar o caráter. Desse modo, os viajantes do século XVII e de grande parte do século XVIII, ao utilizarem tal terminologia, poderiam abordá-la para designar distintos grupos humanos, sem, contudo, negar a unicidade da origem humana. Ao que parece, a partir da segunda metade do século das “Luzes”, a palavra espécie se circunscreveu a indicar o único, enquanto que as subdivisões encontradas em cada espécie passaram a ser designadas como raças ou variedades.

5.4 As diversas raças de raça

O historiador Nicholas Hudson afirma que uma das formas de compreender quando as sociedades humanas passaram a ser classificadas por uma perspectiva racial é observar as vicissitudes que atingiram os significados de termos como raça, nação e tribo. Para o autor, a literatura de viajantes do século XVII contém uma riqueza de informações que são, geralmente, abordadas debaixo da palavra nação. Ou seja, falava-se em características próprias de cada nação. Somente em fins do século XVIII foi que os relatos se preocupavam mais em descrever negros, brancos e vermelhos, considerando os caracteres físicos e, assim, incorporando as nações em raças.⁵⁴

Portanto, a ideia do autor é mapear em que momento do século XVIII tal modificação poderia ser percebida. Como temos visto, e o próprio Hudson está de acordo, que se basear nas obras de referência pode ser um problema, pois existe uma defasagem entre aquilo que se pratica e o que realmente se explica em páginas de livros. De todo modo, Hudson acolhe tal tese, sem, contudo, apontar indícios que ele tenha utilizado algumas obras desse cunho para perceber as modificações ocorridas entre os séculos XVII e XVIII.

Uma rápida passada pelo verbete escrito por Louis Jaucourt para a *Encyclopédie* demonstra que raça era um termo relacionado com genealogia e, portanto, mantendo sinonímia com extração, linhagem e tudo o que dizia respeito a ascendentes e descendentes de uma mesma família; quando se relacionava com a nobreza, tal expressão era utilizada como sinônimo de nascimento. Como exemplo, o verbete destacava que “Madame de Lambert dit dans ce dernier

⁵⁴ HUDSON, Nicholas. From “nation” to “race”: the origin of racial classification in the eighteenth-century thought. *Eighteenth-Century Studies*, v. 29, n. 3, 1996, p. 253.

sens, que vanter sa *race*, c'est louer le mérite d'autrui. Si le mérite des peres rehausse la gloire des enfans qui les imitent, il est leur honte quand ils dégènerent: il éclaire également leurs vertus & leurs vices".⁵⁵

A última citação é expressiva ao associar raça com degeneração. Ou seja, o valor de uma família, o mérito de ser nobre era passado dos pais aos filhos que poderiam aumentar tal glória, ao mesmo tempo em que por algum motivo poderiam corromper tal nobreza herdada. O casamento com um indivíduo de um estrato inferior, por exemplo. Portanto, a expressão degeneração estava associada com a decomposição, redundando em algo ruim, do tronco original e bom. Nesse caso, nada havia de relação com caracteres físicos e sim com alguma coisa da ordem mais espiritual que era ser nobre, mas também com o peso do sangue que transmitia aos descendentes os traços degenerativos. Assim, a expressão degeneração igualmente estava associada com aqueles grupos humanos, como os americanos, cujas particularidades teriam se corrompido e foi se adulterando a partir do grupo original. Se antes o termo nação possuía maior utilidade na descrição desses povos da América, ao fim e ao cabo, a palavra raça seria a mais utilizada para expressar tal processo.

Assim, o verbete destacava outro exemplo aproximando a palavra raça de nascimento, destacando a vileza, baixeza da origem de alguns e a nobreza de outros; a raça de nobres, enfim. A publicação ainda trazia outra acepção para o termo que estava relacionada com as espécies particulares de animais, sobretudo os cavalos. Destacava a qualidade de uma raça de cavalos inglesa e lembrando que um equino de primeira raça era aquele que vinha do exterior e se tornara conhecido pela sua qualidade.

A ligação do termo raça com sangue estava evidenciada no verbete *naissance*,⁵⁶ onde o letrado destacava que se tratava de um termo relacionado com a sociedade civil e raça, sendo está última entendida como extração ilustre e nobre, completando que era uma feliz fortuna respeitar todos aqueles de bom nascimento que deveriam ser beneficiados, não somente por prestarem bons serviços ao Estado, mas por encorajar seus descendentes a seguirem seus passos.⁵⁷ Dessa

⁵⁵ JAUCOURT, Louis de. Race. In: DIDEROT, M. & D'ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 13, p. 740.

⁵⁶ JAUCOURT, Louis de. Race. In: DIDEROT, M. & D'ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 13, p. 740.

⁵⁷ JAUCOURT, Louis de. Naissance. In: DIDEROT, M. & D'ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme

forma, o termo raça estava amplamente ligado com o nascimento, defendiam-se aqueles que eram de família nobre como os que pertenciam a uma melhor raça, destacando que os povos de baixa procedência, por natureza, eram cientes da obediência que deviam aos de boa raça e, portanto, aqueles de bom nascimento deveriam dar exemplos para que pudessem continuar sendo respeitados.

É evidente, então, que o verbete *raça* ainda carregava fortemente a lógica presente na sociedade aristocrática francesa de que a nobreza pertencia a uma raça de pessoas que se destacava naquela sociedade e que a perda do *status* de nobre acarretava na degeneração da pessoa ou da própria família na qual se encontrava inserida. Ou seja, de fato, o termo não estava relacionado diretamente com grupos humanos e suas características físicas. Mas carregava a marca da hereditariedade via sangue. Então, Hudson enfatiza que os exploradores europeus que pisaram na América, desde a sua descoberta, os imaginavam como superiores aos homens do Novo Mundo, e essa hierarquização não estava baseada numa perspectiva racial, “but on belief that Europeans had achieved a level of civilization unknown in other nations. African and American peoples were scorned as ‘beastly’ (or often as ‘rustic’) to extent that they appeared to fall short European ideas of urbanity and sophistications”.⁵⁸

Portanto, Nicholas Hudson entende que as características físicas não possuíam valor no quadro classificatório da humanidade proposta pelos homens da Idade Moderna. Na verdade, até possuíam papel de destaque, afinal não havia como ignorar as diferenças na cor da pele e no formato dos corpos, de todo modo, tais distinções não entravam como chave explicativa importante a ponto de classificar os europeus como superiores por conta da cor da pele. O conjunto de fontes que o autor escolhe para buscar essas respostas, entre os séculos XVI e XVIII, realmente não responde a essas questões. Até porque são fontes europeias. Não há, por exemplo, na análise do autor, um grupo de viajantes que percorreram a América nesse período.

Numa retomada da obra de José de Gumilla, escrita na primeira metade do século XVIII, se observa que ele não usou do termo raça para abordar os povos da região do rio Orenoco; ao

Édition, 1778, v. 11, p. 8: “On doit prendre les intérêts des gens de naissance, parce qu'il est utile à la république, qu'il y ait des hommes dignes de leurs ancêtres: les droits de la naissance doivent encore être révésés, parce qu'elle est le soutien du trône. Si l'on abat les colonnes, que deviendra l'édifice qu'elles appuyoient. De plus la naissance paroît être un rempart entre le peuple & le prince, & un rempart qui les defend contre les entreprises mutuelles de l'un sur l'autre; enfin, la naissance donne avec raison des privileges distinctifs, & un grand ascendant sur les membres d'un état qui sont d'une extraction moins élevée. Aussi ceux qui jouissent de ce bonheur, n'ont qu'à ne rien gêter par leur conduite, pour être sûr d'obtenir légitimement de justes préférences sur les autres citoyens”.

⁵⁸ HUDSON, Nicholas. From “nation” to “race”: the origin of racial classification in the eighteenth-century thought. *Eighteenth-Century Studies*, v. 29, n. 3, 1996, p. 253.

contrário, utilizou a expressão *nação*, de todo modo, considerando o físico e os modos indígenas em suas observações. Em Gumilla, a palavra *nação* carregava a mesma acepção, quando se tratava de abordar as diferenças humanas, que raça possuía e podia ser encontrada em fins do século XVII.⁵⁹ No resumo apresentado por Gumilla a respeito dos povos por ele observados, há o emprego da expressão *nação* para se referir às diferenças físicas de cada povoação que a distinguisse de outras. A palavra *variedade*, que seria utilizada de forma mais consistente por Buffon, aparece em Gumilla. Mas só para demonstrar as diferentes nações existentes na região onde ele esteve, multiplicidade que ressaltava o admirável poder de criação de Deus. O autor ainda destacava que “la Nation Othomaca, qui est l’*extrait & le quintessence de la barbarie, & la plus Barbare de tous les Peuples de l’Orénoque*”,⁶⁰ era a mais temida e mais perigosa daquela região.

Uma rápida leitura da obra de Gumilla pode nos levar a crer que além de não utilizar a palavra *raça*, quando faz uso do termo *nação*, é se referindo, exatamente, ao que destacou Nicholas Hudson, ou seja, a categorização era baseada na lógica cultural. Assim, os povos considerados mais bárbaros eram aqueles que se afastavam do ideal de vida e de civilização apontados pelos europeus. Contudo, como fora analisado em capítulo anterior, o viajante religioso propunha um projeto que, colocado em prática, poderia eliminar o sangue e os traços físicos dos ameríndios e dos africanos. A lógica era incentivar a união entre brancos e outras nações para que o sangue e os traços brancos apagassem os traços da degeneração. Portanto, apesar do religioso entender a multiplicidade das nações do Novo Mundo como uma obra maravilhosa do Criador, ele se sentia como instrumento desse próprio Criador para fazer melhorar ainda mais o mundo, transformando todos em brancos. Há como não considerar a posição de Gumilla como racista? Acho difícil.

Portanto, fica fácil perceber que o autor não fazia o enquadramento dos povos do Orinoco somente pela cultura ou modo de agir; mas, acima de tudo, pelas características físicas, não

⁵⁹ GUMILLA, José. *Histoire naturelle, civile et géographique de l’Orénoque et des principales rivières qui s’y jettent...* Par le P. Joseph Gumilla, ... traduite de l’espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1, p. 103 : “On trouve chez ces Nations la même difference par rapport à la taille & à la corpulence, que parmi les Peuples de l’Europe. Les uns sont grands, les autres petits, & quelques autres de taille moyenne, quelques uns sont gros & replets, quelques autres secs & maigres. On voit chez quelques Nations des Indiens très-bien faits & de belle taille, tandis qu’on ne trouve dans d’autres que des hommes laids e mal faits. Les uns montrent beaucoup de vivacité dans leur yeux & dans leur actions, tandis que d’autre sont extrêmement paresseux & indolens. Cette variété est un des plus beaux spectacles de l’Univers, & une preuve admirable de la Puissance du Créateur”.

⁶⁰ GUMILLA, José. *Histoire naturelle, civile et géographique de l’Orénoque et des principales rivières qui s’y jettent...* Par le P. Joseph Gumilla, ... traduite de l’espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1, p. 173.

indicando nenhum traço de imutabilidade no sangue e nos caracteres dessas nações. Porém, ainda assim, os qualificando como inferiores, porque se não o fossem, qual a razão para Gumilla propor um projeto que visava desaparecer com as nações negras e indígenas? Dessa forma, a análise de Hudson, por deixar escapar o aspecto colonial e não se debruçar nos relatos deixados pelos viajantes que estiveram na América, não pode ser aplicada no mundo ibérico.

Portanto, mapear em que momento palavras como raça ocuparam o lugar de nação para se referir aos povos e suas características, não nos ajuda a entender a forma como os habitantes da América foram enquadrados durante os séculos XVII e XVIII. Decerto, Nicholas Hudson tem razão ao entender que os dicionários não dão conta da problemática. Contudo, ele perde de vista uma análise mais minuciosa deixando de perceber que, fosse com o uso do termo nação ou do termo raça, pode-se encontrar relatos em que as características físicas das gentes do Novo Mundo são consideradas no inventário do homem americano e também vistas pelo prisma da inferioridade se comparadas com os europeus.

No *Dictionnaire universel françois et latin vulgairement appelé dictionnaire de Trévoux*, na edição de 1771, raça era apresentado como um termo coletivo que significava linhagem, dizia-se de todos aqueles que vinham de uma mesma família; também era uma palavra que expressava geração continuada que se passava de pai para filho; tudo aquilo que dizia respeito aos ascendentes e aos descendentes. Ato contínuo, acrescentava que raça era o mesmo que *gens*, estirpe e progenitor, apontando como exemplo que “Il vaut mieux être le premier que le dernier noble de sa race”, completando que a origem da palavra era *radix*, ou seja, como se fosse uma raiz, aquilo que dá sustentação. No exemplo citado, teria íntima relação com árvore genealógica. Mas também apontava que raça poderia ser utilizada para designar “especies particulières de quelques animaux. Species. Les lévriers, les épagneuls sont des races particulières de chiens”, em relação direta com o termo espécie.⁶¹

Por fim, assinalava que era uma palavra usada, algumas vezes, no sentido pejorativo, sendo aproveitada para dirigir alguma injúria a pessoas ou grupos. Assim, podia se falar de raça maldita quando se referia, por exemplo, aos usurários. De todo modo, essa forma negativa de se utilizar o termo raça, segundo o autor do verbete, só era empregado numa linguagem muito

⁶¹ *Dictionnaire universel françois et latin vulgairement appelé dictionnaire de Trévoux. Avec des remarques d'érudition et de critique.* Nouvelle Édition, corrigée et considérablement augmentée. Paris: Par la Compagnie des Libraires Associés, 1771.

coloquial. O *Dictionaire critique, de la langue française*, de 1787, não apresentou o verbete raça em suas páginas, pelo menos não na edição consultada.⁶²

E as obras de referência em língua inglesa foram bem econômicas ao dissertarem sobre os significados da nomenclatura. Em *A dictionary of the english language*, de Samuel Johnson, na edição de 1828, raça era destacada como ascendentes e descendentes de uma família. Uma palavra relacionada com geração, família, um estrato muito particular. Uma raiz muito característica que estava ligada com origem.⁶³ Assim, observa-se uma proximidade com aquilo que era apresentado pelos dicionários franceses do século XVIII. Ainda não existia, em Samuel Johnson, no século XIX, uma concepção de raça próxima do que conheceríamos anos mais tarde.

Curiosamente, a edição de 1768 do *Dictionary of the english language*, de Samuel Johnson, trazia basicamente a mesma definição para o termo raça; bem próxima daquilo que estava descrito no século XIX. A pequena diferença percebida se referia às citações feitas pelo autor das fontes de onde havia retirado o significado da palavra. Portanto, nessa importante obra de referência do mundo britânico, da segunda metade do século XVIII até pelo menos a década de 1830, não havia nenhum indicativo de relação entre o termo raça e uma classificação mais endurecida da diversidade humana. Claro que, além dessa apresentação do termo relacionado com descendências familiares, ainda se encontrava aquele que destacava a palavra na sua acepção de corrida, progresso e curso sobre os pés.⁶⁴

Em *The new universal etymological english dictionary*, de Bailey, editado em 1756, também não se encontra o verbete raça, assim como ocorre com dicionários da língua francesa do século XVIII.⁶⁵ Em *A glossary of Tudor and Stuart words especially from the dramatists collected*, do século XIX, raça era apontada como “to rase, scrape. Ascham, Toxophilus; to tear, to tear away, to slash, tear violently; to erase, to alter a writing by erasure; this Indenture is

⁶² FÉRAUD, Jean François. *Dictionaire critique, de la langue française*. Par M. Abbé Jean François Féraud, auteur du Dictionaire Gramatical, dedie a Monseigneur de Boisgelin, l'un des Quarente de l'Academie Française, &c. Marseille: chez Jean Mossy Pere et Fils, Imprimeurs du Roi, 1787.

⁶³ JOHNSON, Samuel. *A dictionary of the english language*. With The Pronunciation Greatly Simplified, and on an entirely new plan: and the addition of several thousand words. London: William Pickering, chancery Lane; George Cowie and Co. Poultry, second edition, revised and corrected, 1828.

⁶⁴ JOHNSON, Samuel. *Dictionary of the english language*: in which the words are deduced from their originals, explained in their different meanings, and authorized by the names of the writers in whose works they are found. Abstracted from the folio edition by the author Samuel Johnson, A. M. The Third Edition, carefully revised. Dublin: Printed by W.C Jones, for Thomas Ewing, in Dame-street, 1768.

⁶⁵ BAILEY, N. *The new universal etymological english dictionary*. V. II, The Fourth Edition. London: Printed for T. Waller, opposite Fetter-lame, Fleet-Street, 1756.

raced”.⁶⁶ Ou seja, no sentido teatral, o termo também poderia ser utilizado na definição de ferir, destruir, rasgar algo de forma violenta, apagar algo feito sem deixar traços. Um verbo usado para exprimir corte, término, fim. Em *An universal etymological english dictionary: comprehending the derivations of the generality of words in the English Tongue*, de 1726, resumidamente, se destacava que raça era uma palavra oriunda do “Razza Ital. Radix. Lineage, Family, Stock; a root, as of Ginger”.⁶⁷ Assim, separada para se referir à família e linhagem, mas também às raízes de plantas.

Na língua espanhola, o *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes...*, de 1786, apontava raça associada com linhagem; a origem das famílias. A procedência da palavra, para o autor, estava no latim *genus, stirps, progenies, radix*.⁶⁸ Portanto, era um termo intimamente ligado com linhagem, casa, condição social. Mas a palavra também poderia ser utilizada para qualificar outras coisas ou outras condições. Raça de pano ruim, por exemplo. Quando estava indicando a qualidade duvidosa do tecido, nesse caso, a origem era de outras expressões latinas como *genus, natura*. Ao ser utilizada na relação com o sangue e a origem, o verbete destacava ditado popular que apontava “El can de buena raza si hoy no, manana caza, refran que da á entender que el que tiene buena sangre, aunque haga algunas faltas al fin vuelve sobre si”.⁶⁹

O termo raça, segundo o verbete, poderia ser entendido como descendência de judeus e estendia-se para se referir a todos aqueles que continuamente se dedicavam a fazer o mal. Sendo usado, então, num sentido genérico. Nesse caso, tendo a origem no latim *semen* ou *seminium*. De todo modo, o autor era enfático ao destacar que a palavra raça só poderia ser utilizada quando se tratava de pessoas e suas diferenças. Ao se referir aos animais, preferencialmente, se deveria utilizar a expressão *casta*, conforme assevera o autor do verbete.

⁶⁶ SKEAT, Wlaker W. *A glossary of Tudor and Stuart words especially from the dramatists* collected by Walker W. Skeat (Elrington and Bosworth Professor of Anglo-Saxon in the University of Cambridge, 1878-1912). Edit with Additions by A. L. Mayhew, M. A. Wadham Collge, Oxford, 1914.

⁶⁷ BAILEY, N. *An universal etymological english eictionary: comprehending the derivations of the generality of words in the English Tongue...* The Third Edition. By N. Bailey. London: J. Darby &c, 1726.

⁶⁸ *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana*. Su autor: El P. Esteban de Terreros Y Pando. Tomos 1, 2, 3. Madrid: Imprenta de la viuda de Ibarra, Hijos y Compañía, 1786.

⁶⁹ TERREROS Y PANDO, Esteban. *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana*. Tomos 1, 2, 3. Madrid: Imprenta de la viuda de Ibarra, Hijos y Compañía, 1786.

Raphael Bluteau, em 1728, apontava que raça era o mesmo que casta, relacionando as duas palavras e destacando que ambas poderiam ser utilizadas para se referir às espécies de alguns animais como cavalos e cães. Diferentemente das obras de referência francesas e inglesas, a língua portuguesa distinguia que o termo raça se referia a animais somente. De todo modo, quando se utilizava tal expressão para se falar de gerações humanas, deveria ser entendida com sentido ruim; “fallando em gerações, se toma sempre em má parte. Ter Raça (sem mais nada) val o mesmo, que ter Raça de Mouro ou Judeo. (Procurar se ha, que os servidores da Misericórdia não tenham Raça. Compromisso da Misericórdia)”.⁷⁰

O historiador Ronald Raminelli, ao analisar o termo raça presente na obra do dicionarista Raphael Bluteau, portanto, circunscrito ao universo Ibérico, consegue ir além das explicações que uma obra de referência pode oferecer e destaca que as instruções fornecidas pelos comissionários do Santo Ofício era para que fosse verificado se os habilitandos descendiam de pais e avós, paternos e maternos cristãos-velhos, ao pleitearem qualquer tipo de titulação, buscando assim, não beneficiar indivíduos com mácula de sangue. No caso da América, a verificação também levava em conta a cor da pele dos indivíduos. Ao fim, não era uma divisão somente pelo aspecto religioso, mas, acima de tudo, pelo físico.⁷¹

Portanto, diferentemente de Silvia Lara, que se apoia no dicionário de Raphael Bluteau para buscar verbetes que respaldem o tipo de fonte administrativa por ela utilizada na obra *Fragmentos setecentistas*, com o fito de negar a importância da cor da pele no processo de classificação dos homens da América portuguesa, o historiador Ronald Raminelli aponta para verbetes do Bluteau que, associados com outros tipos de fontes, as inquisitórias, por exemplo, podem demonstrar a importância dos caracteres físicos na promoção do enquadramento do indivíduos oriundos da América e da África. Já o caminho aqui proposto e seguido nesta tese foi o da análise dos relatos de viagens e, nestas obras, quase sempre, a cor da pele era indicador de

⁷⁰ BLUTEAU, Rapahel. *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatômico, architectonico...* Raphael Bluteau. Coimbra: Casa de Impressora, no Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.

⁷¹ RAMINELLI, Ronald. *Nobrezas do Novo Mundo: Brasil e ultramar hispânico, séculos XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: FGV, 2015, p. 232-233: “Entre a raça de judeu, cristão-novo, mouro, mourisco e infiel, os inquisidores incluíam a raça de mulato. Se os primeiros estavam vinculados a identidades religiosas, o mulato não se enquadrava na regra. Sua marca se fazia não pela fé, mas pela cor da pele e demais traços físicos. Em suma, sua identidade era física, enquanto os judeus, mouros e protestantes, no corpo, em geral, pouco se diferiam dos cristãos (católicos). Assim, entre os primeiros, as práticas de exclusão se faziam pelos ritos, fé e proposições. Em compensação os mulatos eram denunciados pela cor escura, beições e feições, ou seja, os traços físicos denunciam a origem cativa, a raça de mulato. [...] A raça de mulato destoa, enfim, do significado anteriormente mencionado e introduz uma ideia de raça desvinculada da questão religiosa”.

inferioridade do homem americano, durante os séculos XVII e XVIII, em todas as regiões do Novo Mundo.

Na verdade, a entrada para raça apresentada por Bluteau lembra muito a que se encontra em *Del origen y principio de la lengua castellana...* de Covarrubias, de 1674. Naquela ocasião, o autor assinalava que “en los linages se toma em mala parte, como tener alguna raza de mouro, ó ludio”.⁷² Ainda assim, marcava que era expressão recorrente para se falar de cavalos, mas também para indicar os fios que compunham um tecido, as tramas de um pano. Ou seja, pelas obras de referência, fica óbvio que nos países ibéricos a utilização do termo raça sendo usado para se referir a pessoas deveria sempre ser tomado como algo negativo. Muito embora não apareça nenhuma relação da palavra com características físicas ou imutabilidade, o termo era usado para destacar um processo de segregação.

Na verdade, nas obras do século XVII, dentre elas o *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des artes...*, de Furetière, a nomenclatura raça aparece em consonância com outras obras francesas do mesmo período, numa evidente relação com linhagem, geração continuada de pai para filho, tudo que se referia a ascendência e descendência: “Il vaut mieux etre le premier que le dernier Noble de sa race: c’est qui fut répondu par Iphicrate Capitaine des Atheniens, à Hermodius qui lui la básiese de sa naissance, parce qu’il étoit fils d’un Cordonnier. Les Rois d’Ethiopie se vantent d’etre de la race de Salomón par la Reine de Saba. Jesus Christ étoit de la race de David. Il faut qu’un chevalier prouve sa noblesse de quatre races”.⁷³

O texto ainda destacava que aos magistrados era cobrado que provassem sua origem, sua raça. Também lançava como exemplo que Deus havia prometido, no Velho Testamento, a multiplicar a raça de Abraão assim como as estrelas do céu, isto é, conceder longa descendência ao patriarca bíblico. Logo, ao apontar que um homem não havia deixado raça era o mesmo que não ter deixado descendência. Para o dicionário, assim como para tantos outros dos séculos XVII e XVIII, o termo tinha sua origem em *radix* e, portanto, ligando-se diretamente com raiz de uma árvore ou raiz genealógica.

Em outra explicação para o termo se percebe que, historicamente, se falava de uma longa série de reis da mesma linhagem, mesma raça, para se referir a velhas e ilustres famílias. Não

⁷² COVARRUBIAS, Sebastián. *Del origen y principio de la lengua castellana à romance...* Madrid, 1674.

⁷³ FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des artes...* 1690.

sendo tomada como algo ruim tal como aparecia nas obras ibéricas. Como exemplo, citava as raças nobres dos otomanos, arfacides e ptolomeus. Mas a expressão ainda podia ter estreita relação com as espécies particulares de determinados animais, como raças de cães e cavalos. Afora isso, embora distinto do sentido pejorativo que aparece em obras lusas e hispânicas, o autor encerra indicando que raça também poderia ser usada num sentido ruim, ou seja, “race se dit aussi ironiquement & en mauvaise part, des gens & des conditions qui s’adonnent ordinairement à faire du mal. Les laquais font une chienne de race. Jesus Christ appella les Pharisians race de viperes”.⁷⁴ Lembrando ainda que poderia ser um termo utilizado para falar de maldição, raça maldita, raça que não se podia exterminar. Uma família de raça sinistra.

O *Le dictionnaire de l’Académie Française*, de 1694, traz praticamente as mesmas explicações que a obra anterior, referindo-se à linhagem, extração, todos que vinham de uma mesma família. “Il est d’une bonne race, d’une race illustre, ancienne, il sort, il vient d’une noble race, d’une race de gens de bien, il est de la race royale, le trois races des Rois de France”.⁷⁵ No entanto, o dicionário apontava um significado para o termo, do qual se poderia falar em raças futuras, raças que estavam por vir, ou seja, todos os homens que apareceriam. Falava-se também de raça mortal, ou seja, o gênero humano, podendo se referir às divindades do paganismo como raça imortal. A obra ainda traz explicação parecida com a que estava em uso na segunda metade do século XVIII, ou seja, raça com acepção negativa, raça maldita; apontava os usurários como raça amaldiçoada. Muito embora mantivesse a concepção de raça para se referir aos cães e/ou cavalos e concluía que “on dit que les bons chiens chassent de race, pour dire, que les enfants tiennent des moeurs & des inclinations de leurs peres. Et on dit aussi absolument dans le mesme sens, qu’un homme chasse de race”.⁷⁶

A exaustiva apresentação dos verbetes acima, parece demonstrar que a origem da palavra raça foi o italiano e tal expressão parecia ter estreita ligação com geração. Portanto, entre os séculos XVII e XVIII, tal palavra já era corrente no vocabulário da Europa. De todo modo, não há indício algum nesses dicionários de que a terminologia estava associada com cor da pele e caracteres físicos. Charles de Miramon destaca que a partir do século XVI já se pode observar a

⁷⁴ FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des artes...* 1690.

⁷⁵ *Le dictionnaire de l’Académie Française, Dedié au Roy*. Tome Premier. Paris: chez la Veuve de Jean Baptiste Coignard, Imprimeur Ordinaire du Roy, 1694.

⁷⁶ *Le dictionnaire de l’Académie Française, Dedié au Roy*. Tome Premier. Paris: chez la Veuve de Jean Baptiste Coignard, Imprimeur Ordinaire du Roy, 1694.

imbricação do termo raça com sangue e hereditariedade. Apesar da presença dessa perspectiva, nem todos os dicionários defendem essa lógica.

De todo modo, o que se busca apresentar aqui é, exatamente, a ideia de que os dicionários dos séculos XVII e XVIII, se não estiverem associados com outros tipos de fontes de época, acabam por minimizar o entedimento de um determinado assunto. Portanto, quando Nicholas Hudson aponta não ser possível perceber, nas obras de referência do século das “Luzes” qualquer relação entre o uso de raça e caracteres físicos, ele defende uma posição acertada. De todo modo, não percebe que esse tipo de fonte não é o suficiente para explicar a terminologia raça e, assim, perde de vista que tal palavra, em fins do século XVII, estava associada, de acordo com os relatos de viagens e os teóricos, com a promoção das características físicas dos indivíduos.

5.5 Um mundo de nações

No verbete nação da *Encyclopédie*, descrevia-se que na acepção de história moderna, o termo deveria ser entendido como uma palavra coletiva que as pessoas usavam para expressar uma quantidade considerável de indivíduos, vivendo numa região geográfica delimitada e obedecendo a um mesmo governo. Portanto, um significado político e bem próximo da realidade de hoje. Também indicava que cada nação possuía suas características próprias. Ou seja, se referindo ao caráter dos habitantes desses espaços, “leger comme un françois, jaloux comme un italien, grave comme un espagnol, méchant comme un anglois, fier comme un écossois, ivrogne comme un allemand, paresseux comme un irlandois, fourbe comme un grec, &c”. Uma espécie de provérbio popular exprimia essas características dos povos.

Ainda abordando tal palavra, a obra pontuava que numa acepção mais antiga, nação poderia ser usada para se referir à forma como as universidades distinguiam seus membros, de acordo com as regiões de onde eram originários, voltando então, a lógica da utilização do termo para se falar de origem dos povos. Assim, dizia que “la faculté de Paris est composée de quatre nations; savoir, celle de France, celle de Picardie, celle de Normandie, celle d’Allemagne: chacune de ces nations, excepté celle de Normandie, est encore divisée en tribus, & chaque tribu a son doyen, son censeur, son procureur, son questeur & ses appariteurs ou massiers”.⁷⁷

⁷⁷ Nation. In: DIDEROT, M. & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778.

D'Alembert destacava que o caráter das nações estava intimamente relacionado com a alma. Que alguns traços comuns a determinadas nações, não necessariamente, eram encontrados em outras, assim como era preciso pontuar que nem todos os componentes de uma mesma nação possuíam essa mesma disposição da alma. De todo modo, ele entendia que os franceses, de uma forma geral, eram marcados pela leveza de espírito, alegria, capacidade de sociabilidade, pelo amor aos reis e à monarquia. Para o autor, em várias nações que subsistiram por muito tempo, era possível encontrar traços que as caracterizavam, destacando, por exemplo, que “on voit aussi dans le livre admirable de Tacite, sur les *moeurs des Germains*, des choses qui sont encore vraies aujourd'hui de leurs descendans”. A saber, modos que eram passados de geração em geração, muito mais associados com o íntimo humano do que com a cultura, como se pode entrever no verbete.

Para d'Alembert, existiam indícios de que o clima influenciava no caráter dos seres humanos. Mas ele também pensava que numa determinada nação em que se mantivesse por muito tempo uma única forma de governo, isso poderia, de alguma maneira, influenciar nos modos dos habitantes. Assim, indicava que, por exemplo, num Estado despótico, depois de muitos anos, o povo tendia a se tornar preguiçoso, vaidoso e amante das frivolidades. “Le goût du vrai & du beau doivent s'y perdre; on ne doit ni faire ni penser de grandes choses”.⁷⁸

No Trévoux, de 1771, o autor se referia a nação basicamente nas mesmas palavras da *Encyclopédie*, acrescentando que era originária das palavras *natio*, *gens*, *populus*. Destacando que, por exemplo, Alexandre teria conquistado várias nações, que também poderia ser traduzido como vários povos. Os judeus, para o autor, eram povos excessivamente orgulhosos de suas nações. De todo modo, a expressão ainda poderia se referir aos canibais que “des nations farouches & barbares”. Ou aos diversos povos da América, indicando que “les Espagnols ont exterminé presque toutes les nations des Indiens”. O verbete ressaltava que cada nação possuía um caráter bem particular.⁷⁹

Numa outra concepção, nação poderia indicar o conjunto dos habitantes de um determinado país, embora essa terra pudesse ser dividida em diferentes estados com governos próprios. O autor se refere no verbete a nação alemã, nação italiana. Mas era possível usar a

⁷⁸ Nation. In: DIDEROT, M. & D'ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778.

⁷⁹ *Dictionnaire universel françois et latin vulgairement appelé dictionnaire de Trévoux. Avec des remarques d'érudition et de critique*. Nouvelle Édition, corrigée et considérablement augmentée. Paris: Par la Compagnie des Libraires Associés, 1771.

palavra para falar de um número de famílias oriundas de uma mesma linhagem, de uma mesma raiz, sobretudo quando se discorria sobre os tempos primitivos. Ainda poderia ser usado para indicar povos regidos pelas mesmas leis.⁸⁰

Ao terminar, o verbete destacava que o nome nação igualmente poderia ser usado de forma ruim, se direcionando para um determinado segmento; assim, narra a história de um religioso que fora condenado por fazer observações nas quais indicava que a nação dos sacerdotes era grandiosa. O autor não explicava a razão de tal termo ser lido com sentido negativo quando aplicado a algum estrato da sociedade.

O *Dictionnaire critique, de la langue française*, quase vinte anos mais tarde, foi bem mais econômico em abordar a expressão nação, indicando se tratar dos habitantes de um mesmo Estado. Tendo cada nação suas leis, seus costumes e seus modos. Mas apontava que, na linguagem das escrituras, “les nations signifie les peuples infideles et idolatres”.⁸¹ Adiciona ainda ao nome nação um sentido de íntima ligação com Estado, naquele momento. Portanto, poderia se referir aos povos da Ásia, da França ou às nações da Ásia ou da França, dando então, aos termos Estado, nação e povo a ideia de sinônimos.

As obras de referências do século XVIII, em língua inglesa, também mostravam uma economia de palavras ao abordar o termo nação. Samuel Johnson, em 1768, em seu *A dictionary of the english language*, apontava o termo como diferentes povos, no original: “A people distinguished from another people”.⁸² Anos mais tarde, na edição de 1828, o autor não fez modificações contundentes para expressar o significado de tal termo, apenas acrescentando que se tratava de um grande número de pessoas que eram diferenciadas de um outro grande grupo.

⁸⁰ *Dictionnaire universel françois et latin vulgairement appelé dictionnaire de Trévoux. Avec des remarques d'érudition et de critique.* Nouvelle Édition, corrigée et considérablement augmentée. Paris: Par la Compagnie des Libraires Associés, 1771: “Quelquefois la nation se divise en Tribus, comme la nation juive; em Cantons, comme la nation helvétique; en Royaumes, comme la nation espagnole; en divers peuples, comme dans l'ancienne Gaule, où le mot nation est exprime par celui de civitas, qui comprenoit sous lui des peuples particuliers. Les Bourguignons, les Champenois, les Picards, les Normans, les Bretons, &c sont autant de peuples qui forment la nation Française”.

⁸¹ FÉRAUD, Jean François. *Dictionnaire critique, de la langue française.* Par M. Abbé Jean François Féraud, auteur du Dictionnaire Gramatical, dedie a Monseigneur de Boisgelin, l'un des Quarente de l'Academie Française, &c. Marseille: chez Jean Mossy Pere et Fils, Imprimeurs du Roi, 1787.

⁸² JOHNSON, Samuel. *Dictionary of the english language:* in which the words are deduced from their originals, explained in their different meanings, and authorized by the names of the writers in whose works they are found. Abstracted from the folio edition by the author Samuel Johnson, A. M. The Third Edition, carefully revised. Dublin: Printed by W.C Jones, for Thomas Ewing, in Dame-street, 1768.

Contudo, ao abordar o termo nacionalidade, indicava ser aquilo relacionado com o caráter, as características de uma determinada nação.⁸³

O dicionário etimológico da língua de inglesa, dirigido por N. Bailey, de 1756, não apresentava uma entrada para o termo nação. Mas, em *An universal etymological english dictionary: comprehending the derivations of the generality of words in the english tongue...*, de 1726, Bailey apontava que nação era “a People; also a Country” e nacional era “that which concerns or belongs to a whole Nation”.⁸⁴ Ou seja, de uma forma geral, as explicações em inglês não se diferenciavam muito, mantendo a regularidade do uso de poucas palavras para expressar os significados.

O *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes...*, de 1786, indicava que nação era um nome coletivo para se referir a grandes povos, a um Reino ou Estado. Apontava para semelhanças com as explicações encontradas em dicionários franceses e na própria *Encyclopédie*, destacando que uma nação estava “sujeto á un mismo Príncipe, ó Gobierno”. A segunda parte do verbete foi copiada da obra francesa, pois repete as características das nações que aparecem quando aponta “algunos dicen hablando de las naciones, lijero, y fácil com el Frances, loco, y jugueton como el italiano, serio como el Español, malvado como el Ingles, fiero como el Escocés, ebrio como el Aleman, embustero como el Griego, &c”.⁸⁵

A originalidade da obra se encontra ao abordar o Novo Mundo. O autor apontava que na Califórnia o termo era usado para se falar de diferentes povos, mesmo não se encontrando em uma região geográfica determinada, ou seja, os indígenas que se achavam espalhados por diferentes pontos; “no obstante, tambien toman en Californias algunas veces el nombre de diversa nación, no tanto de la lengua como del paraje en que viven, ó de otras semejantes circunstancias. El mismo modo de hablar tienen en Amazonas, Orinoco, &c”. O verbete apontava que tais concepções de nação haviam sido implementadas por homens como José de Gumilla. Portanto, indicando a importância das viagens ao Novo Mundo para as modificações na língua e nas acepções de determinados termos. Reforçando a tese da importância das viagens para os

⁸³ JOHNSON, Samuel. *A dictionary of the english language*: by Samuel Johnson, LL.D. and John Walker. With The Pronunciation Greatly Simplified, and on an entirely new plan: and the addition of several thousand words. London: William Pickering, chancery Lane; George Cowie and Co. Poultry, second edition, revised and corrected, 1828.

⁸⁴ BAILEY, N. *An universal etymological english dictionary: comprehending the derivations of the generality of words in the english tongue...* The Third Edition. By N. Bailey. London: J. Darby &c, 1726.

⁸⁵ TERRENOS Y PANDO, Esteban. *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana*. Su autor: El P. Esteban de Terreros Y Pando. Tomos 1, 2, 3. Madrid: Imprenta de la viuda de Ibarra, Hijos y Compañía, 1786.

inventários da diversidade humana para um novo vocabulário classificatório que se regulamentava.

No *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatômico, architectonico...* de Raphael Bluteau, nação era destacada como nome “collectivo, que se diz da Gente, que vive em alguma grande região, ou Reyno, debaixo do mesmo senhorio. Nisto se differença nação de povo, porque nação comprehende muitos povos, & assim Beirões, Minhotos, Alentejoens &c, compõem a nação portguezã; Bávaros, Saxões, Suabos, compõem a nação alemã; Castelhanos, Aragonezes, Andaluzes, &c compõem a nação Hespanhola”.⁸⁶

Entretanto, segundo o autor, era perfeitamente possível se dirigir a alguns grupos humanos como nações se fosse considerado as transformações físicas feitas nos corpos ou o monstruoso feitio de determinados povos que os transformassem distintos das demais nações. O que ele designa como “Nações de extraordinário”, e indica alguns exemplos, como o do “P. Simão de Vasconcellos, no seu livro das Noticias do Brasil, cap 31, fallando de nações do Grão Para, diz quasi o mesmo dos Matuyûs, porque affirma que he casta de gente, que nasce com os pés às avessas, de maneira, que quem houver de seguir seu caminho, ha de andar ao revez do que vão mostrando as pisadas”.⁸⁷

O autor, além disso, ressaltava que os as terras banhadas pelas águas do Grão-Pará eram lotadas de índios chamados Curinquean, que possuíam dezesseis palmos de altura e eram de uma nação respeitada por todos. Por outro lado, os Goyazis eram uma casta de anões encontrados nas praias da região, com estatura tão pequena que parecia uma afronta chamá-los de homens. Tais informações sobre os nativos de parte do Brasil foram retiradas da obra de Simão de Vasconcelos, do século XVII. Note que apesar de ressaltar que a expressão casta só deveria ser utilizada para designar animais, Bluteau ignorou o fato do padre cronista se dirigir a uma determinada nação de indígenas brasileiros como uma casta. Decerto, no século XVIII, quando o dicionário foi publicado, a terminologia de classificação dos povos estava mais bem consolidada, embora nunca em definitivo. Ou, por outro lado, o dicionarista pode realmente ter imaginado que, povos americanos com aquelas estranhas características apontadas por Vasconcellos, só podiam se assemelhar a animais. Criaturas degeneradas.

⁸⁶ BLUTEAU, Rapahel. *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatômico, architectonico...* Coimbra: Casa de Impressora, no Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.

⁸⁷ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatômico, architectonico...* Coimbra: Casa de Impressora, no Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.

No século XVII, em 1690, o *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des artes...*, indicava que o termo nação estava relacionado com um nome coletivo, se referindo a um grande povo que habitava uma determinada extensão de terra. Assim sendo, os dicionários do século das “Luzes” manteriam a mesma acepção. O autor, no entanto, destacava que seria de grande utilidade se alguém fizesse uma ampla obra indicando os modos e os costumes de todas as nações existentes na terra. De todo modo, esse dicionário de fins do seiscentos também apontava que era comum usar o termo nação para se falar de diferentes profissões e para distinguir distintos segmentos de uma universidade. Ainda assim, era corriqueiro ser usada com a mesmo entendimento de raça, quando se tratando de algo negativo, ou seja, nação maldita assim como raça maldita.⁸⁸

Em 1694, o *Le dictionnaire de l'Académie Française* também apostava na explicação de nação como um termo coletivo que era utilizado para se referir a todos os habitantes de um mesmo Estado, de um mesmo país. Acrescentava que deveriam ser pessoas que se encontravam debaixo da mesma lei e usando a mesma língua, um dado novo se comparado com as outras obras de referência. Destacava que cada nação possuía características próprias, podendo existir “nation puissante, nation belliqueuse, guerriere, nation civilisee, nation grossiere, nation barbare, feroce, cruelle, meschante nation, chaque nation a ses costumes, a ses vertus & ses vices. Il n’a aucun des defauts de sa nation”.⁸⁹

De uma forma geral, apontava assim como as obras anteriormente vistas, sobretudo as de língua francesa, as especificidades das principais nações da Europa. Apostava por fim, na utilização do termo para se falar de pontos negativos de determinados segmentos ou povos. Desta maneira, poderia se referir as pessoas de uma determinada profissão como componentes de uma nação, na forma positiva ou negativa.

Em *Del origen y principio de la lengua castellana ò romance*, de 1674, Covarrubias apontou a explicação para nação de forma bem sintética, diferentemente das obras de referência em espanhol do século XVIII, que buscavam escrutinar a origem do termo e, além disso, relacionar as novas acepções dadas a palavra, sobretudo a partir das experiências dos viajantes nas mais distintas paragens do Novo Mundo. Para Covarrubias, nação provinha “del nombre Lat

⁸⁸ FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des artes...* Par Antoine Furetière (1619-1688), Abbé de Chalivoy, de l'Académie Française, 1690.

⁸⁹ *Le dictionnaire de l'Académie Française, Dedié au Roy*. Tome Premier. Paris: chez la Veuve de Jean Baptiste Coignard, Imprimeur Ordinaire du Roy, 1694.

Natio, vale, Reyno, o Provincia Estendida; como la nacion Española”.⁹⁰ Portanto, não se deteve em detalhes sobre as características que levavam um povo a ser considerado de uma mesma nação.

Os dicionários franceses do século XVII apresentavam os contornos da acepção política que o termo carregaria a partir da segunda metade do século XVIII. De todo modo, o significado da palavra considerando as características físicas e, principalmente, o caráter dos povos, não foi abandonado. Além disso, durante os dois séculos, a ideia de nação considerando aspectos negativos de determinado grupo foi mantida, muito embora sempre tenha rivalizado com raça que também poderia ser usada com acepções negativas, sobretudo se nos voltarmos para os povos ibéricos. Qualquer tentativa de demarcar quando o termo raça passou a ocupar o lugar de nação para designar os aspectos físicos é impossível. Ambas as palavras eram utilizadas para se referir aos povos e suas características e caráter, durante os séculos XVII e XVIII.

Para o historiador Alden Vaughan, até meados do século XVIII, os ingleses não apontavam para diferenças na cor da pele dos índios e não os percebiam com pertencentes a uma diferente nação. Na verdade, para o autor, a coloração da cutis não tinha importância alguma e havia outras características para as quais a atenção dos europeus estava mais voltada, tais como: religião, forma de governo, cultura, modos sociais, dentre outros. Na realidade, a cor da pele tinha certa importância, mas não era o principal ponto de observação. E, para falar sobre os índios e de como somente em fins do século XVII e durante o XVIII há uma mudança de percepção sobre a cor dos mesmos, o autor recorre às comparações feitas com os africanos.⁹¹

Assim, para Vaughan, que aborda a América inglesa, desde o início, para além das características físicas, a cor dos africanos sempre foi vista como algo diferente, e para os ingleses era incômodo lidar com homens pretos. O autor recorre às obras de muitos viajantes para demonstrar o quanto era perceptível certa discriminação ao africano por conta da cor da sua pele. Isso é muito interessante, pois revela a ideia de que, além de não serem assimiláveis como os índios, motivo este para já serem desqualificados, os africanos também tinham a pele preta e isso era algo a mais no processo de afastamento do branco.

⁹⁰ *Del origen y principio de la lengua castellana ò romance...* compuesto por el Doctor Bernardo (Sebastián de Covarrubias Orozco). Madrid, 1674.

⁹¹ VAUGHAN, Alden. From white man to redskin: changing anglo-american perceptions of the American indian. *The American Historical Review*, American Historical Association, v. 87, n. 4, out. 1982, p. 917-953. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1857900>>.

Convém notar que, para o autor, não se tratava só de religião e/ou forma de governo. Aqui, tem-se implicações raciais com referências à pele desde o início da colonização e, portanto, atribuir visões detratoras aos africanos estava relacionado também com a cor da epiderme. No dizer do autor, desde o primeiro contato com os africanos se torna patente nas literaturas da época a percepção de que eram pretos. E Vaughan extrapola o mundo inglês, destacando que em todas as línguas europeias se encontravam palavras para se referir ao negro dessa maneira. Assim, para cada língua existia um vocábulo similar a *black*, lembrando que, qualquer que fosse o idioma, a palavra utilizada para se referir aos africanos possuía conotação pejorativa.

Mas, se desde o início havia essa percepção negativa em relação à cor da pele dos negros e se pode acreditar mesmo que, ao fim, também se tratava de um viés religioso, pois a cor preta representava o pecado em contraposição ao branco que era mais visto como sinônimo de luz e pureza, isso não aconteceria com os índios até meados do XVIII, quando a coloração da pele passou a ser importante no relacionamento do europeu com o indígena americano e, portanto, como elemento classificador. Claro que, desde a chegada dos europeus na América, havia preocupação com as características físicas dos nativos. No entanto, para Vaughan, no caso inglês, a percepção do índio como vermelho é algo só do século XVIII. Raramente, antes desse período, os brancos associavam a cor vermelha com a pele dos indígenas, de modo que os escritos do período anterior ao setecentos existem poucas referências sobre a relação do nativo com a pele avermelhada. Por essa perspectiva, a classificação dos indígenas como pertencentes a nações diferentes passava pela lógica cultural e religiosa.

Em grande medida, os cronistas compreendiam os índios como brancos. E as considerações que teciam a respeito da cor da pele dos nativos eram que eles teriam nascido brancos, mas a exposição contínua ao sol teria feito com que ocorressem mudanças no tom da pele. Neste sentido, as pinturas feitas nos corpos também eram consideradas como possível causa da modificação na *cúrtis* e, em meio a tantas explicações, o que se guardava é que teriam nascido brancos e, portanto, não havia muito a se questionar sobre suas peles.⁹²

De todo modo, se o autor entende que a ideia de nação não estava associada com as características físicas, ele perde de vista que os próprios dicionários de época colocava os caracteres físicos como embaixadores das diferenças entre as nações e, portanto, como elementos

⁹² VAUGHAN, Alden. From white man to redskin: changing anglo-american perceptions of the American indian. *The American Historical Review*, American Historical Association, v. 87, n. 4, out. 1982, p. 917-953. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1857900>>.

presentes na classificação do homem. Além do mais, ao abordar a ideia de nação sem relação com cor da pele, o autor pretende se ater ao mundo inglês e, desse modo, chega à conclusão de que as formas físicas e a coloração da cútis não eram importantes no século XVII. Mas, conforme se defende nesse trabalho, a análise da forma como a humanidade do Novo Mundo era classificada durante a Idade Moderna não pode estar alicerçada em visões que pretendem separar os Estados europeus, como se todos eles e suas gentes tivessem visões muito distintas a respeito do homem do Novo Mundo. Viajantes europeus que estiveram na América no século XVII, caracterizavam as nações indígenas a partir da cor da pele. E as classificavam, quase sempre, como degeneradas.

5.6 Das Tribos de Israel às tribos do mundo

O termo *tribu*, na *Encyclopédie*, aparece descrito como uma certa quantidade de gente distribuída em diferentes distritos ou divisões. O autor destacava que se tratava de uma palavra utilizada desde a Antiguidade, iniciando seu uso com as doze tribos hebreias ou doze distritos, que se espalharam pelo mundo e se originaram do patriarca bíblico Jacó. O autor apontava a utilização desse termo em diferentes passagens das Sagradas Escrituras. Em outra explicação, a obra aponta que tal terminologia para o mundo romano possuía desigual significado, era nom collectif du partage de différens ordres de citoyens romains, divisés en plusieurs classes & quartiers. Le mot tribu est un terme de partage & de division, qui avoit deux acceptions chez les Romains, & qui se prenoit également pour une certaine partie du peuple, & pour une partie des terres qui lui appartenoient”.⁹³

O verbete, além disso, ressalta que as tribos eram as mais antigas instituições da história romana, embora alguns autores discordassem dessa posição. Assim, para o autor, tais tribos tiveram sua origem sob o poder das monarquias, foram aperfeiçoadas sob o governo do consulado e entraram em decadência sob o poder dos imperadores. Decerto, diz o autor, a centralização política durante o domínio dos imperadores retirou o poder legado as tribos romanas.

O dicionário de Trévoux, editado em 1771, assim como na *Encyclopédie*, destacava que

⁹³ Tribu. In: DIDEROT, M. & D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778.

tribo era uma certa quantidade de pessoas, apontava para uma distribuição em diferentes partes ou bairros da cidade. Também indicava que as doze tribos judaicas foram as pioneiras na divisão dessa forma e utilização de tal expressão. Mas, acrescentava, que em termos de história monástica, também se poderia utilizar tal nomenclatura, sobretudo quando uma quantidade de monges possuía um Superior particular, exemplificando que “les Monastères de S. Pacome étoient divisés en plusieurs familles, qui chacune avoit son corps-de-logis à part. Trois ou quatre familles unies ensemble faisoient ce qu’on appelle une tribu”.⁹⁴

O *Dictionnaire critique, de la langue française*, também da segunda metade do século XVIII, acrescentava ao fato da divisão entre os povos, o detalhe que tal terminologia se coadunava com a políticas e os modos do passado, principalmente os povos antigos. Sendo ideal para se referir a Antiguidade, onde “les peuples d’Athenes, de Rome était divisé par Tribu, les tribus d’Israel, la tribu de Juda”.⁹⁵ Deste modo, o autor não se preocupou em explicar de forma mais aprofundada os significados da palavra tribo, por considerá-la como um termo em desuso para os povos europeus do período em que ele escrevia.

Na língua inglesa, Samuel Johnson destacava em seu dicionário, em 1768, que tribo era um distinto corpo de pessoas dividido por família ou fortuna; mas, também poderia se utilizar qualquer outra característica para fazer tal divisão. O autor ainda apontava que, no caso inglês, tal termo “is often used in contempt”.⁹⁶ Ou seja, na acepção do letrado, sempre que se usava a palavra tribo naquele período do século XVIII, era se referindo com desprezo as participantes de um determinado grupo.

Realmente, fica evidente que a partir do século das “Luzes”, o termo nação, muitas das vezes, foi sendo substituído por tribos, para se referir aos nativos americanos. Relacionando-se cada vez mais com barbárie e falta de civilização. Curiosamente, na edição de 1828 do mesmo dicionário, a explicação do que significava tribo foi mantida, “a distinct body of the people as

⁹⁴ *Dictionnaire universel françois et latin vulgairement appelé dictionnaire de Trévoux. Avec des remarques d’érudition et de critique.* Nouvelle Édition, corrigée et considérablement augmentée. Paris: Par la Compagnie des Libraires Associés, 1771.

⁹⁵ FÉRAUD, Jean François. *Dictionnaire critique, de la langue française.* Par M. Abbé Jean François Féraud, auteur du Dictionnaire Gramatical, dédié a Monseigneur de Boisgelin, l’un des Quarante de l’Académie Française, &c. Marseille: chez Jean Mossy Pere et Fils, Imprimeurs du Roi, 1787.

⁹⁶ JOHNSON, Samuel. *Dictionary of the english language: in which the words are deduced from their originals, explained in their different meanings, and authorized by the names of the writers in whose works they are found.* Abstracted from the folio edition by the author Samuel Johnson, A. M. The Third Edition, carefully revised. Dublin: Printed by W.C Jones, for Thomas Ewing, in Dame-street, 1768.

divided by family or fortune, or any other characteristic”,⁹⁷ mas foi retirado a acepção negativa da palavra, acrescentando que também se tratava de um verbo que significava dividir em tribos ou classes, determinados grupos de pessoas.

Em 1726, o *An universal etymological english dictionary*, de N. Bailey, indicava que tribo era um conjunto de pessoas que comungavam das mesmas leis, da mesma palavra de ordem e em busca da liberdade, completando que era o mesmo que raça ou família. Destacando que “were the 12 distincts Families of the Israelites, descended from that Patriarch Jacob’s 12 sons”.⁹⁸ Nota-se que nesse verbete tribo, família e raça eram sinônimos, colaborando com a tese de que havia um intercâmbio entre essas palavras para se referir aos grupos humanos. As três palavras carregam acepções positivas e negativas em relação a determinados povos. No Novo Mundo, a utilização ficou mais fluída, embora se possa circunscrever, ao abordarmos os viajantes, que dependendo da origem do mesmo, um termo era mais utilizado do que o outro. De todo modo, todos podem ser encontrados com significados semelhantes da segunda metade do século XVII até fins do século XVIII.

O *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana*, de 1786, destacava que tribo era a divisão de um povo em bairros, indicando que o povo hebraico era repartido em doze tribos.⁹⁹ Assim sendo, uma explicação bem parecida com os dicionários franceses da mesma época. Não se deteve em explicar a origem da palavra. Tal falta de explicações para esse termo também é evidente no dicionário de Raphael Bluteau para a língua portuguesa, igualmente do século XVIII.¹⁰⁰

No *Dictionnaire universel* de Antoine Furetière, edição de 1690, a palavra tribo possuía um significado parecido com as explicações deixadas pelas obras francesas e espanholas do século XVIII. Assim, falava-se de “certaine quantité de peuple dont on fait la distribution en plusieurs quartiers. Le peuple Juif étoit divisé en douze Tribus. Il y eut dix tribus qui se

⁹⁷ JOHNSON, Samuel. *A dictionary of the english language*: by Samuel Johnson, LL.D. and John Walker. With The Pronunciation Greatly Simplified, and on an entirely new plan: and the addition of several thousand words. London: William Pickering, chancery Lane; George Cowie and Co. Poultry, second edition, revised and corrected, 1828.

⁹⁸ BAILEY, N. *An universal etymological english dictionary*: comprehending the derivations of the generality of words in the english tongue... The Third Edition. By N. Bailey. London: J. Darby &c, 1726.

⁹⁹ TERRENOS Y PANDO, Esteban. *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana*. Su autor: El P. Esteban de Terreros Y Pando. Tomos 1, 2, 3. Madrid: Imprenta de la viuda de Ibarra, Hijos y Compañía, 1786.

¹⁰⁰ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatômico, architectonico...* Coimbra: Casa de Impressora, no Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.

revolterent, et qui suivirent Jeroboam. Le peuple Romain étoit aussi divisé en 35 Tribus”.¹⁰¹ O *Le dictionnaire de l’Académie Française*, de 1694, destacava que tribo era uma das partes que compunham um povo, tendo todos a mesma origem, vindos da mesma raiz. Nesse caso, fica evidente a relação de tribo com nações ou reinos que compunham um povo ou um Estado.¹⁰² A ausência do termo nas obras de referência em espanhol do século XVII é percebida, não sendo encontrada nem mesmo em Covarrubias.¹⁰³

Depreende-se, então, que a expressão tribo, durante muito tempo esteve associada com os povos da antiguidade, voltando a fazer parte do vocabulário das nações, somente no século XVIII, sobretudo para se referir aos nativos do Novo Mundo. Na concepção inglesa de designação do termo, para o período aqui abordado, ele deveria ser tomado como algo negativo, quando se desejava depreciar algum grupo por conta de seus modos, poderia se referir a ele como composto de homens de uma mesma tribo. Ou seja, diferentemente dos dicionários de língua latina, os ingleses sustentavam a ideia da utilização do termo nação somente para os povos civilizados, ao passo que tribo estaria associada com os selvagens.

5.7 O vocabulário dos viajantes: uma pequena amostragem

Com sua obra publicada em 1774, abordando a região da Jamaica, Edward Long também fez uso de um vocabulário em que distintas palavras foram utilizadas para expressar a mesma coisa.¹⁰⁴ Sendo assim, Long apontava para o espanto dos espanhóis ao chegarem naquela parte do mundo que há tanto tempo ficara escondida e ao se depararem com uma raça de homens que embora não fizessem uso do ferro ou das letras, ainda assim era habilidosa no fabrico de

¹⁰¹ FURITIÉRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des artes...* Par Antoine Furetière (1619-1688), Abbé de Chalivoy, de l’Académie François, 1690.

¹⁰² *Le dictionnaire de l’Académie Française, Dedié au Roy*. Tome Premier. Paris: chez la Veuve de Jean Baptiste Coignard, Imprimeur Ordinaire du Roy, 1694.

¹⁰³ COVARRUBIAS, Sebastián. *Del origen y principio de la lengua castellana à romance...* compuesto por el Doctor Bernardo (Sebastián de Covarrubias Orozco). Madrid, 1674.

¹⁰⁴ LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government*. London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 954-955. Ao destacar as características dos povos encontrados no México, o autor ressaltava que: “The people of the continent, and of this district in particular, had neither the use of iron nor letters; yet gave such proofs of advanced skill and ingenuity in arts and sciences, as justly raised the admiration of their European discoverers. The Spaniards looked with astonishment on a race of men, who, in this sequestered part of the world, by mere dint of natural genius, unaided by books or information, had attained such lengths towards perfection in contrivance, delicacy, elegance, and utility, as appeared in their various fabrics, apparel, and ornaments”.

elegantes roupas, dentre outros produtos. Nesse aspecto, o termo raça se confrontado com as obras de referências aqui apresentadas, somente representa uma alusão simples aos homens que foram encontrados no Novo Mundo, sem nenhuma pretensão de estabelecer alguma divisão racial em que esses indivíduos fossem acoplados em outro grupo humano.

O viajante também faz uso do termo tribo em diferentes partes da sua obra, sobretudo quando se referia às divisões entre vegetais; da passagem seguinte ele destacava que “the substances next-mentioned may be taken collectively with the preceding; though, for the sake of property, I have given them a detached place distinct from the vegetable tribe”.¹⁰⁵ Portanto, em situações que, normalmente, os viajantes utilizavam espécie para se referir aos reinos animais ou vegetais, em Edward Long encontramos a palavra tribo sendo utilizada. Logo, o autor falava em tribos de plantas, de frutas e outros produtos naturais.

Ainda assim, é possível encontrar passagens em que Long se refere ao gênero humano como partícipe de tribos. Nesse momento, sempre se referindo aos nativos e nunca aos europeus brancos. Ao analisar o modo de vida dos indígenas americanos se comparado com os habitantes das Ilhas Maurício, o viajante ressaltava que “in a society of people fallen into so shocking a state of depravation, we are not to look for either the feelings or virtues which civilization produces. The Mauritians must be placed far below the standard of the American Indian tribes in the scale of mankind. They live in a state of absolute anarchy; in the practice of everything that is brutal, vicious, shameful, and derogatory to human nature”.¹⁰⁶

Na análise feita pelo o autor aparece a expressão tribo para se referir aos povos americanos. Em Long não há a preocupação existente em Romans de que não se deveria chamar os povos vermelhos nascidos no Novo Mundo de americanos porque essa expressão acabava por incluir os negros que eram de outra raça. Edward Long estabelecia uma hierarquia do gênero humano com base no estado civilizacional, indicando que as tribos da América estavam num patamar de superioridade na escala de classificação da humanidade se comparadas com os povos das ilhas africanas, afinal, os últimos se encontravam numa sociedade permeada por comportamentos que, para ele, depreciavam a condição humana.

¹⁰⁵ LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government.* London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 848.

¹⁰⁶ LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government.* London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 937-938.

O termo tribo aparece em distintas circunstâncias, principalmente quando o autor mencionava os povos do novo continente. Em passagens como “the Caribes, or inhabitants of the lesser Antilles, seem to be a tribe proceeding from the more Southern parts of the continent, and maritime ancestors”,¹⁰⁷ em que Long buscava destacar a origem dos nativos da região onde ele se encontrava, apenas utilizava a palavra tribo para apontar as características daquela gente.

De todo modo, ao escrever sobre o nível de desenvolvimento da produção dos indígenas, o autor sempre se chocava com a pouca disponibilidade dos habitantes das colônias em desenvolver o comércio e dominar o que a natureza oferecia em favor da indústria. Ao falar da pátria-mãe “as a manufacturing nation”, se ressentia do baixo nível de desenvolvimento comercial dos povos americanos. Para expressar a diferença, fez uso da palavra nação para aludir à Grã-Bretanha como uma região voltada para a fábrica. Ou seja, o termo nação sendo utilizado para abordar uma nação civilizada e a palavra tribo para se referir aos que os franceses chamavam de selvagens.

Jean Bossu, também escreveu nos anos de 1770 e ao abordar a América francesa e espanhola, igualmente fazia uso de palavras como nação e tribo para se fazer referência a processos semelhantes. Ao citar a história de um cacique que havia estado e lutado ao lado dos franceses, o autor destacava que “Le Cacique ne voyant plus les François, se livra à tout son désespoir. Il ne voulut pas que les Anglois profitassent du Fort que sa Nation avoit bâti pour la nôtre. Il ordonna en conséquence à ses gens d’y mettre le feu, ainsi qu’aux casernes & a toutes les maisons de la Bourgade”.¹⁰⁸

Na citação acima a expressão nação foi utilizada para se referir aos nativos amigos dos franceses, mas, seu autor, quase sempre, utilizava a expressão tribo para fazer alusão aos nativos americanos; em relação aos *Attakapas*, ele ressaltava que “Je ne puis me lasser d’admirer le Chef ou *Cacique* d’une Tribu. Son attention à procurer le bien-être & la tranquillité à ses sujets, qu’il regarde comme ses enfans, est une qualité qui lui mérite à juste titre le glorieux nom de *pere de*

¹⁰⁷ LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government.* London: Printed for T. Lowndes, 1774, p. 955.

¹⁰⁸ BOSSU, Jean Bernard. *Nouveaux voyages dans L’Amérique Septentrionale: contenant une collection de lettres écrites sur les lieux par l’Auteur, à son ami M. Douin, Chavelier, Capitaine dans les Troupes du Roi, ci-devant son camarade dans le Nouveau-Monde.* Nouvelle Édition. A Amsterdam et a Paris, chez la veune DUCHESNE, Libraire, Rue St-Jacques, au Temple du Goût, 1772, p. 136.

famille".¹⁰⁹ Em outra obra, o viajante abordava o caráter da sua missão e destacava que "Les différentes Nations que je ferai obligé de visiter pendant ce long voyage, me mettront en état de vous faire une ample description du beau fleuve de Mississipi, & des peuples qui en habitent les bords".¹¹⁰ Portanto, as passagens acima evidenciadas demonstram que a utilização das expressões tribo e nação, em Bossu, aparecem em estado de sinonímia. Ele aludia a tribos ou nações indígenas quando destacava os povos da América.

Saint-Méry, ao abordar o problema das raças na América espanhola, destacava que "Le préjugé de la couleur, si puissant chez les autres nations, où il établit une barrière entre le blanc & l'affranchi ou sa descendance, n'existe presque pas dans la partie espagnole".¹¹¹ Para o letrado, as leis que estabeleciam a posição dos libertos naquela sociedade estavam obsoletas. Portanto, quando eram proibidos de serem balconistas, procuradores, de serem servidos por índios, e obrigados a pagar impostos diferenciados, sob pena de voltarem a escravidão, os libertos promoviam revoltas, banditismo e roubos de escravos, deixando a sociedade apavorada. Saint-Méry destacava que se tentava a todo custo cortar as relações entre as diferentes raças e os governantes "épugnerait cependant à beaucoup de créols de former des alliances avec la race des affranchis".¹¹² Deste modo, a expressão raça era utilizada para se referir aos povos diferentes dos europeus, com base nas características físicas e no caráter. Mas, apesar de evidenciar desprezo pelos ex-escravos, destacando-os como uma raça de homens não confiáveis, o autor demonstrava posição distinta quanto aos mulatos.¹¹³

Portanto, a palavra raça aparece explicitamente com referência a um grupo de humanos diferenciados por conta de características físicas. De todo modo, o autor apontava que a parte

¹⁰⁹ BOSSU, Jean Bernard. *Nouveaux voyages dans L'Amérique Septentrionale: contenant une collection de lettres écrites sur les lieux par l'Auteur, à son ami M. Douin, Chavelier, Capitaine dans les Troupes du Roi, ci-devant son camarade dans le Nouveau-Monde. Nouvelle Édition. A Amsterdam et a Paris, chez la veune DUCHESNE, Libraire, Rue St-Jacques, au Temple du Goût, 1772, p. 241.*

¹¹⁰ BOSSU, Jean Bernard. *Nouveaux voyages aux Indes occidentales...*, 1768, p. 25.

¹¹¹ SAINT-MÉRY, Louis-Élie Moreau de. *Description topographique et politique de la partie espagnole de l'isle Saint-Domingue, avec des observations générales sur le climat, la population, les productions... de cette colonie...* par M. L.-É. Moreau de Saint-Méry, 1796, p. 58-59.

¹¹² SAINT-MÉRY, Louis-Élie Moreau de. *Description topographique et politique de la partie espagnole de l'isle Saint-Domingue, avec des observations générales sur le climat, la population, les productions... de cette colonie...* par M. L.-É. Moreau de Saint-Méry, 1796, p. 58-59.

¹¹³ SAINT-MÉRY, Louis-Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les mœurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son administration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 88: "De toutes les combinaisons du blanc et du nègre, c'est le mulâtre que réunit les plus d'avantages physiques; de tous ces croisements de races, c'est lui que retire la plus forte constitution, la plus analogue au climat de Saint-Domingue. A la sobriété et à force du nègre, il unit la grâce dans les formes et l'intelligence du blanc".

mais agradável e importante que constituía o mulato era a herdada do homem branco, como a forma do corpo e a inteligência. Demonstrando, assim, uma hierarquização com base nos caracteres. Na verdade, o letrado destacava que grande parte dos colonos americanos era de sangue impuro, carregando traços de mestiçagens que, quase sempre, eram ignorados. De todo modo, ignorados entre eles mesmos, mas não aos olhos dos europeus que buscavam classificar a humanidade americana.

Saint-Méry apontava que o clima de Santo Domingo era ideal para os mestiços. E que “ce territoire jouit d’un avantage infiniment précieux; c’est de conserver une race de chevaux qui n’ont, pour ainsi dire, pas dégénéré de ceux qu’on estime le plus en Espagne”.¹¹⁴ Nesse momento, a expressão raça diz respeito aos animais. O autor assinalava que o ambiente americano não foi capaz de degenerar uma raça de bons cavalos que havia sido trazida da Espanha para a América. Aqui, fica clara a utilização do termo relacionado aos animais. Os ibéricos, ao contrário, preferiam mencioná-los como castas de animais.

Enfim, a confrontação das fontes analisadas, os relatos de viagens, as obras de referência e os escritos dos filósofos naturais não permitem estabelecer um vocabulário único e conciso para se entender o fenômeno da classificação do homem americano nos séculos XVII e XVIII. Palavras como raça, nação, tribo, variedades e espécie eram usadas, quase sempre, como sinônimos e, mesmo quando suas acepções estavam mais bem estruturadas e relacionadas diretamente com a problemática da diversidade humana, no caso de raça, espécie e variedades, ou com um viés mais político e cultural, como nação e tribo, ainda assim, foi possível verificar esses termos se intercambiando e mantendo seus sentidos anteriores em evidência. De todo modo, a ideia de raça considerando os aspectos físicos nasceu na América e, ao ser utilizada no Novo Mundo, estava relacionada com cor da pele, formato dos corpos, mas também com aspectos culturais. Ao fim, fosse se referindo aos modos ou aos aspectos físicos, raça na América, e aqui usarei a expressão de Bluteau, “se toma [va] sempre em má parte”.

¹¹⁴ SAINT-MÉRY, Louis-Élie Moreau de. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l’île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les mœurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son administration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875, p. 88.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1778, Charles-Marie de La Condamine e Jean Godin de Odonais publicavam uma obra que trazia os relatos dos anos em que viajaram por extensa parte da América. Os autores destacavam que era imprescindível fazer algumas observações a respeito do caráter e das características físicas dos povos oriundos do Novo Mundo. Embora os viajantes não apresentassem detalhes particularizados de cada nação encontrada por onde percorreram, chegaram à conclusão de que todos os povos da América eram de cor avermelhada, com maior ou menor intensidade, e entre as principais causas para a diversidade física encontrada naquela gente estava, sobretudo, a diferença de temperatura do ar das regiões por ela habitada. Ou seja, da variação do calor que incidia sobre a Zona Tórrida até aos ambientes mais frios, era possível encontrar uma pluralidade de nações.

Para La Condamine e Odonais os diferentes climas, o excesso de florestas, planícies, montanhas e rios, associados à variedade de alimentos e à parca inclinação do homem americano para a arte do comércio estavam entre as principais causas para aqueles povos se encontrarem em estágio de inferioridade se comparados com os europeus. Nos dizeres dos viajantes, os dois séculos de colonização impostos pelos portugueses e espanhóis, de alguma forma, foram benéficos na introdução de modos mais civilizados aos povos que se aproximaram dos europeus. De todo modo, de uma forma geral, entendiam que os americanos ainda carregavam as marcas registradas do atraso cultural e da completa decadência de caráter.

Portanto, para os dois autores, além das diferenças físicas que afastavam aqueles povos do ideal de pele, ainda eram marcados pela insensibilidade, pela apatia e pela estupidez. Não eram homens engenhosos e usavam o cérebro somente para colocar em prática ideias que atendiam as necessidades básicas. Eram marcados pela voracidade, covardia e pusilânimes em excesso. Inimigos do trabalho, dados a embriaguez, sem noção de honra e gratidão, homens incapazes de refletirem, infantis, que riam de tudo e não pensavam no futuro. Logo, para os autores, tais características poderiam estar associadas com a escravidão do gênero humano, de todo modo, acabavam por concluir que até mesmo os americanos não submetidos ao trabalho servil apresentavam o mesmo quadro por eles observado e exposto acima.

A inferioridade dos nativos da América ainda poderia ser ressaltada, segundo La Condamine e Odonais, através da análise da língua falada por aquelas nações. Com exceção, para os autores, de algumas línguas antigas que haviam sido usadas pelos peruanos, via de regra, os indígenas não possuíam palavras para expressar ideias abstratas, uma prova universal e clara, de acordo com o relato, do pouco progresso daquela humanidade do Novo Mundo. As línguas não eram equipadas com palavras que se adequassem à ideia de virtude, justiça, liberdade, gratidão, polícia, indústria, arte e governo. Para os viajantes, as nações da América do Sul, Austral e Meridional eram todas representantes da barbárie. Em uma palavra “si l’amour de la patrie ne lui a pas fait illusion, il faut convenir que ces peuples ont bien dégénéré de leurs ancêtres”.¹

Apesar dos autores não se dedicarem à origem dos povos americanos, afirmavam que todos eram degenerados daqueles primeiros indivíduos que haviam chegado na América. Os escritos da viagem não entram em questões relativas à classificação do homem americano como pertencente a uma diferente raça da europeia. E nem precisou fazer isso, afinal, o nativo era degenerado do tronco original e, apesar da convivência com europeus ter diminuído parcialmente as marcas do retrocesso, ao fim, todos eram vistos como bárbaros e condenados à eterna degeneração. O relato de La Condamine e Odonais está em consonância com diversos outros textos do século XVIII que defendiam o clima americano como responsável por adulterar a humanidade do Novo Mundo. Assim, como os teóricos europeus, os viajantes foram reticentes quanto à possibilidade de reversão daquele processo.

Como se observa, existia um número considerável de variantes que entravam no processo de explicação das razões da diversidade humana encontrada na América. Mas, ainda assim, a coloração da pele e os caracteres físicos eram o principal ponto a ser considerado. E para os viajantes ressaltados acima, o homem americano estava alocado em chave classificatória distinta daquela em que se encontrava o europeu. Para eles, era uma humanidade degenerada. Portanto, a forma de se vestirem, a prática do comércio, a religião enfim, poderiam contar no processo de avaliação do nativo da América; mas os traços mais evidentes que marcavam as diferenças eram os estampados na pele e nos corpos dos povos do Novo Mundo.

¹ LA CONDAMINE, Charles-Marie & ODONAI, Jean Godin de. *Relation abrégée d’un voyage fait dans l’intérieur de l’Amérique méridionale, depuis la côte de la Mer du Sud, jusqu’aux côtes du Brésil et de la Guyane, en descendant la rivière des Amazones: avec une carte du Maragnon, ou de la rivière des Amazones: nouvelle édition augmentée de la Relation de l’émeute populaire de Cuença au Pérou, et d’une Lettre de M. Godin des Odonais.* Paris, 1778, p. 48-53.

A degeneração do homem americano ocorreu no século XVII e o viajante Bernardo de Lizana, ao escrever sobre os domínios espanhóis no Novo Mundo, destacava que os povos da América eram oriundos dos cartaginenses que, ao povoarem essa nova região, foram responsáveis por grandes construções e belos feitos, mas ao não manterem a comunicação com Cartago, “los tiempos los convirtió con las climas en gente barbara, y tosca, y se vinieron a hazer todos unos, y a im modo de viuir, y a una misma lengua y trato, que es de la manera dicha [...]”.² Em 1612, Juan de la Puente afirmava que as Índias produziam apenas humanos degenerados, sobretudo por conta dos céus da América que induzia os povos daquela região à inconstância, à lascívia e a todo tipo de mentira.³ Em 1617, o compilador de viagens Samuel Purchas, também destacava, com base nos relatos com os quais teve contato, que as constelações da América eram compostas de estrelas diminutas que, associadas com outros aspectos dos céus do Novo Mundo, causava a degeneração do ser humano encontrado naquela região e conferia aos seres vivos, estaturas inferiores se comparados com o tamanho dos europeus. Os animais, a natureza, o homem americano enfim, eram diminutos porque degenerados.⁴

Portanto, como se buscou apontar ao longo desse trabalho, acho válido retirar o peso concedido pela historiografia às obras do século XVIII, quando o assunto é o processo de degeneração do homem americano. Por mais que sábios como o Conde de Buffon tenham tido importância na promoção dos debates relacionados ao enquadramento dos nativos da América, a tese da debilidade dos animais e do homem do Novo Mundo estavam bem consolidadas no século XVII. Uma tal magnitude concedida ao século das “Luzes” se ancora na ideia de que, por muitos anos, a historiografia considerou os países ibéricos atrasados culturalmente por conta, principalmente, das suas relações com os desígnios religiosos. Em vista disso, se concedeu pouca importância aos teóricos e aos relatos de viagens do século XVII, sobretudo aqueles confeccionados por viajantes espanhóis na América, pois eles sempre partiam de alguma atividade bíblica para justificar o aparecimento do homem americano na terra. Aos olhos dos “iluminados”, nada mais “anti-científico” do que tais considerações.

² LIZANA, Bernardo. *Historia de Yucatán. Devocionario de Ntra. Sra. De Izmal y conquista espiritual*. México: Museo Nacional de México, 1893, p. 50.

³ PUENTE, Juan. *Conveniencia de las dos monarquias catolicas de la Iglesia Romana y la Del Imperio Español, y defensa de la precedencia de los reys católicos de España a todos los reys del mundo*. Madrid, 1612, p. 890-911.

⁴ PURCHAS, Samuel. *Purchas his Pilgrimage or relations of the world and the religions observed in all ages and places discovered, from the creation unto this present*. London, 1617.

A análise dos relatos de viagens do século XVII demonstram a fragilidade de se pensar que os diagnósticos propostos pelos homens que estiveram na América, a respeito da humanidade do Novo Mundo, possuíam base somente religiosa. O estudo da Astrologia e as observações coerentes a respeito da Geografia e dos climas dessas terras, numa objetiva síntese dos argumentos utilizados por filósofos desde a Antiguidade, demonstram a evidente relação dos viajantes religiosos com os argumentos da ciência para alocar o homem americano no quadro classificatório da humanidade. Se todos os homens possuíam a mesma origem, mesmo que o embasamento fosse advindo do plano religioso, o que nos parece mais interessante é perceber que, ao fim, essa humanidade era vista como degenerada. Deste modo, não é na origem dos povos que devemos encontrar a possível associação com raça, mas sim na forma como esses povos se transformaram, de geração em geração, em uma outra espécie de homens. Isso tudo tendo o fator degenerativo como um ponto significativo a se considerar.

Logo, se a unicidade da espécie humana não era algo que estava, de uma maneira geral, em jogo durante os séculos XVII e XVIII, ainda assim, a ciência foi o meio mais afiançado para justificar a decadência da humanidade encontrada na América. Se os viajantes religiosos partiam de algum argumento bíblico para explicar o aparecimento das nações do Novo Mundo, se baseavam em alegações científicas para justificar a degeneração do homem do novo continente. E as explicações foram inúmeras e, em muitos casos, recheadas de hipóteses que aos nossos olhos parecem fantasiosas e irreais, mas, ainda assim, as únicas que aqueles homens, da forma científica que possuíam, poderiam apresentar para justificar a diversidade humana na face da terra.

Ao fim, o que percebo é que a ideia de degeneração, aos poucos, foi se associando com imutabilidade. Afinal de contas, por mais que as hipóteses climáticas fossem consideradas para explicar as diferenças físicas dos indivíduos, e que alguns defendessem que a transladação dos homens de um ambiente para outro, de alguma maneira poderia regredir o processo degenerativo, no fundo todos sabiam que era um procedimento quase impossível. Buffon defendia tal tese, mas com todas as dúvidas existentes. Parece uma conclusão meio óbvia, mas, ou se retirava todos os americanos de debaixo dos céus da América ou se trocava o céu, caso contrário, a degeneração não teria fim. No século XVII, os viajantes ressaltados acima acreditavam na imutabilidade dos céus americanos, logo, compreendiam a dificuldade de reverter o processo que adulterara os nativos do Novo Mundo.

Mas se existiam aqueles que defendiam a imutabilidade dos céus e, logo, das nações do Novo Mundo; também havia outros viajantes que teciam hipóteses científicas, baseadas no poder do sangue, em que um processo de miscigenação entre os nativos americanos, os descendentes dos negros vindos da África e os europeus, poderia, em algumas gerações, restituir a pureza e a originalidade àqueles povos que sofreram o processo degenerativo. Portanto, se alguns relatos defendiam que a imutabilidade estava processada desde sempre; outros acreditavam que a introdução do sangue puro, nobre, do branco europeu, poderia regredir o processo de degeneração pela qual passara os povos do Novo Mundo. Assim sendo, se o regime degenerativo ganhava contornos de imutabilidade, é a partir daí que podemos considerar mais de perto a introdução do termo raça, na sua imbricação com os caracteres físicos.

Inúmeras hipóteses foram apresentadas pelos teóricos e relatos de viagens que buscavam dar conta da humanidade do Novo Mundo. Por um lado, existiam aqueles que combatiam as teorias climáticas, destacando as impressões maternas passadas ao feto, os líquidos internos dos corpos, as vesículas e o sêmen como promotores da diversidade humana, principalmente a cor da pele e os formatos dos corpos. Por outro lado, havia outros tantos relatos que se embasavam no poder do clima para corromper o físico e as mentes dos homens afastados da Europa. Ao fim, fosse por meio da hipótese climática, desígnios religiosos ou líquidos internos, a humanidade da América nasceu sob o signo da degeneração e a expressão raça acabou se tornando ideal para conceituar tal processo, considerando a cor da pele como protagonista nesse encadeamento.

A historiadora Laura de Mello e Souza, seguindo por outra via de pesquisa e se referindo principalmente à América portuguesa, destaca que o “o bom e o ruim, o céu e o inferno que acabavam se harmonizando na Europa”, na América, tenderam à polarização. E a autora conclui que “no tocante à natureza, a ideia de prolongamento da Europa – e, portanto, lugar de concretização dos mitos de um Paraíso Terrestre – tendeu a triunfar: quase sempre, edenizou-se a natureza. Mas no que diz respeito à humanidade diversa, pintada de negro pelo escravo africano e de amarelo pelo indígena, venceu a diferença: infernalizou-se o mundo dos homens em proporções jamais sonhadas pela teratologia europeia – lugar imaginário das visões ocidentais de uma humanidade inviável. Houve perplexidade ante as nuvens de insetos, as cobras enormes, o calor intenso; mas ante o canibalismo e a lassidão do indígena, a feitiçaria e a música ruidosa dos negros, a mestiçagem e, por fim, o desejo de autonomia dos colonos, houve repúdio”.⁵

⁵ SOUZA, Laura de Mello. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 32.

Eu iria mais longe e diria que a teratologia que se ancorou no Novo Mundo foi mais fecunda e se baseou na cor da pele, no formato dos corpos, no aspecto dos cabelos (quase sempre considerados, no caso do homem africano, como algo parecido com o pelo de animais), no formato dos narizes, ora vistos como frutos dos artifícios feitos pelo homem, ora como produtos do ambiente, do calor dos trópicos; até o cheiro dos africanos entrava no processo classificatório. Mas, ao fim e ao cabo, todos considerados com feições defeituosas se comparados aos europeus brancos. Claro que, havia os relatos que ressaltavam a beleza do homem da América, mas, nesses mesmos escritos, há relações de povos americanos que não eram belos, vistos como mais selvagens, sobretudo considerando a proximidade amistosa ou não, estabelecida por essas nações, como o homem do Velho Mundo. Ao fim, não há regularidade entre os relatos a respeito de todos os povos encontrados na América, uns eram vistos como mais “humanos” que outros.

O encontro dos europeus com essa humanidade distinta, decerto, careceu de um vocabulário que desse conta daqueles povos que habitavam o Novo Mundo e carregavam características tão distintas, fosse pelo poder do clima ou não. E o processo de introdução da escravidão moderna ajudou, sobremaneira, na reorganização dos termos de classificação da humanidade, a partir do século XVII. Dessa forma, me parece natural que termos como *nação*, *povo*, *tribo* e *raça*, presentes nas línguas europeias, desde o processo de formação das suas configurações políticas-geográficas, tenham atravessado o Atlântico e recebido novos sentidos, diante do homem encontrado na América. O termo *raça*, abordado de forma mais contundente ao longo dos capítulos aqui apresentado, é uma dessas terminologias que demonstra de forma irrefutável que os mares que ligavam as distintas partes dos impérios coloniais, serviam como elementos de coesão, mas também como elementos de esgarçamento entre as relações. A ideia de *raça* foi reinventada no Novo Mundo.

Na Europa, *raça* sempre esteve associada com o procedimento de classificação entre os grupos. Na Espanha, por exemplo, era usada para segregar minorias. Na França, ao contrário, era para exaltar a nobreza e a pureza de uma minoria. Sintetizava também as diferenças entre animais, cães de caça ou cavalos, mas igualmente apontava para as distinções religiosas, nas quais ter *raça* era o mesmo que estar fora dos quadros de uma antiguidade que marcavam as famílias cristãs. Basicamente ancorada numa divisão religiosa, assim como *nação* e *tribos* poderia sugerir a mesma ideia em determinados casos, ao desembarcar no Novo Mundo, a ideia de *raça*, a partir desse momento, confrontada com uma humanidade vista como fruto de degeneração,

associada com outra parte de seres humanos chegados à América por conta da escravidão, deixou de comportar somente os aspectos religiosos. Foi, necessariamente, relacionada com aquilo que era o mais evidente na tentativa de enquadramento do homem das novas terras, ou seja, a cor da pele e o formato dos corpos.

Raça, na América, esteve longe de se associar com divisões religiosas. Atentar para isso, não significa que haja aqui a defesa de que o termo estava associado com imutabilidade. A palavra degeneração, quase sempre, se ligava àquilo que era inconvertível, como as constelações e os céus americanos. De todo modo, raça, no Novo Mundo, diante da “humanidade inviável”, expressão, acertadamente, utilizada por Laura de Mello e Souza, esteve diretamente associada com a cor da pele dos indivíduos e era mais uma dentre outras formas de expressar a degeneração que, essa sim, poderia ser considerada imutável por uns e passível de modificação para outros, ainda que, quase sempre, esses últimos apontassem a dificuldade de implantar as mudanças.

Longe de mim propor o abandono dos estudos que buscam localizar no espaço e no tempo a origem e as vicissitudes pelas quais passaram a expressão raça e seus significados. Acho que ainda precisamos caminhar muito quando abordamos tal temática. De todo modo, todas as vezes que olharmos para essa terminologia nas fontes de época referentes ao período Moderno, principalmente quando estivermos abordando a humanidade que se encontrou e aquela que se transplantou para a América, teremos dificuldade de observarmos a real forma como os europeus classificavam os povos do Novo Mundo. Raça, nação e tribo poderiam se intercambiar e não há como, conforme querem muitos historiadores, demarcar em que momento, entre os séculos XVII e XVIII, algum dentre esses termos se sobressaiu. Mas, independentemente de raça, nos relatos de viagens, principalmente até 1750, não se encontrar associada com imutabilidade, não significa dizer que o termo não estava ligado com a discriminação dos grupos. O comportamento racial, então, com base na degeneração dos povos se relacionava com a cor da pele. Ter raça de mulato, ser da raça de negros – aptos a escravidão –, pertencer à raça de vermelhos, povos bárbaros e, mais tarde, designados somente como selvagens, era, pela análise dos relatos de viagens observados, uma marca da inferioridade do homem americano. Humanidade degenerada que, quase sempre, tinha na expressão das diferenças físicas, a principal diferenciação.

Por isso, acho válido considerar como racistas, ainda que sem levar em conta o peso da biologia e da definitiva imutabilidade característica de meados do século XIX, a forma como os europeus, teóricos de gabinete ou viajantes, se referiam aos homens do Novo Mundo. E a base

para essas práticas racistas não eram a religião e sim os caracteres físicos. De todo modo, ainda que os pesquisadores não queiram observar por essa perspectiva, então, mesmo que não se utilize o termo raça, não se pode negar que a degeneração era uma forma de classificar o homem do Novo Mundo como inferior e, quanto ao processo ter sido baseado, principalmente, pela consideração das características físicas, pelo que foi apresentado nessa tese, receio não ter ficado dúvidas.

Quase sempre, ao longo da minha exposição, procurei analisar aquilo que aparecia de específico nos viajantes, como a análise particular feita a respeito de uma determinada nação ou tribo americana; mas também busquei me afastar das barreiras geográficas que delimitavam a origem, no sentido de nascimento, de cada viajante. Pelo que percebi, existiam relatos que eram extremamente bondosos com determinados povos, mas, via de regra, apresentavam os americanos como pertencentes a uma humanidade degenerada. Portanto, busquei uma visão de síntese, demonstrando que o estudo da classificação do homem americano e dos processos raciais nos séculos XVII e XVIII não podem ser abordados somente pela perspectiva do olhar desse ou daquele império, do viajante da França, de Portugal ou da Inglaterra. Privilegiei o olhar europeu, em geral, sobre o Novo Mundo.

Por fim, concluí que os inventários do homem americano produzidos na América, fossem por nativos ou pelos europeus nas suas andanças pelas terras novas, foram de uma riqueza tão extraordinária que possibilitaram aos centros de pesquisas e aos teóricos da diversidade humana, amparados pelos seus gabinetes de estudos no Velho Mundo, a proporem distintas teses que pudessem dar conta da diversidade presente no Novo Mundo. Mas essas hipóteses também se mostravam ineficientes quando confrontadas com a realidade encontrada por novos indivíduos que passavam à América. O real contato com o novo continente, quase sempre, demonstrava algo muito mais complexo do que as informações apresentadas pelos teóricos.

E essas teorias eram relidas, reinterpretadas e se lançava novos olhares sobre o assunto, inclusive a visão dos nativos da América que, antenados com as hipóteses em voga na Europa, também se punham a escrever sobre a humanidade aqui encontrada. O confronto entre essas informações fez nascer o homem americano. Nos Trópicos, a humanidade que se desenvolveu chocava não só por se afastar dos desígnios cristãos, também assustava pela sua cor de pele, seus cabelos e os formatos dos seus corpos. A ideia de raça que já apostava na separação, na classificação religiosa ou nobre, caiu como que perfeita para se referir à separação por conta das

diferenças físicas. Talvez, como bem salientou Marc Bloch, para um contexto diferente do analisado aqui, a pobreza de inventividade de palavras para novos contextos históricos, seja o problema que nos impede de pensarmos a ideia de raça considerando as características físicas, antes do século XIX. Acho um equívoco pensar assim. E se, de alguma maneira, contribui para o avanço no debate, me dou por satisfeito.

REFERÊNCIAS

1 Fontes primárias

1.1 Relatos de viagens e teóricos

ANSON, George. *A voyage round the world in the years MDCC, XL, I, II, III, IV*. Compiled from his papers and materials, by Richard Walter, M. A. Edinburgh: Printed by Campbell Denovan. Sold by the Booksellers, 1781.

ARREDONDO, Antonio Tova Arredondo. Diário. In: *La expedicion Malaspina (1789-1794)*. Madrid, Barcelona: Ministerio da Defesa, 1993.

BARBINAIS, Le Gentil de la. *Nouveau voyage autour du monde. Par monsieur Le Gentil. Enrichi de plusieurs plans, vûës et perspectives des principales villes et ports du Pérou, chily, Brésil et de la Chine, avec une description de l'Empire de la Chine*, 1727.

BARRÈRE, Pierre. *Dissertation sur la cause physique de la couleur des negres, de la qualite de leurs cheveux, et de la degeneration de l'un et de l'autre*. Paris: Chez Pierre-Guillaume Simon, 1741.

BERNIER, François. Nouvelle division de la terre par les differentes especes ou races d'hommes qui l'habitent, envoyée par un fameux voyageur à M. Abbé de la Chambre, à peu près en ces termes. *Journal des Sçavans*, Avril 1684.

BERTAUT, François. *Journal du voyage d'Espagne contenant une description fort exacte de ses Royaumes & de ses principales villes; avec l'Estat du Gouvernement, & plusieurs traittés curieux, touchant les regences, les assemblées des Estats, l'ordre de la noblesse, la dignité de Grand d'Espagne, les Commanderies, les Bénéfices et Les Conseils*. Paris: Denys Thierry, 1669.

BOSSU, Jean Bernard. *Nouveaux voyages aux Indes Occidentales: contenant une relation des différens peuples quei habitent les environs du grand fleuve Saint-Louis appelé vulgairement le Mississipi*. 2.ed. Paris: Le Jay Libraire, 1768.

_____. *Nouveaux voyages dans L'Amérique Septentrionale: contenant une collection de lettres écrites surles lieux par l'auteur, à son ami M. Douin, Chavelier, Capitaine dans les Troupes du Roi, ci-devant son camarade dans le Nouveau-Monde*. Nouvelle Édition. A Amsterdam et a Paris, chez la veune DUCHESNE, Libraire, Rue St-Jacques, au Temple du Goût, 1772.

BOYLE, Robert. *Experiments and considerations touching colours*. First occasionally written, among some other essays, to a friend; and now suffer'd come abroad as the beginning of a

experimental history of colours. London: printed for Henry Herringman at the Anchor in the Lower-Walk of the New-Exchange, 1664.

BUFFON, Comte de. *Oeuvres complètes de Buffon*. Augmentées par M. F. Cuvier. Paris: D. Pillot Editeur, v. 15, 1830.

CAMPER, Petrus. *Dissertation sur les variétés naturelles qui caractérisent la physionomie des hommes des divers climats et des différens ages*: suivie de réflexions sur la beauté, particulièrement sur celle de la tête... on y a joint une dissertation, du même auteur, sur la meilleure forme des souliers. Paris: Francart, 1792.

CARDIN, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional / MEC, 1978.

COBO, Bernabé. *Historia del Nuevo Mundo* (v. 2). Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1964.

COREAL, François. *Voyages de François de Coreal aux Indes Occidentales*. Tome Premier. A Paris: Place de Sorbonne, 1722.

CORNEILLE, Thomas. *Dictionnaire universel, géographique et historique*. Paris: J.B. Coignard, 1708.

DELLON, Charles. *Nouvelle relation d'un voyage fait aux Indes Orientales, contenant la description des îles de Bourbon, de Madagascar, de Surate, de la côte de Malabar, de Calicut, de Tanor, de Goa...: avec l'histoire des plantes, des animaux qu'on y trouve, un traité des maladies particulières aux pays orienta*, 1699.

DUBOS, Jean-Baptiste. *Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*. Par J.B.Dubos, 1719.

FEIJOO Y MONTENEGRO, Benito Jerônimo. *Teatro critico universal*. Tome VII, 1726.

_____. *Teatro critico universal*. Tome VIII. 1726.

FOUILLOUX, Jacques Du. *La vénerie de Jacques Du Fouilloux*: plusieurs recettes et remèdes pour guérir les chiens de diverses maladies. Plus l'adolescence de l'auteur [et la Complainte du cerf à M. Du Fouilloux, par Guillaume Bouchet], 1614.

FREZIER, M. *Relation du voyage de la Mer du Sud aux cotes du Chili, du Perou, et du Bresil fait pendant les années 1712, 1713 & 1714*. Par M. Frezier – Ingenieur Ordinaire du Roi. Tome Premier, Ámsterdam: chez Pierre Humbert, 1717.

GARCIA, Gregorio. *Origin de los indios de el Nuevo Mundo, e Indias Occidentales*. Valencia: casa de Pedro Patricio Mey, junto a San Martin, 1607.

GUATTINI, Michelangelo & CARLI, Dionigi. *Relation curieuse et nouvelle d'un voyage de Congo: fait és années 1666 et 1667*. Par les RR. PP. Michel Ange de Gattine et Denys de Carli de Plaisance, Traduit de l'Italien, 1680.

GUMILLA, José (1686?-1750?). *Histoire naturelle, civile et géographique de l'Orénoque et des principales rivières qui s'y jettent...* Par le P. Joseph Gumilla, ... traduite de l'espagnol sur la seconde édition par M. Eidous, 1758, v. 1.

_____. *El Orinoco ilustrado y defendido. Historia natural, civil y geográfica de este gran río y de sus caudalosas vertientes*. Escrito en 1731. Ediciones posteriores: 1745, 1791 y 1882. Versión francesa, 1758. Caracas: Academia Nacional de la Historia, Fuentes para la Historia Colonial de Venezuela, n. 68, 1963.

HERNANDEZ, Francisco. *Antigüedades de la Nueva España*. S. L. DASTIN, 2002.

HOMES, Henry (Lord Kames). *Sketches of the history of man in two volumes*. Edinburgh: Printed for W. Creech, 1774.

IMLAY, Gilbert. *Topographical description of the Western territory of North America: a succinct account of its soil, climate, Natural History, population, agriculture, manners and customs, with an ample description of the several divisions into which that Country is partitioned*. London: Printed for J. Debrett, Third Edition, 1797.

JABOATÃO, Frei Antonio de Santa Maria. *Novo orbe sefárico brasílico* (3 vols.). 3.ed. Recife: v. 1, 1979.

LA BARBINAIS, Le Gentil de. *Nouveau voyage autour du monde. Par monsieur Le Gentil. Enrichi de plusieurs plans, vûës et perspectives des principales villes et ports du Pérou, chily, Brésil et de la Chine, avec une description de l'Empire de la Chine*, 1727.

LA CONDAMINE, Charles-Marie & ODONAIS, Jean Godin de. *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale, depuis la côte de la Mer du Sud, jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guyane, en descendant la rivière des Amazones: avec une carte du Maragnon, ou de la rivière des Amazones: nouvelle édition augmentée de la Relation de l'émeute populaire de Cuença au Pérou, et d'une Lettre de M. Godin des Odonais*. Paris, 1778.

LA PÉROUSE, Jean-François de. *Voyage de La Pérouse autour du monde* (v. 1). Paris: De l'imprimerie de la République, 1797.

_____. *Voyage de La Pérouse autour du monde* (v. 2). Paris: De l'imprimerie de la République, 1797.

_____. *Voyage de La Pérouse autour du monde* (v. 4). Paris: De l'imprimerie de la République, 1797.

LAFITAU, Joseph-François. *Mœurs des sauvages américains, comparees aux mœurs*. Tome I. Paris: Saugran l'aîne, 1724.

LE CAT, Claude-Nicolas. *Traité de la couleur de la peau humaine en général, de celle des negrees en particulier et de la métamorphose d'une de ces couleurs en l'autre, soit de naissance, soit accidentellement*. Ámsterdam, 1765.

Le dictionnaire de l'Académie Française, Dedié au Roy. Tome Premier. Paris: chez la Veuve de Jean Baptiste Coignard, Imprimeur Ordinaire du Roy, 1694.

LESCARBOT, Marc. *Histoire de la Nouvelle France: contenant les navigations, découvertes, çois és Indes Occidentales. Suivie de les Muses de la Nouvelle France*, 1617.

LIZANA, Bernardo. *Historia de Yucatán. Devocionario de Ntra. Sra. De Izmal y conquista espiritual*. México: Museo Nacional de México, 1893.

LONG, Edward. *The history of Jamaica: or, general survey of the antient and modern state of the island: with reflections on its situation settlements, inhabitants, climate, commerce, laws, and government*. London: Printed for T. Lowndes, 1774.

MALASPINA, Alejandro. In: *La expedicion Malaspina (1789-1794)*. Madrid, Barcelona: Ministerio da Defesa, 1993.

MAUPERTUIS, Pierre Louis Moreau de. *Dissertation physique à l'ocassion du nègre blanc*. Paris: Leyden, 1744.

MORADELA, José. In: *La expedicion Malaspina (1789-1794)*. Madrid, Barcelona: Ministerio da Defesa, 1993.

PAUW, Cornelius de. *Recherches philosophiques sur les américains ou Mémoires intéressants pour servir à l'historire de l'espèce humaine*. Tome 1. Berlim: Chez George Jacques Decker, Impr. Du Roi, 1768.

PERALTA, Juan suárez de. *Tratado del descubrimiento de las Yndias y su conquista*. Edición de Giorgio Perissinotto. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

PUENTE, Juan. *Conveniencia de las dos monarquias catolicas de la Iglesia Romana y la del Imperio Español, y defensa de la precedencia de los reys católicos de España a todos los reys del mundo*. Madrid, 1612.

PURCHAS, Samuel. *Purchas his Pilgrimage or relations of the world and the religions observed in all ages and places discovered, from the creation unto this present*. London, 1617.

ROBERTSON, William. *The history of America*. London: Printed for A. Strahan; T. Cadell, in the Strand; and J. Balfour, at Edimburgh, 1792, livro 4.

ROCHA, Diego Andrés. *Tratado unico, y singular del origen de los índios*. Lima: en la Imprenta de Manuel de los Olives, 1681.

ROMANS, Bernard. *A concise Natural History of East and West-Florida containing an account of the part of British America, in the Three Kingdoms of nature, particularly the animal and vegetable*. New York: New York Printed, 1776.

SAINT-MÉRY, Louis-Élie Moreau de. *Description topographique et politique de la partie espagnole de l'isle Saint-Domingue, avec des observations générales sur le climat, la population, les productions... de cette colonie...* par M. L.-É. Moreau de Saint-Méry,... 1796.

_____. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'île Saint-Domingue avec des observations générales sur sa population sur le caractère et les moeurs de ses divers habitants, sur son climat sa culture, ses productions, son adminitration, etc...* Deuxième Édition, Paris: Edite par L. Guerin Et Cie, Tome Premier, 1875.

SMITH, Samuel Stanhope. *An essay on the causes of the variety of complexion and figure in the human species*. New-Brunswick: Published by J. Simpson and Co, 1787.

TENCH, Watkin. *A narrative of the expedition to Botany Bay*. The University of Adelaide, eBooksAdelaide, 2006.

1.2 Obras de referênciã

AUTOR DESCONHECIDO. Nation. In: DIDEROT, M. & D'ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778.

_____. Regulier, ere. In: _____. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 14.

_____. Théorie. In: _____. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778.

BAILEY, N. *An universal etymological english dictionary: comprehending the Derivations of the Generality of Words in the English Tongue...* The Third Edition. London: J. Darby &c, 1726.

_____. *The new universal etymological english dictionary*. The Third Edition. London: Printed for T. Waller, opposite Fetter-lame, Fleet-Street, 1726.

_____. *The new universal etymological english dictionary*. V. II, The Fourth Edition. London: Printed for T. Waller, opposite Fetter-lame, Fleet-Street, 1756.

BLUTEAU, Rapahel. *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatômico, architectonico...* Raphael Bluteau. Coimbra: Casa de Impressora, no Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.

BUFFON, M. Espece. In: DIDEROT, M. & D'ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, v. 5, 1778.

CORNEILLE, Thomas. *Dictionnaire universel, géographique et historique*. Paris: J.B. Coignard, 1708.

COVARRUBIAS, Sebastián de. *Del origen y principio de la lengua castellana ò romance...* Madrid, 1674.

DIDEROT, M. Humaine espece. In: _____ & D'ALEMBERT M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, v.8, 1778.

_____; D'ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778.

_____. Nation. In: _____. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778.

_____. Negrè. In: _____. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778.

_____. Race. In: _____. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778.

_____. Tribu. In: _____. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778.

FÉRAUD, Abbé Jean François. *Dictionnaire critique, de la langue française*. Auteur du Dictionnaire Gramatical, dedie a Monseigneur de Boisgelin, l'un des Quarente de l'Academie Française, &c. Marseille: chez Jean Mossy Pere et Fils, Imprimeurs du Roi, 1787.

FORMEY, Johann Heinrich. Negre. In: DIDEROT, M.; D'ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, 1778, v. 11.

FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des artes...* Antoine Furetière (1619-1688), Abbé de Chalivoy, de l'Academie François, 1690.

JAUCOURT, Louis de. Naissance. In: DIDEROT, M.; D'ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisieme Édition, v. 11, 1778.

_____. Race. In: DIDEROT, M.; D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, v. 13, 1778.

_____. Tribu. In: DIDEROT, M.; D’ALEMBERT, M. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. Paris: Neufchatel, Troisième Édition, 1778.

JOHNSON, Samuel. *Dictionary of the english language: in which the words are deduced from their originals, explained in their different meanings, and authorized by the names of the writers in whose works they are found*. A. M. The Third Edition, carefully revised. Dublin: Printed by W.C Jones, for Thomas Ewing, in Dame-street, 1768.

_____. *A Dictionary of the english language: LL. D. and John Walker. With The Pronunciation Greatly Simplified, and on an entirely new plan: and the addition of several thousand words*. London: William Pickering, chancery Lane; George Cowie and Co. Poultry, second edition, revised and corrected, 1828.

OROZCO, Sebastián de Covarrubias. *Del origen y principio de la lengua castellana ò romance*. Madrid, 1674.

SKEAT, Walker W. *A Glossary of Tudor and Stuart Words especially from the dramatists*. (Elrington and Bosworth Professor of Anglo-Saxon in the University of Cambridge, 1878-1912. Edit with Additions by A. L. Mayhew, M.A, Wadham Collge, Oxford, 1914.

TERREROS Y PANDO, Esteban. *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes y sus correspondientes en las tres lenguas francesa, latina e italiana*. Tomos 1, 2, 3. Madrid: Imprenta de la viuda de Ibarra, Hijos y Compañía, 1786.

TRÉVOUX. *Dictionnaire universel françois et latin vulgairement appelé dictionnaire de Trévoux. Avec des remarques d’érudition et de critique*. Nouvelle Édition, corrigée et considérablement augmentée. Paris: Par la Compagnie des Libraires Associés, 1771.

2 Bibliografía geral

AUBERT, Guillaume. “The blood of France”: race and purity of blood in the French Atlantic world. *The William and Mary Quartely*, Third Series, v. 61, n. 3, jul. 2004.

AUGSTEIN, Hannah Franziska. *Race: the origins of an idea, 1760-1850*. England: Thoemmes Press, 1996.

BAEZA, Rafael Sagredo; LEIVA, Jose Ignacio Gonzalez. *La Expedición Malaspina en la frontera Austral del Imperio Español*. Santiago: Editorial Universitaria-Centro de Investigaciones Diego Barros Arana de la DIBAN, Santiago, 2004.

- BANTON, Michael. *Racial theories*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- _____. The vertical and horizontal dimensions of the word race. *Ethnicities*, v. 10, n. 1, 2010.
- BERNASCONI, Robert (edit.). *Race*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 2011.
- _____. Defining race scientifically: a response to Michael Banton. *Ethnicities*, n. 10, mar. 2010.
- BERTOLLETTI, Stefano Fabri. The antropological theory of Johann Friedrich Blumenbach. In: _____; BOSSI, Maurizio (edit.). *Romanticism in science in Europe, 1790-1840*. Boston, London, 1994.
- BIEDER, Robert E. *Science encounters the Indian, 1820-1880: the early years of American ethnology*. The University Of Oklahoma Press, 1986.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOHLS, Elizabeth A; DUNCAN, Ian (edit.), com introdução de Elizabeth Bohls. *Travel writing 1700-1830: an anthology*. New York: Oxford University Press, 2005.
- BOULLE, Pierre H. François Bernier and the origins of the modern concept of race. In: PEABODY, Sue; STOVALL, Tyler Edward (orgs.). *The color of liberty: histories of race in France*. Duke University Press, 2003.
- BOURGUET, Marie-Noele & LICOPE, Christian. Les Expéditions Scientifiques: Voyages, mesures et instruments. Une nouvelle expérience du monde au siècle des Lumières. In: *Annales HSS*, n. 5, 1997.
- BOW, Charles Bradford. Samuel Stanhope Smith and common sense Philosophy. *Princeton Journal of Scottish Philosophy*, v. 8, Issue 2, p. 189-209, sep. 2010.
- BRAUDE, Benjamin. Primary Color. *William and Mary Quarterly*, v. 59, n. 3, 2002.
- _____. The sons of Noah and the construction of ethnic and geographical identities in the Medieval and Early Modern periods. *William and Mary Quarterly*, 1997.
- BRINTON, Daniel. *Notes on the Floridian Peninsula: its literary history, Indian tribes and antiquities*. Philadelphia: Joseph Sabin, 1859. Brinton.
- CAIRO, Carlos del & PABÓN, Esteban Roza. *El salvaje y la retórica colonial en El Orinoco ilustrado (1741) de José Gumilla S. J.* Fronteras de la Historia, 2006.
- CANGUILHEM, Georges. *La connaissance de la vie*. Paris: Hachette, 1952.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. New World, new stars: patriotic Astrology and the invention of Indian creole bodies in colonial Spanish America, 1600-1650. *The American Historical Review*, v. 104, n. 1, 1999.

_____. Iberian colonial science. *Chicago Journals, The History of Science Society*. Chicago: The University of Chicago Press, v. 96, n. 1, 2005.

CHAPLIN, Joyce. Natural Philosophy and an early racial idiom in North America. *William and Mary Quarterly*, v. 3, n. 54, 1997.

_____. *Subject matter: technology, the body, and science on the Anglo-American Frontier, 1500-1676*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

_____. Race. In: ARMITAGE, David & BRADDICK, Michael. *The British Atlantic World, 1500-1800*. New York: Palgrave Macmillan, 2002.

CLAVERÁN, Virginia González. *La expedición científica de Malaspina en Nueva España*. México: El Colegio de México, 1988.

CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

COPE, Douglas. *The limits of racial domination plebeian society in colonial Mexico City, 1660-1720*. University of Wisconsin Press, 1994.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues. *O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira: uma análise comparativa de sua Viagem Filosófica (1783-1792) pela Amazônia e Mato Grosso com a de outros naturalistas posteriores*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991.

CURRAN, Andrew. *The Anatomy of blackness: science and slavery in an age of Enlightenment*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2011.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DAVIS, David Brion. Constructing race: a reflection. *The William and Mary Quarterly*, v. 3, v. 54, n. 1, jan. 1997.

DIAMANT, Lincoln. *Bernard Romans: forgotten patriot of the American revolution, military engineer and cartographer of West Point and the Hudson Valley*. Harrison, N.Y.: Harbor Hill Books, 1985.

DICKINSON, Samuel. New Travels in North America by Jean-Bernard Bossu, 1770-1771 by Jean-Bernard Bossu. *The Arkansas Historical Quarterly*, v. 41, n. 4 (Winter, 1982).

DROUIN, Jean-Marc. De Linneo a Darwin: los viajeros naturalistas. In: SERRES, Michel. *Historia de la ciência*. Madrid: Cátedra, 1991.

DUCHET, Michèle. Présentation et notes... In: BUFFON. *De l'homme*. Paris : Librairie François Maspero, 1971.

_____. *Buffon. De l'homme*. Paris: F. Maspero, 1971.

DUFRENOY, M. L. A Precursor of modern Anthropology: Francois Bernier (1620-1680). *Isis* 41, mar. 1950.

EARLE, Rebecca. *The body of conquistador: food, race and colonial experience in Spanish America, 1492-1700*. New York: Cambridge University Press, 2012.

EIGEN, Sara; LARRIMORE, Mark. Introduction. In: _____. *The german invention of race*. Albany: State University of New York Press, 2006.

ESPINOSA, Maria González. *La Ilustración y el hombre americano; descripciones etnológicas de la expedición Malaspina*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). *Race and the enlightenment: a reader*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos, 1591-1808*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.

FREDRICKSON, George M. *Racism: a short history*. New Jersey: Princeton University Press, 2002.

FUSSEL, Paul (edit.). *The Norton book of travel*. New York: Norton, WW, 1987.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica, 1750-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GISSIS, SB. Visualizing “race” in the eighteenth century. *Hist Stud Nat Sci*, v. 41, n. 1, p. 41-103, 2011.

GOLDBERG, David. Theo (edit.). *Anatomy of racism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990.

_____. The development of the idea of race: classical paradigms and medieval elaborations. *International Journal of the Classical Tradition*, v. 5, 1999.

GÓMEZ, Andrés Galera. *La ilustración española y el conocimiento del Nuevo Mundo: las ciencias*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1988.

GREGORY, Mary Efrosini. *Freedom in French enlightenment thought*. New York: Peter Long Publishing, 2010.

GUEST, Hariet. *Empire, barbarism, and civilisation: Captain Cook, William Hodges, and the return to the Pacific*. Cambridge University Press, 2007.

- GUSDORF, Georges. *Introduction aux Sciences Humaines*. Paris: Ed. Ophrys, 1974.
- HANNAFORD, Ivan. *Race: The History of an idea in the West*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, Washington DC: The Woodrow Wilson Center Press, 1996.
- HAZARD, Paul. *A crise da consciência europeia (1680-1715)*. Lisboa: Edições Kosmos, 1971.
- HEYNEMANN, Cláudia B. História Natural na América Portuguesa – segunda metade do século XVIII. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 20, mar. 1999.
- HONTANILLA, Ana. Images of barbaric Spain in eighteenth-century British travel. Writing. *Studies in Eighteenth-Century Culture*, v. 37, n. 1, 2008.
- HUDNUT, William H. Enlightened conservative. *Journal of the History of ideas*, v. 17, n. 4, 1956.
- HUDSON, Nicholas. From “nation” to “race”: the origin of racial classification in the eighteenth-century thought. *Eighteenth-Century Studies*, v. 29, n. 3, 1996.
- JORDAN, William C. Why “race”? *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, v. 31, n. 1, Winter, 2001.
- JORDAN, Winthrop D. *White over black: American attitudes towards the negro, 1550-1812*. Baltimore: Penguin Books, 1969.
- KARAM, P. Andrew. Jean-François de Galaup, Comte de La Pérouse. *Science and Its Times*, v. 4, 2000.
- KEMP, Martin. Slanted evidence. *Nature*, n. 402, 1999.
- KENDRICK, John. *Alejandro Malaspina: portrait of a visionary*. Seattle: University of Washington Press, 1999.
- _____. *Alejandro Malaspina: portrait of a visionary*. Canada: McGill-Queen’s University press, 1999.
- KIDD, Colin. *The forging of races: race and scripture in the protestant Atlantic World, 1600-2000*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L’Harmattan, 2001.
- LACEY, Bárbara E. Visual images of blacks in early American imprints. *The William and Mary Quarterly*, v. 53, n. 1, jan. 1996.

LAFUENTE, Antonio. Las expediciones científicas del setecientos y a nueva relación del científico com el Estado. *Revista de Índias*, n. 180, 1987.

LARA, Silvia. *Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LINCOLN, Margarete. *Science and exploration in the Pacific: European voyages to the Southern ...* Boydell Press, 1988.

LIVINGSTONE, David N. Race, space and moral climatology: notes toward a genealogy. *Journal of Historical Geography*, n. 28, p. 159-180, 2002.

MARTÍNEZ, María Elena. The black blood of New Spain: limpieza de sangre, racial violence, and gendered power in early colonial Mexico. *The William and Mary Quarterly*, v. 61, n. 3, p. 479-520, jul. 2004.

MEIJER, Miriam Claude. Camper, Petrus. "On the origin and color of blacks," *De Rhapsodist* 2 (1772): 373-394. "Petrus Camper on the origin and color of blacks," *History of Anthropology Newsletter* 24 (December 1997): 3-9. Translated from the Dutch into English by Miriam Claude Meijer.

MERCIER, Roger. Image de l'autre et image de soi-même dans le discours ethnologique au XVIIIe siècle. *Facing Each Other – An Expanding World*. Aldershot: Ashgate, v. 31, parte I, 2000.

MIRAMON, Charles. Noble dos, noble blood: the invention of the concept of race in the Middle Age. In: ELIAV-FELDON, Miriam; ISAAC, Benjamin; ZIEGLER, Joseph (edit.). *The origins of racism in the West*. New York: Cambridge, 2009.

MITCHELL, John; COLLINSON, P. (1744). "An essay upon the causes of the different colours of people in different climates; By John Mitchell, M. D. Communicated to the Royal Society by Mr. Peter Collinson, F.R.S.". *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*.

MORGAN, Kenneth. *Oxford dictionary of national biography*, 2004.

NASH, Gary B. *Red, White, and black*. 6.ed. Pearson, 2010.

NELSON, William Max. Making men: enlightenment ideas of racial engineering. *The American Historical Review*, v. 115, n. 5, 2010.

NIREMBERG, David. El concepto de raza em el estudio del antijudaísmo ibérico medieval. *Edad Media: Revista de Historia*, n. 3, 2000.

PAGDEN, Anthony. Europe: conceptualizing a continent. In: _____ (org.). *The idea of Europe. From antiquity to the European Union*. Woodrow Wilson Center Press / Cambridge University Press, 2002.

PEABODY, Sue; STOVALL, Tyller. Race, France, histories. In: _____ (ed.). *The color of liberty: histories of race in France*. Durham, NC: Duke University Press, 2003.

PESTANA, Paola Martínez. Des hommes noir et non pas nègres: piel y raza en el siglo XVIII. *Asclepio, Revista de la Medicina y la Ciencia*, v. 63, n. 1, 2011.

PHILLIPS, P. Lee. *Notes of the life and works of Bernard Romans*. Florida: University of Florida, 1975.

PIMENTEL, Juan. *La física de la monarquía. Ciencia y política em el pensamiento colonial de Alejandro Malaspina (1754 – 1810)*. Madrid: Ediciones Doce Calles, 1998.

POLIAKOV, Léon. *The history of anti-semitism*. London: Elek Books, 1966.

PONCE, Pilar. Burocracia colonial y territorio americano: las relaciones de Indias. In: LAFUENTE, Antonio; CATALÁ, J. Sala (org.). *Ciencia colonial en America*. Madrid: Sociedad Quinto Centenario; Alianza Editorial, 1992.

POPKIN, Richard H. *Isaac La Peyrère (1596-1676): his life, work and influence*. New York: E.J. Brill, 1987.

PORTER, Roy. *Enlightenment: Britain and the creation of modern world*. Londres, Allan Lane: Penguin Books, 2000.

RAMINELLI, Ronald. Viagens e História Natural dos séculos XVII e XVIII. In: PEREIRA, Paulo Roberto (org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional – guia de fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: FBN, Editora Nova Fronteira, 2001.

_____. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassallos e governo à distância*. São Paulo: Alameda, 2008.

RAMINELLI, Ronald; SILVA, Bruno. Teorias e imagens antropológicas na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 9, p. 340-255, 2014.

RAMINELLI, Ronald. *Nobrezas do Novo Mundo: Brasil e ultramar hispânico, séculos XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

REYNAUD, Denis. Pour une théorie de la description au 18 siècle. *Dix-Huitième Siècle*, n. 22, p. 347-366, 1990.

ROSENGARTEN, Joseph G. Moreau de Saint Mery and his friends in the American Philosophical Society. *American Philosophical Society*, v. 50, n. 199, 1911.

RUBIÉS, Joan-Pau. Instructions for travellers: teaching the eye to see. *History and Anthropology*. v. 9, n. 2, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIDBURY, James; CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. Mapping ethnogenesis in the Atlantic World. *William and Mary Quarterly*, v. 68, p. 181-208, apr. 2011.

SILVA DIAS, Maria Odila. Aspectos da Ilustração no Brasil. *Revista do IHGB*, n. 278, 1968.

SILVA, Bruno. *Genealogias mazombas: castas luso-brasileiras em crônicas coloniais*. Niterói: Ed.UFF (no prelo).

SMEDLEY, Audrey. *Race in North America: origin evolution of a worldview*. Colorado: Westview Press, 1993.

SNOWDEN JR. Frank M. *Before color prejudice the ancient view of blacks*. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

STEPAN, Nancy. *The idea of race in science: Great Britain, 1800–1960*. London: Macmillan, 1982.

STOCKING JR, George W. *Race, culture and evolution*. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

STUURMAN, Siep. François Bernier and the invention of racial classification. *History Workshop Journal*, n. 50, 2000.

SWEET, James H. The Iberian roots of American racist thought. *The William and Mary Quarterly*, v. 54, n. 1, jan. 1997.

TENCH, Watkin. *A narrative of the expedition to Botany Bay*. The University of Adelaide, eBooksAdelaide, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

TOOLEY, Marian J. Bodin and the Mediaeval theory of climate. *Speculum* 28, 1953.

TORRES, Max S. Hering. “Raza”: variables historicas. *Revista de Estudios Sociales*, n. 26, 2007.

_____. Colores de Piel. Una revisión histórica de larga duración. In: MOSQUERA, Claudia; LAÓ-MONTES, Agustín; GARAVITO, César (ed.). *Debates sobre ciudadanía y políticas*

raciales en las Américas negras. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia / Universidad del Valle, 2010.

UGARTE, Rubén Vargas. *Historia de la Iglesia del Perú* (v. 5). Imp. De Aldecoa, 1953.

VAUGHAN, Alden. From white man to redskin: changing anglo-american perceptions of the American indian. *The American Historical Review*, American Historical Association, v. 87, n. 4, out. 1982.

_____.; VAUGHAN, Virginia Mason. |Before Othello: Elizabethan representations of Sub-Saharan Africans. *The William and Mary Quarterly*, v. LIV, n. 1, jan. 1997.

VERHOEVEN, Wil. *Gilbert Imlay: citizen of the world*. London: Pickering & Chatto, 2008.

VIERNA, Angel Guirao. Expediciones científicas o ciência em lãs expediciones? Tres ejemplos clasificadores. *Revista de Índia*, n. 6, 1987.

WADE, Peter. *Race and ethnicity in Latin America*. 2ed. Pluto Press 215, 2010.

WAHRRMAN, Dror. *The making of the Modern self: identity and culture in eighteenth-century England*. New Haven: Yale U.P., 2004.

WELLS, Andrew. Race fixing: improvement and race in eighteenth-century Britain. *Histeuro Ideas*, p. 134-138, 2010.

WHEELR, Roxann. *The complexion of race: categories of difference in eighteenth-century British culture*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

WOLFZETTEL, Friedrich. *Les discours du voyageur, le récit de voyage en France, du Moyen Age au XVIIIe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

